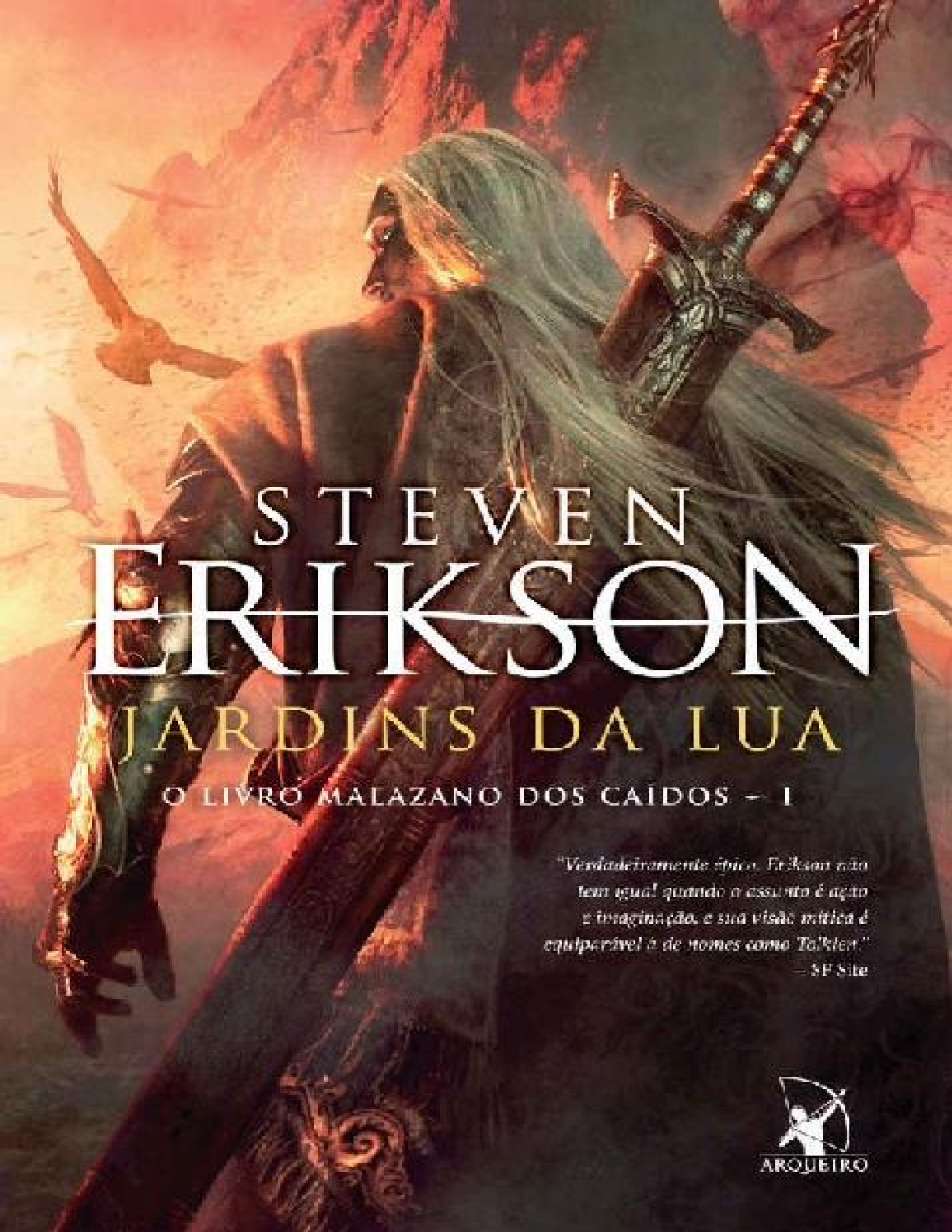


STEVEN

ERIKSON

JARDINS DA LUA

O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – I

"Verdadeiramente épico. Erikson não tem igual quando o assunto é ação e imaginação, e sua visão mítica é equiparável à de nomes como Tolkien."
— SF Site

ARQUEIRO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

JARDINS DA LUA



O Arqueiro

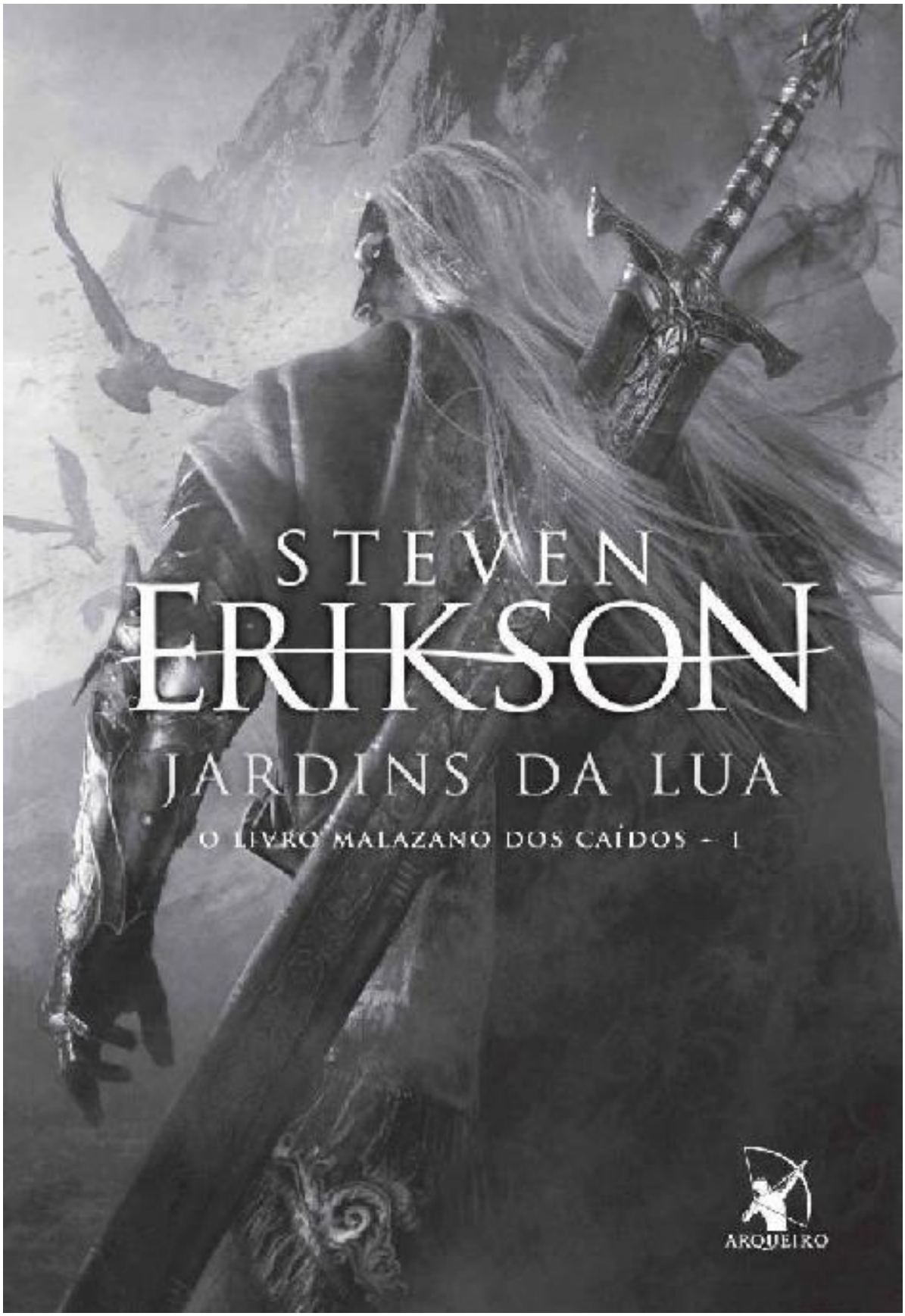
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


STEVEN
ERIKSON
JARDINS DA LUA
O LIVRO MALAZANO DOS CAÍDOS – 1
ARQUEIRO

Título original: *Gardens of the Moon*

Copyright © 1999 por Steven Erikson
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.
Mapas desenhados por Neil Gower
Publicado originalmente por Transworld Publishers,
uma divisão do The Random House Group Ltd.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carol Chiovatto

preparo de originais: Mateus Erthal

revisão: Rebeca Bolite e Suelen Lopes

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Saída de Emergência

imagem de capa: Michael Komarck Illustration & Design

imagem de verso de capa: Shane Cook

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E62j

Erikson, Steven
Jardins da lua [recurso eletrônico]/ Steven Erikson; tradução de Carol Chiovatto. São Paulo: Arqueiro, 2017.
recurso digital (O Livro Malazano dos Caídos; 1)

Tradução de: Gardens of the moon
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN: 978-85-8041-683-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção canadense. 2. Livros eletrônicos. I. Chiovatto, Carol. II. Título III. Série.

17-39343

CDD: 819.13
CDU: 821.111(71)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Este romance é dedicado a
I. C. Esslemont.
Mundos a conquistar,
mundos a compartilhar.

PREFÁCIO

De nada adianta começar algo sem ambição. Permaneci fiel a esse preceito em muitas áreas da minha vida, e isso fez com que eu tivesse sérios problemas mais de uma vez ao longo dos anos. Ainda me lembro com certa amargura da resposta que Cam (Ian C. Esslemont) e eu recebemos quando tentávamos vender os direitos para o cinema e para a televisão de roteiros que havíamos escrito juntos: “Maravilhoso! Único! Muito engraçado, muito sombrio... mas aqui no Canadá, bom, nós não temos orçamento para esse tipo de coisa. Boa sorte.” Sob muitos aspectos, o mais arrasador de tudo era o que vinha a seguir, à guisa de conselho: “Tentem algo mais simples. Que seja igual às coisas que estão por aí. Algo menos... ambicioso.”

Costumávamos sair das reuniões frustrados, desanimados, perplexos. As pessoas de fato tinham sugerido que deveríamos ser medíocres? Pelo menos parecia que sim.

Jardins da lua... Só de pensar nesse título, ressurge toda aquela ambição, aquela ferocidade juvenil que tantas vezes pareceu me lançar de cabeça contra um muro. A necessidade de ir além. De desafiar as convenções. De investir com vontade.

Gosto de pensar que, na época, eu tinha plena consciência do que fazia. Que minha visão era cristalina e que eu de fato estava ali, pronto para cuspir na cara do gênero ao mesmo tempo que chafurdava nele. (Como poderia ser de outra forma? Por mais que eu reclamasse dos padrões, adorava ler aquelas histórias.) Hoje em dia não tenho tanta certeza. É fácil seguir o instinto no momento, depois olhar para trás e atribuir uma consciência lógica a tudo o que deu certo – e ao mesmo tempo ignorar tudo o que não deu. Fácil demais.

Muitos anos e muitos romances depois, certos fatos se tornaram bastante claros. Ao lerem *Jardins da lua*, as pessoas vão odiar ou amar meu trabalho. Não há meio-termo. É claro que eu preferiria que todo mundo amasse, mas entendo

que jamais será assim. Os livros desta série não são para leitores preguiçosos. Não é possível apenas passar por eles. Para piorar, o primeiro romance começa no meio do que parece uma maratona: ou você entra correndo e consegue se manter em pé, ou então fica para trás.

Quando recebi o desafio de escrever este prefácio, cogitei por um tempo usá-lo para suavizar o golpe, amenizar o choque de ser lançado de uma grande altura em águas muito profundas, bem na primeira página de *Jardins da lua*. Um pouco de contexto, um pouco de história, um pouco de preparação do cenário. De lá para cá, rejeitei essa ideia quase inteiramente. Não me lembro de Frank Herbert ter feito nada desse tipo com *Duna*, caramba, e se existe um romance que me serviu de inspiração direta em termos de estrutura, foi esse. Seja fictícia ou não, uma história não tem um ponto inicial de verdade: até mesmo a ascensão e a queda das civilizações são muito mais confusas no início e no fim do que as pessoas poderiam imaginar.

A estrutura de *Jardins da lua* ganhou vida pela primeira vez num RPG. Seu esboço inicial foi um roteiro para um longa-metragem coescrito pelos dois criadores do mundo malazano, eu mesmo e Ian C. Esslemont, e que ficou esquecido por falta de interesse. “Não fazemos filmes de fantasia porque eles são uma bomba. Esse gênero morreu. São necessários figurinos especiais, e hoje dramas de época estão tão mortos quanto faroestes...” Mais tarde, várias produtoras de cinema os contradisseram, bem mais tarde *O Senhor dos Anéis* chegou às telonas.

Tínhamos o material e sabíamos que fantasias épicas para adultos eram o último gênero inexplorado no cinema, sem contar, é claro, *Willow – Na terra da magia*, que aos nossos olhos só tinha mérito pela cena da encruzilhada; o resto era infantil do início ao fim. E todos os outros filmes que estavam sendo lançados eram de segunda categoria ou chocantes de tão falhos (por todos os deuses, o que poderiam ter feito de bom em *Conan, o bárbaro*!). Queríamos uma versão de fantasia de *O leão no inverno*, aquele com Peter O’Toole e Katharine Hepburn. Ou da adaptação de *Os três mosqueteiros* com Michael York, Oliver Reed, Rachel Welch, Richard Chamberlain, etc., só que com uma pitada de magia. Nossa produção preferida na TV era *The Singing Detective*, de Dennis Potter, a versão original com Michael Gambon e Patrick Malahide. Queríamos

algo sofisticado, entendem? Tentávamos vender o gênero fantasia naquele contexto empolgante, cintilante, de fazer o queixo cair. Em outras palavras, éramos ambiciosos pra caramba.

Provavelmente também não estávamos prontos. Ainda não tínhamos o necessário. Nossas ideias superavam nossas habilidades e estávamos limitados pela inexperiência. A maldição dos jovens.

Quando a vida nos levou a rumos distintos, carregamos conosco as anotações de todo um mundo imaginado, construído durante horas e horas de RPG. Tínhamos uma história gigantesca completamente montada – matéria-prima para vinte romances e o dobro desse número em filmes. E um roteiro que ninguém queria. Lá estava o mundo malazano, em centenas de mapas feitos à mão, páginas e mais páginas de textos soltos, fichas de personagens, em plantas baixas de construções e desenhos, nos esquemas com base no Generic Universal RolePlaying System... Enfim, tudo o que se possa imaginar.

A decisão de começar a escrever a história do mundo de Malaz veio alguns anos depois. Eu transformaria o roteiro em um romance. Cam escreveria um livro associado com o nome *Return of the Crimson Guard*. Como eram obras de ficção, a autoria seria atribuída a quem escrevesse, a quem ordenasse as palavras no papel. O script de *Jardins da lua* tinha três atos, todos ambientados em Darujhistan, e eu precisaria começar praticamente do zero para fazer a conversão. Os principais acontecimentos eram a guerra de assassinos nos telhados e o grandioso e explosivo final do Festival. Não havia quase mais nada. Nenhum passado, nenhum contexto, nenhuma real apresentação dos personagens. Na verdade, estava mais para *Indiana Jones e os caçadores da arca perdida* do que para *O leão no inverno.*

A ambição nunca morre. Ela pode se afastar, resmungando, arrastando os pés, mas então se transfere para outra coisa, em geral para o projeto seguinte. Ela não aceita um “não” como resposta.

Durante o processo de escrita dos *Jardins*, logo descobri que o “passado” seria um problema, independentemente do quanto eu recuasse no tempo. Percebi que deixaria meus leitores perdidos se não lhes desse informações aos pouquinhos (algo que me recusava a fazer, pois já tinha reclamado o suficiente de épicos que nos tratavam como idiotas), se não “simplificasse”, se não entrasse

nos trilhos já muito percorridos do que acontecera. Não só os leitores, mas também os editores, *publishers*, agentes...

Porém, como leitor, como fã, nunca me importei em ficar perdido, pelo menos por um tempinho, às vezes até por um tempão. Se outros elementos me levavam adiante, tudo bem. Lembre que eu venerava o dramaturgo Dennis Potter. Era também fã de *Os nomes*, de Don DeLillo, e de *O pêndulo de Foucault*, de Umberto Eco. O leitor que eu imaginava era capaz e estava disposto a carregar aquele peso a mais – as perguntas ainda sem resposta, os mistérios, as alianças incertas.

Na verdade, é assim que funciona: existem as pessoas que desistem em algum ponto do primeiro terço de *Jardins da lua* e as que continuam até hoje a acompanhar a série, por volumes e mais volumes.

Já me perguntaram se eu teria feito algo de outro jeito. Com toda a sinceridade, não sei responder. Ah, sim, mudaria alguns elementos de estilo aqui e ali, porém, de resto, não sei bem o que mais poderia ter feito. Não sou nem nunca serei um escritor que se contenta com uma narrativa cuja única função é informar o leitor sobre contexto, história ou qualquer outra coisa. Se ela não tiver múltiplas funções – e quero dizer múltiplas mesmo –, não fico satisfeito. Acontece que, quanto mais elaborado se torna o universo, maior a probabilidade de ocorrer um discreto desvio rumo a uma direção equivocada, a um truque do enredo, e todos os aspectos do ambiente, ainda que possam estar presentes, acabam enterrados, e enterrados bem fundo.

Foi um processo de escrita acelerado, mas também denso, de uma forma que ainda não consigo compreender de todo. Assim, *Jardins da lua* convida a ler num ritmo alucinante. Mas, como autor, recomendo: é melhor não sucumbir à tentação.

Aqui estamos nós, agora anos mais tarde. Será que devo me desculpar por um convite à leitura tão bipolar? Até que ponto dei um tiro no pé ao usar *Jardins da lua* como introdução ao mundo malazano? E será que este livro me obrigou a fazer malabarismos para sempre? Talvez. Às vezes, nas horas de ócio, eu me pergunto: e se eu tivesse pegado aquela grande colher de pau e despejado a gororoba toda pela goela abaixo dos leitores, como alguns autores de fantasia (extremamente bem-sucedidos) costumam fazer? Será que hoje minhas obras

estariam nas listas de mais vendidos? Esperem aí... Estou sugerindo que esses escritores ultrapopulares conquistaram sucesso nivelando suas histórias por baixo? Nada disso. Bem, nem todos. Mas olhem a situação do meu ponto de vista. Depois de oito anos de espera, e após me mudar para o Reino Unido, é que este livro conseguiu encontrar uma editora. Foram necessários outros quatro anos para fechar um contrato nos Estados Unidos. E qual era a reclamação? "Complicado demais, personagens em excesso. Muito... ambicioso."

Eu poderia dizer que *Jardins da lua* marcou um distanciamento dos padrões habituais da fantasia, portanto era provável que encontrasse resistência, mas meu ego não é tão grande assim. A mim nunca pareceu um distanciamento. As séries Dread Empire e A Companhia Negra haviam aberto o caminho, só que eu já tinha lido todos os volumes e, como queria mais, o jeito era escrevê-los eu mesmo (Cam também sentia isso). Embora não seja do meu estilo fazer imitações, com certeza poderia ter me esforçado para alcançar o mesmo tom de cinismo pessimista e sarcástico, a mesma ambivalência e atmosfera. Talvez eu tivesse consciência de que me afastava do conceito da luta do Bem contra o Mal, porém mais como consequência do amadurecimento: o mundo real não é assim, então por que insistir em desconectar os mundos de fantasia da realidade?

Bom, eu não sei. Só de pensar nisso já fico exausto.

Jardins da lua é o que é. Não tenho planos de revisá-lo. Nem saberia por onde começar.

Melhor proporcionar aos leitores uma decisão rápida sobre esta série, logo no início do primeiro volume, do que provocá-los por cinco ou seis livros antes de eles virarem as costas por repulsa, desinteresse ou seja lá o que for. Talvez, de um ponto de vista comercial, a segunda alternativa seja preferível, pelo menos a curto prazo. Mas, graças a Deus, meus editores hoje sabem identificar uma falsa economia.

Jardins da lua é, portanto, um convite. Segure-se e embarque na viagem. Tudo o que posso prometer é que dei o melhor de mim para entreter a todos. Maldições e aplausos, risos e lágrimas, está tudo lá.

Uma última palavra aos escritores iniciantes que estão por aí: ambição não é uma palavra proibida. Que se dane a moderação. Vão direto na jugular. Escrevam com garra, com energia. É uma jornada mais difícil, com certeza, mas,

acreditem, vale muito a pena.

Abraços,
Steven Erikson
Victoria, Colúmbia Britânica
Dezembro de 2007

PERSONAGENS

Império Malazano

EXÉRCITO DE UMBRAÇO

Tattersail, feiticeira do quadro do Segundo Exército, leitora do Baralho de Dragões

Hairlock, mago do quadro do Segundo Exército, rival desagradável de Tayschrenn

Calot, mago do quadro do Segundo Exército, amante de Tattersail

Jovem Toc, batedor, Segundo Exército, agente da Garra ferido gravemente no Cerco de Pale

OS QUEIMADORES DE PONTES

Sargento Whiskeyjack, Nono Pelotão, antigo comandante do Segundo Exército

Cabo Kalam, Nono Pelotão, um ex-Garra das Sete Cidades

Ben Ligeiro, Nono Pelotão, mago das Sete Cidades

Piedade, Nono Pelotão, assassina mortífera com aparência de uma jovem

Azarve, Nono Pelotão, sapador

Violinista, Nono Pelotão, sapador

Trote, Nono Pelotão, guerreiro barghastiano

Marreta, Nono Pelotão, curandeiro do grupo

Sargento Inquieto, Sétimo Pelotão

Seletora, Sétimo Pelotão

COMANDO IMPERIAL

Ganoes Stabro Paran, um oficial do Império Malazano, nobre de

nascimento

Dujek Umbraço, Alto Punho dos Exércitos Malazanos na Campanha de Genabackis

Tayschrenn, Alto Mago da imperatriz

Bellurdan¸ Alto Mago da imperatriz

Nightchill, Alta Feiticeira da imperatriz

A'Karonys, Alto Mago da imperatriz

Lorn, conselheira da imperatriz

Topper, um comandante da Garra

Imperatriz Laseen, governante do Império Malazano

CASA PARAN (UNTA)

Tavore, irmã de Ganoes (filha do meio)

Felisin, irmã caçula de Ganoes

Gamet, um guarda da casa e veterano

DA ÉPOCA DO IMPERADOR

Imperador Kellanved, o fundador do Império, assassinado por Laseen

Dançarino, o principal conselheiro do imperador, assassinado por Laseen

Surly, antigo nome de Laseen, quando era comandante da Garra

Dassem Ultor, Primeira Espada do Império, assassinado fora dos muros de Y'ghatan, nas Sete Cidades

Velho Toc, desaparecido nos expurgos que Laseen fez na Velha Guarda

Em Darujhistan

FREQUENTADORES HABITUAIS DA TABERNA DA FÊNIX

Kruppe, homem de falsa modéstia

Crokus Jovemão, ladrão moço

Rallick Nom, assassino da Sociedade

Murillio, membro da corte

Coll, bêbado
Meese, uma cliente
Irilta, uma cliente
Scurve, taberneiro
Sulty, uma atendente
Chert, valentão azarado

CONSPIRAÇÃO T'ORRUD
Baruk, Alto Alquimista
Derudan, bruxa de Tennes
Mammot, sumo sacerdote de D'riss e estudioso eminente, tio de Crokus
Travale, soldado adepto da Conspiração
Tholis, Alto Mago
Parald, Alto Mago

CONSELHO
Turban Orr, poderoso conselheiro e amante de Simtal
Lim, aliado de Turban Orr
Simtal, senhora da Propriedade Simtal
Estraysian D'Arle, um rival de Turban Orr
Challice D'Arle, sua filha

SOCIEDADE DOS ASSASSINOS
Vorcan, mestra da Sociedade (também conhecida como Mestra dos Assassinos)
Ocelot, líder do clã de Rallick Nom
Talo Krafar, assassino do clã Jurrig Denatte
Krute de Talient, um agente da Sociedade

TAMBÉM NA CIDADE
A Enguia, conhecido mestre-espião
Rompedor de Círculos, um agente da Enguia

Vildrom, um guarda da cidade

Stillis, capitão da guarda da Propriedade Simtal

Outros participantes

OS TISTE ANDII

Anomander Rake, Senhor da Cria da Lua, Filho da Escuridão, Cavaleiro da Escuridão

Serrat, segunda em comando de Rake

Korlat, caçadora noturna e parente de sangue de Serrat

Orfantal, caçador noturno

Horult, caçador noturno

OS T'LAN IMASS

Logros, comandante dos clãs de t'lan imass que servem ao Império Malazano

Onos T'oolan, guerreiro sem clã

Pran Chole, Invocador de Ossos (xamã) dos Kron T'lan Imass

Kig Aven, líder de clã

OUTROS

Bruxa, Grande Corvo, serva de Anomander Rake

Silanah, uma eleint, companheira de Anomander Rake

Raest, tirano jaghut

K'rul, deus ancestral, Criador dos Caminhos

Caladan Brood, senhor da guerra que enfrenta os exércitos malazanos na Campanha do Norte

Kallor, segundo em comando de Brood

Príncipe K'azz D'Avore, comandante da Guarda Escarlate

Jorrick Lançafiada, oficial da Guarda Escarlate

Capelo, Alto Mago da Guarda Escarlate

Cabo Azul, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

Dedos, Sexta Lâmina da Guarda Escarlate

Baran, Cão da Sombra

Cega, Cão da Sombra

Engrenagem, Cão da Sombra

Crucifixo, Cão da Sombra

Shan, Cão da Sombra

Doan, Cão da Sombra

Ganrod, Cão da Sombra

Trono Sombrio / Ammanas, governante do Labirinto da Sombra

A Corda / Cotillion, companheiro de Trono Sombrio e Patrono dos Assassinos

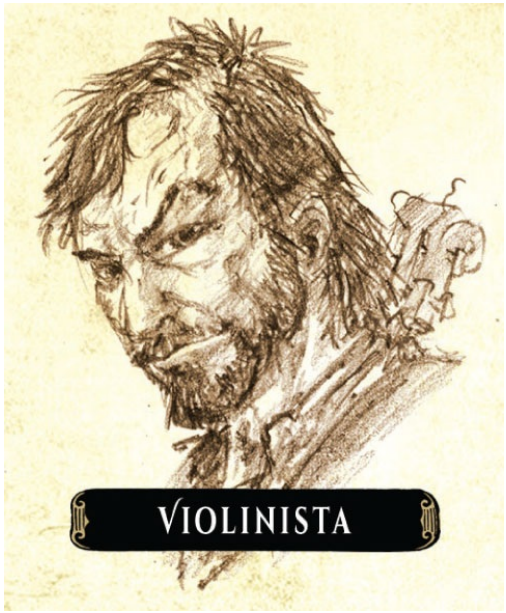
Icarium, Construtor da Roda das Eras de Darujhistan

Mappo, companheiro de Icarium

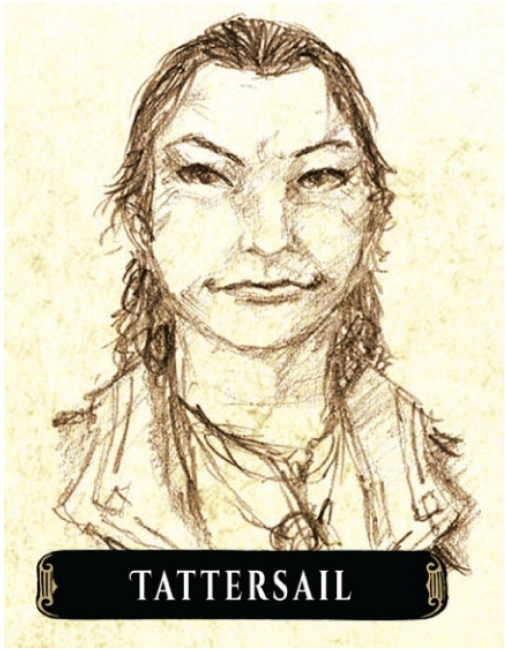
Vidente de Pannion, tirano profeta que governa o Domínio Pannion


CHALLICE D'ARLE


KRUPPE

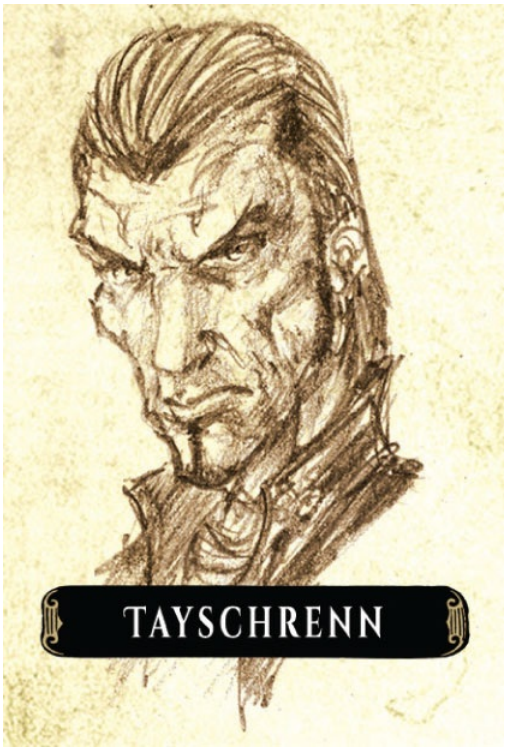

VIOLINISTA

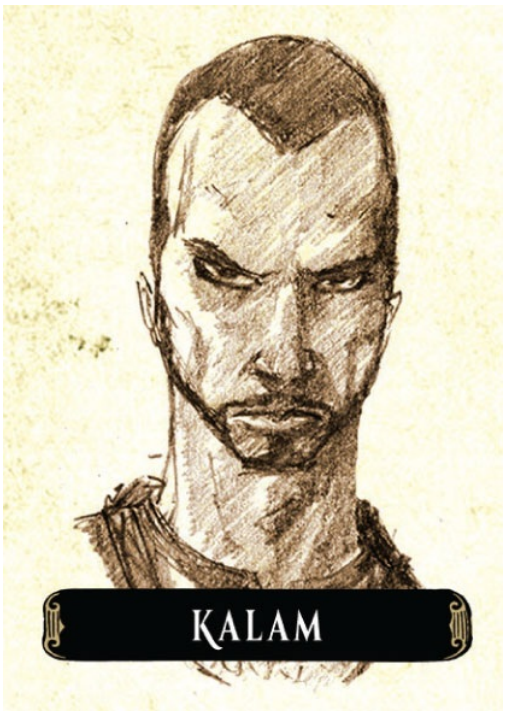

COTILLION

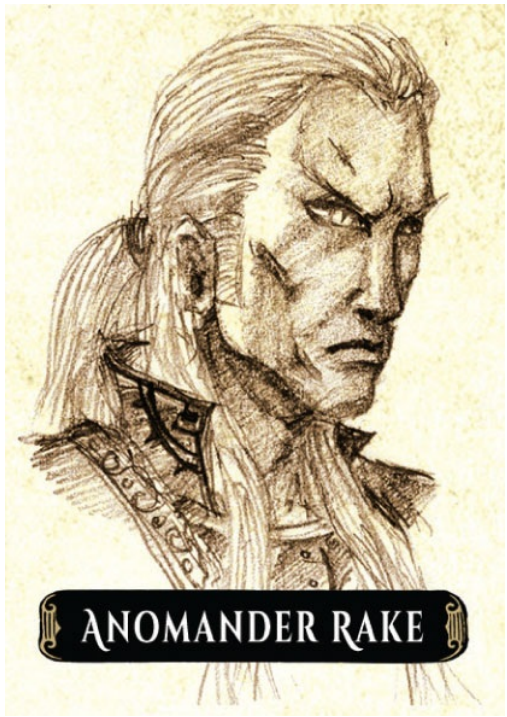

TATTERSAIL

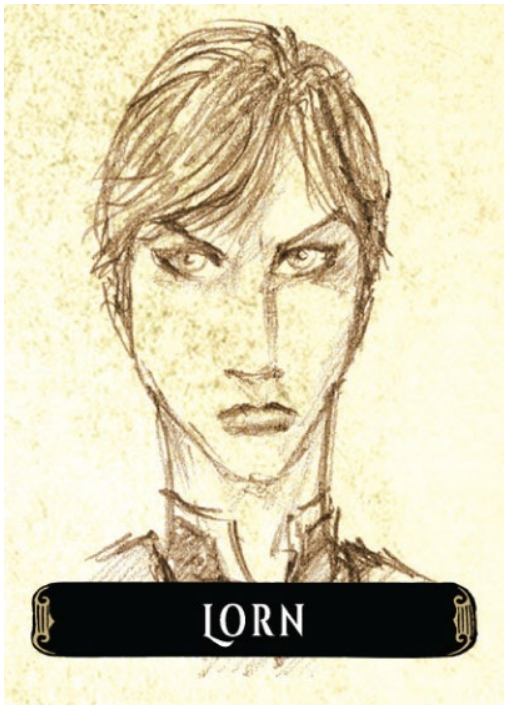

LASEEN


SELETORA

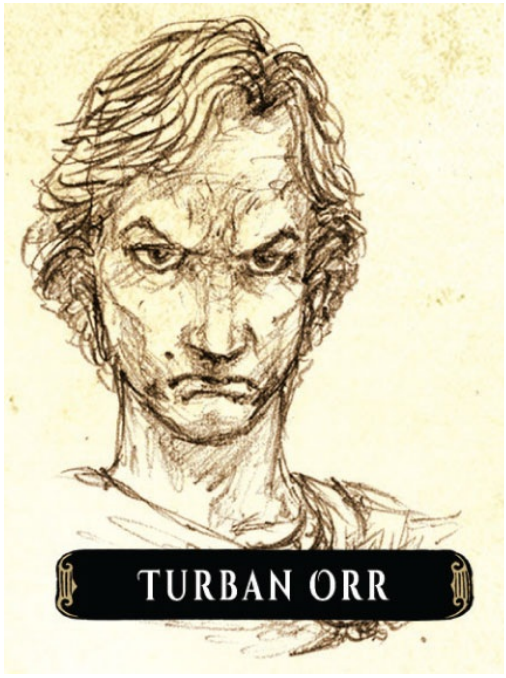

TAYSCHRENN

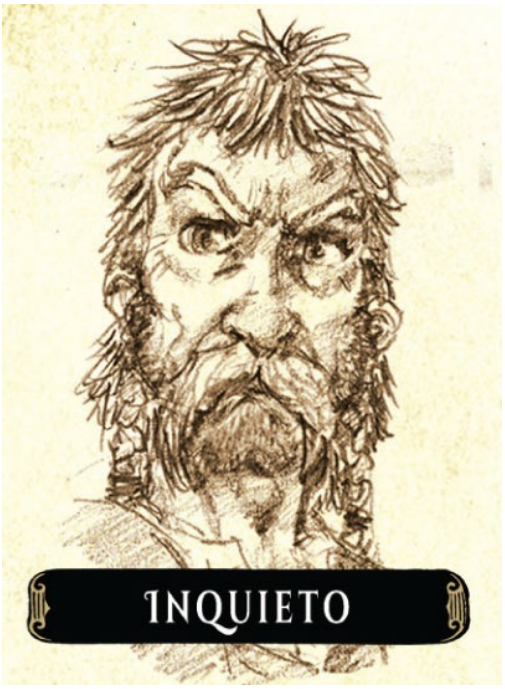

KALAM

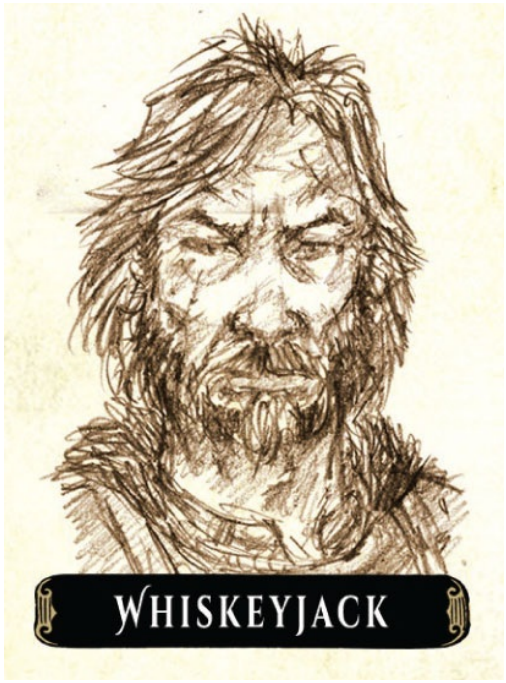

ANOMANDER RAKE

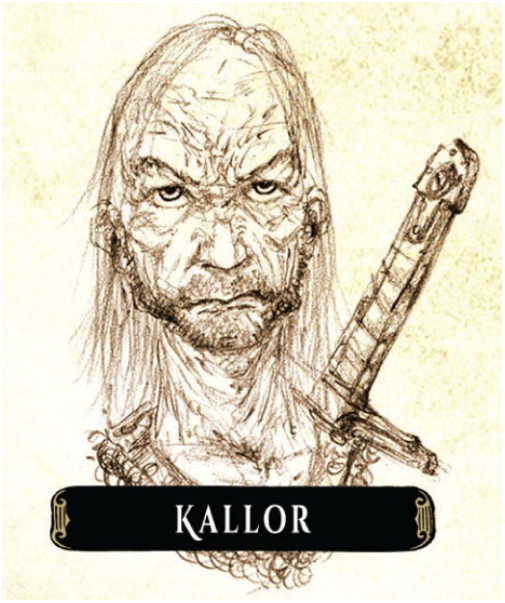

LORN

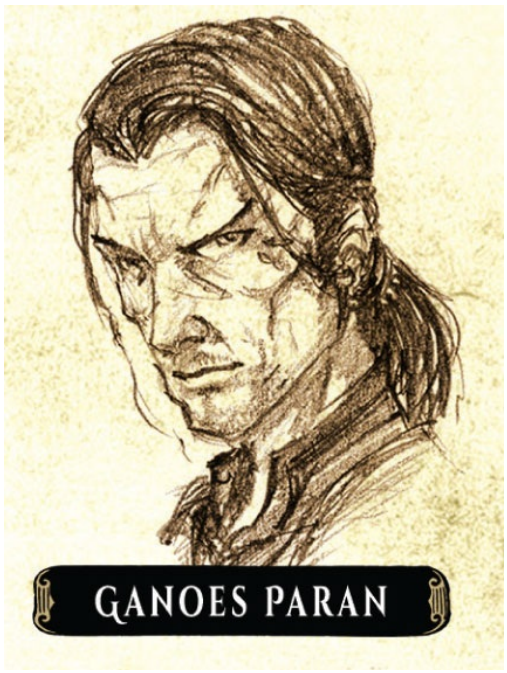

VORCAN


TURBAN ORR

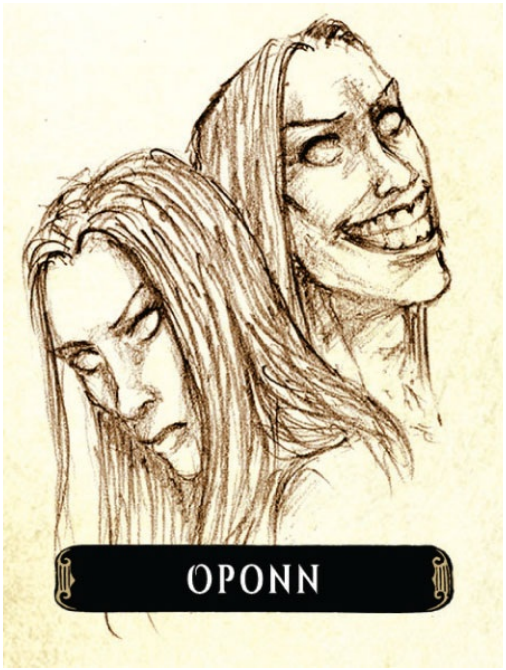

INQUIETO


WHISKEYJACK


KALLOR


GANOES PARAN


OCELOT


OPONN

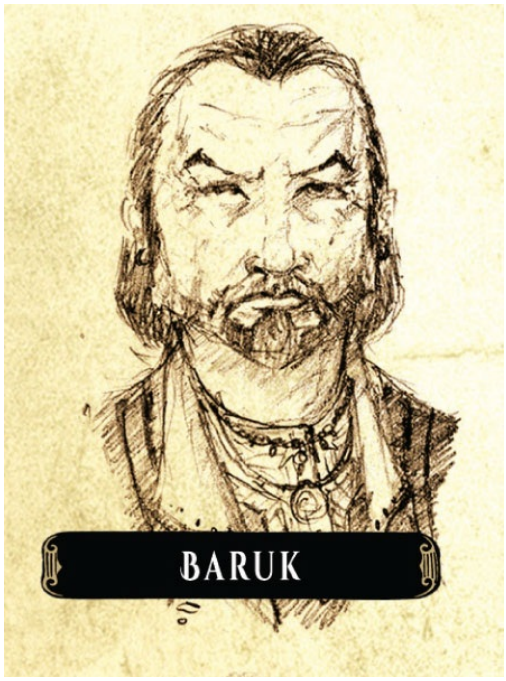

PIEDADE

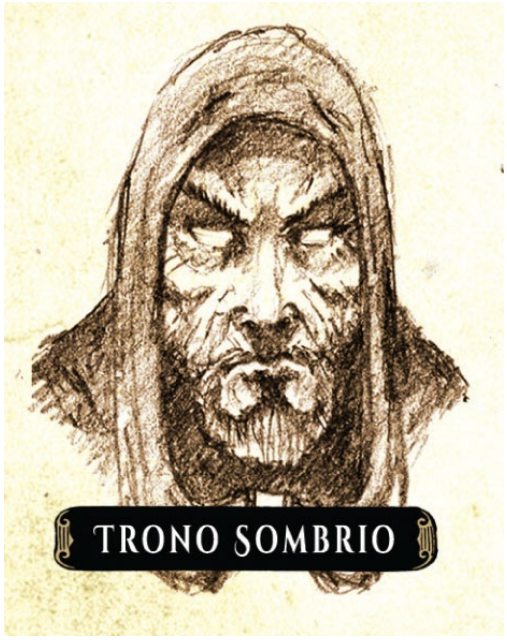

BEN LIGEIRO

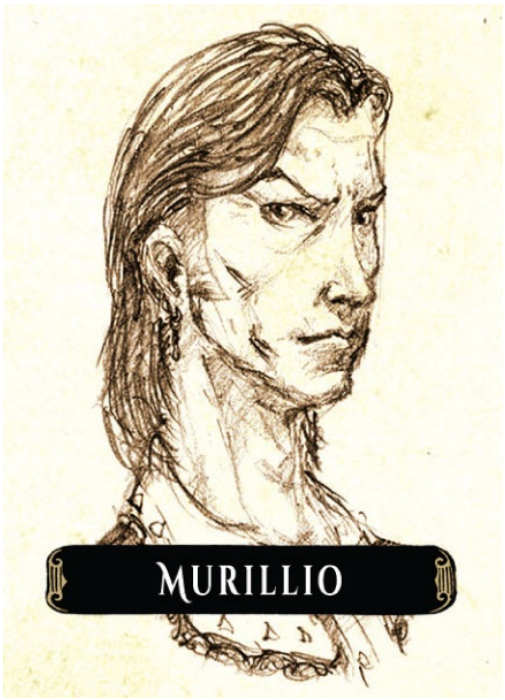

HAIRLOCK

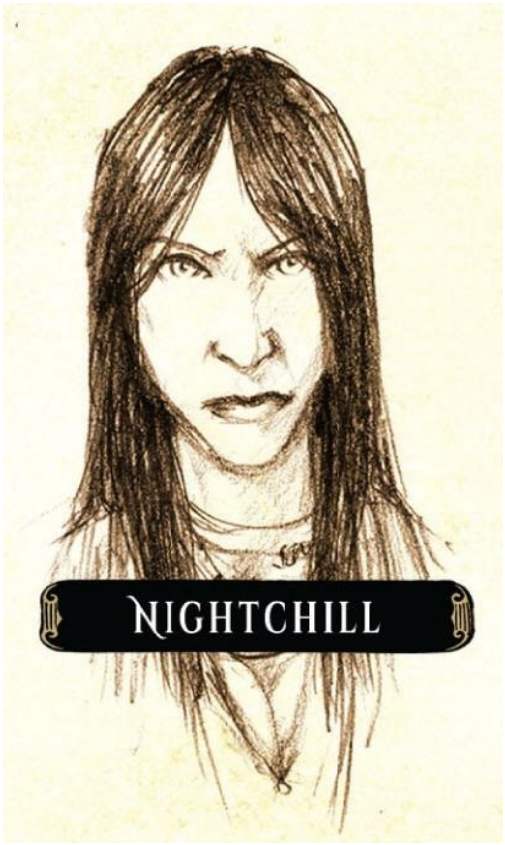

TOOL

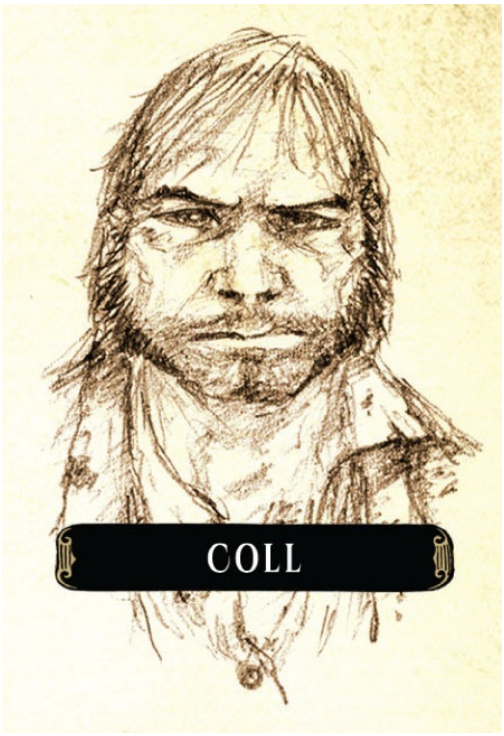

SERRAT

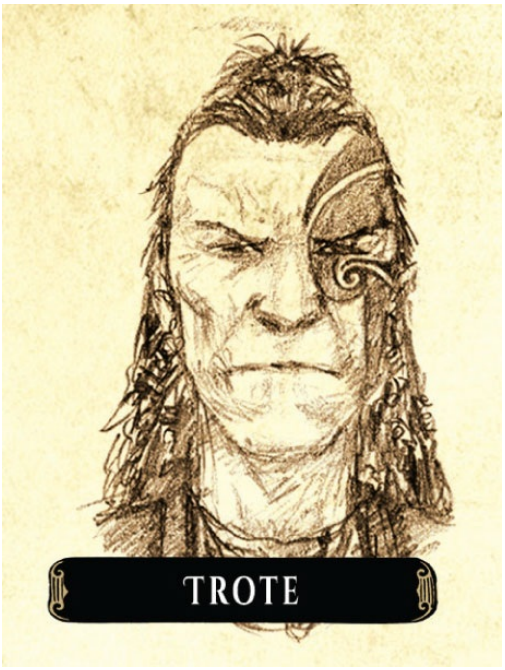

BARUK


TRONO SOMBRIO

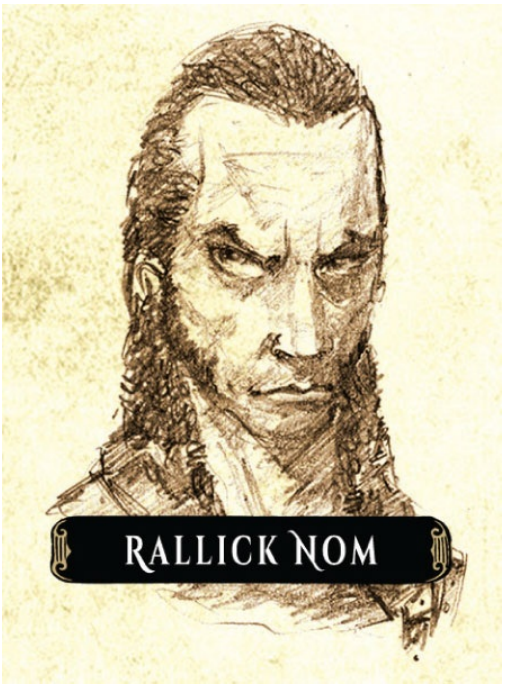

MURILLIO

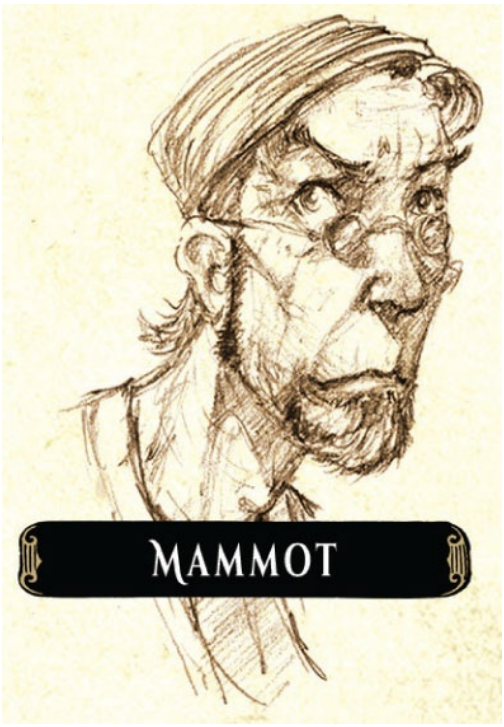

NIGHTCHILL

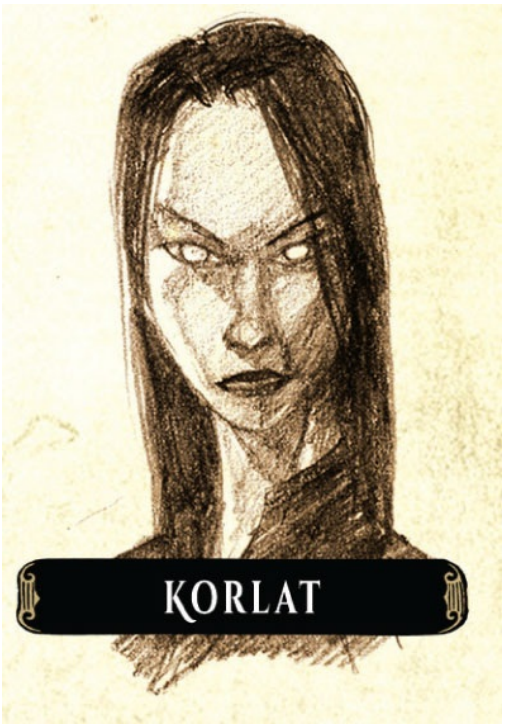

COLL

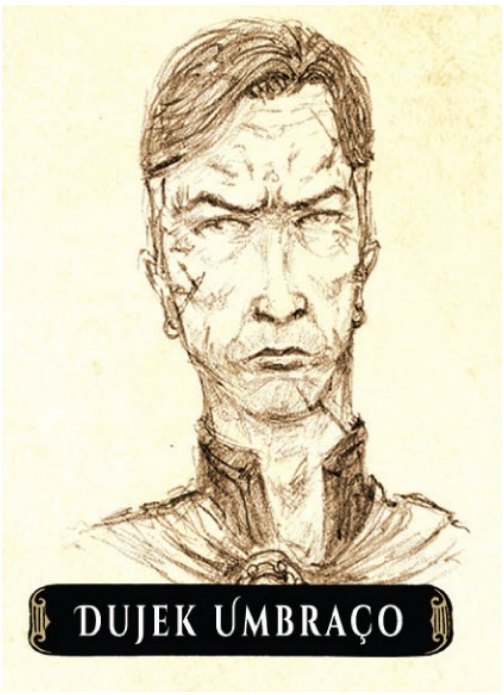

TROTE

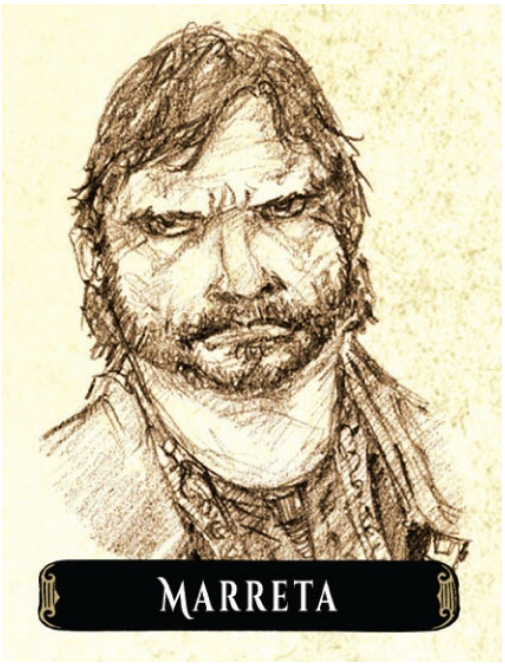

JOVEM TOC

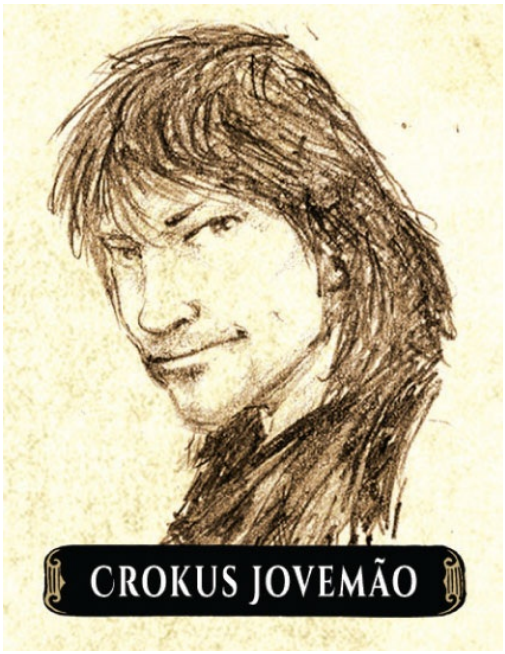

RALLICK NOM


MAMMOT


KORLAT


DUJEK UMBRAÇO


MARRETA

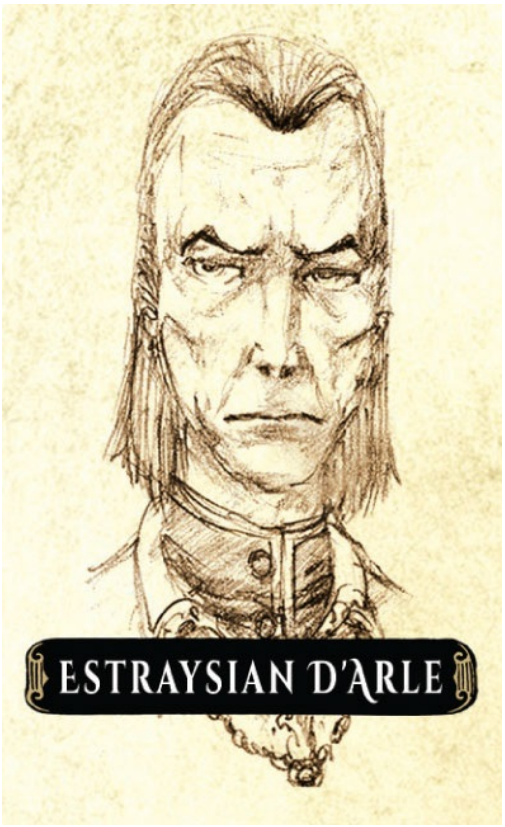

CROKUS JOVEMÃO


MEESE

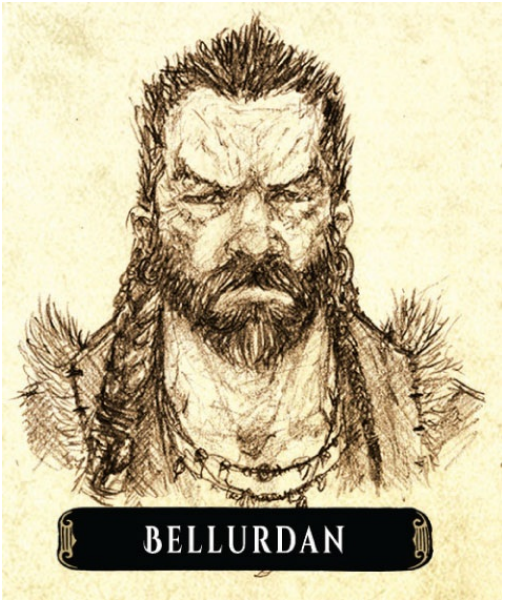

RAEST


LADY SIMTAL

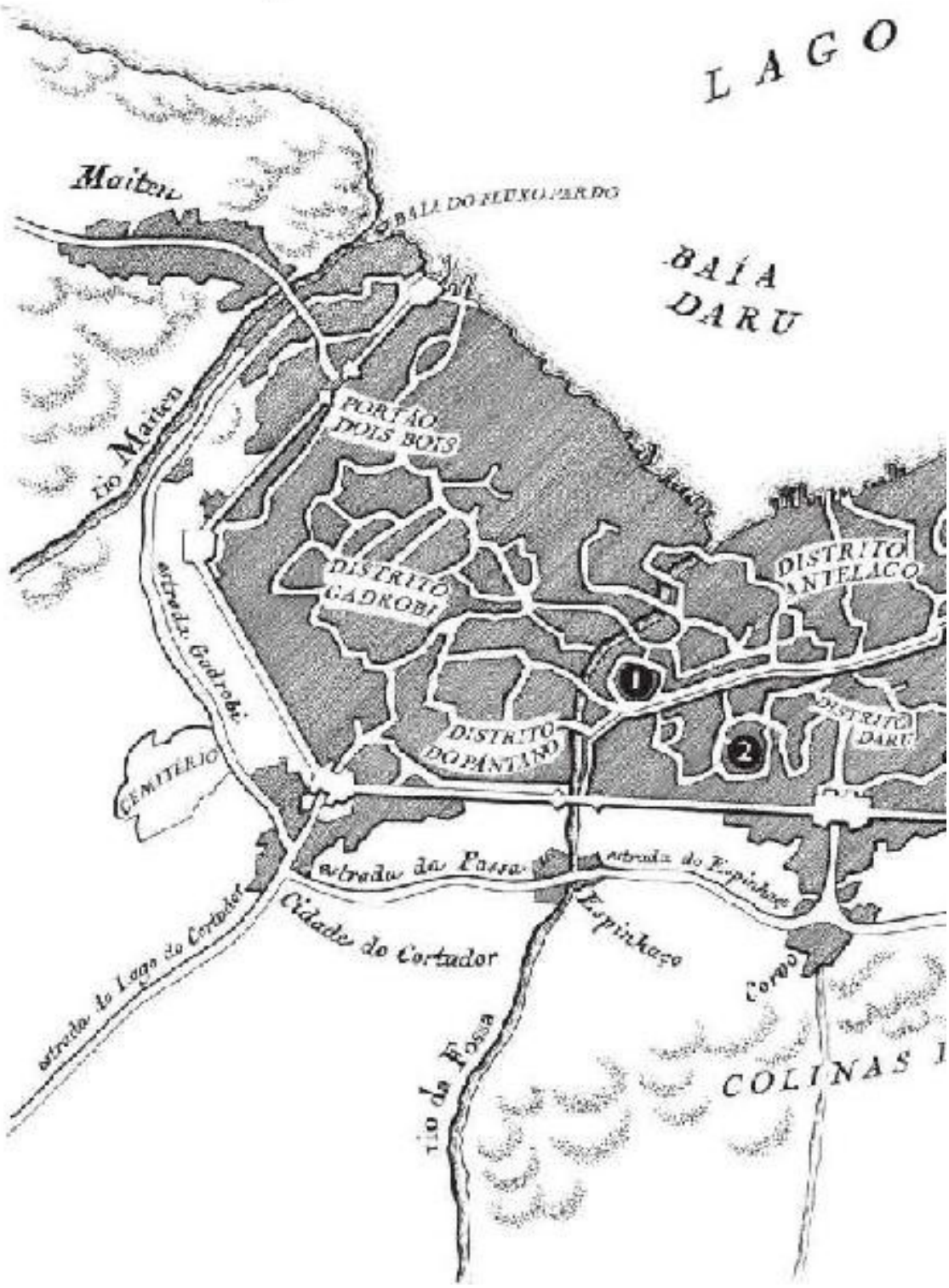

CALADAN BROOD

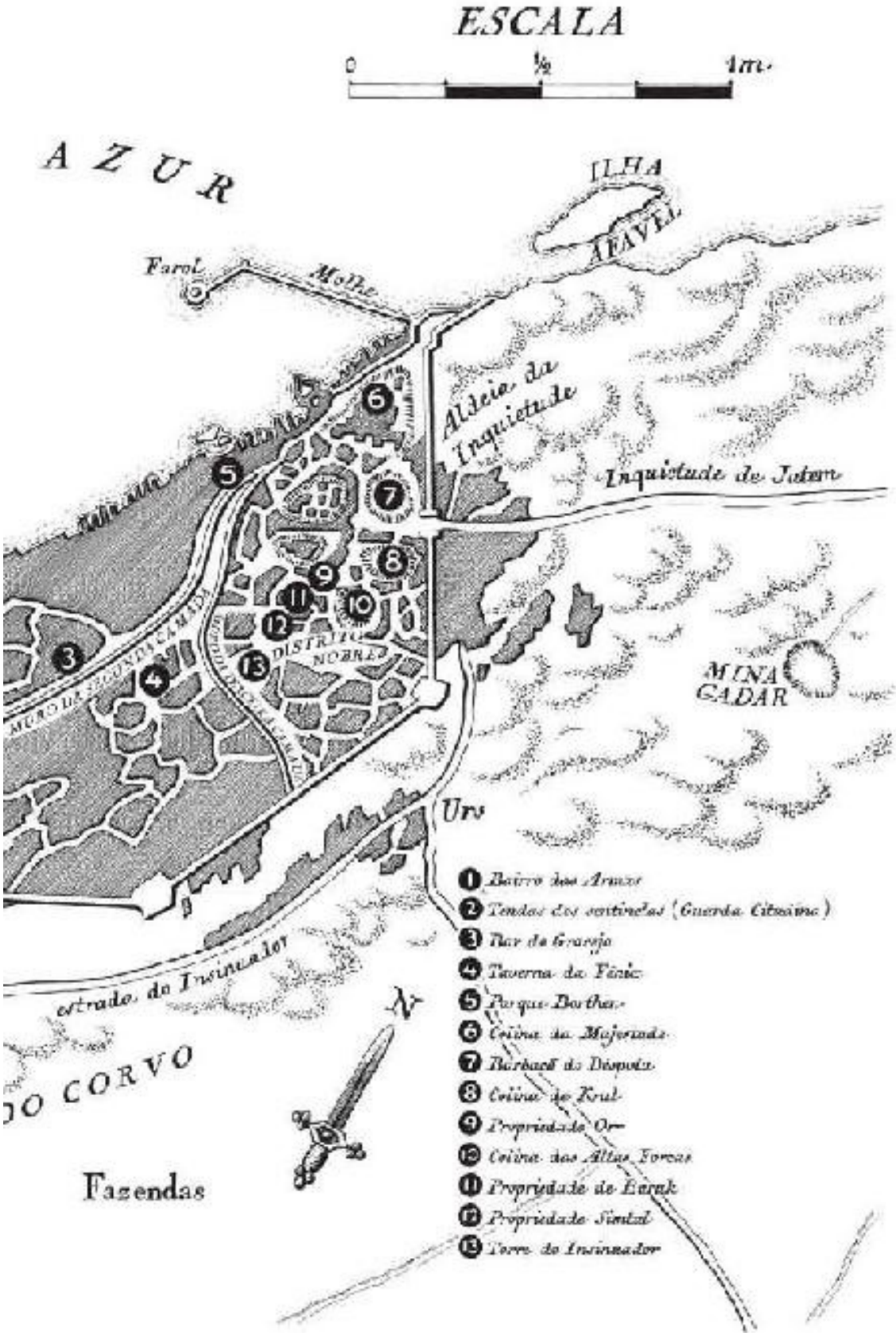

ESTRAYSIAN D'ARLE

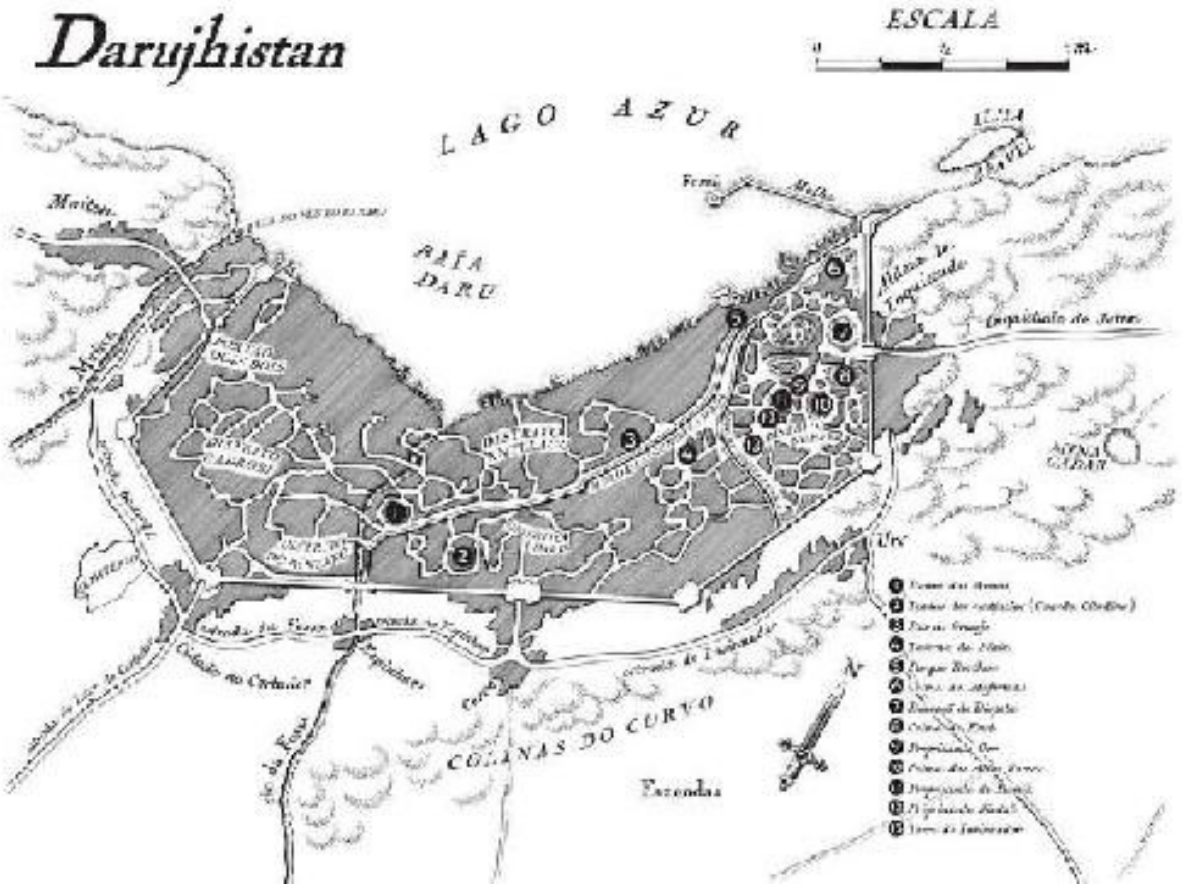

AZARVE


BELLURDAN

Darujhistan

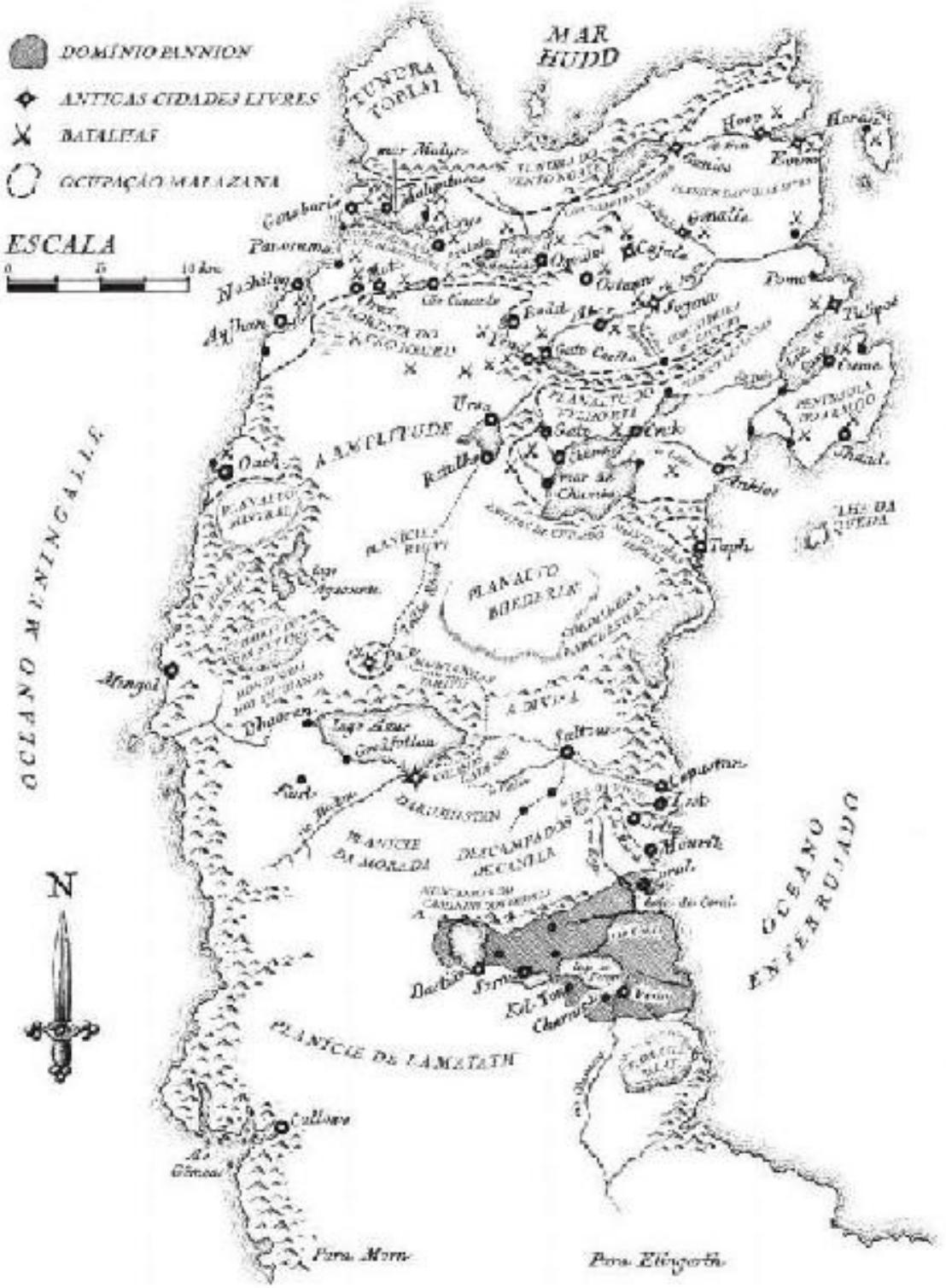



ESCALA
0
½
1m.
AZUR
ILHA
AFAVEL
Farol
Molhe
Aldeia da Inquietude
Inquietude de Jotem
DISTRITO NOBRE
MINA CADAR
Urs
estrada do Invernador
O CORVO
Fazendas
1 Bairro dos Armas
2 Tendas dos sentinelas (Guarda Citadine)
3 Bar do Granja
4 Taverna da Fénic
5 Parque Barthas
6 Colina da Majestade
7 Barbacã do Despote
8 Colina de Koul
9 Propriedade Or
10 Colina das Altas Forças
11 Propriedade de Earak
12 Propriedade Sindal
13 Torre do Invernador


Darujhistan
ESCALA
LAGO AZUR
BAÍA DARU
COLINAS DO CURVO
Fazendas
Ulv
Maiten
Ponte
Mercado
Cemitério
Catedral
Templo
Palácio
Prisão
Hospital
Biblioteca
Teatro
Fonte
Praça
Jardim
Torre
Muralha
Portão
Ponte
Rua
Casa
Loja
Oficina
Estábulo
Armazém
Quartel
Guarda
Capitânia do Jarre
Nádara V. Imperatriz
Ninna Caldan

GENABACKIS:

A campanha malazana – c. 1160 do Sono da Incineração



Agora que estas cinzas esfriaram, abramos o livro antigo.
Estas páginas manchadas de óleo narram as histórias dos Caídos, de um império desgastado, com palavras sem calor. A lareira se apagou, seu brilho e suas centelhas de vida são apenas memórias em olhos baços – o que conduz minha mente, o que matiza meus pensamentos, enquanto abro o Livro dos Caídos e inspiro profundamente o aroma da História?
Ouça, então, estas palavras levadas nesse sopro.
Estas histórias são as histórias de todos nós outras e outras vezes.
Somos História revivida e isso é tudo, sem o fim que é tudo.

O imperador está morto!
Assim como sua mão direita – agora morta, agora cortada!
Mas atente a essas sombras agonizantes,
entrelaçadas e deslizando sangrentas e derrotadas
para baixo e fora das vistas mortais...
Do governo do cetro destituído,
do castiçal dourado a luz agora escapou,
da lareira revestida em joias intrincadas,
por sete anos esse calor sangrou...

O imperador está morto.
Assim como seu companheiro subjugado, a corda para sempre cortada.
Mas atente a este retorno florescente –
escuridão hesitante, a mortalha em trapos –
acolhendo crianças na luz agonizante do Império.
Ouça agora a elegia debilmente retomada
antes do pôr do sol, este dia derrama vermelho
na terra deformada, e em olhos de obsidiana
a vingança soa sete vezes...

Chamado à sombra (I.i 1-18),
Felisin (nasc. 1146)

PRÓLOGO

Ano 1154 do Sono da Incineração
Ano 96 do Império Malazano
O último ano do reinado do imperador Kellanved

As manchas de ferrugem pareciam mares de sangue na superfície escura e cheia de marcas da Grimpa do Escárnio. Com um século de idade, acocorava-se na ponta de uma velha lança cravada no topo externo da muralha da Fortaleza. Monstruosa e disforme, tinha sido forjada a frio na forma de um demônio alado, com dentes à mostra em um sorriso mordaz que, a cada rajada, era jogada de um lado para outro, guinchando em protesto.

Os ventos estavam contrários no dia em que colunas de fumaça subiram do Bairro do Rato, na cidade de Malaz. O silêncio da Grimpa anunciava a repentina diminuição da brisa marinha, que se elevava pelo muro irregular da Fortaleza do Escárnio, e rangia de volta à vida quando o ar quente, carregado e repleto de fumaça do Bairro do Rato atravessava a cidade para varrer as alturas do promontório.

Ganoes Stabro Paran, da Casa Paran, ficou na ponta dos pés para enxergar por sobre o merlão. Atrás dele se estendia a Fortaleza do Escárnio, outrora capital do Império, mas que, desde a conquista do continente, ficara relegada outra vez a uma fortaleza do Punho. À sua esquerda estava a lança com seu troféu desajeitado.

A antiga fortificação acima da cidade era familiar demais a Ganoes para atrair seu interesse. Aquela era sua terceira visita ao local em muitos anos. Tempos antes, explorara o pátio calçado de pedras, a Velha Masmorra – agora um estábulo, cujo andar de cima servia de lar para pombos, andorinhas e morcegos – e a cidadela, onde seu pai negociava com os oficiais do porto naquele momento. Uma parte considerável desse último local, é claro, ficava

além dos limites que lhe eram permitidos, mesmo sendo o filho de uma casa nobre, pois era na cidadela que o Punho residia, e era nas câmaras internas que os negócios do Império relativos àquela ilha eram conduzidos.

Com a Fortaleza do Escárnio esquecida atrás dele, a atenção de Ganoes estava voltada para a cidade em ruínas abaixo e para os tumultos que ocorriam em seu bairro mais pobre. O nível mais alto do Pináculo era alcançado por uma escada tortuosa, esculpida no calcário da parede do penhasco. Até a cidade abaixo, contavam-se aproximadamente 160 metros, com o muro corroído da fortaleza acrescentando talvez mais uns 10. O Rato ficava dentro dos limites da cidade, uma dispersão desigual de casebres e mato cortada ao meio pelo rio lodoso que se arrastava até o porto. Como a maior parte de Malaz se descortinava entre o local onde Ganoes se encontrava e o lugar dos conflitos, era difícil discernir qualquer detalhe para além das colunas crescentes de fumaça negra. Era meio-dia, mas os relampejos e o impacto trovejante de magia faziam o ar parecer escuro e pesado.

Com a armadura tilintante, um soldado apareceu perto dele na muralha. O homem apoiou os braços na ameia, a bainha da espada arrastando nas pedras.

– Feliz pelo seu sangue puro, hein? – falou ele, com os olhos cinzentos fixos na cidade fumegante abaixo.

O menino examinou o soldado. Já conhecia todos os equipamentos e acessórios regimentais do Exército Imperial, e o homem ao seu lado era um comandante no Terceiro – um dos leais ao imperador, da elite. No ombro, trazia um broche prateado prendendo a capa cinza-escura: uma ponte de pedra envolta por chamas de rubi. *Um Queimador de Pontes*. Era comum militares de alto escalão e oficiais civis do Império passarem pela Fortaleza do Escárnio. A ilha de Malaz continuava sendo um porto de escala vital, especialmente agora que as guerras de Korel, ao sul, haviam começado. Ganoes já esbarrara com muitos deles, ali e em Unta, a capital.

– É verdade, então? – perguntou Ganoes, atrevido.

– É verdade o quê?

– A Primeira Espada do Império, Dassem Ultor. Ouvimos na capital antes de partir. Ele está morto? É verdade? Dassem morreu?

O homem pareceu vacilar, os olhos ainda fixos no Rato.

– Assim é a guerra – murmurou, como se as palavras não fossem para os ouvidos de mais ninguém.

– Você está com o Terceiro. Pensei que o Terceiro estivesse com ele, nas Sete Cidades, em Y'Ghatan...

– Pelo sopro do Encapuzado, continuam a procurar o corpo dele nos escombros ainda quentes daquela cidade maldita, e aqui está você, o filho de um mercador, a quase 20 mil quilômetros das Sete Cidades, com uma informação que apenas alguns deveriam possuir. – O soldado continuava sem encarar Ganoes. – Não conheço suas fontes, mas ouça meu conselho: guarde o que sabe para si mesmo.

O menino deu de ombros.

– Disseram que ele traiu um deus.

Finalmente o homem se virou. Seu rosto era repleto de cicatrizes e algo que parecia ser uma queimadura desfigurava o maxilar e a face esquerda. Apesar de tudo, parecia jovem demais para ser um comandante.

– Preste atenção nesta lição, filho.

– Que lição?

– Toda decisão que você toma pode mudar o mundo. A melhor vida é aquela que os deuses não notam. Se quiser viver livre, garoto, viva sem fazer muito barulho.

– Quero ser um soldado. Um herói.

– Você vai crescer e superar isso.

A Grimpa do Escárnio guinchou quando uma rajada contrária vinda do porto dissipou a fumaça. Ganoes conseguia sentir o cheiro de peixe podre e o fedor de humanos à beira-mar.

Outro Queimador de Pontes, com uma rabeca quebrada e chamuscada presa às costas, veio até o comandante. Era musculoso e mais jovem – apenas alguns anos mais velho que Ganoes, que tinha 12. Estranhas cicatrizes de pústulas lhe cobriam o rosto e as costas das mãos, e sua armadura era uma mistura de peças estrangeiras sobre um uniforme puído e manchado. Uma espada curta pendia de uma bainha de madeira quebrada presa ao quadril. Ele se encostou ao merlão, ao lado do outro homem, com a falta de cerimônia própria da familiaridade.

– O cheiro fica ruim quando os feiticeiros entram em pânico – disse o recém-

chegado. – Estão perdendo o controle lá embaixo. Não entendi a necessidade de um quadro inteiro de magos só para desentocar algumas bruxas da cera.

O comandante suspirou.

– Pensei em esperar para ver se eles tomam as rédeas da situação.

O soldado grunhiu.

– São todos novos, inexperientes. Isso pode marcar alguns deles para sempre. Além disso, vários lá embaixo apenas seguem ordens.

– Uma suspeita, nada mais.

– A prova está bem ali – disse o outro homem. – No Rato.

– Talvez.

– Você é muito protetor – comentou o soldado. – Surly fala que é sua maior fraqueza.

– Surly é problema do imperador, não meu.

O soldado voltou a grunhir.

– Talvez de todos nós, antes do que possamos imaginar.

O comandante se virou lentamente para fitar seu companheiro. O soldado encolheu os ombros.

– É só um pressentimento. Ela escolheu outro nome, sabe? Laseen.

– Palavra napaniana. Significa...

– Eu sei o que significa.

– Espero que o imperador também saiba.

– Significa “Mestre do Trono” – disse Ganoes.

Os dois homens olharam para o garoto. O vento mudou outra vez, fazendo o demônio de ferro gemer em seu poleiro e trazendo um cheiro de pedra fria da própria Fortaleza.

– Meu tutor é napaniano – explicou Ganoes.

– Comandante – ouviu-se uma voz feminina, imperiosa e fria, vinda de trás.

Ambos os soldados se viraram, mas sem pressa.

– A nova companhia precisa de ajuda lá embaixo – disse o comandante a seu companheiro. – Mande Dujek e uma ala, e consiga alguns sapadores para conter os incêndios. Não adiantaria a cidade toda ser queimada.

O soldado assentiu e se afastou, sem nem sequer olhar para a mulher.

Ela estava parada com dois guarda-costas perto do portal da torre quadrada.

Sua pele azul-escura indicava que era napaniana, mas, de resto, nada se destacava: trajava um vestido cinza manchado de sal, o cabelo castanho estava cortado rente como o de um soldado e o rosto magro não chamava a atenção. Foram os guarda-costas que fizeram Ganoes estremecer. Eram altos, vestiam preto, as mãos escondidas em luvas, os rostos sob capuzes. Ganoes nunca vira um Garra antes, mas instintivamente soube que aquelas criaturas eram acólitos do culto. Isso significava que a mulher era...

– A bagunça é sua, Surly – disse o comandante. – Parece que vou precisar limpar.

Ganoes ficou chocado com a ausência de medo, com o quase desprezo na voz do soldado. Surly criara a Garra, fazendo dela um poder que rivalizava apenas com o do próprio imperador.

– Esse não é mais o meu nome, comandante.

O homem fez uma careta.

– Ouvi dizer. Você deve estar se sentindo confiante na ausência do imperador. Ele não é o único que se lembra de você como nada mais que uma serviçal do Bairro Velho. Presumo que a gratidão tenha se desvanecido desde então.

O rosto da mulher não demonstrou se as palavras a haviam atingido.

– A ordem foi simples – replicou ela. – Parece que seus novos oficiais são incapazes de cumprir a tarefa.

– A situação saiu do controle – reagiu o comandante. – Eles são inexperientes...

– Não é problema meu. Nem estou desapontada. A perda de controle serve de lição aos nossos opositores.

– Nossos opositores? Um punhado de bruxas insignificantes vendendo seu pouco talento... Com que finalidade sinistra, mesmo? Encontrar cardumes de coraval nos bancos de areia da baía. Pelo sopro do Encapuzado, mulher, isso dificilmente é uma ameaça ao Império.

– Sem autorização. Desafiando as novas leis...

– *Suas* leis, Surly. Elas não vão funcionar. Quando o imperador voltar, vai revogar sua proibição da feitiçaria, pode estar certa.

– Você ficará feliz em saber – disse a mulher, sorrindo friamente – que a

Torre sinalizou a aproximação dos transportes para os novos recrutas. Não sentiremos falta de você ou de seus soldados incansáveis e indisciplinados, comandante.

Sem mais palavras, ou mesmo um olhar para Ganoes, ela se virou e, ladeada pelos silenciosos guarda-costas, voltou para a cidadela.

O garoto e o comandante dirigiram sua atenção para o tumulto no Rato. Chamas se erguiam em meio à fumaça.

– Um dia serei um soldado – disse Ganoes.

– Apenas se você falhar em todo o resto, filho. Pegar a espada é o último ato de um homem desesperado. Guarde minhas palavras e encontre um sonho mais digno para você.

Ganoes fechou a cara.

– Você não é como os outros soldados com quem conversei. Você se parece mais com o meu pai.

– Mas eu não sou o seu pai.

– O mundo não precisa de outro comerciante de vinho.

Os olhos do comandante se estreitaram, avaliando o rapaz. Ele abriu a boca para dar a resposta óbvia, mas a fechou outra vez.

Ganoes voltou a olhar para o bairro em chamas abaixo, contente consigo mesmo. *Até um garoto, comandante, pode ter um bom argumento*.

A Grimpa do Escárnio oscilou outra vez. Fumaça quente envolveu o muro, engolfando-os e trazendo um fedor de tecido queimado, pintura e pedra chamuscadas, então de algo doce.

– Um abatedouro pegou fogo – comentou Ganoes. – Porcos.

O comandante fez uma careta. Depois de um longo tempo, suspirou e se apoiou no merlão.

– É como você diz, garoto. Como você diz...

LIVRO I

Pale

No oitavo ano, as Cidades Livres de Genabackis estabeleceram contratos com diversos exércitos mercenários, como forma de resistirem ao avanço do Império. Entre estes, destacavam-se a Guarda Escarlate, sob o comando do príncipe K’azz D’Avore (ver volumes III e V), e os regimentos tiste andii da Cria da Lua, sob o comando de Caladan Brood.

As forças do Império Malazano, comandadas pelo Alto Punho Dujek Umbraço, naquele ano consistiam do Segundo, Quinto e Sexto Exércitos, além das legiões moranthianas.

Em retrospectiva, duas observações podem ser feitas. A primeira é que a aliança moranthiana de 1156 marcou uma mudança fundamental na ciência da guerra para o Império Malazano, que se provaria eficaz a curto prazo. A segunda é que o envolvimento do feiticeiro tiste andii da Cria da Lua representou o início da ascensão da feitiçaria no continente, com consequências devastadoras.

No ano 1163 do Sono da Incineração, o Cerco de Pale terminou com uma batalha de feitiçaria que se tornou lendária...

Campanhas imperiais, 1158-1194
Volume IV, Genabackis
Imrygyn Tallobant (nasc. 1151)

CAPÍTULO 1

As pedras antigas desta estrada
retiniram com ferro,
cascos negros e tambores,
onde o vi sair caminhando
do mar entre as colinas encharcadas de vermelho,
no pôr do sol ele veio, um menino entre os ecos,
filhos e irmãos todos em postos
de fantasmas guerreiros ele passou,
onde me sentei na derradeira e desgastada
rocha no fim do dia –
seu passo dizia em alta voz tudo o que eu precisava
saber dele nesta estrada de pedra –
o menino caminha,
outro soldado, outro
coração vivo ainda não resfriado
e tornado duro ferro.

Lamento de mãe, Anônimo

Ano 1161 do Sono da Incineração
Ano 103 do Império Malazano
Sétimo ano do governo da imperatriz Laseen

– Cutucar e puxar – dizia a velha – é o jeito da imperatriz, assim como dos próprios deuses. – Ela se inclinou para o lado e cuspiu, depois levou um pano sujo aos lábios enrugados. – Mandei três maridos e dois filhos para a guerra.

Os olhos da jovem pescadora brilhavam enquanto assistiam à coluna de soldados montados passar com estrépito; ela ouviu apenas parte do que a bruxa velha ao seu lado dissera. A respiração da moça acelerou para acompanhar o

ritmo dos magníficos cavalos. Sentia o rosto queimar; um rubor que não tinha nada a ver com o calor. O dia morria à medida que o vermelho do sol se espalhava sobre as árvores à sua direita. A brisa do mar se tornara fria em seu rosto.

– Isso foi nos dias do imperador – continuou a bruxa. – Que o Encapuzado asse a alma do canalha em um espeto. Mas observe, garota, Laseen espalha os ossos dos melhores deles. Bom, ela começou com os *dele*, não foi?

A pescadora assentiu de leve. Como convinha aos de classe baixa, as duas esperavam à beira da estrada: a velha sobrecarregada sob um saco grosseiro cheio de nabos e a garota com um cesto pesado equilibrado na cabeça. Mais ou menos a cada minuto, a bruxa trocava o fardo de um ombro magro para o outro. Entre os cavaleiros que as cercavam na estrada e a vala logo atrás que revelava uma descida íngreme rumo a rochas pontiagudas, não havia onde apoiar o fardo.

– Espalha os ossos, eu disse. Ossos de maridos, ossos de filhos, ossos de esposas e ossos de filhas. É tudo a mesma coisa para ela. É tudo a mesma coisa para o Império. – A velha cuspiu outra vez. – Três maridos e dois filhos, dez moedas pela vida de cada um, a cada ano. Cinquenta moedas por ano é uma companhia fria, mocinha. Fria no inverno, fria na cama.

A pescadora limpou a poeira da testa. Seus olhos brilhantes zanzavam entre os soldados que passavam. Os jovens nas selas altas exibiam expressões severas e mantinham o olhar fixo à frente. As poucas mulheres que cavalgavam entre eles sentavam-se altivas e, de algum modo, pareciam ainda mais ferozes que os homens. O pôr do sol lançava reflexos vermelhos em seus elmos, reluzindo tanto que os olhos da garota arderam e sua visão se turvou.

– Você é a filha do pescador – prosseguiu a velha. – Eu já vi você antes na estrada, e lá embaixo, na costa. Vi você e seu pai no mercado. Ele não tem um braço, não é? Mais ossos para a coleção dela, hein? – Ela fez um gesto de corte com uma das mãos e meneou a cabeça. – A minha casa é a primeira na trilha. Uso as moedas para comprar velas. Queimo cinco toda noite, para fazerem companhia à velha Rigga. É uma casa sem importância, cheia de coisas sem importância, sendo eu uma delas, mocinha. O que você tem aí nesse cesto?

A pescadora percebeu depois de um instante que uma pergunta lhe tinha sido feita. Desviou a atenção dos soldados e sorriu para a velha.

– Desculpe. Os cavalos são muito barulhentos.

– Perguntei o que você tem no cesto, mocinha – repetiu Rigga, elevando a voz.

– Corda. O suficiente para três redes. Precisamos aprontar uma para amanhã. Papai perdeu a última: algo nas águas profundas a levou, junto com uma pesca inteira. Ilgrand Lender quer de volta o dinheiro que nos emprestou e temos que pescar amanhã. Fazer uma boa pesca. – A menina sorriu outra vez e voltou a olhar para os soldados. – Não é maravilhoso? – sussurrou ela.

De repente, Rigga agarrou o grosso cabelo preto da garota, puxando forte. A jovem gritou. A cesta em sua cabeça balançou e deslizou para um dos ombros. Ela tentou segurá-la freneticamente, mas era pesada demais. A cesta bateu no chão e se desfez toda.

– Aaai! – gritou a moça, ofegante, tentando se ajoelhar, mas Rigga puxou seu cabelo e virou sua cabeça.

– Ouça-me, mocinha! – sibilou a velha, lançando um hálito azedo contra o rosto da garota. – O Império vem tiranizando esta terra há cem anos. Você nasceu nela. Eu, não. Quando eu tinha sua idade, Itko Kan era um país. Hasteávamos uma bandeira, e era nossa. Éramos livres, mocinha.

A jovem ficou enjoada com o bafo de Rigga e fechou os olhos com força. A velha continuou:

– Guarde esta verdade, criança, ou que a Capa de Mentiras cegue você para sempre.

A voz dela assumiu uma cadência sussurrada, e a menina enrijeceu. *Rigga, Riggalai, a Vidente, a bruxa da cera que aprisionava almas em velas e as queimava. Almas devoradas pelas chamas...* As palavras da velha carregavam o tom assustador da profecia.

– Guarde esta verdade. Eu sou a última a falar com você. Você é a última a me ouvir. Assim estamos unidas, além de todo o resto. – Os dedos de Rigga agarraram o cabelo da garota com mais força. – Para além do mar, a imperatriz enfiou sua faca em solo virgem. O sangue agora vem com a maré e vai afogar você, criança, se não tomar cuidado. Vão colocar uma espada em sua mão, lhe dar um bom cavalo e mandá-la para o outro lado daquele mar. Mas uma sombra vai abraçar sua alma. Agora, ouça! Enterre isto fundo! Rigga vai preservar você

porque estamos unidas, você e eu. Mas é tudo o que posso fazer, entendeu? Olhe para o Senhor gerado na Escuridão; é dele a mão que libertará você, embora ele não vá saber...

– O que é isso? – rugiu uma voz.

Rigga voltou o rosto para a estrada. Um soldado da escolta reduzira a velocidade de sua montaria. A Vidente soltou o cabelo da moça.

A garota deu um passo cambaleante para trás. Uma pedra à beira da estrada soltou-se sob seus pés e ela caiu. Quando olhou para cima, o soldado já trotava para longe. Outro veio atrás, ribombante.

– Deixe a bonitinha em paz, bruxa – grunhiu o segundo soldado.

Ao passar, inclinou-se em sua sela e levantou a mão espalmada coberta por uma manopla. Em seguida, a luva com escamas de ferro estalou contra a cabeça de Rigga, fazendo-a girar. Ela tombou.

A pescadora gritou quando Rigga caiu pesadamente sobre suas coxas. Uma linha de saliva escarlate atingiu-a no rosto. Soluçando, a moça se arrastou pelo cascalho e usou seus pés para empurrar o corpo da bruxa para longe. Conseguiu se pôr de joelhos.

Algo na profecia de Rigga parecia cravado na cabeça da garota, pesado como uma pedra e escondido da luz. Descobriu que não podia se lembrar de uma só palavra do que a vidente dissera. Esticou o braço e alcançou o xale de lã de Rigga. Cuidadosamente, virou a mulher de barriga para cima. Um lado de sua cabeça estava coberto de sangue, que descia por trás de uma das orelhas. Mais sangue se espalhava por seu queixo vincado e manchava sua boca. Os olhos miravam cegos.

A moça recuou, incapaz de puxar o ar para os pulmões. Desesperada, olhou ao redor. A coluna de soldados passara, deixando nada além de poeira e o tremor distante de cascos. O conteúdo da sacola de Rigga se espalhara na estrada. Entre os nabos pisados havia cinco velas de sebo. A garota conseguiu inspirar profundamente o ar empoeirado. Secando o nariz, olhou para sua cesta.

– Não se importe com as velas – murmurou, com uma voz grossa e esquisita. – Eles se foram por ora, não foram? Apenas um espalhar de ossos. Não importa. – Ela engatinhou até os rolos de corda que haviam caído do cesto partido e, quando falou outra vez, sua voz soou jovem, normal: – Precisamos da corda.

Vamos trabalhar a noite toda e preparar uma rede. Papai está esperando. Está parado à porta, olhando o caminho, esperando me ver.

Ela parou, e um calafrio percorreu-lhe a espinha. A luz do sol quase se fora. Uma friagem fora de época veio das sombras, que fluíam como água pela estrada.

– Aí vem, então – rosnou a moça suavemente, com uma voz que não era a sua.

Uma mão enluvada pousou em seu ombro. Ela se abaixou, encolhendo-se.

– Calma, moça – disse uma voz masculina. – Acabou. Nada mais pode ser feito por ela.

A pescadora olhou para cima. Um homem envolto em preto se inclinou sobre ela, com o rosto oculto pela sombra de um capuz.

– Mas ele bateu nela – disse a moça, com uma voz infantil. – E temos redes para fazer, eu e papai...

– Vamos colocar você em pé – disse o homem, levando as mãos de dedos compridos para baixo dos braços da moça.

Ele se endireitou, erguendo-a sem esforço. Os pés da pescadora, calçados com sandálias, balançaram-se no ar antes que ele a pusesse de volta no chão.

Agora ela podia ver um segundo homem, mais baixo, também vestido de preto. Este estava em pé na estrada e virado para o outro lado, olhando na direção para a qual os soldados haviam seguido. Ele falou, com uma voz fina como agulha, sem se virar para ela:

– Não era uma vida lá muito boa. Era um talento menor, há muito tempo com o Dom esgotado. Ah, ela pode ter conseguido fazer mais uma, mas nunca saberemos, não é?

A pescadora foi aos tropeços até a sacola de Rigga e pegou uma vela. Endireitou-se, seus olhos de repente duros, então cuspiu na estrada.

A cabeça do homem mais baixo se virou abruptamente na direção da moça. Dentro do capuz, as sombras pareciam brincar sozinhas. A garota recuou um passo.

– Era uma vida boa – sussurrou a pescadora. – Essas velas eram dela, sabe? Cinco. Para...

– Necromancia – interrompeu o homem mais baixo.

O mais alto, ainda ao seu lado, disse delicadamente:

– Estou vendo, criança. Entendo o que significam.

O outro homem bufou.

– A bruxa ocultou cinco almas fracas, frágeis, nada de mais. – Ele inclinou a cabeça. – Consigo ouvi-las agora. Chamando por ela.

Lágrimas encheram os olhos da garota. Uma angústia muda parecia jorrar da rocha negra em sua mente. Ela enxugou o rosto.

– De onde vocês vieram? – perguntou, de repente. – Não vimos vocês na estrada.

O homem ao seu lado indicou o caminho de cascalho.

– Da outra ponta. Esperávamos, assim como vocês.

O outro riu e, virando-se de novo para a estrada, ergueu os braços e falou:

– De fato, da outra ponta.

A garota respirou fundo quando a escuridão baixou. Um som alto e dilacerante tomou o ar por um segundo, então a escuridão se dissipou e seus olhos se arregalaram.

Havia Sete Cães enormes ao redor do homem na estrada. Os olhos das feras brilhavam em um intenso amarelo, voltados para a mesma direção que o homem.

– Ansiosos? Então vão! – a garota ouviu-o sibilar.

Sem fazer barulho, os Cães dispararam estrada abaixo. Seu mestre se virou e se dirigiu ao homem ao lado dela:

– Algo para roer a mente de Laseen – completou, rindo outra vez.

– Você precisa complicar as coisas? – replicou o outro, cansado.

O mais baixo se enrijeceu.

– Eles estão na linha de visão da coluna.

Inclinou a cabeça. Vindo de longe na estrada, ouviram-se relinchos desesperados de cavalos. O homem suspirou.

– Você tomou uma decisão, Cotillion?

O outro grunhiu, divertindo-se.

– Ao usar meu nome, Ammanas, você acabou de decidir por mim. Dificilmente poderíamos deixá-la aqui agora, não é?

– Claro que poderíamos, velho amigo, só que sem estar respirando.

Cotillion olhou para a garota.

– Não – disse ele, tranquilamente. – Ela vai servir.

A pescadora mordeu o lábio. Ainda segurando a vela de Rigga, recuou outro passo, seus olhos arregalados indo de um homem para o outro.

– Que pena – falou Ammanas.

Cotillion pareceu assentir. Então, pigarreou e acrescentou:

– Vai levar algum tempo.

– E nós temos tempo? – Havia um toque de diversão na voz de Ammanas. – A verdadeira vingança precisa da lenta e cuidadosa perseguição da vítima. Você se esqueceu da dor que ela nos infligiu aquela vez? Laseen já está contra a parede. Ela pode cair sem nossa ajuda. Onde estaria a satisfação?

A resposta de Cotillion foi fria e seca:

– Você sempre subestimou a imperatriz. Por causa disso, nossas atuais circunstâncias... Não. – Ele gesticulou para a pescadora. – Precisaremos desta aqui. Laseen provocou a ira da Cria da Lua; é como mexer em um vespeiro. Este é o momento perfeito.

Ao longe, acima dos relinchos dos cavalos, vieram os gritos de homens e mulheres, um som que perfurou o coração da moça. Seu olhar foi de Rigga na beira da estrada para Ammanas, que se aproximava. Ela pensou em correr, mas as pernas se limitavam a tremer desesperadamente. Ele chegou perto e pareceu estudá-la, embora as sombras em seu capuz permanecessem impenetráveis.

– Uma pescadora? – perguntou, em tom gentil.

Ela assentiu e Ammanas continuou:

– Você tem nome?

– Basta! – rosnou Cotillion. – Ela não é um rato sob sua pata, Ammanas. Além disso, eu a escolhi e vou escolher seu nome também.

Ammanas retrocedeu.

– Que pena – repetiu.

A garota ergueu mãos suplicantes.

– Por favor – implorou ela a Cotillion –, eu não fiz nada! Meu pai é um homem pobre, mas vai pagar o que puder. Ele precisa de mim e da corda... Ele está esperando agora mesmo! – Ela sentiu umidade entre as pernas e rapidamente sentou-se no chão. – Não fiz nada. – Sentiu vergonha e pôs a mão no colo. – Por favor.

– Não tenho escolha, criança – disse Cotillion. – Agora você sabe nossos nomes.

– Eu nunca os ouvi antes!

O homem suspirou.

– Devido ao que está acontecendo na estrada neste momento, bem, você seria interrogada. De modo desagradável. Há quem saiba nossos nomes.

– Sabe, mocinha – acrescentou Ammanas, contendo uma risadinha –, não deveríamos estar aqui. Há nomes, e há *nomes*. – Ele se virou para Cotillion e disse, em tom gélido: – Devemos lidar com o pai dela. Meus Cães?

– Não – retrucou Cotillion. – Ele vive.

– Então, como?

– Suspeito que a cobiça bastará, uma vez que comece vida nova. – O sarcasmo preencheu suas palavras seguintes: – Estou certo de que você consegue realizar a magia necessária para isso, não consegue?

Ammanas riu e comentou:

– Tenha cuidado com sombras que trazem presentes.

Cotillion encarou a garota outra vez. Ergueu os braços. As sombras que retinham seus traços na escuridão pareciam fluir ao redor de todo o seu corpo.

Ammanas falou, e para a garota suas palavras pareceram vir de uma grande distância:

– Ela é ideal. A imperatriz nunca conseguiria rastreá-la, não conseguiria sequer adivinhar. – Erguendo a voz, acrescentou: – Não é algo tão ruim, menina, ser o peão de um deus.

– Cutucar e puxar – disse a pescadora rapidamente.

Cotillion hesitou ante seu estranho comentário, mas deu de ombros. As sombras rodopiaram para envolver a garota. Ao toque frio, a mente dela mergulhou fundo na escuridão. Sua última e fugaz sensação foi a cera mole da vela em sua mão direita, que parecia jorrar por entre os dedos de seu punho cerrado.

O capitão se remexeu em sua sela e fitou a mulher que cavalgava ao seu lado.

– Fechamos a estrada dos dois lados, conselheira. Transferimos o trânsito

local para o interior. Até agora, nenhuma notícia vazou.

Ele enxugou o suor da testa e se encolheu. O gorro quente de lã embaixo do elmo deixara sua testa ferida pelo atrito.

– Algo errado, capitão?

Ele balançou a cabeça, olhando a estrada de soslaio.

– O elmo está folgado. Eu tinha mais cabelo da última vez que o usei.

A conselheira da imperatriz não respondeu.

O sol do meio da manhã pintava a terra da estrada de um branco que quase cegava. O capitão sentia o suor escorrendo por seu corpo, e a malha da ponta de seu elmo ficava repuxando os cabelos em seu pescoço. Sua lombar já doía. Anos haviam se passado desde a última vez que montara um cavalo, e a marcha estava vagarosa. A cada pulo da sela, sentia as vértebras rangerem.

Fazia muito tempo desde que o título de alguém tinha sido o suficiente para endireitar sua postura. No entanto, aquela era a conselheira da imperatriz, serva pessoal de Laseen, uma extensão de sua vontade imperial. A última coisa que o capitão queria era demonstrar seu sofrimento para aquela mulher jovem e perigosa.

Logo adiante, a estrada começava uma subida longa e sinuosa. Um vento salgado soprava da esquerda, assobiando através das árvores jovens que delineavam aquele lado da estrada. No meio da tarde, o vento sopraria quente como o forno de um padeiro, levando consigo o fedor dos pântanos; o calor do sol traria algo mais, também. O capitão esperava já estar de volta a Kan quando isso acontecesse.

Ele tentou não pensar no lugar para onde estavam cavalgando. Deixava isso para a conselheira. Em seus anos de serviço ao Império, já tinha visto o suficiente para saber quando guardar tudo em sua cabeça. Aquele era um desses momentos.

– Foi mandado para cá há muito tempo, capitão? – perguntou a conselheira.

– Sim – murmurou o homem.

A mulher esperou e por fim perguntou:

– Há quanto tempo?

Ele hesitou.

– Treze anos, conselheira.

– Você lutou pelo imperador, então – disse ela.

– Sim.

– E sobreviveu ao expurgo.

O capitão lançou-lhe um olhar. Se ela se sentiu avaliada, não demonstrou. Os olhos da conselheira continuaram a fitar a estrada adiante; estava à vontade na sela, com a espada embainhada presa abaixo de seu braço esquerdo, alto o bastante para estar preparada para uma luta a cavalo. Seu cabelo ou era cortado curto, ou estava preso sob o elmo. Sua figura era bastante graciosa, ponderou o capitão.

– Terminou? – questionou ela. – Eu estava perguntando sobre os expurgos ordenados pela imperatriz Laseen depois da morte prematura de seu antecessor.

O capitão cerrou os dentes e abaixou o queixo para erguer a alça do elmo. Não tivera tempo para se barbear, e a fivela o esfolava.

– Nem todos foram mortos, conselheira. O povo de Itko Kan não é exatamente emotivo. Não houve nenhuma daquelas revoltas e execuções em massa que atingiram outras partes do Império. Nós apenas sentamos e esperamos.

– Entendi – disse a conselheira, com um sorriso indiferente. – Você não é nobre de nascimento, capitão.

– Se eu tivesse nascido nobre – resmungou ele –, não teria sobrevivido, nem mesmo aqui, em Itko Kan. Nós dois sabemos disso. As ordens dela foram específicas, e nem mesmo os kaneses mais estúpidos ousariam desobedecer à imperatriz. – Ele franziu o cenho. – Não, eu escalei os postos, conselheira.

– Sua última missão?

– Planícies de Wickan.

Prosseguiram em silêncio durante um tempo, passando por alguns soldados posicionados ao longo da estrada. À sua esquerda, as árvores davam lugar a arbustos emaranhados, e, além, o mar mostrava sua extensão coroada de espuma branca.

– Quantos de sua guarda você destacou para patrulhar essa área? – perguntou a conselheira.

– Mil e cem.

A cabeça da conselheira se virou ante a resposta, seu olhar frio se estreitando

sob a borda do elmo. O capitão estudou sua expressão.

– A carnificina se estende por 3 quilômetros em direção à costa e mais 1,5 quilômetro continente adentro – explicou ele.

A mulher não disse nada.

Aproximavam-se do cume. Um grupo de soldados se reunira ali, e outros aguardavam espalhados pela encosta. Todos se viraram para observá-los.

– Prepare-se, conselheira.

A mulher contemplou os rostos enfileirados à beira da estrada. Sabia que aqueles eram homens e mulheres endurecidos, veteranos do cerco de Li Heng e das Guerras de Wickan, nas planícies do norte. Algo, entretanto, fora cravado em seus olhos, algo que os deixara feridos e expostos. Olhavam-na com uma ânsia que a conselheira achou perturbadora, como se estivessem famintos por respostas. Lutou contra o desejo de falar com eles enquanto passava, de oferecer qualquer palavra de conforto que pudesse. Tal presente não era seu para que pudesse dá-lo, nem nunca havia sido. Nisso era bastante parecida com a imperatriz.

Ouviu os guinchos das gaivotas e dos corvos vindos do cume, um som que se elevava a um bramido estridente, conforme dele se aproximavam. Ignorando os soldados dos dois lados, a conselheira continuou com seu cavalo. O capitão a seguiu. Alcançaram o pico e olharam para baixo. A estrada descia dali por aproximadamente 1 quilômetro, voltando a subir ao longe, rumo a um promontório.

Milhares de gaivotas e corvos cobriam o chão, espalhando-se sobre os fossos, entre urzes e carquejas. Abaixo desse mar vivo de branco e preto, o solo era de um vermelho uniforme. Aqui e ali surgiam costelas descarnadas de cavalos; dentre os pássaros barulhentos, vinha o brilho de ferro.

O capitão ergueu a mão e soltou o elmo. Tirou-o da cabeça devagar e colocou-o sobre o pito da sela.

– Conselheira...

– Meu nome é Lorn – disse a mulher, suavemente.

– Cento e setenta e cinco homens e mulheres. Duzentos e dez cavalos. O Décimo Nono Regimento da Oitava Cavalaria de Itko Kan. – A garganta do capitão se fechou por um instante. Ele olhou para Lorn. – Mortos.

Sentiu seu cavalo se retrair sob si ao perceber uma mudança no vento. Apertou as rédeas brutalmente e o animal estacou, com as narinas abertas e as orelhas para trás; os músculos das pernas tremiam. O corcel da conselheira não fez movimento algum.

– Todos traziam armas desembainhadas. Todos lutaram contra o que quer que os tenha atacado. Mas todos os mortos são nossos.

– Você verificou a praia lá embaixo? – perguntou Lorn, ainda fitando a estrada.

– Sem sinal de desembarque – respondeu o capitão. – Não há indícios em lugar algum, nem em direção ao mar nem rumo ao interior. Há mais mortos além desses, conselheira. Fazendeiros, camponeses, pescadores, viajantes na estrada. Todos dilacerados, membros espalhados... Crianças, gado, cachorros. – Parou e se virou abruptamente, rangendo os dentes. – Mais de quatrocentos mortos. Não temos certeza do número exato.

– Claro – disse Lorn, em um tom desprovido de emoção. – Sem testemunhas?

– Nenhuma.

Abaixo, na estrada, um homem cavalgava na direção deles. Debruçado perto da orelha de seu cavalo, falava com o animal assustado, conduzindo-o pela carnificina. Pássaros se ergueram, lamentando-se aos gritos à sua passagem, pousando outra vez assim que os dois se afastavam.

– Quem é aquele? – indagou a conselheira.

O capitão grunhiu.

– O tenente Ganoes Paran. Ele é novo no meu comando. De Unta.

Os olhos de Lorn se estreitaram ao observar o jovem. Ele alcançou a beirada da depressão, parando para transmitir ordens às equipes de trabalho. Então, endireitou-se sobre a sela e lançou um olhar na direção da conselheira e do capitão.

– Paran... da Casa Paran?

– É, ouro nas veias e tudo.

– Chame-o aqui.

O capitão gesticulou e o tenente esporeou os flancos da montaria. Pouco depois, parou ao lado do capitão e os saudou.

O homem e seu cavalo estavam cobertos da cabeça aos pés de sangue e pedaços de carne. Moscas e vespas zumbiam famintas ao redor deles. Lorn não viu no rosto do tenente Paran nada da juventude que lhe pertencia por direito. Mesmo assim, suas feições eram agradáveis.

– Você verificou o outro lado, tenente? – inquiriu o capitão.

– Sim, senhor. Há uma pequena aldeia de pescadores no sopé do promontório. Cerca de uma dúzia de casebres. Cadáveres em quase todos, menos em dois. Parece que a maioria dos veleiros estava fundeada, embora haja um lugar vazio no ancoradouro.

– Tenente – interrompeu Lorn –, descreva os casebres vazios.

– Um ficava no alto, um pouco distanciado da estrada – respondeu ele, após espantar uma vespa ameaçadora. – Achamos que pertencia a uma velha que encontramos morta no caminho, aproximadamente a 2,5 quilômetros daqui.

– Por quê?

– Os pertences dentro do casebre eram os de uma velha. Além disso, ela parecia ter o hábito de queimar velas. Velas de sebo, na verdade. A velha na estrada trazia uma sacola cheia de nabos e várias velas de sebo. Sebo é caro por aqui, conselheira.

– Quantas vezes você cavalgou por este campo de batalha, tenente? – questionou Lorn.

– O suficiente para me acostumar a ele, conselheira.

Ele fez uma careta.

– E o segundo casebre vazio?

– Um homem e uma garota, imaginamos. O casebre é perto da arrebentação, diante do lugar vazio no ancoradouro.

– Nenhum sinal deles?

– Nenhum, conselheira. Claro que ainda estamos encontrando corpos, ao longo da estrada, no meio dos campos.

– Mas não na praia.

– Não.

A conselheira franziu o cenho, consciente de que os dois homens a observavam.

– Que tipo de arma matou seus soldados?

O capitão hesitou, então fulminou o tenente com o olhar.

– Você andou rastejando lá embaixo, Paran. Vamos ouvir sua opinião.

Paran deu um sorriso tenso ao responder:

– Sim, senhor. Armas naturais.

O capitão sentiu um vazio no estômago. Tivera esperança de estar errado.

– O que você quer dizer com “armas naturais”? – questionou Lorn.

– Dentes, principalmente. Muito grandes e muito afiados.

O capitão pigarreou, então completou:

– Não há relatos de lobos em Itko Kan nos últimos cem anos. De qualquer forma, nenhuma carcaça por perto...

– Se foram lobos – disse Paran, virando-se para olhar o vale –, eram tão grandes quanto mulas. Sem rastros, conselheira. Nem mesmo um tufo de pelo.

– Então não foram lobos – concluiu Lorn.

Paran deu de ombros. A conselheira inspirou fundo, prendeu o ar e então o deixou escapar em um suspiro lento.

– Quero ver essa vila de pescadores – disse ela, enfim.

O capitão logo apressou-a a pôr o elmo, mas a conselheira balançou a cabeça.

– O tenente Paran será o bastante, capitão. Sugiro que você assuma o comando de sua guarda enquanto isso. Os mortos devem ser removidos o mais rápido possível. Todas as provas do massacre devem ser apagadas.

– Entendido, conselheira – afirmou o capitão, esperando ter conseguido ocultar o alívio em sua voz.

Lorn se virou para o jovem nobre.

– Então, tenente?

Ele assentiu e colocou seu cavalo em movimento.

Foi quando os pássaros se dispersaram do caminho que a conselheira percebeu que invejava o capitão. Diante dela, os comedores de carniça agitados expuseram um tapete de armaduras, ossos quebrados e carne. O ar estava quente, denso e pegajoso. Ela viu soldados, ainda usando seus elmos, com as cabeças esmagadas pelo que deviam ser mandíbulas imensas e terrivelmente poderosas. Viu cotas de malha estraçalhadas, escudos amassados e membros arrancados dos corpos. Lorn suportou apenas alguns momentos de análise minuciosa da cena ao

redor antes de fixar o olhar no promontório adiante, incapaz de contemplar a magnitude da carnificina. Seu corcel, nascido das melhores linhagens das Sete Cidades, um cavalo de guerra treinado em meio a sangue por gerações, perdera o trote orgulhoso e persistente, e escolhia seu caminho com cuidado ao longo da estrada.

Lorn percebeu que precisava de alguma distração e buscou-a na conversa:

– Tenente, você já foi designado para seu posto?

– Não, conselheira. Espero ser alocado na capital.

Ela ergueu uma sobrancelha.

– É mesmo? E como vai conseguir isso?

– Será arranjado – respondeu Paran, olhando-a de viés com um sorriso rígido.

– Entendo. – Lorn ficou em silêncio, depois disse: – Os nobres vêm evitando seguir carreiras militares e mantendo suas cabeças baixas há bastante tempo, não?

– Desde os primeiros dias do Império. O imperador não morria de amores por nós. A imperatriz Laseen, por sua vez, parece se preocupar com outras coisas.

Lorn encarou o jovem.

– Vejo que gosta de se arriscar, tenente. A menos que sua presunção inclua conseguir o favor da conselheira da imperatriz. Está tão convencido assim da invencibilidade de seu sangue?

– Desde quando falar a verdade é presunção?

– Você *é* jovem, não é?

Aquilo pareceu ferir Paran. Um rubor tomou seu rosto bem barbeado.

– Conselheira, estive afundado até os joelhos em carne dilacerada e sangue derramado nas últimas sete horas. Tenho lutado contra gaivotas e corvos para proteger os corpos... Sabe o que essas aves estão fazendo aqui? Exatamente? Estão arrancando pedaços de carne e brigando por eles, engordando à base de olhos e línguas, fígados e corações. Em sua avidez enlouquecida, atiram carne para todo lado... – Ele fez uma pausa, buscando visivelmente se controlar enquanto se endireitava na sela. – Não sou mais jovem, conselheira. Quanto à presunção, eu não poderia me importar menos. Não se pode dançar com a

verdade, não aqui fora, não agora, nem nunca mais.

Eles alcançaram a encosta mais distante. À esquerda, uma trilha estreita descia na direção do mar. Paran a indicou com a mão, então virou seu cavalo para lá.

Lorn foi atrás, com uma expressão pensativa, fitando as costas largas do tenente, antes de voltar sua atenção para o caminho que haviam tomado. A trilha era estreita e contornava a falésia do promontório. À esquerda, viam-se as rochas quase 20 metros abaixo. A maré estava baixa, as ondas quebravam em um recife a algumas centenas de metros da costa. Poças enchiam as fendas e bacias do leito negro e rochoso, refletindo sombriamente o céu encoberto.

Chegaram a uma curva; mais adiante e abaixo se estendia uma praia em forma de lua crescente. Acima, na base do promontório, havia uma restinga larga, coberta de relva, sobre a qual se acocorava uma dúzia de casebres.

A conselheira varreu o lugar com os olhos, na direção do mar. Os veleiros descansavam em seus cascos baixos ao lado dos ancoradouros. Não havia nada no céu da praia nem na superfície do mar – nenhum pássaro à vista.

Ela deteve sua montaria. Um momento depois, Paran olhou para trás e fez o mesmo. Ele a observou remover o elmo e sacudir o cabelo longo e ruivo. Estava molhado e empapado de suor. O tenente se dirigiu até ela, com um olhar interrogativo.

– Tenente Paran, suas palavras foram bem ditas. – Ela inspirou o ar salgado, então encontrou seu olhar. – Creio que você não será designado para Unta. Receberá ordens minhas, como um oficial credenciado à minha equipe.

Os olhos dele foram se estreitando lentamente.

– O que aconteceu àqueles soldados, conselheira?

Sem responder de imediato, ela se aprumou na sela, esquadrinhando o mar distante.

– Alguém esteve aqui. Um feiticeiro muito poderoso. Algo aconteceu, e fomos distraídos para não descobrirmos a verdade.

O queixo de Paran caiu.

– Matar quatrocentas pessoas foi uma distração?

– Se aquele homem e sua filha tivessem saído para pescar, teriam voltado com a subida da maré.

– Mas...

– Você não vai encontrar os corpos deles, tenente.

Paran estava confuso.

– E o que fazemos, então?

Ela o fitou brevemente e fez o cavalo virar.

– Vamos voltar.

– É isso?

Ele a acompanhou com os olhos enquanto ela encaminhava o cavalo de volta à trilha, então se apressou a alcançá-la.

– Espere, conselheira – disse, quando conseguiu chegar até ela.

Lorn lançou-lhe um olhar de advertência, e Paran meneou a cabeça.

– Se agora estou a seu serviço, preciso saber mais sobre o que está acontecendo.

Ela colocou o elmo de volta e apertou forte a amarra sob o queixo. Seus cabelos longos jaziam como cordas esfarrapadas sobre a capa imperial.

– Muito bem. Como você sabe, tenente, não sou uma maga...

– Não – interrompeu Paran, com um sorriso frio. – Apenas mata os magos.

– Não me interrompa outra vez. Como estava dizendo, sou um anátema para a feitiçaria. Isso significa, tenente, que, embora eu não seja uma praticante, tenho relação com a magia. Ou algo assim. Eu conheço os padrões da feitiçaria e conheço os padrões das mentes que a utilizam. Desejavam que nós concluíssemos que a carnificina foi total e aleatória. Não foi nenhuma das duas coisas. Há uma pista aqui e precisamos encontrá-la.

Ela fez uma pausa, e Paran aquiesceu devagar.

– Sua primeira tarefa, tenente, é cavalgar até a cidade do mercado... Qual é mesmo o nome dela?

– Gerrom.

– Sim, Gerrom. Eles devem conhecer esta vila de pescadores, já que é onde o pescado é vendido. Pergunte por lá, descubra qual família consistia de um pai e uma filha. Consiga para mim seus nomes e uma descrição de sua aparência. Use a milícia se os aldeões se mostrarem relutantes.

– Eles não farão isso – afirmou Paran. – Os kaneses são cooperativos.

Chegaram ao alto da trilha e pararam na estrada. Abaixo, carroças

balançavam por entre os corpos, os bois berrando e batendo seus cascos ensopados de sangue. Soldados gritavam no meio da multidão, enquanto, acima de suas cabeças, milhares de pássaros voejavam. A cena fedia a pânico. Na outra ponta estava o capitão, em pé, segurando seu elmo pela amarra com uma das mãos.

A conselheira mirou a cena com olhos endurecidos.

– Pelo bem deles, espero que você esteja certo, tenente.

Enquanto assistia aos dois cavaleiros se aproximarem, o capitão pressentiu que seu sossego em Itko Kan estava com os dias contados. O elmo pesava em sua mão. Fitou Paran. O patife de sangue fino conseguira. *Cem cordas o puxam a cada passo de seu caminho para um posto fácil em alguma cidade pacífica*.

Viu Lorn estudando-o enquanto os dois chegavam ao pico.

– Capitão, tenho um pedido para você.

O capitão grunhiu. *Para o inferno com esse pedido*. *A imperatriz tem que verificar seus chinelos toda manhã para se assegurar de que essa mulher não vai estar lá, querendo ser pisada.*

– Claro, conselheira.

A mulher desceu da montaria, assim como Paran. A expressão do tenente era impassível. Aquilo era arrogância ou a conselheira lhe dera algo em que pensar?

– Capitão – começou Lorn –, sei que há uma campanha de recrutamento acontecendo em Kan. Você consegue pessoas de fora da cidade?

– Para se alistar? Claro, mais do que de qualquer outro lugar. Gente da cidade tem muito para deixar para trás. Além disso, são os primeiros a receber as más notícias. A maioria dos camponeses não sabe que tudo foi para o inferno em Genabackis. Muitos acreditam que o povo da cidade se lamuria demais, de qualquer forma. Posso perguntar por quê?

– Pode. – Lorn se virou para assistir aos soldados limpando a estrada. – Eu preciso de uma lista dos recrutas recentes. Dos últimos dois dias. Esqueça os nascidos na cidade, quero apenas os de fora. E apenas mulheres ou homens velhos.

O capitão grunhiu outra vez.

– Será uma lista pequena, conselheira.

– Espero que sim, capitão.

– Você descobriu o que há por trás disso tudo?

– Nem imagino – respondeu Lorn, acompanhando as atividades na estrada.

Sim, pensou o capitão, *e eu sou o imperador reencarnado.*

– Que pena – murmurou ele.

– Ah! – A conselheira encarou-o. – O tenente Paran agora está a meu serviço. Estou incumbindo você de fazer os arranjos necessários.

– Como desejar, conselheira. Eu amo a papelada.

Ela abriu um sorriso leve, que logo se esvaiu.

– O tenente Paran nos deixará agora.

O capitão olhou para o jovem nobre e deu um sorriso que dizia tudo. Trabalhar para a conselheira era como ser a isca no anzol. A conselheira era o anzol, e na outra extremidade da linha estava a imperatriz. Ele que se contorcesse.

Uma expressão azeda passou pelo rosto de Paran.

– Sim, conselheira – disse o tenente.

Ele montou outra vez, prestou continência, depois seguiu estrada abaixo.

O capitão assistiu à sua partida e depois perguntou:

– Algo mais, conselheira?

– Sim. Eu gostaria de ouvir a opinião de um soldado sobre a atual invasão da estrutura imperial de comando pela nobreza.

– Não é boa coisa, conselheira – redarguiu o capitão, fitando-a com dureza.

– Prossiga.

E o capitão falou.

Era o oitavo dia de recrutamento. O sargento-mor Aragan sentou-se à sua mesa com olhos vidrados enquanto mais um filhote era empurrado adiante pelo cabo. Tiveram alguma sorte ali em Kan. É melhor pescar em águas paradas, dissera o Punho de Kan. Tudo o que havia ali eram histórias. Histórias não fazem ninguém sangrar. Histórias não deixam ninguém com fome nem machucam os pés. Quando se é jovem, cheirando a merda de porco, e se está convencido de que

não há uma arma em toda a porcaria do mundo que seja capaz de matá-lo, tudo o que as histórias conseguem é fazer você querer se tornar parte delas.

A velha estava certa. Como de costume. Aquelas pessoas foram pisadas por tanto tempo que realmente passaram a gostar disso. *Bem*, pensou Aragan, *a instrução começa aqui.*

Tinha sido um dia ruim, o capitão local partindo com três companhias, sem deixar para trás um único rumor concreto sobre o que estava acontecendo. E, se aquilo não fosse ruim o suficiente, a conselheira de Laseen chegara de Unta nem dez minutos depois, usando um daqueles horripilantes Labirintos mágicos. Embora nunca a tivesse visto, apenas seu nome no vento quente e seco era o bastante para lhe dar calafrios. Assassina de magos; o escorpião no bolso imperial.

Aragan fez uma carranca para a prancheta em que escrevia e esperou até o cabo pigarrear. Então, olhou para cima.

A recruta à sua frente surpreendeu o sargento-mor. Ele abriu a boca, trazendo na língua um comentário ferino cuja finalidade era fazer os jovens debandarem. Um segundo depois, fechou-a outra vez, com as palavras por dizer. O Punho de Kan deixara suas instruções perfeitamente claras: se tivessem dois braços, duas pernas e uma cabeça, que os aceitasse. A Campanha de Genabackis fora uma confusão; corpos frescos eram necessários.

Sorriu para a jovem. Ela se encaixava perfeitamente na descrição do Punho. Ainda assim...

– Muito bem, mocinha, você entende que está aqui para se juntar à Marinha de Malaz, correto?

A moça assentiu, com seu olhar firme e tranquilo fixo em Aragan.

A expressão do recrutador endureceu. *Raios, ela não pode ter mais de 12 ou 13 anos. Se fosse minha filha...*

O que deixou seus malditos olhos tão velhos? A última vez que vira algo como eles fora na orla da floresta de Mott, em Genabackis, marchando através de uma plantação atingida por uma seca de cinco anos e uma guerra com o dobro desse tempo. Aqueles olhos velhos eram trazidos pela fome, ou pela morte. Ele fez uma careta.

– Qual é o seu nome, garota?

– Estou dentro, então? – perguntou ela, em voz baixa.

Aragan aquiesceu, sentindo sua cabeça latejar de repente.

– Você receberá sua designação em uma semana, a menos que tenha alguma preferência.

– A Campanha de Genabackis – respondeu a menina de imediato. – Sob o comando do Alto Punho Dujek Umbraço. Exército de Umbraço.

Aragan piscou.

– Deixarei isso anotado – disse ele, suavemente. – Seu nome, soldado?

– Piedade. Meu nome é Piedade.

Aragan tomou nota do nome em sua prancheta.

– Dispensada, soldado. O cabo lhe dirá aonde ir. – Ele ergueu o olhar quando ela já estava perto da porta. – E lave toda essa lama de seus pés.

Aragan continuou escrevendo por um momento, depois parou. Havia semanas que não chovia, e a lama nos arredores era algo entre verde e cinza, não vermelho-escura. Largou a pena e massageou as têmporas. *Bem, pelo menos a dor de cabeça está diminuindo.*

Gerrom se situava a mais de 8 quilômetros continente adentro, seguindo a Velha Estrada de Kan, uma via pré-imperial, raramente utilizada depois que a estrada costeira suspensa fora construída pelo Império. O tráfego, naqueles dias, dava-se principalmente a pé: fazendeiros e pescadores locais com suas mercadorias. Os únicos sinais que restavam de sua passagem eram tufos desenrolados e esgarçados de tecido, cestos quebrados e hortaliças pisadas já se estragando. Uma mula manca, a última sentinela observando aqueles que recusavam o êxodo, circulava por ali estupidamente, afundada até os tornozelos em um arrozal. O animal lançou a Paran um único olhar aflito quando ele passou cavalgando.

Os detritos não pareciam ter mais de um dia, mas as frutas e hortaliças já estavam começando a apodrecer no calor da tarde.

Enquanto o cavalo o levava em um passo vagaroso, Paran observou as primeiras construções da pequena cidade mercantil surgirem em meio ao véu de poeira. Ninguém circulava entre as casas de tijolos de barro caindo aos pedaços,

nenhum cachorro vinha desafiá-lo e a única carroça à vista se apoiava sobre uma roda só. Para completar a cena inquietante, o ar estava parado, ausente do canto de pássaros. Paran soltou a espada em sua bainha.

Quando alcançou as primeiras construções, parou a montaria. O êxodo fora rápido, uma fuga dominada pelo pânico. Apesar disso, não viu corpos nem sinais de violência além da evidente pressa daqueles que partiram. Inspirou fundo e soltou o ar lentamente, então impeliu seu cavalo adiante. A rua principal era a única da vila, levando, na outra ponta, a uma interseção em T marcada pela única construção de dois andares, da Polícia Imperial. As venezianas de estanho estavam fechadas; sua pesada porta reforçada, trancada. Ao se aproximar, Paran não tirou os olhos do prédio.

Desmontou diante da construção, amarrou sua égua à cancela e olhou de volta para a rua. Nenhum movimento. Desembainhando a espada, Paran se virou para a porta da Polícia.

Um som suave e contínuo vindo do interior o deteve, muito baixo para ser ouvido a distância, mas ali, enquanto permanecia diante da imensa porta, conseguia ouvir um murmúrio fluido que arrepiou os pelos de sua nuca. Paran estendeu a espada e repousou sua ponta sob o trinco. Ergueu a tranca de ferro até que se desprendesse, então abriu a porta com um empurrão.

Um movimento ondulou na escuridão lá dentro, um tremor e uma pancada de ar levando a Paran um fedor evocativo de carne putrefata. Respirando fundo e com a boca tão seca quanto algodão velho, esperou seus olhos se acostumarem.

Fitou a primeira sala da Polícia. Havia uma massa em movimento e um ruído suave e assustador muito baixo. A câmara estava repleta de pombos negros arrulhando com uma calma fria. Formas humanas uniformizadas jaziam em meio a eles, estiradas a esmo pelo piso junto a dejetos e penugem preta flutuante. Suor e morte se agarravam ao ar, espesso como uma neblina.

Ele deu um passo para dentro. Os pombos farfalharam abrindo-lhe passagem, mas, fora isso, ignoraram-no. Nenhum tentou sair pela porta aberta.

Rostos inchados, com olhos arregalados, estavam virados para cima; faces azuis, como de homens sufocados. Paran encarou um dos soldados.

– Não é nada saudável usar esse uniforme atualmente – murmurou, entre dentes.

Uma conjuração de pássaros, para manter uma vigília zombeteira. Acho que o cinismo não é mais do meu gosto. Forçou-se a prosseguir e cruzou a sala. Os pombos se afastaram do caminho de suas botas, arrulhando. A porta para o escritório do capitão estava entreaberta. Luz bolorenta sangrava através das articulações desiguais das venezianas. Embainhando a espada, Paran entrou na sala. O capitão ainda estava sentado em sua cadeira, com o rosto inchado e contundido em tons de azul, verde e cinza.

Paran varreu penas úmidas de cima da mesa, revistando os rolos. As folhas apodrecidas e oleosas de papiro entre seus dedos se despedaçavam sob seu toque.

Uma eliminação completa de rastros.

Ele se virou, caminhou rapidamente de volta através da primeira sala até alcançar a luz quente. Fechou a porta do prédio da Polícia, como, sem dúvida, os aldeões haviam feito.

A florescência escura da feitiçaria era uma mancha que poucos se importavam em analisar detidamente. Ela tinha o hábito de se espalhar.

Paran desamarrou sua égua, montou-a e cavalgou para longe da cidade abandonada. Não olhou para trás.

O sol estava se pondo, pesado e inchado em meio a um borrão de nuvens escarlate no horizonte. Paran se esforçou para manter os olhos abertos. Tinha sido um dia longo. *Um dia horrível*. A terra ao seu redor, outrora familiar e segura, transformara-se em um lugar remexido pelas correntes escuras da feitiçaria. Ele não ansiava pela noite acampando ao relento.

Sua montaria prosseguia se arrastando, de cabeça baixa, enquanto o crepúsculo os envolvia devagar. Puxado pelas correntes desgastadas de seus pensamentos, Paran tentava desde a manhã entender o que acontecera.

Arrebatado da sombra daquele capitão lacônico de expressão emburrada e da guarnição de Kan, o tenente vira suas ambições crescerem rápido. Ajudante da conselheira era um avanço de carreira que não poderia sequer ter imaginado uma semana antes. Apesar da profissão que escolhera, seu pai e suas irmãs ficariam impressionados, talvez até deslumbrados, por sua conquista. Como tantos outros

filhos e filhas da nobreza, ele havia muito tempo só tinha olhos para o exército imperial, faminto por prestígio e entediado com as atitudes complacentes e estáticas da classe nobre em geral. Paran queria algo mais desafiador do que coordenar carregamentos de vinho ou supervisionar a procriação dos cavalos.

Também não estava entre os primeiros a terem se alistado, desse modo facilitando o caminho de entrada para o treino de oficiais e destacamentos selecionados. Fora apenas má sorte que o fizera ser mandado a Kan, onde uma guarnição veterana vinha lambendo as feridas por quase seis anos. Sobrava pouco respeito para um tenente inexperiente, e menos ainda para um nobre.

Paran suspeitava que aquilo mudara desde o massacre na estrada. Ele lidara com o evento melhor do que muitos daqueles veteranos, devido, sobretudo, à raça superior de sua montaria. Além disso, para provar todo o seu profissionalismo frio e desapegado, voluntariara-se para liderar a expedição de inspeção.

Ele se saíra bem, embora a missão houvesse se provado... complicada. Ouvira gritos enquanto rastejava entre cadáveres, vindos de algum lugar dentro de sua cabeça. Seus olhos haviam se fixado em detalhes, bizarrices – a torção peculiar de um corpo, o sorriso inexplicável de um soldado –, mas o que se mostrara mais difícil fora o que tinha acontecido com os cavalos. Suas narinas e bocas estavam cheias de espuma incrustada, os sinais do terror; suas feridas eram terríveis, imensas e devastadoras. Bile e fezes maculavam as outrora orgulhosas montarias, e sobre tudo isso jazia um tapete de sangue e pedaços de carne. Ele quase chorara por aqueles cavalos.

Remexeu-se inquieto na sela, sentindo o suor tomar suas mãos, que se apoiavam no pito ornamentado. Mantivera a confiança durante todo o episódio, mas, enquanto seus pensamentos retornavam àquela cena horrorosa, era como se algo que sempre fora sólido em sua mente gaguejasse, intimidado, ameaçando seu equilíbrio. O débil desdém que demonstrara em relação àqueles veteranos de sua tropa, ajoelhados e desamparados à beira da estrada, torturados por espasmos de vômito, voltava para ele sob um matiz macabro. O eco que vinha do prédio da Polícia em Gerrom chegava como um último golpe sobre sua alma já ferida e derrotada, erguendo-se novamente para tirá-lo do torpor defensivo que ainda o mantinha controlado.

Paran se endireitou com esforço. Dissera à conselheira que sua juventude se fora. Dissera-lhe outras coisas também, destemido, despreocupado, destituído de toda a precaução que o pai lhe inculcara no que se referia às muitas faces do Império.

De uma longa distância em sua mente vieram palavras muito antigas: *Viva sem fazer muito barulho*. Rejeitara aquela ideia na época; ainda a rejeitava. A conselheira, entretanto, notara-o. Ele se perguntava naquele momento, pela primeira vez, se estivera certo em sentir orgulho. Aquele comandante endurecido de tantos anos antes, na muralha da Fortaleza do Escárnio, teria cuspido nos pés de Paran, com desprezo, se estivesse diante dele agora. O menino não era mais um menino; era um homem. *Devia ter prestado atenção às minhas palavras, meu filho. Agora, olhe só para você.*

Sua égua se deteve de repente, cascos batendo confusamente na estrada esburacada. Paran colocou a mão na espada enquanto olhava, inquieto, a escuridão ao redor. A trilha atravessava arrozais, com as cabanas de camponeses mais próximas em uma fileira paralela, a cem passos. No entanto, uma figura bloqueava a estrada.

Um sopro frio rodopiou preguiçosamente, passando por Paran, fazendo as orelhas de sua égua ficarem em pé e suas narinas se alargarem enquanto ela recuava.

A figura – um homem, a julgar pela altura – estava coberta por tons de verde: encapuzada, vestia uma capa, uma túnica desbotada e calças de linho sobre botas de couro tingido de verde. Uma única adaga, a arma preferida dos guerreiros das Sete Cidades, jazia presa a um cinto fino. As mãos do homem, acinzentadas sob a luz da tarde, brilhavam com anéis, anéis em todos os dedos, acima e abaixo dos nós. Ele ergueu uma delas, segurando uma jarra de barro.

– Com sede, tenente? – A voz era suave; o tom, estranhamente melódico.

– Tenho algum assunto a tratar com você? – questionou Paran, com a mão repousando no cabo da espada.

O homem sorriu, baixando o capuz. Seu rosto era comprido, a pele, de um tom de cinza mais claro; os olhos escuros se posicionavam em um ângulo estranho. Ele parecia ter cerca de 30 anos, embora seu cabelo fosse branco.

– A conselheira pediu-me um favor – disse ele. – Está ficando impaciente

pelo seu relatório. Eu devo acompanhá-lo... com urgência. – Sacudiu a jarra. – Mas, antes, uma refeição. Tenho um verdadeiro banquete escondido em meus bolsos, muito mais do que uma vila kanesa amedrontada pode oferecer. Junte-se a mim, aqui, à beira da estrada. Podemos nos distrair enquanto conversamos e observamos os camponeses trabalhando incessantemente. Eu me chamo Topper.

– Eu conheço esse nome – comentou Paran.

– Bem, deveria mesmo. Eu sou ele, infelizmente. O sangue dos tiste andii corre em minhas veias, procurando fugir, sem dúvida, de sua corrente humana mais comum. Foi a minha mão que tirou a vida da linhagem real de Unta... Rei, rainha, filhos e filhas.

– E primos de primeiro grau, de segundo grau, de terceiro...

– Expurgando qualquer esperança, de fato. Era o meu dever como um Garra de habilidade superior. Mas você não respondeu à minha pergunta.

– Que foi...

– Está com sede?

Fazendo uma careta, Paran desmontou.

– Pensei que a conselheira tinha urgência no relatório.

– Vamos nos apressar, tenente, tão logo tenhamos enchido nossas barrigas e conversado de maneira civilizada.

– Sua reputação põe a civilidade entre os últimos itens de sua lista de habilidades, Garra.

– É uma de minhas mais prezadas características, que tem encontrado pouquíssimas oportunidades para ser exercitada ultimamente. Com certeza você me concederia um pouco de seu tempo precioso, já que serei seu acompanhante, não é?

– Qualquer que tenha sido o arranjo que você fez com a conselheira, isso é entre você e ela – redarguiu Paran, aproximando-se. – Eu não lhe devo nada, Topper, exceto inimizade.

O Garra se acocorou, retirando embrulhos de seus bolsos, seguidos de dois cálices de cristal. Depois, destampou a jarra.

– Feridas antigas. Fui levado a compreender que você tomou um caminho diferente, deixando para trás a fastidiosa e disputada classe da nobreza. – Ele encheu os cálices com vinho cor de âmbar. – Você agora integra o corpo do

Império, tenente. Ele comanda você. Você obedece sem questionar sua vontade. Você é uma pequena parte de um músculo nesse corpo. Nem mais, nem menos. A hora para rancores antigos passou faz muito tempo. – Baixou o frasco e passou-lhe um cálice. – Então, saudemos novos começos, Ganoes Paran, tenente e assistente da conselheira Lorn.

Com uma carranca, Paran aceitou o cálice. Os dois beberam.

Topper sorriu, fazendo surgir um guardanapo de seda para limpar seus lábios.

– Ora, isso não foi tão difícil, foi? Posso chamá-lo pelo primeiro nome?

– Paran vai servir. E você? Que título o comandante da Garra possui?

Topper sorriu outra vez.

– Laseen ainda comanda a Garra. Eu lhe presto auxílio. Nesse sentido, também posso ser chamado de assistente, ou algo assim. Você pode me chamar pelo meu primeiro nome, é claro. Não sou do tipo que mantém formalidades além do limite do razoável.

Paran sentou-se na estrada enlameada.

– E passamos desse limite? – perguntou o tenente.

– Certamente.

– Como você decide isso?

– Ah, bem... – Topper começou a desembrulhar seus pacotes, revelando queijo, pão e frutas diversas. – Eu conheço pessoas de duas maneiras. Esta foi a segunda delas.

– E a primeira?

– Não há tempo para apresentações nesses casos, lamentavelmente.

Exausto, Paran desamarrou e tirou o elmo.

– Você quer ouvir o que encontrei em Gerrom? – questionou ele, passando a mão pelo cabelo negro.

– Se você sentir necessidade – respondeu Topper, dando de ombros.

– Talvez seja melhor eu esperar o meu encontro com a conselheira.

O Garra sorriu.

– Você começou a aprender, Paran. Nunca conceda facilmente o conhecimento que possui. Palavras são como moedas: vale a pena guardá-las.

– Até você morrer em uma cama de ouro – refletiu Paran.

– Está com fome? Odeio comer sozinho.

– Então, a conselheira está realmente impaciente, ou você está aqui por outras razões? – perguntou Paran, enquanto aceitava uma fatia de pão.

Com um sorriso, o Garra se levantou.

– Infelizmente, a conversa educada acabou. Nosso percurso se inicia.

Paran se virou para ver uma cortina no ar se rasgar na estrada, derramando uma luz baça amarela. *Um Labirinto, o caminho secreto da feitiçaria*.

– Pelo sopro do Encapuzado – murmurou Paran, lutando contra um calafrio repentino.

Lá dentro, o tenente conseguia enxergar um caminho acinzentado, ladeado por muros baixos amontoados e encimado por uma bruma impenetrável, de cor ocre. O ar varria a entrada para o portal como uma inspiração, revelando o caminho feito de cinzas, enquanto correntes invisíveis despertavam e produziam redemoinhos.

– Você precisará se acostumar a isso – comentou Topper.

Paran pegou as rédeas de sua égua e pendurou o elmo no pito da sela.

– Vá na frente.

O Garra lançou-lhe um olhar apreciativo e adentrou o Labirinto.

Paran o seguiu. O portal se fechou atrás deles e, em seu lugar, o caminho continuava. Itko Kan desaparecera, e com ela todos os sinais de vida. O mundo em que haviam entrado era árido, mortal. Os montes inclinados que delineavam a trilha provaram ser mais pilhas de cinzas. O ar era arenoso, com gosto metálico.

– Bem-vindo ao Labirinto Imperial – disse Topper, com um toque zombeteiro.

– Agradável.

– Esculpido pela força de... do que estava aqui antes. Teria tal façanha sido alcançada antes? Só os deuses podem dizer.

Começaram a andar.

– Considero, então – falou Paran –, que nenhum deus reclamou este Labirinto. Com isso, você engana os pedágios, os porteiros, os guardiões em pontes despercebidas e todos os outros que, dizem, habitam os Labirintos a serviço de seus mestres imortais.

Topper grunhiu.

– Você imaginava os Labirintos lotados assim? Bem, as crenças dos ignorantes são sempre divertidas. Você há de ser uma boa companhia nesta jornada, eu acho.

Paran ficou em silêncio. Os horizontes além dos montes de cinzas acumuladas eram próximos, uma vaga mescla do céu ocre e de um chão cinza-escuro, quase negro. Suor escorreu sob sua cota de malha. Sua égua resfolegou pesadamente.

– Para o caso de você estar se perguntando – disse Topper, após um tempo –, a conselheira está em Unta. Usaremos este Labirinto para atravessar essa distância, quase 1.700 quilômetros, em apenas umas poucas horas. Alguns acreditam que o Império cresceu demais, outros acreditam até que suas províncias remotas ficam além do alcance da imperatriz Laseen. Como você acaba de descobrir, Paran, tais crenças são mantidas por tolos.

A égua do tenente resfolegou outra vez. Topper continuou:

– Então, deixei você tão envergonhado a ponto de permanecer em silêncio? Eu gostaria de me desculpar, tenente, por debochar de sua ignorância...

– É um risco com o qual você terá que conviver – retrucou Paran.

Nos mil passos seguintes, o silêncio pertenceu a Topper.

Nenhuma mudança de luz marcou a passagem das horas. Várias vezes atravessaram lugares em que os montes de cinzas haviam sido desarranjados, como se pela passagem de algo grande que se arrastara por ali, e rastros largos e deslizantes sumiam na escuridão. Em um desses lugares, encontraram uma marca escura incrustada e elos de correntes espalhados como moedas na poeira. Topper analisou o cenário, enquanto Paran observava e pensava. *Certamente não é a estrada segura que ele me levou a crer. Há estranhos aqui, e não são amigáveis.*

Não ficou surpreso ao perceber que Topper apressara o passo dali em diante. Pouco depois, chegaram a um arco de pedra. Fora construído recentemente, e Paran reconheceu o basalto oriundo de Unta, das pedreiras imperiais no exterior da capital. Os muros das terras de sua família eram da mesma pedra de tom cinza-escuro. No centro do arco, bem acima de suas cabeças, estava entalhada

uma única mão segurando um globo de cristal: o brasão do Império Malazano. Para além do arco, havia escuridão.

Paran pigarreou.

– Chegamos?

Topper se virou para ele.

– Você responde civilidade com arrogância, tenente. Faria bem em se livrar desse orgulho de nobre.

Sorrindo, Paran gesticulou, dizendo:

– Vá na frente, meu guia.

Com um rodopio de sua capa, Topper atravessou o arco e desapareceu.

A égua resistiu, com a cabeça se debatendo, quando Paran a puxou para perto do arco. Ele tentou acalmá-la, mas foi inútil. Finalmente, montou-a e pegou as rédeas. Então, esporeou com força os flancos do animal. Ela disparou e saltou no vazio.

Luzes e cores explodiram do lado de fora, envolvendo-os. Os cascos da égua aterrissaram com uma pancada triturante, espalhando em todas as direções algo que parecia ser cascalho. Paran deteve a égua, piscando enquanto tomava conhecimento do cenário à sua frente. Encontravam-se em uma vasta câmara, cujo teto brilhava com ouro laminado, as paredes cobertas com tapeçarias. Um grupo de guardas trajando armaduras se aproximou, cercando-os.

Alarmada, a égua se esquivou para o lado, derrubando Topper. Um dos cascos foi em sua direção, errando o alvo por um palmo. Mais cascalho rangeu – só que não se tratava de cascalho, Paran notou, mas pedras de um mosaico. Topper se pôs em pé praguejando, seus olhos fulminando o tenente.

Os guardas pareceram responder a alguma ordem não proferida, retrocedendo devagar para suas posições junto à parede. Paran desviou sua atenção de Topper: diante dele havia um púlpito dominado por um trono de ossos torcidos. No trono, encontrava-se a imperatriz.

O silêncio tomou a câmara, exceto pelas pedras semipreciosas sendo trituradas sob os cascos da égua. Fazendo uma careta, Paran desmontou, cautelosamente olhando a mulher sentada no trono.

Laseen mudara pouco desde a única outra vez em que estivera tão próximo dela: simples e sem adornos, com o cabelo curto e louro sobre o matiz azul das

feições imemoráveis. Seus olhos castanhos o fitavam com atenção.

Paran ajeitou o cinto, cerrou os punhos e se curvou em uma profunda reverência.

– Imperatriz.

– Vejo que não deu atenção ao conselho do comandante sete anos atrás – comentou Laseen, de maneira arrastada.

Paran piscou, surpreso. A imperatriz continuou:

– Claro, ele também não deu atenção ao conselho que lhe foi oferecido. Eu me pergunto que deus pôs vocês dois juntos naquela balaustrada. Eu faria oferendas em reconhecimento ao seu senso de humor. Você achou que o Arco Imperial daria nos estábulos, tenente?

– Minha montaria ficou relutante em atravessar a passagem, imperatriz.

– Com razão.

Paran sorriu.

– Ao contrário de mim, ela é de uma raça conhecida pela inteligência. Por favor, aceite minhas mais humildes desculpas.

– Topper vai levá-lo à conselheira.

Ela gesticulou e um guarda se adiantou para pegar as rédeas da égua.

Paran se curvou outra vez e encarou o Garra com um sorriso, enquanto este o guiava para uma porta lateral.

– Seu tolo! – vociferou Topper, quando a porta foi fechada atrás deles.

Ele andava a passos largos, rápidos, pelo corredor estreito. Paran não se esforçou para acompanhá-lo, forçando o Garra a esperar onde um conjunto de escadas se espiralava para cima. A expressão de Topper estava negra de fúria.

– O que foi aquilo sobre a balaustrada? Você já a havia encontrado antes... Quando?

– Já que ela se recusou a explicar, posso apenas seguir o exemplo – disse Paran, e então mirou as escadas curvas. – Esta deve ser a Torre Oeste, então... A Torre da Poeira...

– Rumo ao último andar. A conselheira o espera em seus aposentos. Não há outras portas, portanto você não vai se perder. Apenas siga até chegar lá.

Paran assentiu e começou a subir.

A porta do alto da torre estava entreaberta. Paran bateu nela com o nó do

dedo e entrou. A conselheira estava sentada diante de uma bancada do outro lado da sala, com as costas voltadas para uma janela larga. As venezianas estavam escancaradas, por onde se irradiava o brilho vermelho do sol nascente. Ela estava se vestindo. Paran se deteve, desconcertado.

– Não sou de ter pudores – disse a conselheira. – Entre e feche a porta.

Paran fez o que lhe foi ordenado. Olhou ao redor. Tapeçarias desbotadas pendiam das paredes. Peles esfarrapadas cobriam os blocos de pedra do chão. Os poucos móveis que havia ali eram velhos, de estilo napaniano, portanto sem refinamentos.

A conselheira se levantou para pôr uma armadura de couro. Seu cabelo brilhava à luz vermelha.

– Você parece exausto, tenente. Por favor, sente-se.

Ele olhou ao redor, encontrou uma cadeira e se afundou nela, agradecido.

– O rastro foi completamente escondido, conselheira. As únicas pessoas que sobraram em Gerrom provavelmente não vão falar.

Ela prendeu o último dos fechos.

– A menos que eu mande um necromante.

Ele grunhiu.

– Pombos... Acho que previram essa possibilidade – disse Paran. Ela olhou para ele, com uma sobrancelha arqueada. – Perdão, conselheira. Parece que os arautos da morte foram... pássaros.

– E, se fôssemos espreitar pelos olhos dos soldados mortos, veríamos pouco mais. Pombos, você disse?

Paran aquiesceu.

– Estranho... – refletiu Lorn, emudecendo em seguida.

Ele a observou por mais um momento.

– Eu era uma isca, conselheira?

– Não.

– E a chegada oportuna de Topper?

– Conveniência.

O tenente se calou. Quando fechou os olhos, sua cabeça girou. Não percebera que estava cansado. Levou um momento para reparar que a mulher falava com ele. Mexeu-se e endireitou-se. A conselheira se encontrava diante

dele.

– Durma mais tarde, tenente. Agora não. Eu o estava informando a respeito de seu futuro. Seria bom prestar atenção. Você completou sua tarefa conforme instruído. De fato, provou-se bastante... flexível. Aparentemente, não tenho mais nada para você, tenente. Voltará à Divisão de Oficiais aqui em Unta, então passará por várias designações para completar seu treinamento como oficial. Quanto a seu tempo em Itko Kan, nada incomum aconteceu lá, você me entendeu?

– Sim.

– Ótimo.

– E quanto ao que realmente houve lá, conselheira? Vamos abandonar a busca? Vamos nos resignar a nunca sabermos exatamente o que ocorreu, ou por quê? Ou só eu serei abandonado?

– Tenente, não devemos seguir esse rastro de muito perto, mas haveremos de segui-lo, e você será fundamental nessa campanha. Presumi, talvez erroneamente, que você gostaria de acompanhar o caso até o fim, ser testemunha quando a hora da vingança finalmente chegar. Eu estava errada? Talvez você já tenha visto o bastante e queira apenas voltar à rotina.

Paran fechou os olhos.

– Conselheira, estarei lá quando chegar a hora.

Lorn ficou em silêncio e ele soube, sem abrir os olhos, que ela o perscrutava, avaliando-o. Ele ultrapassara o momento para incômodos ou preocupações. Exprimira qual era sua vontade; a decisão era dela.

– Nós avançaremos devagar – disse a conselheira. – Sua realocação acontecerá em alguns dias. Nesse ínterim, vá para casa, para as terras de seu pai. Descanse um pouco.

Paran abriu os olhos e se levantou. Quando alcançou a porta, ela falou outra vez:

– Tenente, tenho certeza de que você não repetirá a cena da Sala do Trono.

– Duvido que conseguiria tantas gargalhadas na segunda vez, conselheira.

Chegando às escadas, ele ouviu o que parecia ter sido uma tosse vinda do quarto atrás dele. Era difícil imaginar que poderia se tratar de qualquer outra coisa.

Enquanto guiava seu cavalo pelas estradas de Unta, sentia-se entorpecido por dentro. As visões familiares, as multidões intermináveis, as vozes e o choque de línguas, tudo soava a Paran como algo estranho, algo mudado, não diante de seus olhos, mas naquele lugar irreconhecível entre os olhos e os pensamentos. A mudança estava apenas nele e o fazia se sentir deslocado, exilado.

Ainda assim, o lugar era o mesmo: os cenários diante dele estavam como sempre estiveram e, vendo-os passarem, nada mudara. Havia sido o dom do sangue nobre que mantivera o mundo a distância, para ser observado de uma posição imaculada, livre da aglomeração da plebe. *Dom... e maldição*.

Agora, no entanto, andava entre eles sem os guardas da família. O poder do sangue se fora, e tudo o que possuía como armadura era o uniforme que passara a usar. Não era um artesão, nem um vendedor ambulante, nem um comerciante, mas um soldado. Uma arma do Império. E o Império tinha dezenas de milhares como ele.

Passou pelo Portão do Pedágio e seguiu pela estrada da Encosta de Mármore, onde apareciam as primeiras propriedades de mercadores, recuadas em relação à rua pavimentada, parcialmente escondidas por muros. A folhagem dos jardins unia suas cores vivas às dos muros pintados em tons fortes; a multidão se reduzia, e guardas particulares podiam ser vistos do lado de fora de portões em forma de arco. O ar abafado perdera seu fedor de esgoto e de comida apodrecendo; deslizava mais fresco por fontes ocultas e trazia à avenida a fragrância de flores. Cheiros da infância.

As terras se estendiam enquanto ele guiava seu cavalo mais para dentro do Bairro Nobre. Espaço para respirar, comprado com tradição e dinheiro antigo. O Império parecia derreter, tornando-se uma preocupação banal, distante. Ali, as famílias conseguiam remontar suas linhagens até sete séculos antes, até os cavaleiros tribais que haviam chegado àquela terra vindos do leste. Com sangue e fogo, como sempre, haviam conquistado e subjugado os primos dos kaneses que haviam construído vilas ao longo da costa. De cavaleiros guerreiros a criadores de cavalos e depois a mercadores de vinho, cerveja e tecidos. Outrora parte de uma nobreza da espada, tornaram-se uma nobreza de ouro acumulado, acordos comerciais, manobras sutis e corrupções escondidas em salas douradas e corredores iluminados com lamparinas.

Paran havia se imaginado adquirindo armadilhas que se fechavam em círculo, um retorno à espada da qual sua família surgira, forte e feroz, séculos e séculos antes. Por sua escolha, seu pai o condenara.

Alcançou um portão familiar, uma única porta alta em um lado do muro, de frente para um beco que em outra parte da cidade seria uma rua larga. Não havia guardas ali, apenas uma fina corrente de sino, que ele puxou duas vezes.

Sozinho no beco, Paran esperou. Uma tranca estalou do outro lado e uma voz rosnou um xingamento quando a porta se abriu sob os protestos das dobradiças.

Paran se viu encarando um rosto desconhecido. O homem era velho, cheio de cicatrizes e usava uma cota de malha bastante remendada. O elmo estava desnivelado por amassados de batidas, ainda que muito bem polido.

O homem fitou Paran de alto a baixo, com seus olhos cinzentos e úmidos, e então grunhiu:

– A tapeçaria está viva.

– Perdão?

O guarda abriu mais a porta.

– Mais velho agora, mas ainda tem os mesmos traços. Bom artista para capturar o modo de ficar em pé, a expressão e tudo o mais. Bem-vindo ao lar, Ganoes.

Paran guiou o cavalo para dentro pela porta estreita. O caminho corria entre os dois anexos da propriedade, deixando o céu acima à mostra.

– Eu não o conheço, soldado – disse Paran. – Mas parece que meu retrato foi bem estudado pelos guardas. Ele agora é um carpete em seus alojamentos?

– Mais ou menos.

– Qual é o seu nome?

– Gamet – respondeu o guarda, seguindo o cavalo depois de fechar e trancar a porta. – Estou a serviço de seu pai há três anos.

– E antes, Gamet?

– Nunca me perguntaram isso.

Chegaram ao pátio. Paran se deteve, a fim de contemplar o guarda.

– Meu pai costuma pesquisar a fundo a história daqueles que contrata.

Gamet sorriu, revelando ter todos os dentes.

– Ah, ele fez isso. E aqui estou. Acho que não foi nada desonroso.

– Você é um veterano.

– Aqui, senhor, deixe-me levar seu cavalo.

Paran estendeu-lhe as rédeas. Voltou-se e olhou ao redor do pátio. Parecia menor do que se lembrava. O velho poço, feito pelo povo sem nome que vivera ali antes dos kaneses, parecia pronto para se desfazer em uma pilha de poeira. Nenhum artesão ousaria recompor aquelas pedras antigas esculpidas, temendo a maldição de fantasmas despertos. Sob a casa principal havia pedras similares, sem argamassa nos pontos mais profundos, com suas muitas salas e túneis curvos, tortos e irregulares demais para serem usados.

Servos e jardineiros andavam para cima e para baixo no jardim. Nenhum deles notara a chegada de Paran, ainda. Gamet pigarreou.

– Seu pai e sua mãe não estão aqui.

Paran assentiu. Deveria haver potros para cuidar em Emalau, a propriedade no campo.

– Mas suas irmãs estão – continuou Gamet. – Vou mandar os servos limparem seu quarto.

– Foi deixado como estava, então?

Gamet sorriu outra vez.

– Bem, é para tirarem a mobília supérflua e os barris... Espaço de armazenagem anda escasso, sabe...

– Como sempre.

Paran suspirou e, sem mais palavras, dirigiu-se à entrada da casa.

O salão de jantar ecoou os passos das botas de Paran enquanto ele caminhava em direção à comprida mesa de refeições. Gatos disparavam pelo chão, espalhando-se conforme ele se aproximava. Desatou sua capa, jogou-a nas costas de uma cadeira, sentou-se em um banco e se recostou na parede decorada com painéis. Fechou os olhos.

Alguns minutos se passaram; a voz de uma mulher soou:

– Pensei que você estava em Itko Kan.

Ele abriu os olhos. Sua irmã Tavore, um ano mais nova, estava perto da ponta da mesa; uma das mãos repousava nas costas da cadeira de seu pai. Vestia-

se de forma simples, como sempre; linhas pálidas constituíam suas feições e seu cabelo avermelhado fora cortado mais curto do que a moda ditava. Estava mais alta que da última vez que a vira, quase da sua altura, não mais uma criança desajeitada. Seu rosto não revelava nada enquanto o analisava.

– Nova designação – disse Paran.

– Para cá? Teríamos ouvido falar.

Ah, claro que teriam, não teriam? Todos os sussurros ardilosos entre as famílias interligadas.

– Não foi planejada – admitiu Paran. – Mas está feito, ainda assim. Só que não ficarei alocado aqui em Unta. Minha visita vai durar só alguns dias.

– Você foi promovido?

Ele sorriu.

– Quer saber se o investimento está prestes a dar retorno? Mesmo tendo sido algo a contragosto, ainda precisamos pensar no potencial de influência, não é?

– Administrar a posição desta família não é mais sua responsabilidade, irmão.

– Ah, agora é sua, então? Nosso pai se retirou das atividades diárias?

– Aos poucos. A saúde dele está debilitada. Se você tivesse perguntado, mesmo em Itko Kan...

Ele suspirou.

– Ainda compensando minha falta, Tavore? Assumindo o fardo das minhas omissões? Eu não fui embora exatamente sobre um tapete de flores, você deve se lembrar. De qualquer forma, sempre presumi que os assuntos da casa cairiam em mãos competentes...

Os olhos claros dela se estreitaram, mas o orgulho silenciou a pergunta óbvia. Então, ele continuou:

– E como está Felisin?

– Estudando. Ela não ouviu falar de sua volta. Vai ficar muito animada, e então arrasada quando souber da brevidade de sua visita.

– Ela é sua rival agora, Tavore?

A irmã bufou, virando-se.

– Felisin? Ela é mole demais para este mundo, irmão. Para qualquer mundo, eu acho. Ela não mudou. Vai ficar contente em vê-lo.

Ele observou as costas tensas de Tavore enquanto ela deixava o salão.

Ele cheirava a suor – seu e da égua – e gordura, e também a mais alguma coisa... *Sangue antigo e medo antigo.* Olhou ao redor. *Muito menor do que eu me lembrava*.

CAPÍTULO 2

Com a chegada de moranthianos
a maré mudou.
E, como navios em um porto,
as Cidades Livres foram varridas
para baixo dos mares imperiais.
A guerra chegou ao seu décimo segundo ano,
o Ano da Lua Destruída
e suas crias repentinas
de chuva mortal e
promessa de asas negras.
Duas cidades restaram para contestar
a investida de Malaz.
Uma sólida, com bandeiras orgulhosas
sob a poderosa asa da Escuridão.
A outra, dividida –
sem um exército,
privada de aliados.
A cidade forte caiu primeiro.

Chamado à sombra, Felisin (nasc. 1146)

Ano 1163 do Sono da Incineração (dois anos depois)
Ano 105 do Império Malazano
Nono ano do governo da imperatriz Laseen

Em meio à fumaça tênue, corvos voavam em círculos. Seus grasnados formavam um coro estridente mais alto do que os gritos dos soldados feridos e agonizantes. O fedor de carne queimada pairava, imóvel, na névoa seca.

Na terceira colina sobre a cidade caída de Pale, Tattersail estava sozinha.

Espalhados ao redor da feiticeira, restos retorcidos de armaduras queimadas se acumulavam em pilhas – grevas, peitorais, elmos e armas. Uma hora antes, homens e mulheres usavam aquelas armaduras, mas deles não havia sinal algum. O silêncio dentro daquelas conchas vazias soava como um réquiem na mente de Tattersail.

Seus braços estavam cruzados, apertados contra o peito. A capa vinho com o emblema prateado, que evidenciava seu comando do quadro de magos do Segundo Exército, pendia de seus ombros arredondados, manchada e chamuscada. Seu rosto oval e carnudo, que geralmente ostentava seu estado de espírito angelical, encontrava-se gravado com profundas linhas sombreadas, deixando suas faces flácidas e pálidas.

Apesar de todos os cheiros e sons ao redor de Tattersail, ela percebeu um silêncio ainda mais profundo. De certa forma, vinha das armaduras vazias que a cercavam, uma ausência que era, em si mesma, uma acusação. No entanto, havia outro motivo para o silêncio. A feitiçaria desencadeada ali naquele dia fora o bastante para esgarçar o tecido entre os mundos. O que quer que houvesse além, nos Labirintos do Caos, parecia perto o suficiente para ser alcançado e tocado.

Ela havia pensado que suas emoções já estavam esgotadas, drenadas pelos terrores por que acabara de passar, mas, enquanto observava as fileiras cerradas de uma legião de Moranthianos Negros marcharem para dentro da cidade, uma geada de ódio encheu suas pálpebras pesadas.

Aliados. Estão reivindicando sua hora de sangue. Ao final daquela hora haveria vinte mil sobreviventes a menos entre os cidadãos de Pale. A longa história selvagem entre os povos vizinhos estava prestes a deixar a gangorra da vingança equilibrada. Pela espada. *Pela misericórdia de Shedenul, já não foi o bastante?*

Uma dúzia de incêndios fora de controle castigava a cidade. O cerco terminara, finalmente, depois de três longos anos. Tattersail, entretanto, sabia que havia mais por vir. Algo se escondia e esperava no silêncio. Então, ela esperaria também. As mortes daquele dia mereciam pelo menos isso – afinal, ela falhara de todas as outras formas que importavam.

Na planície abaixo, os corpos dos soldados malazanos cobriam o chão num desalinhado tapete de mortos. Membros se projetavam para cima, aqui e ali;

corvos se empoleiravam neles como soberanos. Soldados que haviam sobrevivido ao massacre vagavam atordoados entre os cadáveres, procurando companheiros caídos. Os olhos de Tattersail os seguiam dolorosamente.

– Eles estão vindo – disse uma voz quase 5 metros à sua esquerda.

A feiticeira se virou devagar. O mago Hairlock jazia esparramado sobre as armaduras queimadas, o topo de seu crânio raspado refletindo o céu encoberto. Uma onda de feitiçaria o destruíra da cintura para baixo. Vísceras rosadas salpicadas de lama ondulavam para fora da parte inferior de sua caixa torácica, entrelaçadas por fluidos que secavam. Uma vaga aura de feitiçaria revelava seus esforços para permanecer vivo.

– Pensei que estivesse morto – murmurou Tattersail.

– Estava me sentindo com sorte hoje.

– Não parece.

O grunhido de Hairlock fez jorrar sangue escuro e espesso sob seu coração.

– Eles estão vindo – repetiu ele. – Já os vê?

Ela voltou sua atenção para o declive, e seus olhos claros se estreitaram. Quatro soldados se aproximavam.

– Quem são eles?

O mago não respondeu.

Tattersail encarou Hairlock outra vez e percebeu seu olhar fixo nela, absorto do jeito que só uma pessoa agonizante consegue ser em seus últimos momentos.

– Quem diria que você tomaria um golpe nas tripas, hein? – disse ela. – Bem, suponho que esse seja um modo de ser levado para fora daqui.

A resposta de Hairlock a surpreendeu:

– A fachada durona não combina com você, Sail. Nunca combinou. – Ele fez uma careta e piscou rápido. Lutando contra a escuridão, ela supôs. – Sempre há o risco de saber demais. Fique feliz por eu tê-la poupado. – Ele sorriu, revelando dentes manchados de vermelho. – Pense coisas boas. A carne esmorece.

Ela fitou Hairlock com firmeza, admirada com sua repentina... *humanidade*. Talvez morrer abolisse todos os jogos habituais, os fingimentos da dança da vida. Talvez ela apenas não estivesse preparada para ver o homem mortal finalmente se mostrando em Hairlock. Tattersail soltou o abraço doloroso e apavorado em que se envolvera e suspirou, trêmula.

– Você está certo. Não é hora de fachadas. Nunca gostei de você, Hairlock, mas jamais questionaria sua coragem. Nunca o farei. – Ela o contemplou criticamente, parte dela atônita pelo fato de a abominação do ferimento dele nem sequer ser capaz de fazê-la vacilar. – Acho que nem as artes de Tayschrenn são suficientes para salvar você, Hairlock.

Um brilho astucioso cruzou os olhos do mago quando ele soltou uma risada dolorida.

– Querida menina – disse ele, arquejante –, sua ingenuidade nunca deixa de me encantar.

– Claro – rosnou ela, ferida por sucumbir à repentina ingenuidade dele. – Mais uma brincadeira, pelos bons velhos tempos.

– Você não entendeu direito o que...

– Tem certeza? Você está dizendo que ainda não acabou. Seu ódio pelo nosso Alto Mago é tão feroz a ponto de deixá-lo escapar do abraço frio do Encapuzado, é? Vingança do além-túmulo?

– Você já deveria me conhecer a esta altura. Sempre providencio uma porta dos fundos.

– Você não consegue nem rastejar. Como planeja alcançá-la?

O mago passou a língua pelos lábios rachados.

– Parte do acordo – disse ele, em voz baixa. – A porta vem até mim. Está vindo enquanto conversamos.

Uma inquietação revirou as entranhas de Tattersail. Atrás dela, ouviu o tilintar de armaduras e o tinido de ferro, o som chegando como um vento frio. Ela se virou para ver os quatro soldados aparecerem no cume. Três homens e uma mulher, cobertos de lama e riscados de escarlate, com os rostos quase tão brancos quanto ossos. A feiticeira percebeu seus olhos serem atraídos pela mulher, que ficou para trás como uma lembrança indesejada, enquanto os três homens se aproximavam. A moça era jovem, bonita como um pingente de gelo e parecendo ser tão quente quanto um. *Algo está errado aqui. Cuidado*.

O homem à frente – um sargento, a julgar pelo torque no braço – foi até Tattersail. Seus olhos acinzentados, profundos, em um rosto marcado e exausto, procuraram os dela impassivelmente.

– Esta aqui?

Ele se virou para o homem alto e magro, de pele negra, que apareceu ao seu lado. O outro balançou a cabeça negativamente.

– Não, o que queremos está bem ali – disse ele.

Embora falasse malazano, seu forte sotaque era das Sete Cidades.

O terceiro e último homem, também negro, passou pela esquerda do sargento e, apesar do tamanho de sua circunferência, pareceu escorregar para a frente, com os olhos fixos em Hairlock. O fato de ignorar Tattersail a fez sentir-se menosprezada. Ela ponderou uma ou duas palavras bem escolhidas enquanto ele a contornava, mas o esforço de repente pareceu excessivo.

– Bem – disse ela ao sargento –, se vocês são da equipe de enterros, estão adiantados. Ele ainda não morreu. É claro que não são do funeral. Eu sei. Hairlock fez algum tipo de acordo... Ele acha que consegue sobreviver com a metade do corpo.

Os lábios do sargento se apertaram sob sua barba grisalha e eriçada.

– Aonde você quer chegar, feiticeira?

O homem negro ao lado do sargento olhou de soslaio para a jovem, que ainda estava uma dúzia de passos atrás. Ele pareceu estremecer, mas seu rosto magro estava inexpressivo quando se virou de volta para Tattersail e ofereceu-lhe um dar de ombros enigmático, antes de seguir adiante.

Ela tremeu involuntariamente quando o poder golpeou seus sentidos. Respirou fundo. *Ele é um mago*. Tattersail observou o homem se unir a seu companheiro que estava ao lado de Hairlock, empenhando-se para enxergar além da imundície e do sangue que cobriam seu uniforme.

– De onde vocês são? – perguntou ela.

– Nono pelotão do Segundo.

– Nono? – A respiração assobiou entre seus dentes. – Vocês são Queimadores de Pontes. – Os olhos dela se estreitaram, fixos no sargento exausto. – Do Nono. Isso significa que você é Whiskeyjack.

Ele pareceu recuar. Tattersail percebeu que sua boca estava seca, e pigarreou.

– Já ouvi falar de vocês, é claro. Eu ouvi os...

– Não importa – interrompeu ele, com sua voz áspera. – Histórias velhas crescem como ervas daninhas.

Ela coçou o rosto, sentindo a sujeira se acumular sob as unhas. *Queimadores*

de Pontes. Haviam sido a elite do antigo imperador, seus favoritos, mas, desde o golpe sangrento de Laseen, nove anos antes, acabaram enfiados em todo e qualquer ninho de rato à vista. Quase uma década nessa situação os reduzira a uma única divisão, com falta de pessoal. Entre eles, nomes haviam se destacado. Os sobreviventes, a maioria sargentos de pelotão, nomes que abriram espaço dentro dos exércitos malazanos em Genabackis e além. Nomes temperando a já vasta lenda do Exército de Umbraço. *Detoran, Inquieto, Spindle, Whiskeyjack.* Nomes fortes por sua glória e amargos por causa do cinismo de que todo exército se alimenta. Eles carregavam consigo a fúria daquela campanha interminável como um estandarte com um brasão.

O sargento Whiskeyjack analisava os restos na colina. Tattersail observou-o juntar as peças do que acontecera. Um músculo em seu rosto se torceu. Ele a olhou com uma nova compreensão, com uma sombra abrandada por trás de seus olhos cinzentos, que quase fez Tattersail desmoronar bem ali.

– Você é a última do quadro de magos? – perguntou ele.

Ela desviou o olhar, sentindo-se melindrada.

– A última em pé. Não por causa de minhas habilidades. Apenas sorte.

Se ele ouviu a amargura em sua voz, não demonstrou: ficou em silêncio enquanto observava seus dois soldados das Sete Cidades se abaixarem ao lado de Hairlock.

Tattersail umedeceu os lábios e trocou o peso de perna, desconfortável. Deu uma olhada nos dois soldados. Conversavam em voz baixa. Ela ouviu Hairlock rir; o som, como um choque suave, fez com que se retraísse.

– O alto – disse ela. – Ele é um mago, não é?

Whiskeyjack grunhiu, depois respondeu:

– O nome dele é Ben Ligeiro.

– Não é o nome que lhe foi dado quando nasceu.

– Não.

Ela moveu os ombros contra o peso da capa, momentaneamente aliviando a dor na lombar que a incomodava.

– Eu deveria conhecê-lo, sargento. Esse tipo de poder chama atenção. Ele não é um aprendiz.

– Não – respondeu Whiskeyjack. – Não é.

Ela se sentiu enfurecer.

– Quero uma explicação. O que está acontecendo aqui?

Whiskeyjack fez uma careta.

– Não muita coisa, pelo que parece. – Ele elevou a voz: – Ben Ligeiro!

O mago ergueu a cabeça.

– Algumas negociações de última hora, sargento – explicou, exibindo um sorriso branco.

– Pelo sopro do Encapuzado – murmurou Tattersail, voltando-se.

A menina, ela viu, ainda permanecia no cume da colina e parecia analisar as fileiras de moranthianos adentrando a cidade. Como se sentisse a atenção de Tattersail, sua cabeça se virou bruscamente. Sua expressão amedrontou a feiticeira. Tattersail desviou o olhar.

– Isso é tudo o que sobrou de seu pelotão, sargento? – perguntou ela. – Dois saqueadores do deserto e uma recruta com sede de sangue?

A voz de Whiskeyjack soou monótona:

– Eu ainda tenho sete.

– E hoje de manhã?

– Quinze.

Algo está errado aqui. Sentindo a necessidade de falar alguma coisa, ela disse:

– Melhor que a maioria. – Amaldiçoou-se silenciosamente quando o sangue sumiu do rosto do sargento. Então acrescentou: – Ainda assim, estou certa de que eram bons homens, os que você perdeu.

– Bons em morrer – retrucou ele.

A brutalidade de suas palavras a chocou. Vacilando mentalmente, ela fechou os olhos, lutando para segurar lágrimas de perplexidade e frustração. *Coisas demais aconteceram. Não estou pronta para isso. Não estou pronta para Whiskeyjack, um homem curvado pelo peso da própria lenda, um homem que escalou mais de uma montanha de mortos a serviço do Império.*

Os Queimadores de Pontes não haviam se mostrado muito nos três anos anteriores. Desde que o cerco começara, haviam recebido a tarefa de minar os velhos muros maciços de Pale. Aquela ordem viera direto da capital, e foi ou uma brincadeira cruel, ou o produto de terrível ignorância: o vale inteiro era um

depósito glacial, uma pilha de pedras obstruindo um abismo tão profundo que até mesmo os magos de Tattersail haviam tido problemas para encontrar o final. *Eles estiveram no subterrâneo por três anos seguidos. Quando foi a última vez que viram o sol?*

Tattersail enrijeceu de repente.

– Sargento. – Ela abriu os olhos. – Você esteve nos túneis até esta manhã?

Com uma compreensão devastadora, observou a angústia tomar o rosto do homem.

– Que túneis? – perguntou ele, em voz baixa, e então passou direto por ela.

A feiticeira esticou o braço e segurou o dele. Um choque pareceu percorrê-lo.

– Whiskeyjack – sussurrou ela –, você já foi capaz de adivinhar o bastante. Sobre... sobre mim, sobre o que aconteceu aqui nesta colina, com todos esses soldados. – Hesitou, depois disse: – Falhar é algo que nós dois compartilhamos. Sinto muito.

Ele se desvencilhou, evitando seus olhos.

– Não sinta, feiticeira. – Encarou-a. – Arrependimento é algo que não podemos nos dar ao luxo de ter.

Tattersail observou-o caminhar até seus soldados. A voz de uma mulher jovem soou atrás dela.

– Éramos 1.400 de manhã, feiticeira.

Tattersail virou-se. Com a proximidade, percebeu que a menina não devia ter mais de 15 anos. A exceção eram seus olhos, que tinham o brilho abafado de ônix desgastado: pareciam antigos, cada emoção corroída até a extinção.

– E agora?

O dar de ombros da menina foi quase despreocupado.

– Trinta, talvez trinta e cinco. Quatro dos cinco túneis desmoronaram completamente. Estávamos no quinto e cavamos nosso caminho de volta. Violinista e Azarve estão trabalhando nos túneis que desabaram, mas acreditam que todos os outros foram enterrados para sempre. Eles tentaram conseguir mais ajuda. – Um sorriso frio e sagaz se espalhou pelo rosto sujo de lama. – Mas seu mestre, o Alto Mago, os impediu.

– Tayschrenn fez o quê? Por quê?

A garota franziu o cenho, como se estivesse desapontada. Em seguida,

simplesmente afastou-se, parando no cume da colina e encarando a cidade outra vez.

Tattersail a fitou. A garota lançara a última frase para ela como se caçasse alguma resposta em especial. *Cumplicidade*? De qualquer modo, perdera seu tempo. *Tayschrenn não está fazendo amigos. Ótimo.* O dia fora um desastre, e a culpa cairia no Alto Mago. Ela mirou Pale, então ergueu o olhar para o céu fumacento acima da cidade.

A forma massiva e ameaçadora que a saudara todas as manhãs pelos três anos anteriores de fato havia partido. Tattersail ainda tinha dificuldade de acreditar, apesar da evidência diante de seus olhos.

– Você nos avisou – sussurrou para o céu vazio, quando as lembranças da manhã retornaram. – Você nos avisou, não foi?

Ela vinha dormindo com Calot nos últimos quatro meses: um pequeno prazer recreativo para aliviar o tédio de um cerco que não dava em nada. Pelo menos, era assim que ela explicava a si mesma sua conduta pouco profissional. Era mais do que isso, é claro, muito mais. Contudo, ser honesta consigo nunca fora um dos pontos fortes de Tattersail.

A convocação mágica, quando veio, acordou-a antes de Calot. O corpo pequeno mas proporcional do mago estava aconchegado nos muitos travesseiros macios de sua carne. Tattersail abriu os olhos para encontrá-lo agarrado a ela como uma criança. Então, ele também sentiu o chamado e acordou para o sorriso dela.

– Hairlock? – perguntou, tremendo, enquanto saía de baixo das cobertas.

Tattersail fez uma careta.

– Quem mais? O homem nunca dorme.

– O que será agora?

Ele se levantou, procurando ao redor por sua túnica.

Ela o observava. Calot era muito magro, fazendo deles uma combinação estranha. À luz fraca do amanhecer, que se infiltrava pelas paredes de lona da tenda, os ângulos agudos e ossudos do corpo dele pareciam suaves, quase infantis. Para um homem com um século de idade, ele estava bem.

– Hairlock tem realizado missões para Dujek – falou ela. – Provavelmente é só uma reunião para nos atualizar.

Calot grunhiu, pondo as botas.

– É o que você recebe por ganhar o comando do quadro, Sail. De qualquer modo, era mais fácil prestar continência para Nedurian, se quer saber. Sempre que olho para você, eu quero apenas...

– Atenha-se ao trabalho, Calot – disse Tattersail, querendo soar bem-humorada, mas a voz saiu com uma pontada severa o bastante para fazer Calot lançar-lhe um olhar penetrante.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou ele em voz baixa, o velho franzir de cenho formando as linhas familiares em sua testa grande.

Pensei que tinha me livrado dessa expressão. Tattersail suspirou.

– Não sei, é só que Hairlock entrou em contato com nós dois. Se fosse só um relatório, você ainda estaria roncando.

Com tensão crescente, terminaram de se vestir em silêncio. Menos de uma hora depois, Calot seria incinerado por um golpe de fogo azul, e corvos estariam respondendo ao grito desesperado de Tattersail. Mas, naquele momento, os dois magos estavam se preparando para uma reunião não programada na tenda de comando do Alto Punho Dujek Umbraço.

No caminho lamacento além da tenda de Calot, soldados da última vigia amontoavam-se ao redor de braseiros cheios de esterco de cavalo em chamas, estendendo as mãos para o calor. Poucos caminhavam por ali, pois ainda era muito cedo. Fileira após fileira de tendas cinzentas subiam as colinas que davam vista para a planície que cercava a cidade de Pale.

Estandartes regimentais ondulavam sinistramente sob uma brisa fraca. O vento mudara de direção na noite anterior, levando a Tattersail o fedor das fossas das latrinas. O punhado de estrelas restantes se desvanecia até a insignificância no céu que clareava. O mundo parecia quase pacífico.

Fechando a capa para se proteger da friagem, Tattersail parou fora da tenda e virou-se para observar a montanha enorme, suspensa 400 metros acima da cidade de Pale. Esquadrinhou a face desgastada da Cria da Lua – seu nome desde que a feiticeira conseguia se lembrar. Irregular como um dente careado, a fortaleza de basalto era o lar do inimigo mais poderoso que o Império Malazano

já enfrentara. Bem acima do solo, a Cria da Lua não podia ser rompida por um cerco. Até mesmo o próprio exército morto-vivo de Laseen, o T'lan Imass, que viajava com a mesma facilidade que poeira ao vento, era incapaz – ou hesitava em fazer isso – de penetrar suas defesas mágicas.

Os magos de Pale haviam encontrado um aliado poderoso. Tattersail lembrava que o Império batera de frente com o misterioso Senhor da Lua uma vez antes, nos dias do imperador. As coisas tinham ameaçado ficar feias, mas a Cria da Lua se retirara do jogo. Ninguém ainda vivo lembrava o porquê, e esse era apenas um dos milhares de segredos que o imperador levara consigo para o túmulo aquoso.

O reaparecimento da Cria da Lua ali em Genabackis fora uma surpresa. E, daquela vez, não houve nenhum recuo de última hora. Meia dúzia de legiões de feiticeiros tiste andii desceram da Cria da Lua e, sob o comando de um líder militar chamado Caladan Brood, uniram forças com os mercenários da Guarda Escarlate. Juntos, os dois exércitos repeliram o Quinto Exército de Malaz, que vinha forçando caminho para o leste pela fronteira norte da planície Rhivi. Durante os quatro anos anteriores, o maltratado Quinto ficara atolado na floresta do Cão Negro, o que os forçou a tomarem uma atitude contra Brood e a Guarda Escarlate. Uma atitude que rapidamente se transformara em uma sentença de morte.

Entretanto, tornara-se claro que Caladan Brood e os tiste andii não eram os únicos habitantes da Cria da Lua. Um senhor oculto continuava no comando da fortaleza, trazendo-a até ali e selando um pacto com os formidáveis magos de Pale.

O quadro de Tattersail tinha poucas esperanças de ser um oponente magicamente à altura, de forma que o cerco estagnou-se, à exceção dos Queimadores de Pontes, que nunca pararam seus esforços teimosos para minar os muros antigos da cidade.

Fique, ela rogava para a Cria da Lua. *Vire sua face incessantemente, impeça o cheiro de sangue e os gritos dos agonizantes de se acomodarem nesta terra. Espere que pisquemos antes.*

Calot aguardou ao seu lado sem dizer nada, entendendo o ritual em que aquilo se transformara. Era uma das muitas razões por que Tattersail amava

aquele homem. Como um amigo, é claro. Não havia nada sério, nada assustador no amor por um amigo.

– Estou sentindo a impaciência de Hairlock – murmurou Calot.

A feiticeira suspirou.

– Eu também. É por isso que estou relutante.

– Eu sei, mas não podemos demorar muito, Sail. – Ele sorriu, travesso. – Maus modos...

– Hum, não podemos deixá-los chegar a conclusões precipitadas, podemos?

– Eles não teriam de se precipitar muito. De qualquer modo – disse Calot, e o sorriso dele vacilou um pouco –, vamos andando.

Alguns minutos depois, chegaram à tenda de comando. O único soldado de guarda na entrada parecia receoso ao prestar continência para os dois magos. Tattersail parou e procurou seus olhos.

– Sétimo Regimento?

Evitando o olhar dela, o guarda assentiu.

– Sim, feiticeira. Terceiro pelotão.

– Achei que você era familiar. Dê lembranças minhas ao sargento Rusty. – Ela se aproximou um passo. – Algo no ar, soldado?

Ele piscou.

– Algo bem forte no ar, feiticeira. Tanto quanto possível.

Tattersail lançou um olhar a Calot, que parara à entrada da tenda.

Calot encheu as bochechas, fazendo uma cara engraçada.

– Achei mesmo que tinha sentido o cheiro dele.

A feiticeira encolheu-se ante tal confirmação. O guarda, ela notou, suava por baixo do elmo de ferro.

– Obrigada pelo aviso, soldado.

– Sempre uma troca justa, feiticeira.

O homem prestou continência outra vez, agora de forma mais abrupta, e, à sua maneira, mais pessoal.

Anos e anos disso. Insistindo que sou da família para eles, alguém do Segundo Exército – a força mais antiga ainda intacta, pertencente ao próprio imperador. “Sempre uma troca justa, feiticeira.” Salve nossa pele que salvaremos a sua. Família, afinal. Por que, então, eu sempre me sinto

hostilizada por eles? Tattersail devolveu a saudação.

Os magos entraram na tenda de comando. Ela sentiu imediatamente a presença de poder, o que Calot chamara de *cheiro*. Fazia os olhos dele marejarem; causava enxaqueca nela. Aquela emissão de poder em especial, ela conhecia bem, e era um anátema de seu próprio poder, o que tornava as dores de cabeça ainda piores.

Dentro da tenda, lampiões lançavam uma luz turva e enfumaçada nas cadeiras de madeira, mais ou menos uma dúzia, do primeiro compartimento. Uma mesa dobrável em um dos cantos servia de apoio a uma jarra de estanho com vinho aguado e a seis taças manchadas, que brilhavam com gotículas de condensação.

Calot murmurou ao seu lado:

– Pelo sopro do Encapuzado, Sail, estou odiando isso.

Quando os olhos de Tattersail se acostumaram à penumbra, ela viu, pela abertura que levava ao segundo compartimento da tenda, uma figura familiar inclinada sobre o mapa da mesa de Dujek, com mãos de dedos compridos. Sua capa magenta ondulava como água, embora a pessoa se mantivesse imóvel.

– Ah, bem agora – sussurrou Tattersail.

– Exatamente o que pensei – comentou Calot, enxugando os olhos.

– Você acha que ele treina essa pose? – perguntou ela, enquanto se sentavam.

Calot sorriu.

– Com certeza. O Alto Mago de Laseen não conseguiria ler um mapa de estratégia de batalha nem se sua vida dependesse disso.

– Contanto que *nossas* vidas não dependam.

– Hoje nós vamos trabalhar – falou uma voz, vinda de uma cadeira próxima.

Tattersail fez uma careta para a escuridão sobrenatural que envolvia a cadeira.

– Você é tão ruim quanto Tayschrenn, Hairlock. E fique feliz de eu não ter escolhido me sentar nessa cadeira.

De forma irritante, uma fileira de dentes amarelos apareceu, e em seguida, ao extinguir o feitiço, o rosto do mago tomou forma. Gotas de suor marcavam a testa reta, cheia de cicatrizes, e a cabeça raspada. Nada incomum nisso: Hairlock poderia suar em uma geleira. Ele deixou a cabeça inclinada, assumindo uma

expressão que era uma mistura de desinteresse satisfeito com desdém. Fixou seus pequenos olhos escuros em Tattersail.

– Você se lembra de como é trabalhar, certo? – O sorriso dele aumentou, achatando ainda mais o nariz esmagado e desalinhado. – Era o que você estava fazendo antes de começar o rala e rola com nosso querido Calot aqui. Antes de você ficar *mole*.

Tattersail inalou ar para replicar, mas foi interrompida pela fala vagarosa e arrastada de Calot:

– Solitário, Hairlock? Eu deveria contar que as prostitutas que viajam com a campanha cobram o dobro de você? – Ele balançou uma das mãos, como se afastasse pensamentos repugnantes. – O fato é que Dujek escolheu Tattersail para comandar o quadro de magos depois da morte inoportuna de Nedurian, na floresta de Mott. Você pode não gostar, mas isso é uma pena. É o preço que paga pela ambivalência.

Hairlock baixou a mão e limpou uma mancha de sujeira em suas pantufas de cetim, que incrivelmente tinham passado imaculadas pelas ruas lamacentas do lado de fora.

– Fé cega, caros companheiros, é para os tolos...

Ele foi interrompido pelo barulho da lona da tenda se abrindo. O Alto Punho Dujek Umbraço entrou com o sabão com que se barbeara mais cedo ainda secando no pelo de suas orelhas, o cheiro de água de canela pairando ao seu redor.

Ao longo dos anos, Tattersail associara muitas coisas àquele aroma. Segurança, estabilidade, *sanidade*. Dujek Umbraço representava tudo isso, e não apenas para ela, mas para todo o exército que lutava por ele. Quando o Alto Punho parou no meio da sala e inspecionou os três magos, ela se reclinou um pouco e, sob as pálpebras pesadas, fitou-o. Três anos de passividade imposta naquele cerco agiram como um tônico rejuvenescedor para o homem. Ele dava a impressão de ter 50 anos em vez de 79. Seus olhos cinzentos continuavam perspicazes e firmes no rosto bronzeado e magro. Tinha a postura ereta e parecia mais alto que seu 1,70 metro, vestindo couro simples e sem adornos, manchado tanto pelo suor quanto pelo corante magenta imperial. O coto de seu braço esquerdo, cortado logo abaixo do ombro, estava envolto em tiras de couro. As

panturrilhas peludas, brancas como giz, eram visíveis entre as tiras de pele de tubarão das sandálias napanianas.

Calot tirou um lenço da manga e jogou-o para Dujek. O Alto Punho o pegou.

– Outra vez? Maldito barbeiro – grunhiu ele, limpando o sabão do queixo e das orelhas. – Juro que ele faz isso de propósito. – Enrolou o lenço e jogou-o no colo de Calot. – Agora, estamos todos aqui. Ótimo. Primeiro, os assuntos habituais. Hairlock, você já acabou de repreender os meninos lá embaixo?

Hairlock conteve um bocejo.

– Um sapador chamado Violinista me acompanhou e me mostrou o lugar. – Hairlock parou para puxar um fio de sua manga brocada, então encarou Dujek. – Dê-lhes seis ou sete anos e talvez consigam alcançar os muros da cidade.

– É inútil – interveio Tattersail. – Foi o que escrevi em meu relatório. – Ela olhou de soslaio para Dujek. – Na esperança de que ele chegasse à Corte Imperial.

– Chegaria mais rápido se você o levasse andando – disse Calot.

Dujek grunhiu; era o mais próximo que chegava de uma risada.

– Certo, ouçam com atenção. Duas coisas. – Uma leve careta perpassou suas feições cheias de cicatrizes. – Primeira: a imperatriz mandou a Garra. Estão na cidade, caçando os magos de Pale.

Um calafrio percorreu a espinha de Tattersail. Ninguém gostava de ter os Garras por perto. Aqueles assassinos imperiais – a arma preferida de Laseen – mantinham suas adagas envenenadas bem afiadas para qualquer um e todo mundo, inclusive malazanos.

Parecia que Calot estava pensando a mesma coisa, pois se endireitou na cadeira bruscamente.

– Se eles estiverem aqui por qualquer outra razão...

– Terão que passar por mim primeiro – interrompeu Dujek, sua única mão abaixando-se para descansar sobre o cabo da espada.

Ele tem plateia, ali na outra sala. Está dizendo ao homem que comanda a Garra como andam as coisas. Que Shedenul o abençoe.

– Eles vão se esconder – disse Hairlock. – São magos, não idiotas.

Levou um momento para Tattersail entender o comentário do homem. *Ah, certo. Os magos de Pale*.

Dujek lançou um olhar a Hairlock, sondando, e acabou assentindo.

– Segunda coisa: vamos atacar a Cria da Lua hoje.

No outro compartimento, o Alto Mago Tayschrenn virou-se ao ouvir tais palavras e aproximou-se devagar. De dentro de seu capuz, um largo sorriso enrugou seu rosto sombrio, uma fratura momentânea nas feições sem sulcos. O sorriso se desvaneceu rápido, a pele sempre jovem ficando suave outra vez.

– Olá, colegas – saudou, parecendo engraçado e ameaçador ao mesmo tempo.

Hairlock bufou.

– Mantenha o nível de melodrama baixo, Tayschrenn, e ficaremos todos mais felizes.

Ignorando o comentário de Hairlock, o Alto Mago continuou:

– A imperatriz perdeu a paciência com a Cria da Lua...

Dujek inclinou a cabeça, interrompendo-o com sua voz levemente áspera:

– A imperatriz está assustada o bastante para bater primeiro, e forte. Conte de forma simples, mago. É com sua linha de frente que você está falando. Mostre algum respeito, maldição.

O Alto Mago deu de ombros.

– Claro, Alto Punho. – Ele encarou o quadro de magos. – Seu grupo, eu e três outros Altos Magos atacaremos a Cria da Lua na próxima hora. A Campanha do Norte atraiu a maior parte dos habitantes do lugar para longe. Acreditamos que o Senhor da Lua esteja sozinho. Por quase três anos sua mera presença tem sido o suficiente para nos conter. Esta manhã, meus colegas, testaremos a impetuosidade desse senhor.

– E esperar como o inferno que ele tenha blefado todo esse tempo – acrescentou Dujek, com uma careta aprofundando as linhas de sua testa. – Alguma pergunta?

– Quanto tempo leva para eu conseguir uma transferência? – perguntou Calot.

Tattersail pigarreou.

– O que sabemos a respeito do Senhor da Cria da Lua? – perguntou ela.

– Temo que bem pouco – respondeu Tayschrenn, com os olhos ocultos. – Um tiste andii, com certeza. Um arquimago.

Hairlock inclinou-se para a frente e deliberadamente cuspiu no chão diante de Tayschrenn.

– Tiste andii, Alto Mago? Acho que podemos ser um pouquinho mais específicos, não é?

A enxaqueca de Tattersail piorou. Ela percebeu que prendia a respiração e a forçou para fora devagar, enquanto observava a reação de Tayschrenn, prestando atenção tanto às palavras do homem quanto à tradicional postura de desafio das Sete Cidades.

– Um arquimago – repetiu Tayschrenn. – Talvez *o* Arquimago dos tiste andii. Caro Hairlock – acrescentou, baixando a voz –, seus gestos tribais e primitivos continuam singulares, ainda que de mau gosto.

Hairlock arreganhou os dentes.

– Os tiste andii são os primeiros filhos da Mãe Escuridão. Você sentiu os tremores pelos Labirintos da Feitiçaria, Tayschrenn. Assim como eu. Pergunte a Dujek sobre os relatórios vindos da Campanha do Norte. Magia ancestral. Kurald Galain. O Senhor da Cria da Lua é o Arquimago Mestre, e você sabe o nome dele tão bem quanto eu.

– Eu não sei nada disso – vociferou o Alto Mago, perdendo a calma por fim. – Talvez você queira esclarecer, Hairlock, e depois quem sabe eu possa começar a inquiri-lo acerca de suas fontes.

– Ah! – Hairlock se inclinou para a frente em sua cadeira, com malícia ávida em seu rosto tenso. – Uma ameaça do Alto Mago. Agora estamos chegando a algum lugar. Responda-me, então: por que apenas três outros Altos Magos? Nós dificilmente temos tão poucos assim. Além disso, por que não fizemos isso dois anos atrás?

O que quer que estivesse crescendo entre Hairlock e Tayschrenn foi interrompido por Dujek, que grunhiu algo ininteligível antes de dizer:

– Estamos desesperados, mago. A Campanha do Norte deu errado. A porcaria do Quinto quase já era, e não vai receber nenhum reforço até a próxima primavera. A questão é que o Senhor da Cria da Lua pode trazer seu exército de volta a qualquer momento. Eu não quero ter que mandar vocês contra um exército de tiste andii, e com toda a maldita certeza não quero que o Segundo tenha que batalhar em duas frentes, com reforços que possam surgir contra ele.

Uma tática ruim, e, seja quem for esse Caladan Brood, já se provou capaz de nos fazer pagar por nossos erros.

– Caladan Brood – murmurou Calot. – Juro que já ouvi esse nome em algum lugar. Estranho eu não ter me preocupado com ele.

Tattersail estreitou os olhos para Tayschrenn. Calot estava certo: o nome do homem que comandava os tiste andii junto à Guarda Escarlate soava *mesmo* familiar, mas de um modo distante, ecoando lendas antigas, talvez, ou algum poema épico.

Os olhos do Alto Mago, rasos e calculistas, encontraram os dela.

– A necessidade de explicações acabou – disse ele, virando-se para os outros. – A imperatriz ordenou, e nós devemos obedecer.

Hairlock rosnou outra vez.

– Falando em ordenar e obedecer – disse ele, relaxando na cadeira, ainda sorrindo desdenhosamente para Tayschrenn –, você se lembra de como brincamos de gato e rato em Aren? Esse plano fede a você, que vem se coçando por uma chance como essa há um bom tempo. – O sorriso dele se tornou feroz. – Quem, então, são os outros três Altos Magos? Deixe-me adivinhar...

– Basta!

Tayschrenn aproximou-se de Hairlock, que ficou imóvel, com os olhos brilhando.

A luz dos lampiões diminuíra. Calot usou o lenço que tinha no colo para enxugar lágrimas de seu rosto. *Poder, ah, raios, minha cabeça parece que vai explodir.*

– Muito bem – sussurrou Hairlock. – Vamos esmiuçar tudo. Tenho certeza de que o Alto Punho vai apreciar que você ponha todas as suspeitas dele na ordem correta. Esclareça, velho amigo.

Tattersail lançou um olhar a Dujek. O comandante fechara a cara, com os olhos estreitos fixos em Tayschrenn; estava refletindo.

Calot inclinou-se para ela.

– Que raios está acontecendo, Sail?

– Não faço ideia – sussurrou ela –, mas está ficando bem quente.

Embora tivesse feito o comentário com calma, sua mente se revirava ao redor de um nó gelado de medo. Hairlock trabalhava para o império há mais

tempo do que ela, ou até mesmo do que Calot. Ele fora um dos feiticeiros que lutaram contra os malazanos nas Sete Cidades, antes de Aren cair e o Falah'd Sagrado ter se espalhado, antes de lhe ser dada a escolha de morrer ou servir a seus novos mestres. Ele se unira ao Segundo Quadro em Pan'potsun: assim como o próprio Dujek, ele também estivera lá, com a velha guarda do imperador, quando as primeiras víboras usurpadoras despertaram, no dia em que a Primeira Espada do Império fora traída e brutalmente assassinada. Hairlock *sabia* alguma coisa. Mas o quê?

– Tudo bem – resmungou Dujek. – Temos trabalho a fazer. Mãos à obra.

Tattersail suspirou. Era o jeito do velho Umbraço com as palavras. Ela deu uma olhada no homem. Conhecia-o bem, não como um amigo, já que Dujek não fazia amigos, mas como a melhor mente militar que restara no Império. Se, como Hairlock acabara de sugerir, o Alto Punho estivesse sendo traído por alguém em algum lugar, e se Tayschrenn fosse parte disso... *Somos um galho encurvado,* Calot dissera uma vez, a respeito do Exército de Umbraço, *e que o Império tenha cuidado quando ele quebrar. As tropas das Sete Cidades são os fantasmas presos dos conquistados, mas inconquistáveis...*

Tayschrenn gesticulou para ela e para os outros magos. Tattersail levantou-se, assim como Calot. Hairlock continuou sentado, com os olhos fechados como se estivesse dormindo.

– Sobre aquela transferência... – começou Calot.

– Mais tarde – grunhiu o Alto Punho. – Papelada é um pesadelo quando você só tem um braço.

Ele encarou seu quadro de magos e estava prestes a acrescentar alguma coisa, mas Calot falou antes:

– "Anomandaris".

Os olhos de Hairlock se abriram e fitaram Tayschrenn com uma satisfação reluzente.

– Ah – exclamou Hairlock, no silêncio que se seguiu ao pronunciamento lacônico de Calot. – Claro. Mais três Altos Magos? Só três?

Tattersail fitou o rosto pálido e imóvel de Dujek.

– O poema – disse ela, baixinho. – Eu me lembro agora.

Caladan Brood, o mercenário,
O que traz o inverno, o enterrado e sem remorso...

Calot declamou os versos seguintes:

... em um túmulo privado de palavras,
e em suas mãos que esmagaram bigornas...

Tattersail continuou:

... o martelo de sua canção –
ele vive adormecido, então dê um aviso silencioso
a todos – não o acordem.
Não o acordem.

Todos no compartimento encaravam Tattersail quando suas palavras morreram.

– Ele está acordado, ao que parece – disse ela enfim, com a boca seca. – "Anomandaris", o poema épico de Fisher Keltath.

– O poema não é sobre Caladan Brood – interveio Dujek, franzindo o cenho.

– Não – concordou ela. – É sobre seu companheiro.

Hairlock pôs-se em pé lentamente. Aproximou-se de Tayschrenn.

– Anomander Rake, o senhor dos tiste andii, que são as almas da Noite sem Estrelas. Rake, a Juba do Caos. É ele o Senhor da Lua, e você está opondo a ele quatro Altos Magos e um único quadro.

O rosto suave de Tayschrenn adquiriu um brilho fraco de suor.

– Os tiste andii não são como nós – disse ele, em tom uniforme. – Para vocês, eles podem parecer imprevisíveis, mas não são. Só diferentes. Não têm causa própria. Eles simplesmente passam de uma tragédia humana para a próxima. Você acha mesmo que Anomander Rake vai ficar e lutar?

– Caladan Brood já recuou? – vociferou Hairlock.

– Ele não é tiste andii, Hairlock. Ele é humano. Alguns dizem que tem

sangue barghastiano, mas mesmo assim não tem nada do sangue ancestral nem seus costumes.

– Você está contando com que Rake traia os magos de Pale – disse Tattersail. – Traia o pacto firmado entre eles.

– O risco não é tão grande quanto pode parecer – falou o Alto Mago. – Bellurdan fez uma investigação em Genabaris, feiticeira. Alguns novos pergaminhos da *Loucura de Gothos* foram descobertos em uma fortificação na montanha que fica além da floresta do Cão Negro. Entre os escritos, há discussões a respeito dos tiste andii e dos outros povos da Era Ancestral. E lembre-se de que a Lua já recuou de um confronto direto com o Império antes.

As ondas de medo que percorriam Tattersail deixaram-na com as pernas bambas. Ela se sentou outra vez, tão pesadamente que a cadeira do acampamento rangeu.

– Você nos condenou à morte, se sua aposta se provar errada – afirmou a feiticeira. – Não apenas nós, Alto Mago, mas todo o Exército de Umbraço.

Tayschrenn virou-se devagar, dando as costas para Hairlock e os outros.

– Ordens da imperatriz Laseen – disse, sem se voltar. – Nossos colegas virão pelo Labirinto. Quando chegarem, detalharei as posições. Isso é tudo.

Ele marchou para a sala do mapa, retomando sua posição original.

Dujek pareceu ter envelhecido diante dos olhos de Tattersail, que rapidamente desviou a atenção dele, angustiada demais para enfrentar o desamparo em seus olhos, com a suspeita solidificando-se sob a superfície. *Covarde, é isso que você é, mulher. Uma covarde.*

Por fim, o Alto Punho pigarreou e declarou:

– Preparem seus Labirintos, quadro. Como de costume, sempre uma troca justa.

Dê algum crédito ao Alto Mago, pensou Tattersail. Ali estava Tayschrenn, diante da primeira colina, quase sob a sombra da Cria da Lua. Haviam se dividido em três grupos, cada um posicionado no cume de uma colina, na planície fora dos muros de Pale. O quadro de magos era o mais distante e o grupo de Tayschrenn, o mais próximo. Na colina do meio encontravam-se os outros três Altos Magos.

Tattersail conhecia todos eles. Nightchill, de cabelos negros, alta, imperiosa e com um semblante cruel que costumava fazer o imperador babar. Ao lado dela, seu companheiro de toda a vida, Bellurdan, o esmagador de crânios, um gigante thelomênio que iria testar sua força estupenda contra o portão da Lua, se as coisas chegassem a esse ponto; e A'Karonys, o manipulador de fogo, baixo e redondo, com seu cajado flamejante mais comprido do que uma lança.

O Segundo e o Sexto Exércitos haviam formado fileiras na planície, com as armas preparadas e aguardando o chamado para marcharem contra a cidade quando chegasse o momento. Sete mil veteranos e quatro mil recrutas. As legiões de Moranthianos Negros alinhavam-se na cordilheira a oeste, a 400 metros de distância.

Nenhum vento agitava o ar do meio-dia. Mosquitos do pântano vagavam em nuvens visíveis ao redor dos soldados que esperavam lá embaixo. O céu estava nublado, a cobertura de nuvens era fina, mas absoluta.

Tattersail se encontrava no pico da colina, o suor escorrendo sob suas roupas. Observou os soldados na planície antes de encarar seu quadro, escasso. Se estivesse com sua força completa, haveria seis magos atrás dela, mas havia apenas dois. De um lado, Hairlock esperava, envolto na capa de chuva cinza-escura que era seu traje de batalha, parecendo confiante.

Calot cutucou Tattersail e indicou Hairlock com a cabeça.

– Com o que ele está tão feliz?

– Hairlock – chamou Tattersail, e o homem virou a cabeça. – Você estava certo quanto aos três Altos Magos?

Ele sorriu, então olhou para o outro lado novamente.

– Odeio quando ele esconde alguma coisa – disse Calot.

A feiticeira grunhiu.

– Ele concluiu alguma coisa. Certo. O que há de tão peculiar em Nightchill, Bellurdan e A'Karonys? Por que Tayschrenn os escolheu, e por que Hairlock saberia que ele os escolheria?

– Perguntas, perguntas – falou Calot, e suspirou. – Todos os três são veteranos, experientes nesse tipo de coisa. Lá atrás, na época do imperador, cada um comandou uma companhia de Adeptos, quando o Império tinha magos suficientes em seus postos para formar companhias de verdade. A'Karonys subiu

postos na Campanha de Falari, e Bellurdan e Nightchill já estavam lá antes: ambos vieram de Fenn, do continente de Quon, durante as Guerras de Unificação.

– Todos veteranos, como você disse – refletiu Tattersail. – Nenhum deles trabalhou recentemente, trabalhou? A última campanha deles foi a das Sete Cidades...

– Onde A'Karonys perdeu feio nos descampados de Pan'potsun.

– Ele foi deixado em suspenso... O imperador tinha acabado de ser assassinado. Tudo ficou caótico. Os t'lan imass se recusaram a reconhecer a nova imperatriz e marcharam eles mesmos contra Jhag Odhan.

– Dizem que estão de volta, com metade de suas forças. O que quer que tenham encontrado lá, não foi agradável.

Tattersail meneou a cabeça, concordando.

– Nightchill e Bellurdan tiveram que se reportar a Nathilog e foram deixados de lado nos últimos seis ou sete anos...

– Até Tayschrenn mandar o thelomênio para Genabaris, para estudar uma pilha de pergaminhos antigos, dentre tudo o que podia fazer.

– Estou com medo – admitiu Tattersail. – Com muito medo. Você viu a cara de Dujek? Ele *percebeu* alguma coisa... Uma súbita compreensão, que o atingiu como um punhal nas costas.

– Hora de trabalhar – anunciou Hairlock.

Calot e Tattersail se viraram.

Um arrepio percorreu o corpo dela. A Cria da Lua estivera orbitando regularmente nos três anos anteriores. Agora, simplesmente parara. Perto do topo, do lado virado para eles, havia um pequeno caminho, e um recanto sombrio aparecera. Um portal. Não tinha visto nenhum movimento ainda.

– Ele sabe – sussurrou ela.

– E não vai correr – acrescentou Calot.

Na primeira colina, o Alto Mago Tayschrenn levantou-se e ergueu os braços para os lados. Uma onda de chamas douradas atravessou suas mãos e girou para cima, crescendo à medida que avançava contra a Cria da Lua. O feitiço chocou-se contra a rocha negra, lançando pedaços para longe e depois para baixo. Uma chuva de morte caiu sobre a cidade de Pale e sobre as legiões malazanas que

aguardavam na planície.

– Começou – exalou Calot.

A resposta ao primeiro ataque de Tayschrenn foi o silêncio, exceto pela débil chuva de cascalho nos telhados ladrilhados da cidade e pelos gritos distantes de soldados feridos na planície. Os olhos de todos estavam presos acima.

A resposta não tinha sido a que esperavam.

Uma nuvem negra envolveu a Cria da Lua, seguida por um grito fraco. Logo depois a nuvem se espalhou, fragmentando-se, e Tattersail percebeu o que estava vendo.

Corvos.

Milhares e milhares de Grandes Corvos. Deveriam ter feito ninhos entre os penhascos e as falhas na superfície da Lua. Seus gritos tornaram-se mais definidos, como um urro de ultraje. Voavam da Lua em círculos, suas asas com 4,5 metros de envergadura encontrando o vento e erguendo-os bem acima da cidade e da planície.

O medo transformou-se em pavor no coração de Tattersail.

Hairlock latiu uma risada e virou-se para eles.

– Esses são os mensageiros da Lua, colegas! – Loucura reluzia em seus olhos. – Essas aves carniceiras! – Ele jogou a capa para trás e ergueu os braços. – Imagine um senhor que mantém trinta mil Grandes Corvos bem alimentados!

Uma figura apareceu no caminho diante do portal com os braços erguidos, e cabelos prateados compridos esvoaçavam de sua cabeça.

Juba do Caos. Anomander Rake. Senhor dos tiste andii de pele negra, que olhou de cima para cem mil invernos, que provou do sangue de dragões, que lidera o que sobrou de sua espécie, sentado no Trono do Lamento de um reino trágico e sobrenatural – um reino sem terras.

Anomander Rake parecia minúsculo contra a construção por trás dele, quase imaterial. A ilusão estava prestes a ser destruída. Tattersail ofegou quando a aura do poder se irradiou dele – *vê-la a tamanha distância...*

– Canalizem seus Labirintos – ordenou Tattersail, com a voz trêmula. – Agora!

Enquanto Rake reunia seu poder, duas bolas idênticas de fogo azul saídas da colina do meio avançaram para cima. Atingiram a Lua perto de sua base e a

balançaram. Tayschrenn lançou outra onda de chamas douradas que, ao colidir com a Lua, gerou espuma âmbar e fumaça vermelha.

O Senhor da Lua reagiu. Uma onda negra e contorcida girou para baixo, rumo à primeira colina. O Alto Mago jogou-se de joelhos, desviando-se; o cume ao seu redor secou quando o poder necrosante desceu pelas encostas, tragando as fileiras de soldados mais próximas. Tattersail observou um lampejo negro como a meia-noite engolir os homens indefesos, seguido por uma pancada que retumbou pelo solo. Quando o raio se dissipou, os soldados jaziam em montes putrefatos, ceifados como espigas de cereal.

Feitiçaria de Kurald Galain. Magia ancestral, o Sopro do Caos.

Com a respiração rápida e rasa no peito, Tattersail sentiu seu Labirinto Thyr correr por seu corpo. Ela lhe deu forma, murmurando baixo as palavras encadeadas, e soltou o poder. Calot fez o mesmo, lançando seu Labirinto Mockra. Hairlock cercou-se de sua fonte misteriosa, e o quadro de magos entrou na batalha.

Tudo se estreitou para Tattersail a partir dali, ainda que parte de sua mente permanecesse distante, presa a uma corrente de terror, observando com uma espécie de visão abafada tudo o que acontecia à sua volta.

O mundo se transformou em um pesadelo real, enquanto feitiços voavam para cima, contra a Cria da Lua, e feitiços choviam para baixo, indiscriminados e devastadores. A terra erguia-se na direção do céu em colunas trovejantes. Rochas cortavam homens como pedras quentes na neve. Um dilúvio de cinzas caiu para cobrir tanto os vivos quanto os mortos. O céu ganhou um rosa pálido; o sol se tornou um disco de cobre por trás da névoa.

Ela viu uma onda atravessar as defesas de Hairlock, cortando-o ao meio. Seu grito foi mais de raiva do que de dor, instantaneamente emudecido quando um poder virulento inundou Tattersail e ela percebeu que suas defesas haviam sido atacadas pela vontade fria e histérica do feitiço que procurava destruí-la. Ela cambaleou para trás, mas foi amparada por Calot, que acrescentou seu poder Mockra para reforçar as defesas vacilantes da feiticeira. O ataque passou, varrendo a colina à esquerda de ambos.

Tattersail caiu de joelhos. Calot ficou em pé ao seu lado, encadeando as palavras de poder ao seu redor e sem olhar para a Cria da Lua, fitando algo ou

alguém lá embaixo na planície. Seus olhos estavam arregalados de terror.

Tarde demais, Tattersail entendeu o que estava acontecendo. Calot a defendia em detrimento de si mesmo. Um último ato, enquanto ele assistia à própria morte explodir ao seu redor. Uma rajada de fogo brilhante o envolveu. A rede de proteção em torno de Tattersail desapareceu abruptamente. Uma ondulação de calor crepitante onde Calot estivera a fez tombar para o lado. Sentiu mais do que ouviu o próprio grito, e sua sensação de distância cercou-a. A camada de defesa mental fora apagada.

Cuspindo sujeira e cinzas, Tattersail ficou em pé e lutou, não mais em ataque, apenas batalhando para continuar viva. Em algum lugar no fundo de sua cabeça, uma voz gritava, urgente, em pânico: *Calot estava olhando a planície, não a Cria da Lua! Ele encarou o lado direito! O ataque a Hairlock veio da planície!*

Ela observou um demônio Kenryll'ah surgir abaixo de Nightchill. Rindo estridentemente, a criatura colossal e descarnada despedaçou Nightchill membro a membro. Ela já tinha começado a se alimentar quando Bellurdan chegou. O thelomênio urrou quando o demônio roçou as garras em forma de facas contra seu peito. Ignorando as feridas e o sangue que jorrava, Bellurdan uniu as mãos ao redor da cabeça do demônio e a esmagou.

A'Karonys lançou rajadas de fogo do cajado em suas mãos até a Cria da Lua quase desaparer dentro de uma bola flamejante. Asas etéreas de gelo fecharam-se ao redor do mago baixo e gordo, congelando-o onde se encontrava. Um instante depois, ele foi esmagado e virou pó.

Chovia magia numa tempestade interminável ao redor de Tayschrenn, no cume ressequido e escurecido em que ainda estava ajoelhado. A cada ataque que lhe era dirigido, ele o desviava para o lado, levando devastação para os soldados que rastejavam na planície. Acima do massacre que enchia o ar, acima das cinzas e dos corvos estridentes, acima da chuva de pedras e dos gritos dos feridos e moribundos, acima dos berros de congelar o sangue dos demônios que se atiravam sobre as tropas – acima disso tudo, soou o firme trovão do ataque do Alto Mago. Penhascos gigantescos, arrancados da parte dianteira da Lua, ardendo em chamas ferozes e soltando colunas de fumaça negra, caíram na cidade de Pale, transformando-a num caldeirão de morte e caos.

Com os ouvidos entorpecidos e o corpo latejando como se sua carne lutasse para respirar, Tattersail demorou a perceber que os feitiços haviam cessado. Até mesmo a voz guinchando no fundo de sua mente silenciara. Ela ergueu os olhos turvos para enxergar a Cria da Lua, soltando fumaça e pegando fogo em uma dúzia de pontos, o semblante devastado da montanha afastando-se, retirando-se. Passou da cidade, instável em suas rotações e inclinada para um lado. A Cria da Lua agora dirigia-se para o sul, rumo às montanhas Tahlyn.

Ela olhou em volta, recordando vagamente que uma companhia de soldados buscara refúgio no cume devastado. Algo lhe ocorreu, e ela usou tudo o que lhe restava para resistir à ideia. Não sobrara nada da companhia além das armaduras. *Sempre uma troca justa*, *feiticeira*. Ela lutou para reprimir o choro e voltou a atenção para a primeira colina.

Tayschrenn estava caído, mas vivo. Meia dúzia de soldados correu encosta acima e rodeou o Alto Mago. Um minuto depois, eles o carregaram dali.

Bellurdan, tendo a maior parte das vestes queimadas e a carne chamuscada e vermelha, permaneceu na colina do meio, reunindo os restos de Nightchill e erguendo a voz em um lamento pesaroso. A visão, com todo o seu terror e *páthos*, bateu no coração de Tattersail como um martelo em uma bigorna. Ela se virou depressa para outro lado.

– Maldito seja, Tayschrenn.

Pale caíra. O preço fora o Exército de Umbraço e quatro magos. Só então as legiões de Moranthianos Negros começaram a entrar. Tattersail travou a mandíbula, contraindo seus lábios em uma linha fina e branca. Algo cutucou sua memória, e ela teve uma certeza crescente de que aquela cena ainda não tinha terminado.

A feiticeira esperou.

Os Labirintos de Magia habitavam o além. Encontre o portal e abra uma fenda. O que vazar é seu para modelar. Com essas palavras, uma jovem iniciou o caminho para a feitiçaria. *Abra-se para o Labirinto que vem até você – que encontra você. Absorva seu poder – tanto quanto seu corpo e sua alma conseguirem conter –, mas lembre-se: quando seu corpo fracassa, o portal se*

fecha.

Os membros de Tattersail doíam. Era como se alguém tivesse passado as duas horas anteriores batendo nela com um porrete. A última coisa que havia esperado era aquele gosto amargo em sua língua, dizendo que algo perverso e feio chegara ao cume. Tais avisos dificilmente vinham para um praticante, a menos que o portal estivesse aberto, com um Labirinto descoberto e repleto de poder. Ela ouvira histórias de outros feiticeiros e lera pergaminhos mofados falando de momentos como aquele, quando o poder chegava gemendo, letal, a cada vez, dizia-se, que um *deus* tinha pisado o chão mortal.

Se ela pudesse apostar em uma presença imortal naquele lugar, entretanto, teria que ser o Encapuzado, o deus da Morte. Ainda assim, seus instintos diziam que não. Ela não acreditava que um deus houvesse chegado ali, mas *alguma outra coisa*. O que frustrava a feiticeira era o fato de ela não conseguir concluir quem, dentre as pessoas que a cercavam, representava o perigo. Algo continuava atraindo seu olhar de volta para a garota. Mas a criança parecia não estar inteiramente ali, na maior parte do tempo.

Vozes atrás dela enfim chamaram sua atenção. O sargento Whiskeyjack vigiava Ben Ligeiro e o outro soldado, ambos ajoelhados ao lado de Hairlock. Ben Ligeiro pegou um objeto retangular, envolto em couro, e olhou para o sargento como se pedisse aprovação.

Havia tensão entre os dois homens. Franzindo o cenho, Tattersail aproximou-se.

– O que você está fazendo? – perguntou ela a Ben Ligeiro, com os olhos no objeto que se encontrava nas mãos quase femininas do mago.

Ele pareceu não ter ouvido; fitava o sargento.

Whiskeyjack lançou-lhe um olhar.

– Vá em frente, Ligeiro – grunhiu ele, depois caminhou com passos firmes até a beira da colina, encarando o oeste, na direção das montanhas Moranthianas.

As feições delicadas e contemplativas de Ben Ligeiro endureceram. Ele assentiu para seu companheiro.

– Prepare-se, Kalam.

O soldado chamado Kalam inclinou-se para se apoiar em seus quadris; as mãos se escondiam dentro das mangas. A posição parecia uma reação estranha

ao pedido de Ben Ligeiro, mas o mago pareceu satisfeito. Tattersail observou-o pousar uma das mãos magras em forma de aranha no peito trêmulo e cheio de sangue de Hairlock. Ele sussurrou algumas palavras encadeadas e fechou os olhos.

– Isso pareceu Denul – disse Tattersail, olhando de relance Kalam, que permanecia imóvel de cócoras. – Mas não exatamente – acrescentou ela, devagar. – Ele o distorceu de algum modo.

A feiticeira ficou em silêncio, vendo algo em Kalam que fazia lembrar uma cobra esperando para dar o bote. *Não precisaria de muito para irritá-lo*, pensou ela. Apenas algumas palavras fora de hora, um movimento descuidado na direção de Ben Ligeiro ou Hairlock. O homem era imenso, grosseiro, mas Tattersail se lembrava de seu deslizar perigoso quando passou por ela. *Cobra, de fato; o homem é um assassino, um soldado que chegou ao nível seguinte na arte de matar. Não se trata apenas de um trabalho, esse homem gosta da coisa.* Ela se perguntava se não era aquela energia, aquela promessa silenciosa de ameaça, que a soterrava com o gosto de tensão sexual. Tattersail suspirou. Era um dia para perversidades.

Ben Ligeiro retomara suas palavras encadeadas, dessa vez sobre o objeto, que deixou ao lado de Hairlock. Ela observou o poder em espiral envolver o objeto embrulhado, vendo, com crescente apreensão, o mago traçar as costuras do couro com seus dedos compridos. A energia gotejava dele sob controle absoluto. Ele era superior à feiticeira naquela área de conhecimento; abrira um Labirinto que ela nem sequer reconhecia.

– Quem são vocês? – sussurrou ela, recuando um passo.

Os olhos de Hairlock se abriram, livres de dor e atordoamento. Seu olhar encontrou Tattersail, e o sorriso manchado veio fácil a seus lábios partidos.

– Artes perdidas, Sail. O que você está prestes a ver não é feito há mil anos. – O rosto dele escureceu, e seu sorriso se desvaneceu. Algo queimava em seus olhos. – Recorde, mulher! Calot e eu. Quando tombamos. O que você viu? Você sentiu alguma coisa? Algo estranho? Vamos, pense! Olhe para mim! Veja minha ferida, veja como estou deitado! Para que direção eu estava virado quando fui atingido?

Ela viu o fogo em seus olhos, raiva misturada a triunfo.

– Não estou certa – disse ela, devagar. – Alguma coisa, sim.

Aquela parte isolada e racional de sua mente que lutara com ela durante a batalha, que gritara em seus pensamentos na morte de Calot, o fizera em resposta às ondas de feitiços... *Ao fato de que eles vinham da planície*. Seus olhos se estreitaram, fixos em Hairlock.

– Anomander Rake não se importou em mirar. Ele estava atacando de forma indiscriminada. Aquelas ondas de poder foram *dirigidas*, não foram? Vieram até nós a partir do lado errado. – Ela tremia. – Mas, por quê? Por que Tayschrenn faria isso?

Hairlock estendeu a mão lacerada e agarrou a capa de Ben Ligeiro.

– Use-a, mago. Eu vou arriscar.

Os pensamentos de Tattersail entraram em um turbilhão. Hairlock fora mandado para os túneis por Dujek. E Whiskeyjack e seu pelotão haviam estado lá embaixo. Um acordo tinha sido feito.

– Hairlock, o que está acontecendo aqui? – pressionou ela, sentindo o medo contrair os músculos de seu pescoço e ombros. – O que você quer dizer com me "usar"?

– Você não é cega, mulher!

– Quieto – disse Ben Ligeiro.

Ele colocou o objeto no peito destruído do mago, posicionando-o de maneira cuidadosa, de forma a centralizá-lo longitudinalmente no esterno de Hairlock. A parte de cima terminava bem abaixo do queixo do homem, e a de baixo estendia-se alguns centímetros além do que sobrara de seu tronco. Teias de energia negra rodopiavam incessantemente ao redor da superfície manchada do couro.

Ben Ligeiro passou uma das mãos sobre o objeto e a teia estendeu-se para fora. Os fios pretos brilhantes traçaram um padrão caótico, que se insinuou por todo o corpo de Hairlock, sobre a carne e através dela – o padrão sempre mudando, as mudanças vindo cada vez mais rápido. Hairlock deu um solavanco, seus olhos incharam, e depois ele se reclinou. Uma expiração escapou de seus pulmões, em um silvo lento e constante. Quando acabou, com um gorgolejo úmido, o mago não inspirou outra vez.

Ben Ligeiro sentou-se e lançou um olhar para Whiskeyjack, que estava virado para eles, com uma expressão indecifrável.

Tattersail enxugou o suor de sua testa com a manga encardida.

– Então não funcionou – disse ela. – Você falhou no que quer que estivesse tentando fazer.

Ben Ligeiro ficou em pé. Kalam pegou o objeto embrulhado e aproximou-se de Tattersail. Os olhos do assassino estavam escuros e penetrantes ao examinarem seu rosto.

– Segure-o firme, feiticeira – ordenou Ben Ligeiro. – Leve-o para sua tenda e o desembrulhe lá. Acima de tudo, não deixe Tayschrenn vê-lo.

Tattersail fez uma careta.

– O quê? Só isso? – O olhar dela recaiu sobre o objeto. – Nem sei o que eu estaria aceitando. O que quer que seja, não gosto disso.

A menina falou bem atrás dela, com uma voz aguda e acusadora:

– Eu não sei o que você fez, mago. Senti você me manter longe. Isso foi rude.

Tattersail encarou a garota, depois lançou um olhar de volta a Ben Ligeiro. *O que é tudo isso?* A expressão do homem negro era glacial, mas a feiticeira viu a centelha de alguma coisa em seus olhos. Parecia medo.

Whiskeyjack virou-se para a garota ao ouvi-la e perguntou, num tom duro:

– Você tem algo a dizer sobre tudo isso, recruta?

Os olhos escuros da menina voltaram-se para o sargento. Ela deu de ombros e afastou-se. Kalam ofereceu novamente o objeto a Tattersail.

– Respostas – disse ele, em voz baixa, com sotaque do norte das Sete Cidades, melódico e articulado. – Todos nós precisamos de respostas, feiticeira. O Alto Mago matou seus companheiros. Olhe para nós. Somos tudo o que sobrou dos Queimadores de Pontes. Respostas não são obtidas... facilmente. Você vai pagar o preço?

Com uma última olhada para o corpo inanimado de Hairlock, tão brutalmente rasgado, e seu olhar agora fixo e sem vida, ela aceitou o objeto. Sentiu-o leve em suas mãos. O que quer que estivesse dentro do casulo de couro tinha um tamanho insignificante; partes do objeto se moviam, e ela sentia sob sua mão saliências e hastes de algo duro. A feiticeira encarou o rosto grosseiro do assassino.

– Eu quero ver Tayschrenn receber o que merece – disse ela, devagar.

– Então, estamos de acordo – retrucou Kalam, sorrindo. – É onde tudo começa.

Tattersail sentiu um frio no estômago diante daquele sorriso. *Mulher, o que deu em você?* Ela suspirou.

– Feito.

Ao se virar para descer a colina e tomar seu caminho de volta para o acampamento principal, os olhos de Tattersail encontraram os da garota. Um arrepio percorreu seu corpo. A feiticeira parou.

– Você, recruta – chamou. – Qual é o seu nome?

A menina sorriu, como se risse de uma piada interna.

– Piedade.

Tattersail grunhiu. Depois, entendeu. Enfiou o pacote embaixo do braço e desceu pelo caminho cambaleando.

O sargento Whiskeyjack chutou um elmo e observou-o cair e quicar colina abaixo. Então, virou-se e encarou Ben Ligeiro.

– Está feito?

Os olhos do mago dispararam para Piedade, e ele assentiu.

– Você vai atrair atenção indevida para nosso pelotão – disse a jovem a Whiskeyjack. – O Alto Mago Tayschrenn vai perceber.

O sargento arqueou uma sobrancelha.

– Atenção indevida? Que raios isso quer dizer?

Piedade não respondeu.

Whiskeyjack reprimiu palavras afiadas. Como Violinista a chamara? *Uma vadia horripilante*. Ele dissera aquilo na frente dela, e a menina apenas o encarara com aqueles pétreos olhos mortos. Apesar de odiar admitir, Whiskeyjack concordava com a avaliação rude do sapador. O que tornava as coisas ainda mais perturbadoras era que aquela garota de 15 anos apavorara Ben Ligeiro, e o mago não queria falar a respeito. O que o Império enviara a ele?

Seu olhar voltou para Tattersail. Ela estava cruzando o campo do massacre lá embaixo. Os corvos voavam aos gritos para longe de seu caminho e ficavam circulando acima, com seu crocitar inquieto e assustado. O sargento sentiu a

presença sólida de Kalam ao seu lado.

– Pelo sopro do Encapuzado – balbuciou Whiskeyjack. – Essa feiticeira parece um terror profano para aqueles pássaros.

– Não é ela – disse Kalam. – É o que ela está carregando.

Whiskeyjack coçou a barba, com os olhos se estreitando.

– Isso fede. Você tem certeza de que é necessário?

Kalam deu de ombros.

– Whiskeyjack – falou Ben Ligeiro atrás deles –, eles nos *mantiveram* nos túneis. Você acha que o Alto Mago não conseguiria adivinhar o que iria acontecer?

O sargento encarou o mago. Uma dúzia de passos adiante se encontrava Piedade, bem ao alcance da voz deles. Whiskeyjack exibiu uma carranca, mas não disse nada.

Após um momento de silêncio pesado, o sargento voltou sua atenção para a cidade. A última das legiões moranthianas marchava sob o arco do Portão Oeste. Colunas de fumaça negra erguiam-se por trás dos muros golpeados e marcados. Ele sabia alguma coisa a respeito da história de hostilidade implacável entre os moranthianos e os cidadãos do que fora a Cidade Livre de Pale. Rotas de comércio contestadas, dois poderes mercantis em furioso desacordo. E Pale vencia com maior frequência. Finalmente parecia que os guerreiros de armaduras negras – vindos de além das montanhas ocidentais, cujas faces permaneciam escondidas por trás das máscaras de quitina em seus elmos e que falavam com estalos e zumbidos – iam empatar. Vagamente, além dos gritos das aves carniceiras, chegavam os lamentos de homens, mulheres e crianças morrendo à espada.

– Parece que a imperatriz está cumprindo sua palavra com os moranthianos – disse Ben Ligeiro, em voz baixa. – Uma hora de carnificina. Eu não pensei que Dujek...

– Dujek conhece suas ordens – interrompeu Whiskeyjack. – E está com um Alto Mago no ombro.

– Uma hora – repetiu Kalam. – Depois limpamos a bagunça.

– Não o nosso pelotão – disse Whiskeyjack. – Recebemos novas ordens.

Os dois homens fitaram o sargento.

– E você ainda precisa ser convencido? – pressionou Ben Ligeiro. – Eles vão nos fazer trabalhar até a exaustão. Eles querem...

– Basta! – bradou Whiskeyjack. – Agora não. Kalam, encontre Violinista. Precisamos nos reabastecer com os moranthianos. Reúna os outros, Ligeiro, e leve Piedade com você. Encontrem-me na frente da tenda do Alto Punho em uma hora.

– E você? – quis saber Ben Ligeiro. – O que vai fazer?

O sargento percebeu uma ânsia mal disfarçada na voz do mago. O homem precisava de um rumo, ou talvez de uma confirmação de que eles estavam fazendo a coisa certa. *Um pouco tarde para isso*. Mesmo assim, Whiskeyjack sentiu uma pontada de arrependimento: não podia dar o que Ben Ligeiro mais queria. Não podia dizer a ele que as coisas iriam melhorar. Deixou-se cair de cócoras, com os olhos em Pale.

– O que vou fazer? Vou pensar um pouco, Ben Ligeiro. Tenho ouvido você e Kalam, Marreta e Violinista, e até Trote tem tagarelado na minha orelha. Bem, agora é minha vez. Então, me deixe em paz, mago, e leve essa maldita garota com você.

Ben Ligeiro encolheu-se, parecendo recuar. Algo nas palavras de Whiskeyjack o deixara bastante infeliz. Ou talvez tudo.

O sargento estava cansado demais para se preocupar com isso. Tinha que refletir sobre a nova missão do pelotão. Se fosse um homem religioso, Whiskeyjack teria deixado sangue na Tigela do Encapuzado, recorrendo aos espectros de seus ancestrais. Embora odiasse admitir, compartilhava o mesmo sentimento de seu pelotão: alguém no Império queria os Queimadores de Pontes mortos.

Pale ficara para trás; nada além do gosto de cinzas em sua boca sobrara do pesadelo. À frente havia o próximo destino: a lendária cidade de Darujhistan. Whiskeyjack teve uma premonição de que um novo pesadelo estava para começar.

No acampamento, que ficava além do último pico das colinas nuas, carroças puxadas por cavalos e carregadas de soldados feridos apinhavam-se nos

corredores estreitos entre as filas de tendas. Toda a ordem precisa do acampamento malazano fora desintegrada e o ar estava febril, com soldados gritando de dor, dando voz ao horror.

Tattersail caminhou por entre sobreviventes atordoados, atravessando poças de sangue nas marcas deixadas pelas rodas das carroças. Seus olhos se detiveram em uma pilha abominável de membros cortados do lado de fora das tendas dos amputadores. Da imensa extensão do aglomerado de tendas e abrigos dos seguidores do acampamento veio um pranto lamentoso, um coro de milhares de vozes. O som era um lembrete aterrorizante de que a guerra sempre causava amargura.

Em algum quartel-general militar na capital imperial, Unta, a quase 17 mil quilômetros, um ajudante anônimo pintaria uma linha vermelha sobre o nome do Segundo Exército na lista de ativos, escrevendo depois ao lado, com uma letra bonita: *Pale, último inverno, ano 1163 do Sono da Incineração*. Assim seria anotada a morte de 9 mil homens e mulheres. E então esquecida.

Tattersail fez uma careta. *Alguns de nós não esqueceremos*. Os Queimadores de Pontes nutriam algumas suspeitas assustadoras. A ideia de desafiar Tayschrenn em um confronto direto tinha algum encanto para seu senso de ultraje e – se de fato o Alto Mago *houvesse* matado Calot – para a sensação de ter sido traída. Sabia, entretanto, que suas emoções eram ótimas em fazê-la se precipitar. Um duelo mágico com o Alto Mago do Império iria comprar-lhe uma passagem rápida para o Portão do Encapuzado. Ira hipócrita já colocara mais corpos no chão do que um império poderia alegar ter feito. Como Calot costumava dizer: *Sacuda seus punhos o quanto quiser, mas estar morto é estar morto*.

A feiticeira testemunhara cenas de mortes demais desde que se unira às fileiras do Império Malazano, mas pelo menos nenhuma poderia ser atribuída a ela. Essa era a diferença, e fora o suficiente por muito tempo. *Não sou mais como já fui. Passei vinte anos lavando sangue de minhas mãos*. Naquele exato momento, no entanto, a imagem que se erguia novamente, repetidas vezes, por trás de seus olhos, era a das armaduras vazias no topo da colina, o que dilacerava seu coração. Aqueles homens e mulheres haviam corrido *para ela*, procurando proteção contra os horrores da planície abaixo. Fora um ato desesperado – e fatal

–, mas ela o compreendia. Tayschrenn não se importava com eles, mas ela, sim. Ela era uma deles. Em batalhas passadas, haviam lutado como cachorros raivosos para impedir que as legiões inimigas a matassem. Daquela vez, fora uma guerra de magos. O território *dela*. Trocavam-se favores no Segundo. Era o que mantinha todos vivos, e o que fizera do Segundo uma legião lendária. Aqueles soldados tinham expectativas, e tinham direito a elas. Eles foram até ela para serem salvos. E morreram por isso.

E se eu tivesse me sacrificado por eles? Lançado minhas defesas do Labirinto ao redor deles em vez de proteger minha pele? A feiticeira sobrevivera por instinto, e seus instintos não tinham nada a ver com altruísmo. Esse tipo de pessoa não vive muito na guerra.

Estar viva, concluiu Tattersail ao se aproximar de sua tenda, não é a mesma coisa que se sentir bem com isso. Entrou na tenda, fechou a abertura atrás dela e examinou seus pertences. Poucos, depois de 219 anos de vida. O baú de carvalho que continha seu livro de feitiçaria Thyr continuava selado por feitiços de defesa; a pequena coleção de instrumentos de alquimia jazia espalhada sobre a mesa ao lado de seu catre, como brinquedos de criança abandonados no meio do jogo.

Em meio à bagunça estava seu Baralho de Dragões. Seu olhar demorou-se sobre as cartas de leitura antes de continuar a inspeção. Tudo parecia diferente, como se o baú, a alquimia e suas roupas pertencessem a outra pessoa: alguém mais jovem, alguém que ainda possuía um farrapo de vaidade. Apenas o Baralho – o Fatid – chamava-a como um velho amigo.

Tattersail adiantou-se e parou na frente dele. Com um gesto distraído, colocou na mesa o pacote que Kalam lhe dera, em seguida puxou um banquinho de baixo da mesa. Sentando-se, pegou o Baralho. Hesitou.

Fazia meses. Algo a afastara. Talvez a morte de Calot pudesse ter sido prevista, e talvez aquela suspeita estivesse andando de um lado para outro na escuridão de seus pensamentos todo aquele tempo. Dor e medo haviam moldado sua alma por toda a vida, mas seu tempo com Calot fora outro tipo de moldagem, algo leve, alegre, agradavelmente flutuante. Ela chamara aquilo de mera diversão.

– Não seria isso uma negação teimosa?

Tattersail ouviu a amargura em sua voz e odiou-se por isso. Seus velhos demônios estavam de volta, rindo da morte de suas ilusões. *Você já rejeitou o Baralho, na noite antes de a garganta do Escárnio ser aberta, na noite antes de o Dançarino e o homem que um dia governaria um Império se esgueirarem para dentro da Fortaleza de seu mestre, de seu amante. Você vai negar que existe um padrão, mulher?*

Com a visão desfocada pelas memórias que pensara estarem enterradas para sempre, ela olhou para o Baralho, piscando rápido.

– Será que eu quero que você fale comigo, velho amigo? Será que preciso de seus lembretes, de sua confirmação sarcástica de que fé é para tolos?

Um movimento lhe chamou a atenção. Algo dentro do couro encadernado se mexera. Saliências apareciam aqui e ali, forçando as costuras. Tattersail o fitou. Prendendo a respiração, alcançou o embrulho e colocou-o à sua frente. Pegou uma pequena adaga de seu cinto e começou a cortar as costuras. O objeto lá dentro ficou imóvel, como se esperando o resultado de seus esforços. A feiticeira descascou uma fatia do couro.

– Sail – disse uma voz familiar.

Seus olhos se arregalaram quando uma marionete de madeira usando vestes de seda amarela saiu da bolsa. Pintadas no rosto redondo, feições que ela reconhecia.

– Hairlock.

– Bom ver você outra vez – falou a marionete, ficando em pé. O boneco vacilou e estendeu mãos habilmente esculpidas para recobrar o equilíbrio. – E a alma trocou de lugar mesmo – comentou, tirando seu chapéu frouxo e executando uma reverência vacilante.

Transferência de alma.

– Mas esse feitiço está perdido há séculos. Nem mesmo Tayschrenn...

Ela parou, franzindo os lábios. Seus pensamentos voavam.

– Mais tarde – disse Hairlock. Ele deu alguns passos, depois inclinou a cabeça para a frente para analisar seu novo corpo. Suspirou. – Bem, não devemos nos preocupar com minúcias, certo? – Ele olhou para cima e fixou seus olhos pintados na feiticeira. – Você tem que ir até minha tenda antes que a ideia ocorra a Tayschrenn. Eu preciso do meu Livro. Você é parte disso agora. Não há

volta.

– Parte do quê?

Hairlock não respondeu, tendo quebrado o horripilante contato visual. Abaixou-se até ficar de joelhos.

– Achei mesmo que tinha farejado um Baralho – disse.

O suor corria em riachos frios debaixo dos braços de Tattersail. Hairlock a inquietara nas melhores ocasiões, *mas aquilo*... Ela conseguia sentir o cheiro do próprio medo. O fato de ele ter desviado o olhar a deixara grata por essa pequena misericórdia. Aquilo era Magia Ancestral, Kurald Galain, se as lendas fossem verdadeiras, e era mortal, perversa, crua e primitiva. Os Queimadores de Pontes tinham a reputação de ser uma gente vil, mas caminhar nos Labirintos mais próximos do Caos era pura loucura. Ou desespero.

Quase por vontade própria, seu Labirinto Thyr abriu-se e uma onda de poder encheu seu corpo exausto. Seus olhos voaram para o Baralho.

Hairlock provavelmente sentiu.

– Tattersail – sussurrou ele, em tom divertido –, venha. O Fatid está chamando você. Leia o que há para ser lido.

Profundamente perturbada por seu rubor de animação, Tattersail pegou seu Baralho de Dragões com relutância. Viu sua mão tremer ao se fechar sobre ele. Embaralhou devagar, sentindo o frescor das cartas de madeira envernizada fluindo para seus dedos e então seus braços.

– Sinto uma tempestade já soprando nelas – disse a feiticeira, cortando o Baralho e pondo-o na mesa.

A risada de Hairlock em resposta foi ansiosa e cruel:

– A primeira Casa determina o rumo do jogo. Rápido.

Ela virou a carta de cima. Prendeu a respiração.

– O Cavaleiro da Escuridão.

Hairlock suspirou.

– O Senhor da Noite rege a rodada. É claro.

Tattersail fitou a imagem. O rosto permanecia desfocado como sempre; o Cavaleiro estava nu, sua pele era preto-azeviche. Da cintura para cima era humano, musculoso, segurando no alto uma espada de duas mãos que soltava fumaça, correntes etéreas adormecendo na escuridão vazia ao fundo. A metade

de baixo de seu corpo era draconiana, escamas encouraçadas negras empalidecendo para cinza na barriga. Como sempre, notou algo novo, algo que nunca vira antes e que pertencia ao momento. Havia uma forma suspensa na escuridão acima da cabeça do Cavaleiro; ela conseguia detectá-la apenas no limite de sua visão, um indício vago que se desvanecia quando ela focava no local. *Claro, você nunca entrega a verdade com tanta facilidade.*

– Segunda carta – apressou-a Hairlock, agachando-se perto de onde estavam as cartas.

Ela virou a segunda carta.

– Oponn.

O Coringa do Acaso de duas caras.

– Que o Encapuzado amaldiçoe seus modos intrometidos – grunhiu Hairlock.

A Senhora se encontrava de cabeça para cima, e o olhar de seu gêmeo, de cabeça para baixo no pé da carta, era confuso. Assim era o caminho da sorte que retrocedia mais do que avançava: o caminho do sucesso. A expressão da Senhora parecia suave, quase terna, uma nova faceta mostrando como as coisas se equilibravam. Um segundo detalhe até então despercebido atraiu a atenção de Tattersail, exigindo uma análise intensa. Um minúsculo disco prateado atravessava o espaço pelo qual a mão direita do Senhor se estendia para tocar a pequena mão esquerda da Senhora. A feiticeira se inclinou para a frente, fitando-o com os olhos semicerrados. Uma moeda, cuja cara trazia uma cabeça de homem. Ela piscou. Não, de mulher. Depois homem, depois mulher. Ela se recostou de repente. A moeda estava girando.

– Próxima! – exigiu Hairlock. – Você está muito devagar!

Tattersail viu que a marionete não prestava atenção na carta Oponn e que provavelmente a olhara somente o bastante para identificá-la. Ela inspirou fundo. Hairlock e os Queimadores de Pontes estavam amarrados naquilo, ela sabia instintivamente, mas seu próprio papel ainda não fora decidido. Com aquelas duas cartas, a feiticeira já sabia mais do que eles. Ainda não era muito, mas poderia ser o suficiente para mantê-la viva no que estava por vir. Ela soltou todo o ar de uma vez, estendeu a mão e bateu com a palma em cima do Baralho.

Hairlock se sobressaltou, depois se virou para ela.

– Você vai parar no Coringa? A segunda carta? Absurdo! Continue, mulher!

– Não – replicou Tattersail, girando as cartas nas mãos e devolvendo-as ao Baralho. – Eu escolhi parar. E não há nada que você possa fazer a respeito.

Ela se levantou.

– Vadia! Eu posso matar você com um piscar de olhos! Aqui e agora!

– Ótimo – disse Tattersail. – Uma boa desculpa para perder o interrogatório de Tayschrenn. Por favor, continue, Hairlock.

Cruzando os braços, ela esperou. A marionete rosnou.

– Não – falou Hairlock. – Eu preciso de você. E você despreza Tayschrenn ainda mais do que eu. – Ele inclinou a cabeça, reconsiderando suas últimas palavras, então soltou uma risada. – Assim, estou certo de que não haverá traição.

Tattersail pensou a respeito.

– Você está certo. – Ela se virou e caminhou para a abertura da tenda. Sua mão se fechou sobre a lona áspera, depois parou. – Hairlock, você consegue ouvir bem?

– Bem o bastante – grunhiu a marionete atrás dela.

– Você está ouvindo alguma coisa?

Uma moeda girando?

– Sons do acampamento, só. Por quê? O que você está ouvindo?

Tattersail sorriu. Sem responder, puxou a borda da abertura da tenda e saiu. Ao caminhar para a tenda de comando, uma esperança estranha cantou dentro dela.

Nunca havia tido o Oponn como um aliado. Contar com a sorte em qualquer coisa era pura idiotice. A primeira Casa que tirara, a Escuridão, tocara sua mão de forma fria como gelo, ruidosa com o som de ondas de violência colidindo e poder fluindo ensandecido. Ainda assim, havia ali uma sensação estranha, algo parecido com salvação. O Cavaleiro poderia ser inimigo ou aliado, ou, mais provavelmente, nenhum dos dois. Apenas se encontrava ali, imprevisível, egoísta. Oponn, entretanto, cavalgava na sombra do guerreiro, deixando a Casa da Escuridão a oscilar nos limiares, suspensa em um lugar entre a noite e o dia. Mais do que qualquer outra coisa, fora a moeda girando de Oponn que exigira sua decisão de parar.

Hairlock não ouvira nada. *Maravilhoso.*

Mesmo ali, ao se aproximar da tenda de comando, o som fraco continuava dentro de sua cabeça, como ficaria durante algum tempo, acreditava ela. A moeda girava e girava. Oponn rodopiava duas caras para o cosmos, mas era a aposta da Senhora. *Continue girando, prata. Continue girando.*

CAPÍTULO 3

Thelomen Tartheno Toblakai...
encontre os nomes de um povo
tão relutante em se desvanecer
até o esquecimento...
Sua lenda apodrece
minha forma cínica e arruína
meus olhos com glória luminosa...
“Não atravesse a jaula leal
que abraça seu coração inexpugnável...
... Não atravesse esses menires impassíveis,
sempre leais à terra.”
Thelomen Tartheno Toblakai...
Ainda em pé, esses pilares gigantescos
estragam a fuga gélida
de minha mente...

Loucura de Gothos (II.iv), Gothos (nasc. ?)

A trirreme imperial cortava as ondas do mar aberto como uma implacável lâmina de machado, velas estendidas e mastros estalando sob o vento constante. O capitão Ganoes Paran permanecia em sua cabine. Já havia algum tempo se cansara de vasculhar o horizonte oriental à procura do primeiro vislumbre de terra. Iam vê-la, e não demoraria.

Recostou-se na parede inclinada oposta à sua cama, observando os lampiões balançarem, e preguiçosamente atirou sua adaga no mastro solitário do centro da mesa, já marcado por incontáveis buracos minúsculos.

Uma brisa fria e fedorenta varreu seu rosto, e ele se virou para ver Topper emergir do Labirinto Imperial. Fazia dois anos que não via o Comandante da Garra.

– Pelo sopro do Encapuzado, homem – disse Paran –, você não consegue encontrar outra cor de roupa? Esse amor perverso pelo verde deve ter cura, com certeza.

O alto mestiço de tiste andii parecia estar vestindo as mesmas roupas da última vez que Paran o vira: lã verde, couro verde. Apenas os anéis incontáveis em seus dedos compridos mostravam algum traço de outra cor. O Comandante da Garra chegara de mau humor, e as primeiras palavras de Paran não o melhoraram.

– Você acha que eu gosto dessas jornadas, capitão? Procurar um navio no meio do oceano é um desafio para a feitiçaria que poucos conseguem enfrentar.

– Isso torna você um mensageiro digno de confiança, então – murmurou Paran.

– Vejo que não fez nenhum esforço para melhorar sua civilidade, capitão. Admito não compreender a confiança da conselheira em você.

– Não perca seu sono pensando nisso, Topper. Agora que me encontrou, qual é a mensagem?

O homem fez uma carranca.

– Ela está com os Queimadores de Pontes. Do lado de fora de Pale.

– O cerco continua? De quando é sua informação?

– De menos de uma semana atrás, que é o tempo que levei para caçar você. Em todo caso – continuou Topper –, o impasse está para ser resolvido.

Paran grunhiu, depois franziu o cenho.

– Qual pelotão?

– Você conhece todos?

– Sim – afirmou Paran.

A carranca de Topper se aprofundou; ele ergueu a mão e começou a analisar seus anéis.

– O de Whiskeyjack. Ela é uma recruta dele.

Paran fechou os olhos. Não deveria ter ficado surpreso. *Os deuses estão brincando comigo. A questão é: que deuses? Ah, Whiskeyjack. Você já comandou um exército, na época em que Laseen se chamava Surly, quando você poderia ter dado ouvidos a seu companheiro, quando poderia ter feito uma escolha. Você poderia ter impedido Surly. Inferno, talvez pudesse ter me*

impedido. Mas agora você comanda um pelotão, apenas um pelotão, e ela é a imperatriz. E eu? Eu sou um tolo que seguiu um sonho, e agora tudo o que quero é que isso acabe. Ele abriu os olhos e fitou Topper.

– Whiskeyjack. A Guerra das Sete Cidades: pela brecha em Aren, o Deserto Sagrado Raraku, Pan'potsun, Nathilog...

– Tudo na época do imperador, Paran.

– Então – retrucou Paran –, tenho que tomar o comando do pelotão de Whiskeyjack. A missão vai nos levar a Darujhistan, a cidade das cidades.

– Sua recruta está mostrando os poderes dela – informou Topper, fazendo uma careta. – Ela corrompeu os Queimadores de Pontes, talvez até mesmo Dujek Umbraço e o Segundo e o Terceiro Exército inteiros, em Genabackis.

– Você não pode estar falando sério. Além disso, minha preocupação é com a recruta. Com ela. Só ela. A conselheira concorda que esperamos tempo suficiente. Agora você está me dizendo que esperamos tempo demais? Eu não acredito que Dujek esteja prestes a se tornar um renegado... não Dujek. Nem Whiskeyjack.

– Você deve proceder conforme planejado, mas fui instruído a lembrá-lo de que sigilo é primordial, agora mais do que nunca. Um agente da Garra irá contatá-lo assim que você chegar a Pale. Não confie em mais ninguém. Sua recruta encontrou a arma e quer atingir o coração do Império com isso. Fracasso não é uma opção. – Os olhos estranhos de Topper brilharam. – Agora, se você se sente inadequado à tarefa...

Paran observou o homem diante dele. *Se é tão ruim quanto você está descrevendo, por que não enviar um punhado de assassinos da Garra?*

Topper suspirou como se, de algum modo, tivesse ouvido a pergunta silenciosa de Paran.

– Um deus a está usando, capitão – disse Topper. – Ela não morrerá facilmente. O plano para lidar com ela exigiu... ajustes. Expansão, na verdade. Ameaças adicionais devem ser enfrentadas, mas esses fios já foram tecidos. Faça como lhe foi ordenado. Todo risco deve ser eliminado se vamos tomar Darujhistan, e a imperatriz *quer* Darujhistan. Ela também acha que é hora de Dujek Umbraço ser... – ele sorriu –... desarmado.

– Por quê?

– Ele tem seguidores. Ainda se diz que o imperador tinha o velho Umbraço em mente como seu herdeiro.

Paran bufou.

– O imperador planejava governar para sempre, Topper. Essa suspeita de Laseen é simplesmente ridícula e só persiste porque justifica a paranoia dela.

– Capitão – disse Topper, em voz baixa –, homens mais grandiosos que você morreram por muito menos. A imperatriz espera obediência de seus servos e exige lealdade.

– Qualquer governante sensato desejaria o inverso em relação à expectativa e à exigência.

Os lábios de Topper se comprimiram em uma linha pálida.

– Assuma o comando do batalhão, fique perto da recruta, mas não faça nada que a leve a suspeitar de você. Uma vez a postos, você tem que esperar. Entendido?

Paran desviou o olhar, que encontrou a abertura do portal. Além, via-se um céu azul. Havia omissões demais, meias verdades e mentiras indiscutíveis naquilo... naquela confusão caótica. *Como vou agir quando chegar a hora? A recruta tem que morrer. Ao menos, isso é certo. Mas e o resto? Whiskeyjack, eu me lembro de você, era corajoso e orgulhoso na época, e em meus sonhos nunca imaginei esse pesadelo crescente. Terei seu sangue em minhas mãos quando tudo isso terminar?* Bem no fundo, ele percebeu, Paran não sabia mais quem era o maior traidor em tudo aquilo, se é que havia um traidor. Seria o Império apenas a imperatriz? Ou era alguma outra coisa, um legado, uma ambição, um objetivo distante de paz e riqueza para todos? Ou talvez uma fera que não conseguia parar de devorar? Darujhistan: a maior cidade do mundo. Ela chegaria em chamas ao Império? Seria sábio abrir seus portões? Dentro das fronteiras tumultuadas do Império Malazano, pessoas viviam em uma paz enorme, que seus ancestrais jamais imaginariam possível; e, se não fosse pela Garra e pelas guerras intermináveis em terras distantes, haveria liberdade também. Teria sido aquele o sonho do imperador, no começo? Isso ainda importava?

– Minhas instruções foram entendidas, capitão?

Paran encarou o homem e balançou a mão.

– O bastante.

Rosnando, Topper abriu os braços. O Labirinto Imperial escancarou-se atrás dele. O Garra deu um passo para trás e desapareceu.

Paran inclinou-se para a frente com a cabeça nas mãos.

Era a Estação das Correntes e, na cidade portuária de Genabaris, os pesados navios de transporte malazanos balançavam-se e contorciam-se, lutando como feras gigantescas contra as cordas que os prendiam. Os ancoradouros, desabituados com tais embarcações descomunais atracadas, estalavam de forma preocupante a cada puxão teimoso e selvagem em seus postes.

Caixotes e trouxas embrulhadas em tecido enchiam a área, provisões frescas das Sete Cidades destinadas às linhas de frente. Fornecedores de suprimentos trepavam em cima deles como macacos, procurando selos de identificação e tagarelando uns com os outros acima das cabeças dos trabalhadores das docas e dos soldados.

O agente recostou-se em um caixote na base do ancoradouro, com os braços musculosos cruzados e os olhos pequenos e estreitos fixos no oficial sentado sobre um pacote a uns 30 metros do cais. Nenhum dos dois se mexeu por uma hora.

O agente estava enfrentando dificuldades para se convencer de que aquele era o homem que ele fora enviado para buscar. O oficial aparentava ser terrivelmente jovem, e tão verde quanto a água rançosa daquela baía. Seu uniforme ainda trazia as linhas de giz desenhadas pelo alfaiate; o punho de couro de sua espada não mostrava uma única mancha de suor. Ele tinha um fedor de nobreza ao seu redor, como uma nuvem perfumada, e, durante a hora anterior, estivera apenas sentado ali, com as mãos no colo e os ombros caídos, observando, como uma vaca estúpida, a atividade frenética à sua volta. Embora tivesse sido promovido a capitão, nem um único soldado se incomodava em prestar continência para ele – o “fedor” não era sutil.

A conselheira devia ter levado uma pancada na cabeça durante a última tentativa de assassinato da imperatriz. Era a única explicação possível para aquela farsa de homem ser incumbida do tipo de serviço que o agente estava prestes a apresentar. *Em pessoa*, *ainda por cima*. Naqueles dias, concluiu

amargamente, todo o espetáculo estava sendo dirigido por idiotas.

Com um suspiro alto, o agente forçou-se a ficar em pé e dirigiu-se ao oficial. O homem nem sequer notara que tinha companhia até o agente parar em sua frente; só então olhou para cima.

O agente fez algumas reconsiderações rápidas. Alguma coisa no olhar daquele homem era perigosa. Havia um brilho ali, enterrado fundo, que fazia seus olhos parecerem mais velhos do que o restante do rosto.

– Nome?

A pergunta do agente soou como um grunhido tenso.

– Você não se apressou – disse o capitão, levantando-se.

Um canalha alto, além de tudo. O agente torceu o nariz. Odiava canalhas altos.

– Quem você está esperando, capitão?

O homem deu uma olhada no cais.

– A espera acabou – afirmou o capitão. – Vamos andar. Vou apenas confiar que você sabe aonde estamos indo.

O oficial esticou a mão e pegou uma mochila, depois tomou a dianteira.

O agente se adiantou para o lado do capitão.

– Ótimo – grunhiu ele. – Que seja assim.

Deixaram o cais e o agente indicou que virassem na primeira rua à direita.

Um quorl verde chegou na noite passada. Você será levado diretamente para a floresta das Nuvens, e de lá um Negro o levará a Pale. – O capitão fitou o agente com um olhar vazio. – Você nunca ouviu falar de quorls?

– Não. Presumo que sejam meios de transporte. Por que outra razão eu teria sido tirado de um navio a mais de 5 mil quilômetros de Pale?

– Os moranthianos os usam, e usamos os moranthianos. – O agente torceu o nariz. – Nós os temos usado muito, ultimamente. Os Verdes fazem a maior parte dos trabalhos de correio e levam pessoas como eu e você por aí, mas os Negros estão alocados em Pale, e os diferentes clãs não gostam de se misturar. Os moranthianos são compostos de um punhado de clãs, têm cores por nomes, e as vestem também. Ninguém fica confuso assim.

– E eu vou viajar com um Verde, em um quorl?

– Isso mesmo, capitão.

Dirigiram-se para uma rua estreita. Guardas malazanos postavam-se em cada cruzamento, empunhando armas.

O capitão respondeu à continência de um desses pelotões.

– Tendo problemas com insurreições? – ele perguntou ao agente.

– Insurreições, sim. Problemas, não.

– Vamos ver se estou entendendo direito. – O tom do capitão era duro. – Em vez de me deixarem ir de navio até um lugar mais próximo de Pale, vou cavalgar sobre terra com um punhado de selvagens semi-humanos que cheiram e se vestem como gafanhotos. Desse modo, ninguém vai notar, especialmente porque levaremos um ano para chegar a Pale e, a essa altura, tudo já terá ido para o inferno. Estou certo até aqui?

Sorrindo, o agente balançou a cabeça. Apesar de seu ódio por homens altos ou, na verdade, mais altos do que ele, sentiu sua guarda baixar. Pelo menos aquele oficial falava de forma direta e, para um nobre, isso era bem impressionante. Talvez Lorn ainda tivesse as velhas manhas, no fim das contas.

– Você disse sobre terra? Bom, capitão, com certeza. Bem acima da terra. – Ele parou diante de uma porta insignificante e virou-se para o oficial. – Quorls voam, sabe? Eles têm asas. Quatro, na verdade. Você consegue enxergar através de cada uma delas e, se quiser, pode perfurá-las com um dedo. Só não faça isso quando estiver a 400 metros do solo, está bem? Porque será uma longa queda, mas parecerá bem rápida na hora. Está me ouvindo, capitão?

Ele abriu a porta. Do outro lado, uma escada se erguia.

O rosto do oficial tinha perdido a cor.

– Os relatórios de inteligência já eram – murmurou ele.

O sorriso do agente aumentou.

– Nós os vemos antes de você. A vida está sob um regime de alta segurança. Lembre-se disso, capitão...

Um sorriso foi a única resposta que o oficial deu.

Entraram e fecharam a porta.

Um jovem soldado interceptou Tattersail enquanto ela atravessava o complexo que se tornara o quartel-general do Império em Pale. O rosto do rapaz deixava

claro seu espanto, e ele abriu a boca algumas vezes antes de alguma palavra sair:

– Feiticeira?

Ela parou. Agradava-lhe a ideia de deixar Tayschrenn esperando um pouco mais.

– O quê, soldado?

O rapaz lançou um olhar por sobre o ombro e disse:

– Os guardas, feiticeira. Estão com algum problema. Eles me enviaram para...

– Quem? Que guardas? Leve-me até eles.

– Sim, feiticeira.

Ela o seguiu, virando a esquina mais próxima da construção principal. Ali, as muralhas do complexo se aproximavam, criando uma passagem estreita que percorria a extensão do prédio. Do outro lado, uma pessoa estava ajoelhada, com a cabeça descoberta e curvada. Ao lado, havia um saco de juta grande e disforme, coberto de manchas marrons. Nuvens de moscas se aglomeravam ao redor do homem e do saco.

O soldado parou e se virou para a feiticeira.

– Ele ainda não se mexeu. Os guardas ficam enjoados quando fazem patrulhas por aqui.

Tattersail encarou o homem acocorado, com lágrimas repentinas nos olhos. Ignorando o soldado, ela avançou para o corredor com passadas firmes. O fedor a atingiu como um soco. *Porcaria*, pensou, *ele está aqui desde a batalha. Cinco dias.* A feiticeira se aproximou. Embora Bellurdan estivesse de joelhos, sua cabeça quase a alcançava em altura. O Alto Mago thelomênio ainda usava o que sobrara de seus trajes de batalha, as tiras esfarrapadas de pele animal chamuscadas e despedaçadas. O trançado rugoso dos fragmentos de sua túnica estava manchado de sangue. Ao parar diante dele, viu que seu pescoço e o rosto estavam cobertos de bolhas de queimaduras, e a maior parte do cabelo se fora.

– Você está horrível, Bellurdan.

A cabeça do gigante virou-se devagar. Olhos com bordas vermelhas focaram-se em seu rosto.

– Ah – ribombou ele. – Tattersail.

Seu sorriso exausto rachou a carne carbonizada de uma bochecha. A ferida se

abriu, vermelha e seca.

Aquele sorriso quase a fez desmoronar.

– Você precisa de cuidados, meu amigo. – Ela lançou um rápido olhar para o saco de juta. Sua superfície estava coberta de moscas. – Vamos. Nightchill iria arrancar sua cabeça se pudesse vê-lo agora. – Ela sentiu um tremor percorrer seu corpo, mas insistiu, obstinada: – Nós tomaremos conta dela, Bellurdan. Você e eu. Mas precisaremos de nossa força para isso.

O thelomênio balançou a cabeça devagar.

– Eu escolhi isso, Tattersail. As cicatrizes do lado de fora são as cicatrizes do lado de dentro. – Ele inspirou fundo. – Sobreviverei a estas feridas. E sozinho irei erguer o túmulo de meu amor. Mas ainda não chegou a hora. – Pousou uma mão imensa no saco de juta. – Tayschrenn me deu permissão para fazer isso. Você fará o mesmo?

Tattersail ficou chocada ao sentir uma onda de raiva crescendo dentro dela.

– Tayschrenn deu, é?

Aos próprios ouvidos, sua voz soou brutal, um rangido áspero de sarcasmo. Ela viu Bellurdan encolher-se e parecer recuar. Parte dela quis chorar, envolver o gigante com os braços e chorar, mas a fúria a possuiu.

– Aquele bastardo matou Nightchill, Bellurdan! O Senhor da Lua não tinha nem tempo nem disposição para invocar demônios. Pense nisso! Tayschrenn teve tempo de preparar...

– Não! – trovejou a voz do thelomênio pelo corredor.

Ele se pôs em pé, e Tattersail recuou. O gigante parecia pronto para despedaçar os muros, com um fogo desesperado nos olhos. Suas mãos se fecharam em punhos. Então, seu olhar fixou-se na feiticeira. Ele pareceu congelar. De uma só vez, seus ombros afundaram, suas mãos se abriram e seus olhos se apagaram.

– Não – repetiu, em um tom cheio de tristeza. – Tayschrenn é nosso protetor. Como sempre foi, Tattersail. Lembra-se do começo? O imperador estava louco, mas Tayschrenn ficou ao seu lado. Ele deu forma ao sonho do Império, e assim se opôs ao pesadelo do imperador. Nós subestimamos o Senhor da Cria da Lua, foi só isso.

Tattersail fitou o rosto desolado de Bellurdan. A lembrança do corpo

despedaçado de Hairlock voltou. Havia um eco ali, mas ela não conseguia captá-lo.

– Eu me lembro do começo – disse ela em voz baixa, fazendo uma inspeção em seu íntimo.

As lembranças continuavam afiadas, mas, qualquer que fosse o fio que conectava o passado com o presente, ele ainda se esquivava dela. A feiticeira queria desesperadamente conversar com Ben Ligeiro, mas não vira os Queimadores de Pontes desde o dia da batalha. Eles a deixaram com Hairlock, e aquela marionete a assustava mais a cada dia que passava. Particularmente agora que Hairlock tinha encontrado um rancor ao qual se agarrar – a história do Baralho de Dragões ainda doía – e se vingava mantendo-a no escuro.

– O imperador tinha talento para reunir as pessoas certas ao seu redor – continuou ela. – Mas não era um tolo. Ele sabia que a traição viria daquele grupo. Era o nosso poder que nos tornava as pessoas certas. Eu me lembro, Bellurdan. – Ela balançou a cabeça. – O imperador se foi, mas o poder ainda está aqui. – Tattersail prendeu a respiração. – É isso – disse, em parte para si mesma. – Tayschrenn é o fio.

– O imperador estava louco – retrucou Bellurdan. – Senão, teria se protegido melhor.

Tattersail franziu o cenho ao ouvir aquilo. O thelomênio tinha razão. Porém, como ela acabara de dizer, o velho não era um tolo. Então, o que acontecera?

– Desculpe. Conversaremos depois. O Alto Mago mandou me chamar. Bellurdan, podemos continuar mais tarde?

O gigante assentiu.

– Como você quiser. Logo partirei para erguer o túmulo de Nightchill. Lá longe na planície Rhivi, acho.

Tattersail lançou um olhar para o corredor. O soldado ainda estava ali, se apoiando ora numa perna, ora na outra.

– Bellurdan, você se importaria se eu lançasse um feitiço de lacre nos restos mortais dela?

Os olhos do gigante se nublaram, e ele olhou para o saco.

– Os guardas estão infelizes, é verdade. – Ele pensou por um momento, depois respondeu: – Sim, Tattersail. Pode fazer isso.

– Cheira mal daqui até o trono – disse Kalam, com seu rosto marcado por cicatrizes e contraído de preocupação.

Estava agachado, riscando distraidamente os fios de uma teia no chão com sua adaga. Olhou para o sargento.

Whiskeyjack fitava os muros manchados de Pale, e os músculos de sua mandíbula estavam visíveis sob a barba.

– Na última vez que estive nesta colina – falou ele, estreitando os olhos –, ela estava atulhada de armaduras. Com uma maga e metade de um mago. – Ficou em silêncio por um tempo, depois suspirou. – Continue, cabo.

– Puxei alguns fios antigos – disse Kalam, semicerrando os olhos ante a forte luz matinal. – Alguém grande nos marcou. Pode ser a própria corte, ou talvez a nobreza... Há rumores de que estão de volta aos bastidores. – Fez uma careta. – E agora estamos com algum novo capitão de Unta, ansioso para cortar nossas gargantas. Quatro capitães nos últimos três anos, nenhum deles valia o próprio peso em sal.

Ben Ligeiro se encontrava a pouco mais de 3 metros, no cume da colina, de braços cruzados.

– Vocês ouviram o plano – disse ele. – Vamos, Whiskeyjack. Aquele homem deslizou direto do palácio para o nosso colo num jorro de...

– Calado – resmungou Whiskeyjack. – Estou pensando.

Kalam e Ben Ligeiro se entreolharam.

Um longo minuto se passou. Na estrada abaixo, carroças do exército chacoalhavam nas estradas que levavam à cidade. Remanescentes do Quinto e do Sexto Exércitos, já vencidos, quase esmagados por Caladan Brood e pela Guarda Escarlate. Whiskeyjack balançou a cabeça. A única força intacta eram os moranthianos, e eles pareciam determinados a pôr em ação somente os regimentos Negros, usando os Verdes para transportes táticos e entregas – e onde raios estavam os Dourados de que tanto ouvira falar? *Malditos sejam esses patifes não humanos*. As sarjetas de Pale ainda estavam vermelhas por causa daquela hora de vingança. Depois que os enterros acabassem, haveria algumas colinas a mais fora dos muros da cidade. Grandes colinas.

Entretanto, não haveria nada para identificar os 1.300 Queimadores de Pontes mortos. Os vermes não precisariam viajar muito para se banquetear com

aqueles corpos. O que arrepiava o sargento até os ossos era o fato de que, além dos poucos sobreviventes, ninguém fizera qualquer esforço para salvá-los. Algum oficial de baixa patente apresentara os pêsames de Tayschrenn pelos perdidos cumprindo seu dever, descarregando uma carroça de bosta a respeito de heroísmo e sacrifício. Sua audiência de 39 soldados com rosto de pedra havia assistido a tudo sem dizer nada. O oficial tinha sido encontrado morto em seu quarto duas horas depois, estrangulado com perícia. O clima ficou ruim, ninguém no regimento teria sequer pensado em algo tão abominável cinco anos antes. Agora, no entanto, nem piscaram ao ouvir a notícia.

Estrangulamento... Isso soa como serviço da Garra. Kalam havia sugerido que aquilo era um plano, uma trama elaborada para desacreditar o que sobrara dos Queimadores de Pontes. Whiskeyjack estava em dúvida. Tentou clarear a mente. Se houvesse um padrão, seria simples o bastante para passar despercebido. A exaustão, entretanto, infiltrou-se como uma névoa densa por trás de seus olhos. Ele encheu os pulmões com o ar matinal.

– A nova recruta? – perguntou.

Kalam se levantou com um grunhido. Uma expressão distante, de muito tempo antes, encheu seus olhos.

– Talvez – respondeu, por fim. – Embora seja jovem demais para ser uma Garra.

– Eu nunca acreditei em maldade pura antes de Piedade aparecer – comentou Ben Ligeiro. – Mas você está certo. Ela é jovem demais. Durante quanto tempo eles são treinados antes de entrarem em ação?

Kalam deu de ombros, inquieto.

– Quinze anos, pelo menos. Mas repare que os pegam novos. Com 5 ou 6 anos.

– Poderia haver alguma magia envolvida, fazendo-a parecer mais nova do que é – disse Ben Ligeiro. – Coisa de alto nível, mas dentro das habilidades de Tayschrenn.

– Parece óbvio demais – murmurou Whiskeyjack. – Chame isso de má criação.

Ben Ligeiro bufou.

– Não me diga que acredita nisso, Whiskeyjack.

O rosto do sargento ficou tenso.

– Assunto encerrado no que diz respeito a Piedade. E não me diga o que eu penso, mago. – Ele encarou Kalam. – Está bem. Você acha que o Império está matando os seus hoje em dia? Acha que Laseen está limpando a casa, talvez? Ou alguém próximo a ela? Livrando-se de certas pessoas. Ótimo. Diga-me por quê.

– A velha guarda – respondeu Kalam, de imediato. – Todo mundo que ainda é leal à memória do imperador.

– Não faz sentido – contrapôs Whiskeyjack. – Estamos todos morrendo, mesmo. Não precisamos da ajuda de Laseen. Além de Dujek, não há um único homem neste exército que saiba o nome do imperador, e ninguém daria a mínima, de qualquer forma. Ele está morto. Vida longa à imperatriz.

– Ela não tem paciência para esperar – retrucou Ben Ligeiro.

Kalam meneou a cabeça em concordância.

– Está perdendo a energia. As coisas costumavam ser melhores. É essa lembrança que ela quer ver morta.

– Hairlock é nossa cobra no ninho. Vai funcionar, Whiskeyjack – disse Ben Ligeiro, enfatizando com a cabeça. Sei o que estou fazendo dessa vez.

– Nós faremos do jeito que o imperador teria feito – acrescentou Kalam. – Viraremos o jogo. Realizaremos nossa própria limpeza.

Whiskeyjack levantou uma das mãos.

– Está bem. Agora fiquem quietos. Vocês dois estão falando como se tivessem se matado de ensaiar. – Fez uma pausa. – É uma teoria. Complicada. Quem está sabendo, e quem não está? – Ele armou uma carranca ante a expressão de Ben Ligeiro. – Certo, isso é tarefa de Hairlock. Mas o que acontece quando você fica cara a cara com alguém grande, poderoso e cruel?

– Como Tayschrenn? – indignou o mago, sorrindo.

– Tenho certeza de que já tem uma resposta. Vejamos se consigo descobrir por mim mesmo. Você procura por alguém pior. Faz um acordo e, se formos rápidos o bastante, saímos dessa cheirando a rosas. Estou perto, mago?

Kalam suspirou com divertimento. Ben Ligeiro desviou o olhar.

– Nas Sete Cidades, antes de o Império aparecer...

– Nas Sete Cidades, antes de o Império aparecer – ecoou Whiskeyjack. – Inferno, eu liderei uma companhia perseguindo você pelo deserto, lembra? Sei

como você trabalha, Ligeiro. E sei que é muito bom nisso. Mas também lembro que foi o único de sua conspiração que saiu vivo, na época. E agora?

O mago pareceu abalado pelas palavras de Whiskeyjack. Seus lábios se estreitaram em uma fina linha. O sargento suspirou e prosseguiu:

– Está bem. Vamos. Faça as coisas começarem a acontecer. E envolva aquela feiticeira até o pescoço nisso. Precisaremos dela, se Hairlock quebrar suas correntes.

– E Piedade? – quis saber Kalam.

Whiskeyjack hesitou. Ele sabia qual era a verdadeira pergunta por trás daquela. Ben Ligeiro era o cérebro do pelotão, mas Kalam era seu assassino. Os dois o deixavam inquieto com a devoção determinada a seus respectivos talentos.

– Deixe-a em paz – disse, finalmente. – Por enquanto.

Kalam e Ben Ligeiro suspiraram, trocando um sorriso pelas costas do sargento.

– Só não fiquem convencidos – advertiu Whiskeyjack, com secura.

Os sorrisos sumiram. O olhar do sargento voltou para as carroças entrando na cidade. Dois cavaleiros se aproximavam.

– Tudo bem, montem. Ali vem a nossa comitiva de recepção.

Os cavaleiros eram de seu pelotão: Violinista e Piedade.

– Você acha que o novo capitão chegou? – perguntou Kalam, enquanto se alçava para sua sela.

A égua mesclada virou a cabeça e bufou para ele, que grunhiu em resposta. Um momento mais tarde, os dois companheiros de longa data se acomodaram, com sua desconfiança mútua.

Whiskeyjack fitou a cena, entretido, e respondeu:

– Provavelmente. Vamos até eles. Qualquer vigia na muralha que tenha nos observado talvez esteja agitado.

Seu humor, então, piorou. Haviam, de fato, acabado de virar o jogo. E o momento não poderia ter sido pior. Ele sabia toda a abrangência de sua próxima missão, e, com isso, sabia mais do que Ben Ligeiro ou Kalam. Não havia motivo, no entanto, para complicar ainda mais as coisas. *Eles logo vão descobrir*.

Tattersail estava cerca de 2 metros atrás do Alto Mago Tayschrenn. As bandeiras malazanas ondulavam ao vento, os mastros rangendo sobre a torre manchada de fumaça, mas ali no abrigo da muralha o ar estava calmo. No horizonte a oeste, em frente a ela, erguiam-se as montanhas Moranthianas, com um braço irregular estendido na direção norte até Genabaris. Ao sul, alcançavam e se juntavam às Tahlyn, em uma linha recortada que se estendia por mais de 5 mil quilômetros para leste. À sua direita, havia a planície Rhivi, com seu gramado amarelo.

Tayschrenn inclinou-se sobre um merlão, olhando para as carroças que entravam na cidade. De baixo, vinham mugidos de bois e gritos de soldados. O Alto Mago não se movera nem dissera uma palavra sequer por alguns minutos. À sua esquerda havia uma pequena mesa de madeira, com sua superfície arranhada, esburacada e com runas entalhadas profundamente no carvalho. Marcas escuras peculiares manchavam o tampo aqui e ali.

Nós de tensão latejavam nos ombros de Tattersail. Encontrar Bellurdan a balançara, e ela não se sentia preparada para o que estava por vir.

– Queimadores de Pontes – murmurou o Alto Mago.

Sobressaltada, a feiticeira franziu o cenho. Então, adiantou-se para ficar ao lado de Tayschrenn. Descendo a colina à direita, uma colina que ela conhecia intimamente, cavalgava um grupo de soldados. Mesmo àquela distância ela reconheceu quatro deles: Ben Ligeiro, Kalam, Whiskeyjack e a recruta, Piedade. O quinto cavaleiro era um homem baixo e musculoso, que tinha o jeito de sapador estampado nele.

– Ah, é? – perguntou ela, fingindo desinteresse.

– Pelotão do Whiskeyjack – disse Tayschrenn. Ele direcionou sua atenção inteiramente para a feiticeira. – O mesmo pelotão com o qual você falou imediatamente após a retirada da Lua. – O Alto Mago sorriu e deu um tapinha no ombro de Tattersail. – Venha. Preciso de uma Leitura. Vamos começar. – Ele caminhou e se pôs diante da mesa. – As cordas de Oponn estão formando um Labirinto peculiar, sua influência me confunde repetidamente. – Ele deu as costas para o muro e sentou-se em uma ameia, depois voltou seus olhos para cima. – Tattersail – disse ele, em tom sombrio –, nos assuntos do Império, eu sou servo da imperatriz.

Tattersail se lembrava da discussão deles no interrogatório. Nada fora

resolvido.

– Talvez eu deva levar minhas reclamações a ela, então.

As sobrancelhas de Tayschrenn se arquearam.

– Entenderei isso como sarcasmo.

– É?

– Sim – disse o Alto Mago, rigidamente. – E fique grata por isso, mulher.

Tattersail pegou seu Baralho e o segurou contra a barriga, passando os dedos por sobre a carta de cima. Estava fria, com uma sensação de grande peso e escuridão. Pôs o Baralho no centro da mesa e baixou seu corpo devagar até ficar de joelhos. Seu olhar se prendeu ao de Tayschrenn.

– Devemos começar?

– Conte-me a respeito da moeda girando – disse o Alto Mago, e Tattersail prendeu a respiração. Não conseguia se mexer. – Primeira carta – ordenou Tayschrenn.

Com esforço, a feiticeira expeliu o ar de seus pulmões em um suspiro assobiado. *Maldito seja ele*, pensou. Um eco de risadas soou em sua cabeça, e ela percebeu que alguém, alguma coisa, abrira caminho. Um Ascendente entrava em contato por meio dela, sua presença fria divertindo-se, quase instável. Seus olhos se fecharam por vontade própria, e ela estendeu a mão para a primeira carta. Virou-a quase arbitrariamente para sua direita. Com os olhos ainda fechados, sentiu-se sorrir.

– Uma carta desalinhada: o Orbe. Julgamento e visão verdadeira – disse a feiticeira. A segunda carta, ela lançou para sua esquerda na mesa de jogo. – A Virgem, da Alta Casa da Morte. Aqui com cicatrizes e vendada, com sangue nas mãos.

Vagamente, como se de uma grande distância, veio o som de cavalos, ribombando mais perto, embaixo, como se a terra os engolisse. O som, então, ressurgiu atrás dela. Sentiu-se assentir. *A recruta*.

– O sangue nas mãos não pertence a ela – continuou –, nem o crime. O tecido que a venda está molhado. – Tattersail bateu a terceira carta imediatamente à sua frente. Uma imagem formou-se atrás de suas pálpebras, deixando-a com frio e com medo. – O Assassino, da Alta Casa da Sombra. A Corda, com seus intermináveis nós; o Patrono dos Assassinos está neste jogo.

Por um momento, ela pensou ter ouvido o uivo de Cães. Pousou a mão sobre a quarta carta e sentiu um arrepio de reconhecimento percorrer-lhe o corpo, seguido por algo parecido com um falso pudor.

– Oponn, com a cabeça da Senhora no alto e a do Senhor embaixo – declarou a feiticeira.

Ela pegou a carta e a colocou na frente de Tayschrenn.

Aí está o seu obstáculo. Ela sorriu para si mesma. *Mastigue-o um pouco, Alto Mago. A Senhora o olha com repugnância.* Tattersail sabia que ele deveria estar morrendo de vontade de perguntar, mas não o faria em voz alta. Havia poder demais por trás daquela abertura. Teria ele sentido a presença do Ascendente? A feiticeira se perguntava se isso o assustava.

– A moeda – ela se ouviu dizer – continua girando, Alto Mago. Sua cara olha para muitos, um punhado talvez, e aqui está a carta deles. – Tattersail colocou a quinta carta à direita de Oponn, com as extremidades se tocando. – Mais uma carta desalinhada: Coroa. Sabedoria e justiça, já que está de cabeça para cima. Ao seu redor estão os muros de uma cidade bonita, iluminada por chamas de gás azuis e verdes. – Ela ponderou. – Sim, Darujhistan, a última Cidade Livre. – A feiticeira sentiu o caminho se fechando; o Ascendente se retirava como se estivesse entediado. Os olhos de Tattersail se abriram, e um calor inesperado confortou seu corpo exausto. – Dentro do Labirinto de Oponn – disse, divertindo-se com a verdade oculta naquela frase. – Não posso ir além, Alto Mago.

Tayschrenn soltou a respiração em uma rajada e se reclinou.

– Você foi muito além do que consegui, feiticeira. – Sua expressão estava fechada ao fitá-la. – Estou impressionado com sua fonte, embora nada satisfeito com a mensagem. – Franziu a testa, apoiando os cotovelos nos joelhos e unindo os dedos compridos das mãos diante do rosto. – Essa moeda giratória, sempre ecoando. Há o humor do Coringa nesta configuração das coisas... Até mesmo agora sinto que estamos sendo ludibriados. A Virgem da Morte, uma artimanha provável.

Foi a vez de Tattersail ficar impressionada. O Alto Mago era um Adepto, então. Teria ele também ouvido a risada cortando todo o jogo de cartas? Ela esperava que não.

– Talvez você esteja certo – disse ela. – O rosto da Virgem sempre está mudando... Poderia ser qualquer um. Não posso dizer o mesmo sobre o de Oponn ou o da Corda. – Ela meneou a cabeça. – Uma dissimulação bem possível – sugeriu, satisfeita por estar conversando com um igual, verdade que a contrariava.

É sempre melhor quando ódio e ultraje permanecem puros, descomprometidos.

– Eu ouviria sua opinião – disse Tayschrenn.

Tattersail se sobressaltou, incomodada pelo olhar firme do Alto Mago. Começou a recolher as cartas. Poderia se prejudicar caso desse alguma explicação? *Se acontecer qualquer coisa, vai deixá-lo mais agitado do que já está*.

– Enganar é o forte do Patrono dos Assassinos. Não senti nada de seu suposto mestre, o Trono Sombrio, o que me faz suspeitar que a Corda está sozinha aqui. Cuidado com o Assassino, Alto Mago, seus jogos são ainda mais sutis do que os do Trono Sombrio. E, embora Oponn jogue a própria versão, continua sendo o mesmo jogo, e ele está sendo disputado em nosso mundo. Os Gêmeos da Sorte não têm controle sobre o Reino da Sombra, e a Sombra é um Labirinto conhecido por ultrapassar suas fronteiras e quebrar regras.

– Verdade – disse Tayschrenn, pondo-se em pé com um grunhido. – O nascimento desse reino bastardo sempre me perturbou.

– Ele ainda é um reino jovem – disse Tattersail, pegando o Baralho e colocando-o de volta no bolso de sua capa. – Sua forma final ainda está a séculos de distância, e pode nunca ocorrer. Lembre-se de outras Casas novas que tiveram uma morte rápida.

– Essa em especial fede a excesso de poder.

Tayschrenn voltou a observar as montanhas Moranthianas. Quando Tattersail se dirigiu aos degraus que desciam para a cidade, falou:

– Minha gratidão vale alguma coisa, espero. Em todo caso, feiticeira, você a tem.

Tattersail hesitou no patamar, então começou a descer. Ele teria sido menos magnânimo se descobrisse que ela o havia induzido ao erro. Ela conseguia imaginar a identidade da Virgem. Seus pensamentos retornaram ao momento do

aparecimento da carta. Os cavalos que ouvira, passando embaixo, não haviam sido uma ilusão. O pelotão de Whiskeyjack acabara de entrar na cidade pelo portão abaixo. E entre eles vinha Piedade. Coincidência? Talvez, mas ela achava que não. A moeda giratória havia oscilado ligeiramente naquele instante, e em seguida seu tinido soara outra vez. Embora ouvisse esse barulho em sua mente dia e noite, pois virara quase um hábito, Tattersail percebeu que tinha que se concentrar para encontrá-lo de fato. A feiticeira, no entanto, entendera o cutucão, sentira a maré mudar e pressentiu um breve instante de incerteza.

A Virgem da Morte e o Assassino da Alta Casa da Sombra. Havia uma conexão ali, de algum modo, e isso incomodava Oponn. Obviamente, tudo continuava em um fluxo.

– Magnífico – murmurou ela, ao alcançar o pé da escada.

Avistou o jovem soldado que a abordara mais cedo. Ele se encontrava em uma fila de recrutas no meio do complexo. Nenhum oficial no comando estava à vista. Tattersail o chamou.

– Sim, feiticeira? – atendeu o rapaz, parando em posição de sentido à sua frente.

– O que vocês estão fazendo por aqui, soldado?

– Aguardando nossas armas. O sargento do estado-maior foi buscar a carroça.

Tattersail assentiu.

– Tenho uma tarefa para você. Providenciarei para que receba suas armas, mas não as de estanho que seus camaradas estão prestes a ganhar. Se um oficial superior questionar sua ausência, envie-o para mim.

– Sim, feiticeira.

Uma pontada de remorso atingiu Tattersail ao vislumbrar o olhar vibrante e ansioso do garoto. A probabilidade era que ele morresse em alguns meses. O Império tinha muitos crimes manchando sua bandeira, mas aquele era o pior deles. Ela suspirou.

– Entregue pessoalmente a seguinte mensagem ao sargento Whiskeyjack, dos Queimadores de Pontes: a senhora gorda dos feitiços quer conversar. Entendido, soldado?

O rapaz empalideceu.

– Quero ouvir.

O soldado repetiu a mensagem em tom inexpressivo. Tattersail sorriu.

– Muito bom. Agora vá, e não se esqueça de obter uma resposta dele. Estarei em meus aposentos.

O capitão Paran se virou para dar uma última olhada nos Moranthianos Negros. O pelotão acabara de alcançar o topo do planalto. Observou até eles terem desaparecido de vista, em seguida voltou a mirar a cidade a leste.

Àquela distância, com a planície vasta e lisa no meio, Pale parecia pacífica, embora o solo do lado de fora dos muros estivesse cravejado de cascalho basáltico preto e as reminiscências de fumaça e fogo se agarrassem ao ar. Ao longo da muralha, andaimes erguiam-se; minúsculas figuras enchiam as estruturas. Pareciam estar reconstruindo as imensas brechas na alvenaria. Do Portão Norte, uma corrente lenta de carroças seguia na direção das colinas, e o ar acima delas estava cheio de corvos. No sopé daquelas elevações havia uma linha de montes, regulares demais para serem naturais.

Ele ouvira os rumores, aqui e ali. Cinco magos mortos, dois deles Altos Magos. As perdas do Segundo eram suficientes para incendiar especulações de que o batalhão seria fundido com o Quinto e o Sexto, formando um novo regimento. A Cria da Lua recuara para o sul, pelas montanhas Tahlyn, até o lago Azur, deixando um rastro de fumaça, flutuando inclinada para o lado como uma gigantesca nuvem de tempestade esgotada. No entanto, uma história alcançara o fundo dos pensamentos do capitão mais do que todas as outras: os Queimadores de Pontes haviam morrido. Algumas histórias diziam que haviam sido assassinados por um homem; outras insistiam que alguns pelotões haviam conseguido sair do túnel antes do desmoronamento.

Paran ficou frustrado. Estivera entre os moranthianos durante alguns dias. Os guerreiros horripilantes quase nunca falavam, e quando o faziam era para se dirigirem uns aos outros naquela língua incompreensível. Toda a informação que o capitão possuía estava desatualizada, e aquilo o punha em uma situação desconfortável. *Perceba*, pensou, *que desde Genabaris foram situações desconfortáveis, uma atrás da outra*.

Então ali estava ele, mais uma vez, apenas esperando as coisas acontecerem. Ajeitou sua bolsa, preparando-se para uma longa espera, e então viu um cavaleiro alcançar a extremidade mais afastada do topo do planalto. O homem trazia uma montaria a mais consigo e cavalgava na direção do capitão.

Paran suspirou. Lidar com a Garra sempre incomodava. Os malditos eram muito cheios de si. Com exceção daquele homem em Genabaris, ninguém parecia gostar muito dele. Fazia um bom tempo desde que conhecera alguém que pudesse chamar de amigo. Mais de dois anos, na verdade.

O cavaleiro chegou. Vendo-o tão próximo, Paran deu um passo involuntário para trás. Metade do rosto do homem fora queimada. Um tapa-olho cobria o olho direito, e o homem mantinha a cabeça em um ângulo esquisito. O recém-chegado deu um rápido sorriso macabro, depois desmontou.

– É você, hein? – perguntou ele, com voz áspera.

– É verdade o que estão falando sobre os Queimadores de Pontes? – perguntou Paran. – Aniquilados?

– Mais ou menos. Restaram cinco pelotões, ou algo assim. Cerca de quarenta no total. – Seu olho esquerdo semicerrou-se, e ele endireitou o elmo amassado. – Não sabia para onde você está indo. Agora sei. Você é o novo capitão de Whiskeyjack, não é?

– Você conhece o sargento Whiskeyjack?

Paran fez uma careta. Aquele Garra não era como os outros. O que quer que pensassem a respeito dele, guardavam para si mesmos, e ele preferia assim.

O homem montou novamente.

– Vamos. Podemos conversar no caminho.

Paran dirigiu-se ao outro cavalo e prendeu sua bolsa na sela, que era do estilo das Sete Cidades, com apoio de trás alto e um pito articulado que se dobrava para a frente. Ele vira várias daquelas em seu continente, era um detalhe que já arquivara. Nativos das Sete Cidades tinham uma predisposição para criar problemas, e toda a Campanha de Genabackis havia sido um fiasco desde o princípio. *Isso não é uma coincidência*. A maior parte dos soldados dos Segundo, Quinto e Sexto Exércitos fora recrutada no subcontinente das Sete Cidades.

Ele montou e estabeleceram um galope marcado, atravessando o planalto. O

Garra começou a falar:

– O sargento Whiskeyjack tem muitos seguidores por aqui. Age como se não soubesse disso. Você deve se lembrar de algo que quase foi esquecido em Malaz. Whiskeyjack comandava a própria companhia...

A cabeça de Paran se virou bruscamente. Aquele fato fora totalmente retirado dos anais. Até onde dizia respeito à História do Império, nunca tinha acontecido.

– Nos dias em que Dassem Ultor comandava os militares – continuou o Garra, alegremente. – Foi a Sétima Companhia de Whiskeyjack que acabou com a conspiração dos magos das Sete Cidades nos descampados de Pan'potsun. Ele acabou com a guerra ali. Claro, tudo foi para o inferno depois disso, com o Encapuzado levando a filha de Ultor. Não muito depois daquilo, quando Ultor morreu, todos os seus homens foram rapidamente rebaixados. Então os burocratas engoliram o Exército. Malditos chacais. E eles têm retalhado uns aos outros desde esse dia, e para o inferno com as campanhas.

O Garra se inclinou para a frente, empurrando o pito da sela para baixo, e cuspiu para o lado da orelha esquerda de seu cavalo.

Paran estremeceu ao ver o gesto. Nos velhos tempos, aquilo anunciava o início de uma guerra tribal nas Sete Cidades. Agora, transformara-se no símbolo do Segundo Exército de Malaz.

– Você está insinuando – interrompeu Paran – que a história que você acabou de me contar é de conhecimento geral.

– Não os detalhes – admitiu o Garra. – Mas alguns veteranos do Segundo lutaram com Ultor, não só nas Sete Cidades mas também antes, em Falar.

Paran pensou um pouco. Embora fosse um Garra, o homem que cavalgava ao seu lado também era do Segundo Exército. E ele passara por poucas e boas ao lado deles. Isso produzia uma perspectiva interessante. Lançou-lhe um olhar e viu o homem sorrindo.

– O que é tão engraçado? – perguntou o capitão.

O Garra deu de ombros.

– Os Queimadores de Pontes estão um pouco irritadiços ultimamente. Têm recebido umas porcarias de recrutas, e isso faz parecer que serão dissolvidos em breve. Converse com quem quer que você costuma conversar em Malaz, diga-lhes que, se quiserem acabar com um motim nas mãos, que comecem a mexer

com os Queimadores de Pontes. Isso está em todos os relatórios que mandei, mas ninguém parece me ouvir. – O sorriso dele aumentou. – Talvez eles achem que virei a casaca ou algo parecido, hein?

Paran deu de ombros.

– Você foi convocado para me encontrar, não foi?

O Garra riu.

– Você realmente foi deixado no escuro, não é? Eles me convocaram porque sou o último ativo no Segundo. Quanto ao Quinto e ao Sexto, esqueça. Os tiste andii de Brood conseguiriam distinguir um Garra a mil passos. Não sobrou nenhum. Meu comandante da Garra foi estrangulado dois dias atrás. Que coisa, não é? Você, eu herdei, capitão. Assim que chegarmos à cidade, mando-o para onde tem que ir e provavelmente será a última vez que nos veremos. Você apresentará os detalhes de sua missão como capitão do Nono Pelotão e eles ou vão rir na sua cara ou enfiar uma faca no seu olho. Há até uma aposta sobre o que vão fazer. É uma pena, mas há.

Adiante surgiam os portões de Pale.

– Mais uma coisa – continuou o Garra, com os olhos nos merlões acima do portão. – Apenas um osso que vou lhe jogar, caso Oponn esteja lhe sorrindo. O Alto Mago Tayschrenn tem comandado as coisas por aqui. Dujek não está feliz, especialmente considerando o que aconteceu com a Cria da Lua. A situação está ruim entre eles, mas o Alto Mago conta com a comunicação próxima e constante que ele tem com a imperatriz, e é isso que o mantém no alto. Um aviso, então: os soldados de Dujek vão segui-lo... *para qualquer lugar*. E isso serve para o Quinto e o Sexto Exércitos, também. O que se criou aqui foi uma tempestade que está só esperando para começar.

Paran fitou o homem. Topper explicara a situação, mas Paran rejeitara a análise. Aquilo tudo parecia um roteiro inventado para justificar o fato de a imperatriz estar enchendo as forcas. *Não é uma briga em que eu queira me envolver. Deixe-me em paz para completar minha única tarefa. Não desejo nada mais que isso.*

Passando sob a sombra do portão, o Garra falou outra vez:

– Aliás, Tayschrenn acabou de nos observar chegando. Alguma chance de ele conhecer você, capitão?

– Não.

Espero que não, acrescentou para si mesmo.

Ao entrar a trote na cidade propriamente dita, uma barreira de barulho ergueu-se para encontrá-los; os olhos de Paran brilharam um pouco. Pale era um hospício: construções destruídas pelo fogo por todos os lados e as ruas, apesar de pavimentadas em alguns locais e esburacadas em outros, repletas de pessoas, carroças, animais de carga e soldados. Ele se perguntou se deveria começar a medir sua vida em minutos. Assumir o comando de um pelotão que passara por quatro capitães em três anos, depois apresentar uma missão que nenhum soldado sensato levaria em consideração, somados à fermentação de uma tempestade em forma de insurreição de grandes proporções, possivelmente liderada pelo melhor comandante militar do Império, contra um Alto Mago que parecia esculpir o próprio e imenso lugar no mundo... Tudo isso deixou Paran um pouco apavorado.

Ele se sobressaltou com um pesado tapa nas costas. O Garra aproximara seu cavalo e se inclinou em sua direção.

– Isso está além da sua compreensão, capitão? Não se preocupe, nenhuma maldita pessoa aqui entende o que está acontecendo. Algumas sabem disso, outras, não. As que não sabem são aquelas com quem você deve se preocupar. Comece com o que está bem à sua frente e se esqueça do resto. As coisas vão aparecer no seu devido tempo. Encontre qualquer soldado e pergunte como chegar aos Queimadores de Pontes. Essa é a parte fácil.

Paran anuiu. O Garra hesitou, então abaixou-se para mais perto.

– Andei pensando, capitão. É um palpite, veja bem, mas acho que você está aqui para fazer algo de bom. Não, não se incomode em responder. Se tiver problemas, faça o Jovem Toc saber disso. Sou eu. Estou no Corpo de Mensageiros, setor dos cavaleiros, no Segundo Exército. Tudo bem?

Paran assentiu outra vez.

– Obrigado – agradeceu o capitão, bem quando uma pancada alta soou atrás deles, seguida por um coro de vozes furiosas. Nenhum dos dois se virou.

– O que foi que disse, capitão?

Paran sorriu.

– Melhor deixar pra lá. Mantenha seu disfarce, caso alguma coisa aconteça

comigo. Eu vou conseguir um guia, seguindo as regras à risca.

– Com certeza, capitão.

Jovem Toc acenou; em seguida, direcionou seu cavalo para uma rua lateral. Pouco depois, Paran o perdeu de vista. Então, inspirou fundo e olhou ao redor, procurando algum soldado.

Paran sabia que seus primeiros anos na nobreza de sua terra natal o haviam preparado bem para o tipo de dissimulação que a conselheira Lorn exigira dele. Nos dois anos anteriores, começara a perceber com mais clareza no que estava se transformando. O jovem impertinente e honesto que falara com a conselheira da imperatriz naquele dia na costa de Itko Kan agora o corroía. Ele caíra no colo de Lorn como um pedaço de argila ainda sem forma. E ela fizera o que fazia melhor.

O que mais assustava Paran, naqueles tempos, era que ele se acostumara a ser usado. Ele já tinha sido outra pessoa tantas vezes que via mil rostos, ouvia mil vozes, todos em guerra com ele. Quando pensava em si mesmo, naquele jovem nobre de nascimento, com fé pomposa na honestidade e na integridade, a visão que lhe vinha era a de algo frio, duro e escuro. Escondia-se nas sombras mais profundas de sua mente e observava. Sem contemplação nem julgamento, apenas uma observação gélida e clínica.

Não achava que aquele jovem veria a luz do dia de novo. Iria apenas retroceder ainda mais, seria engolido pela escuridão e depois desapareceria sem deixar rastros.

E Paran se perguntava se ao menos se importava.

Cavalgou rumo à caserna que um dia abrigara a Guarda Nobre de Pale. Uma veterana descansava em um catre próximo, com seus pés envolvidos por trapos pendendo além da cama dobrável. O colchão tinha sido tirado e jogado num canto; a mulher estava deitada direto nas tábuas, com as mãos atrás da cabeça.

O olhar de Paran fixou-se nela brevemente, depois passeou pela ala. Com a única exceção da veterana, o lugar estava vazio. Ele voltou sua atenção para ela.

– Cabo?

A mulher não se mexeu.

– Sim. O que é?

– Estou notando que a cadeia de comando se desintegrou completamente por aqui – comentou ele, com secura.

Os olhos dela se abriram e varreram preguiçosamente o oficial diante dela.

– Provavelmente – disse a mulher, e fechou os olhos outra vez. – Você está procurando alguém?

– Estou procurando o Nono Pelotão, cabo.

– Por quê? Eles estão com problemas de novo?

Paran sorriu para si mesmo.

– Os Queimadores de Pontes que encontrarei são medíocres como você, cabo?

– Todos os medíocres estão mortos.

– Quem é seu comandante?

– Inquieto, mas ele não está aqui.

– Posso ver isso. – Paran esperou, depois suspirou. – Então, onde está Inquieto?

– Tente na Taberna do Knobb, no fim da rua. Na última vez que o vi, ele estava perdendo a camisa para Azarve. Inquieto é jogador de cartas, sabe, só que não é bom.

Ela começou a mexer em um dente no fundo da boca. As sobrancelhas de Paran se arquearam.

– O comandante aposta com seus homens?

– Inquieto é um sargento – explicou a mulher. – Nosso capitão está morto. De qualquer modo, Azarve não é do nosso pelotão.

– Ah! E de qual pelotão ele é?

A mulher sorriu, engolindo o que quer que seu dedo tivesse deslocado.

– Do Nono.

– Qual é seu nome, cabo?

– Seletora. E o seu?

– Capitão Paran.

Seletora sentou-se em um solavanco, com os olhos arregalados.

– Ah, você é o novo capitão que ainda não desembainhou a espada, hã?

Paran sorriu.

– Exatamente.

– Você faz alguma ideia das chances que tem? Não me parecem boas.

– O que quer dizer?

Ela abriu um sorriso largo.

– Na minha opinião – disse ela, deitando-se e fechando os olhos novamente –, o primeiro sangue que verá em suas mãos será o seu, capitão Paran. Volte para Quon Tali, onde é seguro. Vá, a imperatriz precisa que lambam seus pés.

– Eles já estão bem limpos – retorquiu Paran.

Não sabia ao certo como lidar com aquela situação. Parte dele queria puxar a espada e cortar Seletora ao meio. A outra queria rir, e essa era até um pouco histérica.

Atrás dele, a porta que dava para fora se escancarou, e passos pesados soaram nas tábuas. Paran se virou. Um sargento de rosto vermelho dominado por um enorme bigode em forma de guidão entrou na sala. Ignorando Paran, ele se aproximou do catre de Seletora e a olhou com fúria.

– Caramba, Seletora, você me disse que Azarve estava tendo uma fase ruim, e agora aquele merda de perna torta me limpou!

– Azarve *está* tendo uma fase ruim – disse Seletora. – Mas a sua é pior. Você não me perguntou a respeito disso, perguntou? Inquieto, apresento o capitão Paran, o novo oficial do Nono.

O sargento se virou e encarou o jovem capitão.

– Pelo sopro do Encapuzado – murmurou, e se virou para Seletora outra vez.

– Estou procurando Whiskeyjack, sargento – disse Paran, em voz baixa.

Algo no tom do capitão fez Inquieto se virar. Ele abriu a boca, depois a fechou quando seus olhos encontraram o olhar fixo de Paran.

– Uma criança lhe entregou uma mensagem – disse o sargento. – Whiskeyjack debandou. Parte do pessoal dele está no Knobb.

– Obrigado, sargento.

Paran saiu da sala, rígido.

Inquieto deixou escapar uma pesada expiração e lançou um olhar a Seletora.

– Dois dias – afirmou ela. – E então alguém vai dar cabo dele. O velho Rockface já apostou vinte.

A expressão de Inquieto endureceu.

– Algo me diz que isso vai ser uma vergonha desgraçada.

Paran parou à porta da Taberna do Knobb. O lugar estava abarrotado de soldados, cujas vozes eram um rugido embaralhado. Apenas alguns exibiam nos uniformes o emblema dos Queimadores de Pontes. O resto era do Segundo Exército.

Em uma mesa grande, embaixo do corredor suspenso que dava para os quartos no primeiro andar, meia dúzia de Queimadores de Pontes estavam sentados jogando cartas. Um homem de ombros largos, com o cabelo negro preso em um rabo de cavalo e amarrado com feitiços e talismãs, estava sentado de costas para o salão, distribuindo as cartas com paciência infinita. Paran conseguia ouvir a contagem monótona do homem mesmo com o rugido intenso do lugar. Os outros à mesa inundavam o carteador com xingamentos, sem muitos resultados.

– Barghastiano – sussurrou Paran, com o olhar fixo no carteador. – Só há um nos Queimadores de Pontes. Esse é o Nono, então.

Inspirou fundo e mergulhou na multidão. Quando conseguiu parar atrás do barghastiano, percebeu que sua fina capa estava encharcada de cerveja azeda e de vinho amargo, e suor brilhava em sua testa. O barghastiano, ele viu, acabara a distribuição e agora baixava o baralho no centro da mesa, revelando, ao fazê-lo, a tinta azul permanente que tatuava seu braço exposto com padrões espiralados estragados aqui e ali por cicatrizes brancas.

– Este é o Nono? – perguntou Paran, em voz alta.

O homem que se encontrava sentado à frente do barghastiano levantou os olhos, o rosto curtido da mesma cor que seu chapéu de couro, voltando a atenção para suas cartas em seguida.

– Você é o capitão Paran?

– Sou. E você, soldado?

– Azarve – disse ele, e depois meneou a cabeça para o homem pesado sentado à sua direita. – Este é Marreta, o curandeiro do pelotão. E o nome do barghastiano é Trote, e não é porque ele gosta de correr. – Virou a cabeça para a esquerda. – Os outros não importam. São do Segundo Exército, jogadores ruins

que estão aqui para a gente chutar. Sente-se, capitão. Whiskeyjack e os outros foram convocados já faz tempo. Devem voltar logo.

Paran achou uma cadeira vazia e a colocou entre Marreta e Trote.

– Ei, Trote, você vai apostar ou não? – grunhiu Azarve.

Soltando a respiração, Paran se virou para Marreta.

– Diga-me, curandeiro – disse o capitão –, qual é a expectativa de vida de um oficial nos Queimadores de Pontes?

Um grunhido escapou dos lábios de Azarve.

– Antes ou depois da Cria da Lua? – perguntou ele.

As sobrancelhas espessas de Marreta se arquearam levemente ao responder:

– Talvez duas campanhas. Depende de um monte de coisas. Colhões não são o bastante, mas ajudam. E isso significa esquecer tudo o que você aprendeu e pular no colo do seu sargento como um bebê. Se ouvir o que ele disser, pode ser que dure.

Azarve bateu na mesa.

– Acorde, Trote! O que vamos jogar aqui?

O barghastiano fez uma careta.

– Estou pensando – rosnou.

Paran se recostou e abriu o cinto.

Trote decidiu o que fazer, para frustração de Azarve, Marreta e dos três soldados do Segundo Exército, já que era a jogada que Trote sempre fazia. Marreta falou:

– Capitão, você tem ouvido coisas a respeito dos Queimadores de Pontes, certo? – Paran assentiu. – A maioria dos oficiais morre de medo dos Queimadores de Pontes. Dizem que a taxa de mortalidade é tão alta porque metade dos capitães acaba com um punhal nas costas.

Fez uma pausa, e estava prestes a continuar quando percebeu o silêncio repentino. O jogo havia parado, e todos os olhos se fixaram no oficial. Paran sentiu o suor brotar.

– E, pelo que vi até agora – disse o capitão –, é provável que eu acredite nesse boato. Mas vou contar uma coisa a vocês. A todos vocês. Se eu morrer com uma faca nas costas, é melhor que tenha merecido. Do contrário, ficarei muitíssimo desapontado. – Prendeu o cinto e se levantou. – Diga ao sargento que

estarei na caserna. Gostaria de falar com ele antes de sermos oficialmente apresentados.

Azarve assentiu devagar e disse:

– É justo, capitão. – Hesitou. – Capitão? Quer se juntar a nós no jogo?

– Obrigado, mas não. – Um sorriso surgiu no canto de sua boca. – Prática ruim, um oficial tirar dinheiro de seus homens.

– Bem, esse é um desafio que é bom você aceitar algum dia – redarguiu Azarve com os olhos brilhando.

– Vou pensar nisso – replicou Paran, deixando a mesa.

Abrindo caminho em meio à multidão, teve a crescente sensação de que algo o pegara desprevenido: insignificância. Muita arrogância fora incutida nele, desde que era um menino entre a nobreza até seu período na Academia Militar. Aquela arrogância agora se encolhia em algum canto de seu cérebro, em um silêncio pasmo e entorpecido.

Ele já conhecera bem aquilo antes de encontrar a conselheira: seu caminho pela divisão de treinamento de oficiais da Academia Militar fora uma procissão fácil, marcada por piscadelas e sinais afirmativos. Contudo, as guerras do Império eram lutadas ali, a milhares de quilômetros de distância, e Paran percebeu que, ali, ninguém dava a mínima para influência na corte e acordos mutuamente favoráveis. Na verdade, aqueles atalhos aumentavam suas chances de morrer, e de morrer rápido. Se não fosse pela conselheira, estaria totalmente despreparado para assumir o comando.

Paran fez uma careta ao abrir a porta da taberna e ganhou a rua. Não era surpresa que o exército do velho imperador houvesse devorado com tanta facilidade os reinos feudais em seu caminho rumo ao Império. De repente ficou feliz com as manchas maculando seu uniforme: já não parecia deslocado.

Seguiu pela viela que dava para a entrada lateral da caserna. O caminho se encontrava nas sombras, sob as construções de muros altos e os toldos desbotados que pendiam de sacadas vergadas. Pale era uma cidade agonizante. Ele sabia o suficiente de sua história para reconhecer as tonalidades descoloridas da glória há muito perdida. É verdade que haviam tido poder suficiente para forjar uma aliança com a Cria da Lua, mas o capitão suspeitava que aquilo tinha mais a ver com a ideia de conveniência do Senhor da Lua do que com qualquer

tipo de reconhecimento mútuo de força. A aristocracia local prezava muito o refinamento e a pompa, mas seus adereços pareciam triviais e desgastados. Ele se perguntava qual seria o tamanho da semelhança entre ele e sua gente e aqueles cidadãos prostrados...

Um som atrás dele, um roçar indistinto, fez com que se virasse. Uma pessoa envolta em sombras se aproximou em um piscar de olhos. Paran bradou, pegando a espada. Um vento gélido o inundou quando a figura se aproximou. O capitão recuou, vendo o brilho de lâminas em ambas as mão dela. Virou-se para um lado, mantendo a espada a meio caminho para fora da bainha. A mão esquerda do agressor voou para ele. Paran jogou a cabeça para trás, empurrando o ombro para a frente a fim de reter uma lâmina que nunca veio. Em vez disso, a adaga comprida deslizou como fogo para dentro de seu peito. Uma segunda lâmina se afundou em seu flanco, enquanto sangue jorrava para cima por dentro de seu corpo, enchendo sua boca. Tossindo e gemendo, Paran cambaleou, oscilando na direção de uma parede, e deslizou para o chão tentando, em vão, agarrar as pedras úmidas, as unhas deixando marcas no limo.

A escuridão se fechou ao redor de seus pensamentos, parecendo envolver apenas um arrependimento profundo e sincero. Vagamente, um tinido chegou a seus ouvidos, como se algo pequeno e metálico corresse por uma superfície dura. O som de algo girando continuou, e a escuridão o invadiu ainda mais.

– Que desleixo – disse um homem de voz fina. – Estou surpreso.

O sotaque era familiar, empurrando-o para uma lembrança da infância: seu pai negociando com comerciantes dal-honeses.

A resposta veio diretamente de cima de Paran:

– Está de olho em mim? – Outro sotaque que ele conhecia, kanês, e a voz parecia vir de uma moça, ou de uma criança, embora ele soubesse que era a voz de sua assassina.

– Coincidência – respondeu o outro, rindo em seguida. – Alguém, *algo*, eu deveria dizer, entrou em nosso Labirinto. Sem ser convidado. Meus Cães estão caçando.

– Não acredito em coincidências.

Outra risada soou.

– Nem eu. Dois anos atrás começamos nosso jogo. Simples reconciliação de

velhos rancores. Parece que tropeçamos em um jogo totalmente diferente aqui em Pale.

– De quem?

– Terei uma resposta logo.

– Não se distraia, Ammanas. Laseen continua sendo nosso alvo, assim como o colapso do Império que ela governa sem nunca ter merecido.

– Eu tenho, como sempre, confiança absoluta em você, Cotillion.

– Preciso voltar – disse a garota, afastando-se.

– Claro. Então este é o homem que Lorn enviou para encontrar você?

– Acredito que sim. Isso deve trazê-la para a briga, em todo caso.

– E isso é desejável?

A conversa esmoreceu à medida que os dois se afastavam, enquanto Paran ouvia aquele único som em sua cabeça, aquele zumbido, como se uma moeda estivesse girando, girando sem parar.

CAPÍTULO 4

Eles eram de um tipo, então,
as histórias escritas com grandes
arabescos tatuados,
as histórias um rastro
de velhas feridas,
mas algo brilhava com dureza
em seus olhos – aqueles
arcos consumidos por chamas,
aquela ponte se esvaindo.
Eles são seu próprio passado,
cada um por sua vez destinado
a cair em linha
na quieta beira da estrada
ao lado do rio
que se recusam a nomear...

Os Queimadores de Pontes (IV.i), Jovem Toc (nasc. 1141)

Tattersail olhou feio para Whiskeyjack.

– Hairlock está maluco – declarou ela. – Ele sempre esteve à beira da loucura, mas agora cavou buracos nos próprios Labirintos e está experimentando o Caos. Ainda pior: isso o está deixando mais poderoso, mais perigoso.

Eles haviam se reunido nos aposentos de Tattersail, que consistiam em uma sala externa, onde estavam sentados, e um quarto com o luxo raro de uma porta de madeira sólida. Os ocupantes anteriores haviam rapidamente despido o lugar de qualquer coisa valiosa e portátil, deixando para trás apenas os itens maiores da mobília. Tattersail estava sentada à mesa, com Whiskeyjack, Ben Ligeiro, Kalam e o sapador chamado Violinista. O ar na sala ficara quente, abafado.

– Claro que ele está louco – replicou Ben Ligeiro, olhando para o sargento,

cujo rosto continuava impassível. O mago logo acrescentou: – Mas era de se esperar. Pelo rabo de Fener, moça, ele tem o corpo de uma marionete! Claro que isso o perverteu.

– Perverteu quanto? – perguntou Whiskeyjack ao mago. – Ele deveria estar vigiando nossa retaguarda, não é?

– Ligeiro está com ele sob controle – disse Kalam. – Hairlock está regressando, solucionando o Labirinto. Ele vai descobrir quem no Império nos quer mortos.

– O perigo é ele ser descoberto – acrescentou Ben Ligeiro, virando-se para Tattersail. – Ele precisa se esgueirar pelos Labirintos do modo não convencional. Os caminhos normais estão todos bem guardados por armadilhas.

Tattersail refletiu sobre aquilo, depois concordou com a cabeça.

– Tayschrenn o encontraria, ou pelo menos ouviria falar que alguém está fuçando por aí. Mas Hairlock está usando o poder do Caos, os caminhos que ficam *entre* os Labirintos, e isso não é saudável... Não apenas para ele, mas para todos nós.

– Por que para todos nós? – perguntou Whiskeyjack.

– Isso enfraquece os Labirintos, desfia o tecido, o que então permite a Hairlock invadi-los à sua vontade... e depois sair – explicou Ben Ligeiro. – Mas não temos escolha. Temos que dar essa corda a Hairlock. Por enquanto.

A feiticeira suspirou, massageando a testa.

– Tayschrenn é quem vocês procuram. Já lhes falei...

– Isso não é bom o bastante – interrompeu Ben Ligeiro. – Quantos agentes ele está usando? Quais os detalhes do plano? Qual *é* a droga do plano? Isso são ordens de Laseen ou o Alto Mago está visando o trono para ele? Precisamos saber, caramba!

– Está bem, está bem – disse Tattersail. – Então Hairlock desembaraça a coisa toda para vocês... E depois o quê? Vocês pretendem matar Tayschrenn e todos os envolvidos? Vocês estão contando com minha ajuda para isso?

Ela olhou para cada rosto, um após outro. Nenhum deles revelava nada. Uma fúria ardeu em seu íntimo, e ela se levantou.

– Eu sei que Tayschrenn provavelmente matou A’Karonys, Nightchill e meu quadro – continuou ela, áspera. – Ele provavelmente sabia que seus túneis iriam

desmoronar sobre vocês, e pode muito bem ter decidido que o Segundo Exército de Dujek era uma ameaça que precisava ser destruída. Mas, se vocês acham que vou ajudá-los sem saber o que estão planejando, estão enganados. Há mais coisas nessa história toda do que vocês estão dispostos a me contar. Se apenas a sua sobrevivência estivesse em jogo, por que não desertar e pronto? Não creio que Dujek os perseguiria. A menos, é claro, que as suspeitas de Tayschrenn a respeito de Umbraço e do Segundo sejam realmente verdade... Vocês têm planos para um motim, a fim de proclamar Dujek imperador e depois marchar para Genabaris. – Ela fez uma pausa e olhou para cada um deles. – Tayschrenn por acaso só se antecipou a vocês, estragando seus planos? Estou sendo arrastada para uma conspiração? Se estiver, então preciso saber seus objetivos finais. Tenho esse direito, não tenho?

Whiskeyjack grunhiu, depois pegou a jarra de vinho que estava na mesa. Encheu novamente os copos de todos.

Ben Ligeiro expirou pesadamente e esfregou a nuca.

– Tattersail, não desafiaremos Tayschrenn diretamente – disse ele, em voz baixa. – Isso seria suicídio. Não. Cortaremos aos poucos seus apoios, com cuidado e precisão, e arranjaremos sua... *perda de prestígio*. Supondo que a imperatriz não esteja envolvida. Mas precisamos saber mais, precisamos das respostas antes de podermos escolher entre nossas alternativas. Você não deve se envolver ainda mais do que já se envolveu. Na verdade, é mais seguro assim. Hairlock quer que você proteja a retaguarda *dele*, caso todo o resto falhe. Há boas chances de isso não ser necessário. – Ergueu o olhar e deu um sorriso tenso a Tattersail. – Deixe Tayschrenn comigo e com Kalam.

Tudo está muito bem, mas você não me respondeu. Tattersail olhou para o outro homem de pele negra; seus olhos se estreitaram.

– Você já foi um Garra, não foi? – perguntou ela.

Kalam deu de ombros.

– Pensei que ninguém podia sair... vivo.

Ele deu de ombros outra vez.

Violinista grunhiu algo incompreensível e se levantou de sua cadeira. Começou a andar para cima e para baixo, suas pernas tortas levando-o de uma parede a outra, como uma raposa em um buraco. Ninguém prestou atenção nele.

Whiskeyjack estendeu uma taça a Tattersail e disse:

– Fique conosco nisso, feiticeira. Ben Ligeiro não costuma estragar as coisas... não muito. – Ele adquiriu uma expressão amarga, continuando: – Admito que também não estou completamente convencido ainda, mas aprendi a confiar nele, tenha isso o valor que tiver para você.

Tattersail deu um gole grande no vinho, depois secou os lábios.

– Seu pelotão está indo para Darujhistan hoje à noite. Em segredo, o que quer dizer que não serei capaz de me comunicar com vocês se a coisa ficar feia.

– Tayschrenn descobriria se usássemos o modo habitual – disse Ben Ligeiro. – Hairlock é nosso único elo inquebrável. Você pode chegar a nós através dele, Tattersail.

Whiskeyjack fitou a feiticeira.

– Voltando a Hairlock: você não confia nele.

– Não – confirmou Tattersail.

O sargento ficou em silêncio, com o olhar fixo no tampo da mesa. Sua expressão impassível desapareceu, revelando um conflito de emoções.

Ele mantém seu mundo reprimido, mas a pressão está aumentando. Tattersail se perguntava o que aconteceria quando tudo explodisse dentro dele.

Os dois homens das Sete Cidades esperaram, mantendo os olhos fixos no sargento. Apenas Violinista continuou seu caminhar preocupado. O uniforme desigual do sapador ainda trazia as manchas dos túneis. O sangue de alguma pessoa fora espessamente salpicado na frente de sua túnica, como se um amigo tivesse morrido em seus braços. Bolhas mal curadas apareciam sob os pelos irregulares de seu rosto e do maxilar, e o cabelo ruivo escorrido pendia casualmente por baixo do elmo de couro.

Um longo minuto se passou, depois do qual o sargento aquiesceu com firmeza para si mesmo. Com os olhos duros ainda fixos no tampo da mesa, disse:

– Tudo bem, feiticeira. Nós lhe daremos isto. Ben Ligeiro, conte-lhe sobre Piedade.

As sobrancelhas de Tattersail se arquearam. Ela cruzou os braços e encarou o mago. Ben Ligeiro não parecia muito satisfeito. Mexeu-se, desconfortável, e lançou um olhar esperançoso a Kalam, mas o homenzarrão desviou os olhos.

– Vamos, mago – grunhiu Whiskeyjack.

Ben Ligeiro encontrou o olhar firme de Tattersail com uma expressão quase infantil. Medo, culpa e desgosto dançavam em suas feições delicadas.

– Você se lembra dela?

A feiticeira soltou uma risada áspera.

– Não é alguém fácil de esquecer. Uma sensação... estranha... quanto a ela. Perigosa. – Ela pensou em revelar o que descobrira durante seu jogo de Fatid com Tayschrenn. *Virgem da Morte*. Mas algo a deteve. Não, corrigiu-se, não apenas algo. *Eu ainda não confio neles*. – Você suspeita que ela esteja a serviço de alguma outra pessoa?

O rosto do mago estava cadavérico. Ele pigarreou.

– Ela foi recrutada dois anos atrás em Itko Kan, numa das varreduras costumeiras na área central do Império.

A voz de Kalam retumbou ao lado dela:

– Algo feio aconteceu lá na mesma época. A história foi enterrada bem fundo, mas a conselheira estava envolvida, e um Garra seguiu seu rastro e silenciou quase todo mundo na guarda da cidade. Usei fontes antigas, cavei alguns detalhes esquisitos.

– Esquisitos – repetiu Ben Ligeiro – e reveladores, se você souber o que está procurando.

Tattersail sorriu para si mesma. Aqueles dois homens tinham um jeito de completar um a fala do outro. Ela voltou sua atenção para o mago, que continuou:

– Parece que uma companhia de cavalaria teve um azar daqueles. Sem sobreviventes. Quanto àquilo com que se depararam, tinha algo a ver com...

– Cães – completou Kalam, sem perda de tempo.

A feiticeira franziu o cenho para o assassino.

– Junte as peças – disse Ben Ligeiro, chamando sua atenção outra vez. – A conselheira Lorn é a assassina de magos pessoal de Laseen. Sua chegada ao local sugere que havia feitiçaria envolvida no massacre. Alta feitiçaria.

O mago estreitou os olhos para Tattersail e esperou.

Ela tomou outra golada de vinho. *O Fatid me mostrou. Cães e feitiçaria*. Dentro de sua mente, a imagem da Corda voltou como a vira na leitura das cartas. *Alta Casa da Sombra, regida pelo Trono Sombrio e pela Corda, e a*

serviço deles...

– Os Sete Cães da Sombra – falou a feiticeira, enfim.

Ela olhou para Whiskeyjack, mas os olhos do sargento continuavam voltados para baixo, e sua expressão permanecia lisa como uma pedra.

– Bom – rosnou Ben Ligeiro, um pouco impaciente. – Os Cães caçaram. Esse é nosso palpite, mas é um bom palpite. Todos no Décimo Nono Regimento da Oitava Cavalaria foram mortos, até mesmo seus cavalos. Cinco quilômetros da costa precisaram ser repovoados.

– Ótimo. – Tattersail suspirou. – Mas o que isso tem a ver com Piedade?

O mago se virou, e Kalam disse:

– Hairlock vai seguir mais de um rastro, feiticeira. Estamos bastante certos de que Piedade está envolvida de algum modo com a Casa da Sombra.

– Certamente parece que, desde a chegada dessa Casa ao Baralho e a abertura de seu Labirinto, o caminho da Sombra cruza o do Império com frequência demais para ser um acidente – afirmou Tattersail. – Por que o Labirinto entre a Luz e as Trevas demonstraria tamanha... *obsessão* com o Império Malazano?

O olhar de Kalam estava velado quando ele falou:

– Estranho, não é? Afinal de contas, o Labirinto só apareceu depois de o imperador ter sido assassinado pela mão de Laseen. Não se ouvira falar do Trono Sombrio e de seu companheiro, o Patrono dos Assassinos, Cotillion, antes da morte de Kellanved e do Dançarino. Também parece que, qualquer que seja o... desentendimento existente entre a Casa da Sombra e a imperatriz Laseen, ele é... hum... pessoal.

Tattersail fechou os olhos. *Caramba, é óbvio assim, não é?*

– Ben Ligeiro – disse ela –, não houve sempre um Labirinto de Sombra acessível? Rashan, o Labirinto das Ilusões?

– Rashan é um Labirinto falso, feiticeira. Uma sombra daquilo que alega representar, se perdoar minha escolha de palavras. Ele é, em si mesmo, uma ilusão. Só os deuses sabem de onde veio, ou quem o criou em primeiro lugar, ou até mesmo por quê. Mas o verdadeiro Labirinto da Sombra foi fechado, ficou inacessível por milênios, até o ano 1154 do Sono da Incineração, nove anos atrás. Os escritos mais antigos sobre a Casa da Sombra parecem indicar que seu

trono era ocupado por um tiste edur...

– Tiste edur? – interrompeu Tattersail. – Quem são eles?

O mago deu de ombros.

– Primos dos tiste andii? Eu não sei, feiticeira.

Você não sabe? Na verdade, parece que você sabe o inferno todo, pensou Tattersail. Ben Ligeiro deu de ombros novamente, para enfatizar suas últimas palavras, acrescentando:

– De qualquer modo, acreditamos que Piedade esteja ligada à Casa da Sombra.

Whiskeyjack fez todos se sobressaltarem ao se pôr em pé com um solavanco.

– Não estou convencido – disse ele, lançando a Ben Ligeiro um olhar furioso, o que mostrou a Tattersail que houvera incontáveis discussões acerca daquele problema. – Piedade gosta de matar, e tê-la por perto é como ter aranhas dentro da camisa. Sei tudo isso, consigo ver e sentir o mesmo que qualquer um de vocês. Não significa que ela seja algum tipo de demônio. – Virou-se para Kalam. – Ela mata como você, Kalam. Vocês dois têm gelo nas veias. E daí? Olho para você e vejo um homem, porque isso é o que os homens são capazes de fazer. Não caço desculpas, porque não gosto de pensar que isso é o quanto podemos ser perversos. Olhamos para Piedade e vemos reflexos de nós mesmos. Que o Encapuzado compreenda se não gostamos do que vemos. – Ele se sentou tão abruptamente quanto se levantara e pegou a jarra de vinho. Quando continuou, sua voz diminuiu de volume: – Esta é a minha opinião, de qualquer modo. Não sou especialista em demônios, mas vi homens e mulheres mortais suficientes *agindo* como demônios, quando necessário. O mago do meu pelotão morre de medo de uma garota de 15 anos. Meu assassino pega uma faca sorrateiramente sempre que ela está a vinte passos dele. – Seu olhar encontrou o de Tattersail. – Então, Hairlock tem duas missões em vez de uma, e, se você acha que Ben Ligeiro e Kalam estão certos em suas suspeitas, pode sair disso. Eu sei como são as coisas quando deuses entram na briga. – Ele estreitou os olhos momentaneamente, como se recordasse algo. – Eu sei – sussurrou.

Tattersail soltou devagar a respiração que estivera segurando desde que o sargento tinha se colocado de pé. Sua necessidade era clara naquele instante: ele queria que Piedade fosse apenas humana, apenas uma garota pervertida por um

mundo duro. Porque aquilo era algo que ele entendia, algo com que podia lidar.

– Lá atrás, nas Sete Cidades, diz-se que a Primeira Espada do Império, o comandante de seus exércitos, Dassem Ultor, aceitou a oferta de um deus. O Encapuzado tornou Dassem seu Cavaleiro da Morte – disse ela, em voz baixa. – Então, algo aconteceu, algo deu... errado. E Dassem renunciou a seu título; fez um voto de vingança contra o Encapuzado... contra o próprio Senhor da Morte. De uma só vez outros Ascendentes começaram a interferir, manipulando os acontecimentos. Tudo culminou com o assassinato de Dassem, depois o assassinato do imperador, e sangue nas ruas, templos em guerra, feitiços desencadeados. – Ela fez uma pausa, vendo as lembranças daquela época refletidas no rosto de Whiskeyjack. – Você estava lá.

Por isso você não quer que aconteça outra vez, aqui e agora. Você acha que, se puder negar que Piedade serve à Sombra, sua convicção será o bastante para moldar a realidade. Você precisa acreditar nisso para salvar sua sanidade, porque há algumas coisas na vida pelas quais só quer passar uma vez. Ah, Whiskeyjack, não posso aliviar o seu fardo. Acho que Ben Ligeiro e Kalam estão certos.

– Se a Sombra reivindicou a garota – concluiu Tattersail –, a pista aparecerá. Hairlock irá encontrá-la.

– Você vai se afastar disso? – perguntou o sargento.

Tattersail sorriu.

– A única morte que temo é morrer na ignorância. Não, eis a minha resposta.

Palavras corajosas, mulher. Essas pessoas têm habilidade para trazer à tona o melhor – ou talvez o pior – de mim.

Algo reluziu nos olhos de Whiskeyjack, e ele anuiu.

– Então é isso – disse ele rispidamente, recostando-se. Então perguntou ao sapador, que ainda andava para lá e para cá atrás dele: – O que você tem em mente, Violinista?

– Estou com um pressentimento ruim – murmurou o homem. – Algo está errado. Mas não é aqui, é perto. É só... – Ele parou, inclinando a cabeça, então suspirou, voltando a caminhar inquieto. – Não tenho certeza. Não tenho certeza.

Os olhos de Tattersail seguiram o homenzinho musculoso. Um talento natural? Alguma coisa agindo sobre puro instinto? Muito raro.

– Acho que vocês deveriam ouvi-lo – sugeriu ela.

Whiskeyjack lançou-lhe um olhar sofrido. Kalam sorriu, uma rede de linhas se enrugando ao redor de seus olhos escuros.

– Violinista salvou nossas vidas no túnel – explicou Kalam. – Um de seus *maus pressentimentos*.

Tattersail se recostou em sua cadeira e cruzou os braços.

– Então onde está Piedade agora? – perguntou.

Violinista girou, e seus olhos se arregalaram para a feiticeira. Sua boca abriu, depois fechou outra vez. Os outros três se levantaram; as cadeiras caíram para trás.

– Temos que ir – guinchou Violinista. – Há uma faca por aí, e há sangue nela.

Whiskeyjack conferiu sua espada.

– Kalam, vinte passos à frente. – Ele encarou Tattersail, enquanto o assassino se esgueirava para fora. – Nós a perdemos algumas horas atrás. Acontece com bastante frequência entre uma missão e outra. – Ele parecia abatido. – Pode não haver ligação nenhuma com essa faca ensanguentada.

Um florescimento de poder tomou conta da sala, e Tattersail se virou para encarar Ben Ligeiro. O mago acessara seu Labirinto. O feitiço sangrava uma atmosfera estranha e rodopiante, que ela não conseguiu reconhecer e cuja intensidade a assustou. Ela encontrou os olhos brilhantes do homem negro.

– Eu deveria conhecer você – sussurrou. – Não há tantos mestres verdadeiros neste mundo para que eu não conheça você. Quem é você, Ben Ligeiro?

– Todos prontos? – interrompeu Whiskeyjack.

A única resposta do mago para Tattersail foi um dar de ombros. Para Whiskeyjack, ele disse:

– Pronto.

O sargento se encaminhou para a porta.

– Tome cuidado, feiticeira.

Um momento depois, eles haviam partido. Tattersail ajeitou as cadeiras, depois encheu seu cálice com vinho. *Alta Casa da Sombra e uma faca no escuro. Um novo jogo começou, ou o antigo acabou de mudar*.

Paran abriu os olhos para a luz do sol clara e quente, mas o céu acima dele estava... errado. Não viu sol; o brilho amarelo era forte, mas não tinha fonte específica. O calor soprava sobre ele com um peso opressivo.

Um gemido enchia o ar; não era o vento, porque não havia vento. Ele tentou pensar, tentou recuperar suas últimas lembranças, mas o passado estava vazio, arrancado, e apenas fragmentos permaneciam: a cabine de um navio; o som de sua adaga quando ele a jogava repetidamente contra um mastro de madeira; um homem com anéis, cabelo branco, rindo sarcasticamente.

Virou para um lado, procurando a origem do gemido. A uma dúzia de passos na planície lisa, que não era nem relva nem terra, um portão em forma de arco erguia-se, levando para...

Nada. Já vi portões assim antes. Nenhum tão grande quanto este, acho. Nenhum que se parecesse com essa... essa coisa. Retorcido, ereto ainda que encarado de lado, o portão não era, percebeu ele, feito de pedra. *Corpos... figuras humanas nuas. Esculpidas? Não... Ah, não*. As figuras se moviam, gemiam, contorciam-se vagarosamente no mesmo lugar. Carne escurecida, como se manchada de turfa, olhos fechados e bocas abertas emitindo gemidos fracos e infinitos.

Paran ficou em pé, cambaleou quando uma onda de tontura o percorreu e caiu outra vez no chão.

– Algo parecido com indecisão – disse uma voz, friamente.

Piscando, Paran se virou de barriga para cima. Acima dele havia um jovem homem e uma jovem mulher, gêmeos. O homem trajava vestes largas de seda branca e dourada; seu rosto magro era pálido e inexpressivo. Sua gêmea estava envolta em uma capa roxa brilhante, e seu cabelo louro lançava reflexos avermelhados.

Fora o homem quem falara. Ele sorriu sem emoção para Paran.

– Há muito tempo admiramos sua...

Os olhos dele se arregalaram.

– Espada – completou a mulher, em tom divertido.

– Muito mais sutil do que... digamos... uma moeda, você não acha? – O sorriso do homem se tornou zombeteiro. Então disse, virando a cabeça para observar a construção macabra do portão: – A maioria não para aqui. Diz-se que

havia um culto, antes, com o hábito de afundar vítimas em pântanos... Imagino que o Encapuzado os ache esteticamente agradáveis.

– Não é de estranhar que a Morte não tenha bom gosto – falou a mulher, de modo arrastado.

Paran tentou se sentar, mas seus membros se recusaram a obedecer. Ele deixou a cabeça cair, sentindo a argila estranha ceder sob seu peso.

– O que aconteceu? – sussurrou.

– Você foi assassinado – disse o homem, suavemente.

Paran fechou os olhos.

– Se isso é o que parece, então por que ainda não atravessei o Portão do Encapuzado?

– Estamos interferindo – respondeu a mulher.

Oponn, os Gêmeos do Acaso. E minha espada, minha lâmina inexperiente comprada anos atrás, com um nome que escolhi com tanto capricho...

– O que Oponn quer de mim?

– Apenas essa coisa cambaleante e ignorante que você chama de vida, querido rapaz. O problema dos Ascendentes é que eles tentam manipular todos os jogos. Claro, *nós* nos deleitamos com... a incerteza.

Um uivo distante acariciou o ar.

– Opa! – exclamou o homem. – Isso vem fazer das coisas uma certeza, eu diria. É melhor irmos, irmã. Desculpe, capitão, mas parece que você vai atravessar aquele Portão, no fim das contas.

– Talvez – disse a mulher.

O irmão a circulou.

– Nós concordamos. Sem confrontos! Confrontos são caóticos. Desagradáveis. Desprezo cenas desconcertantes! Além disso, aqueles que estão vindo não jogam limpo.

– Nós também não – rosnou a irmã. Virou-se para o portão e ergueu a voz: – Senhor da Morte! Gostaríamos de falar com você! Encapuzado!

Paran virou a cabeça e observou uma figura curvada e manca emergir do portão. Vestindo trapos, a figura se aproximou devagar. Paran semicerrou os olhos: uma mulher velha, uma criança com baba no queixo, uma jovem deformada, um trell doente e definhado, um tiste andii murcho...

– Ah, decida-se! – disse a irmã.

A aparição inclinou a cabeça de morte com um sorriso, seus dentes manchados de um amarelo turvo.

– Vocês não são nem um pouco criativos – disse, com voz trêmula.

– Você não é o Encapuzado.

O irmão fez uma carranca.

Ossos se moveram sob a pele que rangia.

– Meu senhor está ocupado.

– Ocupado? Nós não recebemos insultos com benevolência – retrucou a irmã.

A aparição gargalhou, depois parou abruptamente.

– Que falta de sorte. Uma risada maléfica e gutural seria mais do meu gosto. Ah, bem, respondendo: meu senhor também não aprecia sua interrupção da passagem natural de uma alma.

– Assassinada pela mão de um deus – interrompeu a irmã. – Isso permite nossa intromissão.

A criatura grunhiu e se arrastou para olhar Paran. As órbitas de seus olhos brilharam fracamente, como se pérolas antigas estivessem escondidas nas sombras.

– O que você deseja do meu senhor, Oponn? – perguntou, observando Paran.

– Nada, de minha parte – disse o irmão, virando-se. – Irmã?

– Mesmo para os deuses, a morte aguarda, como uma incerteza escondida fundo dentro deles – respondeu ela e, após uma pausa, concluiu: – Deixa-os inseguros.

A criatura riu outra vez e novamente se expressou:

– Reciprocidade.

– Claro – retorquiu a irmã. – Procurarei por outra morte prematura. Até mesmo uma sem sentido.

A aparição ficou em silêncio. Depois, sua cabeça rangeu com um aceno afirmativo.

– Na sombra deste mortal, é claro.

– De acordo.

– Minha sombra? – questionou Paran. – O que isso quer dizer, precisamente?

– Muito pesar, lamentavelmente – retrucou a aparição. – Alguém próximo a você deverá atravessar o Portão da Morte... no seu lugar.

– Não. Leve-me, eu imploro.

– Calado – rosnou a aparição. – *Páthos* me dá náuseas.

O uivo reverberou novamente, muito mais próximo dessa vez.

– É melhor irmos – disse o irmão.

A aparição abriu as mandíbulas como se fosse rir, mas fechou-as com força.

– Não – murmurou. – Não de novo.

Mancou de volta para o portão, parando uma vez para se virar e acenar. A irmã revirou os olhos.

– Hora de partir – insistiu o irmão, inquieto.

– Sim, sim – concordou a irmã, fitando Paran.

O capitão suspirou, desviando o olhar.

– Sem uma última charada, por favor.

Quando voltou a olhar, Oponn se fora. Mais uma vez Paran tentou se sentar. Falhou novamente.

Uma nova presença surgiu, enchendo o ar com tensão e um cheiro de ameaça.

Suspirando, Paran esticou o pescoço para poder enxergar melhor. Viu um par de Cães: imensas criaturas pesadas, escuras, com as línguas de fora ao se sentarem, observando-o. *Foi isso que matou a companhia em Itko Kan. São estas as feras amaldiçoadas e abomináveis.* Ambos os Cães congelaram, com as cabeças pendendo na direção de Paran, como se vendo o ódio em seus olhos. O capitão sentiu o coração esfriar ante a atenção ávida das feras. Demorou a perceber que exibira os dentes para elas.

Um borrão de sombra separava os dois Cães, e sua forma lembrava vagamente um homem, translúcida. A sombra falou:

– Aquele que Lorn enviou. Pensei que seria alguém... hábil. Embora, é preciso dizer, você tenha morrido bem.

– Evidentemente não – reagiu Paran.

– Ah, sim – disse a sombra. – Dessa forma, recai sobre mim a responsabilidade de completar a tarefa. Dias cheios, os últimos.

Paran pensou na conversa de Oponn com o servo do Encapuzado. *Incerteza.*

Se um deus teme alguma coisa...

– No dia em que você morrer, Trono Sombrio, eu o estarei esperando do outro lado do portão – afirmou ele, baixo. – Com um sorriso. Deuses *podem* morrer, não podem?

Algo estalou na entrada do portão. Trono Sombrio e os Cães vacilaram. Paran continuou, surpreso com sua coragem em brincar com aqueles Ascendentes. *Sempre desprezei a autoridade, não é?*

– No meio do caminho entre a vida e a morte, essa promessa não me custa nada, sabe?

– Mentiroso, o único Labirinto que pode tocá-lo agora é...

– A Morte – arrematou Paran, e acrescentou: – Claro, alguém... intercedeu, e foi embora bem antes de você e seus Cães barulhentos chegarem.

O Rei da Alta Casa da Sombra se adiantou:

– Quem? O que planeja? Quem se opõe a nós?

– Descubra as respostas por si mesmo, Trono Sombrio. Você entende, não é, que, se me mandar embora agora, a sua... oposição vai procurar outros meios? Sem saber nada sobre a próxima ferramenta deles, como você vai farejar o próximo passo que pretendem dar? Ficará atirando no escuro.

– É mais fácil seguir você – admitiu o deus. – Devo conversar com meu companheiro...

– Como desejar – retorquiu Paran. – Eu gostaria de conseguir ficar em pé...

O deus soltou uma risada áspera.

– Se ficar em pé, andará em apenas uma direção. Você tem um prazo... E, se o Encapuzado puser você em pé, a mão que vai guiá-lo será a dele, não a nossa. Excelente. E, se você viver, minha sombra vai segui-lo.

Paran grunhiu.

– Minha sombra anda concorrida, ultimamente.

Seus olhos recaíram de novo sobre os Cães. As criaturas ainda o observavam, seus olhos como brasas fracas. *Eu os apanharei*. Como se atiçados pela promessa silenciosa, os brilhos vermelhos se avivaram.

O deus voltou a falar, mas o mundo escurecera ao redor de Paran, desvanecendo-se, minguando, até a voz desaparecer, e, com ela, toda a consciência, exceto o fraco e renovado girar de uma moeda.

Uma quantidade indefinida de tempo passou, durante a qual Paran vagou por lembranças que imaginara ter perdido muito antes: sua infância, os dias em que se agarrava ao vestido da mãe e dava seus primeiros passos vacilantes; as noites de tempestade, quando voava pelo corredor frio até o quarto dos pais, pés minúsculos se chocando na pedra gelada; quando segurava as mãos de suas duas irmãs enquanto elas esperavam no calçamento duro do pátio... esperavam, esperavam por alguém. As imagens pareceram se afastar para o lado em sua mente. O vestido de sua mãe? Não, uma mulher idosa a serviço da família. Não era o quarto de seus pais, mas o dos servos; e ali, no pátio com suas irmãs, eles haviam ficado durante meia manhã esperando a chegada de seus pais, duas pessoas que mal conheciam.

Em sua mente, as imagens se repetiam, momentos de importância misteriosa, significado oculto, peças de um quebra-cabeça que não conseguia reconhecer, moldadas por mãos que não eram as suas e com um propósito que não conseguia compreender. Um tremor de medo percorreu a extensão de seus pensamentos quando sentiu que alguma coisa – alguém – estava ocupado reorganizando os acontecimentos formadores de sua vida, transformando seu final e lançando-os nas novas sombras do presente. De algum modo, a mão que o guiava... *brincava*. Com ele, com sua vida.

Parecia um tipo esquisito de morte...

Vozes chegavam a seus ouvidos.

– Ah, inferno!

Um rosto se aproximou do de Paran, olhou dentro de seus olhos vazios. O rosto era de Seletora.

– Ele não teve nenhuma chance.

O sargento Inquieto falou a alguns metros de distância:

– Ninguém do Nono o mataria assim. Não bem aqui na cidade.

Seletora estendeu a mão e tocou a ferida do peito, seus dedos supreendentemente leves contra a carne rasgada dele.

– Isso não é obra de Kalam.

– Você ficará bem aqui? – perguntou Inquieto. – Vou buscar Azarve e Marreta, e quem mais que tenha aparecido.

– Vá em frente – replicou Seletora, procurando e encontrando a segunda

ferida, quase 30 centímetros abaixo da primeira. – Esta aqui veio depois, fraca e com a mão direita.

Uma morte muito esquisita mesmo, pensou Paran. O que o mantinha ali? Houvera algum outro... lugar? Um lugar quente, com uma luz amarela que cegava? E vozes, figuras vagas, indistintas, bem abaixo de um arco de... de multidões estranhamente mantidas imóveis, olhos fechados, bocas abertas. Um coro dos mortos... Ele tinha ido a algum lugar apenas para voltar para as vozes reais, para as mãos reais em sua carne? Como poderia enxergar através do vidro vazio de seus olhos, ou sentir o toque gentil da mulher em seu corpo? E quanto à dor, erguendo-se como se de uma grande profundeza, à semelhança de um leviatã?

Seletora afastou as mãos e descansou os cotovelos nas coxas ao se agachar diante de Paran.

– Agora, como é que você ainda está sangrando, capitão? Essas feridas provocadas por facas têm pelo menos uma hora.

A dor alcançou a superfície. Paran sentiu os lábios viscosos se abrirem. As articulações de seu maxilar estalaram quando inspirou com ferocidade. Gritou.

Seletora saltou para trás, a espada aparecendo do nada em sua mão ao recuar até o outro muro do beco.

– Pela misericórdia de Shedenul! – gritou ela.

Botas pisavam o calçamento à direita e a cabeça dela se virou.

– Curandeiro! O canalha está vivo!

A terceira badalada depois da meia-noite dobrou sonoramente pela cidade de Pale, ecoando através das ruas esvaziadas por causa do toque de recolher. Uma chuva fina caía, pintando o céu noturno com um tom turvo de dourado. Diante da propriedade grande e isolada, a dois quarteirões do velho palácio que se transformara em parte do alojamento do Segundo, dois soldados envoltos em capas de chuva negras estavam de guarda do lado de fora do portão principal.

– Porcaria de noite miserável, não é? – disse um deles, tiritando.

O outro trocou a lança para o ombro esquerdo e cuspiu catarro na sarjeta.

– Você está apenas supondo – disse, balançando a cabeça. – Se tiver alguma

outra ideia brilhante que sinta necessidade de jogar em cima de mim, é só falar, ouviu?

– O que eu fiz? – perguntou o primeiro, ofendido.

O segundo soldado enrijeceu.

– Quieto, tem alguém vindo.

Os guardas esperaram, tensos, com as mãos nas armas. Uma pessoa atravessou o outro lado e se adiantou para ficar sob a luz dos lampiões.

– Pare – grunhiu o segundo guarda. – Avance devagar, e é melhor que tenha trabalho aqui.

O homem deu um passo à frente.

– Kalam, dos Queimadores de Pontes, Nono Pelotão – disse, em voz baixa.

Os soldados continuaram desconfiados, mas o Queimador de Pontes manteve distância, com o rosto escuro brilhando na chuva.

– O que você está vindo fazer aqui? – perguntou o segundo guarda.

Kalam grunhiu e lançou um olhar rua abaixo.

– Nós não esperávamos voltar. Quanto ao que viemos fazer aqui, bem, é melhor que Tayschrenn não saiba. Você está comigo, soldado?

O guarda sorriu e cuspiu outra vez na sarjeta.

– Kalam... Você deve ser o cabo de Whiskeyjack. – Havia um tom de respeito em sua voz. – O que você quiser é seu.

– É mesmo – rosnou o outro soldado. – Eu estava em Nathilog, senhor. Se quiser que fiquemos cegos pela chuva por mais ou menos uma hora, é só dizer.

– Estamos trazendo um corpo – disse Kalam. – Mas isso nunca aconteceu no turno de vocês.

– Pelo Portão do Encapuzado, não – falou o segundo soldado. – Tudo pacífico como a Sétima Aurora.

Da outra ponta da rua vieram os sons de alguns homens se aproximando. Kalam fez sinal para que continuassem, depois se esgueirou para dentro quando o primeiro guarda destrancou o portão.

– O que você acha que eles vão fazer? – perguntou esse guarda, depois de Kalam ter desaparecido.

O outro deu de ombros.

– Espero que enfiem algo duro e afiado em Tayschrenn, que o Encapuzado

leve o assassino traiçoeiro. E, sabendo como são os Queimadores de Pontes, é exatamente isso que vão fazer.

Silenciou quando o grupo chegou. Dois homens carregavam um terceiro entre eles. Os olhos do segundo soldado se arregalaram ao ver o rosto do homem inconsciente e o sangue manchando a frente de seu cinturão.

– Pela sorte de Oponn! – sibilou para o Queimador de Pontes mais próximo, um homem usando um barrete de couro manchado, e acrescentou: – A sorte buscada, não a oferecida.

O Queimador de Pontes lançou-lhe um olhar cortante.

– Se vir uma mulher atrás de nós, saia do caminho dela, está me ouvindo?

– Uma mulher? Quem?

– Ela é do Nono, e talvez esteja sedenta por sangue – respondeu o homem, e ele e seu companheiro atravessaram o portão arrastando o capitão. Por sobre o ombro, acrescentou: – Esqueça a segurança. Apenas permaneçam vivos, se conseguirem.

Os dois soldados se entreolharam quando os homens passaram. Um momento depois, o primeiro soldado estendeu a mão para fechar o portão. O outro o deteve.

– Deixe-o aberto – murmurou. – Vamos encontrar um canto escuro, perto, mas não demais.

– Noite infernal – exclamou o primeiro soldado.

– Você gosta de constatar o óbvio, não? – disse o outro, afastando-se do portão.

O primeiro homem deu de ombros desamparadamente e se apressou a segui-lo.

Tattersail encarou com dureza, e por algum tempo, a carta posta no meio do jogo. Havia escolhido um padrão espiralado, criando o caminho com todo o Baralho de Dragões até a última carta, que poderia assinalar um ápice ou uma epifania, dependendo de como a carta se colocasse.

A espiral se transformara em um poço, um túnel para baixo, em cuja base, que parecia distante e obscurecida por sombras, esperava a imagem de um Cão.

Ela sentiu a urgência daquela leitura. A Alta Casa da Sombra tinha se envolvido, num desafio ao comando que Oponn retinha sobre o jogo. Os olhos da feiticeira foram atraídos para a primeira carta que tirara, no início da espiral. O Construtor da Alta Casa da Morte tinha uma posição inferior entre os demais, mas agora a figura gravada em madeira parecia ter se erguido para uma posição eminente. Irmão do Soldado da mesma Casa, a imagem do Construtor era a de um homem magro e grisalho, vestido com couro desbotado. Suas mãos imensas cheias de veias seguravam ferramentas de cortar pedra; ao seu redor se erguiam menires precariamente terminados. Tattersail descobriu que conseguia discernir símbolos vagos nas pedras, um idioma que lhe era desconhecido, mas que evocava a escrita das Sete Cidades. Na Casa da Morte, o Construtor era aquele que fazia os túmulos, o colocador de pedras, uma promessa de morte não para um ou poucos, mas para muitos. O idioma nos menires entregava uma mensagem que não lhe fora destinada: o Construtor entalhara aquelas palavras para si mesmo, e o tempo corroera as beiradas; até o próprio entalhador parecia completamente ressequido, seu rosto cheio de rachaduras, sua barba prateada fina e emaranhada. O papel fora assumido por um homem que já trabalhara com pedra, só que não mais.

A feiticeira estava tendo dificuldade para entender. Os padrões que via a intimidavam: era como se um jogo completamente novo houvesse começado, com diferentes participantes entrando em cena a cada vez. No meio da espiral estava o Cavaleiro da Alta Casa da Escuridão, sua localização um contraponto entre o começo e o fim.

Como da última vez que o Baralho revelara aquela figura draconiana, algo pairava no céu escuro atrás do Cavaleiro, evasivo como sempre, às vezes parecendo uma mancha negra nos próprios olhos de Tattersail.

A espada do Cavaleiro se estendia em um traço negro e esfumaçado na direção do Cão no alto da espiral, e, naquele momento, ela soube seu significado. O futuro guardava um confronto entre o Cavaleiro e a Alta Casa da Sombra. O pensamento tanto assustava Tattersail quanto a fazia se sentir aliviada. Seria um embate, não haveria aliança. Era raro ver um elo claro e direto entre duas Casas: o potencial de devastação a deixou trêmula de preocupação. Sangue derramado nesse nível de poder produzia abalos pelo mundo. Inevitavelmente, pessoas seriam feridas. E aquele pensamento a levou de volta

ao Construtor da Alta Casa da Morte. O coração de Tattersail batia forte em seu peito. Ela enxugou o suor que escorria para os olhos conforme piscava e conseguiu respirar algumas vezes.

– Sangue sempre corre para baixo – murmurou.

O Construtor está fazendo um túmulo – afinal, é servo da Morte – e vai me tocar diretamente. Aquele túmulo... é meu? Devo recuar? Abandonar os Queimadores de Pontes à própria sorte, fugir de Tayschrenn, do Império?

Uma lembrança antiga inundou seus pensamentos, algo que reprimira por quase dois séculos. A imagem a balançou. Mais uma vez caminhou pelas ruas lamacentas da vila em que nascera, uma criança que possuía o Talento, uma criança que vira os cavaleiros de guerra varrendo sua vida protegida. Uma criança que fugira do conhecimento, sem contar nada a ninguém. E, então, a noite veio, uma noite de gritos e morte.

A culpa cresceu dentro dela, com seu semblante espectral assustadoramente familiar. Depois de todos aqueles anos, o rosto da culpa ainda tinha poder de despedaçar o mundo da feiticeira, tornando ocas certas coisas que precisava que fossem sólidas, perturbando sua ilusão de segurança com uma vergonha de quase dois séculos de idade.

A imagem afundou outra vez em seu charco viscoso, mas deixou na feiticeira uma mudança. Não haveria fuga naquela ocasião. Seu olhar se voltou pela última vez para o Cão. Os olhos da fera pareciam queimar com um fogo amarelo, perfurando-a como se procurassem marcar sua alma.

Ela enrijeceu em sua cadeira ao sentir uma presença gélida atrás dela inundar seu corpo. Devagar, Tattersail se virou.

– Desculpe não avisar – disse Ben Ligeiro, saindo da nuvem rodopiante de seu Labirinto, que trazia com ela um cheiro estranho e apimentado. Parecendo distraído, acrescentou: – Teremos companhia. Chamei Hairlock. Ele chegará por um Labirinto.

Tattersail estremeceu quando uma onda premonitória percorreu seu corpo. Encarou o Baralho outra vez e começou a recolher as cartas.

– A situação acabou de ficar mais complicada – disse o mago atrás dela.

A feiticeira parou, dando um sorriso pequeno e tenso.

– É mesmo? – murmurou.

O vento golpeava chuva no rosto de Whiskeyjack. Indistinta na noite escura, a quarta badalada soou. O sargento apertou a capa de chuva e mudou o peso do corpo de uma perna para outra, exausto. A vista que tinha da torre leste do palácio a partir do telhado estava quase completamente obstruída pela chuva torrencial.

– Você vem remoendo alguma coisa há dias – disse Whiskeyjack ao homem a seu lado. – Vamos ouvir o que é, soldado.

Violinista secou a água de seus olhos e lançou um olhar para o leste.

– Não tenho muito a dizer, sargento – respondeu, rouco. – Apenas pressentimentos. Aquela feiticeira, por exemplo.

– Tattersail?

– Sim. – O sapador soltou o cinto da bainha de sua espada com um tilintar e resmungou: – Odeio esta porcaria.

Whiskeyjack observou o homem atirar o cinto e a espada curta embainhada sobre a superfície de seixos do telhado, atrás deles.

– Só não a esqueça, como fez da última vez – disse o sargento, ocultando um sorriso.

Violinista se encolheu.

– Cometa um erro e ninguém mais deixa você em paz. – comentou o soldado.

Whiskeyjack não respondeu, embora seus ombros balançassem com a risada. – Pelos ossos do Encapuzado – prosseguiu Violinista. – Não sou um lutador. Não assim. Nasci em um beco da cidade de Malaz, aprendi o ofício de trabalhar a pedra invadindo túmulos na planície atrás da Fortaleza do Escárnio. – Lançou um olhar ao sargento. – Você também era pedreiro. Assim como eu. Só não aprendi rápido a ser um bom soldado que nem você. Para mim, eram as fileiras ou as minas... Às vezes acho que fiz a escolha errada.

O divertimento de Whiskeyjack morreu quando uma pontada se seguiu às palavras de Violinista. *Aprender o quê?*, perguntou-se ele. *A matar pessoas? A enviá-las para morrer em alguma terra estrangeira?*

– Qual é o seu pressentimento em relação a Tattersail? – perguntou o sargento, bruscamente.

– Assustada – respondeu o sapador. – Ela tem alguns velhos demônios que a

seguem, e eles estão se aproximando.

Whiskeyjack grunhiu.

– É raro encontrar um mago com um passado agradável – disse o sargento. – Dizem que ela não foi recrutada, que estava fugindo. Depois, meteu os pés pelas mãos logo em seu primeiro posto.

– Que inoportuno justo agora ela ficar mole com a gente.

– Ela perdeu seu quadro de magos. Foi traída. Sem o Império, a que mais ela pode se agarrar?

A que qualquer um de nós pode se agarrar?

– É como se ela estivesse prestes a chorar, no limite, a cada minuto. Acho que ela perdeu aquilo em que se apoiava, sargento. Se Tayschrenn pressioná-la, é possível que fale.

– Acho que você subestima a feiticeira, Violinista – disse Whiskeyjack. – Ela é uma sobrevivente... e leal. Não é uma notícia corriqueira, mas já lhe ofereceram o título de Alta Maga mais de uma vez, e ela não aceitou. Não parece, mas um embate entre ela e Tayschrenn seria equilibrado. Ela é mestra de seu Labirinto, e você não consegue isso sendo fraco.

Violinista assobiou baixo e apoiou os braços na balaustrada.

– Admito que eu estava errado.

– Mais alguma coisa, sapador?

– Só uma – respondeu Violinista, impassível.

Whiskeyjack enrijeceu. Sabia o que aquele tom significava.

– Prossiga.

– Algo está para ser desencadeado esta noite, sargento. – Violinista se virou, seus olhos reluzindo na escuridão. – A coisa vai ficar feia.

Os dois homens se voltaram ao ouvirem a pancada no alçapão do telhado. O Alto Punho Dujek Umbraço emergiu; a luz da sala abaixo era um farol irregular ao seu redor. Ele deixou o último degrau da escada e alcançou o telhado.

– Ajudem com esta porcaria de porta aqui – pediu aos dois homens.

Eles se aproximaram, suas botas esmagando o cascalho espalhado.

– Alguma notícia do capitão Paran, Alto Punho? – perguntou Whiskeyjack quando Violinista se abaixou sobre a porta do alçapão e, com um grunhido, colocou-a de volta no lugar.

– Nenhuma – disse Dujek. – Ele desapareceu. E aquele seu assassino, Kalam, também.

Whiskeyjack balançou a cabeça.

– Eu sei onde ele está agora, e onde esteve por toda a noite. Azarve e Marreta foram os últimos a ver o capitão, deixando a Taberna do Knobb, e depois ele simplesmente desapareceu. Alto Punho, nós não matamos esse tal de capitão Paran.

– Não brinque com as palavras – murmurou Dujek. – Droga, Violinista, aquela é sua espada? Em uma *poça*?

A respiração de Violinista saiu com um silvo entre os dentes, e ele correu para a arma.

– O homem é uma lenda sem salvação – disse Dujek. – Que Shedenul abençoe o couro dele. – Parou de falar, parecendo reorganizar as ideias. – Está bem, vamos seguir esse pensamento. Vocês não mataram Paran. Então, onde ele está?

– Estamos procurando – respondeu Whiskeyjack, sem emoção.

O Alto Punho suspirou.

– Está bem. Entendido. Vocês querem saber quem mais poderia querer Paran morto, e isso significa explicar quem o enviou. Bem, ele é um homem da conselheira Lorn, e tem sido há algum tempo. Mas não é um Garra. É um maldito filho de nobre de Unta.

Violinista já colocara sua arma no lugar e se encontrava a vinte passos da beira do telhado, com as mãos nos quadris. *Um bom homem. São todos bons, caramba.* Whiskeyjack piscou para limpar a chuva que caía em seus olhos.

– Da capital? Poderia ser alguém dos círculos de lá – refletiu o sargento. – Ninguém gosta das velhas famílias nobres, nem mesmo os próprios nobres.

– É possível – admitiu Dujek, sem muita convicção. – Em todo caso, ele vai comandar seu pelotão, e não apenas nesta missão. A designação é permanente.

– Foi ideia dele nos infiltrarmos em Darujhistan? – questionou Whiskeyjack.

– Não, mas só podemos supor de quem é a ideia – respondeu o Alto Punho. – Talvez da conselheira, talvez da própria imperatriz. Isso tudo significa que enviaremos vocês de qualquer jeito. – Ele fez uma careta por um instante. – Tenho que transmitir os detalhes finais para você – disse, encarando o sargento

–, assumindo que Paran se foi para sempre.

– Posso falar com sinceridade, Alto Punho?

Dujek soltou uma risada.

– Você acha que não sei, Whiskeyjack? O plano fede. Um pesadelo tático...

– Não concordo.

– O quê?

– Acho que o plano funcionará – afirmou o sargento, aborrecido, seu olhar primeiro no horizonte oriental, onde amanhecia, depois no soldado em pé na beira do telhado.

Porque foi destinado a matar todos nós.

O Alto Punho observou o rosto do sargento, depois ordenou:

– Venha comigo.

Ele guiou Whiskeyjack até onde Violinista se encontrava. O sapador assentiu para eles. Um momento depois, os três olhavam para a cidade abaixo. As ruas mal iluminadas de Pale serpenteavam entre blocos desiguais de construções, que pareciam relutantes em ceder à noite; atrás de cortinas de chuva, suas silhuetas acocoradas pareciam tremer diante da aurora que se aproximava.

Passado um tempo, Dujek disse tranquilamente:

– Solitário demais aqui, não?

– É sim, senhor – grunhiu Violinista.

Whiskeyjack fechou os olhos. O que quer que estivesse acontecendo a milhares de quilômetros estava sendo executado ali. Assim era o Império, e sempre seria, não importava o lugar ou o povo. Todos eles eram instrumentos cegos para as mãos que os modelavam. O sargento encarara aquela verdade muito tempo antes. Ela o incomodara na época, e o incomodava agora. O único alívio, naqueles dias, parecia vir com a exaustão.

– Há pressão para dissolver os Queimadores de Pontes – continuou o Alto Punho, devagar. – Já recebi a ordem para unir o Segundo com o Quinto e o Sexto. Dessa união sairá um novo Quinto Exército, quase com força total. As marés estão trazendo novas águas para nossa costa, cavalheiros, e elas têm um cheiro azedo. – Ele hesitou, depois acrescentou: – Se você e seu pelotão saírem vivos de Darujhistan, sargento, têm minha permissão para partir.

A cabeça de Whiskeyjack se virou bruscamente, e Violinista enrijeceu. Dujek

assentiu, confirmando.

– Vocês me ouviram. E quanto ao resto dos Queimadores de Pontes, bem, fiquem tranquilos que cuidarei deles. – O Alto Punho lançou um olhar para leste, abrindo um sorriso sem alegria. – Eles estão me pressionando. Mas não há a menor chance de me deixarem sem espaço para me articular. Eu tenho dez mil soldados, a quem devo muito...

– Perdão, senhor – interrompeu Violinista. – Há dez mil soldados dizendo que são eles que lhe devem. Basta dizer...

– Calado – ordenou Dujek.

– Sim, senhor.

Whiskeyjack ficou em silêncio, seus pensamentos em redemoinho. *Deserção*. Aquela palavra ressoou em sua cabeça como um réquiem. E a afirmação de Violinista era, ele sentia, verdadeira. Se o Alto Punho Dujek Umbraço decidisse que era hora de se mexer, o último lugar em que Whiskeyjack gostaria de estar seria fugindo a centenas de quilômetros do centro dos acontecimentos. Ele era próximo demais de Dujek e, embora se empenhassem para esconder isso, a história dos dois sempre se agitava por baixo da superfície. Houvera um tempo em que Dujek chamara *a ele* de “senhor”, e, apesar de Whiskeyjack não guardar rancor, sabia que Dujek ainda tinha problemas em aceitar a mudança das circunstâncias. Se chegasse o momento, Whiskeyjack pretendia estar ao lado de Umbraço.

– Alto Punho – disse o sargento, por fim, ciente de que os dois homens esperavam que ele falasse –, ainda restam alguns Queimadores de Pontes. Menos mãos na espada, mas a espada ainda é afiada. Não é nosso estilo facilitar a vida daqueles que se opõem a nós, quem quer que sejam. Simplesmente fugir quietos... – O sargento suspirou. – Bem, isso seria conveniente para eles, não seria? Enquanto houver mão na espada, uma única mão, os Queimadores de Pontes não recuarão. Acho que é uma questão de honra.

– Entendo – disse Dujek, depois rosnou: – Bem, aí vêm eles.

Whiskeyjack olhou para cima, seguindo a direção do olhar do Alto Punho a leste no céu.

Ben Ligeiro inclinou a cabeça e sibilou por entre os dentes:

– Os Cães encontraram o rastro dele.

Kalam xingou com veemência, ficando em pé de um salto.

Sentando-se na cama, Tattersail franziu o cenho. Seus olhos vermelhos fitavam o homem imenso enquanto ele andava para cima e para baixo, mal fazendo ruído nas tábuas do piso. Embora fosse enorme, Kalam parecia deslizar, dando à cena uma impressão quase surreal, como se o mago pairasse no centro da sala, de pernas cruzadas, alguns centímetros acima do piso de madeira.

Tattersail percebeu que estava exausta. Estavam acontecendo coisas demais, e tudo de uma vez. Afastou os pensamentos e voltou sua atenção a Ben Ligeiro.

O mago estava ligado a Hairlock, e a marionete estivera seguindo o rastro de alguém – *de algo*, que o levara ao Labirinto da Sombra. Hairlock alcançara o portão do Reino das Sombras e o atravessara.

Durante um tempo, Ben Ligeiro perdera contato com a marionete, e aqueles longos minutos de silêncio haviam deixado os nervos de todos em frangalhos. Quando a presença de Hairlock voltou ao mago, ele não se moveu mais sozinho.

– Ele está saindo – anunciou Ben Ligeiro. – Trocando de Labirintos. Com a sorte de Oponn, irá despistar os Cães.

Tattersail se encolheu ante o uso casual do nome do Coringa. Com tantas correntes redemoinhando tão próximas abaixo da superfície, isso poderia atrair atenção indesejada para eles.

O esgotamento pairava pesado na sala, como um incenso amargo, sugestivo, com suor e tensão. Depois das últimas palavras, Ben Ligeiro abaixara a cabeça. Tattersail sabia que sua mente estava viajando pelos Labirintos, agarrada ao ombro de Hairlock com um aperto inquebrantável.

Os passos de Kalam o levaram até diante da feiticeira. Ele parou e a encarou.

– E Tayschrenn? – perguntou asperamente, torcendo as mãos.

– Ele sabe que algo aconteceu. Está caçando, mas a presa o está iludindo. – Ela sorriu para o assassino. – Eu o sinto se mover com cautela. Bastante cautela. Até onde ele sabe, a presa pode ser um coelho. Ou um lobo.

A expressão de Kalam continuou obstinada.

– Ou um Cão – murmurou, e voltou a andar.

Tattersail o fitou. Era isso que Hairlock estava fazendo? Atraindo um Cão

para si? Estavam atraindo Tayschrenn para uma emboscada fatal?

– Espero que não – disse ela, encarando o assassino com o olhar duro. – Isso seria estupidez.

Kalam a ignorou, nitidamente evitando seu olhar. Tattersail se levantou.

– Não estupidez. Insanidade. Você percebe o que poderia ser desencadeado aqui? Alguns acreditam que os Cães são mais antigos que o próprio Reino da Sombra. Mas não é só por causa deles. Poder atrai poder. Se um Ascendente romper o tecido aqui e agora, outros virão, farejando sangue. Quando chegasse a aurora, cada mortal nesta cidade poderia estar morto.

– Calma, senhora – pediu Kalam. – Ninguém quer um Cão solto na cidade. Eu falei por medo – explicou, ainda sem olhá-la.

A confissão do assassino espantou Tattersail. Era vergonha que mantinha seus olhos longe dela. Medo era admissão de fraqueza.

– Pelo Encapuzado! – Ela suspirou. – Fiquei sentada em um travesseiro nas últimas duas horas.

Isso Kalam ouviu. Parou, mirou-a e riu.

Era uma risada profunda e suave, e agradou-a imensamente.

A porta do quarto se abriu e Marreta entrou, com seu rosto redondo brilhante e ruborizado. O curandeiro deu uma olhada rápida em Ben Ligeiro, depois se aproximou de Tattersail, abaixando-se à sua frente.

– O capitão Paran deveria estar em uma cova destinada a oficiais, com 1,5 metro de lama sobre seu lindo rostinho – disse, baixo. Acenou com a cabeça para Kalam, que se juntara a eles. – O primeiro ferimento foi fatal, bem no coração. O golpe de um profissional – acrescentou, com um olhar significativo para o assassino. – O segundo o teria matado mais devagar; ainda assim ele teria morrido.

Kalam fez uma careta.

– Então ele deveria estar morto. Mas não está. E isso significa...

– Intervenção – respondeu Tattersail, com uma náusea se instalando em seu estômago. Seu olhar de pálpebras pesadas se fixou em Marreta. – Suas habilidades Denul foram suficientes?

O curandeiro deu um sorriso torto.

– Foi fácil. Eu tive ajuda – explicou. – Os ferimentos já estavam se fechando,

os danos, já cicatrizados. Acelerei um pouco o efeito, mas foi só isso. Houve um trauma profundo, tanto no corpo quanto na mente. Em circunstâncias normais, ele deveria levar semanas para se recuperar fisicamente. E só isso já será um problema.

– O que você quer dizer? – perguntou Tattersail.

Kalam se adiantou até a mesa, pegou uma jarra de vinho e três taças de barro. Voltou para junto dos demais e começou a servir, enquanto Marreta dizia:

– A cura nunca deveria ser separada entre a carne e a ideia da carne. É difícil explicar. Os Labirintos de Denul envolvem todos os aspectos da cura, já que o dano, quando ocorre, acontece em vários níveis. O choque é a cicatriz que une a lacuna entre o corpo e a mente.

– Já entendemos – grunhiu Kalam, entregando uma taça ao curandeiro. – Mas como Paran está?

Marreta tomou um bom gole e limpou a boca.

– Qualquer que seja a força que tenha intercedido, ela não cuidou de nada além da cura da carne. Paran pode muito bem estar de pé em um dia ou dois, mas o choque precisa de tempo para ser aplacado.

– Você não poderia fazer isso? – perguntou Tattersail.

Ele negou com a cabeça.

– Todas as coisas assim são entrelaçadas. O que quer que tenha intercedido partiu tais conexões. Quantos choques, acontecimentos traumáticos, Paran teve em toda a vida? Que cicatriz devo buscar? Posso muito bem causar mais dano, devido a minha ignorância.

Tattersail pensou no jovem que haviam arrastado para seu quarto uma hora mais cedo. Depois de seu grito no beco, anunciando a Seletora que ainda se encontrava vivo, ele ficara inconsciente. Tudo o que ela sabia a respeito de Paran era o fato de ser filho de um nobre, que viera de Unta e que era o novo oficial comandante do pelotão na missão de Darujhistan.

– De qualquer modo – continuou Marreta, esvaziando sua taça –, Azarve está de olho nele. Ele pode acordar a qualquer momento, mas não há como prever em que estado sua mente estará. – O curandeiro sorriu para Kalam. – Azarve se afeiçoou ao garoto.

Seu sorriso aumentou quando o assassino praguejou. Tattersail arqueou uma

sobrancelha. Vendo a expressão dela, Marreta explicou:

– Azarve também adota cachorros de rua... e outras... hum... criaturas necessitadas. – O curandeiro lançou um olhar a Kalam, que voltara a andar de um lado para outro. – E ele pode ser bastante obstinado quanto a isso.

O cabo resmungou de forma ininteligível. Tattersail sorriu, mas o sorriso se desvaneceu quando seus pensamentos se voltaram para o capitão Paran.

– Ele será usado – falou, sem nenhuma entonação. – Como uma espada.

Marreta ficou sóbrio ao ouvir suas palavras.

– Não há nada de misericórdia na cura, apenas premeditação.

A voz de Ben Ligeiro fez com que se sobressaltassem:

– O atentado à vida dele veio da Sombra.

O quarto ficou em silêncio.

Tattersail suspirou. Antes, havia sido apenas uma suspeita. Viu Marreta e Kalam se entreolharem e adivinhou o que eles haviam pensado. Onde quer que Piedade estivesse, quando voltasse ao grupo seria duramente questionada. E Tattersail agora sabia, com certeza, que a garota pertencia à Sombra.

– E isso quer dizer que – retomou Ben Ligeiro, tranquilamente – quem quer que tenha intercedido por Paran agora se declarou abertamente contra o Reino da Sombra. – Sua cabeça se virou, e os olhos negros se fixaram na feiticeira. – Precisaremos perguntar o que Paran sabe, quando ele voltar. Só que...

– Nós não estaremos aqui – Kalam completou a frase.

– Como se Hairlock não fosse o bastante – resmungou Tattersail –, agora você quer que eu cuide desse seu capitão.

Ben Ligeiro se levantou, limpando a poeira de suas calças de couro.

– Hairlock ficará longe por algum tempo. Aqueles Cães são teimosos. Pode demorar até ele conseguir despistá-los de vez. Ou, se o pior chegar a acontecer – o Mago deu um sorriso sombrio –, Hairlock vai se virar contra eles e dar ao Senhor da Sombra algo em que pensar.

– Vá buscar Azarve – ordenou Kalam a Marreta. – Temos que ir.

O último comentário de Ben Ligeiro deixou Tattersail trêmula. Ela fez uma careta devido ao gosto de cinzas em sua boca e observou em silêncio o pelotão se preparar para partir. Tinham uma missão à frente, que os levaria direto ao coração de Darujhistan. A cidade era a próxima na lista do Império, a última

Cidade Livre, a joia solitária do continente, valiosa o bastante para motivar sua cobiça. O pelotão iria se infiltrar; preparar o caminho. Estariam completamente sozinhos. De modo estranho, Tattersail quase invejava o isolamento que estavam prestes a adentrar. Quase, mas não exatamente. Temia que todos morressem.

O túmulo do Construtor voltou a seus pensamentos, como se erguido por seus próprios medos. Era, percebeu ela, grande o bastante para que todos eles coubessem.

A aurora ainda parecia uma tira escarlate da espessura de uma lâmina às suas costas. Os Moranthianos Negros, agachados nas selas altas de suas montarias quorls, brilhavam como diamantes banhados em sangue. Whiskeyjack, Violinista e Alto Punho observaram os doze voadores se aproximarem. A chuva diminuíra e, ao redor, nos telhados próximos, nódoas de névoa cinzenta caíam sobre telhas e pedras gastas.

– Onde está seu pelotão, sargento? – perguntou Dujek.

Whiskeyjack fez um sinal para Violinista, que se virou e se dirigiu ao alçapão.

– Estarão aqui em breve – respondeu o sargento.

As asas brilhantes e finas dos quorls – havia quatro em cada criatura – pareciam bater muito rápido. As doze montarias moranthianas desceram como se fossem uma só, em direção ao alto da torre. O zumbido agudo das asas era pontuado pelas ordens em forma de estalidos dos cavaleiros moranthianos ao gritarem uns aos outros. Passaram de raspão sobre as cabeças dos dois homens, a apenas 1,5 metro, e, sem cerimônia, pousaram atrás deles.

Violinista desaparecera na sala abaixo. Dujek, com a mão no quadril, fulminou os moranthianos com o olhar por um momento, antes de rosnar alguma coisa inaudível e se dirigir ao alçapão.

Whiskeyjack se aproximou de um dos moranthianos. Uma máscara de quitina cobria o rosto do soldado, que se virou para o sargento com um olhar silencioso.

– Havia um maneta entre vocês – disse Whiskeyjack. – Ele foi marcado cinco vezes por bravura. Ainda está vivo?

O moranthiano negro não respondeu.

O sargento deu de ombros e voltou sua atenção para os quorls. Embora já as tivesse cavalgado antes, as criaturas ainda o fascinavam: se equilibravam em quatro pernas finas, que emergiam debaixo das selas. Esperavam no telhado com as asas abertas que batiam rápido o bastante para criar um nevoeiro de gotas d'água ao redor. Suas caudas estranhamente segmentadas se projetavam retas para trás, multicoloridas e com 6 metros de comprimento. As narinas de Whiskeyjack se torceram quando o cheiro acre familiar o alcançou. O quorl mais próximo era enorme, com uma cabeça em forma de cunha dominada por olhos facetados e mandíbulas articuladas. Dois membros adicionais – braços, ele supunha – estavam recolhidos embaixo. Enquanto o sargento o fitava, a cabeça do quorl girou até seu olho esquerdo mirá-lo diretamente.

O sargento continuou olhando, perguntando-se o que o quorl estaria vendo, o que estaria pensando... se é que pensava. Curioso, meneou a cabeça para o quorl.

A cabeça da criatura se inclinou, virando-se em seguida. Os olhos de Whiskeyjack se arregalaram ao ver a ponta da cauda do quorl se enrolar um pouco. Era a primeira vez que via tal movimento.

A aliança entre os moranthianos e o Império havia mudado o semblante da guerra imperial. As táticas malazanas ali em Genabackis haviam tomado nova forma, progressivamente dependentes do transporte pelo ar, tanto de soldados quanto de suprimentos. Tal dependência era perigosa, na opinião de Whiskeyjack. *Sabemos tão pouco a respeito desses moranthianos – ninguém jamais viu suas cidades na floresta. Não sei dizer nem o gênero deles.* A maior parte dos estudiosos dizia que eram humanos de verdade, mas não havia como saber, já que os moranthianos recolhiam seus mortos dos campos de batalha. Haveria problemas no Império se os moranthianos um dia sentissem sede de poder. Pelo que o sargento ouvira, entretanto, as várias facções e suas cores indicavam se tratar de uma hierarquia sempre em mudança, e a rivalidade e a competição permaneciam com uma intensidade fanática.

O Alto Punho Dujek marchou de volta para o lado de Whiskeyjack, cuja expressão rígida se suavizou de alívio. Do alçapão, vozes se erguiam em discussão.

– Chegaram – disse Dujek. – Dando à sua nova recruta um sermão sobre

alguma coisa... E não me diga o quê, porque não quero saber.

O alívio momentâneo de Whiskeyjack foi destruído ao perceber que alimentara uma esperança secreta de que Piedade pudesse ter desertado. Então seus homens a haviam encontrado, no fim das contas; ou ela os encontrara. De qualquer modo, seus veteranos não pareciam felizes em vê-la. Não podia culpá-los. Ela tentara matar Paran? Aquela parecia ser a suspeita de Ben Ligeiro e de Kalam.

Kalam era o responsável pela maior parte da gritaria, com mais funções do que sua posição de cabo justificaria, e o olhar penetrante de Dujek foi o suficiente para empurrar Whiskeyjack na direção do alçapão. Ele chegou à beirada e lançou um olhar furioso para a sala abaixo. Formavam um círculo ameaçador ao redor de Piedade, que estava apoiada na escada como se chateada pelos procedimentos.

– Quietos! – rugiu Whiskeyjack. – Verifiquem suas provisões e subam agora!

Ele os observou se apressarem, depois balançou a cabeça satisfeito e voltou para onde o Alto Punho esperava.

Dujek esfregava o coto de seu braço esquerdo, franzindo o cenho, distraído.

– Maldito seja este tempo – resmungou.

– Marreta poderia aliviar isso – disse Whiskeyjack.

– Não é necessário – retrucou Dujek. – Só estou ficando velho. – Coçou o queixo. – Todas as suas provisões pesadas foram entregues no ponto de descida. Pronto para voar, sargento?

Whiskeyjack olhou as selas secundárias dos quorls, que ficavam na parte de trás do tórax semelhante a uma carapaça, depois assentiu com firmeza.

Observaram os membros do pelotão emergirem da porta quadrada, cada um vestindo uma capa de chuva e carregando um pacote pesado. Violinista e Azarve estavam ocupados em uma discussão sussurrada, o último lançando um olhar furioso a Trote, que pisara em seu calcanhar. O barghastiano estava com sua coleção completa de penduricalhos, amuletos e troféus pendurada em várias partes do corpo musculoso, parecendo uma árvore enfeitada para o Festival de Escorpiões kanês. Barghastianos eram conhecidos por seu estranho senso de humor. Ben Ligeiro e Kalam ladeavam Piedade, os dois carrancudos e no limite, enquanto a jovem, ignorando todos, dirigia-se devagar aos quorls que

aguardavam. Sua mochila não passava de um saco de dormir; a capa de chuva que usava não era a peça padrão do uniforme; era mais um manto, que chegava na altura de seus tornozelos. Ela erguera o capuz. Apesar da luz crescente da aurora, seu rosto permanecia nas sombras. *Isso é tudo o que me restou.* Whiskeyjack suspirou.

– Como ela está, sargento? – perguntou Dujek, em voz baixa.

– Ainda respirando – respondeu Whiskeyjack, friamente.

O Alto Punho balançou a cabeça devagar.

– Tão jovens, nos últimos tempos...

Uma lembrança voltou a Whiskeyjack, quando ele refletiu sobre as palavras de Dujek. Em uma missão breve com o Quinto Exército, longe do cerco a Pale, em meio à Campanha de Mott, Piedade se juntara a eles, vinda das novas tropas chegadas a Nathilog. Ele a vira enfiar a faca em três mercenários locais que haviam sido feitos prisioneiros em Cão Cinzento. Aparentemente, ela procurava colher informações, mas, ele se lembrava com um tremor, não fora nada parecido com isso. Não havia sido um ato de oportunidade. Ele observara, aterrorizado, Piedade passar a lâmina nos genitais deles. Lembrava-se de trocar um olhar com Kalam, e do gesto desesperado que fizera o homem negro se adiantar com a espada à mostra. Kalam passara direto por Piedade e, com três movimentos rápidos, abrira as gargantas dos homens. Então, veio o momento que ainda fazia o coração de Whiskeyjack se apertar. Em suas últimas palavras espumosas, os mercenários haviam *abençoado* Kalam.

Piedade simplesmente embainhara sua arma e se afastara.

Embora a mulher já fosse do pelotão há dois anos, seus homens ainda a chamavam de recruta, e provavelmente o fariam até o dia em que morressem. Havia um significado nisso, e Whiskeyjack o entendia bem. Recrutas não eram Queimadores de Pontes. A retirada do rótulo de recruta era algo merecido, um reconhecimento por feitos. Piedade era uma recruta porque a ideia de tê-la indissoluvelmente incluída entre os Queimadores de Pontes ardia como uma faca quente no pescoço de todos em seu pelotão. E isso era algo a que nem o próprio sargento era imune.

Enquanto tudo aquilo se passava na cabeça de Whiskeyjack, sua expressão de costume impassível falhou. Em sua cabeça, ele cogitava: jovem? Não, você

pode perdoar os jovens, pode responder às necessidades simples deles, e pode fitar seus olhos e encontrar o bastante lá que seja reconhecível. Mas ela? Não. Melhor evitar aqueles olhos, em que não havia nada de jovem. Nada mesmo.

– Vamos andando – grunhiu Dujek. – Montem, todos vocês.

O Alto Punho se virou para dizer umas últimas palavras para o sargento, mas o que viu no rosto de Whiskeyjack matou aquelas palavras ainda em sua garganta.

Duas trovoadas abafadas soaram na cidade – a segunda poucos minutos depois da primeira –, enquanto o leste espalhava sua capa vermelha no céu. As últimas lágrimas da noite batiam nas bordas dos navios e rodopiavam pelas sarjetas das ruas. Poças lamacentas enchiam buracos, refletindo as nuvens minguantes acima com um matiz opaco. Nos becos tortos e estreitos do Bairro Krael, de Pale, o frio e a umidade da noite se agarravam aos cantos escuros com tenacidade. Ali, os tijolos cobertos de mofo e os paralelepípedos gastos haviam engolido a segunda trovoada, sem deixar eco para desafiar o tamborilar das gotas d'água.

Em um corredor, farejando na direção sul do lado de fora da muralha, corria um cachorro do tamanho de uma mula. Sua cabeça imensa estava voltada para baixo, à frente dos músculos amplos de seus ombros. O fato de ter visto uma noite sem chuva era assinalado por sua pelagem negra empoeirada, seca e manchada de cinza. O focinho do animal estava salpicado de cinza, e seus olhos tinham um brilho âmbar.

O Cão, marcado como o Sétimo entre os servos do Trono Sombrio e chamado Engrenagem, caçava. A presa era evasiva, astuta e rápida em sua fuga. Ainda assim, Engrenagem sentia que estava perto. Sabia que não rastreava um humano – nenhum homem ou mulher mortal poderia ter escapado de suas mandíbulas por tanto tempo e, o que era ainda mais assombroso, Engrenagem ainda não tinha sequer colocado os olhos na presa. Mas ela invadira o Reino da Sombra, entrara ali impunemente, seguindo o próprio Trono Sombrio e arranhando todas as teias que o senhor de Engrenagem havia fiado. A única resposta para tamanha afronta era a morte.

Logo, o Cão sabia, *ele* seria o caçado, e, se aqueles caçadores viessem em

grande número e força, Engrenagem teria grandes dificuldades para continuar sua busca. Existia na cidade quem houvesse sentido a dilaceração selvagem no tecido. E, menos de um minuto após atravessar o portal do Labirinto, as cordas de Engrenagem haviam se enrijecido, avisando-o sobre o crescimento de magia próxima. Até então o Cão havia conseguido não ser detectado, mas aquilo não iria durar.

Moveu-se silenciosa e cautelosamente pela confusão de barracas e galpões construídos contra o muro da cidade, ignorando os moradores esporádicos que saíam para sentir o ar da aurora limpo pela chuva. Passou por cima dos mendigos espalhados em seu caminho. Cachorros locais e caçadores de ratos lançavam-lhe um olhar e se afastavam, orelhas baixas e rabos varrendo o chão enlameado.

Quando Engrenagem virou uma esquina em que havia uma casa de pedra oca, a brisa matinal fez sua cabeça se virar. Ele parou, seus olhos procurando a rua oposta. A bruma pairava aqui e ali, e as primeiras carroças de pequenos mercadores eram puxadas por pessoas bem agasalhadas contra o frio: o tempo do Cão estava acabando.

Os olhos de Engrenagem passearam pela extensão da rua, detendo-se em uma propriedade grande e fortificada em sua extremidade. Quatro soldados permaneciam diante do portão, observando os transeuntes sem interesse e conversando entre si. A cabeça de Engrenagem se ergueu. Enquanto observava, havia encontrado uma janela fechada no segundo andar.

Expectativa e prazer inflamaram o Cão. Encontrara o fim do rastro. Abaixando a cabeça outra vez, moveu-se, e seus olhos não deixaram os quatro guardas.

O turno acabara. Quando os novos soldados se aproximaram, ambos notaram que o portão estava destrancado e entreaberto.

– O que é isso? – perguntou um deles, olhando os rostos abatidos dos soldados recostados na parede.

– Foi aquele tipo de noite – respondeu o mais velho. – Aquele tipo em que você não faz perguntas.

Os dois homens que iriam assumir o turno se entreolharam, então aquele que falara antes assentiu para o homem mais velho, sorrindo.

– Conheço o tipo. Bem, andem, então. Seus catres estão esperando.

O homem mais velho trocou a lança de lado e pareceu afundar. Seu olhar passou para o parceiro, mas o jovem tinha a atenção presa em algo na rua.

– Acho que agora já é tarde – comentou o mais velho aos recém-chegados. – Quer dizer que não vai acontecer e então não tem problema, mas, se uma mulher aparecer, uma Queimadora de Pontes, deixem-na passar e mantenham seus olhos nos muros.

– Olhem aquele cachorro – falou o soldado jovem.

– Entendemos – disse o recém-chegado. – A vida no Segundo...

– Olhem aquele cachorro – repetiu o soldado jovem.

Os outros se viraram para olhar a rua. O guarda mais velho encarou o animal com olhos arregalados, sibilou um xingamento e apalpou a lança. Nenhum dos outros sequer conseguiu fazer isso antes de o Cão avançar sobre eles.

Insone, Tattersail estava deitada de costas em sua cama, na sala externa. Sua exaustão alcançara um ponto em que até o sono a evitava, por isso fitava o teto, seus pensamentos vagando em um retrospecto desordenado dos sete dias anteriores. Apesar de sua raiva inicial por ser envolvida nos esquemas dos Queimadores de Pontes, tinha que reconhecer a empolgação que sentia.

O desejo de reunir seus pertences e abrir um Labirinto, para longe do Império, longe da loucura e da fome de Hairlock, longe do campo daquela guerra interminável, parecia distante, nascido de um desespero que não sentia mais.

No entanto, era mais do que apenas uma sensação renovada de humanidade que a compelia a ficar e levar tudo até o fim; os Queimadores de Pontes, afinal, haviam mostrado repetidas vezes que podiam tomar conta dos próprios assuntos. Não, ela queria ver Tayschrenn *destruído*. Era uma verdade que a assustava. Sede de vingança envenenava a alma. E era provável que precisasse esperar muito para ver o fim do Alto Mago. Ela se perguntava, tendo tomado aquele veneno por tanto tempo, se não poderia acabar vendo o mundo com os mesmos

olhos reluzentes, vivos e dementes de Hairlock.

– Coisas demais – murmurou ela. – Coisas demais de uma vez só.

Um som na porta a fez se sobressaltar. Sentou-se.

– Ah! – exclamou a feiticeira, com uma carranca. – Você voltou.

– São e salvo – disse Hairlock. – Sinto desapontá-la, Sail. – A marionete acenou uma minúscula mão enluvada e a porta atrás se fechou, com o trinco caindo no lugar. – Muito temidos, esses Cães da Sombra – continuou Hairlock, atravessando o centro do quarto e dando uma pirueta antes de se sentar com as pernas estiradas e os braços pendendo frouxamente. Ele deu uma risadinha. – Mas, no final, não passam de vira-latas glorificados, estúpidos e vagarosos, que cheiram cada árvore, sem encontrar nadinha do astuto Hairlock.

Tattersail se reclinou e fechou os olhos.

– Ben Ligeiro ficou descontente com sua falta de cuidado.

– Tolo! – cuspiu Hairlock. – Eu o deixo com sua vigília, convenço-o de que tal conhecimento tem poder sobre mim, enquanto vou aonde quero. Ele alega, ansioso, me comandar, uma tolice que permito para tornar a minha vingança mais doce.

A feiticeira já ouvira tudo aquilo antes e sabia que ele estava tentando influenciá-la, buscando enfraquecer sua resolução. Infelizmente, o mago conseguira em parte, pois ela tinha dúvidas. Talvez Hairlock estivesse dizendo a verdade: talvez Ben Ligeiro já o tivesse perdido, embora ainda ignorasse o fato.

– Guarde sua vingança para o homem que roubou suas pernas e depois seu corpo – disse Tattersail secamente. – Tayschrenn ainda zomba de você.

– Ele vai pagar primeiro! – grunhiu Hairlock. Em seguida, encolheu-se, abraçando a si mesmo, e sussurrou: – Uma coisa de cada vez.

De onde estavam, para além da janela, ouviram os primeiros gritos.

Tattersail se levantou de um salto, enquanto Hairlock bradava:

– Encontrado! Não devo ser visto, mulher! – A marionete deu um pulo para ficar em pé e se apressou para sua caixa, na parede oposta. – Destrua o Cão! Você não tem escolha!

Subindo, ele abriu a caixa e se lançou para dentro dela. A tampa voltou para o lugar com um baque, e a aura do feitiço de proteção se difundiu ao seu redor.

Tattersail estava em pé ao lado da cama, hesitante. Ouviu um barulho de

madeira sendo destroçada no andar de baixo, e o prédio estremeceu. Homens berraram; armas se chocaram. A feiticeira se endireitou, o pavor fluindo para seus membros como chumbo derretido. *Destruir um Cão da Sombra?* Pancadas pesadas fizeram a janela estremecer, como se corpos estivessem sendo atirados no piso inferior. Em seguida, as pancadas alcançaram o pé da escada e os gritos pararam. De onde estava, escutou soldados urrando.

Tattersail absorveu energia de seu Labirinto Thyr. O poder a varreu e empurrou para fora o medo paralisante. Ela se endireitou, sentindo toda a exaustão sumir, e voltou o olhar para a porta. Soou um rangido e, em seguida, o painel explodiu para dentro, como se arremessado de uma catapulta, sendo instantaneamente desviado pelo escudo mágico de Tattersail. O duplo impacto destruiu a placa de madeira, lançando cacos e fragmentos no teto e nas paredes. Atrás dela, o vidro se estilhaçou; as venezianas se escancararam. Um vento forte e gelado entrou no quarto.

O Cão apareceu com seus olhos de chamas amarelas e tensionando os músculos dos ombros altos. O poder da criatura passou como uma onda por Tattersail, e ela inspirou levemente. O Cão era *velho*, mais velho do que qualquer coisa que já encontrara. Parou à porta, farejando o ar, com sangue pingando dos lábios negros. Seu olhar, então, fixou-se na caixa lacrada a ferro contra a parede à esquerda de Tattersail. A fera se adiantou.

– Não – disse a feiticeira.

O Cão congelou. Sua cabeça imensa se virou de forma vagarosa e calculada para ela, como se a notasse pela primeira vez. Seus lábios se afastaram para revelar o brilho luminescente de caninos do tamanho do polegar de um homem.

Maldito seja, Hairlock! Preciso de sua ajuda! Por favor!

Uma tira branca lampejou sobre os olhos do Cão quando suas pálpebras voltaram ao lugar. Então, ele investiu.

O ataque foi tão veloz que Tattersail foi incapaz de erguer as mãos antes de a fera estar sobre ela, atravessando sua magia exterior como se não passasse de um vento fresco. Suas defesas mais próximas, uma camada de Defesa Superior, encontraram a investida do Cão como se ela fosse um muro de pedra. A feiticeira sentiu rachaduras se irradiarem, fissuras profundas em seus braços e o peito com um som trincado imediatamente substituído pelo jorrar de sangue. Aquilo e o

impulso do Cão a atiraram para trás. As defesas de suas costas amorteceram o golpe quando bateu na parede ao lado da janela. O reboco foi lançado no ar ao seu redor, e os fragmentos de tijolo esmagado se espalharam pelo chão.

O Cão caíra de joelhos. Balançando a cabeça, ficou em pé, resfolegou e atacou outra vez. Tattersail, com o espírito abalado pela primeira investida, ergueu fracamente um braço ensanguentado diante do rosto, incapaz de fazer qualquer outra coisa.

Quando o Cão saltou no ar, com as mandíbulas abertas prestes a alcançar sua cabeça, uma onda de luz cinzenta atingiu a fera no flanco, atirando-a na cama à direita de Tattersail. A madeira se esmigalhou. Com um grunhido, o Cão ficou de pé outra vez, virando-se para encarar Hairlock, que estava empoleirado em cima de sua caixa, de braços erguidos e brilhando de suor.

– Ah, sim, Engrenagem! – gritou ele. – *Eu* sou sua presa.

Tattersail rolou de lado e vomitou no chão. Um Labirinto caótico rodopiou pelo quarto, um miasma que se agitava dentro dela como uma pestilência destrutiva. Irradiava-se de Hairlock, em um pulsar visível de cinza granuloso e preto.

O Cão fitou Hairlock, arquejante. Era como se estivesse tentando dissipar as ondas de poder de seu cérebro. Um uivo baixo ressoava em seu peito: seu primeiro som. A cabeça larga se curvou.

Tattersail os fitou, então a compreensão a atingiu como uma martelada no peito.

– Cão! – gritou ela. – Ele está tentando alcançar sua alma! Fuja! *Saia daqui!*

O uivo da fera se intensificou, mas ela não se mexeu.

Nenhum dos três notou a porta do quarto interior se abrir à esquerda nem o aparecimento do capitão Paran, imóvel ali, envolto em um cobertor de lã incolor que o cobria até os tornozelos. Pálido e abatido, o homem se adiantou com um matiz vazio em seus olhos, fixos no Cão. Enquanto a batalha de vontades invisível continuava entre Engrenagem e Hairlock, Paran se aproximou.

O movimento chamou a atenção de Tattersail. Ela abriu a boca para gritar um aviso, mas Paran se moveu antes. O cobertor se abriu para revelar uma espada, a ponta já voando para fora quando ele avançou. A espada afundou no peito de Engrenagem, ao mesmo tempo que o homem pulava para trás, recuando da

investida, girando a espada e puxando-a para fora. Um urro rimbombou da garganta de Engrenagem. O Cão cambaleou de volta para a cama arruinada, mordendo a ferida de seu flanco que vertia sangue.

Hairlock gritou de fúria e pulou para a frente, aproximando-se de Engrenagem.

Tattersail enfiou um pé no caminho da marionete, atirando o boneco na parede oposta.

Engrenagem grunhiu. Uma fenda negra abriu-se ao seu redor com um som de juta se rasgando. Ele rodopiou e mergulhou na sombra crescente. O buraco se fechou e sumiu, deixando em seu lugar uma onda de ar frio.

Estupefata a ponto de não sentir sua dor, Tattersail voltou a atenção para o capitão Paran e para a espada ensanguentada em suas mãos.

– Como? – perguntou ela em um arquejo. – Como você conseguiu perfurar a magia do Cão? Sua espada...

O capitão olhou para a arma.

– Acho que foi sorte.

– Oponn! – sibilou Hairlock, pondo-se em pé e lançando um olhar fulminante a Tattersail. – Que o Encapuzado amaldiçoe os Coringas! E você, mulher, saiba que não vou esquecer isso. Você vai pagar... Eu juro!

Tattersail desviou o olhar e suspirou. Um sorriso tocou seus lábios quando as palavras proferidas mais cedo retornaram com um significado novo e sombrio.

– Você estará muito ocupado tentando continuar vivo, Hairlock, para se preocupar comigo. Você deu ao Trono Sombrio algo em que pensar. E viverá para lamentar a atenção dele, marionete. Negue, se ousar.

– Voltarei à minha caixa – disse Hairlock, escalando-a. – Espere Tayschrenn aqui em alguns minutos. Você não dirá nada, feiticeira. – Ele pulou para dentro. – Nada.

A tampa se fechou com um baque.

O sorriso de Tattersail cresceu. O gosto de sangue em sua boca pareceu um presságio, um aviso silencioso e visível a Hairlock das coisas que estavam por vir, um aviso que ela sabia que ele não podia enxergar. Aquilo deixou o gosto quase doce.

Ela tentou se mexer, mas parecia que um frio intenso tomara seus membros.

Em sua mente, visões flutuavam, mas muros de escuridão se fechavam ao redor delas antes que deixassem marcas. Ela se sentiu murchar.

A voz de um homem veio de bem perto, em tom de urgência:

– O que você está ouvindo?

Ela franziu o cenho, tentando se concentrar. Em seguida, sorriu.

– Uma moeda girando. Ouço uma moeda girando.

LIVRO II

Darujhistan

Que dádiva tocou nossos sentidos?
Essa nuvem carregada oscilante que roçou
as águas calmas do lago
e prolongou as sombras de um único dia
como uma roda que nos envolveu
da aurora ao crepúsculo, enquanto nós
cambaleamos à nossa maneira sensível...

Que barca estala avisos lúgubres?
Ali nas ondulações suaves que atiraram
uma rolha boiando em nossa direção,
com seu cheiro rosado soprando
como uma panóplia de pétalas
que poderiam ser cinzas
no borrão escarlate do crepúsculo...

Rumor nascido
Pescador (nasc. ?)

CAPÍTULO 5

E se este homem vê você em seus sonhos
enquanto você se mexe na noite
contemplativa da estação
sob o galho grosso de uma árvore,
e sua sombra está com capuz
acima da corda retorcida,
de forma que os ventos de sua passagem
torçam seus membros endurecidos
para que pareçam correr...

Rumor nascido, Pescador (nasc. ?)

Ano 907 do Terceiro Milênio
Estação de Fanderay no ano das Cinco Presas
Dois mil anos após o nascimento de Darujhistan, a cidade

Em seu sonho, o homenzinho rechonchudo se viu deixando a cidade de Darujhistan pelo Portão dos Dois Bois e se encaminhando na direção do sol poente. As extremidades esfarrapadas de seu colete esvoaçavam devido à pressa. Ele não fazia ideia de quanto teria que caminhar. Seus pés já doíam.

Havia desgraças no mundo, e havia *desgraça*. Em momentos de consciência, punha os interesses do mundo acima dos seus. Felizmente tais momentos eram poucos, e aquele não era um deles, disse o homem consigo mesmo.

– Ai de mim, o mesmo sonho impulsiona essas ferramentas de muitos dedos para debaixo destes joelhos vacilantes. – Ele suspirou. – Sempre o mesmo sonho.

E assim era. Viu diante dele o sol cavalgar uma colina distante, um disco de cobre em meio a uma névoa seca de fumaça de madeira queimando. Seus pés o

levavam pela rua tortuosa de terra da Aldeia Gadrobi, com casebres e barracos dos dois lados, amontoando-se na escuridão crescente. Homens velhos envoltos em encardidos trapos amarelos de leprosos se acocoravam perto de fogareiros, permanecendo em silêncio quando ele passava. Mulheres vestidas do mesmo modo, perto de um poço enlameado, interrompiam sua interminável imersão de gatos. Era uma atividade bizarra, atordoante, cujo simbolismo o homem ignorava ao passar por ali às pressas.

Atravessou a ponte do rio Maiten, alcançando os campos minguantes de pastores gadrobi que chegavam até a estrada ladeada por vinhedos. Demorou-se ali, pensando no vinho que aquelas uvas suculentas produziriam. Sonhos, entretanto, tinham um ritmo próprio, e a ideia logo se desvaneceu.

Ele sabia que sua mente estava fugindo: da cidade condenada às suas costas, da nódoa negra e crescente no céu acima, mas, principalmente, de tudo o que sabia e de tudo o que ele era.

O talento que alguns possuíam se canalizava por uma sacudidela dos nós dos dedos, pela leitura de fraturas febris na escápula ou pelo Fatid do Baralho de Dragões. Já Kruppe não precisava de nenhuma afetação do tipo. O poder de ver o futuro estava em sua cabeça, e ele não poderia negá-lo, não importava o quanto tentasse. Dentro das paredes de seu crânio, soava o réquiem da profecia, que ecoava em seus ossos.

– Claro que isso é um sonho, a fuga do sono – resmungou baixo, continuando: – Talvez, Kruppe pensa, ele consiga escapar de verdade dessa vez. Ninguém pode chamar Kruppe de tolo, afinal. Gordo com preguiça e negligente, sim; inclinado a excessos, de fato; desajeitado com uma tigela de sopa, sem dúvida. Mas não tolo. Está chegando a hora em que o homem sábio deve escolher. Acaso não é sabedoria concluir que outras vidas têm menos importância que a sua? Claro, muito sábio. Sim, Kruppe é sábio.

Ele parou para recuperar o fôlego. Os montes e o sol diante dele não pareciam mais próximos. Assim eram os sonhos que apressavam a passagem da juventude para a vida adulta, um rumo precipitado do qual uma pessoa não poderia retroceder. Mas quem falara em juventude? Ou em algum jovem em especial?

– Certamente não o sábio Kruppe! – respondeu ele. – Sua mente vagueia,

torturada pela dor da sola dos pés, que estão exaustos, não, quase desgastados por causa desse passo imprudente. Bolhas já apareceram, sem dúvida. Um dos pés implora por um bálsamo quente com sabão. Seu companheiro se une ao coro. Ah! Que ladainha! Que choramingo de desespero! Parem de reclamar, queridas asas da fuga. Quão longe é o sol, de qualquer modo? Apenas além das colinas, Kruppe tem certeza. Não mais do que isso, certamente. Sim, com tanta certeza quanto uma moeda que sempre gira... Mas quem falou em moedas? Kruppe proclama sua inocência!

Uma brisa soprou em seu sonho, vinda do norte e trazendo consigo o cheiro de chuva. Kruppe começou a fechar seu casaco puído. Encolheu a barriga, esforçando-se para prender os últimos dois botões, mas só conseguiu fechar um.

– Até no sonho a culpa prova seu argumento – gemeu. Ele piscou contra o vento. – Chuva? Mas o ano acabou de começar! Chove na primavera? Kruppe nunca se preocupou com assuntos tão triviais. Talvez esse cheiro não seja mais que o bafo do lago. Sim, é mesmo. Assunto encerrado. – Lançou um olhar à cordilheira de nuvens escuras sobre o lago Azur. – Kruppe deve correr? Não, onde fica seu orgulho? Sua dignidade? Não mostraram sua cara nenhuma vez nos sonhos de Kruppe. Não há abrigo na estrada além? Ah, os pés de Kruppe estão destruídos, as solas feito trapos ensanguentados de carne latejante! O que é isso?

Adiante havia uma encruzilhada. E uma construção em uma colina suave bem à frente. Luz de velas sangrava de suas janelas fechadas.

– Claro, uma estalagem. Longa a jornada tem sido; clara a necessidade de um lugar para o viajante exausto descansar e relaxar. Viajante assim como Kruppe, aventureiro encarquilhado com mais do que alguns quilômetros percorridos, para não mencionar que teve de atravessá-los.

Ele se apressou. Uma árvore larga e sem folhas marcava a encruzilhada. De um galho pesado, alguma coisa comprida envolta em juta balançava, rangendo contra o vento. Kruppe não lhe deu mais que uma olhada rápida. Chegou ao caminho e começou a subir.

– Má ideia, Kruppe declara – continuou ele. – Estalagens para viajantes empoeirados não deveriam ficar no alto de colinas. A maldição de subir é descobrir quanta distância ainda se tem pela frente. Será necessária uma palavra

com o proprietário. Assim que cerveja doce confortar a garganta, fatias de carne vermelha suculenta e batatas-doces assadas aliviarem o esôfago e bandagens limpas e untadas envolverem os pés. Essas devem ser as prioridades, acima das falhas de planejamento que Kruppe vê aqui.

Seu monólogo foi parando, substituído por arquejos enquanto ele se esforçava para subir o caminho. Quando chegou à porta, Kruppe estava tão ofegante que nem olhou para cima, apenas empurrou a porta gasta pelo tempo até ela se abrir com um rangido de dobradiças enferrujadas.

– Ai de mim! – gritou ele, parando para limpar as mangas do casaco. – Uma caneca borbulhante para este... – Sua voz morreu ao inspecionar o conjunto de rostos encardidos virados em sua direção. – Acho que o negócio vai mal – balbuciou.

O lugar era de fato uma estalagem, ou tinha sido, talvez, um século antes.

– Há cheiro de chuva no ar esta noite – falou, dirigindo-se a meia dúzia de mendigos agachados ao redor de uma vela grossa de cera, no meio do chão argiloso.

Um dos homens assentiu.

– Nós lhe concederemos uma audiência, desafortunado. – Ele acenou na direção de um tapete de palha. – Sente-se e nos entretenha.

Kruppe arqueou uma sobrancelha.

– Kruppe está agradecido pelo seu convite, senhor. – Inclinou a cabeça, depois se adiantou. – Mas, por favor, não pense que ele não tem contribuições para esta reunião honrada. – Sentou-se com as pernas cruzadas, grunhindo com o esforço, e encarou aquele que havia falado. – Ele gostaria de repartir pão com todos vocês. – De uma manga, tirou um pão de centeio pequeno. Uma faca de pão apareceu na outra mão. – Conhecido por amigos e estranhos é Kruppe, o homem agora sentado diante de vocês. Habitante da brilhante Darujhistan, a joia mística de Genabackis, a uva madura suculenta para ser colhida. – Pegou um pedaço de queijo de cabra e sorriu largamente para os rostos à sua frente. – E este é o sonho dele.

– É mesmo – disse o porta-voz dos mendigos, seu rosto se franzindo com um ar divertido. – Sempre nos agrada experimentar seu gosto especial, Kruppe de Darujhistan. E sempre nos agradam seus apetites de viagem.

Kruppe pôs o pão de centeio no chão e cortou fatias.

– Kruppe sempre considerou vocês meros aspectos dele mesmo, meia dúzia de famintos entre tantos. Ainda assim, de todas as suas necessidades, o que vocês pediriam a seu mestre? Que ele desista de sua fuga, é claro. O crânio de uma pessoa é uma câmara valiosa demais para a ilusão nela reinar. E, ainda assim, Kruppe lhes assegura de longa experiência que toda artimanha nasce na mente e ali é alimentada, enquanto as virtudes morrem de fome.

O porta-voz aceitou a fatia de pão e sorriu.

– Talvez nós sejamos suas virtudes, então.

Kruppe parou para analisar o queijo em sua mão.

– Uma ideia que Kruppe não havia considerado antes, misturando-se com a observação silenciosa do bolor neste queijo. Mas, infelizmente, o assunto corre o risco de se perder na névoa de tal semântica. E mendigos também não podem escolher quando o assunto é queijo. Vocês voltaram mais uma vez, e Kruppe sabe por quê, e já explicou com admirável compostura.

– A moeda está girando, Kruppe, ainda está girando.

O rosto do porta-voz perdeu o bom humor.

Kruppe suspirou. Entregou o pedaço de queijo de cabra ao homem sentado à sua direita.

– Kruppe a ouve – admitiu, cansado. – Ele não consegue evitar. Um tinido infindável que canta na cabeça. E apesar de tudo o que Kruppe viu, de tudo o que suspeita ser, é apenas Kruppe, um homem que desafiaria os deuses em seu próprio jogo.

– Talvez sejamos as suas dúvidas – disse o porta-voz –, que você nunca antes teve medo de enfrentar como tem agora. Ainda que procuremos fazer você voltar, ainda que exijamos que você batalhe pela vida de Darujhistan, pela vida de seus tantos amigos e pela vida do jovem em cujos pés a moeda há de cair.

– Cairá esta noite ainda – disse Kruppe.

Os seis mendigos assentiram em resposta, embora permanecessem absortos no pão e no queijo.

– Então Kruppe deve aceitar este desafio? O que são deuses, afinal, se não as vítimas perfeitas? – Sorriu, erguendo as mãos e mexendo os dedos. – Para Kruppe, cuja agilidade das mãos só é igualada pela agilidade da mente? Vítimas

perfeitas da altivez, sempre cegos pela arrogância, sempre convencidos de sua infalibilidade. Não é uma surpresa que tenham sobrevivido por tanto tempo?

O porta-voz aquiesceu e disse, com a boca cheia de queijo:

– Talvez sejamos seus dons, então. Desperdiçados como estamos.

– Possivelmente – disse Kruppe, estreitando os olhos. – Mesmo assim, apenas um de vocês fala.

O mendigo parou para engolir, depois riu com os olhos dançando à luz da vela.

– Talvez os outros ainda tenham de encontrar a própria voz, Kruppe. Eles aguardam apenas a ordem de seu mestre.

– Ah! – Kruppe suspirou, preparando-se para se levantar. – Mas Kruppe é uma caixa de surpresas.

O porta-voz olhou para cima.

– Você vai voltar para Darujhistan?

– É claro – respondeu Kruppe, ficando em pé com um gemido sentido. – Ele apenas saiu para respirar o ar noturno, muito mais limpo além dos muros decrépitos da cidade, não concorda? Kruppe precisa se exercitar para aperfeiçoar suas habilidades já prodigiosas. Uma caminhada em seu sono. Esta noite – disse, enfiando os polegares no cinto –, a moeda cai. Kruppe deve tomar seu lugar no centro das coisas. Ele volta para sua cama, a noite ainda é uma criança.

Seus olhos passearam pelos mendigos. Todos pareciam ter ganhado peso, com uma cor saudável e robusta surgindo em seus rostos virados para cima. Kruppe suspirou satisfeito.

– Foi um prazer, cavalheiros, Kruppe afirma. Da próxima vez, entretanto, vamos escolher uma estalagem que não fique no alto de uma colina, está bem?

O porta-voz sorriu.

– Ah, mas, Kruppe, dons não são facilmente obtidos, nem virtudes. Nem dúvidas são facilmente superadas, e os famintos têm sempre o desejo de subir.

Os olhos de Kruppe se concentraram no homem.

– Kruppe é esperto demais, de longe – murmurou.

Abandonou a companhia dos mendigos e fechou a porta, que rangeu suavemente atrás dele. Descendo de volta pelo caminho, voltou à encruzilhada e parou diante da figura envolta em juta pendurada no galho. Pousou as mãos nos

quadris e a analisou.

– Sei quem é você – disse, jovialmente. – O aspecto final de Kruppe, para completar o conjunto daqueles rostos do sonho que o encaravam e que são do próprio Kruppe. Ou assim você iria proclamar. Você é a humildade, mas, como todos sabem, a humildade não tem lugar na vida de Kruppe, lembre-se disso. Então, você vai ficar aí.

Com isso, ele voltou seu olhar para a imensa cidade que iluminava o céu do leste com luzes azuis e verdes.

– Ah, a magnífica joia flamejante que é Darujhistan, o lar de Kruppe. – Começando a andar, ele acrescentou: – E isto está como deveria ser.

Do cais ao longo da margem do lago, subindo os degraus dos distritos de Gadrobi e Daru, entre o complexo do templo e as Propriedades Superiores, até o topo da colina da Majestade onde se reunia o conselho da cidade, os telhados de Darujhistan eram planos, com gabletes em forma de arco, torres em forma de cone, campanários e plataformas lotados em profusão tão caótica que deixavam tudo, exceto as ruas maiores, sempre escondido do sol.

As tochas que pontuavam as vielas mais frequentadas eram hastes ocas que agarravam pedras-pomes com dedos de ferro enegrecido. Alimentado por canos alveolares antigos de cobre, o gás silvava bolas de fogo ao redor das pedras porosas, um fogo irregular que lançava uma luz azul e verde. O gás era extraído de cavernas imensas sob a cidade e canalizado por tubulações tão grandes quanto. Os Caras Cinzentas tomavam conta de tais trabalhos, homens e mulheres silenciosos que se moviam como espectros sob as ruas pavimentadas da cidade.

Por novecentos anos, o sopro do gás alimentara ao menos um dos distritos da cidade. Embora os canos já houvessem sido danificados por incêndios furiosos de cortiços, quando chamas subiram centenas de metros para o céu, os Caras Cinzentas haviam permanecido, torcendo as correntes e pondo seu dragão invisível de joelhos.

Sob os telhados havia um submundo sempre banhado por um brilho azul. Essa luz marcava as avenidas principais e as mais frequentadas passagens estreitas e tortas dos mercados. Na cidade, entretanto, mais de vinte mil vielas,

com largura insuficiente para uma carroça de duas rodas passar, permaneciam nas sombras, interrompidas apenas por um cidadão ou outro que passava carregando uma tocha ou pelos lampiões esféricos da Guarda Citadina.

Durante o dia, os telhados ficavam brilhantes e quentes sob o sol, cheios de bandeiras tremulantes da vida doméstica secando ao vento do lago. À noite, as estrelas e a lua iluminavam um mundo tecido com varais vazios e as sombras caóticas lançadas por eles.

Naquela noite, uma figura serpenteou por entre as cordas de fibra e através das sombras tênues. Acima, uma lua em forma de foice cortava seu caminho entre as nuvens finas, como o sabre de um deus. A figura usava uma roupa manchada de fuligem que envolvia confortavelmente o torso e os membros, e seu rosto estava coberto de forma similar, deixando espaço aberto apenas para os olhos, que vasculhavam os telhados próximos. Uma cinta de couro preto cruzava seu peito, com bolsos e aros pequenos e rígidos, que seguravam as ferramentas do trabalho: rolos de fio de cobre, limas de ferro, três serras de metal – todas envoltas em um pergaminho oleoso –, cola e um pedaço quadrado de cera, um carretel de linha de pesca, uma adaga de lâmina fina e uma faca de atirar, essas duas últimas embainhadas sob seu braço esquerdo, com os cabos virados para a frente.

As pontas dos sapatos do ladrão haviam sido banhadas em piche. Enquanto atravessava o telhado plano, tomava cuidado para não apoiar todo o peso sobre os dedos, deixando praticamente intacta a tira de quase 2 centímetros de alcatrão pegajoso. Chegou à beira da construção e olhou na direção do solo. Três andares abaixo, havia um jardim pequeno, parcamente iluminado por quatro lampiões a gás colocados um em cada canto de um pátio ladrilhado, com uma fonte no meio. Um brilho roxo se agarrava à folhagem que invadia o pátio e brilhava na água que descia uma série de degraus de pedra até a bacia rasa da fonte. Em um banco, ao lado da fonte, um guarda deitado dormia com a lança sobre os joelhos.

A Propriedade D’Arle era um assunto popular nos mais altos círculos da nobreza de Darujhistan, especificamente porque a filha mais nova da família atingira a idade núbil. Muitos foram os pretendentes, muitas haviam sido as joias e bugigangas dadas de presente e que agora habitavam o quarto da jovem donzela.

Apesar de essas histórias serem passadas adiante como o pão mais doce nos círculos superiores, poucos plebeus prestavam atenção quando elas surgiam em sua presença. Havia, porém, os que ouviam, de fato com muito cuidado, interessados e calados com seus pensamentos, ainda que estranhamente ávidos por detalhes.

Com o olhar no guarda que cochilava no jardim abaixo, a mente de Crokus Jovemão abria caminho cautelosamente pelas especulações do que estava por vir. A chave estava em descobrir qual quarto dentre os vinte da propriedade pertencia à donzela. Crokus não gostava de adivinhar, mas descobrira que seus pensamentos, conduzidos quase inteiramente por instinto, moviam-se segundo uma lógica própria na hora de determinar essas coisas.

O andar superior indubitavelmente era o mais adequado para a mais jovem e bela filha dos D'Arles. E tinha uma sacada que dava para o jardim.

Ele mudou sua atenção do guarda para o muro logo abaixo. Três sacadas, mas apenas uma, a da esquerda, ficava no terceiro andar. Crokus saiu da beirada e deslizou silenciosamente pelo telhado até achar que estava bem em cima da sacada, depois se aproximou outra vez e olhou para baixo.

Três metros, no máximo. Dos dois lados da sacada erguiam-se colunas de madeira pintada, esculpidas com ornamentos. Um arco em forma de meia-lua as ligava à distância de um braço, completando a moldura extravagante. Com um último olhar para o guarda da casa, que não se mexera e cuja lança não parecia correr o risco de cair na pedra, Crokus desceu lentamente pela parede.

O piche de seus sapatos grudava nos beirais com uma segurança reconfortante. Havia diversos locais onde segurar, já que o escultor cortara fundo a madeira e o sol, a chuva e o vento tinham desgastado a pintura. Desceu por uma das colunas até seus pés chegarem à balaustrada da sacada, no ponto onde esta tocava a parede. Pouco depois, abaixou-se sobre os tijolos envernizados, à sombra de uma mesa de ferro forjado e de uma cadeira estofada.

Nenhuma luz vazava por entre as venezianas da porta de correr. Dois passos suaves o aproximaram dela. Uma análise rápida identificou o estilo do trinco. Crokus puxou uma serra de dentes finos e se pôs a trabalhar. O som que a ferramenta fazia era mínimo, não mais do que o tremor da perna de um gafanhoto. Uma ferramenta excelente, rara e provavelmente cara. Crokus tinha

sorte de ter um tio que brincava de alquimia, precisando de tais ferramentas magicamente endurecidas para construir seus mecanismos bizarros de condensação e filtração. Melhor ainda: um tio distraído, propenso a pôr as coisas no lugar errado.

Vinte minutos depois, os dentes da serra cortaram a última tranca. Crokus devolveu a ferramenta à cinta, enxugou o suor das mãos e empurrou a porta. Colocou a cabeça para dentro do aposento. No escuro cinzento, viu uma cama de dossel grande a cerca de 1 metro à sua esquerda, com a cabeceira contra a parede mais distante. Um mosquiteiro envolvia a cama, com a barra se amontoando no chão. De dentro, vinha a respiração estável de alguém em sono profundo. O quarto tinha o aroma de perfume caro, algo apimentado e provavelmente vindo de Callows.

Logo à sua frente, do outro lado do quarto, havia duas portas: uma entreaberta, que levava a uma câmara de banho; a outra, uma barreira formidável de carvalho envernizado, com uma tranca gigantesca. Contra a parede à sua direita, havia um guarda-roupa e uma penteadeira com três espelhos de prata polidos, unidos por dobradiças. O do meio estava paralelo à parede; os dois laterais, em um ângulo que permitia uma infinidade de rostos admiráveis.

Crokus se virou de lado e entrou no quarto. Levantou-se devagar e se esticou, aliviando os músculos da tensão em que os mantivera durante a meia hora anterior. Voltou seu olhar para a penteadeira e se dirigiu até lá na ponta dos pés.

A Propriedade D’Arle era a terceira do topo da avenida do Velho K’rul, que subia a primeira das colinas internas da cidade até um pátio redondo cheio de ervas daninhas e dólmens irregulares semienterrados. Do lado oposto ao pátio, erguia-se o templo de K’rul, com suas pedras antigas cortadas por rachaduras e soterradas por musgo.

O último monge do deus ancestral morrera gerações antes. O campanário quadrado que se erguia do pátio interno do templo tinha o estilo arquitetônico de um povo havia muito extinto. Quatro colunas de mármore marcavam os cantos de uma plataforma alta, que ainda sustentava um telhado pontiagudo com lados

escamados em telhas de bronze manchadas de verde.

O campanário dava para uma dúzia de telhados planos, de casas pertencentes à aristocracia. Uma dessas estruturas se aproximava mais do que deveria de um dos muros irregulares do templo, e sobre seu telhado recaía a sombra pesada da torre. Naquele lugar, um assassino estava agachado, com sangue nas mãos.

Talo Krafar, do clã Jurrig Denatte, inspirava em arquejos sibilantes. Suor escorria por riscas enlameadas em sua testa, e gotas caíam de seu nariz largo e torto. Seus olhos escuros estavam arregalados enquanto ele olhava para as mãos, pois o sangue que as manchava era seu.

Sua missão naquela noite tinha sido a de um Errante, patrulhando os telhados da cidade, que, exceto por um ladrão esporádico, eram o domínio exclusivo dos assassinos, que na maioria das vezes viajavam pela cidade usando-os sem serem detectados. Os telhados forneciam rotas para missões de atividades políticas não oficiais, davam continuidade às rixas entre Casas ou serviam para a punição de uma traição. O Conselho governava de dia, sob a vigilância pública; a Sociedade governava à noite, sem ser vista e sem deixar testemunhas. Sempre havia sido daquele modo, desde a construção de Darujhistan às margens do lago Azur.

Talo estava atravessando um telhado inofensivo quando a seta de uma besta golpeou seu ombro esquerdo. Ele foi atirado para a frente com a pancada e por um tempo indefinido ficou olhando atordoado para o céu nublado, perguntando-se o que acontecera. Finalmente, quando a apatia deu lugar à agonia, ele se contorceu. A seta o atravessara completamente e agora jazia nas telhas sujas de piche a pouco mais de 1 metro de distância. Ele se arrastou até chegar ao lado da peça ensanguentada.

Um olhar foi o suficiente para confirmar que não era a seta de um ladrão. Ela tinha saído de uma arma pesada: a arma de um assassino. Enquanto tal fato se revirava na mistura confusa dos pensamentos de Talo, ele se pôs de joelhos e, depois, em pé. Uma corrida oscilante o levou à beira da construção.

Jorrava sangue da ferida enquanto ele descia para o beco escuro abaixo. Quando seus sapatos finalmente pousaram nos paralelepípedos escorregadios e imundos, parou, impondo lucidez à sua mente. Uma guerra de assassinos começara naquela noite. Mas que líder de clã era tolo o bastante para acreditar que poderia usurpar o domínio de Vorcan sobre a Sociedade? Em todo caso, ele

voltaria ao covil de seu clã, se possível. Com isso em mente, começou a correr.

Ele havia voado para as sombras do terceiro beco quando sentiu um arrepio. Prendendo a respiração, Talo congelou. A sensação rastejando sobre ele era inequívoca, certa como o instinto: estava sendo perseguido. Deu uma olhada na parte frontal de sua camisa, ensopada de sangue, e percebeu que não havia esperança de ir mais rápido do que seu caçador. Sem dúvida seu perseguidor o vira entrar naquele beco e já tinha a besta apontada para a saída, do outro lado. Ao menos, era como Talo faria.

Precisava virar o jogo, preparar uma armadilha. E para isso necessitaria dos telhados. Voltou para a entrada do beco por onde acabara de passar e analisou as construções próximas. A duas ruas à sua direita ficava o templo de K'rul. Seu olhar se fixou na construção negra que era o campanário. *Ali*.

A subida o deixou perto da inconsciência. Agachou-se à sombra do campanário, a um prédio de distância do templo. Seus esforços haviam feito o sangue de seu ombro jorrar em um volume horrendo. Ele já vira sangue antes, é claro, mas nunca tanto do seu de uma só vez. Perguntou-se seriamente, pela primeira vez, se iria morrer. Uma dormência se espalhava por seus braços e pernas; sabia que, se continuasse onde estava, poderia nunca mais sair. Com um grunhido baixo, ficou de pé. O salto para o telhado do templo foi uma questão de apenas alguns metros, mas o impacto o colocou de joelhos.

Arquejando, Talo afastou da mente ideias relativas a fracasso. Tudo o que lhe restara era descer o muro interno do templo até o pátio, depois subir a escadaria em espiral do campanário. Duas tarefas. Duas tarefas simples. Então, uma vez nas sombras do campanário, poderia dominar todos os telhados próximos. E o perseguidor viria até ele. Parou para verificar sua besta, presa às costas, e as três setas embainhadas na perna esquerda. Depois, esquadrinhou a escuridão.

– Quem quer que seja, seu canalha – sussurrou –, eu quero você.

Começou a engatinhar pelo telhado do templo.

A tranca da caixa de joias se mostrara simples de forçar. Dez minutos depois de entrar no quarto, Crokus já tinha feito a limpa. Uma pequena fortuna em joias de ouro, pedras preciosas e pérolas agora se encontrava em uma bolsinha de couro

presa ao seu cinto.

Ele se acocorou ao lado da penteadeira e segurou entre as mãos seu prêmio final. *Vou ficar com isto.* O objeto era um turbante de seda azul-celeste com penachos trançados de ouro, sem dúvida para o Festival que se aproximava. Terminou seu longo minuto de admiração, enfiou o turbante embaixo do braço e levantou-se. Seu olhar se demorou na cama à sua frente, e ele se aproximou.

O mosquiteiro obscurecia a forma meio enterrada sob cobertores macios. Outro passo o levou à beirada da cama. Da cintura para cima, a moça estava nua. Um rubor envergonhado tomou as faces do ladrão, mas ele não desviou o olhar. *Rainha dos Sonhos, ela é adorável!* Aos 17 anos, Crokus vira prostitutas e dançarinas suficientes para não tremer boquiaberto ante as virtudes expostas de uma mulher; ainda assim, continuou a olhar. Então, fazendo uma careta, voltou-se para a porta da sacada. Um momento depois, estava do lado de fora. Inspirou profundamente o ar fresco da noite para clarear as ideias. Na manta da escuridão acima, um punhado de estrelas brilhava o bastante para perfurar o algodão de nuvens. Não nuvens, mas fumaça, flutuando pelo lago, vinda do norte. A notícia da queda de Pale diante do Império Malazano estivera nas bocas de todos durante os dois dias anteriores.

E somos os próximos.

O tio lhe contara que o Conselho ainda proclamava neutralidade freneticamente, desesperado em seu esforço para separar a cidade da destruída aliança das Cidades Livres. Mas os malazanos não pareciam ouvir. *E por que deveriam?*, perguntara seu tio Mammot. *O exército de Darujhistan é um monte desprezível de filhos de nobres que não fazem nada além de se pavonear para cima e para baixo na Rua das Putas, empunhando suas espadas incrustadas de joias...*

Crokus subiu até o telhado da mansão e se arrastou em silêncio pelas telhas. Outra casa, de igual altura, ficava adiante, com seu topo plano a menos de 2 metros. O ladrão parou na beirada e olhou para o beco 9 metros abaixo; viu apenas uma poça de escuridão. Em seguida, pulou para pousar suavemente no telhado seguinte.

Começou a atravessá-lo. À sua esquerda havia a célebre silhueta da torre do campanário de K’rul, retorcida como um punho ossudo enfiado no céu noturno.

Crokus baixou uma das mãos para a bolsinha de couro presa em seu cinto, sondando com os dedos o nó e a condição dos cordões. Satisfeito por tudo estar seguro, verificou o turbante embaixo de uma alça de sua cinta. Tudo estava bem. Continuou seu caminho silencioso pelo telhado. Uma noite excelente. Crokus sorriu para si mesmo.

Talo Krafar abriu os olhos. Atordoado e confuso, olhou-se. Onde estava? Por que se sentia tão fraco? Então a lembrança voltou, e um gemido escapou de seus lábios. Ele desmaiara, inclinado ali contra o pilar de mármore. Mas o que o acordara? Enrijecendo, Talo se forçou a ficar em pé contra a coluna empoeirada e vasculhou os telhados abaixo. Ali! Uma pessoa se movia no topo plano de um prédio a menos de 15 metros.

Agora, seu canalha. Agora. Ergueu sua besta, apoiando um cotovelo no pilar. Ele já preparara sua arma, embora não se lembrasse de tê-lo feito. E àquela distância não havia chance de errar. Em segundos seu perseguidor estaria morto. Talo arreganhou os dentes e mirou com cuidado.

Crokus já tinha atravessado metade do telhado, com uma das mãos acariciando a seda do turbante aconchegado sobre seu coração, quando uma moeda tiniu alto em seu pé. Instintivamente, agachou-se e a pegou com as duas mãos. Algo assobiou no ar imediatamente acima de sua cabeça. Ele olhou para cima, sobressaltado, e se esquivou quando uma telha de cerâmica foi destroçada a quase 8 metros. Gemeu com a súbita compreensão. Ao ficar em pé, sua mão distraidamente pegou a moeda e a pôs sob o cinto.

Talo praguejou, sem acreditar. Baixou a besta e encarou a figura, atordoado, até seu instinto de perigo se manifestar pela última vez. Virando, viu de relance uma figura borrada envolta em uma capa, parada à sua frente com os braços erguidos. Os braços então se abaixaram em um lampejo e duas adagas compridas e sulcadas se cravaram no peito de Talo. Com um último grunhido de perplexidade, o assassino Talo morreu.

Um som áspero chegou aos ouvidos de Crokus e ele se virou para fitar o campanário. Uma forma negra caiu entre os pilares e aterrissou com um baque a cerca de 5 metros. Pouco depois, uma besta estalou ao lado dela. Crokus olhou para cima e viu uma silhueta enquadrada entre os pilares, com facas brilhantes de lâminas longas nas mãos. A figura parecia observá-lo.

O ladrão então rogou à deusa Mowri , virou-se e correu.

No campanário de K'rul, os olhos do assassino, com sua forma estranha, observaram o ladrão fugir para o lado oposto do telhado. Erguendo levemente a cabeça, farejou o ar e em seguida franziu o cenho. Uma torrente de poder acabara de desfiar o tecido da noite, como um dedo cutucando um trapo podre. Através da fenda, algo viera.

O ladrão alcançou a beirada oposta e desapareceu. O assassino sibilou um feitiço em uma língua mais antiga que o campanário e que o templo, uma língua que não era ouvida naquela terra havia milênios, e saltou da torre. Envolto em magia, a queda do assassino para o telhado abaixo foi lenta, controlada. O pouso foi como uma pincelada leve nas telhas.

Uma segunda figura apareceu, com a capa aberta como uma asa negra, vinda da escuridão acima para se juntar à primeira. Então uma terceira, também descendo em silêncio, aterrissou no telhado. Conversaram brevemente. A última a chegar murmurou uma ordem, depois foi embora. As duas restantes trocaram algumas últimas palavras e partiram na trilha do ladrão, enquanto a segunda já preparava a besta.

Dez minutos depois, Crokus se apoiou no telhado inclinado da casa de um mercador para recuperar o fôlego. Não vira ninguém nem ouvira nada. Ou o assassino não o perseguira, ou o ladrão havia conseguido despistá-lo. Ou despistá-la. Em sua mente, voltou a imagem da figura, em pé no campanário. Não, improvável que fosse uma mulher: era alto demais, talvez com quase 2 metros, e magro.

Um tremor percorreu o corpo do jovem ladrão. No que tinha tropeçado? Um assassino quase o atravessara com uma seta e acabara assassinado. Uma guerra

da Sociedade? Em caso positivo, isso tornava perigosos os telhados.

Cautelosamente, Crokus se levantou e olhou ao redor.

Uma telha mais adiante estalou do lado inclinado do telhado. Crokus se virou para ver o assassino avançando em sua direção. Bastou um olhar para as duas adagas cortarem o ar e o ladrão disparar para a beirada, saltando na escuridão.

O prédio do outro lado estava muito distante, mas Crokus escolhera seu local de descanso em território familiar. Enquanto caía nas sombras, estendeu as mãos, prontas para segurarem algo. Um fio se enrolou em seus braços perto dos cotovelos e ele lutou freneticamente para se segurar direito, ficando suspenso 6 metros acima do beco.

Embora a maioria dos varais que atravessavam as ruas da cidade fosse apenas de fibra fina e não confiável, havia alguns de arame. Postos por ladrões gerações antes, eram bem presos aos muros. De dia, a Travessia dos Macacos, como os ladrões a chamavam, não parecia diferente de nenhum outro varal, decorada com roupas íntimas e lençóis. Com o pôr do sol, entretanto, seu verdadeiro propósito aparecia.

Com as mãos esfoladas, Crokus seguiu pelo arame na direção do muro oposto. Arriscou uma olhada para cima e congelou. Na beirada do telhado adiante, estava um segundo caçador, mirando-o cuidadosamente com uma besta antiga e pesada.

Crokus soltou o arame. Uma seta passou zunindo bem acima de sua cabeça quando ele caiu. De algum ponto atrás e abaixo, uma janela se estilhaçou. Sua queda foi interrompida pelo primeiro de uma série de varais, que repuxavam seus membros e se torciam antes de se partirem. Depois do que pareceu uma eternidade de solavancos, torções de ossos e chicotadas de cordas cortando suas roupas e esfolando sua pele, Crokus atingiu os paralelepípedos do beco, com as pernas esticadas e o corpo bastante inclinado para a frente. Seus joelhos cederam. Ele abaixou o ombro o bastante para conseguir rolar, amortecendo a queda, mas foi interrompido bruscamente quando sua cabeça bateu em uma parede.

Atordoado e gemendo, Crokus se forçou a ficar ereto. Olhou para cima. Com a visão embotada pela dor, viu uma pessoa cair muito lentamente, logo acima. Os olhos do ladrão se arregalaram. *Feitiçaria!*

Ele se virou e cambaleou desorientado antes de conseguir correr mancando pelo beco. Alcançou uma esquina e, brevemente iluminado por lampiões a gás, apressou-se a atravessar uma rua larga, para em seguida entrar em outro beco. Uma vez oculto na sombra, Crokus parou. Com cuidado, pôs a cabeça para fora do esconderijo providenciado pelo muro para dar uma olhada. Uma seta atingiu a parede ao lado de seu rosto. Ele pulou de volta para o beco, virou-se e correu.

Logo acima, Crokus ouviu o esvoaçar de uma capa. Uma cãibra dolorosa em seu quadril esquerdo o fez tropeçar. Outra seta passou de raspão por seu ombro e caiu nos paralelepípedos. A cãibra passou tão rápido quanto apareceu, e ele seguiu cambaleante. Adiante, na saída do beco, havia a porta iluminada de um cortiço. Uma mulher idosa estava sentada nos degraus de pedra, pitando um cachimbo. Os olhos dela reluziram ao perceber que o ladrão se aproximava. Quando Crokus passou por ela com um salto, pousando alguns degraus acima, a senhora bateu o cachimbo na sola de seu sapato. Choveram faíscas sobre o calçamento.

Crokus abriu a porta com um empurrão e voou para dentro. Parou. Havia um corredor estreito e parcamente iluminado à sua frente, uma escada apinhada de crianças na extremidade. Com os olhos na escada, correu. Das portas acortinadas dos dois lados, vinha uma cacofonia variada: vozes altas em discussão, bebês chorando, o tinido de utensílios de cozinha.

– Vocês nunca dormem? – gritou Crokus, enquanto corria.

As crianças nas escadas saltaram para fora do caminho e ele subiu os degraus deformados dois em dois. No último andar, parou diante de uma porta feita de carvalho sólido no patamar do corredor. Escancarou-a e adentrou o cômodo.

Um homem idoso sentado atrás de uma mesa imensa desviou brevemente o olhar de seu trabalho, depois voltou ao seu rabisco frenético em uma folha de pergaminho amassado.

– Boa noite, Crokus – cumprimentou ele, distraidamente.

– Para você também, tio.

No ombro do tio Mammot, um macaco alado estava acocorado, com um olhar reluzente e meio lunático que seguia a corrida do jovem ladrão pela sala, rumo à janela oposta à porta. Abrindo as venezianas, Crokus subiu no parapeito. Abaixo, havia um jardim imundo e coberto de mato, na maior parte perdido nas

sombras. Uma solitária árvore retorcida se erguia para o céu. Ele fitou os galhos à sua frente, segurou a janela e se inclinou para trás. Inspirou fundo e se impulsionou para a frente.

Ao passar pela abertura, ouviu um grunhido surpreso vir de algo diretamente acima, em seguida um arranhão selvagem contra a pedra. Um instante depois, alguém caiu no jardim logo abaixo. Gatos chiaram e uma voz soltou, com um gemido, um único praguejar dolorido.

Crokus se agarrou a um galho curvado. Calculou o tempo de cada balanço da madeira flexível e estendeu as pernas quando o galho o empurrou para cima. Seus sapatos aterrissaram no parapeito de uma janela, fixando-se ali. Grunhindo, ele se equilibrou e soltou o galho. Esmurrou as venezianas da janela. Elas voaram para dentro e Crokus seguiu de cabeça direto para o chão, rolando para ficar em pé.

Ouviu o som de movimento no outro cômodo da habitação. Levantando-se, disparou para a porta que dava para o corredor, escancarou-a e deslizou para fora bem no momento em que uma voz rouca gritou um xingamento atrás dele. Crokus correu para a extremidade da passagem, onde uma escada dava em uma portinhola no teto. A sensação de queimação retornou ao seu quadril. Devia ter se machucado em sua queda pelo varal de arame. Estendeu a mão para massagear o local e percebeu que seus dedos pressionavam algo duro, redondo e quente. *A moeda!* Crokus quis pegá-la.

Naquele instante, ouviu um silvo repentino, e lascas de pedra o atingiram. Esquivando-se, viu uma seta bater uma vez no telhado, partir-se por causa do impacto e despencar do beiral, girando violentamente. Um gemido baixo escapou de seus lábios e ele subiu pelo telhado rumo ao outro lado. Sem parar, pulou. Três metros abaixo havia um toldo, vergado e esticado a ponto de deixá-lo disforme, no qual aterrissou. As vigas de ferro que emolduravam a lona entortaram, mas suportaram. De onde se encontrava, era apenas uma descida curta para o nível da rua.

Crokus correu para a esquina, onde ficava uma construção velha com luz amarela sangrando de janelas sujas. Havia uma placa de madeira acima da porta, trazendo a imagem apagada de um pássaro morto, caído de costas com as patas para cima. O ladrão saltou alguns degraus e abriu a porta.

Um fluxo de luz e barulho o inundou como bálsamo. Ele fechou a porta com violência e se recostou nela. Fechou os olhos e tirou a máscara da cabeça, revelando cabelos negros que iam até os ombros – pingando de suor – e feições regulares ao redor de olhos claros e azuis.

Quando ergueu a mão para secar a testa, puseram nela uma caneca. Crokus abriu os olhos para ver Sulty passar a passos largos, levando em uma das mãos uma bandeja cheia de canecas de lata. Ela lhe lançou um olhar sobre o ombro e sorriu.

– Noite difícil, Crokus?

Ele a fitou, depois disse:

– Não, nada de especial.

O ladrão levou a caneca até os lábios e bebeu um grande gole.

Do outro lado da rua da Taberna da Fênix, um caçador se achava na beira do telhado e analisava a porta por onde o ladrão acabara de passar. A besta estava em seus braços. O segundo caçador chegou, embainhando suas facas de lâminas compridas ao se colocar ao lado do primeiro.

– O que aconteceu com você? – perguntou o primeiro baixinho, em sua língua nativa.

– Briguei com um gato.

Ambos ficaram em silêncio um momento, e depois o primeiro caçador suspirou, preocupado.

– Considerando tudo, a coisa deu errado demais para ser natural.

O outro concordou.

– Então você sentiu a ruptura também.

– Um Ascendente... interferiu. Entretanto, foi cauteloso demais para se mostrar por completo.

– Infelizmente. Faz anos desde que matei um Ascendente.

Começaram a verificar suas armas. O primeiro caçador carregou a besta e deslizou quatro setas extras de seu cinto. O segundo pegou suas facas e limpou cuidadosamente o suor e a gordura.

Ouviram alguém se aproximar por trás e, ao se virar, viram sua comandante.

– Ele está na taberna – disse o segundo caçador.

– Não vamos deixar testemunhas desta guerra secreta com a Sociedade – acrescentou o primeiro.

A comandante deu uma olhadela na porta da Taberna da Fênix, depois disse aos caçadores:

– Não. A língua agitada de uma testemunha pode ser útil aos nossos esforços.

– O fracote teve ajuda – disse o primeiro caçador, com convicção.

A comandante balançou a cabeça.

– Voltaremos a agir às escuras.

– Muito bem.

Os dois caçadores guardaram as armas. O primeiro fitou a taberna e perguntou:

– Quem você acha que o protegeu?

– Alguém com senso de humor – rosnou o segundo caçador.

CAPÍTULO 6

Há uma conspiração respirando
mais alto do que os urros,
preparando os fogos esmeralda
sob paralelepípedos brilhantes de chuva,
enquanto você pode ouvir os gemidos
das cavernas lá embaixo;
o sussurro da feitiçaria
é mais baixo que o suspiro moribundo
de um ladrão tropeçando sem querer
na teia secreta de Darujhistan...

Conspiração (fragmento), Charco (nasc. 1122?)

A ponta de sua asa direita aberta tocou de leve a rocha negra riscada enquanto Bruxa subia pelas alturas sibilantes da Cria da Lua. Das cavernas manchadas e das saliências iluminadas pela luz das estrelas, seus irmãos e irmãs, agitados, berraram chamando-a quando ela passou.

– Vamos voar? – perguntaram.

Bruxa, entretanto, não respondeu. Seus olhos negros brilhantes estavam fixos na abóbada celeste. Suas asas imensas batiam em um coro estrondoso de poder, tenso e implacável. Do alto da sabedoria conquistada em seus mil anos de vida, não tinha tempo para o cacarejo nervoso dos jovens nem para responder a suas necessidades simplórias.

Naquela noite, Bruxa voava para seu senhor.

Ao se erguer acima dos picos despedaçados do cume da Lua, um vento forte varreu suas asas, asperamente seco e frio contra suas penas oleosas. Ao seu redor, fios finos de fumaça cavalgavam as correntes de ar noturno, como espíritos perdidos. Bruxa voou em círculo uma vez, seu olhar afiado enxergando

o lampejo de alguns incêndios restantes entre os penhascos abaixo, então inclinou uma das asas e navegou pela corrente de vento, que seguia na direção norte rumo ao lago Azur.

A extensão indefinida da planície da Morada ficava abaixo, e a relva se movia em ondas cinzentas ininterruptas, sem interferência de casas nem de colinas. Exatamente à sua frente se estendia o manto reluzente incrustado de joias que era Darujhistan, lançando aos céus um brilho safira. Ao se aproximar da cidade, sua visão anormalmente aguçada detectou aqui e ali, entre as propriedades amontoadas na camada superior, a emissão azul-turquesa de feitiçaria.

Bruxa grasnou alto. Magia era ambrosia para os Grandes Corvos. Eram atraídos para ela pelo aroma de sangue e poder, e dentro de tal aura a vida das criaturas aumentava em séculos. O almíscar da magia tinha outros efeitos, também. Bruxa grasnou outra vez. Seu olhar se fixou em uma mansão em especial, ao redor da qual brilhava uma profusão de feitiçaria protetora. Seu senhor lhe transmitira uma descrição completa da assinatura mágica que deveria procurar, e era isso que acabara de encontrar. Curvando as asas, desceu graciosamente em direção à propriedade.

No interior, partindo do porto do distrito Gadrobi, elevavam-se quatro níveis na direção leste. Ladeiras de paralelepípedos, desgastadas até virarem um mosaico polido, destacavam as ruas de comércio do distrito Gadrobi; eram cinco no total, as únicas rotas que passavam pelo distrito do Pântano rumo à próxima camada, o distrito Antelago. Além dos corredores tortuosos de Antelago, doze portões de madeira se abriam para o distrito Daru, e de Daru outros doze portões – estes protegidos pela Guarda Citadina e bloqueados por grades levadiças de ferro – ligavam as cidades alta e baixa.

No quarto e mais alto nível, as propriedades da nobreza de Darujhistan eclodiam, assim como as de seus feiticeiros publicamente conhecidos. Na interseção da velha alameda do Rei com a rua da Vista, erguia-se uma colina com o cume plano, onde ficava o Salão da Majestade, no qual o Conselho se reunia todos os dias. Um parque estreito rodeava a colina, com caminhos

cobertos de areia serpenteando entre acácias centenárias. Na entrada do parque, perto da colina das Altas Forcas, havia um gigantesco portão de pedra de superfície irregular, o último remanescente do castelo que outrora dominava a colina da Majestade.

Os dias dos reis haviam acabado muito tempo antes em Darujhistan. O portão, conhecido como a Barbacã do Déspota, jazia rígido e sóbrio, com sua treliça de rachaduras insinuando uma escrita desbotada de tirania passada.

À sombra da viga única e maciça de pedra da Barbacã, estavam dois homens em pé. Um, apoiado com o ombro na rocha esburacada, usava uma cota de malha e um barrete de couro com a insígnia da Guarda Citadina, trazendo uma espada simples embainhada presa ao cinto, com o cabo de couro liso de tão gasto. Tinha também uma lança apoiada no ombro. Estava próximo do final de seu turno de vigia da meia-noite e pacientemente aguardava a chegada do homem que o substituiria. Os olhos do guarda às vezes fitavam o segundo homem, com quem compartilhara aquele local por muitas noites durante o ano anterior. Os olhares que lançava ao cavalheiro bem-vestido eram furtivos, sem qualquer expressão.

Como em qualquer outra ocasião em que o conselheiro Turban Orr se aproximava do portão a essas horas mortas da noite, o nobre dificilmente julgava o guarda digno de ser notado, nem nunca dera a menor indicação de que reconhecia o guarda como sendo sempre o mesmo.

Turban Orr parecia um homem com pouca paciência, sempre andando de um lado para outro, atormentado, parando de vez em quando para alinhar a capa vermelha decorada. As botas lustradas do conselheiro estalavam enquanto ele andava, lançando um eco suave sob a Barbacã. Das sombras, o olhar do guarda observava a mão enluvada de Orr pousada no cabo de prata de uma espada de duelo, notando o indicador bater de acordo com os estalos das botas.

Na primeira parte de sua vigia, bem antes da chegada do conselheiro, o guarda andava devagar ao redor da Barbacã, às vezes estendendo a mão para tocar a escultura antiga e macabra. Depois de seis anos como vigia noturno naquele portão, o homem criara uma relação íntima com o basalto mal esculpido: conhecia cada rachadura, cada marca de cinzel; sabia onde as armações haviam enfraquecido, onde o tempo e os elementos haviam espremido

a argamassa entre as pedras e onde a haviam corroído até virar pó. Também sabia que as fraquezas aparentes eram apenas uma dissimulação. A Barbacã – e tudo o que ela representava – esperava imóvel, pacientemente, como um espectro do passado, ávida por renascer.

E aquilo, o guarda há muito jurara, ele jamais a deixaria fazer, se tal coisa estivesse em seu poder. A Barbacã do Déspota abastecia o homem de toda a razão que ele precisava para ser o que era: o Rompedor de Círculos, um espião.

Tanto ele quanto o conselheiro aguardavam a chegada do outro, aquele que nunca falhava em aparecer. Turban Orr iria reclamar como sempre, farto do atraso. Então, seguraria o braço do outro homem e os dois andariam lado a lado sob a viga de pedra. E, com olhos há muito acostumados à escuridão, o guarda registraria as feições do outro, tornando-as indeléveis na memória magnífica que escondia sob feições inexpressivas e esquecíveis.

Quando os membros do Conselho voltassem de sua caminhada, o guarda já teria sido dispensado e estaria a caminho de entregar uma mensagem, de acordo com as instruções de seu senhor. Se a sorte do Rompedor de Círculo se mantivesse, ele poderia sobreviver à guerra civil em que, sentia, Darujhistan estava prestes a submergir – e isso sem considerar a nêmesis malazana. *Um pesadelo de cada vez,* ele dizia frequentemente a si mesmo, sobretudo em noites como aquela, quando a Barbacã do Déspota parecia respirar sua promessa de ressurreição com certeza sarcástica.

– Como pode ser de seu interesse – disse o Alto Alquimista Baruk, lendo em voz alta o bilhete no pergaminho que tinha em suas mãos roliças.

Sempre com a mesma introdução, dando indício de que uma informação inquietante estava por vir. Uma hora antes, seu servo Roald entregara o bilhete, que, como todos os outros que lhe chegaram durante o ano anterior, fora encontrado enfiado em uma das seteiras ornamentais no portão da poterna dos fundos da propriedade.

Reconhecendo o padrão, Baruk imediatamente lera a missiva e em seguida despachara seus mensageiros para a cidade. Tais notícias exigiam ação, e ele era um dos poucos poderes secretos em Darujhistan capaz de lidar com aquilo.

Encontrava-se, naquele instante, sentado em uma cadeira felpuda em seu gabinete, contemplativo. Seu olhar enganosamente sonolento se voltou outra vez para as palavras no pergaminho: “O conselheiro Turban Orr caminha no jardim com o conselheiro Féder. Continuo sendo conhecido apenas como o Rompedor de Círculos, um servo da Enguia, cujos interesses ainda coincidem com os seus.”

Novamente Baruk se sentiu tentado. Com seus talentos, seria fácil descobrir a identidade do escritor – embora não a da Enguia, é claro: aquela era uma identificação buscada por muitos, mas sem sucesso. Entretanto, como sempre, algo o detinha.

Remexeu-se na cadeira e suspirou.

– Muito bem, Rompedor de Círculos, continuarei a honrá-lo, embora claramente você saiba mais a meu respeito do que eu sobre você, e é uma sorte que os interesses de seu senhor coincidam com os meus. Ainda assim...

Franziu o cenho, pensando na Enguia e nos interesses encobertos daquele homem... ou daquela mulher. Sabia o suficiente para reconhecer que havia muitas forças em jogo: uma reunião de poderes Ascendentes era algo brutal. Continuar sem ser visto, em defesa da cidade, era cada vez mais difícil. Assim, a pergunta retornava: esse tal de Enguia o estava usando também?

Por mais estranho que parecesse, não se sentia muito preocupado com aquela possibilidade. Afinal, muita informação vital já fora passada para suas mãos.

Dobrou o pergaminho com cuidado e murmurou um feitiço simples. O bilhete sumiu com um leve deslocamento de ar, unindo-se aos outros em um local seguro.

Baruk fechou os olhos. Atrás dele, as cortinas largas da janela se sacudiram ruidosamente com uma rajada de vento e então se acomodaram outra vez. Um instante depois, uma batida aguda soou contra o vidro escuro. Baruk se endireitou na cadeira, abrindo os olhos, sobressaltado. Uma segunda batida, mais alta que a primeira, o fez se virar com um furor veloz surpreendente para alguém de seu tamanho. Em pé, encarou a janela. Algo se encontrava sobre o parapeito, visível através das cortinas apenas como uma forma negra volumosa.

Baruk franziu o cenho. *Impossível*. Nada conseguiria penetrar suas barreiras mágicas sem ser detectado. O alquimista gesticulou com uma das mãos e as cortinas se escancararam. Atrás do vidro, um Grande Corvo aguardava. Virou a

cabeça para ver Baruk com um olho, depois com o outro. A criatura empurrou destemidamente o vidro fino com seu peito imenso, em forma de quilha. A vidraça inchou e então se partiu.

Com seu Labirinto completamente aberto, Baruk ergueu as mãos, já com um feitiço feroz nos lábios.

– Não desperdice seu fôlego! – disse o Corvo asperamente, estufando o peito e sacudindo as penas sarnentas para se livrar dos pedaços de vidro. Inclinou a cabeça e observou: – Você chamou seus guardas. Não há necessidade, mago. – Com um único salto o enorme pássaro foi para o chão. – Trago palavras que você vai apreciar. Você tem algo para comer?

Baruk fitou a criatura.

– Não estou habituado a convidar Grandes Corvos para minha casa – disse o alquimista. – Você também não é um demônio disfarçado.

– Claro que não. Meu nome é Bruxa. – A cabeça dela se inclinou sarcasticamente. – Ao seu dispor, senhor.

Baruk hesitou, ponderando. Um momento depois, suspirou e disse:

– Muito bem. Mandarei meus guardas de volta a seus postos. Meu servo Roald trará as sobras do jantar, se isso lhe agradar.

– Excelente! – Bruxa andou tropegamente pelo aposento e se instalou no tapete diante da lareira. – Ótimo, senhor. Agora, que tal uma relaxante taça de vinho?

– Quem mandou você, Bruxa? – perguntou Baruk, encaminhando-se para a jarra na mesa.

Normalmente não bebia depois do pôr do sol, pois era de noite que trabalhava, mas tinha que reconhecer a perspicácia de Bruxa. Um bálsamo calmante era exatamente do que precisava.

O Grande Corvo hesitou antes de responder:

– O Senhor da Cria da Lua.

Baruk interrompeu o processo de encher a taça.

– Entendo – disse, baixo, lutando para controlar seu coração palpitante.

Baixou a jarra devagar e, com grande concentração, levou o cálice até os lábios. O líquido era fresco na língua, e sua passagem garganta abaixo de fato o acalmou. Virando-se, acrescentou:

– Muito bem, o que seu senhor deseja de um alquimista pacífico?

O bico lascado de Bruxa se abriu no que Baruk percebeu se tratar de uma risada silenciosa. A ave fixou um único olho brilhante sobre ele.

– Sua resposta guiou o fôlego de suas palavras, senhor. Paz. Meu senhor deseja falar com você. Deseja vir aqui, esta noite mesmo. Dentro de uma hora.

– E você precisa esperar minha resposta.

– Apenas se você decidir rápido, senhor. Tenho coisas a fazer, afinal. Sou mais do que uma simples mensageira. Aqueles que conhecem a sabedoria quando a ouvem se afeiçoam a mim. Sou Bruxa, a mais velha dos Grandes Corvos da Cria da Lua, cujos olhos fitaram mil anos da tolice humana. Dessa forma, meu casaco esfarrapado e meu bico lascado são provas de sua destruição indiscriminada. Sou apenas uma testemunha alada de sua loucura eterna.

– Mais do que apenas uma testemunha – disse Baruk, com sutil escárnio. – É sabido como você e sua espécie se banquetearam na planície fora dos muros de Pale.

– Ainda assim, não fomos os primeiros a nos banquetear em carne e sangue, senhor, caso tenha se esquecido.

Baruk se virou.

– Longe de mim defender minha espécie – murmurou o alquimista, mais para si mesmo do que para Bruxa, cujas palavras o haviam atingido.

Seus olhos caíram sobre os estilhaços de vidro que jaziam espalhados no chão. Pronunciou um feitiço de reparação e os observou se reunirem.

– Conversarei com seu senhor, Bruxa.

Meneou a cabeça satisfeito quando a vidraça se ergueu do chão e voltou para a moldura da janela.

– Diga-me: ele vai menosprezar meus feitiços de defesa com tanta facilidade quanto você?

– Meu senhor possui grande honra e cortesia – respondeu Bruxa, de maneira dúbia. – Devo chamá-lo, então?

– Sim – respondeu Baruk, bebericando o vinho. – Será providenciado um caminho para sua passagem.

Uma batida soou à porta.

– Sim? – disse Baruk.

Roald entrou.

– Alguém está no portão e deseja falar com o senhor – informou o servo de cabelos brancos, pondo na mesa um prato de carne de porco assada.

Baruk lançou um olhar a Bruxa e arqueou uma sobrancelha.

A ave sacudiu as penas.

– Seu convidado é terreno, uma figura inquieta cujos pensamentos estão densos de cobiça e traição. Um demônio, chamado Ambição, fica em seu ombro.

– Qual é o nome dele, Roald? – perguntou Baruk.

O servo hesitou, olhando apreensivo para o pássaro que se dirigia à comida. Baruk riu.

– O aviso sábio de minha convidada indica que ela sabe o nome do homem. Fale, Roald.

– Conselheiro Turban Orr.

– Eu ficaria para ver isso – disse Bruxa. – Se você desejar meu conselho.

– Por favor, sim, eu desejo – respondeu o alquimista.

– Não sou mais do que um cão de estimação – cantarolou o Grande Corvo manhosamente, antecipando a próxima pergunta. – Aos olhos do conselheiro, quero dizer. Minhas palavras serão um zunido animal aos ouvidos dele.

Ela apanhou um pedaço de carne e o engoliu depressa.

Baruk percebeu que começava a gostar daquela bruxa velha sarnenta em forma de pássaro.

– Traga-nos o conselheiro, Roald.

O servo deixou o aposento.

Tochas arcaicas iluminavam um jardim da propriedade, cercado por muros altos, e uma luz bruxuleante lançava sombras oscilantes no chão pavimentado com pedra. Quando uma brisa noturna soprou do lago, levantando folhas, as sombras dançaram como diabinhos. No segundo andar da construção havia uma sacada que dava para o jardim. Atrás da janela coberta por cortinas, duas figuras se moviam.

Rallick Nom estava agachado junto ao muro do jardim, em um canto escuro abaixo da cornija adornada da mansão. Ele fitou a silhueta feminina com a

paciência de uma cobra. Era a quinta noite seguida em que ocupava aquele observatório oculto. Os amantes de lady Simtal eram muitos, mas ele identificara dois que mereciam atenção. Ambos eram conselheiros da cidade.

A porta de vidro se abriu e uma figura saiu para a varanda. Rallick sorriu ao reconhecer o conselheiro Lim. O assassino mudou ligeiramente de posição, deslizando uma das mãos para baixo do cabo de sua besta, estendendo a outra para puxar para trás a manivela lubrificada. Com os olhos no homem inclinado na balaustrada da varanda à sua frente, Rallick cuidadosamente carregou a besta com uma seta. Um olhar para a ponta de ferro da peça o tranquilizou. O veneno brilhou úmido nas arestas afiadas como navalhas. Voltando sua atenção para a sacada, viu que lady Simtal se unira a ele.

Não surpreende que não faltem amantes para ela, pensou Rallick com os olhos se estreitando em avaliação. Seus cabelos negros estavam soltos, descendo em uma cascata macia e brilhante até a base das costas. Usava uma camisola fina como gaze, e, sob a luz dos candeeiros do quarto atrás dela, as curvas sinuosas de seu corpo eram bem visíveis.

Ao falarem, as vozes chegaram ao local em que Rallick se escondia.

– Por que o alquimista? – perguntou lady Simtal, evidentemente retomando uma conversa iniciada lá dentro. – Um velho gordo que fede a enxofre. Dificilmente um indicador de poder político. Nem sequer é um conselheiro, certo?

Lim riu baixo.

– Sua ingenuidade é um charme, senhora, um charme.

Simtal se afastou da balaustrada e cruzou os braços.

– Instrua-me, então.

As palavras soaram afiadas, bastante controladas. Lim deu de ombros.

– Não temos mais do que suspeitas, lady. Mas é o lobo sábio que segue cada vestígio, não importando se é insignificante. O alquimista fez com que as pessoas pensassem como você. Um velho senil e tolo. – Lim fez uma pausa, como se refletindo, talvez pesando quanto deveria revelar. Continuou com cautela: – Temos fontes entre a classe dos magos. Elas nos informaram de alguns fatos cheios de implicações. Boa parte dos magos da cidade teme o alquimista, e eles o chamam por um título que por si só sugere uma conspiração secreta de

algum tipo. Uma reunião de feiticeiros, senhora, é algo brutal.

Lady Simtal voltara a se postar ao lado do conselheiro. Ambos se encontravam reclinados sobre a balaustrada, observando o jardim escuro abaixo. A mulher ficou calada por algum tempo, depois perguntou:

– Ele tem ligações com o Conselho?

– Se tiver, as provas estão bem enterradas. – Lim deu um leve sorriso. – E, se não tiver, isso pode mudar... ainda esta noite.

Política, rosnou Rallick silenciosamente. *E poder. A vadia abre as pernas para o Conselho, oferecendo uma perversão que bem poucos conseguem ignorar*. As mãos de Rallick se apertaram. Ele mataria naquela noite. Não era um contrato: a Sociedade não tinha a ver com aquilo. A vingança era pessoal. Ela estava reunindo poder ao seu redor, isolando-se, e Rallick achava que entendia o motivo. Os fantasmas da traição não a deixariam em paz.

Paciência, lembrou a si mesmo enquanto continuava a espreitar. Nos dois anos anteriores, a vida de lady Simtal fora de indolência; as riquezas que roubara haviam servido para aguçar cada uma de suas cobiças, e o prestígio como a única dona da propriedade fizera muito para lubrificar as dobradiças da porta do seu quarto. O crime que ela cometera não fora contra Rallick, mas, ao contrário da vítima da mulher, o assassino não tinha orgulho que impedisse a vingança.

Paciência, repetiu Rallick, os lábios se movendo para formar a palavra quando ele ajustou o alcance da besta. Uma qualidade definida por sua recompensa, e tal recompensa estava a apenas um momento de distância.

– Belo cão – disse o conselheiro Turban Orr, estendendo sua capa para Roald.

Na sala, Baruk era o único capaz de discernir a aura de ilusão cercando o cão de caça negro que estava deitado enrolado no tapete, diante da lareira. O alquimista sorriu e gesticulou na direção de uma cadeira.

– Sente-se, por favor, conselheiro.

– Desculpe-me por perturbá-lo tão tarde da noite – disse Orr, acomodando-se na cadeira felpuda.

Baruk se sentou à sua frente, com Bruxa entre os dois. Orr continuou:

– Dizem que a alquimia floresce melhor na escuridão profunda.

– Por isso você apostou que eu estaria acordado – refletiu Baruk. – Uma boa aposta, conselheiro. Agora, em que posso lhe ser útil?

Orr baixou a mão para afagar a cabeça de Bruxa. Baruk desviou o olhar para conter o riso.

– O Conselho vota em dois dias – explicou Orr. – Com uma proclamação de neutralidade como a que buscamos, a guerra contra o Império Malazano será evitada... Assim acreditamos. Mas há aqueles no Conselho que não acham isso. O orgulho os tornou agressivos e insensatos.

– Como faz com todos nós – murmurou Baruk.

Orr se inclinou para a frente.

– O apoio dos feiticeiros de Darujhistan favoreceria muito nossa causa – disse o conselheiro.

– Cuidado – rosnou Bruxa. – Este homem está caçando de verdade.

Orr lançou um olhar ao cachorro.

– Tem uma perna ruim – disse Baruk. – Não dê atenção. – O alquimista se recostou na cadeira e tirou um fiapo de seu robe. – Admito estar um pouco confuso, conselheiro. Você parece presumir algumas coisas que não posso aceitar. – Baruk espalmou as mãos e fitou os olhos de Orr. – Os feiticeiros de Darujhistan, por exemplo. Você pode viajar pelos Dez Mundos e não encontrar uma compilação mais rancorosa e fanática de seres humanos. Ah, eu não estou sugerindo que são todos assim. Há aqueles cujo único interesse, na verdade, a única obsessão, está em se aprofundar em seu ofício. Seus narizes têm estado enfiados em livros por tanto tempo que nem sequer poderiam dizer em que século estamos. Para os outros, a desavença é o único prazer verdadeiro que há na vida.

Um sorriso tomara os lábios finos de Orr enquanto Baruk falava.

– Mas há apenas uma coisa que todos reconhecem – disse ele, com um brilho astucioso em seus olhos escuros.

– Mesmo? E o que é, conselheiro?

– Poder. Todos nós temos conhecimento de sua eminência entre os magos da cidade, Baruk. Bastaria sua palavra para trazer outros.

– Estou lisonjeado que pense assim – respondeu Baruk. – Infelizmente, aí está sua segunda suposição errônea. Ainda que eu tivesse tanta influência quanto

sugere...

Bruxa bufou, e Baruk lhe lançou um olhar fulminante antes de continuar:

–... e isso é algo que não tenho, por que razão eu iria apoiar uma posição tão deliberadamente ignorante como a sua? Uma proclamação de neutralidade? Poderia muito bem soprar contra o vento, conselheiro. Para que serviria isso?

O sorriso de Orr endurecera.

– Com certeza, o senhor não deve querer partilhar o mesmo destino dos magos de Pale.

Baruk franziu o cenho.

– O que quer dizer?

– Assassinados por um Garra do Império. A Cria da Lua estava completamente sozinha contra o Império.

– A informação que você tem contradiz a que eu tenho – disse Baruk com firmeza, e logo se arrependeu.

– Não acredite muito nisso – replicou Bruxa, presunçosa. – Vocês dois estão errados.

As sobrancelhas de Orr haviam se erguido ante as palavras de Baruk.

– É mesmo? Talvez nós dois lucremos em compartilhar nossas informações.

– Improvável – rebateu Baruk. – Jogar a ameaça do Império em mim significa que, se o Conselho votar contra a proclamação, todos os feiticeiros da cidade morrerão pela mão do Império. Mas, se votar a favor, você estará livre para justificar a abertura dos portões para os malazanos em coexistência pacífica, e, em tal cenário, os magos da cidade continuariam vivendo.

– Muito astuto, senhor – disse Bruxa.

Baruk observou a raiva que se fazia visível na expressão de Orr.

– Neutralidade? – continuou o alquimista. – Como você conseguiu distorcer essa palavra! Sua proclamação serve como o primeiro passo para uma incorporação total, conselheiro. Para sua sorte eu não tenho nenhum peso, nem voto, nem influência. – Baruk se levantou. – Roald o acompanhará até a saída.

Turban Orr também ficou de pé.

– Você cometeu um erro grave – declarou. – A redação da proclamação ainda não está completa. Parece que faríamos bem em retirar todas as considerações a respeito dos magos de Darujhistan.

– Ousado demais – observou Bruxa. – Instigue-o e veja o que mais sai daí.

Baruk se dirigiu até a janela.

– Então podemos esperar que sua causa perca na votação – disse secamente sobre o ombro.

A resposta de Orr foi colérica e apressada:

– Pelas minhas contas, alcançamos a maioria esta noite, alquimista. Você poderia ter providenciado a cobertura do bolo. – Ele sorriu com desdém. – Lamentavelmente, venceremos por apenas um voto. Mas será o suficiente.

Baruk se virou para encarar Orr e, nesse momento, Roald entrou na sala com serenidade, trazendo a capa do conselheiro.

– Esta noite, dentre todas as noites... – disse Bruxa com falsa consternação, enquanto se espreguiçava no tapete. – Atrair uma miríade de destinos com tais palavras...

O Grande Corvo inclinou a cabeça para o lado. Indistintamente, como se de uma grande distância, julgou ouvir uma moeda girando.

Houve um tremor de poder vindo de algum lugar na cidade, e Bruxa estremeceu.

Rallick Nom esperou. Nada de mais indolência para lady Simtal. O final de tais luxos viria naquela noite. As duas pessoas se afastaram da balaustrada e se voltaram para a porta de vidro. O dedo de Rallick se firmou no gatilho.

Ele congelou. O zumbido de algo girando encheu sua cabeça, sussurrando palavras que de repente o deixaram banhado de suor. De uma vez só, tudo trocou de lugar e se revirou em sua mente. Seu plano de vingança rápida desmoronou, e de suas ruínas se ergueu algo muito mais... elaborado.

Tudo aquilo viera entre respirações. A visão de Rallick clareou. Lady Simtal e o conselheiro Lim estavam parados à porta. A mulher estendeu a mão para deslizar a porta para o lado. Rallick desviou sua besta 3 centímetros para a esquerda e apertou o gatilho. O veio de ferro escurecido do arco deu um pinote com o alívio da tensão. A seta acelerou tanto que ficou invisível até atingir o alvo.

Uma pessoa na varanda girou com o impacto da seta, tropeçou e se chocou

contra a porta de vidro, estilhaçando-a.

Lady Simtal gritou, apavorada.

Rallick não esperou. Girou para ficar de costas, estendeu a mão e deslizou a besta no rebordo estreito entre a cornija e o telhado. Então escorregou pelo lado externo do muro, pendurado pelas mãos, enquanto gritos de pavor tomavam a propriedade. Pouco depois, soltou-se, girando ao cair, e aterrissou como um gato no beco.

O assassino se endireitou, arrumou a capa e caminhou calmamente para a rua lateral, afastando-se da mansão. Nada mais de indolência para lady Simtal. Mas também nada de morte rápida. Um membro muito poderoso e muito respeitado do conselho da cidade acabara de ser assassinado em sua varanda. A esposa de Lim, agora viúva, certamente teria algo a dizer. *A primeira fase*, pensou Rallick enquanto atravessava o Portão Osserc e descia a rampa larga que dava no distrito Daru. Apenas a primeira frase, uma artimanha inaugural, uma dica para lady Simtal de que uma caçada começara e a presa era ela, a eminente amante. *Não será fácil: a mulher não é boba no jogo da intriga*.

– Haverá mais sangue – sussurrou ele, virando uma esquina e se aproximando da entrada mal iluminada da Taberna da Fênix. – Mas no final ela vai cair, e com essa queda um velho amigo vai se erguer.

Próximo da taberna, uma pessoa saiu das sombras de um beco adjacente. Rallick parou. A pessoa gesticulou, depois voltou para a escuridão.

Rallick foi atrás. Esperou que seus olhos se ajustassem à escuridão na viela.

O homem à sua frente suspirou.

– Sua vingança provavelmente salvou sua vida hoje – disse ele, com amargura.

Rallick se recostou na parede e cruzou os braços.

– É mesmo?

Ocelot, o líder de clã, aproximou-se, com seu rosto estreito e esburacado, contorcido na careta habitual.

– Esta noite foi um abatedouro, Nom. Você não ouviu nada?

– Não.

Os lábios finos de Ocelot se curvaram em um sorriso sem humor.

– Começou uma guerra nos telhados. Alguém está nos matando. Perdemos

cinco Errantes em menos de uma hora, e isso quer dizer que há mais de um matador por aí.

– Sem dúvida – retrucou Rallick, remexendo-se quando as pedras úmidas da parede da taberna fizeram a friagem passar por sua capa e atingir sua carne.

Como sempre, os assuntos da Sociedade o entediavam.

– Perdemos aquele touro, Talo Krafar, e um líder de clã – continuou Ocelot.

Lançou um olhar por sobre o ombro, como se esperasse ser esfaqueado por uma adaga.

Apesar da falta de interesse, as sobrancelhas de Rallick se arquearam com a última parte das notícias.

– Eles devem ser bons.

– Bons? Todas as nossas testemunhas oculares estão mortas, segundo o gracejo azedo da noite. Os canalhas não cometem erros.

– Todos cometem erros – resmungou Rallick. – Vorcan saiu?

– Ainda não. Ela está ocupada demais convocando todos os clãs.

Rallick franziu o cenho, curioso a contragosto.

– Será que isso é um desafio ao domínio de Vorcan sobre a Sociedade? Talvez uma coisa interna, uma facção...

– Você acha que somos todos tolos, não acha, Nom? Essa foi a primeira suspeita de Vorcan. Não, não é algo interno. Quem quer que esteja matando nossa gente é de fora da Sociedade, de fora da cidade.

Para Rallick, a resposta de repente pareceu óbvia; ele encolheu os ombros.

– Um Garra do Império, então.

Embora sua expressão parecesse relutante, Ocelot parecia concordar.

– É provável – guinchou. – Supõe-se que sejam os melhores, não é? Mas por que iriam atrás da Sociedade? Era de se esperar que acabassem com os nobres.

– Você está me pedindo para adivinhar as intenções do Império, Ocelot?

O líder de clã piscou, e sua careta se aprofundou.

– Vim avisá-lo. E isso é um favor, Nom. Com você envolvido nessa vingança, a Sociedade não se obriga a protegê-lo. Um favor.

Rallick se afastou da parede com um impulso e se virou para a entrada do beco.

– Um favor, Ocelot? – Rallick riu baixo.

– Vamos montar uma armadilha – sugeriu Ocelot, movendo-se para bloquear o caminho de Rallick. Apontou seu queixo cheio de cicatrizes para a Taberna da Fênix. – Mostre-se e não deixe dúvidas sobre o que você faz para viver.

Os olhos de Ocelot permaneceram firmes e impassíveis em Rallick.

– Uma isca.

– Apenas faça.

Sem responder, Rallick deixou a viela, subiu os degraus e entrou na Taberna da Fênix.

– Há algo se formando esta noite – disse Bruxa, depois de Turban Orr ter partido.

O ar à sua volta brilhou quando ela assumiu sua verdadeira forma.

Baruk se dirigiu à sua mesa de mapas com as mãos às costas, para acalmar o tremor que se abatera sobre elas.

– Você também sentiu, então. – Ele fez uma pausa e suspirou. – No fim das contas, estas parecem ser as horas de maior movimento.

– Uma convergência de poder sempre produz esse resultado – disse Bruxa, levantando-se para esticar as asas. – Os ventos negros se reúnem, alquimista. Cuidado com seu sopro cortante.

– Enquanto você os navega – grunhiu Baruk –, como uma anunciadora de nossos sofrimentos trágicos.

Bruxa riu. Seguiu bamboleando até a janela.

– Meu mestre virá. Tenho outras tarefas.

Baruk se virou.

– Permita-me – disse ele, fazendo um gesto.

A janela se abriu.

Bruxa voou para o parapeito, girou a cabeça e pousou um olho em Baruk.

– Vejo doze navios seguindo para um porto escuro – disse ela. – Onze estão em chamas.

Baruk enrijeceu. Não esperava uma profecia. Agora estava com medo.

– E o décimo segundo? – perguntou, sua voz mal chegando a um sussurro.

– Com o vento, uma tempestade de faíscas enche o céu noturno. Eu as vejo

girando, girando ao redor do último barco. – Bruxa fez uma pausa. – Ainda girando.

E partiu.

Os ombros de Baruk afundaram. Voltou-se para o mapa na mesa e observou as outrora onze Cidades Livres que agora traziam a bandeira do Império. Apenas Darujhistan restara, a décima segunda e a única ainda ostentando uma bandeira que não era vinho e cinza.

– A morte da liberdade – murmurou.

De repente, as paredes à sua volta gemeram e Baruk arquejou quando um imenso peso pareceu pressioná-lo. Sangue latejou em sua cabeça, perfurando-a com dor. Ele segurou a borda da mesa de mapas para se equilibrar. Os globos incandescentes de luz suspensos no teto se ofuscaram, depois se apagaram. Na escuridão, o alquimista ouviu estalidos descendo as paredes, como se a mão de um gigante houvesse pousado sobre o prédio. De uma só vez, a pressão desapareceu. Baruk ergueu uma mão trêmula para a testa molhada de suor.

Uma voz suave falou atrás dele:

– Saudações, Alto Alquimista. Sou o Senhor da Cria da Lua.

Ainda encarando a mesa, Baruk fechou os olhos e assentiu.

– O título não é necessário – sussurrou. – Por favor, chame-me de Baruk.

– Sinto-me em casa na escuridão – disse o Senhor. – Isto será uma inconveniência, Baruk?

O alquimista murmurou um feitiço. Diante dele, os detalhes do mapa na mesa se destacaram, emanando um brilho azul gélido. Encarou o Senhor e se sobressaltou ao descobrir que a figura alta e envolta em uma capa tinha tanto calor corporal quanto os objetos inanimados da sala. Ainda assim, conseguiu distinguir com clareza suas feições.

– Você é tiste andii – disse Baruk.

O Senhor fez uma breve reverência. Seus olhos angulosos e multicoloridos sondavam a sala.

– Você tem algum vinho, Baruk?

– Claro, Senhor.

O alquimista se dirigiu à sua mesa.

– Meu nome, da forma como melhor pode ser pronunciado por humanos, é

Anomander Rake.

Ele seguiu Baruk até a mesa, suas botas ressoando no chão de mármore polido.

Baruk serviu vinho, então se virou para fitar Rake, com certa curiosidade. Ouvira que guerreiros tiste andii estavam lutado contra o Império no norte, comandados por uma fera selvagem, um homem chamado Caladan Brood. Eles haviam se aliado à Guarda Escarlate e, juntas, as duas forças estavam dizimando os malazanos. Então havia tiste andii na Cria da Lua, e o homem à sua frente era o senhor deles.

Aquela era a primeira vez que Baruk via um tiste andii cara a cara. Estava mais do que um pouco perturbado. *Olhos tão impressionantes*, pensou. Em um momento, um tom profundo de âmbar, felinos e enervantes; no momento seguinte, cinzentos e tigrados, como os de uma cobra: um arco-íris brutal de cores para combinar com qualquer estado de humor. Ele se perguntou se tais olhos eram capazes de mentir.

Na biblioteca do alquimista havia cópias dos tomos sobreviventes da *Loucura de Gothos*, os escritos jaghut de milênios antes. Neles, os tiste andii eram mencionados aqui e ali em uma aura de medo, Baruk se lembrava. O próprio Gothos, um mago jaghut que descera aos labirintos mais profundos da Magia Ancestral, exaltara os deuses da época pelo fato de os tiste andii serem tão pouco numerosos. Mas, ao contrário do que se poderia esperar, a misteriosa raça de pele preta diminuíra desde então.

A pele de Anomander Rake era preta como o ébano, o que coincidia com as descrições de Gothos, mas sua juba era prateada. Tinha mais de 2 metros de altura. As feições eram angulosas, como se cortadas em ônix, e os grandes olhos de pupilas verticais tinham uma leve inclinação para cima.

Uma espada de duas mãos estava presa às costas largas de Rake, com cabo prateado em forma de crânio de dragão e empunhadura arcaica em forma de cruz, sobressaindo de uma bainha de madeira de quase 2 metros. Da arma sangrava poder, manchando o ar como tinta negra em uma poça d’água. Quando seu olhar pousou sobre ela, Baruk quase cambaleou, vendo, por um breve momento, uma vasta escuridão se abrindo diante dele, fria como o coração de uma geleira, de onde vinha o fedor de antiguidade e um som fraco de gemido.

Baruk afastou seu olhar da arma e o voltou para cima, para encontrar Rake o analisando por sobre o ombro.

O tiste andii deu um sorriso torto e sugestivo e estendeu a Baruk um dos cálices cheios de vinho.

– Bruxa foi melodramática como de costume? – perguntou ele.

Baruk piscou e não conseguiu evitar um sorriso. Rake bebericou seu vinho.

– Ela nunca foi recatada em mostrar seus talentos. Podemos nos sentar?

– Claro – respondeu Baruk, relaxando apesar da apreensão.

De seus anos de estudo, o alquimista sabia que grandes poderes moldavam almas diferentes de modos diferentes. Se a de Rake houvesse sido retorcida, Baruk saberia imediatamente. Mas o controle do Senhor parecia absoluto. Só aquilo já provocava admiração. O homem moldara seu poder, não o contrário. Tal controle era, bem, *inumano*. Ele suspeitava que aquela não seria a última percepção acerca do guerreiro-mago a deixá-lo atônito e assustado.

– Ela jogou tudo o que tinha contra mim – disse Rake, subitamente.

Os olhos do tiste andii brilharam verdes como gelo glacial.

Sobressaltado pela veemência daquela declaração, Baruk franziu o cenho. *Ela? Ah, a imperatriz, é claro.*

– E, mesmo assim – continuou Rake –, ela não conseguiu me derrubar.

O alquimista enrijeceu em sua cadeira.

– No entanto – disse Baruk, cautelosamente –, você foi obrigado a recuar, vencido e derrotado. Consigo sentir seu poder, Anomander Rake – acrescentou, fazendo uma careta. – Ele pulsa de você em ondas. Então, devo perguntar: como você foi derrotado? Sei algo a respeito do Alto Mago Tayschrenn, do Império. Ele tem poder, mas não o bastante para enfrentar o seu. Então, pergunto outra vez: como?

Com o olhar na mesa de mapas, Rake respondeu:

– Devotei meus feiticeiros e guerreiros à campanha de Brood no norte. – Virou-se com um sorriso impassível para Baruk. – Na minha cidade há crianças, sacerdotes e três bruxos idosos e excessivamente teóricos.

Cidade? Há uma cidade dentro da Cria da Lua?, pensou o alquimista. Um tom castanho-escuro tomou os olhos de Rake.

– Não posso defender uma Lua inteira. Não consigo estar em todos os

lugares ao mesmo tempo. E, quanto a Tayschrenn, ele não deu a mínima para ninguém ao redor. Pensei em dissuadi-lo, tornar o preço da investida alto demais... – Balançou a cabeça, como que perplexo, e olhou para Baruk. – Para salvar o lar do meu povo, eu recuei.

– Abandonando Pale para cair...

Baruk fechou a boca, arrependendo-se de sua falta de tato.

Mas Rake apenas deu de ombros.

– Não previ que enfrentaria um ataque absoluto. Minha simples presença manteve o Império afastado por quase dois anos.

– Ouvi dizer que a imperatriz é impaciente – murmurou Baruk, pensativo. Seus olhos se estreitaram, e então ele os ergueu. – Você pediu para me encontrar, Anomander Rake. Aqui estamos. O que deseja de mim?

– Uma aliança – respondeu o Senhor da Lua.

– Comigo? Uma aliança pessoal?

– Sem jogos, Baruk. – A voz de Rake de repente ficara fria. – Não sou enganado por aquele Conselho de idiotas que está brigando no Salão da Majestade. Sei que você e seus colegas magos governam Darujhistan. – Levantou-se e lançou um olhar cinzento fulminante. – Vou lhe dizer o seguinte: para a imperatriz, a sua cidade é a pérola solitária neste continente de lama. Ela a quer, e ela costuma conseguir o que quer.

Baruk estendeu a mão para baixo e puxou a ponta desfiada de seu robe.

– Entendo – disse, em voz baixa. – Pale tinha seus magos.

Rake franziu o cenho.

– De fato.

– Ainda assim, quando a batalha começou de verdade, seu primeiro pensamento não foi na aliança que fez com a cidade, mas no bem-estar da sua Lua.

– Quem lhe disse isso? – questionou Rake.

Baruk olhou para cima e ergueu as mãos.

– Alguns daqueles magos conseguiram fugir.

– Estão na cidade?

Os olhos de Rake ficaram negros.

Vendo-os, Baruk sentiu o suor sob suas roupas.

– Por quê? – perguntou.

– Quero as cabeças deles – respondeu Rake, sem emoção.

Encheu novamente seu cálice e tomou um gole.

Uma mão gelada deslizou ao redor do coração de Baruk; agora, ela o apertava. Sua dor de cabeça aumentara dez vezes nos poucos segundos anteriores.

– Por quê? – perguntou outra vez, as palavras saindo quase como um arquejo.

Se o tiste andii tinha conhecimento do repentino desconforto do alquimista, não deu sinal.

– Por quê?! – Rake pareceu revirar as palavras na boca como vinho, um sorriso leve tocando seus lábios. – Quando o exército moranthiano veio das montanhas e Tayschrenn cavalgou à frente de seu quadro de magos, e quando espalharam que um Garra do Império se infiltrara na cidade – o sorriso de Rake se distorceu em um rosnado –, os magos de Pale fugiram. – Ele parou, como se relembrasse. – Eu liquidei o Garra quando os magos ainda estavam a uma dúzia de passos dentro dos muros. – Fez outra pausa, e seu rosto traiu um lampejo de pesar. – Se os magos da cidade tivessem ficado, o ataque teria sido repelido. Tayschrenn, ao que parece, estava preocupado com... *outros* assuntos. Ele havia impregnado seu posto, o alto de uma colina, com feitiços defensivos. Então, libertou demônios, não contra mim, mas contra alguns de seus companheiros. Aquilo me desconcertou, mas, em vez de permitir que tais conjurações vagassem conforme quisessem, esgotei poderes vitais para destruí-las. – Rake suspirou e disse: – Recuei a Lua poucos minutos antes de sua destruição. Deixei-a flutuar para o sul e fui atrás daqueles magos.

– Atrás deles?

– Rastreei todos, exceto dois. – Rake fitou Baruk. – Quero aqueles dois, de preferência vivos, mas suas cabeças bastarão.

– Você matou os que encontrou? Como?

– Com a minha espada, é claro.

Baruk recuou, como se houvesse sido golpeado.

– Ah – sussurrou. – Ah.

– A aliança – disse Rake, antes de esvaziar seu cálice.

– Conversarei com a Conspiração a esse respeito – respondeu Baruk, levantando-se, trêmulo. – Uma notícia a respeito da decisão lhe será enviada logo. – Fitou a espada presa às costas do tiste andii. – Diga-me, se você pegar aqueles magos vivos, usará *isso* contra eles?

Rake franziu o cenho.

– É claro.

Virando-se, Baruk fechou os olhos.

– Você terá suas cabeças, então.

Atrás dele, Rake soltou uma risada áspera.

– Há misericórdia demais em seu coração, alquimista.

A luz pálida além da janela significava que já amanhecia. Dentro da Taberna da Fênix, apenas uma mesa continuava ocupada. Ao seu redor, quatro homens estavam sentados, um dormindo em sua cadeira com a cabeça deitada em uma poça de cerveja velha. Roncava sonoramente. Os outros jogavam cartas, dois com olhos vermelhos de exaustão, enquanto o último analisava sua mão e falava:

– E então teve a vez que salvei a vida de Rallick Nom atrás da rua de Todas as Vésperas. Quatro, não, *cinco* criminosos nefastos haviam encostado o garoto na parede. Ele mal ficava em pé, o Rallick, esguichando sangue de cem feridas a faca. Ficou claro para mim o fato sombrio de que aquilo não poderia durar muito mais, aquela luta. Cheguei naqueles seis assassinos pelas costas, o velho Kruppe com fogo dançando nas pontas dos dedos, um feitiço mágico de assustadora violência. Pronunciei um feitiço num fôlego só e pronto! Seis pilhas de cinzas aos pés de Rallick. Seis pilhas de cinzas brilhantes como as moedas de suas carteiras... rá! Uma recompensa digna!

Murillio inclinou sua anatomia esguia e elegante para perto de Crokus Jovemão.

– Isso é possível? – sussurrou. – A vez de alguém durar tanto quanto a de Kruppe?

Crokus sorriu exausto para seu amigo.

– Eu não ligo. De verdade. É seguro aqui dentro, e é isso que importa para mim.

– Guerra de assassinos, bobagem! – disse Kruppe, recostando-se para enxugar a testa com um lenço de seda gasto. – Kruppe continua não acreditando. Diga-me, vocês não viram Rallick Nom aqui mais cedo? Conversou com o Murillio aqui, o rapazola conversou. Calmo como sempre, não estava?

Murillio fez uma careta.

– Nom fica daquele jeito sempre que acaba de matar alguém. Ponha uma carta na mesa, caramba! Eu tenho compromissos cedo.

– Então, sobre o que Rallick falou com você? – perguntou Crokus.

A resposta de Murillio foi um mero dar de ombros. Continuou olhando feio para Kruppe. As sobrancelhas finíssimas do homenzinho se arquearam.

– É a vez de Kruppe?

Fechando os olhos, Crokus afundou em sua cadeira. Gemeu.

– Vi três assassinos nos telhados, Kruppe. E os dois que mataram o terceiro vieram atrás de mim, embora seja óbvio que não sou um assassino.

– Bem – disse Murillio, fitando as roupas puídas do jovem ladrão e os cortes e arranhões no rosto e nas mãos dele –, estou inclinado a acreditar em você.

– Tolos! Kruppe se senta a uma mesa de tolos. – Kruppe lançou um olhar ao homem que roncava. – E Coll aqui é o maior de todos. Mas tristemente presenteado com autoconhecimento. Por isso seu estado atual, de onde muitas verdades profanas podem ser concluídas. Compromissos, Murillio? Kruppe não sabia que a multidão de senhoras da cidade acordava tão cedo. Afinal, o que elas devem ver no espelho? Kruppe estremece só de pensar.

Crokus massageou a contusão oculta sob seu cabelo comprido e castanho. Encolheu-se e se inclinou para a frente.

– Vamos, Kruppe – resmungou. – Jogue.

– Minha vez?

– Parece que o autoconhecimento não se estende àquele de quem é a vez – comentou Murillio secamente.

Botas soaram na escada. Os três se viraram para ver Rallick Nom descendo do primeiro andar. O homem alto de pele escura parecia descansado. Vestia sua capa diurna, de um púrpura profundo, presa no pescoço por um broche de prata em forma de concha. Seu cabelo preto fora recentemente trançado, emoldurando o rosto estreito e barbeado. Rallick se encaminhou para a mesa e estendeu a mão

para pegar o cabelo ralo de Coll. Ergueu a cabeça do homem da poça de cerveja e se abaixou para fitar seu rosto sujo. Depois, baixou a cabeça do homem gentilmente e puxou uma cadeira.

– Esse é o mesmo jogo da noite passada?

– Claro – respondeu Kruppe. – Kruppe tem esses dois bem contra a parede, perigando perderem suas camisas! É muito bom ver você de novo, amigo Rallick. O rapazola aqui – Kruppe indicou Crokus com a mão mole, balançando os dedos – está falando sem parar de um assassinato sobre nossas cabeças. Uma verdadeira tempestade de sangue! Você já ouviu tamanha bobagem, Rallick amigo de Kruppe?

Rallick deu de ombros.

– Outro boato. Esta cidade foi construída sobre boatos.

Crokus fez uma careta. Parecia que ninguém queria responder nada aquela manhã. Perguntou-se mais uma vez o que o assassino e Murillio haviam conversado mais cedo. Curvados como ficaram sobre uma mesa fracamente iluminada em um canto da sala, Crokus suspeitava de algum tipo de conspiração. Não que tal coisa fosse incomum entre eles, embora na maioria das vezes Kruppe estivesse no centro.

Murillio olhou para o bar.

– Sulty! – gritou ele. – Você está acordada?

Ouviram uma resposta balbuciada de trás do balcão de madeira, e Sulty, com o cabelo louro desgrenhado e o rosto gorducho parecendo ainda mais gorducho, levantou-se.

– Sim – balbuciou. – O que é?

– Café da manhã para meus amigos aqui, por favor.

Murillio ficou em pé e lançou um olhar crítico e obviamente desaprovador a suas roupas. A camisa macia ondeante, tingida de um tom claro de verde, pendia de seu corpo magricela, amassada e manchada de cerveja. Suas pantalonas de couro bem curtido estavam amarrotadas e marcadas. Suspirando, Murillio se afastou da mesa.

– Preciso tomar banho e me trocar. Quanto ao jogo, eu me rendo, consumido por desesperança. Kruppe, creio, nunca jogará, assim deixando-nos encurralados no mundo improvável de suas recordações e reminiscências, potencialmente para

sempre. Boa noite para todos.

Ele e Rallick trocaram um olhar, e Murillio assentiu vagamente.

Crokus testemunhou a interação, e sua careta se aprofundou. Observou Murillio partir e então olhou para Rallick. O assassino se sentou, fitando Coll com a expressão indecifrável de sempre.

Sulty seguiu para a cozinha e pouco depois o tinido de panelas ecoou na sala.

Crokus jogou suas cartas no centro da mesa e se recostou, fechando os olhos.

– O rapazola se rende também? – perguntou Kruppe.

Crokus assentiu.

– Rá, Kruppe continua invicto.

Ele baixou as cartas e enfiou a ponta de um guardanapo em seu pescoço grosso e pulsante.

Na mente do ladrão, suspeitas de conspiração corriam selvagens. Primeiro a guerra de assassinos, agora Rallick e Murillio tramando algo. Suspirou mentalmente e abriu os olhos. Todo o corpo doía por causa das aventuras noturnas, mas sabia que tivera sorte. Encarou Coll sem vê-lo. A visão daqueles assassinos altos e escuros lhe voltou, fazendo-o estremecer. Ainda assim, apesar de todos os perigos que o perseguiram nos telhados na noite anterior, tinha que admitir o quanto fora empolgante. Após bater aquela porta e beber a cerveja que Sulty pusera em sua mão, todo o seu corpo tremera durante uma hora.

Seu olhar se focou em Coll. Coll, Kruppe, Murillio e Rallick. Que grupo estranho: um beberrão, um mago obeso de habilidades duvidosas, um dândi afetado e um assassino.

Mesmo assim, eram seus melhores amigos. Seus pais haviam sucumbido à Praga Alada quando tinha 4 anos. Desde então, seu tio Mammot o criara. O velho estudioso fizera o melhor que podia, mas não tinha sido o suficiente. Crokus achava as sombras da rua e as noites sem lua nos telhados muito mais empolgantes que os livros mofados do tio.

Entretanto, sentia-se muito sozinho. A máscara de idiotice bem-aventurada de Kruppe nunca caía, nem mesmo por um instante, e, durante todos aqueles anos em que Crokus fora aprendiz do homem gordo na arte do roubo, nunca vira Kruppe agir de outro modo. A vida de Coll parecia se resumir apenas a evitar implacavelmente a sobriedade, por razões desconhecidas de Crokus, embora ele

suspeitasse que, uma vez, Coll já tivesse sido algo mais que isso. E, agora, Rallick e Murillio o haviam deixado de fora de alguma nova conspiração.

Em seus pensamentos surgiu uma imagem – o corpo de uma donzela adormecida, iluminado pela lua – e ele sacudiu a cabeça com raiva.

Sulty chegara com o café da manhã: cascas de pão frito na manteiga, um pedaço de queijo de cabra, um cacho de uvas e uma jarra do café amargo de Callows. Ela serviu Crokus primeiro, e ele murmurou em agradecimento.

A impaciência de Kruppe cresceu enquanto Sulty servia Rallick.

– Tanta impertinência – disse o homem, ajeitando os punhos largos e manchados de seu casaco. – Kruppe está pensando em lançar mil feitiços horríveis na rude Sulty.

– É melhor que Kruppe não faça isso – disse Rallick.

– Ah, não, claro que não – retificou Kruppe, limpando a testa com um lenço. – Um mago com minhas habilidades nunca se rebaixaria com uma mera ajudante de cozinha, afinal.

Sulty se virou para ele.

– Ajudante de cozinha? – Sulty pegou uma casca de pão do prato e a jogou na cabeça de Kruppe. – Não se preocupe – disse ela, voltando ao bar. – Com um cabelo como o seu, ninguém vai notar.

Kruppe tirou a casca da cabeça. Estava prestes a jogá-la no chão, mas mudou de ideia. Lambeu os lábios.

– Kruppe está magnânimo esta manhã – comentou, abrindo um sorriso largo e pondo o pão em seu prato. Inclinou-se para a frente e uniu os dedos rechonchudos. – Kruppe deseja começar sua refeição com algumas uvas, por favor.

CAPÍTULO 7

Vejo um homem
agachado em uma fogueira;
ele me faz sentir frio
e me pergunta por que
está aqui tão destemido
agachado em minha pira...

Epitáfio gadrobi, Anônimo

Daquela vez, o sonho de Kruppe o levou para fora do Portão do Pântano, pela estrada do Sul, depois à esquerda, para a estrada do Lago do Cortador. No céu acima, um padrão muito desagradável de prata e verde-claro rodopiava.

– Tudo está em fluxo – soltou Kruppe, ofegante, os pés o apressando pela estrada empoeirada e árida. – A moeda está com um garoto, embora ele não saiba. Kruppe deve caminhar nessa Travessia dos Macacos? Sorte que o corpo redondo de Kruppe é um exemplo de perfeita simetria. Não apenas se nasce qualificado com esse equilíbrio, deve-se aprendê-lo com prática árdua. Claro, Kruppe é único em nunca precisar de prática... para nada.

Nos campos à sua esquerda, dentro de um círculo de árvores jovens, uma pequena fogueira lançava um brilho vermelho enevoado para cima, na direção dos galhos em formação. Os olhos aguçados de Kruppe conseguiram discernir uma única pessoa sentada ali, parecendo manter as mãos nas chamas.

– Pedras demais sob os pés nesta estrada pedregosa e sulcada – disse, entre arquejos. – Kruppe tentaria a terra irregular, que ainda deve ficar verde com o avanço da estação. Na verdade, o fogo dali convida.

Deixou a estrada e se aproximou do círculo de árvores.

Quando passava por entre dois troncos esguios e adentrava a poça de luz, a

figura encapuzada se virou devagar para observá-lo, com o rosto escondido nas sombras, apesar do fogo à sua frente. Embora mantivesse as mãos nas chamas, elas resistiam ao calor; os dedos longos e sinuosos estavam bem afastados.

– Eu gostaria de compartilhar do calor – comentou Kruppe, com uma leve reverência. – É tão raro nos sonhos de Kruppe, ultimamente.

– Estrangeiros vagam por eles – disse a pessoa, com uma voz fina que tinha um sotaque esquisito. – Como eu. Você me invocou, então? Faz tempo desde que caminhei sobre o solo.

As sobrancelhas de Kruppe se ergueram.

– Invocar? Não, não Kruppe, que também é vítima de seus sonhos. Imagine, afinal, que Kruppe está dormindo bem agora embaixo de cobertores quentes, seguro em seu quarto humilde. E veja-me agora, estranho, pois estou com frio; não, congelado.

O outro riu levemente e acenou para Kruppe se aproximar da fogueira.

– Eu procuro sentir outra vez, mas minhas mãos não sentem nada. Ser venerado é partilhar a dor do suplicante. Temo não ter mais seguidores.

Kruppe ficou em silêncio. Não gostou do clima sombrio daquele sonho. Manteve as mãos diante do fogo, mas quase não sentiu o calor. Uma dor causada pelo frio se instalara em seus joelhos. Finalmente, olhou para a figura encapuzada diante dele por sobre as chamas.

– Kruppe acha que você é um deus ancestral. Você tem nome?

– Sou conhecido como K’rul.

Kruppe enrijeceu. Seu palpite estava certo. A ideia de um deus ancestral acordado e vagando por seus sonhos fez seus pensamentos fugirem como coelhos assustados.

– Como você chegou aqui, K’rul? – perguntou Kruppe, com um tremor na voz.

De súbito, o lugar pareceu quente demais. Ele tirou o lenço da manga e enxugou o suor da testa. K’rul ponderou antes de responder, e Kruppe ouviu um tom de dúvida em sua voz:

– Sangue foi derramado dentro dos muros desta cidade reluzente, Kruppe, sobre pedra que já foi sagrada em meu nome. Isso... isso é novo para mim. Já reinei nas mentes de muitos mortais, e eles me alimentavam bem com sangue e

ossos partidos. Muito antes de as primeiras torres de pedra se erguerem por caprichos mortais, eu caminhei entre caçadores.

O capuz escorregou para trás, e Kruppe sentiu olhos imortais fixos nele.

– Sangue foi derramado novamente, mas só isso não é o bastante. Acho que estou aqui para esperar quem será despertado. Alguém que já conheci antes, há muito tempo.

Kruppe digeriu aquilo como bile azeda.

– E o que você traz para Kruppe?

O deus ancestral se levantou abruptamente.

– Um fogo antigo, que lhe fornecerá calor em momentos de necessidade – respondeu. – Mas não o prendo a nada. Procure os t'lan imass. Eles guiarão a mulher. Eles são os Acordadores. Devo me preparar para a batalha, acho. Uma que irei perder.

Os olhos de Kruppe se arregalaram com a súbita compreensão.

– Você está sendo usado – murmurou.

– Talvez. Se for isso, então os Deuses Crianças cometeram um erro grave. Afinal – um sorriso macabro pareceu tomar suas feições –, eu perderei uma batalha. Mas não morrerei. – K'rul se afastou da fogueira. Sua voz flutuou de volta para Kruppe. – Continue jogando, mortal. Todo deus cai pelas mãos de um mortal. Esse é o único fim para a imortalidade.

A melancolia do deus ancestral não deixou de ser percebida por Kruppe. Ele suspeitou que uma grande verdade lhe fora revelada com aquelas últimas palavras, uma verdade que agora tinha licença para usar.

– E usá-la Kruppe vai – sussurrou o mago.

O deus ancestral deixou a poça de luz, tomando a direção nordeste pelos campos. Kruppe fitou o fogo, que lambia a madeira, faminto, mas sem que nenhuma cinza nascesse, e embora a fogueira não houvesse sido alimentada desde que o mago chegara, as chamas não diminuíam. Kruppe estremeceu.

– Nas mãos de uma criança – murmurou ele. – Esta noite, Kruppe está verdadeiramente sozinho no mundo. Sozinho.

Uma hora antes da aurora, o Rompedor de Círculos foi dispensado de sua vigia

na Barbacã do Déspota. Naquela noite, ninguém viera se encontrar sob o portão. Trovões apareciam entre os picos recortados das montanhas Tahlyn ao norte enquanto o homem caminhava solitário pela sinuosa rua dos Encantos de Anis, no Bairro das Especiarias. Adiante e abaixo, brilhava o Antelago, e os navios mercantes das distantes Callows, Elingarth e Rancor de Kepler se empurravam, escuros no anoitecer, entre os atracadouros de pedra iluminados a gás.

Uma brisa fresca vinda do lago levou até o homem o cheiro de chuva, embora no céu as estrelas brilhassem com claridade espantosa. Ele removera seu tabardo, dobrando-o em uma pequena mochila de couro que pendia de um ombro. Apenas a simples espada curta presa ao quadril o identificava como um soldado, embora sem procedência.

Ele se despojara de seus deveres oficiais e, enquanto caminhava até a água, os anos de serviço pareciam se descascar de seu espírito. Vivas eram as lembranças de sua infância naquelas docas, para onde sempre fora atraído pela tentação dos estranhos comerciantes que entravam cambaleando em seus ancoradouros como heróis exaustos e curtidos voltando de alguma guerra essencial. Naqueles dias, não era incomum ver as galés dos Corsários Livres chegarem suavemente à baía, lentas sob o peso das pilhagens. Elas vinham de portos tão misteriosos quanto Filman Orras, Fortaleza pela Metade, História e Exílio de um Morto, nomes que soavam como aventura aos ouvidos de um rapazola que nunca vira sua cidade natal de fora dos muros.

O homem diminuiu o passo ao alcançar o início do ancoradouro de pedra. Os anos entre ele e aquele rapazola marcharam por sua mente, uma procissão de imagens marciais que ficavam cada vez mais horríveis. Se procurasse as muitas encruzilhadas que encontrara no passado, veria os céus alterados pela tempestade, as terras irregulares e corroídas pelo vento. As forças da idade e da experiência trabalhavam nelas agora, e as escolhas que tinha feito na época pareciam predestinadas e quase desesperadas.

São apenas os jovens que conhecem o desespero?, ele se perguntou ao se sentar no paredão de pedra do ancoradouro. Diante dele, as águas sujas da baía ondulavam. Seis metros abaixo, a margem coberta de rochas jazia escondida na escuridão, e o brilho de vidro e louça quebrados aqui e ali piscavam como estrelas.

O homem se virou um pouco para a direita. Seu olhar passeou pela encosta, subindo até o topo, de onde emergia a massa robusta do Salão da Majestade. *Nunca chegue longe demais*. Uma lição de vida simples que aprendera muito tempo antes, no convés em chamas de um navio corsário, cuja barriga se enchia com o mar enquanto ainda flutuava diante das fortificações elevadas de uma cidade chamada Mandíbula Quebrada. Arrogância: era como os estudiosos chamavam o fim flamejante dos Corsários Livres.

Nunca chegar longe demais. Os olhos do homem continuaram no Salão da Majestade. O impasse que viera com o assassinato do conselheiro Lim ainda permanecia dentro daquelas paredes. O Conselho corria atrapalhado em círculos, com mais horas preciosas gastas em especulações ansiosas e fofocas do que em assuntos de Estado. Turban Orr, com a vitória na sala de votações arrancada de suas mãos no último instante, mandava seus cães atrás de cada pista, procurando os espiões que, estava convencido, haviam se infiltrado em seu covil. O conselheiro não era tolo.

No céu, um bando de gaivotas cinzentas voava na direção do lago, berrando no ar gelado da noite. Ele inspirou, levantou os ombros e tirou os olhos do Salão da Majestade, com esforço.

Tarde demais para se preocupar em chegar longe demais. Desde o dia em que o agente da Enguia viera até ele, seu futuro estava selado; para alguns, aquilo seria chamado de traição. E no fim das contas talvez *fosse* traição. Quem poderia dizer o que se passava na mente da Enguia? Até mesmo seu agente principal, o contato do homem, demonstrava ignorância acerca dos planos de seu mestre.

Seus pensamentos se voltaram para Turban Orr. Ele tinha se colocado contra um homem astucioso, um homem de poder. Sua única defesa contra Orr era o anonimato. Isso não duraria.

Estava sentado no ancoradouro esperando o agente da Enguia. E iria entregar nas mãos daquele homem uma mensagem para a Enguia. Quanta coisa iria mudar com a entrega daquela missiva? Era errado buscar ajuda, ameaçar seu frágil anonimato, a solidão que lhe dera tanta força interior, que enrijecera sua determinação? Contudo, competir com Turban Orr... Não achava que conseguiria fazer isso sozinho.

O homem enfiou a mão no casaco e tirou um pergaminho. Estava numa encruzilhada, reconhecia isso. Em resposta a seu medo desmedido, escrevera o pedido de ajuda naquele pergaminho.

Seria algo fácil de se fazer, render-se agora. Sopesou o rolo frágil em suas mãos, sentindo a leveza, a vaga oleosidade do revestimento, a tessitura áspera de seu trançado. Algo fácil e desesperado de se fazer.

Ergueu a cabeça. O céu começara a empalidecer, o vento do lago seguia de acordo com o momento do dia. Haveria chuva, vinda do norte como frequentemente acontecia naquela época do ano. Uma limpeza da cidade, um refrescar de seu hálito carregado de especiarias. Tirou a fita do rolo e desenrolou o pergaminho. *Tão fácil*.

Com movimentos lentos e deliberados, o homem rasgou o pergaminho. Deixou os pedaços picados caírem, espalhando-se na melancolia da margem sombreada do lago. As ondas os tragaram e levaram para longe, como cinzas ao vento.

Julgou ter ouvido o som de uma moeda girando vindo de algum lugar no fundo de sua mente. Parecia um som triste.

Alguns minutos depois, deixou o ancoradouro. O agente da Enguia, em sua caminhada matinal, notaria ao passar a ausência de seu contato e simplesmente continuaria seu caminho.

Seguiu pela rua Antelago, com o cume da colina da Majestade diminuindo atrás dele. Enquanto passava, os primeiros mercadores de seda apareciam, estendendo suas mercadorias no largo passeio público pavimentado. Entre as sedas, o homem reconheceu as peças e os rolos de tecido tingidos de lilás de Illem, os amarelos pálidos de Setta e Lest – duas cidades a sudeste que sabia terem sido anexadas pelo Vidente de Pannion no mês anterior – e os pesados rolos escuros de Sarrokalle. Uma amostragem que diminuía: todo o comércio vindo do norte acabara sob o domínio malazano.

Deu as costas para o lago na entrada do Bosque Perfumado e adentrou a cidade. Quatro ruas adiante, seu único cômodo o esperava no segundo andar de um cortiço decadente, cinzento e silencioso com a chegada da aurora, com sua porta fina e torta aferrolhada e trancada. Naquele quarto, não permitia lembranças; nada para diferenciá-lo aos olhos de um mago ou contar detalhes de

sua vida a um caçador-espião perceptivo. Naquele quarto, mantinha-se anônimo até para si mesmo.

Lady Simtal andava de um lado para outro. Nos últimos dias, muito de seu ouro conquistado a duras penas fora gasto para acalmar as águas. A esposa de Lim, aquela maldita vaca, não deixara a mágoa entrar no caminho de sua cobiça. Mal passara dois dias de luto e já tinha ido para a corte segurando o braço daquele dândi chamado Murillio, presunçosa como uma vadia em um baile.

As sobrancelhas desenhadas a lápis de Simtal se uniram um pouco. Murillio: aquele jovem sabia ser visto. Ele poderia valer o trabalho, considerando todas as coisas.

Ela parou e encarou o homem estirado em sua cama.

– Então, você não descobriu nada.

Um vestígio de desprezo se insinuara em seu tom de voz, e ela se perguntou se ele notara.

O conselheiro Turban Orr, com seu antebraço cheio de cicatrizes cobrindo os olhos, não se mexeu ao responder:

– Eu já lhe contei tudo isso. Não há como saber de onde veio aquela seta envenenada, Simtal. Inferno, envenenada! Que assassino usa veneno hoje em dia? Vorcan as enche tanto de magia que tudo o mais se tornou obsoleto.

– Você está divagando – disse ela, satisfeita pelo fato de ele não ter reparado na revelação descuidada de seus sentimentos.

– É como eu disse – continuou Orr. – Lim foi envolvido em mais de uma... hum... aventura delicada. O assassinato provavelmente não tem relação com você. Poderia ter sido a varanda de qualquer um, só aconteceu de ser a sua.

Lady Simtal cruzou os braços.

– Não acredito em coincidências, Turban. Diga-me: foi coincidência que a morte dele, na noite anterior à votação, tenha acabado com a sua maioria? – Ela viu as faces do homem se repuxarem e soube que o atingira. Sorriu e foi para a cama. Sentou-se e passou a mão na coxa nua dele. – Em todo caso, você o monitorou ultimamente?

– Quem?

Simtal fez uma careta, retirando a mão e se levantando.

– Meu amado sem posses, seu idiota.

A boca de Turban Orr se curvou em um sorriso presunçoso.

– Sempre o monitoro para você, minha querida. Nada mudou em relação a esse assunto. Ele não ficou sóbrio desde que você o chutou.

O homem se sentou e alcançou o suporte da cama onde suas roupas estavam penduradas. Começou a se vestir.

Simtal se virou para ele.

– O que você está fazendo? – exigiu saber, com voz estridente.

– O que parece? – Turban vestiu a roupa de baixo. – A disputa reina no Salão da Majestade. Minha influência é imprescindível.

– Para fazer o quê? Curvar mais um conselheiro à sua vontade?

Ele colocou a camisa de seda, ainda sorrindo.

– Isso e outras coisas.

Simtal revirou os olhos.

– Ah, é claro. O espião. Eu havia me esquecido dele.

– Pessoalmente – prosseguiu Orr –, acredito que a proclamação de neutralidade aos malazanos vai passar. Talvez amanhã ou depois.

Ela riu com aspereza.

– Neutralidade! Você está começando a acreditar na própria propaganda. O que você quer, Turban Orr, é poder, o poder cru e absoluto que viria se você se tornasse um Alto Punho malazano. Você acha que esse é o primeiro passo para pavimentar sua estrada rumo aos braços da imperatriz. À custa da cidade, mas você não dá a mínima para isso!

Turban sorriu com desdém para Simtal.

– Fique fora da política, mulher. A queda de Darujhistan diante do Império é inevitável. Melhor uma ocupação pacífica do que uma violenta.

– Pacífica? Você ignora o que aconteceu com a nobreza de Pale? Ah, os corvos se alimentaram de carne delicada por dias. Esse Império devora sangue nobre.

– O que aconteceu em Pale não é tão simples como você faz parecer – disse Turban. – Havia um ajuste de contas moranthiano envolvido, uma cláusula no tratado da aliança. Tal matança não ocorrerá aqui... E, se ocorrer? Podemos usá-

la, até onde me diz respeito. – O sorriso dele voltou. – Já chega desse seu coração sangrando pelas mágoas da cidade. Tudo o que lhe interessa é você mesma. Guarde a aparência de cidadã virtuosa para seus bajuladores, Simtal.

Ele ajeitou as calças.

Simtal se aproximou do balaústre da cama, estendendo a mão para tocar o cabo de prata da espada de duelo de Orr.

– Você deveria matá-lo e acabar com isso – sugeriu ela.

– Voltamos a ele outra vez? – O conselheiro riu ao se levantar. – Seu cérebro trabalha com toda a sutileza de uma criança maliciosa. – Ele pegou a espada e prendeu-a. – É uma surpresa que tenha tirado alguma coisa daquele seu marido idiota, já que vocês eram tão próximos em questão de astúcia.

– A coisa mais fácil de quebrar é o coração de um homem – disse Simtal, com um sorriso tenso. Deitou-se na cama e, esticando os braços e arqueando as costas, continuou: – E quanto à Cria da Lua? Ela continua suspensa lá.

Com os olhos passeando por seu corpo, o conselheiro respondeu, distraído:

– Ainda temos que descobrir um modo de fazermos uma mensagem chegar até a Lua. Armamos uma tenda sob sua sombra e instalamos representantes lá, mas aquele senhor misterioso simplesmente nos ignora.

– Talvez ele esteja morto – comentou Simtal, relaxando com um suspiro. – Talvez a Lua esteja apenas parada ali porque não há ninguém vivo dentro dela. Já pensou nisso, querido conselheiro?

Turban Orr se voltou para a porta.

– Já pensamos nisso. Eu a verei hoje à noite?

– Eu o quero morto – disse Simtal.

O conselheiro estendeu a mão para o ferrolho da porta.

– Talvez. Eu a verei hoje à noite? – perguntou novamente.

– Talvez.

A mão de Turban Orr pousou no ferrolho. Ele abriu a porta e deixou o quarto.

Deitada em sua cama, lady Simtal suspirou. Seus pensamentos foram para certo dândi, cuja perda para certa viúva seria um golpe dos mais deliciosos.

Murillio bebericava vinho com especiarias.

– Os detalhes são superficiais – falou, torcendo o nariz quando o álcool ardente tocou seus lábios.

Na rua abaixo, uma carruagem magistralmente pintada passou tilintando, puxada por três cavalos brancos presos a rédeas de couro negro. O homem que as segurava usava preto e estava encapuzado. Os cavalos mexiam as cabeças, com as orelhas para trás, revirando os olhos, mas as mãos grandes e cheias de veias do condutor os mantinham sob controle. De cada lado da carruagem, ia uma mulher de meia-idade. Taças de bronze estavam apoiadas em suas cabeças raspadas, de onde se desenrolavam vapores ondulantes de fumaça perfumada.

Murillio se encostou na balaustrada e olhou para o grupo abaixo.

– Aquela vadia da Fander está sendo carregada. Rituais muito macabros, se quer saber minha opinião. – Ele se sentou de volta na cadeira felpuda e sorriu para sua acompanhante, erguendo o cálice. – A Deusa Loba do Inverno tem sua morte sazonal em nada menos que um tapete branco. E, em uma semana, o Festival de Gedderone encherá as ruas de flores, que logo irão obstruir os esgotos e bloquear os ralos pela cidade.

A jovem à sua frente sorriu com os olhos voltados para seu cálice de vinho, que segurava com as duas mãos, como uma oferenda.

– A que detalhes você se refere? – perguntou, lançando-lhe um breve olhar.

– Detalhes?

Ela deu um leve sorriso.

– Os superficiais.

– Ah. – Murillio meneou a mão enluvada, desdenhoso. – Segundo lady Simtal, o conselheiro Lim foi pessoalmente agradecer ao convite formal que ela fez.

– Convite? Você quer dizer para a festa que ela vai dar na Véspera de Gedderone?

Murillio piscou.

– Claro. Com certeza sua Casa foi convidada, não?

– Ah, sim. E você?

– Infelizmente, não – disse Murillio, sorrindo.

A mulher ficou em silêncio, com as pálpebras abaixadas, em reflexão.

Murillio voltou a olhar para a rua abaixo. Esperou. Tais coisas, afinal, moviam-se por conta própria, e nem mesmo ele conseguia adivinhar o ritmo ou o sentido dos pensamentos de uma mulher, especialmente quando tinham a ver com sexo. E aquilo era quase certamente um jogo de favores; o jogo que Murillio conhecia muito bem, e que sempre jogava por completo. Nunca desapontá-las, aquela era a chave. O segredo mais bem guardado é o que nunca azeda com a idade.

Poucas das outras mesas na varanda estavam ocupadas; os clientes nobres do estabelecimento preferiam os ares perfumados da sala de jantar na parte de dentro. Murillio achava reconfortante a vida tumultuada das ruas e sabia que sua convidada também, pelo menos naquela ocasião. Com todo o barulho que vinha de baixo, as chances de serem ouvidos eram mínimas.

Enquanto seu olhar vagava sem rumo pela rua das Joias de Morul, ele enrijeceu um pouco, os olhos se arregalando ao focarem uma pessoa parada em uma porta à sua frente. Remexeu-se na cadeira, deixando a mão esquerda cair para fora da balaustrada de pedra, fora da vista da mulher. Então a sacudiu repetidamente, olhando feio para a pessoa.

O sorriso de Rallick Nom aumentou. Ele passou pela porta e subiu a rua, parando para inspecionar um conjunto de pérolas em uma mesa de ébano diante de uma loja. O proprietário deu um passo receoso para a frente, mas relaxou quando Rallick seguiu adiante.

Murillio suspirou, recostando-se e tomando um gole de vinho. *Idiota*. O rosto do homem, suas mãos, seu modo de andar, seus olhos, tudo dizia apenas uma coisa: *assassino*. Inferno, até suas roupas tinham todo o calor e a vitalidade do uniforme de um executor.

Quando o assunto era sutileza, Rallick Nom era dolorosamente incapaz, o que tornava tudo bastante esquisito; era estranho que um esquema tão complexo houvesse nascido do cérebro simplista do assassino. Ainda assim, qualquer que fosse a origem da ideia, era genial.

– Você quer mesmo ir, Murillio? – perguntou a mulher.

Ele deu seu sorriso mais caloroso, desviando o olhar.

– É uma propriedade grande, não é?

– A de lady Simtal? Sim, cheia de quartos. – A mulher afundou um dedinho

no líquido cortante e ardente, ergueu-o até os lábios, colocou-o na boca como se o avaliasse e continuou inspecionando o cálice na outra mão. – Imagino que vários dos alojamentos dos servos, embora insuficientes quanto às necessidades mais simples do luxo, ficarão vazios a maior parte da noite.

Murillio não precisava de convite mais claro. O plano de Rallick, assim como suas consequências, centrava-se naquele exato momento. Ainda assim, o adultério trazia uma desvantagem. Murillio não tinha intenção de encontrar o marido daquela mulher em um duelo. Afastou esses pensamentos perturbadores com outra golada de vinho.

– Eu adoraria ir à celebração da lady, mas com uma condição... – disse ele, e então olhou para cima, dentro dos olhos da mulher –... que você me presenteie com sua companhia na noite em questão... por uma hora ou duas.

Ela franziu a testa, demonstrando preocupação.

– Eu não desejaria usurpar os direitos de seu marido sobre você, é claro.

Era exatamente o que faria, e ambos sabiam disso.

– Claro – retrucou a mulher, de repente recatada. – Isso seria indecoroso. De quantos convites você precisa?

– Dois – respondeu ele. – É melhor que eu seja visto com um acompanhante.

– Sim, é melhor.

Murillio baixou o olhar para seu cálice recém-esvaziado com uma expressão pesarosa. Suspirou.

– Infelizmente, devo ir.

– Admiro seu autocontrole – disse a mulher.

Você não vai admirá-lo na Véspera de Gedderone, pensou Murillio, levantando-se de sua cadeira.

– A Senhora do Acaso já me agraciou com este nosso encontro – afirmou ele, curvando-se. – Até a véspera, lady Orr.

– Até lá – respondeu a esposa do conselheiro, parecendo já ter perdido o interesse nele. – Adeus.

Murillio fez outra reverência e deixou a varanda. Entre as mesas lotadas, os olhos semicerrados de mais de uma nobre acompanharam sua partida.

A rua das Joias de Morul terminava no Portão da Foice. Rallick sentiu os olhos arregalados dos dois guardas ao lado da rampa seguindo-o enquanto atravessava a passagem entre as pedras maciças do muro da Terceira Camada. Ocelot lhe dissera para deixar claro o que ele era e, enquanto Murillio acreditava que apenas um cego poderia confundi-lo com qualquer coisa que não um assassino, Rallick se esforçava para mostrar o óbvio.

Os guardas não fizeram nada, é claro, uma vez que parecer um assassino não é a mesma coisa que ser um de fato. As leis da cidade eram rigorosas sobre tais assuntos. Sabia que poderia ser seguido enquanto descia as ruas opulentas das Propriedades Superiores, mas permitiria que o seguissem, sem fazer esforço para despistá-los. Os nobres de Darujhistan pagavam um bom dinheiro para soltar espiões nas ruas dia após dia. Poderia muito bem fazê-los ganharem seu pão.

Rallick não tinha simpatia por eles; entretanto, não partilhava do ódio da plebe pela nobreza. A vaidade constante, as honras manchadas e as querelas intermináveis geravam bons negócios, afinal.

Quando o Império Malazano chegasse, aquilo terminaria, suspeitava. No Império, sociedades de assassinos eram ilegais, e aqueles considerados dignos, que faziam parte do negócio, eram alistados nos postos secretos da Garra. Quanto àqueles que não eram considerados dignos, simplesmente desapareciam. Os nobres não tinham destino muito melhor, se os rumores vindos de Pale fossem de alguma forma verdadeiros. Seria um mundo diferente quando o Império chegasse, e Rallick não estava certo se queria fazer parte dele.

Ainda assim, havia coisas a obter. Ele se perguntou se Murillio tivera sucesso em conseguir os convites. Tudo dependia disso. Houvera uma discussão prolongada a respeito na noite anterior. Murillio preferia viúvas. Adultério nunca fora seu estilo. Mas Rallick insistira e, por fim, Murillio cedera.

O assassino ainda admirava a relutância do amigo. Seu primeiro pensamento fora que Murillio temia a possibilidade de um duelo com Turban Orr. Murillio, porém, não era mau com um florete. Rallick praticara com ele em locais isolados vezes suficientes para suspeitar que fosse um Adepto, e isso nem Turban Orr podia alegar.

Não, não era medo que fizera Murillio ter vergonha daquela parte do plano. Rallick percebeu que havia uma questão moral em jogo. Um lado inteiramente

novo de Murillio que se revelara a Rallick.

Ele estava analisando as implicações disso quando seu olhar encontrou um rosto familiar na multidão. Parou e fitou os prédios ao redor, e seus olhos se arregalaram ao perceber aonde o passeio o havia levado. Sua atenção voou de volta para a figura familiar aparecendo de tempos em tempos do outro lado da rua. Os olhos do assassino se estreitaram, pensativos.

Sob o matiz azul e prateado da manhã, Crokus caminhava pela rua Antelago, cercado de uma confusão de mercadores e clientes. Uma dúzia de ruas adiante, as colinas da cidade se erguiam para além do muro da Terceira Camada. Na que ficava mais a leste, havia o campanário de K'rul, com suas escamas de bronze manchadas de verde brilhando à luz do sol.

Em sua mente, a torre desafiava o porte vibrante do Salão da Majestade, observando de cima as propriedades e construções situadas nas colinas mais baixas com olhos remelentos e rosto cheio de cicatrizes do tempo; um olhar fatigado, com brilho irônico.

Crokus compartilhava um pouco da reserva sardônica que atribuía à torre em relação à dissimulação predominante no Salão da Majestade, um sentimento do tio que fluíra para o garoto ao longo dos anos. Acrescentando lenha àquela fogueira, havia uma dose saudável de ressentimento juvenil contra qualquer coisa que evocasse autoridade. Embora não pensasse muito a respeito, tudo isso fornecia os impulsos primários de suas atividades de ladrão. Mesmo assim, nunca entendera antes o insulto mais sutil e ofensivo que seus roubos significavam: a invasão e a violação de privacidade. De novo e de novo, em seus passeios sonhadores tanto de dia quanto de noite, a visão da jovem mulher dormindo em sua cama retornava.

Crokus acabou compreendendo que aquela visão tinha tudo a ver com... *tudo*. Entrara no quarto dela, um lugar onde as crianças nobres babando a seus pés não podiam entrar, um lugar onde ela poderia conversar com as bonecas esfarrapadas de sua infância, quando a inocência não significava apenas uma flor ainda não colhida. Seu santuário. E ele o violara, roubara daquela jovem o que ela possuía de mais precioso: a privacidade.

Não importava que fosse a filha dos D’Arles, que tivesse nascido com sangue puro – não contaminado pelo toque da Senhora dos Mendigos –, que fosse passar pela vida protegida e resguardada das degradações do mundo real. Nada disso importava. Para Crokus, seu crime contra ela era equivalente a um estupro. Ter despedaçado seu mundo tão audaciosamente...

Com seus pensamentos tomados por uma tempestade de autorrecriminação, o jovem virou na rua dos Encantos de Anis, abrindo caminho em meio à multidão.

Em sua mente, os muros outrora robustos de violação justa estavam desmoronando. A nobreza odiosa lhe mostrara uma face que o perseguia com sua beleza e o empurrava em direções inesperadas. Os aromas doces das lojas de temperos, flutuando como perfumes em uma brisa morna, haviam inexplicavelmente alojado uma emoção sem nome em sua garganta. Os gritos das crianças de Daru brincando nos becos inundavam seus ouvidos com sussurros sentimentais.

Crokus passou pelo Portão do Cravo e entrou no Estreito de Osserc. Logo adiante, subiu a rampa que levava às Propriedades Superiores. Ao se aproximar, teve que se mover rápido para o lado a fim de evitar que uma imensa carruagem o atropelasse. Não precisava ver o brasão adornando o painel lateral da carruagem para reconhecer sua Casa. Os cavalos bufavam e chutavam, se lançando para a frente, despreocupados com qualquer coisa que estivesse em seu caminho. Crokus parou para observar a carruagem subir a rampa com estardalhaço; pessoas corriam para os lados. Pelo que ouvira a respeito do conselheiro Turban Orr, parecia que os cavalos duelistas combinavam com seu desdém por aqueles a quem ele supostamente servia.

Quando Crokus alcançou a propriedade Orr, a carruagem já passara pelo portão exterior. Quatro robustos guardas particulares haviam retomado suas posições nas laterais do portão. O muro às suas costas tinha quase 5 metros de altura, e em seu topo ferros pontiagudos enferrujados se apoiavam em argila cozida pelo sol. Tocheiros de pedra-pomes sobressaíam do muro a intervalos de 3 metros.

Crokus passou diante do portão, ignorando os guardas. Na base, o muro parecia ter mais de 1 metro de espessura, os tijolos de superfície áspera e irregular no padrão de 1 metro quadrado. Continuou pela rua e virou à direita

para verificar o muro que dava para a viela. Uma única porta de serviço, de carvalho sólido com faixas de bronze, estava situada no canto mais próximo do muro.

E nenhum guarda. As sombras da propriedade à sua frente estendiam uma capa pesada sobre o corredor estreito. Crokus entrou na escuridão úmida e bolorenta. Já tinha seguido por metade da extensão do beco quando uma mão cobriu sua boca, vinda de trás, e a ponta afiada de uma adaga pressionou seu flanco. Crokus congelou, então grunhiu quando outra mão virou seu rosto. Viu-se encarando olhos familiares.

Rallick Nom afastou a adaga e recuou, com uma careta severa desfigurando sua fisionomia. Crokus ficou embasbacado e umedeceu os lábios.

– Rallick, pelo coração de Beru, você me assustou!

– Ótimo – disse o assassino, e se aproximou. – Ouça com cuidado, Crokus. Você não vai tentar entrar na propriedade de Orr. Não se aproxime dela outra vez.

O ladrão deu de ombros.

– Foi só uma ideia, Nom.

– Esqueça essa ideia – pediu Rallick.

Crokus assentiu, estreitando os lábios em uma linha fina.

– Tudo bem.

Virou-se e se encaminhou para a faixa de luz do sol que marcava a rua seguinte. Sentiu os olhos de Rallick sobre ele até chegar ao Caminho do Traidor. Parou. À esquerda ficava a colina das Forcas, com seu declive florido imaculado, apresentando uma explosão de cores que cercavam os 53 Degraus Tortos. As cinco cordas acima da plataforma balançavam levemente na brisa; suas sombras eram faixas negras descendo a ladeira até os paralelepípedos da rua. Fazia tempo desde que o último grande criminoso fora enforcado, enquanto no distrito Gadrobi as cordas de Baixas Forcas eram substituídas semanalmente devido ao estiramento. Um contraste esquisito para assinalar aqueles tempos tensos.

Ele balançou a cabeça. Evitar o tumulto de perguntas era esforço demais. Nom o seguira? Não, uma probabilidade muito inferior à de o assassino ter marcado Orr ou alguém da propriedade como vítima. Um contrato ousado. Ele

se perguntou quem tinha estômago para oferecê-lo. Um colega nobre, sem dúvidas. Mas a coragem da oferta do contrato empalidecia quando comparada com a coragem de Rallick em aceitá-lo.

Em todo caso, o peso do aviso do assassino era o suficiente para arruinar a ideia de roubar a propriedade de Orr... pelo menos naquele momento. Crokus enfiou as mãos nos bolsos. Enquanto caminhava com seus pensamentos perdidos em um labirinto sem saída, franziu o cenho com a percepção de que uma de suas mãos, sondando fundo o bolso, fechara-se ao redor de uma moeda.

Pegou-a. Sim, era a moeda que encontrara na noite dos assassinatos. Lembrava-se de sua aparição inexplicável, tinindo a seus pés um instante antes de a seta do assassino passar zunindo. Sob a clara luz matinal, Crokus levou um tempo a examiná-la. O primeiro lado a ficar para cima diante dele mostrava o perfil de um homem jovem, com uma expressão divertida, usando um tipo de chapéu de aba larga. Uma inscrição minúscula com caracteres rúnicos corria na borda. Era uma língua que o ladrão não conhecia, muito diferente da escrita cursiva daru que lhe era familiar.

Crokus virou a moeda. Que estranho! Outra cara, mas essa tinha uma mulher encarando o lado oposto ao do homem. A escrita gravada ali era de um estilo diferente, um tipo de caligrafia fina inclinada para a esquerda. A mulher era jovem, com feições similares às do homem; sua expressão não tinha nada de divertimento e parecia, aos olhos do ladrão, fria e persistente.

O metal era antigo, listrado aqui e ali por cobre bruto e marcado ao redor dos rostos com estanho. A moeda era surpreendentemente pesada, embora ele houvesse concluído que seu valor residia apenas no fato de ser única. Ele já vira as moedas de Callows, Genabackis, Amat El e, uma vez, as barras sulcadas de Seguleh, mas nenhuma se parecia com aquela.

De onde caíra? Ficara presa em sua roupa em algum lugar ou ele a chutara enquanto cruzava o telhado? Ou estivera entre os tesouros da donzela D’Arle? Crokus deu de ombros. Em todo caso, sua chegada fora oportuna.

Àquela altura, sua caminhada o levara até o Portão Leste. Bem para fora dos muros da cidade, já na estrada chamada Inquietude de Jammit, onde se acocorava o punhado de construções caídas chamado Aldeia da Inquietude: o destino do ladrão. O portão ficava aberto durante as horas de luz do dia, e uma

linha vagarosa de carroças de hortaliças apinhava a passagem estreita. Entre elas, Crokus viu enquanto abria caminho por um lado, estavam as primeiras levas de refugiados de Pale; eram aqueles que tinham conseguido se esgueirar por entre as fileiras do cerco durante a batalha, atravessando a planície Rhivi ao sul e, então, as colinas Gadrobi para, finalmente, chegarem à Inquietude de Jammit. Esquadrinhando seus rostos, viu um desespero flamejante embotado pela exaustão: fitavam a cidade, olhos alertas às suas defesas escassas, percebendo que haviam ganhado apenas um pouco de tempo com sua fuga. Só que já estavam cansados demais para se importar.

Perturbado pelo que via, Crokus se apressou para atravessar o portão e se aproximou da maior estrutura da Aldeia da Inquietude, uma taberna de madeira. Sobre a porta havia uma placa em que fora pintado, décadas antes, um carneiro de três pernas. Para o ladrão, a pintura não tinha nada a ver com o nome da taberna, Lágrimas de Javali. Com a moeda ainda na mão, Crokus entrou.

Alguns rostos confusos se viraram rapidamente para olhá-lo, depois voltaram a suas taças. Em uma mesa, num canto escuro do outro lado, Crokus viu uma figura familiar, com as mãos erguidas acima da cabeça, gesticulando de forma impulsiva. Um sorriso repuxou os lábios do ladrão, e ele se adiantou.

– E então Kruppe alcançou a coroa e o cetro do rei na tampa do sarcófago com um movimento tão rápido que passou despercebido de todos. Sacerdotes demais nesta tumba, pensa Kruppe, então um a menos seria um alívio para todos caso o fôlego bolorento do rei morto encurte e assim desperte seu espectro. Muitas vezes antes desta, Kruppe já enfrentou a ira de um espectro em algum fosso profundo de D’rek, narrando sua lista de crimes durante a vida e lamentando sua necessidade de devorar a minha alma... Aha! Kruppe sempre foi evasivo demais para espíritos tão variados e sua conversa capenga... – Crokus pousou a mão no ombro úmido de Kruppe e o rosto brilhante e redondo se virou para observá-lo. – Ah! – exclamou Kruppe, balançando a mão na direção de seu único companheiro à mesa e explicando a seguir: – Um aprendiz do passado vem bajular Kruppe da maneira apropriada! Crokus, sente-se, por favor. Moça! Mais do seu melhor vinho, rápido!

Crokus fitou o homem sentado à frente de Kruppe.

– Parece que vocês dois estão ocupados.

Um brilho de esperança ardeu nos olhos do homem, e ele se levantou rápido.

– Ah, não! – exclamou ele. – Por favor, interrompa. – Seus olhos relancearam para Kruppe e de volta para Crokus. – Eu preciso ir, de qualquer forma, garanto! Bom dia para você, Kruppe! Até algum outro dia, então.

O homem inclinou a cabeça e partiu.

– Criatura precipitada – resmungou Kruppe, pegando a caneca de vinho que o homem deixara para trás. Franzindo o cenho para Crokus, acrescentou: – Ah, veja isto. Quase dois terços cheia. Um desperdício potencial! – Kruppe bebeu tudo de um gole só e suspirou. – Tal potencial evitado, Dessembrae seja louvado.

Crokus se sentou.

– Aquele homem era seu contato de negócios? – perguntou o ladrão.

– Céus, não. – Kruppe balançou a mão. – Um pobre refugiado de Pale, vagando perdido. Sorte dele que Kruppe, cujas ideias brilhantes o mandaram...

– Direto para fora – terminou Crokus, rindo.

Kruppe fez uma careta.

A mulher que servia chegou com uma jarra de argila cheia de vinho com cheiro azedo. Kruppe encheu as canecas.

– E agora, Kruppe se pergunta, o que este rapaz treinado com perícia busca de seu mestre de outrora em todas as artes nefastas? Ou você triunfou mais uma vez e traz pilhagem, procurando destino apropriado e coisas afins?

– Bem, sim... Quer dizer, não, não exatamente. – Crokus olhou ao redor e se inclinou para a frente, sussurrando: – É sobre a última vez. Eu sabia que você estaria por aqui para vender as coisas que eu lhe trouxe.

Kruppe também se inclinou para a frente para se juntar ao rapazola, seus rostos a centímetros de distância.

– A aquisição D’Arle? – sussurrou, arqueando as sobrancelhas.

– Exatamente! Você já vendeu?

Kruppe puxou um lenço de sua luva e secou a testa.

– Com toda essa história de guerra, as rotas dos negociantes foram desviadas. Então, para responder à sua pergunta, hum... não exatamente ainda, Kruppe admite...

– Ótimo!

Kruppe se sobressaltou com o grito do rapaz e fechou os olhos com força.

Quando os abriu outra vez, eram apenas pequenas fendas.

– Ah, Kruppe entende. O rapaz deseja as coisas de volta para que possa procurar uma recompensa mais alta em outro lugar?

Crokus piscou.

– Não, claro que não. Quer dizer, sim, eu quero de volta. Mas não planejo repassá-las. Ainda estou fazendo negócios com você em todo o resto. Só que essa é especial... – Enquanto falava, Crokus sentiu o rosto esquentar e ficou grato pela penumbra. – Um caso especial, Kruppe.

Um sorriso largo irrompeu no rosto redondo de Kruppe.

– Claro, com certeza, rapaz. Devo entregar os objetos para você esta noite? Excelente, considere o assunto encerrado. Por favor, diga, o que você tem aí?

Crokus o encarou, confuso, então olhou para baixo, para a mão.

– Ah, só uma moeda – explicou, mostrando-a a Kruppe. – Eu a peguei na mesma noite em que roubei os D'Arles. Duas caras, está vendo?

– É mesmo? Kruppe pode examinar esse objeto peculiar mais de perto?

Crokus permitiu e pegou a caneca de vinho, recostando-se.

– Estava pensando na propriedade Orr para a próxima – disse casualmente o ladrão, com olhos fixos em Kruppe.

– Hum... – Kruppe virou a moeda em sua mão de novo e de novo, então resmungou: – Molde da pior qualidade. Gravação torta, também. A propriedade de Orr, você disse? Kruppe aconselha cautela. A casa é bem protegida. O metalúrgico que fundiu isso deveria ter sido enforcado... Na verdade, provavelmente foi, Kruppe acha. Cobre negro, nada menos. Estanho barato, temperaturas baixas demais. Você me faz um favor, Crokus? Examine a rua daquela porta acolá. Se achar uma carroça vermelha e verde de um mercador indo para a aldeia, Kruppe ficaria muito agradecido com tal informação.

Crokus se levantou e atravessou a sala até a porta. Abrindo-a, deu um passo para fora e olhou ao redor. Sem enxergar nenhuma carroça, o jovem deu de ombros e voltou para dentro. Retornou à mesa.

– Nada de carroça de mercador.

– Ah, bem – disse Kruppe. Colocou a moeda na mesa. – Totalmente sem valor, julga o sábio Kruppe. Você pode jogá-la fora se quiser.

Crokus pegou a moeda e a guardou no bolso.

– Não, vou ficar com ela. Para dar sorte.

Kruppe encarou o rapaz, com os olhos brilhando, mas Crokus voltara a atenção para a caneca em suas mãos. O homem gordo desviou o olhar, suspirando.

– Kruppe precisa partir imediatamente, para o encontro desta noite ser propício para todos os envolvidos.

Crokus enxugou o vinho de seus lábios.

– Podemos voltar juntos.

– Excelente. – Kruppe se levantou, parando para limpar migalhas do peito. – Vamos indo, então? – Ergueu os olhos e viu Crokus franzindo o cenho para sua mão. – Algo afligiu o rapazola? – perguntou, rápido.

Crokus se sobressaltou. Desviou o olhar, culpado e ruborizado.

– Não – murmurou o rapaz. Olhou outra vez para a mão. – Devo ter me sujado com cera em algum lugar. – Esfregou a mão na perna e sorriu, sem graça. – Vamos.

– Será um bom dia para caminhar, anuncia Kruppe, que é sábio em todas as coisas.

O Círculo de Ouro Branco rodeava uma torre abandonada com uma panóplia de toldos vivamente tingidos. As lojas de ourives, cada uma com seus guardas do lado de fora, davam para a rua circular, sendo os corredores entre elas aberturas estreitas que levavam ao complexo arruinado da torre.

As muitas histórias de morte e loucura que cercavam a Torre do Insinuador e seus arredores a mantinham vazia e, o melhor de tudo nas mentes dos ourives, tornava improvável o acesso a suas lojas preciosas.

À medida que a tarde minguava rumo ao crepúsculo, as multidões do Círculo diminuíam e os guardas particulares ficavam mais desconfiados. Grades de ferro tiniam ao serem descidas sobre a frente das lojas aqui e ali e, nas poucas que continuavam abertas, tochas eram acesas.

Murillio entrou no Círculo vindo da estrada da Terceira Camada, parando de vez em quando para examinar as mercadorias de algum comerciante. Envolto em uma capa azul brilhante do descampado de Malle, Murillio sabia que uma

exibição ostensiva de riqueza ajudaria muito a afastar suspeitas.

Ele escolhera uma loja em particular, ladeada por duas outras apagadas. O ourives, de rosto fino e nariz de batata, estava apoiado no balcão como um vendedor ambulante, suas mãos curtidas diante dele com minúsculas cicatrizes que pareciam rastros de corvo na lama. Um dedo batia sem parar. Murillio se aproximou, encontrando os olhos de besouro do homem.

– Esta é a loja de Krute de Talient?

– Sou Krute – grunhiu o ourives com acidez, como se descontente com a sina de sua vida. – Pérolas de Talient, endurecidas em Ouro de Sangue das minas de Moap e região. Você não as encontra em nenhum outro lugar em toda Darujhistan.

Ele se inclinou para a frente e cuspiu em algum ponto atrás de Murillio, que involuntariamente deu um passo para o lado.

– Sem clientes hoje? – perguntou Murillio, puxando um lenço da manga e tocando os lábios com ele.

O olhar de Krute se estreitou.

– Apenas um – retorquiu o vendedor. – Examinou um conjunto de gemas de Goaliss, tão raras e sugadas da rocha implacavelmente como leite de dragão. Cem escravos perdidos para cada pedra retirada à força dos veios furiosos. – Os ombros de Krute estremeceram e seus olhos dispararam de um lado para outro. – Eu as mantenho lá atrás, temendo que a tentação salpique a rua de sangue e coisas assim.

– Prática segura – concordou Murillio. – Ele comprou alguma?

Krute sorriu, revelando tocos negros no lugar de dentes.

– Uma, mas não a melhor. Venha, vou lhe mostrar. – Dirigiu-se à porta lateral e a abriu. – Por aqui.

Murillio entrou na loja. Cortinas negras cobriam as paredes; o ar cheirava a mofo e suor velho. Krute o guiou para dentro da sala dos fundos, que era ainda mais fedorenta e sufocante que a primeira. O ourives baixou a cortina entre as duas salas e encarou Murillio.

– Ande logo! – pediu o vendedor. – Deixei à mostra no balcão da frente uma leva de ouro de tolo e pedras sem valor. Se algum cliente de olho afiado reparar nas peças, será o fim deste buraco. – Chutou a parede dos fundos e um painel

preso a dobradiças se abriu. – Engatinhe por aí, raios, e diga a Rallick que a Sociedade não está feliz com a generosidade dele em relação aos nossos segredos. Vá!

Murillio ficou de joelhos e engatinhou pelo acesso; o chão de terra estava úmido sob suas mãos e sujou seus joelhos. Gemeu de desgosto quando o painel abaixou atrás dele, e então se pôs em pé. Adiante se erguia a Torre do Insinuador, com suas paredes de pedra cobertas de mofo brilhando à luz minguante. Um caminho de paralelepípedos cheio de mato levava à entrada em forma de arco, sem porta e envolta em sombras. Da câmara lá dentro, Murillio só enxergava a escuridão.

As raízes dos carvalhos espinhosos e tortos que demarcavam a trilha haviam empurrado a maior parte dos paralelepípedos para fora da terra, tornando o caminho traiçoeiro. Após um minuto de cautela, Murillio alcançou a porta. Estreitou os olhos e tentou enxergar em meio à escuridão.

– Rallick? – sibilou. – Onde você está?

Uma voz falou atrás dele:

– Você está atrasado.

Murillio se virou, com um florete de duelo comprido e fino na mão esquerda saindo da bainha para a posição de guarda; uma adaga de defesa apareceu em sua mão direita enquanto ele se abaixava em posição defensiva. Só então relaxou.

– Caramba, Rallick!

O assassino grunhiu em tom divertido, fitando a ponta afiada do florete, que um momento antes estivera a centímetros de seu peito.

– É bom ver que seus reflexos não enfraqueceram, amigo. Todo aquele vinho e aqueles doces não parecem ter prejudicado você... demais.

Murillio embainhou as armas.

– Esperava encontrar você na torre.

Com os olhos se arregalando, Rallick disse:

– Você está louco? O lugar é assombrado.

– Quer dizer que não é só uma história que vocês, assassinos, inventaram para manter as pessoas afastadas?

Rallick se virou e se encaminhou para um terraço baixo, que algum dia dera

para o jardim. Bancos de pedras brancas se espalhavam sobre a relva fina e amarela, como os ossos manchados de alguma fera descomunal. Abaixo do terraço, ao se juntar ao assassino, Murillio viu uma lagoa lamacenta cheia de algas. Sapos coaxavam e mosquitos zumbiam no ar tépido.

– Em algumas noites, espectros enchem a entrada – disse Rallick, limpando folhas mortas de um dos bancos. – Você pode ir até eles, ouvir suas súplicas e ameaças. Todos eles querem sair.

Sentou-se. Murillio continuou em pé fitando a torre.

– E quanto ao Insinuador? O espectro dele anda entre os outros?

– Não. O maníaco dorme lá dentro, pelo menos é o que dizem. Os espectros estão presos nos pesadelos do feiticeiro, que se agarra a eles, e nem mesmo o Encapuzado consegue conduzi-los ao seu colo frio. Você quer saber de onde aqueles espectros vêm, Murillio? – Rallick sorriu. – Entre na torre e descobrirá pessoalmente.

Murillio estava prestes a entrar na torre quando Rallick o tinha surpreendido.

– Obrigado pelo aviso – disse ele, sarcástico, segurando sua capa para se sentar.

Rallick sacudiu a mão para espantar os mosquitos de perto de seu rosto.

– E então?

– Consegui – avisou Murillio. – A criada em quem lady Orr mais confia os entregou esta tarde. – Tirou da capa um canudo de bambu amarrado com uma fita azul. – Dois convites para o Festival de lady Simtal, como prometido.

– Ótimo. – O assassino olhou rapidamente para o amigo. – Você não viu o nariz de Kruppe se torcer?

– Ainda não. Esbarrei nele esta tarde. Parece que Crokus está fazendo pedidos bizarros. – Ele acrescentou, fazendo uma careta: – Claro, quem consegue saber quando Kruppe ouviu alguma coisa? Em todo caso, não vi nada que sugira que o pequeno gnomo traiçoeiro suspeita que estamos tramando algo.

– Você disse que Crokus está fazendo pedidos bizarros?

– Uma coisa peculiar – ponderou Murillio. – Quando passei na Taberna da Fênix hoje à tarde, Kruppe estava entregando para o rapaz os ganhos de seu último trabalho. Com certeza Crokus não abandonou Kruppe como seu intermediário... Teríamos ouvido a respeito.

– Ele roubou de uma propriedade, não é? De quem? – perguntou Rallick.

– Dos D'Arles – respondeu Murillio, e suas sobrancelhas se arquearam. – Pelo beijo de Gedderone! A donzela D'Arle! A fruta madura que tem aquelas nádegas... Ela tem sido exibida em toda maldita festa, e os rapazes vestidos com babados deixam um rastro para os garotos da limpeza. Ah, céus! Nosso jovem ladrão talvez esteja apaixonado, e agora vai ficar com as bugigangas dela. De todos os sonhos sem esperança que um rapaz poderia ter, ele escolheu o pior.

– Talvez sim – disse baixo Rallick. – Talvez não. Uma palavra para o tio dele...

A expressão sofrida de Murillio melhorou.

– Um empurrão na direção certa? Sim, finalmente! Mammot ficará satisfeito...

– Paciência – interrompeu Rallick. – Transformar uma criança ladra em um homem de respeito e de erudição requer mais trabalho do que um coração fraco é capaz de aguentar.

Murillio franziu o cenho.

– Bem, perdoe-me por estar tão empolgado com a expectativa de salvar a vida do garoto.

O sorriso de Rallick foi sutil.

– Nunca se arrependa de tal prazer – retrucou.

Percebendo o tom do assassino, Murillio suspirou e as pontas afiadas de seu sarcasmo submergiram.

– Faz muitos anos desde que tivemos tantas esperanças pelas quais batalhar – acrescentou serenamente.

– O caminho será sangrento – refletiu Rallick. – Não se esqueça disso. Mas, sim, faz muito tempo. Eu me pergunto se Kruppe se lembra daquela época.

Murillio bufou.

– A memória de Kruppe é reconfigurada a cada hora. Tudo que o mantém em pé é o medo de ser descoberto.

Os olhos de Rallick obscureceram.

– Descoberto?

Seu amigo parecia distante, mas recuperou o controle e sorriu.

– Ah, suspeitas desgastadas, nada mais. Ele é escorregadio... Kruppe é.

Rallick sorriu ante a sintaxe trocista de Murillio. Fitou a lagoa à sua frente.

– Sim – concordou depois de um tempo –, ele é escorregadio, muito bem. – Rallick se levantou. – Krute deve querer fechar. O Círculo está dormindo a esta altura.

– Está bem.

Os dois homens deixaram o terraço; brumas de metano rodopiavam por suas pernas. Alcançando o caminho, Murillio se virou para olhar a porta da torre, perguntando-se se conseguiria ver os espectros tagarelas, mas tudo o que viu sob o arco caído foi um muro de escuridão. De algum modo estranho, achou aquilo mais perturbador do que qualquer horda de almas perdidas que pudesse imaginar.

A luz clara do sol matutino fluía pelas janelas largas do gabinete de Baruk, e um vento quente deslizava para dentro da sala, trazendo os cheiros e sons da rua lá embaixo. O alquimista, ainda trajando suas vestes de dormir, estava sentado em um banco alto à mesa de mapas. Tinha um pincel na mão, mergulhando-o de vez em quando em um tinteiro ornamentado de prata.

A tinta vermelha fora diluída. Ele pintou o mapa, cobrindo as áreas sob jugo do Império Malazano. Metade do mapa – a do norte – estava vermelha. Uma faixa pequena limpa bem ao sul da floresta do Cão Negro marcava as forças de Caladan Brood, ladeadas por dois pontos menores, que indicavam a Guarda Escarlate. A pintura vermelha cercava aqueles pontos limpos e se estendia para baixo, envolvendo Pale e terminando na fronteira norte das montanhas Tahlyn.

Os sons da rua haviam se tornado bem altos, como Baruk percebeu enquanto se inclinava para mais perto do mapa para pintar a fronteira sul da maré vermelha. *Trabalho de construção*, concluiu ele, ouvindo os guinchos de guindastes e alguém vociferando com os transeuntes. Os sons esmoreceram, então se ouviu um estalido alto. Baruk se sobressaltou e seu antebraço direito deu uma arrancada que derrubou o tinteiro. A tinta vermelha se derramou pelo mapa.

Praguejando, sentou-se. Seus olhos se arregalaram ao ver a mancha crescente cobrir Darujhistan e continuar para o sul rumo a Catlin. Desceu do banco,

pegando um pano para limpar as mãos, mais do que apenas um pouco abalado pelo que poderia facilmente ser tomado como um presságio. Atravessou o aposento até a janela, inclinou-se para fora e olhou para baixo.

Uma equipe de trabalhadores se ocupava em rasgar a rua abaixo. Dois homens musculosos balançavam picaretas, enquanto outros três formavam uma linha passando pelos paralelepípedos destruídos até a pilha crescente na calçada. O contramestre estava perto, com as costas voltadas para uma carroça, estudando um rolo de pergaminho.

Baruk franziu o cenho.

– Quem está encarregado da manutenção da estrada? – perguntou-se em voz alta.

Uma batida à porta desviou sua atenção.

– Sim?

Seu servo Roald deu um único passo para dentro da sala.

– Um de seus agentes chegou, senhor.

Baruk lançou um olhar à mesa de mapas.

– Faça-o esperar um momento, Roald.

– Sim, senhor.

O servo recuou um passo e fechou a porta.

O alquimista se adiantou para a mesa e enrolou o mapa arruinado. Do corredor, veio uma voz alta, seguida por um murmúrio. Baruk enfiou o mapa em uma prateleira e se virou a tempo de ver o agente entrar e, atrás dele, Roald, com uma carranca no rosto.

Fazendo um sinal para Roald sair, Baruk deu uma olhada no homem espalhafatosamente vestido.

– Bom dia, Kruppe.

Roald saiu e fechou a porta suavemente.

– Mais do que bom, Baruk, querido amigo de Kruppe. Verdadeiramente maravilhoso! Você partilhou o ar fresco da manhã?

Baruk lançou um olhar à janela e respondeu:

– Infelizmente, o ar do lado de fora da minha janela ficou bastante poeirento.

Kruppe parou. Seus braços voltaram à posição normal, ao lado do tronco, e ele pegou um lenço de dentro da manga. Deu batidinhas na testa com ele.

– Ah, sim, os trabalhadores da estrada. Kruppe passou por eles no caminho para cá. Um povo bastante agressivo, acha Kruppe. Na verdade, rude, mas dificilmente excepcionais para operários tão subalternos.

Baruk apontou para uma cadeira. Com um sorriso beatífico, Kruppe se sentou.

– Um dia tão quente – comentou Kruppe, fitando a jarra de vinho na cornija da lareira.

Ignorando-o, Baruk foi até a janela, dando em seguida as costas para ela. Observou o homem, perguntando-se se um dia veria uma réstia que fosse do que havia por trás do comportamento angelical de Kruppe.

– O que você ouviu? – perguntou o alquimista, serenamente.

– O que Kruppe ouviu? O que Kruppe *não* ouviu!

Baruk arqueou uma sobrancelha.

– Que tal ser breve?

O homem se remexeu na cadeira e enxugou a testa.

– Que calor!

Vendo a expressão de Baruk endurecer, continuou:

– Agora, quanto às notícias. – Inclinou-se para a frente e sua voz se reduziu a um sussurro: – Isso foi murmurado em cantos nos bares, em portas escuras de ruas úmidas e frias, nas sombras nefastas da madrugada, em...

– Ande logo!

– Sim, claro. Bem, Kruppe ouviu um rumor. Uma guerra de assassinos, nada menos. A Sociedade teve perdas, estão dizendo.

Baruk se virou para a janela, pousando os olhos na rua lá embaixo.

– E quanto aos ladrões?

– Os telhados estão ficando lotados. Gargantas estão sendo cortadas. Os lucros despencaram.

– E onde está Rallick?

Kruppe piscou.

– Desapareceu. Kruppe não o vê há dias.

– Essa guerra de assassinos não é interna?

– Não.

– Essa nova força já foi identificada, então?

– Não.

O olhar de Baruk se intensificou. Na rua, os trabalhadores pareciam gastar mais tempo discutindo do que trabalhando. Uma guerra de assassinos poderia ser um problema. A Sociedade de Vorcan era forte, mas o Império era mais, se de fato os recém-chegados fossem Garras. Mas havia algo decididamente esquisito na situação. No passado, a imperatriz usara tais sociedades locais, quase sempre recrutando membros delas. O alquimista não conseguia discernir o propósito por trás de tal guerra, e isso era ainda mais perturbador para ele do que a guerra em si. Ao ouvir um arrastar, lembrou-se de seu agente. Virou-se e sorriu.

– Você pode ir agora.

Algo brilhou nos olhos de Kruppe, assustando Baruk. O homem gordo se levantou com um único movimento fluido.

– Kruppe tem mais a dizer, mestre Baruk.

Perplexo, o alquimista assentiu para Kruppe continuar.

– A história é difícil e confusa, lamentavelmente – disse, adiantando-se para se juntar a Baruk próximo à janela. Seu lenço desaparecera. – Kruppe só pode presumir o melhor que um homem de talentos inumeráveis poderia. Em momentos de lazer, em jogos de azar e coisas do tipo. Na aura dos Gêmeos, um Adepto pode ouvir, sabe, farejar e tocar coisas tão imateriais quanto o vento. Um gosto da Senhora Sorte, o aviso amargo do Riso do Senhor. – O olhar de Kruppe voou para o alquimista. – Está acompanhando, mestre?

Com os olhos cravados no rosto redondo do homem, Baruk disse, em voz baixa:

– Você está falando de Oponn.

Kruppe voltou a olhar a rua.

– Talvez. Talvez uma simulação macabra que tenha a função de enganar um tolo como Kruppe...

Tolo? Baruk sorriu por dentro. *Não este homem*.

– Quem pode dizer? – Kruppe ergueu uma das mãos, mostrando em sua palma um disco plano de cera. E disse baixo, com os olhos no disco: – Um objeto que passa adiante sem proveniência, seguido por muitos que anseiam por seu beijo frio, em que a vida e tudo o que há nela são frequentemente apostados. Sozinho, uma coroa de mendigo. Em grandes números, a loucura de um rei.

Pesado com ruína, ainda assim o sangue é lavado dela sob a chuva mais leve, e, para o próximo, não há previsão de preço. É como é, Kruppe diz, sem valor a não ser para aqueles que insistem no contrário.

Baruk estava prendendo a respiração. Seus pulmões queimavam, e mesmo assim foi um esforço soltar o ar. As palavras de Kruppe o haviam puxado para algo, a um lugar, fazendo alusão a vários níveis de conhecimento e à mão segura, infalível e precisa que o reunira e o assinalara em pergaminho. Uma biblioteca, com prateleiras de madeira negra, tomos encadernados em couro brilhante, pergaminhos amarelados, uma mesa esburacada e manchada. Baruk sentia ter dado apenas uma olhada naquela câmara: a mente de Kruppe, o local secreto com todas as portas trancadas, exceto uma.

– Você fala de uma moeda – disse Baruk devagar, lutando para voltar à realidade e usando para isso o foco no disco de cera na mão de Kruppe.

A mão de Kruppe se fechou. Ele se virou e pôs o disco no parapeito da janela.

– Examine esta imagem, mestre Baruk. Mostra os dois lados de uma mesma moeda. – O lenço reapareceu e Kruppe recuou, dando batidinhas na testa. – Ai, está quente, diz Kruppe!

– Sirva-se de um pouco de vinho – murmurou Baruk.

Quando o homem saiu de seu lado, o alquimista abriu o Labirinto. Gesticulou e o disco de cera se ergueu no ar, movendo-se devagar para pairar à sua frente no nível dos olhos. Ele analisou a estampa que o encarava.

– A Senhora – murmurou, assentindo.

O disco se virou, revelando o Senhor. O disco se virou outra vez e os olhos de Baruk se arregalaram quando começou a girar. Um zumbido encheu a parte de trás de sua cabeça. Sentiu o Labirinto resistir a uma pressão que crescia com o som, e então sua fonte se interrompeu.

Vagamente, como se vindo de uma grande distância, ele ouviu Kruppe falar:

– Mesmo nessa cópia, mestre Baruk, sopra a respiração dos Gêmeos. O Labirinto de um mago não pode resistir a esse vento.

O disco ainda girava no ar diante de Baruk, um borrão prateado. Uma névoa fina se expandiu ao redor. Gotas quentes borrifaram seu rosto, e ele recuou. Fogo azul chamejou da cera derretendo; o disco diminuía rapidamente. Logo depois,

desapareceu, e o som do objeto girando e a pressão que o acompanhava pararam abruptamente.

O silêncio repentino encheu a cabeça de Baruk de dor. Ele pousou a mão trêmula no parapeito da janela em busca de apoio e fechou os olhos.

– Quem tem a moeda, Kruppe? – arranhou sua voz, saída da garganta fechada. – Quem?

Kruppe se postou ao seu lado outra vez.

– Um rapaz – respondeu ele, casualmente. – Conhecido de Kruppe, com certeza, tão bem quanto de seus outros agentes, Murillio, Rallick e Coll.

Os olhos de Baruk reabriram.

– Isso não pode ser uma coincidência – sibilou, uma esperança desesperada se erguendo para lutar contra o pavor que sentia.

Oponn entrara na aposta, e com tal poder que a vida de uma cidade não significavam nada. Ele fuzilou Kruppe com o olhar.

– Reúna o grupo, então. Todos os que você citou. Eles têm servido aos meus interesses há um bom tempo e devem fazê-lo agora, acima de todas as outras preocupações. Você entendeu?

– Kruppe vai transmitir sua exigência. Rallick poderá se prender a deveres da Sociedade, enquanto Coll, recebendo um propósito na vida mais uma vez, pode muito bem firmar o olhar e o andar e levar o compromisso a sério. Mestre Baruk, qual é a missão, aliás?

– Proteger o portador da moeda. Observá-lo, gravar os rostos de quem parecer querer bem ou mal a ele. Devo saber se a Senhora o tem, ou se o Senhor. E, Kruppe, para isso, encontre Rallick. Se o Senhor reclamar o portador da moeda, os talentos do assassino serão necessários.

Kruppe piscou.

– Entendido. Ai de mim! Que a misericórdia sorria para o jovem Crokus.

– Crokus? – Baruk franziu o cenho. – Conheço esse nome.

O rosto de Kruppe continuou vazio.

– Deixe para lá. Muito bem, Kruppe. – Voltou-se para a janela outra vez. – Mantenha-me informado.

– Como sempre, Baruk, amigo de Kruppe. – O homem se curvou. – E obrigado pelo vinho. Estava delicioso.

Baruk ouviu a porta abrir e fechar em seguida. Olhava para a rua lá embaixo. Conseguira manter seu medo sob controle. Oponn tinha um modo próprio de arruinar os planos mais bem trabalhados. Baruk desprezava a expectativa de o acaso operar em seus assuntos. Ele não podia mais contar com sua habilidade de prever, de se preparar para eventualidades, de descobrir cada possibilidade e buscar aquela que melhor se adequasse a seus desejos. *Enquanto a moeda gira, assim gira a cidade*. Além disso, havia as misteriosas ações da imperatriz. Baruk esfregou a testa. Teria que instruir Roald a trazer-lhe um pouco de chá medicinal. Sua dor de cabeça estava alcançando proporções debilitantes. Ao baixar as mãos diante do rosto, viu um lampejo de vermelho. Ergueu as palmas para sua linha de visão. Tinta vermelha as manchava. Inclinou-se para a frente no parapeito da janela. Através de uma nódoa brilhante de poeira, os telhados de Darujhistan se espalhavam, e, mais além, o porto.

– E você, imperatriz... – sussurrou. – Sei que está aqui, em algum lugar. Seus peões ainda se movem sem serem vistos, mas eu os encontrarei. Esteja certa disso, com ou sem a maldita sorte de Oponn.

LIVRO III

A missão

Marionetes dançam ao longe
sob mãos magistrais –
eu tropeço entre elas,
preso pelas cordas,
em dois passos emaranhados,
e amaldiçoo todos esses tolos
em sua pirueta louca.
Eu não hei de viver como eles vivem.
Ah, não, deixe-me em minha
dança circular –
estes puxões
espontâneos que você vê,
eu juro pelo Túmulo do Encapuzado:
são arte em movimento.

Provérbios do Tolo
Theny Bule (nasc. ?)

CAPÍTULO 8

Ele desceu então
entre mulheres e homens,
o sigilo desnudo
em sua suja purificação.
Ali na areia ensopada de sangue
derramou as vidas
do imperador e da Primeira Espada –
tão trágica esta traição...
Ele era da Velha Guarda,
comandando o gume afiado
da fúria do Império,
e assim, ao descer,
mas não fugir,
ele manteve a recordação
diante dos olhos dela, a maldição
da consciência que ela não suportaria.
Um preço foi colocado diante dele,
e ele lhe deu uma olhada de passagem;
ignorante e tão despreparado
ao descer entre mulheres
e homens, descobriu ao que
se rendera e amaldiçoou-lhe
o despertar...

Os Queimadores de Pontes, Jovem Toc

Quinze minutos antes do amanhecer, o céu adquiria uma cor de ferro atravessado por faixas de ferrugem. O sargento Whiskeyjack estava acocorado em um domo de rochas na praia de seixos, fitando a calma superfície enevoada do lago Azur. Ao sul, na margem oposta do lago, erguia-se o brilho fraco de Darujhistan.

A travessia pela montanha na noite anterior tinha sido um inferno, com o quorl tendo de vagar em meio a nuvens de três tempestades agressivas. Era um milagre não terem perdido ninguém. A chuva cessara desde então, deixando o ar frio e úmido.

Ouviu o som de botas acompanhado por um tinido atrás dele. Whiskeyjack se virou e se endireitou. Kalam e um moranthiano negro se aproximaram, tomando cuidado com a confusão musgosa de rochas ao pé da encosta. Logo atrás, havia a sombria floresta de sequoias vermelhas, cujos troncos manchados se postavam como sentinelas barbudas contra a face da montanha. O sargento inspirou profundamente o ar matinal gelado.

– Está tudo bem – disse Kalam. – Os Moranthianos Verdes entregaram tudo, como ordenado, e até mais. Violinista e Azarve são dois sapadores felizes.

Whiskeyjack ergueu uma sobrancelha. Virou-se para o moranthiano negro.

– Pensei que suas munições estivessem acabando.

O rosto da criatura continuou nas sombras sob o elmo articulado. As palavras que saíram de lá pareciam nascidas de uma caverna oca que produzia eco.

– Seletivamente, Pássaro que Rouba. Você é bem conhecido por nós, Queimador de Pontes. Você pisa na sombra do inimigo. Dos moranthianos, a ajuda nunca será pouca.

Surpreso, Whiskeyjack desviou os olhos e os franziu. O moranthiano continuou:

– Você perguntou sobre o destino de um de nossa espécie. Um guerreiro com apenas um braço, que lutou ao seu lado nas ruas de Nathilog muitos anos atrás. Ele ainda vive.

O sargento respirou fundo o ar doce da floresta.

– Obrigado – disse Whiskeyjack.

– Desejamos que o próximo sangue que encontre em suas mãos seja de seu inimigo, Pássaro que Rouba.

Whiskeyjack franziu o cenho, depois assentiu de maneira brusca e voltou a atenção para Kalam.

– O que mais?

O rosto do assassino permaneceu impassível.

– Ben Ligeiro está pronto – respondeu Kalam.

– Ótimo. Junte os outros. Vou contar o meu plano.

– *Seu* plano, sargento?

– Meu – retrucou Whiskeyjack, com firmeza. – Aquele formulado pela imperatriz e por seus estrategistas está sendo rejeitado, a partir de agora. Vamos fazer a coisa do meu jeito. Vá andando, cabo.

Kalam bateu continência e saiu. Whiskeyjack desceu da rocha, suas botas afundando no musgo. Em seguida, continuou:

– Diga-me, moranthiano, um esquadrão de vocês poderia patrulhar esta área daqui a duas semanas?

A cabeça do moranthiano girou na direção do lago.

– Essas patrulhas não programadas são comuns. Eu mesmo espero comandar uma daqui a duas semanas.

Whiskeyjack fitou longamente o guerreiro de armadura negra parado ao seu lado.

– Não sei muito bem como lidar com isso – disse o sargento, depois de um tempo.

O guerreiro encarou Whiskeyjack.

– Não somos tão diferentes – falou ele. – Aos nossos olhos, feitos têm medida. Julgamos. Agimos de acordo com nossos julgamentos. Como em Pale, equiparamos espírito com espírito.

O sargento franziu o cenho.

– O que você quer dizer?

– Dezoito mil, setecentas e trinta e nove almas partiram na purificação de Pale. Uma para cada moranthiano confirmado como uma vítima da histórica inimizade de Pale em relação a nós. Espírito com espírito, Pássaro que Rouba.

Whiskeyjack não soube o que responder. As palavras seguintes do moranthiano o chocaram profundamente:

– Há vermes na carne de seu Império. Mas tal degradação é natural em todos os corpos. A infecção de seu povo ainda não é fatal. Pode ser esfregada até ficar limpa. Os moranthianos têm habilidades em tais esforços.

– Como exatamente... – Whiskeyjack fez uma pausa, escolhendo as palavras com cuidado –... vocês pretendem fazer essa limpeza?

Ele se lembrava das carroças cheias de corpos empilhados chacoalhando para

fora de Pale e lutou contra o frio que dominava seu corpo.

– Espírito com espírito – repetiu o moranthiano, voltando sua atenção para a cidade na margem sul. – Partimos agora. Você vai nos encontrar aqui em duas semanas, Pássaro que Rouba.

Whiskeyjack observou o moranthiano negro se afastar, abrindo caminho entre as moitas que cercavam a clareira onde seus cavaleiros aguardavam. Pouco depois, ouviu a batida rápida de asas, e os quorls se elevaram acima das árvores. Os moranthianos voaram em círculo uma vez, depois viraram para o norte, deslizando sobre os troncos barbados e seguindo encosta acima.

O sargento se sentou na rocha outra vez, olhando para o chão. Quando os membros de seu pelotão chegaram, acocoraram-se ao seu redor. Ele ficou em silêncio, parecendo não saber que tinha companhia, com a testa franzida e a mandíbula trincada enquanto ele rangia seus molares com uma pressão vagarosa e firme.

– Sargento – disse Violinista, em voz baixa.

Sobressaltado, Whiskeyjack olhou para cima. Inspirou fundo. Todos haviam se reunido ali, exceto Ben Ligeiro. Deixaria que Kalam o informasse depois.

– Tudo bem. O plano original foi posto de lado, já que pretendia nos matar. Eu não gostei dessa parte, então faremos do meu jeito e, com sorte, sairemos vivos.

– Não vamos minar os portões da cidade? – perguntou Violinista, lançando um olhar a Azarve.

– Não – respondeu o sargento. – Vamos usar essas munições moranthianas de um modo melhor. Dois objetivos, duas equipes. Kalam vai liderar uma, e com ele estarão Ben Ligeiro e... – Hesitou por um instante. – E Piedade. Eu liderarei a outra. A primeira tarefa é entrarmos na cidade sem sermos notados. Sem uniforme. – Olhou para Marreta. – Parto do princípio de que os Verdes tenham entregado tudo, certo?

O curandeiro assentiu.

– É de fabricação local. Está tudo certo. Um barco de pesca de 5,5 metros e quatro remos. Deve nos fazer atravessar o lago com facilidade. Até mesmo algumas redes foram incluídas.

– Então vamos pescar um pouco – disse Whiskeyjack. – Entrar no porto sem

o produto de uma pesca pareceria suspeito. Alguém aqui já pescou?

Houve um silêncio, depois Piedade falou:

– Eu já, há muito tempo.

Whiskeyjack a encarou.

– Ótimo. Escolha quem quer que você precise para isso.

Piedade sorriu com sarcasmo. Whiskeyjack desviou o olhar com um palavrão baixo. Fitou seus dois sabotadores. Então, continuou:

– Quantas munições?

– Duas caixas – respondeu Azarve, ajeitando seu barrete de couro. – De Condenadoras até Fumaceiras.

– Poderíamos cozinhar um palácio – acrescentou Violinista, empolgado.

– Bom o bastante – disse Whiskeyjack. – Tudo bem, ouçam todos e prestem atenção, ou não vamos sair disso vivos...

Em uma clareira isolada na floresta, Ben Ligeiro distribuiu areia branca em um círculo e se sentou no centro. Pegou cinco estacas afiadas e as colocou em uma fileira diante dele, fincando-as em profundidades diferentes na argila. A estaca do meio, a mais alta, tinha quase 1 metro; aquelas que a ladeavam tinham 60 centímetros e as externas tinham 30.

O mago desenrolou 1 metro de corda de tripas. Pegou uma ponta e deu um laço pequeno ao redor da estaca do meio, perto do topo. Correu a linha para a esquerda, dando uma volta sobre a haste seguinte, cruzou-a para o lado direito e deu outra volta. Trouxe a corda para a estaca da extrema esquerda, murmurando algumas palavras enquanto o fazia. Envolveu-a duas vezes e a trouxe de volta para a estaca da extrema direita, onde deu um nó e cortou o que sobrou da corda.

Ben Ligeiro se reclinou para trás e cruzou as mãos no colo. Uma careta franziu sua testa.

– Hairlock!

Uma das estacas estremeceu, se virou um pouco, depois voltou a ficar imóvel. Ben rosnou de novo:

– Hairlock!

Todas as cinco hastes balançaram. A do meio se inclinou na direção do

mago. A corda se esticou e um sussurro baixo emanou dela.

Um vento gelado varreu o rosto de Ben Ligeiro, enxugando as gotas de suor que haviam aparecido no minuto anterior. Um som tempestuoso encheu sua cabeça, e ele se sentiu cair por cavernas escuras, suas paredes ocultas retinindo em seus ouvidos como se martelos de ferro batessem em rocha. Lampejos de uma luz prateada ofuscante feriram seus olhos, e o vento forçou a pele e a carne de seu rosto.

Em alguma parte protegida de sua mente, mantinha uma noção de distância, de controle. Dentro dessa calma, conseguia pensar, observar, analisar.

– Hairlock – sussurrou. – Você foi longe demais. Fundo demais. Este Labirinto engoliu você e nunca irá cuspi-lo para fora. Você está perdendo o controle, Hairlock.

Mas aqueles pensamentos eram apenas para ele; sabia que a marionete ainda estava distante.

Observou-se seguindo, girando, rodando nas Cavernas do Caos. Hairlock foi compelido a fazer o mesmo, só que para cima. Abruptamente, viu-se em pé. Sob seus pés, a rocha negra parecia rodopiar, rachando aqui e ali em lentas convoluções, tingida por um vermelho claro e brilhante.

Olhando ao redor, o mago viu que estava em uma viga de pedra, que subia em ângulo reto, com seu cume chanfrado 3,5 metros à frente. Virando-se, seu olhar seguiu a viga, que saía de seu campo de visão, perdida em nuvens amarelas e ondulantes. Um momento de vertigem agarrou Ben Ligeiro. Ele titubeou e, enquanto restabelecia o equilíbrio, ouviu uma risada atrás dele. Virou-se para ver Hairlock empoleirado no alto, seu corpo de madeira maculado e chamuscado, as vestes do boneco rasgadas e desfiadas.

– Esta é a Viga de Andii, não é? – perguntou Ben Ligeiro.

A cabeça redonda de Hairlock se inclinou.

– É o meio do caminho. Agora você sabe como cheguei longe, Mago. Ao fundo do Labirinto, onde o poder encontra sua primeira forma e tudo é possível.

– Só não muito provável – disse Ben Ligeiro, fitando a marionete. – Como se sente, estando no meio de toda a criação, mas sendo incapaz de tocá-la ou de usá-la? É muito estranho, não é? Queima você toda vez que tenta apreendê-lo.

– Eu vou dominá-lo – sibilou Hairlock. – Você não sabe nada. Nada.

Ben Ligeiro sorriu.

– Já estive aqui antes, Hairlock. – Ele olhou as nuvens rodopiantes ao redor, que se agitavam ao sabor dos ventos contrários. – Você teve sorte. Embora sejam poucas, há criaturas que chamam este reino de lar. – Fez uma pausa e se virou, sorrindo para a marionete. – Elas não gostam de intrusos. Você já viu o que fazem com intrusos? O que deixam para trás?

O sorriso do mago se alargou ao ver o tremor involuntário de Hairlock. Tranquilamente, acrescentou:

– Então você viu.

– Você é meu protetor – soltou Hairlock. – Estou preso a você, mago. A responsabilidade é sua, e não vou esconder isso se for pego.

– Preso a mim, de fato. – Ben Ligeiro ficou de cócoras. – Que bom ouvir que sua memória voltou. Diga-me, como vai Tattersail?

A marionete baixou a cabeça, desviando o olhar.

– A recuperação dela está difícil.

Ben Ligeiro franziu o cenho.

– Recuperação? De quê?

– O Cão Engrenagem me rastreou. – Hairlock se moveu, demonstrando apreensão. – Houve um conflito.

Uma carranca surgiu no rosto do mago.

– E...?

A marionete deu de ombros.

– Engrenagem fugiu, bastante ferido por uma espada comum nas mãos daquele seu capitão. Tayschrenn chegou, mas Tattersail estava inconsciente àquela altura, então sua busca por respostas foi frustrada. Mas o fogo da suspeita já havia se alastrado nele. Mandou os servos, e eles estão espreitando os Labirintos. Estão caçando sinais de quem e do que eu sou. E por quê? Tayschrenn sabe que seu batalhão está envolvido, sabe que vocês estão tentando salvar a própria pele. – O olhar louco da marionete se moveu. – Ele quer todos vocês mortos, mago. E, quanto à Tattersail, talvez ele espere que a febre a mate, de modo que não precise fazê-lo, mas ele perderia muito se ela morresse antes de interrogá-la. Sem dúvida buscaria a alma dela, iria atrás do que ela sabe no reino do Encapuzado, mas ela sabe o suficiente para ser evasiva.

– Cale a boca por um minuto – ordenou Ben Ligeiro. – De volta ao começo. Você disse que o capitão Paran feriu Engrenagem com sua espada?

Hairlock fez uma careta.

– Disse. Uma arma mortal. Não deveria ter sido possível. Ele pode muito bem ter provocado uma ferida fatal no Cão. – A marionete fez uma pausa, então grunhiu: – Você não me disse tudo, mago. Há deuses envolvidos nisso. Se você me mantiver nessa ignorância, posso muito bem tropeçar no caminho de um deles. – Cuspiu. – Um escravo para você já é ruim o bastante. Você acha que pode desafiar um deus pelo domínio sobre mim? Eu seria levado e transformado, talvez até... – Hairlock desembainhou uma de suas facas pequenas –... usado contra você.

Avançou um passo com um brilho escuro nos olhos.

Ben Ligeiro ergueu uma sobrancelha. Seu coração dava solavancos no peito. Seria possível? Ele deixara de detectar algo? Um sabor, um vestígio de presença imortal?

– Uma última coisa, mago – murmurou Hairlock, dando outro passo. – A febre de Tattersail alcançou o auge na última noite. Ela gritou algo a respeito de uma moeda. Uma que vinha girando, mas que agora caiu, quicou e foi parar na mão de alguém. Você deve me contar o que sabe a respeito dessa moeda. Eu devo conhecer seus pensamentos, mago. – A marionete parou de repente e olhou para baixo, para a faca em sua mão. Hairlock hesitou, parecendo confuso, embainhou a arma e se agachou. – O que é tão importante em uma moeda? – grunhiu. – Nada. A vadia estava delirando. Ela era mais forte do que pensei.

Ben Ligeiro congelou. A marionete pareceu ter esquecido que o mago estava ali. Os pensamentos que ouvia eram os de Hairlock. Percebeu que estava olhando através de uma janela partida, para dentro da mente insana da marionete. E era lá que se achava todo o perigo. O mago prendeu a respiração, enquanto Hairlock continuava com os olhos fixos nas nuvens abaixo.

– Engrenagem devia tê-la matado – continuou a marionete. – Teria, se não fosse aquele capitão idiota. Quanta ironia. Ele agora cuida dela e põe a mão na espada sempre que tento chegar perto. Ele sabe que eu tomaria a vida dela em um instante. Mas aquela espada... Que deus está jogando com esse nobre tolo?

A marionete continuou falando, mas suas palavras minguaram para

murmúrios inaudíveis.

Ben Ligeiro esperou, querendo ouvir mais, embora aquilo já fosse o suficiente para fazer seu coração palpitar. Aquela criatura louca era imprevisível, e tudo que a refreava era um controle tênue: as cordas de poder que ele prendera ao corpo de madeira de Hairlock. Mas com aquele tipo de loucura vinha força... Força suficiente para romper as cordas? O mago já não estava mais tão certo sobre o controle que exercia.

Hairlock silenciara. Seus olhos pintados ainda chamejavam com um brilho negro: o escoamento do poder do Caos. Ben Ligeiro deu um passo à frente.

– Vá atrás dos planos de Tayschrenn – ordenou Ben, em seguida, o chutou com força.

A ponta de sua bota atingiu o peito de Hairlock e arremessou a marionete, que girou no ar. Hairlock voou para além da beirada e caiu. Seu grunhido ultrajado minguou enquanto ele desaparecia entre as nuvens amarelas.

Ben Ligeiro inspirou fundo o ar denso e rançoso. Esperava que sua despedida abrupta fosse o suficiente para torcer as recordações de Hairlock dos poucos minutos anteriores. Ainda assim, sentiu aquelas cordas de controle ficando cada vez mais tensas. Quanto mais aquele Labirinto distorcia Hairlock, mais poder ele iria reger.

O mago sabia o que precisaria fazer. Hairlock lhe dera a resposta, na verdade. Mesmo assim, Ben Ligeiro não ansiava por isso. Um gosto de bile azeda subiu até sua boca, e ele cuspiu para além da viga. O ar fedia a suor: ele levou um momento para perceber que era o seu. Sibilou uma maldição.

– Hora de ir embora – resmungou e ergueu os braços.

O vento retornou com um rugido e o mago sentiu seu corpo ser lançado para o alto, rumo à caverna acima, e então para a próxima. Enquanto as cavernas passavam como borrões, uma única palavra se agarrava a seus pensamentos, uma palavra que parecia se contorcer ao redor do problema de Hairlock como uma teia.

Ben Ligeiro sorriu, mas era um sorriso em resposta ao pavor. E a palavra permanecia: *Engrenagem*, e com aquele nome o pavor do mago encontrou um rosto.

Whiskeyjack se levantou em meio ao silêncio. As expressões ao seu redor estavam sóbrias, olhos baixos ou fixos em outro lugar, fechados em algum local pessoal e privado, onde nadavam os pensamentos mais pesados. A única exceção era Piedade, que encarava o sargento com olhos brilhantes e aprovadores. Whiskeyjack se perguntou quem era o responsável pelas aprovações dentro daqueles olhos, e então balançou a cabeça, bravo ante a ideia de que algo das suspeitas de Ben Ligeiro houvesse se esgueirado para seus pensamentos.

Desviou o olhar e viu Ben Ligeiro se aproximando. O mago parecia cansado, com uma tonalidade cadavérica no rosto. O olhar de Whiskeyjack voou para Kalam. O assassino assentiu.

– Pessoal, fiquem alertas – disse o sargento. – Carreguem o barco e se preparem.

Com Marreta à frente, os outros seguiram para a praia.

Esperando Ben Ligeiro chegar, Kalam disse:

– O pelotão parece abatido, sargento. Violinista, Trote e Azarve tiraram terra suficiente dos túneis para enterrar os mortos do Império. Estou preocupado com eles. Marreta... Ele parece estar aguentando, até agora... Ainda assim, seja lá o que for que Piedade saiba sobre pesca, duvido que qualquer um de nós possa remar para fora de uma banheira. E estamos tentando cruzar um lago do tamanho de um maldito mar!

Whiskeyjack cerrou os dentes e forçou um dar de ombros casual.

– Você sabe muito bem que um Labirinto se abrindo em qualquer lugar perto da cidade provavelmente seria detectado. Não temos escolha, cabo. Nós remamos. A menos que consigamos improvisar uma vela.

Kalam grunhiu.

– Desde quando a garota sabe alguma coisa sobre pesca?

O sargento suspirou.

– Pois é. Veio do nada, não veio?

– Muito conveniente, não?

Ben Ligeiro alcançou o domo de pedra. Os outros dois se calaram ao ver sua expressão.

– Estou prestes a propor algo que vocês vão odiar – disse o mago.

– Sou todo ouvidos – replicou Whiskeyjack, com a voz vazia de sentimento.

Dez minutos depois, os três homens chegaram à praia escorregadia de seixos, e tanto Whiskeyjack quanto Kalam pareciam abalados. A uns 10 metros de onde chegava a água, havia um barco de pesca. Trote puxava a corda presa ao gancho da proa, segurando e gemendo enquanto usava todo o seu peso.

O resto do batalhão se agrupava ao lado, discutindo em voz baixa os esforços vãos de Trote. Violinista arriscou olhar para cima. Ao ver Whiskeyjack marchando na direção deles, empalideceu.

– Trote! – berrou o sargento.

O rosto do barghastiano, com suas tatuagens cor de anil esticadas a ponto de se tornarem ilegíveis, virou-se para Whiskeyjack com os olhos arregalados.

– Largue a corda, soldado.

– Kalam soltou um risinho irônico atrás de Whiskeyjack, que fulminou os outros com o olhar.

– Agora – disse ele, com a voz áspera –, já que um de vocês, seus idiotas, convenceu os outros que carregar todo o equipamento no barco enquanto ele ainda está na margem era uma boa ideia, podem todos puxar a corda e arrastá-lo para o lago. Não você, Trote. Você sobe no barco e fica no conforto, ali na popa. – Whiskeyjack fez uma pausa. Observou o rosto inexpressivo de Piedade. – De Violinista e Azarve eu esperava isso, mas pensei que tinha encarregado você de organizar as coisas.

Piedade deu de ombros. Whiskeyjack suspirou.

– Você consegue improvisar uma vela?

– Não tem vento.

– Bem, talvez venha a ter! – disse Whiskeyjack, exasperado.

– Sim – reagiu Piedade. – Temos um pouco de lona. Precisaremos de um mastro.

– Pegue Violinista e faça um. Agora, os outros: ponham esse barco na água.

Trote entrou no barco e se sentou na popa. Esticou as pernas compridas e estendeu um braço para fora do barco. Exibiu seus dentes enfileirados no que poderia ter sido um sorriso.

Whiskeyjack se virou para Kalam e Ben Ligeiro, que estavam muito sorridentes.

– E então? – perguntou o sargento. – O que estão esperando?

Os sorrisos morreram.

CAPÍTULO 9

Você viu aquele
que se destaca,
amaldiçoado em um ritual,
caçando sua espécie,
além da morte o exército
reunido e rodopiando
como uma praga de pólen –
ele se destaca,
o Primeiro entre todos,
sempre encoberto no tempo,
ainda assim deslocado e sozinho,
um t'lan imass vagando
como uma semente que não caiu.

Balada de Onos T'oolan, Jovem Toc

Jovem Toc se inclinou para a frente em sua sela e cuspiu. Era seu terceiro dia fora de Pale, e ele ansiava pelos muros altos da cidade ao seu redor. A planície Rhivi se estendia por todos os lados, coberta de relva amarela que ondulava ao vento vespertino, mas, fora isso, nada tinha cor.

Coçou as pontas da ferida que tirara seu olho esquerdo e resmungou baixo. Algo estava errado. Ele deveria ter encontrado a mulher dois dias antes. Nada estava acontecendo conforme planejado naqueles dias. Como o capitão Paran havia desaparecido antes mesmo de encontrar Whiskeyjack e com a história que circulava – a respeito de um Cão que atacara a última maga sobrevivente do Segundo e deixara catorze soldados mortos em sua esteira –, supunha que não deveria estar surpreso que aquele encontro tivesse dado errado também.

O caos parecia um sinal daqueles tempos. Toc se endireitou e se ergueu em

sua sela. Embora não houvesse estrada de verdade na planície, caravanas de mercadores haviam mapeado uma trilha difícil, que ia de norte a sul pela fronteira ocidental. O comércio se extinguira desde então, mas a passagem de gerações de carroças e comitivas de cavalos havia deixado sua marca. O centro da planície era o lar do povo rhivi, pessoas pequenas de pele marrom que se moviam com os rebanhos em um ciclo sazonal. Embora não fossem belicosos, o Império Malazano os provocara, de modo que tinham passado a lutar e a fazer batidas de reconhecimento ao lado das legiões tiste andii de Caladan Brood contra o Império.

Relatórios moranthianos apontavam que os rhivi estavam no norte e no leste, e Toc era grato por isso. Sentia-se muito sozinho naquele lugar desabitado, embora a solidão fosse um mal menor, considerando tudo.

O único olho de Toc se arregalou. Parecia não estar sozinho, afinal. A 5 ou 6 quilômetros adiante, corvos voavam em círculos. O homem praguejou e soltou a cimitarra embainhada em seu quadril. Lutou contra o impulso de fazer seu cavalo galopar e deu início a um trote rápido.

Ao se aproximar, viu relva pisada de um lado da trilha dos comerciantes. A risada grasnada dos corvos era o único som que quebrava a tranquilidade; já haviam começado a se alimentar. Toc puxou o cavalo pelas rédeas e ficou sentado imóvel em sua sela, curvado para a frente. Nenhum dos corpos que viu parecia em condições de começar a se mexer, e a altercação preocupada dos corvos era uma boa prova de que quaisquer sobreviventes haviam partido muito tempo antes. Ainda assim, estava com um pressentimento ruim. Algo pairava no ar, algo como um cheiro e um gosto.

Esperou por alguma coisa que não tinha certeza do que era, mas uma relutância em continuar o segurava. De repente, identificou a estranheza que sentia: magia fora desencadeada ali.

– Odeio isso – murmurou, desmontando.

Os corvos lhe deram espaço, mas não muito. Ignorando seus brados ultrajados, aproximou-se dos corpos. Eram doze no total. Oito vestiam uniformes de soldados malazanos, mas não eram quaisquer soldados. Seu olhar se estreitou nos sinetes prateados em seus elmos.

– Jakatakanos – disse.

Elite. Haviam sido feitos em pedaços.

Voltou sua atenção para os outros corpos e sentiu um tremor de medo percorrê-lo. Não era surpresa que os jakatakanos houvessem apanhado tanto. Toc se adiantou até um dos corpos e se agachou ao seu lado. Sabia algo a respeito das marcas de clã dos barghastianos, como cada grupo de caçadores era identificado pelo padrão de suas tatuagens azuladas. Soltou o ar entre os dentes, silvante; ele estendeu a mão para virar o rosto do selvagem e balançou a cabeça. Aqueles eram do clã de Ilgres. Antes de a Guarda Escarlate tê-los recrutado, seu território natal estivera mais de 8 mil quilômetros a leste, entre as montanhas bem ao sul de Porule. Toc se levantou devagar. Os ilgres estavam entre os mais fortes dos que tinham se unido à Guarda Escarlate na floresta do Cão Negro, mas aquilo ficava a mais de 2 mil quilômetros ao norte. Então, o que os trouxera até ali?

O fedor de magia derramada soprava em seu rosto e ele se virou, o olho se fixando em um corpo que não notara antes. Jazia ao lado de grama chamuscada.

– Então minha pergunta está respondida.

Aquele grupo fora guiado por um xamã barghastiano. De algum modo, haviam tropeçado em uma trilha, e o xamã a reconhecera pelo que era. Toc observou seu corpo. Morto por um golpe de espada no pescoço. O desencadeamento de feitiçaria partira do xamã, mas nenhuma magia se opusera à dele. E aquilo era esquisito, particularmente pelo fato de que fora o xamã quem morrera em vez de quem quer que ele tenha atacado.

Toc grunhiu.

– Bem, dizem que ela é o inferno com os magos.

Caminhou devagar em círculo ao redor do local da morte e encontrou o rastro sem grande dificuldade. Alguns dos jakatakanos sobreviveram e, pelo conjunto de pegadas de botas menores, também aquilo que protegiam. E, sobrepondo-se àqueles rastros, havia meia dúzia de pegadas de sapatos. A trilha guinava para oeste a partir da rota dos comerciantes, embora ainda levasse para o sul.

Voltando ao cavalo, Toc montou e fez o animal dar a volta. Pegou o arco do cinturão da sela e o envergou. Não havia esperança de se aproximar de um barghastiano sem ser detectado. Naquela planície, ele ficaria visível durante um

bom tempo antes de conseguir se aproximar o suficiente para que seu arco alcançasse o alvo, e mesmo esse alcance diminuíra bastante desde que perdera um olho. Então, estariam esperando por ele, com aquelas lanças malditas. Entretanto, sabia que não tinha escolha; esperava apenas acabar com um ou dois antes que o empalassem.

Toc cuspiu outra vez, enrolou as rédeas no antebraço esquerdo e segurou melhor o arco. Coçou vigorosa e dolorosamente a imensa cicatriz vermelha que cruzava seu rosto, percebendo que a coceira enlouquecedora voltaria dali a pouco, de qualquer forma.

– Que seja – disse, e bateu com os calcanhares nos flancos do cavalo.

O monte solitário que se erguia diante da conselheira Lorn não era natural. O alto das pedras quase inteiramente enterradas circundava sua base. Ela se perguntava o que poderia estar sepultado lá dentro, depois repeliu seus receios. Se aquelas pedras verticais fossem do tamanho das que ela vira se erguendo ao redor dos túmulos misteriosos fora de Genabaris, o morro tinha milênios de idade. Virou-se para os dois soldados exaustos que vinham aos tropeços atrás dela.

– Vamos nos instalar aqui. Você com a besta, quero que fique no alto.

O homem baixou a cabeça em resposta e foi cambaleando até o cume coberto de relva. Tanto ele quanto seu companheiro pareciam quase aliviados por ela ter feito uma pausa, embora soubessem que a morte estava a apenas alguns minutos.

Lorn fitou o outro soldado. Ele tomara um golpe de lança no ombro esquerdo e o sangue ainda vertia profusamente, descendo pela frente do peitoral de sua armadura. Como conseguira se manter em pé durante a hora anterior estava além da compreensão de Lorn. Ele a mirava com olhos apagados pela resignação, sem mostrar nada da dor que devia estar sentindo.

– Vou cobrir a sua esquerda – disse ele, mudando o sabre para a mão direita.

Lorn desembainhou a própria espada longa e fixou a atenção na direção norte. Apenas quatro dos seis barghastianos estavam visíveis, aproximando-se devagar.

– Estamos sendo flanqueados! – bradou ela para seu besteiro. – Pegue o da sua esquerda.

O soldado ao lado dela grunhiu.

– Minha vida não precisa ser protegida – disse ele. – Estamos encarregados da sua proteção, conselheira...

– Calado – ordenou Lorn. – Quanto mais tempo você resistir, mais bem protegida estarei.

O soldado grunhiu outra vez.

Os quatro barghastianos se demoravam, fora do alcance da besta. Dois ainda traziam suas lanças; os outros portavam machadinhas. Uma voz gritou de longe à direita de Lorn e ela se virou para ver uma lança vindo em sua direção; atrás da arma, havia um barghastiano em disparada.

Lorn trouxe sua lâmina para junto do corpo e se agachou, erguendo a arma sobre a cabeça. Sua espada atingiu o cabo da lança e, enquanto o fazia, a conselheira se virou, empurrando a arma para um lado. A lança desviada passou zunindo e se partiu contra a face do monte à sua direita.

Atrás dela, ouviu o besteiro soltar uma seta. Quando ela se voltou para os quatro barghastianos em disparada, um grito de dor soou do outro lado do morro. O soldado ao seu lado parecia ter se esquecido da ferida; segurava o sabre com as duas mãos e mantinha os pés separados e cravados no chão.

– Preste atenção, conselheira – disse ele.

O barghastiano à direita bradou e ela se virou para vê-lo girando com o impacto de um dardo.

Os quatro guerreiros adiante não estavam a mais de 9 metros. Os dois que traziam lanças as atiraram. Lorn não se moveu, percebendo quase imediatamente que aquela dirigida a ela iria passar direto. O soldado ao seu lado se jogou para a esquerda, mas não o suficiente para evitar a lança, que o atingiu na coxa direita com tanta força que atravessou sua perna e se cravou na terra. O soldado ficou preso, mas sua única reação foi um arquejo fraco; ele ergueu a espada para desviar uma machadinha que vinha girando na direção da sua cabeça.

Naquele momento, Lorn já partira para cima do barghastiano que se adiantava para ela. A machadinha dele era uma arma menor, e ela tirou vantagem disso com uma investida antes que ele pudesse alcançá-la. O barghastiano ergueu

o cabo forrado de cobre para se defender, mas Lorn já tinha feito um movimento rápido com o pulso, completando o ataque e mergulhando abaixo da machadinha. Seu golpe enterrou a ponta da espada no peito do barghastiano, cortando a armadura de couro como se fosse de tecido.

O ataque a comprometera: a espada quase fora arrancada de sua mão quando o selvagem tombou para trás. Desequilibrada, cambaleou um passo, esperando o golpe esmagador de uma machadinha. Mas não houve nenhum. Recobrando o equilíbrio, girou para encontrar o besteiro manejando o sabre e travando combate com o outro barghastiano. Lorn se voltou para ver como estava seu outro guarda.

De algum modo, ele ainda estava vivo, embora enfrentasse dois barghastianos. Ele conseguira tirar a lança da terra, mas o cabo da arma permanecia em sua perna. O fato de ser capaz de se mexer e, ainda mais, de se defender demonstrava eloquentemente a disciplina e o treinamento jakatakano.

Lorn se adiantou para enfrentar o barghastiano à direita do homem, o mais próximo dela. Enquanto o fazia, uma machadinha atravessou a defesa do soldado e o atingiu no peito. Escamas trincaram quando o gume forte da arma rompeu a armadura. O soldado gemeu e caiu de joelhos, sangue borrifando o chão.

Lorn não estava em condições de defendê-lo e só conseguiu assistir com horror à machadinha girar de novo, dessa vez atingindo o homem na cabeça. O elmo amassou e o pescoço quebrou. O jakatakano tombou de lado, aterrissando aos pés de Lorn. Seu impulso para a frente a fez cair sobre ele.

Um xingamento escapou de seus lábios quando ela se estatelou, espatifando-se no barghastiano à sua frente. A conselheira tentou erguer a ponta de sua espada pelas costas dele, que se virou graciosamente para um lado e se esquivou. Lorn o atacou com selvageria enquanto caía, mas errou. Sentiu seu ombro se deslocar ao atingir o chão duro, e a espada caiu de sua mão dormente.

Agora, pensou ela, *a única coisa que me resta é morrer*. Ela rolou para ficar de barriga para cima.

Com um rosnado, o barghastiano a ladeou, erguendo alto a machadinha.

Lorn estava em boa posição para ver a mão esquelética irromper do chão abaixo do barghastiano e segurar-lhe um tornozelo. Ossos se partiram e o guerreiro gritou. Vagamente, enquanto observava, ela se perguntou aonde os outros dois selvagens haviam ido. Todos os sons de luta pareciam ter cessado,

mas o solo ribombou com um estrondo crescente e urgente.

O barghastiano olhou para baixo, fitando a mão que esmagava sua canela. Ele gritou outra vez quando a lâmina larga e ondulada de um punhal de sílex subiu entre suas pernas. A machadinha caiu das mãos do guerreiro quando ele freneticamente as abaixou em um esforço para desviar o punhal, virando para um lado e chutando com sua perna livre. Foi tudo tarde demais. O punhal o trespassou, cravando-se no osso do quadril e erguendo-o do chão. Seu guincho agonizante subiu aos céus.

Lorn pôs-se em pé com dificuldade. Seu braço direito jazia pendurado inutilmente ao lado do corpo. Identificou o estrondo como a batida de cascos e se virou na direção de onde vinha. Um malazano. Quando percebeu, tirou sua atenção do cavaleiro e olhou ao redor. Seus dois guardas estavam mortos, e flechas se projetavam dos corpos dos barghastianos.

Ela inspirou levemente – tudo o que podia fazer enquanto a dor se espalhava por seu peito – e fitou a criatura que se erguera da terra. Estava coberta por peles apodrecidas, parada sobre o corpo do guerreiro, a mão ainda segurando uma das pernas dele. A outra mão segurava o punhal de sílex que fora enterrado no corpo do barghastiano e cuja ponta emergia de seu pescoço.

– Eu estava esperando por você alguns dias atrás – disse Lorn, fulminando a figura com o olhar.

A criatura se virou para fitá-la, com o rosto escondido na sombra sob o osso amarelado que era seu elmo. O elmo, ela percebeu, era o crânio de alguma fera que possuía chifres; um deles estava quebrado na base.

O cavaleiro chegou por trás.

– Conselheira – gritou, desmontando.

Ele se aproximou com o arco ainda na mão e uma flecha preparada. Seu único olho examinava Lorn e, parecendo satisfeito que a ferida dela não fosse mortal, fixou-se na criatura gigantesca, mas atarracada, que os encarava.

– Pelo sopro do Encapuzado, um t’lan imass.

Lorn continuou olhando feio para o t’lan imass.

– Eu sabia que você estava por aqui. É a única coisa que explica um xamã barghastiano vir com caçadores escolhidos a dedo para esta área. Ele deve ter usado um Labirinto para chegar até aqui. Então, onde você *estava*?

Jovem Toc encarou a conselheira, pasmo com sua explosão. Seu olhar se voltou para o t’lan imass. A última vez que vira um tinha sido nas Sete Cidades, oito anos antes, e fora de longe, já que as legiões de mortos-vivos marchavam rumo aos descampados ocidentais em alguma missão que nem a imperatriz conseguira descobrir qual era. A uma distância tão próxima, Toc observou o t’lan imass com avidez. Não sobrara muito dele, concluiu. Apesar da feitiçaria, trezentos mil anos haviam cobrado seu preço. A pele que se esticava sobre os ossos robustos do homem atarracado era de uma brilhante cor de noz, com textura de couro. Qualquer carne que um dia tal pele houvesse coberto se contraíra para algumas faixas finas da consistência de raízes de carvalho, músculos que se mostravam em trechos lacerados aqui e ali. O rosto da criatura, a parte que Toc conseguia enxergar, tinha um maxilar denso sem queixo, maçãs do rosto altas e uma arcada superciliar pronunciada. As órbitas dos olhos eram buracos negros.

– Eu lhe fiz uma pergunta – grunhiu Lorn. – Onde você estava?

A cabeça rangeu quando o imass olhou para baixo na direção dos pés.

– Explorando – respondeu tranquilamente, com uma voz nascida de pedras e poeira.

– Seu nome, t’lan? – Lorn exigiu saber.

– Onos T’oolan, outrora do clã Tarad, de Logros T’lan. Nasci no outono do Ano Sombrio, o nono filho do clã, despertado como guerreiro na Sexta Guerra Jaghut...

– Basta – disse Lorn.

Ela se prostrou, exausta, e Toc foi para seu lado. Olhando-o, ela fez uma careta.

– Você está com uma cara horrível. – Um sorriso, então, tomou seus lábios, e ela acrescentou: – Mas boa para mim.

Toc sorriu.

– Vamos começar pelo começo, conselheira – disse ele. – Um lugar para você descansar.

Ela não protestou quando ele a guiou para o relvado perto do túmulo e gentilmente a fez ficar de joelhos. Toc lançou um olhar ao imass ainda em pé no local de onde saíra do chão. Ele se virara e parecia observar o túmulo.

Devemos imobilizar seu braço – disse Toc para a mulher desgastada ajoelhada diante dele. E acrescentou, agachando-se: – Meu nome é Jovem Toc.

Lorn ergueu o olhar ao ouvi-lo.

– Conheci seu pai – disse ela. Seu sorriso voltou. – Também um excelente arqueiro.

Toc inclinou a cabeça em resposta.

– Também era um bom comandante – continuou Lorn, observando o jovem arrasado que cuidava de seu braço. – A imperatriz lamentou a morte dele...

– Não temos certeza se morreu – interrompeu Toc, com a voz tensa e o único olho se desviando ao começar a retirar a manopla dela. – Está desaparecido.

– Sim – disse Lorn, baixo. – Desaparecido desde a morte do imperador.

A conselheira se encolheu quando ele tirou a manopla e a jogou de lado.

– Vou precisar de algumas tiras de roupa – disse ele, levantando-se.

Lorn o observou ir até um dos corpos barghastianos. Não sabia quem seria seu contato da Garra, só sabia que era o último vivo entre as forças de Dujek. Perguntava-se por que ele guinara para um caminho tão distante daquele trilhado por seu pai. Não havia nada de agradável, ou de orgulhoso, em ser um Garra. Apenas eficiência e medo.

Ele apontou uma faca para a armadura de couro curtido, talhando-a para revelar uma camisa de lã áspera, que cortou. Em seguida, voltou para o lado dela com um punhado de longas tiras em uma das mãos.

– Eu não sabia que você tinha um imass como companhia – disse o Garra, agachando-se ao lado dela outra vez.

– Eles escolhem os próprios modos de viajar – falou Lorn, com um vestígio de fúria na voz. – E vêm quando têm vontade. Mas, sim, ele é parte integrante da minha missão.

Lorn silenciou, apertando os dentes de dor enquanto Toc deslizava a tipoia improvisada sobre seu ombro e sob seu braço.

– Tenho uma coisinha para relatar – disse Toc, e contou-lhe sobre o desaparecimento de Paran e sobre a partida de Whiskeyjack e de seu pelotão sem o capitão.

Quando terminou, já havia alinhado a tipoia até estar satisfeito e se sentara, com um suspiro.

– Porcaria – sibilou ela. – Ajude-me a ficar em pé. – Depois de se levantar, ela cambaleou um pouco e agarrou o ombro dele para se equilibrar. Meneou a cabeça. – Pegue a minha espada para mim.

Toc se encaminhou para o local que ela indicara. Depois de uma breve busca, encontrou a espada longa na relva, e seu olho se semicerrou ao ver a lâmina vermelha coberta de poeira. Levou-a até a conselheira e disse:

– Uma espada de otataral, conselheira, o minério que mata magia.

– E magos – completou Lorn, pegando a arma desajeitadamente com a mão esquerda e embainhando-a.

– Encontrei o xamã morto – disse Toc.

– Bem, otataral não é mistério para vocês das Sete Cidades, mas poucos aqui o conhecem, e eu manteria isso assim.

– Entendido.

Toc se virou para fitar o imass imóvel.

Lorn pareceu ler seu pensamento.

– Otataral não pode extinguir a magia deles – disse a conselheira. – Acredite em mim, já tentaram. Os Labirintos dos imass são similares aos dos jaghut e dos forkrul assail, ligados aos ancestrais, ao sangue e à terra. Aquele punhal de sílex nunca vai quebrar... E ele corta o melhor ferro com a mesma facilidade com que corta carne e osso.

Toc estremeceu e cuspiu.

– Eu não a invejo por seu acompanhante, conselheira.

Lorn sorriu.

– Você estará em sua companhia pelos próximos dias, Jovem Toc. Temos uma longa caminhada pela frente até Pale.

– Seis ou sete dias – completou Toc. – Achei que você teria uma montaria.

O suspiro de Lorn foi sentido.

– O xamã barghastiano usou seus talentos nas montarias. Uma doença se abateu sobre todas elas, até meu corcel, que trouxe comigo pelo Labirinto.

Seu rosto sulcado se suavizou momentaneamente, e Toc sentiu sua mágoa genuína. Aquilo o surpreendeu. Tudo o que tinha ouvido até então a respeito da conselheira criara para ele uma imagem de um monstro de sangue-frio, a mão enluvada da morte, que poderia descer de qualquer lugar a qualquer momento.

Talvez aquele lado dela existisse; esperava não precisar vê-lo. Entretanto, ele se corrigiu, Lorn não olhara uma segunda vez para seus soldados.

– Você cavalgará minha égua, conselheira – informou Toc. – Não é um cavalo de guerra, mas é veloz e resistente.

Caminharam para onde ele deixara o animal e Lorn sorriu.

– É uma cria wickana, Jovem Toc – disse, pousando a mão no pescoço da égua. – Acabe com essa modéstia ou perderei minha confiança em você. Um excelente animal.

Toc a ajudou a montar.

– Vamos deixar o imass onde está? – perguntou o Garra.

Lorn aquiesceu.

– Ele encontrará seu caminho. Agora, vamos dar a essa égua a oportunidade de provar seu valor. Dizem que sangue wickano cheira a ferro. – Estendeu a mão para baixo e lhe ofereceu seu braço esquerdo. – Monte – disse ela.

Toc mal conseguiu esconder seu choque. Compartilhar uma sela com a conselheira do Império? A ideia era tão absurda que ele quase riu.

– Posso andar, conselheira – disse, rouco. – Com tão pouco tempo para desperdiçar, seria melhor que você seguisse e cavalgasse rápido. Verá os muros de Pale em três dias. Posso dar corridas de dez horas, com intervalos.

– Não, Jovem Toc. – O tom de Lorn não admitia discussão. – Preciso de você em Pale, e preciso ouvir tudo o que há a respeito das legiões de ocupação, Dujek e Tayschrenn. Melhor chegar alguns dias depois do que despreparada. Agora, segure meu braço e vamos.

Toc obedeceu.

Quando ele se afundou na sela atrás de Lorn, a égua resfolegou e deu um passo curto para o lado. Tanto ele quanto a conselheira quase caíram. Viraram-se para ver o t’lan imass ao lado. A criatura ergueu a cabeça para Lorn.

– O túmulo entregou uma verdade, conselheira – disse Onos T’oolan.

Toc sentiu-a enrijecer.

– E é?

– Estamos no caminho certo – respondeu o t’lan imass.

Algo disse a Toc que o caminho a que a criatura se referia não tinha nada a ver com a trilha dos mercadores que seguia para o sul até Pale. Lançou um

último olhar para o túmulo enquanto Lorn silenciosamente dava a volta com o cavalo, e depois fitou Onos T’oolan. Não parecia provável que algum dos dois revelasse seus segredos, mas a reação de Lorn fez os pelos de sua nuca se eriçarem e a coceira ao redor do olho perdido despertar. Toc praguejou em um resmungo baixo e começou a coçar.

– Algo errado, Jovem Toc? – perguntou Lorn, sem se virar.

Ele pensou no que responder.

– O preço de ser cego, conselheira. Nada mais.

O capitão Paran andava de um lado para outro na sala estreita. Aquilo era loucura! Tudo o que sabia era que estava sendo escondido, mas as únicas respostas a suas perguntas viriam de uma feiticeira acamada com uma febre estranha e uma marionete sórdida, cujos olhos pintados pareciam se fixar nele com ódio intenso.

Lembranças vagas o assombravam: a sensação de pedras escorregadias e frias sob suas unhas em um momento em que toda a força vertera de seu corpo; e então a visão desfocada de um cachorro gigantesco – um Cão? – na sala, um cão que parecia respirar morte. O ser estava tentando matar a mulher e ele o impedira... De algum modo, mas não tinha certeza dos detalhes.

Afligia-o a suspeita de que o cão não estava morto, de que voltaria. A marionete ignorava a maior parte de suas perguntas e, quando falava com ele, era para dar voz a ameaças horrendas. Aparentemente, embora a feiticeira estivesse doente, apenas sua presença, sua existência, impedia Hairlock de cumprir tais ameaças.

Onde estava Whiskeyjack? O sargento partira sem ele? O que isso faria com o plano da conselheira Lorn?

Parou de andar e lançou um olhar fulminante para a feiticeira deitada na cama. Hairlock dissera a Paran que ela de algum modo o havia escondido quando Tayschrenn chegara, mas o Alto Mago sentira a presença do cão. Paran não tinha lembranças de nada disso, mas se perguntava como a mulher teria conseguido fazer qualquer coisa depois da surra que tomara. Hairlock revelara com desprezo que a feiticeira nem sequer estava consciente ao abrir seu

Labirinto naquela última vez; que o fizera inteiramente por instinto. Paran pressentia que a marionete se assustara com tal demonstração de poder. Hairlock parecia bastante ansioso pela morte da mulher, mas ou era incapaz de matá-la por si só, ou estava amedrontado demais para tentar. A criatura resmungara algo a respeito de defesas que ela erguera ao redor de si mesma.

Ainda assim, Paran não encontrara nada que lhe permitisse ajudá-la quando a febre atingira seu pior nível. Ela cedera na noite anterior, e agora Paran sentia sua impaciência alcançar algum tipo de fronteira. A feiticeira dormia, mas, se não acordasse logo, ele assumiria as rédeas da situação. Deixaria aquele esconderijo, talvez fosse procurar Jovem Toc, contanto que conseguisse evitar Tayschrenn ou qualquer oficial em seu caminho para fora do prédio.

O olhar distraído de Paran continuou fixo na feiticeira; seus pensamentos estavam a mil. Aos poucos percebeu algo tocar os limites de sua mente e piscou. Os olhos da mulher estavam abertos e o analisavam. Ele deu um meio passo para a frente, mas foi imobilizado pelas primeiras palavras dela:

– Eu ouvi a moeda cair, capitão.

O sangue sumiu do rosto de Paran. Um eco esvoaçou em sua memória.

– Uma moeda? – perguntou ele, com uma voz que mal chegava a um sussurro. – Uma moeda girando?

As vozes de deuses, de homens e mulheres mortos. Uivos de Cães. Todas as peças da tapeçaria rasgada de minha memória.

– Não está mais girando – respondeu a mulher. Ela se sentou com esforço. – Do que você se lembra?

– De quase nada – admitiu o capitão, surpreso consigo mesmo por dizer a verdade. – A marionete não me disse nem seu nome.

– Tattersail. Estive... hã... na companhia de Whiskeyjack e seu pelotão. – Um véu de precaução pareceu deslizar sobre seu olhar sonolento. – Eu devia tomar conta de você até recuperar sua saúde.

– Acredito que o fez – disse Paran. – E eu retribuí o favor, o que equilibra a balança, feiticeira.

– Equilibra mesmo. Bem, e agora?

Paran arregalou os olhos.

– Você não sabe? – questionou o capitão, e Tattersail deu de ombros. – Mas

isso é ridículo! Não sei nada do que está acontecendo aqui. Acordo para encontrar uma bruxa meio morta e uma marionete falante como companhia, e de meu novo pelotão, nem sinal. Eles já partiram para Darujhistan?

– Não tenho como responder muita coisa – murmurou Tattersail. – Tudo o que posso lhe dizer é que o sargento o queria vivo, porque precisa saber quem tentou assassinar você. Todos nós gostaríamos de saber, na verdade.

Ela ficou em silêncio, ansiosa.

Paran observou seu rosto redondo e fantasmagoricamente pálido. Havia algo na mulher que parecia ignorar sua aparência banal, superá-la, na verdade, de forma que o capitão se via reagindo de maneiras que o surpreendiam. Era, ele notou, um rosto amigável, e não conseguia se lembrar da última vez que tivera tal experiência. O fato o desequilibrava, tendo apenas Tattersail para estabilizá-lo. E aquilo o fazia se sentir como se fosse uma espiral descendente, com a feiticeira no centro. Descendente? Talvez fosse uma espiral ascendente. Não tinha certeza, e a incerteza o deixava cauteloso.

– Não me lembro de nada – afirmou Paran.

E aquilo não era inteiramente mentira, embora sentisse que sim quando os olhos semicerrados da mulher se fixaram nele.

– Acho que havia duas pessoas – acrescentou, apesar de seus receios. – Lembro-me de uma conversa, embora eu estivesse morto. Eu acho.

– Mas você ouviu uma moeda girando – falou Tattersail.

– Sim – respondeu ele, atordoado.

E mais... Eu fui a um lugar... Luz amarela infernal, um coro de gemidos, uma cabeça de morte...

Tattersail aquiesceu para si mesma como se confirmando uma suspeita.

– Um deus interveio, capitão Paran. Trouxe sua vida de volta. Você pode achar que foi em seu favor, mas temo que não tenha havido nenhum altruísmo envolvido. Você está me acompanhando?

– Estou sendo usado – declarou Paran, monocórdio.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Isso não o incomoda?

Paran deu de ombros e se virou.

– Não é nenhuma novidade – resmungou o jovem capitão.

– Entendo – disse ela, tranquila. – Então Whiskeyjack estava certo. Você não é só um capitão novo; é muito mais que isso.

– Isso é assunto meu – rosnou Paran, ainda evitando o olhar da mulher. Então, a encarou com uma expressão sombria. – E qual é seu papel em tudo isso? Você tomou conta de mim. Por quê? Servindo o seu deus, é?

Tattersail soltou uma risada estranha.

– Improvável. Também não fiz muito por você, em todo caso. Oponn tomou conta disso.

Paran enrijeceu.

– Oponn?

Os Gêmeos, irmã e irmão, os Gêmeos do Acaso. Ele que empurra, ela que puxa. Eles estiveram em meus sonhos? Vozes, menção à minha... espada. Ele ficou imóvel por um tempo, depois se dirigiu ao aparador. Ali estava sua espada embainhada. Pousou uma mão no cabo.

– Comprei esta espada há três anos – continuou Paran –, embora seu primeiro uso tenha ocorrido apenas algumas noites atrás, contra um cachorro.

– Você se lembra disso?

Algo na voz de Tattersail o fez se virar. Viu medo nos olhos dela. A feiticeira não tentou esconder. Ele assentiu.

– Ainda assim, eu dei um nome à espada no dia em que a comprei.

– Qual nome?

O sorriso de Paran foi macabro.

– Acaso.

– O padrão está há muito tempo sendo tecido – disse Tattersail, fechando os olhos e suspirando. – Embora eu suspeite que nem mesmo Oponn teria sido capaz de imaginar que sua lâmina experimentaria o primeiro sangue em um Cão da Sombra.

Paran fechou os olhos e suspirou.

– O cachorro era um Cão...

Ela olhou para ele e assentiu.

– Você conheceu Hairlock? – perguntou a feiticeira.

– Sim.

– Cuidado com ele – disse Tattersail. – Foi o desencadeamento de um

Labirinto do Caos dele que me deixou com febre. Se Labirintos são de fato estruturados, então o de Hairlock é diametralmente oposto ao meu. Ele é louco, capitão, e jurou matar você.

Paran prendeu sua espada.

– Qual é o papel *dele* em tudo isso?

– Não tenho certeza – respondeu Tattersail.

Aquilo soou como uma mentira, mas Paran deixou passar.

– Ele estava vindo toda noite para verificar seu progresso – explicou ele. – Mas não o vi nas duas últimas noites.

– Por quantos dias estive apagada?

– Seis, eu acho. Temo não ter mais certeza da passagem do tempo do que você. – Ele caminhou até a porta. – Tudo o que sei é que não posso ficar escondido aqui para sempre.

– Espere!

Paran sorriu.

– Muito bem. – Ele a encarou outra vez. – Diga-me por que não deveria partir.

A feiticeira hesitou e em seguida falou:

– Eu ainda preciso de você aqui.

– Por quê?

– Não é de mim que Hairlock tem medo – respondeu ela, parecendo ter dificuldade para encontrar as palavras. – Foi você, sua espada, que me manteve viva. Ele viu o que você conseguiu fazer com o Cão.

– Droga – sibilou o capitão.

Embora ainda fosse essencialmente uma estranha para ele, a feiticeira o tocara com a confissão. Tentou lutar contra a compaixão que nasceu dentro dele. Disse a si mesmo que sua missão anulava todas as outras preocupações, que já pagara sua dívida com ela, se é que houvera uma, e que a mulher não lhe dera todas as razões que suspeitava existirem para ele continuar escondido, o que queria dizer que a feiticeira não confiava nele. Disse a si mesmo todas essas coisas, mas nenhuma delas foi suficiente.

– Se você for – disse ela –, Hairlock vai me matar.

– E quanto às defesas ao seu redor? – exigiu saber, quase desesperado. –

Hairlock contou que você tinha defesas ao seu redor.

Tattersail deu um sorriso cansado.

– Acha que ele lhe diria como você realmente é perigoso? Defesas? – Ela riu. – Não tenho forças nem para ficar sentada ereta. Se eu tentasse abrir meu Labirinto nesse estado, o poder iria me consumir e me queimar até eu virar cinzas. Hairlock quer que você seja mantido no escuro... a respeito de tudo. A marionete mentiu.

Até aquilo soou como meia verdade aos ouvidos de Paran. Mas havia o suficiente ali para fazer sentido; isso explicava o ódio que Hairlock tinha por ele e também o medo óbvio da marionete. A maior deturpação viria de Hairlock, não de Tattersail, ou era no que Paran acreditava, embora houvesse pouco para sustentar tal crença. Só que... pelo menos Tattersail era humana. Suspirou.

– Cedo ou tarde – disse ele, soltando o cinto que prendia a espada e colocando ambos de volta no aparador –, você e eu precisaremos parar com esse jogo enganoso. Com ou sem Oponn, temos um inimigo em comum.

Tattersail suspirou.

– Obrigada... Capitão Paran?

Ele a fitou cuidadosamente.

– Quê?

Ela sorriu.

– Foi bom conhecer você.

Paran fez uma careta. Ela estava fazendo aquilo de novo.

– Este parece ser um exército infeliz – disse Lorn, enquanto esperavam do lado de fora do Portão Norte de Pale.

Um dos guardas entrara na cidade em busca de outro cavalo, e os outros três murmuravam entre si a uma pequena distância.

Jovem Toc desmontara. Aproximou-se de sua égua e disse:

– E é, conselheira. Bastante infeliz. Junto ao desmantelamento do Segundo e do Sexto Exércitos, veio uma miscelânea de ordens. Ninguém está onde estava antes, nem mesmo o recruta mais inexperiente. Pelotões se dividem em todo lugar. E agora há o rumor de que os Queimadores de Pontes serão reformados. –

Deu uma olhada nos três soldados e viu seus olhos duros sobre ele e a conselheira. Tranquilamente, acrescentou: – As pessoas por aqui não gostam disso.

Lorn se reclinou na sela. A dor em seu ombro virara um latejar constante, e ela estava feliz pelo fato de a jornada terminar... pelo menos por ora. Não haviam visto mais o t'lan imass desde o túmulo, embora ela frequentemente sentisse sua presença, no vento poeirento, sob a planície rachada. Enquanto permanecia na companhia de Jovem Toc, sentia a fúria incansável se agitando entre as forças malazanas naquele continente.

Em Pale, dez mil soldados se apinhavam, à beira de um motim; os espiões entre eles foram brutalmente removidos e aguardavam apenas a palavra do Alto Punho Dujek. E o Alto Mago Tayschrenn não estava facilitando as coisas ao anular abertamente as instruções de Dujek para seus oficiais. Apesar disso, o que mais perturbava a conselheira era aquela história vaga a respeito de um Cão da Sombra lutando contra a última maga do quadro do Segundo: havia um mistério ali, que ela suspeitava ser vital. Com o resto ela poderia lidar, contanto que assumisse o comando.

A conselheira estava ávida por sua reunião com Tayschrenn e com aquela feiticeira Tattersail. O nome da maga lhe era familiar, evocando memórias que pareciam ter nascido em sua infância. Em torno daquelas pistas evasivas, havia um manto de medo. Mas Lorn estava determinada a lidar com aquele assunto quando chegasse a hora.

O portão se abriu. Ela ergueu os olhos para ver o soldado em um cavalo de guerra; eles tinham companhia. Jovem Toc se apressou a bater continência, com uma energia por trás do gesto que fez Lorn duvidar de sua lealdade. A conselheira desmontou devagar e então inclinou a cabeça para o Alto Punho Dujek.

O homem parecia ter envelhecido uns dez anos desde que ela o vira pela última vez, treze meses antes, em Genabaris. Um leve sorriso tocou a boca de Lorn quando imaginou a cena vista de fora: o Alto Punho, um homem desgastado, exausto, maneta; a conselheira da imperatriz com o braço da espada em uma tipoia; e Jovem Toc, último representante da Garra em Genabackis, caolho e com metade do rosto coberta por uma cicatriz de queimadura. Ali

estavam eles, representantes de três dos poderes do Império no continente, e todos pareciam estar no inferno.

Interpretando mal seu sorriso, Dujek sorriu.

– É bom ver você também, conselheira. Eu estava supervisionando o reabastecimento quando este guarda trouxe notícias de sua chegada. – Sua expressão ficou pensativa ao fitá-la, e o sorriso se desvaneceu. – Encontrarei para você um curandeiro Denul, conselheira.

– Feitiçaria não funciona em mim, Alto Punho. Há muito tempo. Um curandeiro comum é suficiente. – Seu olhar se estreitou para Dujek. – Partindo do pressuposto de que não precisarei desembainhar minha espada dentro dos muros de Pale.

– Não posso garantir, conselheira – disse Dujek, casualmente. – Venha, vamos andar.

Lorn se virou para Jovem Toc.

– Obrigada por me acompanhar, soldado.

Dujek riu, os olhos brilhando para Toc.

– Desnecessário, conselheira. Eu sei quem e o que Jovem Toc é, como quase todo mundo. Se ele for tão bom Garra quanto é soldado, você faria bem em mantê-lo vivo.

– O que você quer dizer?

Dujek gesticulou para eles caminharem.

– Quero dizer que a reputação dele como soldado do Segundo é a única coisa impedindo que uma espada corte seu pescoço. Estou querendo dizer: “Tire-o de Pale”.

A conselheira fitou Toc.

– Eu o vejo depois – disse ela.

Juntando-se a Dujek, que passara por baixo do gigantesco arco do portão, Lorn acompanhou o passo ao entrarem na cidade. Soldados enchiam as ruas, direcionando carroças de mercadores e as multidões da população. Vestígios da chuva de morte ainda maculavam muitos dos prédios, mas trabalhadores haviam sido comissionados para executar tarefas sob a orientação dos soldados.

– A nobreza está prestes a ser morta – disse Dujek ao seu lado. – Tayschrenn quer que a matança seja completa e pública.

– Política do Império – respondeu Lorn, em tom severo. – Você sabe muito bem, Alto Punho.

Dujek olhou feio para ela.

– Enforcar nove a cada dez nobres, conselheira? Incluindo as crianças?

Lorn o encarou.

– Isso parece excessivo – refletiu a conselheira.

Dujek ficou em silêncio por um tempo, guiando-a pela avenida principal e então se dirigindo morro acima, em direção ao quartel-general do Império. Muitos rostos se viraram para encará-los friamente enquanto passavam. Parecia que a identidade de Dujek era conhecida pelos cidadãos de Pale. Lorn tentou entender que sentimentos a presença dele evocava, mas não conseguiu ter certeza se era medo, respeito ou ambos.

– Minha missão – disse ela, ao se aproximarem de uma construção de pedra de três andares com a entrada bloqueada por uma dúzia de soldados vigilantes – vai me levar para fora da cidade logo...

– Não quero nenhum detalhe, conselheira – interrompeu Dujek. – Você faz o que tem que fazer e fica fora do meu caminho.

O tom dele era ameaçador, mas quase agradável, apesar de Lorn sentir seus músculos se contraírem. Aquele homem estava sendo pressionado, e a pressão vinha de Tayschrenn. O que o Alto Mago estava tramando? A situação toda fedia a incompetência.

– Como eu estava dizendo – continuou Lorn –, não ficarei por muito tempo. Enquanto estiver aqui, entretanto – acrescentou, e sua voz endureceu –, deixarei claro para o Alto Mago que a interferência dele na administração da cidade não será tolerada. Se você precisa de apoio, você o tem, Dujek.

Pararam diante da entrada da construção e o velho encarou firmemente a mulher, como se pesasse sua sinceridade. No entanto, quando Dujek falou, suas palavras a surpreenderam:

– Eu posso cuidar de meus problemas, conselheira. Faça o que quiser, não estou pedindo nada.

– Você vai permitir a matança excessiva da nobreza, então?

A expressão de Dujek adquiriu linhas de teimosia.

– Táticas de batalha podem ser aplicadas a qualquer situação, conselheira. E

o Alto Mago não é um estrategista.

Ele se virou e a guiou escada acima. Dois guardas abriram as portas revestidas de bronze, que pareciam novas. O Alto Punho e a conselheira entraram.

Caminharam por um longo e largo corredor, com portas dos dois lados a cada 3 metros, mais ou menos. Soldados estavam de guarda diante de cada uma delas, com as mãos nas armas. Era claro para Lorn que o incidente com o Cão aumentara a precaução para um nível quase absurdo. Uma ideia lhe ocorreu.

– Alto Punho, houve algum atentado contra sua vida?

O grunhido de Dujek soou divertido.

– Quatro na última semana, conselheira. Você se acostuma. Todos esses soldados aqui se voluntariaram. Nem me ouvem mais. O último assassino foi tão gravemente estraçalhado que não consegui sequer descobrir se era homem ou mulher.

– Você tem muitos nativos das Sete Cidades em suas legiões, Alto Punho?

– Sim. Quando querem, sua lealdade não tem limites.

Leais a quê, Lorn perguntou-se, *e a quem?* Ultimamente, recrutas das Sete Cidades estavam sendo mandados a outros lugares. A imperatriz não queria que os soldados de Dujek soubessem que sua terra natal estava à beira de uma rebelião. Essas notícias poderiam criar uma movimentação ali em Genabackis, disparando então o gatilho nas próprias Sete Cidades. Tanto Lorn quanto a imperatriz estavam bem conscientes de como as coisas haviam se tornado perigosas, e ambas tinham que caminhar com cuidado em seus esforços para consertar o estrago. Estava ficando óbvio que Tayschrenn representava um grande problema. Lorn percebeu que precisava do apoio de Dujek mais do que ele precisava do dela.

Chegaram ao fim do corredor, onde havia imensas portas duplas. Os soldados de cada lado bateram continência para o Alto Punho e as abriram. Além delas, havia uma câmara grande, dominada por uma mesa de madeira de lei no centro. Mapas, rolos de pergaminho, tinta e frascos de pintura se amontoavam em sua superfície. Dujek e Lorn entraram, e as portas se fecharam atrás deles.

– Tayschrenn foi informado de sua chegada, mas se atrasará um pouco – disse Dujek, sentando-se na beirada da mesa. – Se você tiver perguntas a respeito

dos acontecimentos recentes em Pale, as faça agora.

Lorn sabia que ele estava lhe dando a oportunidade de ouvir respostas que não viriam de Tayschrenn. Embora coubesse a ela acreditar em uma ou em outra versão. Lorn começou a apreciar o comentário de Dujek a respeito das táticas de batalha. Encaminhou-se para uma cadeira próxima e se sentou devagar nas almofadas.

– Muito bem, Alto Punho – disse ela. – Assuntos menores primeiro. Você encontrou alguma dificuldade com os moranthianos?

Dujek fez uma careta.

– É engraçado você perguntar. Eles estão ficando bastante nobres em algumas coisas. Passei o inferno para fazer os Dourados, os guerreiros de elite deles, lutarem contra Caladan Brood. Parece que eles o consideram honorável demais para tratarem-no como inimigo. A aliança inteira ficou balançada por um tempo nesse ponto, mas no final eles marcharam. Logo mandarei os Negros se juntarem a eles.

Lorn aquiesceu.

– Problemas similares com os Verdes e com os Azuis em Genabaris – disse ela –, o que explica por que vim por terra. A imperatriz sugere que aproveitemos ao máximo a aliança, já que ela pode não durar.

– Não temos muita escolha – grunhiu Dujek. – Quantas legiões terei na chegada da primavera?

Lorn hesitou, então respondeu:

– Duas. E um regimento de lanceiros wickanos. Os wickanos e a Décima Primeira Legião desembarcarão em Nathilog. A Nona vai aterrissar em Nisst e se juntará às forças convocadas. A imperatriz acredita que os últimos reforços serão suficientes para dividir a Guarda Escarlate no desfiladeiro da Raposa, abrindo assim o flanco de Brood.

– Então, a imperatriz é uma tola – retrucou Dujek, em tom duro. – Os convocados são quase inúteis, conselheira, e a essa altura do próximo ano a Guarda Escarlate terá libertado Nisst, Treet, Gato Caolho, Porule, Garalt e...

– Eu conheço a lista. – Lorn se levantou abruptamente. – Você vai receber mais duas legiões no próximo ano, Alto Punho. É isso.

Dujek pensou por algum tempo com o olhar no mapa preso sobre o tampo da

mesa. Lorn aguardou. Sabia que ele estava perdido em reordenar e reavaliar seus planos para a campanha da estação seguinte, submerso num mundo de equipamentos e divisões, procurando se antecipar a Caladan Brood e ao comandante da Guarda Escarlate, o príncipe K'azz. Ele finalmente pigarreou.

– Conselheira, é possível inverter os desembarques? A Décima Primeira e os lanceiros wickanos desembarcando na costa leste, ao sul de Pomo. A Nona na costa oeste, em Tulipas.

Lorn se aproximou da mesa e estudou o mapa. *Tulipas? Por que lá?* Aquilo não fazia o menor sentido.

– A imperatriz ficará curiosa acerca de sua revisão dos planos, Alto Punho.

– O que quer dizer "talvez". – Dujek esfregou os pelos do maxilar, então assentiu com vigor. – Está bem, conselheira. Primeiro, os convocados não vão segurar o desfiladeiro da Raposa. A Guarda Escarlate estará nas terras do norte quando nossos reforços chegarem. Boa parte daquela área é plantação, pasto. Enquanto batemos em retirada, puxando os convocados de volta para Nisst, arrasamos o campo. Sem colheitas, sem gado. Agora, conselheira, qualquer exército em movimento, qualquer exército perseguindo um exército derrotado, está fadado a deixar seu comboio de suprimentos para trás, estendendo suas linhas em sua pressa para pegar o inimigo e dar o golpe de misericórdia. E é aí que os lanceiros wickanos entram.

Os wickanos eram saqueadores natos, Lorn sabia. Nessa campina, seriam evasivos, golpeando rápido e com consequências mortais.

– E a Décima Primeira? Onde estará em tudo isso?

– Um terço dela estará alocado em Nisst. O resto estará em marcha acelerada rumo ao desfiladeiro da Raposa.

– Enquanto Caladan Brood continua no sul da floresta do Cão Negro? Isso não faz sentido, Alto Punho.

– Você sugeriu usar os moranthianos, se tiverem algum valor, não foi? Bom, de Tulipas os moranthianos e seus quorls estarão organizando um transporte aéreo em massa. – Os olhos de Dujek se estreitaram enquanto ele estudava o mapa. – Quero a Nona ao sul do pântano da floresta do Cão Negro quando eu trouxer minhas forças daqui e colocá-las ao sul de Brood. Uma investida combinada dos Dourados e dos Negros deve trazê-lo para nosso colo, enquanto

seus aliados, a Guarda Escarlate, vão estar presos do lado errado do desfiladeiro da Raposa.

– Você pretende transportar uma legião inteira pelo ar?

– A imperatriz quer ganhar esta guerra enquanto estiver viva ou não? – Ele se afastou da mesa e começou a andar de um lado para outro. Como se transtornado por dúvidas repentinas, acrescentou: – Veja bem, pode ser tudo teórico. Se eu fosse Brood, eu... – Sua voz foi enfraquecendo, e ele encarou a conselheira. – As ordens dos transportes serão invertidas?

Lorn examinou o rosto dele. Algo lhe dizia que o Alto Punho acabara de dar um salto intuitivo, que tinha a ver com Caladan Brood e que, até onde dizia respeito a Dujek, era realmente teórico. Percebeu também que aquilo era algo que Dujek não compartilharia com ela. Lorn analisou o mapa de novo, tentando ver o que Dujek vira. Mas era inútil; ela não era uma estrategista. Tentar adivinhar os pensamentos de Dujek já era difícil o bastante; fazer o mesmo com Caladan Brood era impossível.

– Seu plano, apesar de ousado, está oficialmente aceito, em nome da imperatriz. Sua solicitação será atendida.

Dujek aquiesceu, sem muito entusiasmo.

– Uma coisa, Alto Punho, antes de Tayschrenn chegar. Um Cão da Sombra apareceu aqui?

– Sim – respondeu o homem. – Eu não estava presente na hora, mas vi a confusão que a fera deixou para trás. Se não fosse por Tattersail, teria sido muito pior.

Lorn viu um brilho de horror nos olhos de Dujek, e a cena de dois anos antes, na estrada da costa a oeste de Itko Kan, voltou à sua mente.

– Eu já vi a obra de Cães antes – disse a conselheira, encarando-o.

Naquele momento de olhares cruzados, compartilharam algo profundo. Dujek logo desviou o olhar.

– Essa Tattersail – continuou Lorn, para esconder uma pontada de arrependimento – deve ser uma feiticeira bastante habilidosa.

– A única maga do quadro que sobreviveu ao ataque de Tayschrenn contra a Cria da Lua – respondeu Dujek.

– É mesmo?

Para Lorn, aquela revelação era ainda mais extraordinária. Ela se perguntou se Dujek suspeitava de algo, mas suas palavras seguintes a deixaram aliviada:

– Ela disse que foi sorte, nas duas ocasiões, e pode estar certa.

– Ela é uma maga de quadro há muito tempo? – perguntou Lorn.

– Desde que assumi o comando. Talvez oito, nove anos – respondeu o Alto Punho.

Então, a familiaridade do nome de Tattersail voltou a Lorn, como um punho couraçado espremendo seu coração. Ela se sentou novamente, e Dujek deu um passo em sua direção, com genuína preocupação nos olhos.

– Sua lesão precisa ser tratada – continuou Dujek, ríspido. – Eu não deveria ter esperado.

– Não, não, está tudo bem. Cansaço, só isso.

Ele a analisou, intrigado.

– Gostaria de um vinho, conselheira?

Ela assentiu. *Tattersail. Seria possível?* Ela saberia se visse a mulher.

– Nove anos – murmurou ela. – O Rato.

– Perdão? – perguntou o Alto Punho.

Ela levantou os olhos e se deparou com Dujek à sua frente. O Alto Punho lhe oferecia um cálice de vinho.

– Nada – disse ela, aceitando a bebida. – Obrigada.

Quando as portas duplas se abriram, ambos se viraram. Tayschrenn entrou, o rosto sombrio furioso ao confrontar Dujek.

– Maldito seja você – grunhiu o Alto Mago. – Se teve algo a ver com isso, vou descobrir, eu juro.

Dujek arqueou uma sobrancelha.

– Algo a ver com o quê, Alto Mago? – perguntou ele, friamente.

– Acabei de ir ao Salão dos Registros. Houve um incêndio? O lugar parece uma fornalha.

Lorn se levantou e ficou no meio dos dois.

– Alto Mago Tayschrenn – disse ela, em um tom baixo e perigoso –, talvez você possa me dizer por que esse assunto de um incêndio em algum compartimento burocrático deva predominar sobre todas as demais considerações.

Tayschrenn piscou.

– Imploro seu perdão, conselheira – retrucou ele, tenso –, mas no Salão de Registros estavam as listas do censo da cidade. – Seus olhos negros se desviaram dela para se fixarem em Dujek. – Todos os nomes da nobreza de Pale poderiam ser encontrados lá.

– Que falta de sorte – disse o Alto Punho. – Você começou uma investigação? Os serviços de minha equipe estão, é claro, inteiramente ao seu dispor.

– Isso é desnecessário, Alto Punho – falou o mago, de modo arrastado e sarcástico. – Para que tornar redundantes todos os seus outros espiões? – Tayschrenn silenciou, então recuou um passo e fez uma reverência a Lorn. – Saudações, conselheira. Peço desculpas por esta reunião aparentemente descortês...

– Guarde suas desculpas para depois – disse Lorn, monocórdia, e encarou Dujek. – Obrigada pelo vinho e pela conversa – completou, notando com satisfação que Tayschrenn enrijecera ao ouvir aquilo. – Acredito que haverá um jantar formal esta noite, estou certa?

Dujek aquiesceu.

– É claro, conselheira.

– Faria a gentileza de requisitar o comparecimento de Tattersail também?

Ela sentiu outro sobressalto do Alto Mago e viu no olhar de Dujek um novo respeito ao fitá-la, como se reconhecendo suas habilidades táticas naquele tipo de situação.

Tayschrenn interveio:

– Conselheira, a feiticeira está doente em consequência de seu encontro com o Cão da Sombra – informou ele, sorrindo para Dujek –, o que, tenho certeza, já lhe foi relatado pelo Alto Punho.

Não tão bem quanto eu gostaria, pensou Lorn com pesar, mas deixou Tayschrenn imaginar o pior.

– Estou interessada na avaliação de um mago sobre esse acontecimento, Alto Mago – disse ela.

– O que terá em breve – respondeu Tayschrenn.

– Pedirei informações acerca da saúde de Tattersail, conselheira – falou o

Alto Punho, curvando-se. – Se me der licença, vou agora mesmo.

Virou-se para Tayschrenn e inclinou a cabeça rudemente. Tayschrenn observou o velho maneta deixar a sala e esperou as portas se fecharem.

– Conselheira, essa situação é...

– Absurda – completou Lorn, acaloradamente. – Caramba, Tayschrenn, onde está seu discernimento? Você enfrentou o canalha mais ardiloso que todo o exército do Império já teve o privilégio de ter em seu quadro, e ele está comendo você vivo. – Ela se virou para a mesa e encheu seu cálice. – E você merece isso.

– Conselheira...

Ela o encarou.

– Não. Ouça, Tayschrenn. Falo diretamente pela imperatriz. Ela aprovou com relutância que você comandasse o ataque à Cria da Lua... Mas, se soubesse que era tão inepto em sutilezas, jamais teria permitido isso. Acha que todos os outros são tolos?

– Dujek é só um homem – disse Tayschrenn.

Lorn tomou um bom gole de vinho, então baixou o cálice e esfregou a testa.

– Dujek não é o inimigo – respondeu ela, exausta. – Dujek nunca foi o inimigo.

Tayschrenn deu um passo à frente.

– Ele era um homem do imperador, conselheira.

– Contestar a lealdade desse homem ao Império é insultuoso, e é esse insulto que pode muito bem fazê-lo mudar de lado. Dujek não é apenas um homem. Bem, agora ele é 10 mil homens, e em um ano será 25 mil. Ele não cede quando você pressiona, cede? Não, porque não pode. Ele tem 10 mil soldados atrás dele, e, acredite em mim, quando eles ficarem bravos o bastante para pressionarem de volta, você não será capaz de fazer frente a eles. Quanto a Dujek, ele vai acabar sendo levado pela maré.

– Então ele é um traidor.

– Não. Ele é um homem que cuida daqueles por quem é responsável, do começo ao fim. Ele é o melhor do Império. Se for obrigado a mudar de lado, Tayschrenn, então *nós* somos os traidores. Estou me fazendo entender?

O rosto do Alto Mago ficou marcado por uma carranca profunda e perturbada.

– Sim, conselheira, está – respondeu ele, em voz baixa, então a encarou. – A tarefa que a imperatriz me atribuiu pesa muito, conselheira. Não são esses os meus pontos fortes. Você faria bem em me dispensar.

Lorn considerou aquilo seriamente. Magos, por natureza, nunca inspiravam lealdade. Medo, sim, e o respeito nascido do medo, mas a única coisa que um mago achava difícil de entender ou enfrentar era a lealdade. E, ainda assim, houvera um mago, muito tempo antes, que inspirara lealdade... e ele se tornou o imperador.

– Alto Mago, todos concordamos com uma coisa: a velha guarda tem que desaparecer. Todos que estavam ao lado do imperador e ainda se agarram à sua memória trabalharão sempre contra nós, consciente ou inconscientemente. Dujek é uma exceção, e há um punhado de outros como ele. Esses nós não devemos perder. Quanto aos outros, devem morrer. O risco está em alertá-los do fato. Se deixarmos que percebam, podemos acabar com uma insurreição de tal magnitude que destruirá o Império.

– Exceto Dujek e Tattersail – disse Tayschrenn –, limpamos todos os outros. Quanto a Whiskeyjack e seu pelotão, ele é todo seu, conselheira.

– Com sorte – falou Lorn, e franziu o cenho quando o Alto Mago se encolheu. – Qual é o problema?

– Eu leio atentamente meu Baralho de Dragões todas as noites. E tenho certeza que Oponn entrou no mundo dos assuntos mortais. A própria leitura de Tattersail fez muito para confirmar minhas suspeitas.

Lorn o olhou com azedume.

– Ela é uma Adepta?

– Muito mais Adepta do que eu – admitiu Tayschrenn.

Lorn refletiu.

– O que você pode me dizer a respeito do envolvimento de Oponn?

– Darujhistan – respondeu ele.

Lorn fechou os olhos.

– Eu temia que dissesse isso. Precisamos de Darujhistan. Desesperadamente. Sua riqueza, vindo para nossas mãos, quebraria a espinha do continente.

– Eu sei, conselheira. Mas a questão é ainda pior do que você acredita. Eu também creio que, de algum modo, Whiskeyjack e Tattersail firmaram uma

aliança.

– Alguma notícia do que aconteceu com o capitão Paran?

– Nenhuma. Alguém o está escondendo, ou o corpo dele. Estou inclinado a acreditar que está morto, conselheira, mas sua alma ainda precisa atravessar o Portão do Encapuzado, e somente um mago pode evitar isso.

– Tattersail?

O Alto Mago deu de ombros.

– Talvez. Gostaria de saber mais sobre o papel desse capitão nisso tudo.

Lorn hesitou e então disse:

– Ele estava envolvido em uma busca longa e árdua.

Tayschrenn grunhiu.

– Pode ser que ele tenha encontrado o que quer que estivesse procurando.

Lorn o fitou.

– Talvez – disse a conselheira. – Diga-me, essa Tattersail é muito boa?

– Boa o bastante para ser uma Alta Maga. Boa o bastante para sobreviver ao ataque de um Cão e rechaçá-lo, embora eu não acreditasse que tal coisa fosse possível. Mesmo eu teria dificuldade em fazer isso.

– Ela deve ter recebido ajuda – murmurou Lorn.

– Eu não havia pensado nisso.

– Pense agora – disse Lorn. – Mas, antes que o faça, a imperatriz requer que você continue com seus esforços, embora não contra Dujek. Você é necessário aqui como condutor, caso minha missão dê errado em Darujhistan. Não se envolva com a administração da ocupação de Pale. Além disso, você vai dar a Dujek detalhes do aparecimento de Oponn. Se um deus entrou na briga, ele tem o direito de saber e de fazer planos de acordo com essa situação.

– Como alguém pode planejar algo com Oponn no jogo?

– Deixe isso para Dujek. – Ela analisou o rosto dele. – Você tem dificuldade com alguma dessas instruções?

Tayschrenn sorriu.

– Na verdade, conselheira, estou bastante aliviado.

Lorn aquiesceu.

– Ótimo. Agora, preciso de um curandeiro comum e de aposentos.

– É claro. – Tayschrenn caminhou para as portas, então parou e se virou. –

Conselheira, estou feliz por você estar aqui.

– Obrigada, Alto Mago.

Depois que ele saiu, Lorn se afundou na cadeira, e sua mente voltou nove anos, para as visões e os sons vivenciados por uma criança, para uma noite, uma noite em particular no Rato, quando cada pesadelo da imaginação de uma menina se tornara real. Ela se lembrava de sangue, sangue em todo lugar, e dos rostos vazios de sua mãe, seu pai e seu irmão mais velho... Rostos insensibilizados pela compreensão de que haviam sido poupados, que o sangue não era deles. Quando as lembranças se esgueiraram mais uma vez por sua mente, um nome cavalgou os ventos, farfalhando no ar como se arranhasse galhos mortos. Os lábios de Lorn se abriram, e ela sussurrou:

– Tattersail.

A feiticeira encontrou forças para deixar a cama. Estava perto da janela, apoiando a mão na moldura, e olhava a rua abaixo, cheia de carroças militares. A pilhagem sistemática que o oficial intendente chamava de “reabastecimento” estava em curso. A expulsão da nobreza e da aristocracia de suas propriedades familiares para alocar as corporações oficiais, de que ela fazia parte, acabara dias antes, enquanto o conserto dos muros externos, a restauração dos portões rachados e a limpeza de “chuva da Lua” continuavam a grande velocidade.

Estava feliz por ter perdido o rio de cadáveres que devia ter enchido as ruas da cidade durante a fase inicial de limpeza: carroça após carroça gemendo sob o peso de corpos esmagados, carne branca queimada por fogo e cortada por espada, corroída por ratos e bicada por corvos, homens, mulheres e crianças. Era uma cena que já presenciara antes, e não tinha vontade de vê-la nunca mais.

Choque e terror haviam dado lugar a cenas de normalidade, que reapareciam à medida que fazendeiros e mercadores emergiam de seus esconderijos para satisfazer as necessidades tanto de invasores quanto de invadidos. Curandeiros malazanos haviam varrido a cidade, extirpando os focos de pragas e tratando doenças comuns entre aqueles que tocavam. Nenhum cidadão seria tirado do caminho. E os sentimentos da cidade começaram sua longa e perfeitamente planejada mudança.

Logo, Tattersail sabia, haveria o morticínio da nobreza, uma devastação que levaria à forca os nobres mais gananciosos e menos estimados. E as execuções seriam públicas. Era um procedimento testado e aprovado, que engrossava o recrutamento em uma maré de vingança baixa, com cada mão manchada por uma alegria justa. Uma espada nessas mãos completava o processo e incluía todos os participantes na caçada pela próxima vítima para a causa: a causa do Império.

Ela vira aquele ato em uma centena de cidades. Não importava a bondade dos governantes originais, não importava a generosidade da nobreza, a palavra do Império, tornada mais pesada pelo poder, distorcia o passado para mostrar uma tirania de demônios. Uma nota triste a respeito da humanidade, uma lição amarga tornada imunda por seu próprio papel nela.

Em sua mente, os rostos dos Queimadores de Pontes reapareceram, como um estranho contraponto ao cinismo com que via tudo mais ao seu redor. Whiskeyjack era um homem pressionado ao limite, ou, na verdade, o limite se arrastava para cima dele por todos os lados, em um desmoronamento de crenças, uma falta de confiança, deixando seu pelotão como sua última reivindicação à humanidade, um punhado cada vez menor das únicas pessoas que ainda importavam. Ele, contudo, persistia, e pressionava de volta, pressionava fortemente. Tattersail gostava de pensar – não, queria acreditar – que ele iria vencer no final, que viveria para ver seu mundo livre do Império.

Ben Ligeiro e Kalam procuravam tomar a responsabilidade dos ombros do sargento. Era o único meio de amar o homem, embora nunca fossem colocar a situação nesses termos. Nos outros, exceto em Piedade, ela via o mesmo, ainda que mostrassem um desespero que julgava adorável, um desejo pueril de aliviar Whiskeyjack de tudo que havia sido incumbido a ele por aquele lugar sombrio.

Tattersail reagia a eles de um modo mais profundo do que pensara ser possível, de um âmago que estava convencida de ter sido queimado, tendo suas cinzas espalhadas em um lamento silencioso – um âmago a que nenhum mago poderia se permitir. Tattersail reconhecia o perigo, mas isso só tornava tudo mais atraente.

Piedade era outro assunto, e a feiticeira se viu evitando pensar naquela jovem.

E restara Paran. O que fazer quanto ao capitão? No momento, o homem se encontrava na sala, sentado na cama atrás dela lubrificando a espada, Acaso. Não haviam falado muito desde que ela acordara, quatro dias antes. Ainda havia muita desconfiança.

Talvez fosse aquele mistério, aquela incerteza, que os tornara tão atraídos um pelo outro. E a atração era óbvia: mesmo agora, de costas para o homem, sentia uma tensão entre eles. Qualquer que fosse a energia que queimasse entre os dois, parecia perigosa... o que a tornava empolgante.

Tattersail suspirou. Hairlock aparecera naquela manhã, ansioso e agitado a respeito de alguma coisa. A marionete não respondera a suas perguntas, mas a feiticeira suspeitava que Hairlock encontrara um rastro, e este talvez levasse a marionete para fora de Pale, até Darujhistan. Não era um pensamento feliz.

Ela enrijeceu quando o feitiço de defesa que pusera do lado de fora da porta foi ultrapassado. Virou-se na direção de Paran.

– Um visitante – avisou-o.

Ele se levantou, com Acaso nas mãos. A feiticeira sacudiu a mão para ele.

– Você não está visível, capitão, ninguém pode sentir sua presença. Não faça nenhum som e espere aqui.

Ela foi para a sala, bem quando uma batida suave soou à porta. Abriu-a para ver um jovem soldado em pé no corredor.

– O que é? – perguntou ela.

O soldado se curvou.

– O Alto Punho Dujek está perguntando a respeito de sua saúde, feiticeira.

– Muito melhor – respondeu ela. – Que gentileza da parte dele. Agora, se...

O soldado a interrompeu timidamente:

– Como sua resposta foi positiva, tenho que transmitir o pedido do Alto Punho para que compareça a um jantar formal esta noite no prédio principal.

Tattersail praguejou baixinho. Não deveria ter dito a verdade. Mas era tarde demais. Um “pedido” de seu comandante não poderia ser negado.

– Informe ao Alto Punho que ficarei honrada em partilhar da companhia dele no jantar. – Um pensamento de súbito lhe ocorreu. – Posso perguntar quem mais estará presente?

– O Alto Mago Tayschrenn, um mensageiro chamado Jovem Toc e a

conselheira Lorn.

– A conselheira Lorn está aqui?

– Chegou esta manhã, feiticeira.

Ah, pelo sopro do Encapuzado!

– Transmita minha resposta – disse Tattersail, lutando contra uma maré crescente de medo.

Fechou a porta, depois ouviu as botas do soldado se apressando pelo corredor.

– O que há de errado? – perguntou Paran, da porta oposta.

Ela o encarou.

– Largue essa espada, capitão. – Ela foi até o aparador e começou a remexer as gavetas. Acrescentou: – Tenho que ir a um jantar.

Paran se aproximou.

– Uma reunião oficial?

Tattersail assentiu, distraída.

– Com a conselheira Lorn também, como se só Tayschrenn já não fosse ruim o bastante.

– Então ela finalmente chegou – murmurou o capitão.

Tattersail congelou. Virou-se para ele devagar.

– Você estava esperando por ela, não?

Paran se sobressaltou e a fitou, com olhos assustados. Tattersail percebeu que os murmúrios dele não haviam sido dirigidos aos seus ouvidos.

– Caramba! – sibilou a feiticeira. – Você está trabalhando para ela!

A resposta do capitão ficou clara quando ele se virou. Com os pensamentos em uma tempestade de fúria, a feiticeira o viu desaparecer no quarto. Os fios da conspiração martelavam em sua mente. Então as suspeitas de Ben Ligeiro estavam certas: um plano havia entrado em ação para matar o batalhão. Isso deixava sua vida em risco também? Sentiu que chegava a uma decisão. Que decisão era essa, não sabia, mas seus pensamentos seguiram por uma direção que tinha o impulso inevitável de uma avalanche.

O sétimo sino estava tocando em alguma torre distante quando Jovem Toc entrou

no quartel-general do Império.

Mostrou seu convite para mais um guarda de expressão azeda, que relutantemente lhe permitiu seguir pelo corredor principal até o salão de jantar. Um mal-estar invadiu o estômago de Toc. Sabia que a conselheira estava por trás do pedido, mas ela poderia ser tão imprevisível e manipuladora quanto os outros. Cruzando as portas, aproximou-se do que poderia muito bem ser um covil cheio de víboras, todas famintas aguardando sua chegada.

Toc imaginou se seria capaz de manter a comida no estômago, mas, sabendo do aspecto da ferida em seu rosto, perguntou-se sombriamente se mais alguém seria capaz de manter a comida no estômago. Entre seus companheiros soldados, suas cicatrizes mal eram notadas: raro era o soldado no exército de Dujek que não possuísse uma cicatriz ou mais. Os poucos amigos que Toc tinha pareciam simplesmente gratos pelo fato de ele ainda estar vivo.

Nas Sete Cidades, havia a superstição de que a perda de um olho era também o nascimento da visão interior. Ele fora lembrado daquela crença pelo menos umas dez vezes nas semanas anteriores. Não lhe fora concedido nenhum dom secreto em troca de seu olho. Lampejos de luz lancinantes assaltavam sua mente de vez em quando, mas ele suspeitava que se tratava apenas de uma lembrança da última coisa que seu olho tinha visto: fogo.

E agora ele estava prestes a se sentar entre os acompanhantes mais soberbos do Império, exceto pela própria imperatriz. De repente, a ferida era um motivo de vergonha. Iria se sentar ali como testemunha dos horrores da guerra... Toc enrijeceu do lado de fora da porta que dava para o salão de jantar. Tinha sido esse o motivo do convite da conselheira? Hesitou, deu de ombros e entrou.

Dujek, Tayschrenn e a conselheira se viraram a um só tempo para olhá-lo. Jovem Toc se curvou.

– Obrigada por vir – disse a conselheira Lorn.

Ela se encontrava com os dois homens perto da maior das três lareiras, na parede oposta à entrada.

– Por favor, junte-se a nós. Estamos esperando só mais uma convidada.

Toc se aproximou, grato pelo sorriso de Dujek. O Alto Punho baixou seu cálice de cristal sobre a cornija da lareira e deliberadamente coçou o coto do braço esquerdo.

– Aposto que está deixando você quase maluco – disse o velho, alargando o sorriso.

– Eu coço com as duas mãos – falou Toc.

Dujek rosnou uma risada.

– Quer se juntar a nós para beber?

– Obrigado.

Toc percebeu a avaliação de Lorn ao aceitar um cálice de Dujek. Pegando a jarra de uma mesa próxima, seu olhar cruzou com o do Alto Mago, mas a atenção de Tayschrenn estava fixa no fogo crepitante atrás de Lorn.

– Seu cavalo se recuperou? – perguntou a conselheira.

Toc aquiesceu ao encher seu cálice.

– Estava plantando bananeira na última vez que fui olhá-la.

Lorn sorriu, hesitante, como se não tivesse certeza se ele zombara dela.

– Expliquei seu papel vital em me manter viva, Jovem Toc... Como disparou quatro flechas enquanto corria e acabou com quatro barghastianos.

Ele a olhou de modo penetrante.

– Eu não sabia que os dois últimos disparos haviam sido meus – comentou.

Provou o vinho, resistindo à vontade de coçar a ferida.

– Seu pai também tinha o hábito de surpreender as pessoas – grunhiu Dujek. – É um homem de quem sinto falta.

– Eu também – respondeu Toc, olhando para baixo.

O silêncio desajeitado que se seguiu à interação foi compassivamente quebrado pela chegada da última convidada. Toc se virou com os outros quando a porta se abriu. Olhou para a mulher parada à entrada e se sobressaltou. Aquela era Tattersail? Nunca a vira vestindo nada além de trajes de batalha, e ficou atônito. *Caramba*, pensou ele, admirado, *nada mau... Se você gostar das grandes, é claro*. Deu um meio sorriso.

A reação de Lorn ao aparecimento de Tattersail soou mais como um arquejo, e então ela falou:

– Já nos encontramos antes, embora eu duvide que você vá se lembrar.

Tattersail piscou.

– Acho que eu me lembraria – disse a feiticeira, com cautela.

– Acho que não. Eu tinha 11 anos na época.

– Então deve estar enganada. Raramente me encontro com crianças.

– Queimaram o Bairro do Rato uma semana depois que você passou por lá, Tattersail. – A voz de Lorn fez todos enrijecerem ante sua fúria mal contida. – Os sobreviventes, os que você deixou para trás, foram reinstalados no Buraco do Escárnio. E, naquelas cavernas cheias de pragas, minha mãe, meu pai e meu irmão morreram.

O sangue sumiu do rosto redondo de Tattersail.

Aturdido, Toc lançou um olhar para os outros. A expressão de Dujek estava encoberta, mas havia uma tempestade por trás de seus olhos ao observar Lorn. No rosto de Tayschrenn, ao olhar para a feiticeira, uma luz repentina irrompeu.

– Foi nossa primeira ordem – disse Tattersail, em voz baixa.

Toc viu Lorn tremendo e segurou a respiração. Mas, quando falou, a conselheira soou controlada, suas palavras, precisas:

– Uma explicação é necessária. – Ela se virou para o Alto Punho Dujek. – Eles eram recrutas, um quadro de magos. Estavam na cidade de Malaz, esperando por seu novo comandante, quando o comandante da Garra emitiu um decreto contra feitiçaria. Eles foram mandados para o Bairro Velho, o Rato, para limpá-la. Agiram de modo... – sua voz entalou na garganta –... indiscriminado. – A conselheira voltou sua atenção para Tattersail. – Esta mulher estava entre aqueles magos. Feiticeira, aquela noite foi a última que passei com minha família. Fui entregue à Garra no dia seguinte. A notícia da morte de minha família me foi ocultada por anos. Ainda assim – as palavras dela se reduziram a um sussurro –, eu me lembro muito bem daquela noite. O sangue, os gritos.

Tattersail parecia incapaz de falar. O ar na sala se tornara espesso, sufocante. Por fim, a feiticeira tirou o olhar da conselheira e disse a Dujek:

– Alto Punho, foi nossa primeira ordem. Perdemos o controle. Eu me exonerei da divisão de oficiais no dia seguinte e fui enviada para outro exército. – Ela recobrou a compostura. – Se é desejo da conselheira convocar um tribunal, não ofereço defesa e vou aceitar minha execução como uma penalidade justa.

– Isso é aceitável – respondeu Lorn.

Baixou a mão esquerda sobre sua espada e se preparou para puxá-la.

– Não – interveio o Alto Punho Dujek. – Não é aceitável.

Lorn congelou. Fulminou o velho com o olhar.

– Você parece ter se esquecido de meu posto na hierarquia.

– Não, não esqueci. Conselheira, se é sua vontade que aqueles que cometeram crimes pelo imperador sejam executados – ele deu um passo adiante –, então deve me incluir. Na verdade, acredito que o Alto Mago Tayschrenn também teve sua parte nos horrores cometidos em nome do imperador. E, finalmente, temos que considerar a própria imperatriz. Laseen, afinal, comandava a Garra do imperador. Ela a criou, na verdade. Mais do que isso, o decreto era dela. Felizmente teve pouquíssima duração. – Ele se virou para Tattersail. – Eu estava lá, Tattersail. Sob o comando de Whiskeyjack, fui enviado para controlar vocês, e foi o que fiz.

A feiticeira balançou a cabeça.

– Whiskeyjack comandava? – questionou Tattersail. Seus olhos se estreitaram. – Isso tem o gosto dos jogos de um deus.

Dujek se voltou para a conselheira.

– O Império tem sua história, e todos nós estamos nela.

– Nisso devo concordar com o Alto Punho, conselheira – falou Tayschrenn com voz rouca.

– Não há necessidade de tornar tudo isso oficial – disse Tattersail, com os olhos em Lorn. – Neste momento, eu a desafio para um duelo. Hei de empregar todas as minhas habilidades mágicas para destruí-la. Você pode se defender com sua espada, conselheira.

Toc deu um passo à frente. Abriu a boca, mas a fechou outra vez. Estivera prestes a dizer a Tattersail que Lorn tinha uma espada de otataral, que o duelo seria indelicadamente injusto, que ela morreria em segundos depois que a espada devorasse cada um de seus feitiços. Notou, entretanto, que a feiticeira sabia disso.

Dujek se virou para Tattersail.

– Caramba, mulher! Você acha que tudo depende da forma como se diz? Execução. Duelo. Nada disso importa! Tudo o que a conselheira faz, tudo o que ela diz, é em nome da imperatriz Laseen. – Voltou-se para Lorn. – Aqui você é a voz de Laseen, assim como a vontade dela, conselheira.

– A mulher chamada Lorn, a mulher que já foi criança e teve uma família – Tayschrenn falou baixo, olhando dentro dos olhos angustiados da conselheira –,

não existe mais. Ela deixou de existir no dia em que você se tornou conselheira.

Lorn fitou os dois homens com os olhos arregalados. Ao seu lado, Toc observou aquelas palavras derrotarem sua vontade, esmagarem a raiva, estilhaçando tudo até o último vestígio de identidade virar poeira. E daqueles olhos se irradiou a serenidade gélida e calculada da conselheira da imperatriz. Toc sentiu o coração bater forte no peito. Acabara de testemunhar uma execução. A mulher chamada Lorn se erguera das brumas túrgidas do passado para consertar um erro, para encontrar justiça, e naquele último ato reclamar a vida... que lhe fora negada. Não pelas palavras de Dujek ou de Tayschrenn, mas pela coisa conhecida como conselheira.

– Claro – disse ela, tirando a mão da espada. – Por favor, entre, feiticeira Tattersail, e jante conosco.

O tom raso de sua voz disse a Toc que o convite não custara nada... E aquilo o horrorizou, mexeu com seu âmago. Um olhar rápido mostrou uma resposta similar de Tayschrenn e Dujek, embora este último a ocultasse.

Tattersail parecia absolutamente doente, mas assentiu trêmula em resposta ao convite da conselheira. Toc pegou a jarra e um cálice de cristal e se adiantou até a feiticeira.

– Sou o Jovem Toc – apresentou-se, sorrindo –, e você precisa beber. – Encheu a taça e a entregou a ela. – Frequentemente, quando acampamos no caminho, eu a vejo arrastando aquele seu baú de viagem. Agora finalmente sei o que estava dentro dele. Feiticeira, você é uma grata visão para um olho dolorido.

Uma expressão de gratidão tomou os olhos de Tattersail. Ela ergueu uma sobrancelha.

– Eu não tinha percebido que meu baú de viagem chamava tanta atenção.

Toc sorriu.

– Temo que com ele você tenha fornecido uma piada permanente ao Segundo. Em qualquer situação surpreendente, fosse uma emboscada ou um conflito não previsto, o inimigo invariavelmente vinha de seu baú de viagem, feiticeira.

Dujek gargalhou atrás dele.

– Sempre me perguntei de onde vinha aquela frase – disse o Alto Punho – e, caramba, eu a ouvi muito... até de meus oficiais.

O clima na sala se apaziguou um pouco; embora ainda houvesse tensão, ela parecia estar entre Tattersail e o Alto Mago Tayschrenn. A feiticeira voltava seu olhar para Lorn sempre que a atenção da conselheira estava em outro lugar, e Toc conseguia ver compaixão ali; seu respeito pela feiticeira cresceu consideravelmente. Se estivesse no lugar dela, qualquer olhar que lançasse a Lorn seria de medo. E, qualquer que fosse a tempestade entre Tattersail e Tayschrenn, parecia nascida de uma diferença de opinião somada a uma suspeita; não parecia pessoal.

Pensando bem, Toc considerou, a presença firme de Dujek poderia exercer uma influência equilibrada. Seu pai falara tanto de Dujek, de um homem que nunca perdera o toque com os impotentes ou menos poderosos. Ao lidar com os primeiros, sempre tornava as próprias falhas mais fáceis de entender; e, com os últimos, tinha um olho infalível, que cortava ambições pessoais com a precisão de um cirurgião, removendo carne infectada e deixando em seu lugar alguém que considerava confiança e honestidade como pressupostos.

Observando a afinidade fácil e relaxada de Dujek com os outros presentes, incluindo ele mesmo, e com os serviçais que vinham em fila trazer bandejas de comida, Toc percebeu que o homem não deixara de ser, perceptivelmente, o que o Velho Toc chamara de amigo. E aquilo impressionou muito Toc, conhecendo as pressões que sobrecarregavam o Alto Punho.

No entanto, assim que todos se sentaram e o primeiro prato foi servido, a conselheira Lorn assumiu o comando. Dujek renunciou a ele sem qualquer palavra ou gesto, evidentemente confiante de que o incidente anterior já havia passado, pelo menos no que dizia respeito à conselheira.

Lorn se dirigiu a Tattersail com aquela estranha voz rasa:

– Feiticeira, permita-me elogiá-la por vencer um Cão da Sombra e por sua recuperação oportuna. Sei que Tayschrenn a questionou a respeito do incidente, mas eu gostaria de ouvir a história diretamente de você.

Tattersail baixou o cálice e fitou seu prato brevemente antes de enfrentar o olhar firme da conselheira.

– Como o Alto Mago deve ter explicado, agora ficou claro que os deuses entraram na briga. Especificamente, envolveram-se nos planos do Império no que diz respeito à Darujhistan.

Toc se levantou depressa.

– Acredito que devo pedir licença agora, pois o que será discutido aqui excede...

– Sente-se, Jovem Toc – ordenou Lorn. – Você é o representante da Garra aqui, e como tal é responsável por falar em seu nome.

– Sou?

– É – confirmou Lorn.

Devagar, Toc se sentou.

– Por favor, continue, feiticeira – pediu Lorn.

Tattersail aquiesceu.

– Oponn é fundamental para essa manobra. O primeiro movimento dos Coringas Gêmeos criou ondulações... Estou certa de que o Alto Mago concordaria com isso... E assim atraiu a atenção de outros deuses.

– Trono Sombrio – disse Lorn, e então olhou para Tayschrenn.

– Pode-se esperar algo assim – concordou o Alto Mago. – Eu, entretanto, não senti nada da atenção do Trono Sombrio sobre nós, mesmo tendo perseguido essa possibilidade vigorosamente depois do ataque do Cão.

Lorn soltou o ar devagar.

– Feiticeira, por favor, prossiga.

– A presença do Cão foi provocada inteiramente por acidente – explicou Tattersail, lançando um olhar a Tayschrenn. – Eu estava fazendo uma leitura do meu Baralho de Dragões e veio a carta do Cão. Como acontece com todos os Adeptos, encontrei a imagem animada até certo nível. Quando voltei toda a minha concentração para ela, senti – pigarreou – como se um portal se abrisse, criado inteiramente do outro lado da carta... da própria Alta Casa da Sombra. – Tattersail ergueu as mãos e fitou o Alto Mago com firmeza. – Isso é possível? O Reino da Sombra é novo entre as Casas, e todo o seu poder ainda não foi expresso. Bem, o que quer que tenha acontecido... um portal, uma fenda... o Cão Engrenagem apareceu.

– Então por que ele apareceu na rua? – perguntou Tayschrenn. – Por que não no seu quarto?

Tattersail sorriu.

– Posso fazer especulações.

– Por favor – pediu a conselheira.

– Tenho feitiços de defesa em meu quarto – disse Tattersail. – O mais interior deles é o Alto Thyr.

Tayschrenn se sobressaltou ao ouvir aquilo, claramente surpreso.

– Esses feitiços de defesa criam um fluxo, uma onda de poder que aumenta e diminui, como um coração pulsante que bate muito rápido – continuou a feiticeira. – Suspeito que esses feitiços foram suficientes para desviar o Cão de minha área imediata, já que em seu estado de transição, a meio caminho entre seu reino e o nosso, o Cão não conseguiu manifestar seus poderes totalmente. Depois que chegou, porém, ele pôde. E assim o fez.

– Como você conseguiu afastar um Cão da Sombra? – perguntou Tayschrenn.

– Sorte – respondeu Tattersail, sem hesitar.

Sua resposta pairou no ar, e pareceu a Toc que todos haviam esquecido a refeição.

– Em outras palavras – disse Lorn, devagar –, você acredita que Oponn interveio.

– Sim.

– Por quê?

Tattersail soltou uma risada.

– Se eu conseguisse descobrir, conselheira, seria uma mulher feliz. – Quando continuou, seu bom humor sumira: – Parece que estamos sendo usados. O Império se tornou um peão.

– Há um modo de sair dessa situação? – perguntou Dujek, suas palavras soando como um rosnado que assustou a todos.

– Se houver, a resposta está em Darujhistan – respondeu Tattersail, dando de ombros –, já que é onde a manobra de Oponn está centrada. Veja bem, Alto Punho, nos arrastar para Darujhistan pode muito bem ser o que Oponn está tentando.

Toc relaxou, coçando sua ferida, distraído. Havia mais, ele suspeitava, embora não conseguisse encontrar uma razão evidente para sua suspeita. Coçou com mais força. Tattersail podia ser loquaz quando queria; sua história tinha certa simplicidade. As melhores mentiras eram as simples. Mesmo assim,

ninguém mais parecia indevidamente desconfiado. Tattersail tirara a atenção da história para suas implicações em ações futuras, fizera todos pensarem para além dela, e, quanto mais rápido os pensamentos de todos voassem, mais para trás deixariam suas dúvidas a respeito da feiticeira.

Toc se pôs a observar os outros e foi o único a notar o lampejo de triunfo e alívio em seus olhos quando Lorn falou:

– Oponn não é o primeiro deus que procura manipular o Império Malazano. Outros falharam e saíram ensanguentados. É uma pena que a lição não tenha tido influência sobre Oponn... E sobre o Trono Sombrio, aliás. – Lorn suspirou profundamente. – Tattersail, apesar de quaisquer diferenças que você tenha com o Alto Mago, é necessário, não, é *vital* que vocês trabalhem juntos na busca por detalhes sobre a intervenção de Oponn. Enquanto isso, o Alto Punho Dujek continuará a preparar sua legião para marchar, assim como a solidificar nosso controle sobre Pale. Quanto a mim, deixarei a cidade logo. Fiquem tranquilos, minha missão tem objetivos idênticos aos de vocês. Agora, uma última coisa... – Ela se virou para Toc – Gostaria de ouvir a avaliação da Garra sobre as palavras que foram ditas aqui.

Ele a fitou, surpreso. Assumira o papel que ela esperava dele sem nem ter percebido. Sentou-se ereto e lançou um olhar a Tattersail. Ela parecia nervosa, remexendo as mãos que mantinha debaixo da mesa. Ele esperou até seus olhares se cruzarem por não mais que um instante antes de se virar para a conselheira.

– Até onde ela sabe, a feiticeira fala a verdade. Suas especulações foram genuínas, embora, no que diz respeito à dinâmica da magia, eu esteja perdido. Talvez o Alto Mago possa fazer algum comentário.

Lorn pareceu ligeiramente desapontada com a avaliação de Toc, mas aquiesceu mesmo assim e disse:

– Aceita, então. Alto Mago?

Tayschrenn soltou a respiração devagar.

– Preciso – disse ele. – A especulação é sólida.

Toc encheu seu cálice outra vez. O primeiro prato foi retirado quase sem ter sido tocado, mas, quando o segundo chegou, todos voltaram a atenção para a comida e a conversa cessou. Toc comeu devagar, evitando os olhos de Tattersail, embora de vez em quando os sentisse sobre ele. Ele se surpreendeu com as

próprias ações: enganar a conselheira da imperatriz, o Alto Mago e o Alto Punho de uma só vez lhe soou precipitado, se não suicida. E os motivos para ter feito isso não eram totalmente racionais, o que tornava tudo ainda mais angustiante.

O Segundo tinha uma história longa e sangrenta. Mais vezes do que Toc poderia contar, alguém dera cobertura para outrem, não importando as dificuldades. E, com frequência, tinha sido o quadro dos magos. Ele estivera lá na planície fora de Pale e observara com mil outros o quadro sendo dilacerado, irremediavelmente superados. Aquele tipo de desperdício não combinava com o Segundo. E, embora fosse um Garra, os rostos que o cercavam, os rostos que o olhavam com esperança, desespero e, às vezes, resignação funesta, aqueles rostos haviam sido espelhos do seu e desafiavam a Garra a cada vez. Seus anos na Garra, em que o sentimento e a afeição haviam sido sistematicamente agredidos, aqueles anos falhavam em resistir à realidade do dia a dia do Segundo Exército.

Naquela noite, e com suas palavras, Toc devolveu algo a Tattersail, não apenas por ela, mas pelo quadro. Não importava se ela tinha entendido, e ele sabia que a feiticeira devia estar atônita com suas ações; nada disso importava. O que fizera, fizera por ele mesmo. Endireitou-se. *Que estranho*, pensou, *minha ferida parou de coçar*.

Sentindo-se tonta, Tattersail cambaleava de vez em quando no corredor a caminho de seu quarto. Sabia que não fora o vinho. Com os nervos em frangalhos como os dela, aquele vinho tivera o gosto de água, e tanto efeito quanto.

A conselheira Lorn evocara em Tattersail lembranças que a feiticeira passara anos enterrando. Para Lorn, fora um acontecimento essencial. Mas, para Tattersail, fora apenas um pesadelo entre muitos. Ainda assim, aquilo a empurrara para onde outros crimes não a haviam empurrado e, como resultado, ela se vira atada ao Segundo Exército. O exército para o qual fora mandada como recruta, o fechamento de um ciclo, mas naquela época ela mudara.

Aquela ligação, aqueles vinte e poucos anos de serviço, salvaram sua vida nessa noite. Sabia que Jovem Toc mentira por ela, e o olhar que ele lhe lançara

antes de expor sua avaliação fora uma mensagem que a feiticeira tinha entendido. Embora ele houvesse chegado ao Segundo como um Garra, como um espião, nem mesmo seus anos de treinamento na organização secreta poderiam resistir ao novo mundo em que se encontrara.

Tattersail entendia isso com bastante clareza, pois o mesmo tinha acontecido com ela. A feiticeira em um quadro de magos que entrara no Bairro do Rato tanto tempo antes não se importava com ninguém além de si mesma. Mesmo sua tentativa de escapar dos horrores de que fora parte havia nascido de um desejo egoísta de fugir, de absolver a própria consciência... Mas o Império lhe negara isso. Um velho soldado viera até ela no dia seguinte à carnificina no Bairro do Rato. Velho, sem nome, um veterano enviado para convencer a feiticeira de que ela ainda era necessária. Lembrava-se bem de suas palavras: “Se você um dia deixar para trás a culpa de seu passado, feiticeira, terá deixado para trás sua alma. Quando ela a encontrar, vai matar você.”

Então, em vez de recusar absolutamente suas necessidades desesperadas, ele a tinha enviado a um exército veterano, o Quinto, até chegar o momento de seu retorno: o retorno ao Segundo, a um lugar sob o comando de Dujek Umbraço. Com isso, lhe fora dada uma segunda chance.

Tattersail chegou à sua porta e parou para sentir em que condição estavam seus feitiços de defesa. Tudo parecia bem. Suspirando, entrou no aposento e em seguida se encostou na porta fechada atrás dela.

O capitão Paran saiu do quarto com uma expressão circunspecta e tímida.

– Não foi presa? Estou impressionado.

– Eu também – retorquiu ela.

– Hairlock esteve aqui – disse Paran. – Ele me instruiu a lhe dar uma mensagem.

Tattersail observou o rosto do homem, procurando um vestígio do que ele estava prestes a dizer. Ele evitou seu olhar e continuou parado perto da porta do quarto.

– Então? – perguntou ela.

Paran pigarreou.

– Primeiro ele estava... hã... empolgado. Sabia sobre a chegada da conselheira e disse que ela não estava sozinha.

– Não estava sozinha? Ele explicou isso?

Paran deu de ombros.

– Disse que a poeira anda ao redor da conselheira, a terra oscila sob seus pés e o vento sussurra com geada e fogo. – Ele arqueou as sobrancelhas. – Isso explica alguma coisa? Não entendi droga nenhuma.

Tattersail foi até o aparador. Começou a tirar as poucas joias que pusera para o jantar.

– Acho que sim – disse ela, devagar. – Ele falou mais alguma coisa?

– Sim, disse que a conselheira e seu acompanhante deixariam Pale em breve, e que pretendia ir atrás deles. Feiticeira...

Ela viu que Paran estava lutando contra algo, como se batalhasse contra cada instinto seu. Tattersail apoiou um braço no aparador e esperou. Quando o olhar dele encontrou o seu, a feiticeira prendeu a respiração.

– Você estava prestes a falar alguma coisa – disse ela, em voz baixa.

Seu coração estava batendo rápido demais. Tattersail sentiu o corpo responder como se por vontade própria; o que vira nos olhos dele tinha significado claro.

– Sei algo a respeito da missão da conselheira – revelou o capitão. – Eu devia ser o contato dela em Darujhistan.

O que quer que estivesse crescendo entre eles se desintegrou quando os olhos de Tattersail ficaram duros e a raiva escureceu seu rosto.

– Ela vai para Darujhistan, não vai? E você e ela iam supervisionar a aguardada queda dos Queimadores de Pontes. Juntos, vocês pensaram que seriam capazes de matar Whiskeyjack, devastando seu pelotão de dentro.

– Não!

Paran deu um passo à frente, mas, quando Tattersail ergueu a mão, prestes a lançar um feitiço, com a palma de frente para o capitão, ele congelou.

– Espere – sussurrou. – Antes de fazer qualquer coisa, apenas me ouça.

O Labirinto Thyr de Tattersail se inflamou em sua mão, ansioso por libertação.

– Por quê? Maldito seja Oponn por deixá-lo viver!

– Tattersail, por favor!

Ela fez uma careta.

– Fale – disse a feiticeira.

Paran deu um passo para trás e se virou para uma cadeira próxima. Com as mãos para os lados, se sentou e olhou para ela.

– Mantenha essas mãos aí – ordenou Tattersail. – Longe da sua espada.

– Essa foi a missão pessoal da conselheira desde o começo. Três anos atrás, fui alocado em Itko Kan, na divisão de oficiais. Um dia, todos os soldados disponíveis foram reunidos e marcharam para um ponto da estrada da costa. – As mãos de Paran haviam começado a tremer, e os músculos de seu maxilar sobressaíram. – O que vi lá, Tattersail... você não acreditaria.

Ela se lembrava da história de Ben Ligeiro e Kalam.

– Uma carnificina. Uma companhia de cavalaria – disse Tattersail.

O rosto de Paran revelou espanto.

– Como sabia?

– Continue, capitão – grunhiu ela.

– A conselheira Lorn chegou da capital e assumiu o comando. Ela supôs que a carnificina havia sido uma... uma distração. Começamos a seguir um rastro. Não era claro, não no começo. Feiticeira, posso abaixar meus braços?

– Devagar. Nos braços da cadeira, capitão.

Ele suspirou agradecido e apoiou os antebraços trêmulos como ela instruíra.

– De todo modo, a conselheira descobriu que uma menina tinha sido levada dali, possuída por um deus.

– Que deus?

Paran revirou os olhos.

– Ah, sério, se você sabe sobre a carnificina, é tão difícil adivinhar? Aquela companhia foi morta por Cães da Sombra. Que deus? Bem, Trono Sombrio vem à minha mente – disse o capitão, sarcástico. – A conselheira acredita que Trono Sombrio estava envolvido, mas o deus que possuiu a menina foi a Corda. Não conheço outro nome para ele. O Patrono dos Assassinos, companheiro de Trono Sombrio.

Tattersail baixou o braço. Fechara seu Labirinto um minuto antes, já que ele começara a pressionar com força e ela temera não ter poder para resistir muito mais.

– Você encontrou a garota – afirmou ela, estupidamente.

Paran se endireitou.

– Sim!

– O nome dela é Piedade.

– Então você sabe – disse Paran, afundando na cadeira. – O que significa que Whiskeyjack também, já que ninguém mais poderia ter contado isso a você. – Ele fitou os olhos dela com uma expressão nebulosa. – Estou muito confuso agora.

– Você não está sozinho – afirmou Tattersail. – Então tudo isso... a sua chegada, a da conselheira... era tudo uma caça à garota? – Balançou a cabeça. – Isso não é o bastante, não pode ser o bastante, capitão.

– É tudo o que sei, Tattersail.

Ela o analisou por um momento.

– Acredito em você. Diga-me, quais são os detalhes da missão da conselheira?

– Eu não sei – disse Paran, levantando as mãos. – De algum modo, era eu quem ela conseguiria encontrar. Então, estar no pelotão a levaria até a garota.

– Os talentos da conselheira são muitos – comentou Tattersail. – Pela antítese da feitiçaria, ela pode muito bem possuir a habilidade de se conectar a você, especialmente se esteve na companhia dela durante os últimos dois anos.

– Então por que ela não está derrubando sua porta?

Os olhos de Tattersail fitavam as joias espalhadas sobre o aparador.

– Oponn partiu o elo, capitão.

– Não gosto da ideia de trocar um conjunto de correntes por outro – rosnou Paran.

– Há mais nessa história – insistiu Tattersail, mais para si mesma do que para o capitão. – Lorn tem um t’lan imass com ela.

Paran se surpreendeu.

– Pelas dicas maliciosas de Hairlock – explicou ela. – Acredito que a missão tem dois lados. Matar Piedade, sim, mas também matar Whiskeyjack e seu pelotão. O t’lan não estaria envolvido se o plano de Lorn dissesse respeito somente a você. A espada de otataral dela é suficiente para destruir Piedade, e possivelmente matar a Corda também, presumindo que seja ele quem está possuindo a menina.

– Eu não gostaria de acreditar nisso – disse Paran. – Eles são meus subordinados. Minha responsabilidade. A conselheira não me trairia dessa...

– Não? Por que não? – interrompeu a feiticeira.

O capitão pareceu perplexo demais para responder, mas havia um fulgor teimoso em seus olhos. Tattersail tomou a decisão que sentira estar vindo mais cedo, e essa resolução a deixou gélida.

– Hairlock foi embora cedo demais – continuou ela. – A marionete estava ansiosa, tão ansiosa para perseguir a conselheira e aquele t'lan imass... Deve ter descoberto algo a respeito deles, algo sobre o que estão tramando.

– Quem é o mestre de Hairlock? – perguntou Paran.

– Ben Ligeiro, mago de Whiskeyjack. – Ela o olhou. – É o melhor que já vi. Não o mais poderoso, veja bem, mas o mais esperto. Ainda assim, se o t'lan imass se aproximar quando ele estiver em desvantagem, o mago não terá a menor chance, nem os outros. – Ela fez uma pausa com os olhos fixos no capitão. – Tenho que deixar Pale – disse de repente.

Paran se pôs em pé com um salto.

– Não sozinha.

– Sozinha – insistiu Tattersail. – Tenho que encontrar Whiskeyjack, e, se você estiver no meu rastro, Lorn vai encontrá-lo também.

– Eu me recuso a acreditar que a conselheira represente algum risco para o sargento – disse Paran. – Diga-me, você conseguiria matar Piedade? Mesmo com a ajuda de Ben Ligeiro?

A feiticeira hesitou.

– Não tenho certeza se quero – respondeu ela, devagar.

– O quê?

– Essa deve ser uma decisão de Whiskeyjack, capitão. E não acho que possa dar nenhuma boa razão para convencer você disso. Só sinto que é o certo.

A feiticeira sentia que contava com o instinto nesse assunto, mas jurou se manter fiel à sua intuição.

– Mesmo assim – continuou Paran. – Não posso ficar escondido aqui, posso? O que vou comer? A roupa de cama?

– Posso ajudá-lo a sair pela cidade – disse Tattersail. – Ninguém vai reconhecê-lo. Arrume um quarto em uma estalagem e fique sem o uniforme. Se

tudo correr bem, estarei de volta em duas semanas. Você pode esperar tudo isso, não pode, capitão?

Paran a encarou.

– E o que acontece se eu sair daqui e me apresentar a Dujek Umbraço?

– O Alto Mago Tayschrenn iria trinchar seu cérebro com feitiçaria, em busca da verdade, capitão. Você tem o toque de Oponn, e, depois de hoje à noite, Oponn é um inimigo oficial do Império. E, quando Tayschrenn acabar, vai abandoná-lo para morrer, o que é preferível à loucura que se abateria sobre você se ele o deixasse vivo. O Alto Mago pelo menos vai lhe mostrar tal misericórdia. – Tattersail antecipou os pensamentos de Paran, dizendo: – Dujek pode tentar proteger você, mas nisso Tayschrenn se sobrepõe a ele. Você se tornou uma ferramenta de Oponn, e para Dujek a segurança de seus soldados é mais importante que o prazer que ele teria em frustrar Tayschrenn. Então, na verdade, ele pode não proteger você. Sinto muito, capitão, mas estará totalmente sozinho se sair.

– Também estarei sozinho quando você partir, feiticeira.

– Eu sei, mas não será para sempre. – Tattersail perscrutou os olhos dele e sentiu compaixão crescendo no próprio olhar. Então, acrescentou: – Paran, nem tudo é ruim. Apesar de toda a desconfiança entre nós, estou sentindo coisas por você que não sentia por ninguém em... Bem, há algum tempo. – Ela deu um sorriso triste. – Não sei de que vale isso, capitão, mas estou feliz por ter dito, de todo modo.

Paran a fitou por um longo momento, depois disse:

– Muito bem, Tattersail, farei o que está dizendo. Uma estalagem? Você tem algum dinheiro local?

– Isso pode ser facilmente obtido. – Seus ombros se curvaram. – Sinto muito, mas estou exausta.

Quando ela se virou na direção do quarto, seu olhar caiu sobre o alto do aparador uma última vez. Entre uma pilha pequena de roupas de baixo, viu seu Baralho de Dragões. Seria uma tolice não fazer uma leitura, considerando a decisão que tomara.

Paran falou bem perto dela:

– Tattersail, você está muito exausta?

A feiticeira sentiu o calor de suas palavras provocando um fogo ardente em seu ventre, e seu olhar se desviou do Baralho de Dragões quando ela se virou para encarar o capitão. Embora não tivesse dado em voz alta nenhuma resposta àquela pergunta, ela ficou clara. Ele pegou sua mão, surpreendendo-a pelo gesto tão inocente. *Tão jovem*, ela pensou, *e agora ele está me levando para o quarto*. Ela teria rido, se o ato não houvesse sido tão doce.

Uma falsa aurora brincava no horizonte oriental enquanto a conselheira Lorn guiava sua montaria e o cavalo de carga para fora do Portão Leste de Pale. Fiéis às palavras de Dujek, os guardas não estavam em nenhum lugar à vista, e o portão tinha sido deixado aberto. Ela esperava que os poucos olhos sonolentos que a haviam seguido pelas ruas tivessem apenas uma leve curiosidade. Em todo caso, estava vestida com armadura de couro simples e sem adornos; seu rosto estava quase todo coberto pelo matiz sombreado do elmo de bronze comum. Até mesmo seus cavalos eram de uma linhagem local, robustos e afáveis, muito menores do que os cavalos de guerra malazanos com os quais ela estava mais familiarizada, mas ainda assim eram uma montaria confortável. Parecia improvável que houvesse atraído atenção indevida. Mais de um mercenário desempregado deixara Pale desde a chegada do Império.

O horizonte ao sul era uma linha serrilhada de montanhas cobertas de neve. As montanhas Tahlyn permaneceriam à sua direita por algum tempo, antes de a planície Rhivi passar e se transformar na planície Catlin. Poucas fazendas rompiam as planuras ao seu redor, e aquelas que o faziam se apinhavam nas proximidades da cidade. O povo rhivi não tolerava invasões e, já que toda rota de comércio que levava a Pale cruzava seu território tradicional, o povo da cidade sabiamente se abstinha de irritar os rhivi.

Adiante, enquanto ela guiava seus cavalos, a aurora mostrou seu rosto, com uma faixa escarlate. A chuva passara alguns dias antes e o céu se mostrava azul-prateado e limpo, com algumas estrelas com o brilho minguante enquanto a luz vinha ao mundo.

O dia prometia ser quente. A conselheira afrouxou as correias de couro entre os seios, revelando por baixo uma cota de malha. Por volta do meio-dia,

alcançou a primeira nascente, onde renovou sua reserva de água. Passou a mão pela superfície de uma das bolsas presas à sela e ela saiu molhada por causa da condensação. Então, levou-a aos lábios.

A voz que falou ao seu lado a fez saltar na sela, e sua montaria resfolegou de medo, esquivando-se.

– Vou acompanhar você – disse Onos T'oolan. – Por um tempo.

Lorn fulminou o t'lan imass com o olhar.

– Eu preferia que anunciasse sua chegada de alguma distância – disse ela, tensa.

– Como desejar.

Onos T'oolan afundou no chão como uma pilha de poeira.

A conselheira praguejou. Depois o percebeu esperando 100 metros à frente, as costas iluminada pelo sol nascente. O céu escarlate parecia ter jogado uma chama vermelha ao redor do guerreiro. O efeito estalou seus nervos, como se aquela cena trouxesse suas lembranças mais antigas e profundas... Lembranças que iam além de sua vida. O t'lan imass ficou imóvel até ela alcançá-lo e então começou a andar ao seu lado.

Lorn apertou os flancos do cavalo com os joelhos e puxou as rédeas até a égua parar.

– Você precisa ser tão literal, Tool? – perguntou.

O guerreiro pareceu pensar, depois aquiesceu.

– Aceito esse nome. Toda a minha história está morta. A existência começa outra vez, e com ela um novo nome. É adequado.

– Por que você foi selecionado para me acompanhar? – perguntou a conselheira.

– Nas terras do oeste e do norte das Sete Cidades, em meu clã apenas eu sobrevivi à Vigésima Oitava Guerra Jaghut.

Os olhos de Lorn se arregalaram.

– Achei que tivessem sido 27 dessas guerras – disse ela, em voz baixa. – Quando as suas legiões nos deixaram, depois de conquistarmos Sete Cidades, e vocês marcharam para os descampados...

– Nossos Invocadores de Ossos sentiram um enclave de jaghut sobreviventes. Nosso comandante Logros T'lan decidiu que deveríamos

exterminá-los. E assim fizemos.

– E isso explica seus números reduzidos quando voltaram – refletiu Lorn. – Vocês poderiam ter explicado sua decisão para a imperatriz. Do jeito que fizeram, ela foi deixada sem seu exército mais poderoso e sem conhecimento de quando ele voltaria.

– A volta não era garantida, conselheira – explicou Tool.

Lorn fitou a criatura esfarrapada.

– Entendo.

– O fim do líder de meu clã, Kig Aven, foi seguido pelo de toda a minha tribo. Só por isso fui desatado de Logros. O Invocador de Ossos de Kig Aven era Kilava Onass, que está perdido desde muito antes de o imperador nos despertar.

A mente de Lorn voava. No Império Malazano, os t'lan imass também eram conhecidos como o Exército Silencioso. Ela nunca conhecera um imass tão loquaz quanto Tool. Talvez tivesse algo a ver com o tal do "desatamento". Entre os imass, apenas o comandante Logros falava com humanos regularmente. Quanto aos *Invocadores de Ossos,* os xamãs imass, eles ficavam fora de vista. O único que já tinha aparecido era um chamado Olar Ethil, que permanecera ao lado do líder do clã Eitholos Ilm durante a batalha de Kartool, na qual ocorrera uma troca de feitiços que faria a Cria da Lua parecer um embuste de criança.

Em todo caso, ela já aprendera mais sobre os imass naquela conversa breve com Tool do que em tudo que estava escrito nos Anais Imperiais. O imperador sabia mais, muito mais, mas fazer registros sobre tal conhecimento nunca fora seu estilo. O fato de ele ter despertado os imass era uma teoria discutida entre os estudiosos por anos. E agora ela sabia que era verdadeira. Quantos outros segredos aquele t'lan imass revelaria em uma conversa casual?

– Tool – chamou ela. – Você chegou a encontrar o imperador pessoalmente?

– Acordei antes de Galad Ketan e depois de Onak Shendok e, com todos os t'lan imass, eu me ajoelhei diante do imperador sentado no Primeiro Trono.

– O imperador estava sozinho? – perguntou Lorn.

– Não. Estava acompanhado por aquele chamado Dançarino.

– Maldição – sibilou ela.

Dançarino morrera ao lado do imperador.

– Onde fica esse Primeiro Trono, Tool?

O guerreiro ficou em silêncio por um tempo, depois disse:

– Depois da morte do imperador, os Logros T’lan Imass reuniram suas mentes, uma coisa rara, que só havia sido feita antes da Diáspora, do que resultou um compromisso. Conselheira, a resposta à sua pergunta está nesse compromisso. Não posso satisfazê-la. E o mesmo vale para os Logros T’lan Imass e para todos os Kron T’lan Imass.

– Quem são os kron?

– Eles estão vindo – respondeu Tool.

Suor pingou de repente da testa da conselheira. Os logros, quando primeiro apareceram em cena, eram cerca de dezenove mil. Acreditava-se que agora eram catorze mil, e a maioria das perdas havia acontecido além das fronteiras do Império, naquela última Guerra Jaghut. Havia mais dezenove mil imass prestes a chegar? O que o imperador libertara?

– Tool, qual é o significado da chegada desses kron? – perguntou ela pausadamente, quase se arrependendo de sua necessidade de insistir em questioná-lo.

– O Ano do Tricentésimo Milênio se aproxima – respondeu o guerreiro.

– O que acontece então?

– Conselheira, a Diáspora acaba.

O Grande Corvo chamado Bruxa cavalgava os ventos altos acima da planície Rhivi. O horizonte ao norte se tornara um arco tingido de verde, ficando cada vez mais substancial a cada hora de voo. O cansaço pesava em suas asas, mas o sopro do céu era forte. E mais, nada poderia abalar sua certeza de que havia mudanças chegando ao mundo, e ela se alimentou de novo e de novo de suas vastas reservas de poder mágico.

Se já houvera alguma vez uma convergência calamitosa de grandes forças, era aquela, naquele lugar. Os deuses estavam descendo ao solo mortal para batalhar, formas de carne e osso estavam sendo forjadas, e o sangue de feitiçaria fervia com uma loucura nascida de impulso inevitável. Bruxa nunca se sentira mais viva.

Com aquela revelação de poder, cabeças haviam se virado. E na direção de

uma delas Bruxa voava, em resposta a uma convocação que não tinha poder de ignorar. O Senhor da Lua Anomander Rake não era seu único mestre, e para ela isso só tornava as coisas mais interessantes. Quanto às próprias ambições, ela as guardaria para si mesma. Por ora, conhecimento era seu poder.

E, se havia um segredo mais atraente que qualquer outro que pudesse cobiçar, era o mistério que cercava o guerreiro meio humano chamado Caladan Brood. A expectativa ergueu as asas de Bruxa com força renovada.

Firmemente, a floresta do Cão Negro estendia sua capa verdejante sobre o norte.

CAPÍTULO 10

Kallor disse:

– Caminhei nessa terra quando os t’lan imass eram apenas crianças. Comandei exércitos com a força de cem mil homens. Espalhei o fogo de minha fúria por continentes inteiros e me sentei sozinho em tronos altos. Você entende o que isso significa?

– Sim – disse Caladan Brood. – Você nunca aprende.

*Conversas de guerra (*Segundo em comando Kallor conversando com o Senhor da Guerra Caladan Brood*)*, registrado por Hurlochel, cavaleiro de escolta do Sexto Exército

A estalagem Vimkaros ficava além da praça de Eltrosan, no Bairro Opala de Pale. Toc sabia disso devido a suas andanças pela cidade, mas jamais poderia imaginar que houvesse lá algum hóspede que ele conhecesse. Ainda assim, as instruções para aquela reunião misteriosa tinham sido claras.

Aproximava-se cautelosamente da estrutura ostentatória. Não viu nada de suspeito. A praça estava lotada com a aristocracia costumeira e as lojas de mercadores; havia poucos guardas malazanos. A matança da nobreza fizera muito para cobrir a atmosfera de Pale com uma imobilidade chocada, que pairava sobre as pessoas como jugos invisíveis.

Toc reservara os dias anteriores para si, fazendo farra com seus amigos soldados quando dava vontade, embora tais momentos parecessem mais raros ultimamente. Uma vez que a conselheira partira e que o desaparecimento de Tattersail tinha sido notificado, Dujek e Tayschrenn se envolveram em responsabilidades mutuamente excludentes. O Alto Punho estava ocupado reestruturando Pale e seu recém-formado Quinto Exército, enquanto o Alto Mago procurava Tattersail, evidentemente sem muito sucesso.

Toc suspeitava que a paz entre os dois homens não duraria. Desde o jantar, havia ficado afastado de assuntos oficiais, preferindo comer com seus camaradas

em vez de com os oficiais, como era seu privilégio como Garra graduado. Quanto menos notado se fizesse, melhor, até onde lhe dizia respeito.

Entrou na estalagem Vimkaros e parou. Diante dele havia um pátio descoberto, com caminhos que serpenteavam por um rico jardim. Claramente, a estalagem sobrevivera ilesa ao cerco. Um caminho largo central guiava diretamente para um balcão amplo, atrás do qual havia um velho corpulento comendo uvas. Alguns hóspedes caminhavam pelas trilhas laterais, andando entre as plantas e conversando baixo.

A mensagem insistira que fosse vestido com trajes locais, por isso Toc chamou pouca atenção ao se dirigir ao balcão.

O senhor parou de comer seu lanche e fez um aceno com a cabeça.

– A seu serviço, senhor – disse, secando as mãos.

– Acredito que uma mesa tenha sido reservada em meu nome – começou Toc. – Sou Render Kan.

O senhor analisou a tabela de cera diante dele, em seguida olhou para cima com um sorriso.

– É claro. Siga-me.

Um minuto depois, Toc se sentava a uma mesa em uma varanda que dava para o pátio do jardim. Sua única companhia era uma jarra de vinho saltoano gelado, servida assim que ele chegara à mesa, e agora bebia de um cálice enquanto seu único olho inspecionava as pessoas no jardim abaixo.

Um servo chegou e se curvou diante dele.

– Meu bom senhor – disse o homem –, devo entregar a seguinte mensagem: em breve um cavalheiro vai se reunir a você, que estava envolvido em assuntos muito além de sua capacidade, mas não tinha consciência disso. Agora ele tem.

Toc franziu o cenho.

– É essa a mensagem?

– É.

– As exatas palavras desse cavalheiro?

– E as suas, senhor.

O servo se inclinou outra vez e partiu.

O cenho de Toc se franziu mais; ele então se endireitou, cada um de seus músculos ficando tenso. Virou-se para a entrada da varanda a tempo de ver o

capitão Paran chegando. Estava vestido à maneira da aristocracia local, desarmado e parecendo bastante saudável. Toc se levantou, sorrindo.

– Não está excessivamente chocado, espero – disse Paran ao chegar.

Sentaram-se à mesa e o capitão se serviu de vinho.

– A mensagem preparou você?

– Muito pouco – respondeu Toc. – Não estou certo de como recebê-lo, capitão. Isso está de acordo com as instruções da conselheira?

– Ela acredita que estou morto – comentou Paran, franzindo a testa. – E estive, por um tempo. Diga-me, Jovem Toc, estou falando com um Garra ou com um soldado do Segundo?

Os olhos de Toc se estreitaram.

– Essa é uma pergunta difícil.

– É? – perguntou Paran, com um olhar intenso e inabalável.

Toc hesitou, em seguida sorriu de novo.

– Pelo sopro do Encapuzado, não, não é coisa nenhuma! Está bem, capitão, bem-vindo ao inoperante Segundo, então – disse Toc, e Paran sorriu, claramente aliviado. – Agora, que história é essa de estar morto sem estar morto, capitão?

O bom humor de Paran desapareceu. Deu uma golada no vinho, desviando o olhar.

– Uma tentativa de assassinato – explicou, fazendo uma careta. – Era para eu estar morto, se não fossem Marreta e Tattersail.

– O quê? O curandeiro de Whiskeyjack e a feiticeira?

Paran aquiesceu.

– Estive me recuperando até recentemente nos aposentos de Tattersail. As instruções de Whiskeyjack eram para manter minha existência em segredo por um tempo. – Paran se aproximou. Toc, o que sabe a respeito dos planos da conselheira?

Toc examinou o jardim abaixo. Tattersail sabia... E conseguira ocultar aquilo de todos no jantar. Notável.

– Agora – insinuou Toc, em voz baixa – você faz perguntas para um Garra.

– Sim.

– Onde está Tattersail? – perguntou Toc, e então voltou seu olhar para o capitão e o encarou.

O capitão balançou a cabeça.

– Muito bem – disse Paran. – Está viajando por terra para Darujhistan. Ela sabe que um t’lan imass está acompanhando a conselheira e acredita que o plano de Lorn inclui matar Whiskeyjack e seu pelotão. Eu não concordo. Meu papel na missão era ficar de olho em um membro específico do pelotão do sargento, e essa pessoa deveria ser a única a morrer. Ela me deu o comando depois de três anos de serviço a ela. É um prêmio, e não posso acreditar que ela o tiraria de mim. Aí está o que sei. Você pode me ajudar, Toc?

– A missão da conselheira – falou Toc, depois de exalar longamente –, até onde sei, envolve muito mais do que apenas matar Piedade. O t’lan imass está com ela por algum outro motivo. Capitão – a expressão de Toc ficou macabra –, os dias dos Queimadores de Pontes estão contados. O nome de Whiskeyjack é quase sagrado entre os homens de Dujek. Não pude convencer a conselheira disso. Na verdade, ela parece pensar o oposto. Mas, se o sargento e os Queimadores de Pontes forem eliminados, esse exército não voltará a combater, ele vai se amotinar. E o Império Malazano ficará contra o Alto Punho Dujek, sem um único comandante capaz de se equiparar a ele. A Campanha de Genabackis vai se desintegrar, e uma guerra civil pode muito bem chegar ao coração do Império.

Paran ficou pálido.

– Acredito em você – disse o capitão. – Muito bem, você transformou minhas dúvidas em convicções. E elas me deixam apenas uma escolha.

– Que é...

Paran virou o cálice vazio nas mãos.

– Darujhistan – respondeu ele. – Com sorte alcançarei Tattersail, e juntos tentaremos contatar Whiskeyjack antes que a conselheira o faça. – Lançou um olhar a Toc. – Evidentemente a conselheira não pode mais sentir meu paradeiro. Tattersail me proibiu de acompanhá-la, argumentando que Lorn seria capaz de me detectar, mas ela também deixou escapar que a minha “morte” partiu o elo entre mim e a conselheira. Eu deveria ter feito essa ligação antes, mas ela... me distraiu.

Na mente de Toc, a lembrança de como a feiticeira tinha aparecido naquela noite voltou, e ele assentiu enfaticamente:

– Tenho certeza que sim.

Paran suspirou.

– Sim, bem... Em todo caso, preciso de pelo menos três cavalos, e provisões. A conselheira está seguindo um cronograma. Sei disso. Então, não está viajando com muita pressa. Devo conseguir alcançar Tattersail em um dia ou dois, e juntos podemos avançar rápido até as montanhas Tahlyn, para então contorná-las e ultrapassar a conselheira.

Toc se reclinou enquanto Paran entrava nos detalhes de seu plano, com um meio sorriso nos lábios.

– Você vai precisar de cavalos wickanos, capitão, já que o que seu plano requer montarias superiores às que a conselheira está usando. Agora, como planeja sair da cidade vestido como um local, mas usando cavalos do Império?

Paran piscou. Toc sorriu, e então continuou:

– Tenho a resposta, capitão. – Abriu os braços. – Eu vou com você. Deixe os cavalos e os suprimentos comigo, e garanto que sairemos da cidade sem sermos notados.

– Mas...

– Essas são minhas condições, capitão.

Paran tossiu.

– Muito bem. E, agora que penso a respeito, a companhia será bem-vinda.

– Ótimo – grunhiu Toc e estendeu a mão para pegar a jarra. – Vamos beber a isso, então.

O caminho estava ficando cada vez mais difícil, e Tattersail sentiu seu primeiro tremor de medo. Viajava por um Labirinto de Alto Thyr e nem mesmo Tayschrenn possuía a habilidade necessária para violá-lo; ainda assim, estava sob ataque. Não diretamente. O poder que se opunha a ela era penetrante e enfraquecia sua feitiçaria.

O Labirinto se estreitara, estrangulado por obstáculos. De vez em quando, encolhia-se ao seu redor, as paredes escuras se contorcendo como se sob tremenda pressão. Dentro do túnel que ela lutava para moldar, o ar fedia a algo difícil de se identificar. Havia uma nuance de enxofre ácido e um azedume que a

faziam lembrar de túmulos desenterrados. O cheiro parecia drenar seu poder a cada inspiração.

A feiticeira percebeu que não conseguiria continuar. Teria que entrar no mundo físico e descansar. Novamente amaldiçoou a própria falta de cuidado. Esquecera seu Baralho de Dragões. Com ele, saberia o que esperar. Nutriu novamente a suspeita de que uma força externa agira sobre ela, separando-a do Baralho. A primeira distração viera do capitão Paran, e, ainda que tenha sido agradável, ela lembrou a si mesma que Paran pertencia a Oponn. Depois disso, havia experimentado uma urgência inexplicável para seguir seu caminho, tanta que deixara tudo para trás.

Privada de seu Labirinto, ficaria sozinha na planície Rhivi, sem comida, sem um saco de dormir. A necessidade irrefletida de se apressar que tinha sentido ia de encontro a cada instinto seu. Começava a ter certeza de que aquilo lhe fora imposto, que de algum modo ela baixara suas defesas, deixara-se expor a tais manipulações. E aquilo voltava seus pensamentos para o capitão Paran, o servo da vontade de Oponn.

Por fim, não conseguiu prosseguir. Começou a recuar seu poder esgotado, desmoronando o Labirinto ao seu redor camada após camada. O chão sob suas botas se tornou sólido, coberto de uma relva amarela, e o ar ao redor mudou para o lilás apagado do anoitecer. Um vento correu por seu rosto, trazendo o cheiro de terra. O horizonte se firmou em todos os lados; à direita, bem longe, o sol ainda banhava as montanhas Tahlyn, os picos brilhando como ouro. E, logo à frente, havia uma enorme figura perfilada, virando-se para encará-la e dando voz a um grunhido surpreso.

Tattersail deu um passo para trás, alarmada, e a voz que emergiu da figura expulsou o ar de seus pulmões em um jorro de alívio e, depois, terror.

– Tattersail – disse Bellurdan, tristemente. – Tayschrenn não esperava que você conseguisse chegar tão longe. Assim, previ que iria detectá-la a certa distância.

O gigante thelomênio ergueu os braços em um dar de ombros expansivo e infantil. A seus pés havia um saco de juta familiar, embora o corpo lá dentro houvesse se encolhido desde a última vez que o vira.

– Como o Alto Mago conseguiu restringir meu Labirinto? – perguntou ela.

Nos calcanhares de seu pavor veio exaustão, quase resignação.

– Ele não conseguiu – respondeu Bellurdan. – Simplesmente previu que você tentaria viajar para Darujhistan, e, como seu Labirinto Thyr não pode seguir sobre água, ele concluiu que você tomaria este caminho.

– Então o que aconteceu com meu Labirinto?

Bellurdan grunhiu com aversão.

– O t'lan imass que acompanha a conselheira criou ao redor deles um espaço morto. Nossa feitiçaria é devorada pelos poderes ancestrais do guerreiro. O efeito é cumulativo. Se você abrisse todo seu Labirinto, seria consumida completamente, Tattersail. – O thelomênio deu um passo à frente. – O Alto Mago me instruiu a prendê-la e levá-la de volta a ele.

– E se eu resistir?

Bellurdan respondeu, em um tom cheio de mágoa:

– Então devo matar você.

– Entendo. – Tattersail pensou por um tempo.

Seu mundo parecia cercá-la, cada lembrança se tornando irrelevante e sendo descartada. O coração batia como um tambor estrondoso em seu peito. Tudo aquilo ficara no passado, e o único sentimento verdadeiro de sua vida era arrependimento, um arrependimento inespecífico, mas esmagador. Fitou o thelomênio, com compaixão transbordando de seus olhos.

– Então, onde estão o t'lan e a conselheira?

– Talvez oito horas a leste. O imass nem sequer está ciente de nossa presença. A hora de conversar acabou, Tattersail. Você vai me acompanhar?

Com a boca seca, ela respondeu:

– Eu não achei que você fosse daqueles que traem um amigo de longa data.

Bellurdan abriu mais as mãos, dizendo com voz dolorida:

– Eu nunca vou trair você, Tattersail. O Alto Mago manda em nós dois. Como poderia haver traição?

– Não isso – respondeu Tattersail, rápido. – Uma vez perguntei se poderia falar com você depois. Lembra? Você disse que sim, Bellurdan. Mesmo assim, agora você me diz que a conversa acabou. Nunca imaginei que sua palavra fosse tão sem valor.

À luz que morria, era impossível ver o rosto do thelomênio, mas a angústia

em seu tom de voz era nítida:

– Sinto muito, Tattersail. Você está certa. Eu lhe dei minha palavra de que iríamos nos falar de novo. Não podemos fazer isso enquanto voltamos a Pale?

– Não – retrucou Tattersail. – Eu quero agora.

Bellurdan inclinou a cabeça.

– Muito bem.

Tattersail se obrigou a relaxar os ombros e o pescoço.

– Tenho algumas perguntas – disse ela. – Primeira, Tayschrenn enviou você para Genabaris por um tempo, não foi? Você estava procurando uns pergaminhos para ele?

– Sim.

– Posso perguntar o que eram esses pergaminhos?

– Isso é de vital importância agora, Tattersail?

– Sim. A verdade vai me ajudar a decidir se vou com você ou se morro aqui.

Bellurdan hesitou por apenas um momento.

– Muito bem. Entre os arquivos coletados com os magos da cidade, todos executados, como você sabe, foram encontrados alguns fragmentos copiados da *Loucura de Gothos*, um antigo livro jaghut...

– Eu conheço – interveio Tattersail. – Continue.

– Como um thelomênio, tenho sangue jaghut, embora, é claro, Gothos fosse negar isso. O Alto Mago me confiou o exame desses escritos. Eu devia procurar informação a respeito do enterro de um tirano jaghut, um enterro que foi, na verdade, uma prisão.

– Espere – disse Tattersail, balançando a cabeça. – Os jaghut não tinham governo. O que você quer dizer com “tirano”?

– Um cujo sangue foi envenenado pela ambição de governar os outros. O tirano jaghut escravizou a terra ao redor, todas as coisas vivas, por cerca de três mil anos. Os imass da época procuraram destruí-lo e falharam. Foi deixada para outros jaghut a tarefa de isolar e aprisionar o tirano, pois tal criatura era tão abominável para eles quanto era para os imass.

O coração de Tattersail martelava em seu peito.

– Bellurdan – ela teve que lutar para fazer as palavras saírem –, onde esse tirano foi enterrado?

– Concluí que o túmulo está ao sul daqui, nas colinas Gadrobi, bem a leste de Darujhistan.

– Ó Rainha dos Sonhos! Bellurdan, você sabe o que fez?

– Fiz o que foi ordenado por nosso Alto Mago.

– E é por isso que o t'lan imass está com a conselheira.

– Não entendo o que você está dizendo, Tattersail.

– Caramba, seu boi sem cérebro! – vociferou ela. – Eles planejam libertar o tirano! A espada de Lorn... A espada de otataral que ela possui...

– Não! – bradou Bellurdan. – Eles não fariam isso. É mais provável que estejam buscando evitar que outro o faça. Sim, é mais provável. É essa a verdade. Agora, Tattersail, nossa conversa acabou.

– Não posso voltar – disse a feiticeira. – Devo continuar. Por favor, não me impeça.

– Temos que voltar a Pale – insistiu Bellurdan. – Sua curiosidade foi satisfeita. Permita-me levá-la de volta, para que eu possa continuar procurando um lugar apropriado para enterrar Nightchill.

Não restara escolha na mente de Tattersail, mas tinha que haver um modo de escapar. A conversa lhe fizera ganhar tempo, tempo de se recuperar da provação de viajar pelo Labirinto. As palavras de Bellurdan voltaram a ela: se acessasse seu Labirinto Thyr agora, seria consumida, incinerada pela influência ativa do t'lan imass. Seus olhos pousaram no saco de juta ao lado do thelomênio e viu nele um brilho vago de feitiçaria. Um feitiço. *Meu próprio feitiço*. Lembrava-se agora: um gesto de compaixão, um feitiço de... preservação. *Esse é meu modo de escapar? Pelo sopro do Encapuzado, será possível?* Pensou em Hairlock, na jornada do corpo agonizante para um... receptáculo inanimado. *Shedenul, tenha piedade de nós...*

A feiticeira recuou e abriu seu Labirinto. Magia do Alto Thyr flamejou ao seu redor. Ela viu Bellurdan cambalear para se equilibrar. O gigante gritou algo, mas ela não conseguiu ouvir. Então ele disparou para a feiticeira.

Tattersail lamentou a coragem fatal do thelomênio quando o fogo escureceu o mundo ao seu redor, ela abriu os braços e o abraçou.

Lorn foi para o lado de Tool. O t’lan imass olhava para oeste, e ela podia quase enxergar a tensão em seu corpo.

– O que é? – perguntou, com os olhos na fonte branca de fogo que se erguia sobre o horizonte. – Nunca vi nada parecido.

– Nem eu – respondeu Tool. – Está dentro da barreira que lancei ao nosso redor.

– Mas isso é impossível – rosnou a conselheira.

– Sim, é impossível durar tanto. A fonte deveria ter sido consumida instantaneamente. Ainda assim...

O t’lan imass se calou.

Não havia necessidade de Tool concluir a frase. O pilar de fogo ainda dominava o céu noturno como fizera durante a hora anterior. As estrelas nadavam na escuridão negra ao redor, e a magia girava em frenesi, como em um poço sem fundo. No vento havia um cheiro que deixou Lorn um pouco nauseada.

– Você reconhece o Labirinto, Tool?

– Labirintos, conselheira. Tellann, Thyr, Denul, D’riss, Tennes, Thelomen Toblakai, Starvald Demelain...

– Starvald Demelain? Em nome do Encapuzado, o que é isso?

– Ancestral.

– Achei que havia apenas três Labirintos Ancestrais, e esse não é um deles.

– Três? Não, havia muitos, conselheira, todos nascidos de um: Starvald Demelain.

Lorn apertou a capa ao seu redor, com os olhos na coluna de fogo.

– Quem poderia conseguir fazer tal conjuração?

– Houve alguém... uma vez. De seus adoradores, não sobrou nenhum, e ele não existe mais. Não tenho resposta para sua pergunta, conselheira.

O imass cambaleou quando o pilar transbordou e cessou. Um estrondo distante ressoou, alcançando os dois.

– Acabou – sussurrou Lorn.

– Destruído – disse Tool. O guerreiro inclinou a cabeça. – Estranho, a fonte foi de fato destruída. Mas algo também nasceu. Sinto uma nova presença.

Lorn verificou sua espada.

– O que é? – exigiu saber a conselheira.

Tool deu de ombros.

– Algo novo. Está fugindo.

Aquilo era motivo para preocupação? Lorn fez uma careta e se virou para o t'lan imass, mas ele já não estava mais ao seu lado e caminhava de volta para a fogueira do acampamento. A conselheira olhou mais uma vez para o horizonte ocidental. Havia uma nuvem escondendo as estrelas. Parecia gigantesca. Ela estremeceu.

Era hora de dormir. O imass ficaria de guarda, então não precisava se preocupar com visitas de surpresa. O dia fora longo e ela racionara sua água ao extremo; sentia-se fraca, uma sensação desconhecida. Sua careta aumentou enquanto caminhava para o acampamento. Tool, em pé imóvel ao lado das chamas, fazia-a se lembrar de sua chegada dois dias antes. O brilho ígneo no elmo mirrado de carne e ossos mais uma vez acordou algo primordial em sua mente, e com isso veio um medo profundo e irracional do escuro. Lorn se aproximou do imass.

– Fogo é vida – sussurrou ela, a frase parecendo sair das profundezas do instinto.

Tool aquiesceu.

– Vida é fogo – disse ele. – Com tais palavras nasceu o Primeiro Império. O Império de Imass, o Império da Humanidade. – O guerreiro se virou para a conselheira. – Você fez bem, minha criança.

A cortina cinzenta de fumaça pairava imóvel sobre a floresta do Cão Negro, a cerca de 70 quilômetros ao norte de Bruxa, quando ela inclinou sua cauda e afundou exausta na direção do exército acampado na planície Rhivi.

As tendas estavam dispostas de dentro para fora, como raios saindo de um centro fortificado, onde havia um toldo grande ondulando com a brisa matinal. O Grande Corvo desceu na direção daquele centro. Seu olhar cortante notou os habitantes da planície Rhivi se movendo entre os corredores. Nos limites orientais, tremulavam as bandeiras verdes e prata da Cavalaria de Catlin, para assinalar o contingente mercenário do principal exército de Caladan Brood, de

longe o maior contingente de soldados; entretanto, eram tiste andii, do povo de Anomander Rake, habitantes da cidade dentro da Cria da Lua. Suas formas altas e vestidas de preto se moviam como sombras entre as tendas.

Rastros de rodas seguiam rumo ao norte para as orlas da floresta: rotas de abastecimento para trincheiras, outrora pertencentes aos malazanos, que haviam passado a marcar as linhas de frente de Brood. Carretas guiadas por rhivi seguiam em frente, em uma corrente infindável de provisões, enquanto outras carroças, carregadas com os mortos e os feridos, entravam no acampamento em um fluxo macabro.

Bruxa grasnou. Magia emanava da tenda principal e manchava o ar empoeirado com um magenta pesado, a cor do Labirinto D'riss, uma magia da terra. Suas asas pareciam leves e tinham uma agilidade juvenil quando ela as bateu no ar.

– Ah... – murmurou Bruxa. – Magia.

Atravessando feitiços de defesa e armadilhas, o Grande Corvo deslizou por sobre a tenda e zuniu depressa ao baixar do lado de fora da entrada.

Nenhum guarda obstruía a porta, cuja cobertura estava puxada e amarrada em um mastro de suporte. Bruxa bamboleou para dentro.

Com exceção de uma pequena cortina do outro lado, atrás da qual se encontrava um catre militar, nenhuma divisão fora feita no interior da tenda. No centro havia uma mesa imensa, sua superfície gravada com o mapa da região. Um homem estava ali, sozinho, parado, inclinado sobre ela, com as costas para a porta. Havia um enorme martelo de ferro preso em suas costas largas; apesar do tamanho e do peso evidente, parecia quase um brinquedo contra aquela envergadura de músculos e ossos. Poder fluía dele em ondas almiscaradas.

– Atrasos, atrasos... – resmungou Bruxa, voando para pousar no tampo da mesa.

Caladan Brood grunhiu, distraído.

– Você sentiu a tempestade de feitiçaria na noite passada? – perguntou ela.

– Se eu senti? Nós a vimos. Os xamãs rhivi pareceram um pouco perturbados, mas não há respostas. Vamos discutir esse assunto depois, Bruxa. Agora preciso pensar.

Bruxa inclinou a cabeça para o mapa.

– O flanco oeste recuou em total desordem – disse o Grande Corvo. – Quem comanda aquele bando barghastiano?

– Quando você os sobrevoou, tendo-os ao alcance de sua visão? – perguntou Brood.

– Dois dias atrás. Vi apenas um terço da força original vivo.

Brood balançou a cabeça.

– Jorrick Lançafiada, ele comanda cinco mil barghastianos e sete Lâminas da Guarda Escarlate.

– Lançafiada? – Bruxa sibilou uma risada. – Cheio de si, não é?

– É, mas os barghastianos o chamaram assim. Como eu estava dizendo, cinco legiões de Moranthianos Dourados caíram no colo dele três dias atrás. Jorrick recuou sob a cobertura da noite e diminuiu dois terços de seu exército no leste e no oeste. Seus barghastianos têm o dom de desaparecer onde não parece haver esconderijo possível. Ontem seu bando assustado deu a volta e enfrentou os Dourados. Os barghastianos executaram um movimento de pinça. Duas legiões moranthianas foram destruídas; as outras três recuaram para a floresta, deixando metade de seus suprimentos espalhada na planície.

Bruxa inclinou a cabeça outra vez.

– Plano de Jorrick?

Brood inclinou a cabeça.

– Ele é da Guarda Escarlate, embora os barghastianos o chamem de seu. Jovem e, por isso, destemido.

O corvo estudou o mapa.

– E o leste? Como vai o desfiladeiro da Raposa?

– Bem – respondeu Brood. – A maioria é de convocados de Stannis do outro lado. Os malazanos o acham um aliado relutante. Veremos a têmpera da Guarda Escarlate daqui a doze meses, quando a próxima onda de soldados malazanos desembarcar em Nisst.

– Por que não ir para o norte? – perguntou Bruxa. – O príncipe K’azz poderia libertar as Cidades Livres durante o inverno.

– O príncipe e eu concordamos com isso – disse Brood. – Ele vai ficar onde está.

– Por quê?

Brood grunhiu.

– Nossas táticas são assunto nosso.

– Canalha desconfiado – resmungou Bruxa. Ela bamboleou pela borda sul do mapa. – Seu ponto fraco continua sendo fazer uma avaliação decisiva e persistente. Não há nada além de habitantes de Rhivi entre você e Pale. E agora há uma força andando pela planície, sobre a qual nem mesmo os rhivi sabem alguma coisa. Ainda assim, você mostra pouca preocupação, guerreiro. Por que isso? Bruxa se pergunta.

– Tenho me comunicado com o príncipe K'azz e seus magos, e com os xamãs barghastianos e rhivi. O que nasceu na planície na noite passada não pertence a ninguém. Está sozinho, e assustado. Os rhivi já começaram a procurar. Preocupação? Não, não com isso. Ainda há muito mais acontecendo no sul.

Brood se endireitou.

– Anomander está no meio – ronronou Bruxa. – Conspirando e contraconspirando, espalhando vidro quebrado no caminho de todos. Nunca o vi de melhor humor.

– Chega de fofoca. Você tem notícias para mim?

– Claro, mestre. – Bruxa estendeu as asas e suspirou. Bicou um ponto que coçava, esmagou uma pulga e a engoliu. – Eu sei quem está com a moeda que gira.

– Quem?

– Um jovem cuja bênção é a ignorância. A moeda gira e mostra um rosto para todos aqueles em sua companhia. Eles têm o próprio jogo, que vai, no entanto, convergir para coisas maiores, e assim os fios finos de Oponn reverberam em esferas que, de outro modo, seriam imunes à influência dos Coringas.

– O que Rake sabe?

– Sobre isso, pouco. Mas você sabe muito bem que ele detesta Oponn. Ele cortaria esses fios se tivesse a chance.

– Idiota – resmungou Brood.

Ele pensou por algum tempo, imóvel, como uma forma de pedra e ferro, enquanto Bruxa ia de um lado para outro sobre a planície Rhivi, suas garras

longas e pretas espalhando os regimentos de madeira e os marcadores de divisões como dominós.

– Sem Oponn, nada se compara ao poder de Rake, atualmente – continuou Brood. – Ele paira sobre Darujhistan como um farol, e a imperatriz com certeza vai mandar algo contra ele. Tal batalha iria...

– Arrasar Darujhistan – gorjeou Bruxa, alegremente. – Em chamas que somam doze, assim voam as Cidades Livres, tantas cinzas ao vento.

– O desdém de Rake por tudo abaixo dele já nos fez tropeçar e cair de cara no chão muitas vezes – disse Brood e lançou um olhar para Bruxa. – Você está espalhando meus exércitos. Pare.

Bruxa parou de andar e se agachou.

– Mais uma vez – disse ela, suspirando –, Caladan Brood, o Grande Guerreiro, procura o caminho sem derramamento de sangue. Se Rake pegar aquela moeda, ele vai puxar Oponn e empalar o Senhor e a Senhora com aquela sua espada adorável. Imagine o caos que se seguiria... Uma ondulação maravilhosa, que poderia derrubar deuses e inundar reinos. – Ela ouviu a própria empolgação e desfrutou de sua banalidade gritante. – Tão divertido...

– Fique quieta, ave – disse Brood. – O portador da moeda precisa de proteção, agora que Rake convocou seus magos.

– Mas quem lá pode se equiparar aos tiste andii? – perguntou Bruxa. – Com certeza você não tem a intenção de deixar sua campanha aqui.

Brood exibiu seus dentes enfileirados em um sorriso perverso.

– Aha, peguei você desprevenida, eu acho. Ótimo. Você precisa baixar a crista um pouco, Bruxa. Você não sabe tudo. Como se sente?

– Permitirei essa sua tortura, Brood – grasnou Bruxa –, apenas porque respeito seu temperamento. Só não force muito a barra. Diga-me, quem aqui pode se equiparar aos magos de Rake? Isso é algo que devo saber. Você e seus segredos... Como posso ser uma serva fiel aos desejos de meu mestre se ele guarda informações essenciais?

– O que você sabe a respeito da Guarda Escarlate? – perguntou Brood.

– Quase nada – respondeu Bruxa. – Uma companhia de mercenários bastante estimada entre os seus. O que tem ela?

– Pergunte aos tiste andii de Rake a avaliação deles, pombo.

As penas de Bruxa se eriçaram de maneira indignada.

– Pombo? Não aceitarei tamanho insulto! Estou indo embora. Voltando para a Lua, onde inventarei uma lista de nomes tão sujos para Caladan Brood que os reinos serão manchados!

– Vá embora logo, então – disse Brood sorrindo. – Você trabalhou bem.

– Se ao menos Rake não fosse mais avarento que você – falou Bruxa, bamboleando até a porta –, minhas habilidades de espiã seriam usadas em você em vez de nele.

– Mais uma coisa, Bruxa – chamou Brood.

Ela parou na entrada e inclinou a cabeça. A atenção do guerreiro voltara ao mapa.

– Quando estiver sobre a planície Rhivi, bem mais ao sul, observe quaisquer poderes que sentir ativos por lá. Mas seja cuidadosa, Bruxa. Algo está fermentando, e fede.

O grasnado de Bruxa foi sua única resposta, e então ela se foi.

Brood continuou debruçado sobre o mapa, pensando. Permaneceu imóvel por quase vinte minutos e em seguida se endireitou. Saindo da tenda, olhou o céu. Bruxa não estava em nenhum lugar à vista. Ele grunhiu e se virou para inspecionar as tendas mais próximas.

– Kallor! Onde está você?

Um homem alto e grisalho deu a volta em uma tenda e caminhou devagar na direção de Brood.

– Os Dourados chegaram a um beco sem saída na floresta, Senhor da Guerra – informou ele com uma voz grave, seus olhos antigos e sem vida encontrando os de Brood. – Uma tempestade se aproxima vinda do planalto Laederon. Os quorls dos moranthianos ficarão ancorados por algum tempo.

Brood aquiesceu.

– Deixarei você no comando. Vou para o desfiladeiro da Raposa.

Kallor arqueou uma sobrancelha. Brood o encarou e disse:

– Não vamos ficar muito empolgados. As pessoas vão começar a pensar que você não está tão entediado com tudo isso quanto fez parecer. Vou encontrar o príncipe K’azz.

Um sorriso vago torceu os lábios finos de Kallor.

– Que loucura Jorrick Lançafiada cometeu agora?

– Nenhuma, até onde sei – respondeu Brood. – Paciência com o garoto, Kallor. Ele teve êxito na última vez. Lembre que você também já foi jovem um dia.

O velho guerreiro deu de ombros.

– O último sucesso de Jorrick pertence à Senhora da Sorte. Com certeza não resultou de sua *genialidade*.

– Não vou discutir isso com você – disse Brood.

– Posso perguntar qual é a razão para você conversar pessoalmente com o príncipe K'azz?

Brood olhou ao redor.

– Onde está aquela porcaria do meu cavalo, aliás?

– Provavelmente se escondendo – respondeu Kallor, seco. – Dizem que suas patas ficaram menores e mais grossas embaixo de sua prodigiosa pessoa. Não consigo acreditar em tal coisa, mas quem pode discutir com um cavalo?

– Preciso de algum dos homens do príncipe – disse Brood, dirigindo-se a um dos corredores entre as tendas. – Para ser mais preciso – acrescentou por sobre o ombro –, preciso da Sexta Lâmina da Guarda Escarlate.

Vendo Caladan Brood se afastar, Kallor suspirou.

– Rake de novo, é, Senhor da Guerra? Você faria melhor em seguir meu conselho e destruí-lo. Vai lamentar descartá-lo, Brood. – Seus olhos opacos seguiram Brood até ele virar em uma esquina e desaparecer de vista. – Considere este o meu último aviso.

A terra queimada estalou sob os cascos dos cavalos. O olhar que Jovem Toc lançou por sobre o ombro foi recebido com um meneio de cabeça macabro do capitão Paran. Aproximavam-se da fonte da grande coluna de fogo da noite anterior.

Como Toc prometera, deixar a cidade se provara uma questão simples; ninguém os abordara, e os portões haviam sido deixados entreabertos. Os cavalos eram de fato wickanos, esbeltos, com pernas longas, e, embora suas orelhas permanecessem abaixadas e seus olhos se revirassem, curvavam-se à

disciplina imposta pelas rédeas.

O ar parado do meio-dia estava pesado com o fedor de enxofre, e uma camada fina de cinzas já cobria os dois cavaleiros e seus cavalos. No céu, o sol era um disco brilhante de cobre. Toc sustou sua montaria e esperou o capitão alcançá-lo.

Paran limpou um suor encardido da testa e arrumou o elmo. O almofre pesava sobre seus ombros, enquanto ele semicerrava os olhos para enxergar adiante. Seguiam para o local onde o pilar de fogo aparecera. A noite anterior fora de medo profundo para o capitão Paran: nem ele nem Toc haviam testemunhado tal conflagração de feitiçaria antes. Embora estivessem acampados a quilômetros de distância, sentiram o calor vazando de lá. Ao se aproximarem, tudo o que Paran conseguia sentir era pavor.

Os dois permaneceram calados. Cerca de 100 metros a leste se erguia algo que parecia um toco de árvore disforme, com um galho corroído e enegrecido apontando para o céu. O chão relvado estava intocado em um raio de cerca de 5 metros ao redor. Uma nódoa escura se encontrava naquela área não queimada, um pouco mais em um dos lados.

Paran fez sua montaria prosseguir e Toc o acompanhou, depois de pegar e envergar o arco. Quando Toc alcançou o capitão, Paran viu que seu companheiro tinha uma flecha preparada.

Quanto mais se aproximavam, menos a coisa queimada se parecia com uma árvore. O membro que apontava para fora tinha contornos familiares. O olhar de Paran se estreitou mais, então ele praguejou e esporeou seu cavalo. Cobriu a distância rapidamente, deixando para trás um Toc sobressaltado.

Ao chegar, Paran desmontou e se adiantou para o que ele percebeu se tratar de dois corpos, um deles gigantesco. Ambos haviam sido queimados o suficiente para se tornarem irreconhecíveis, mas Paran não tinha ilusões quanto a quem era o outro. *Tudo o que se aproxima de mim, tudo com que me importo...*

– Tattersail – sussurrou, então caiu de joelhos.

Toc se juntou a ele, mas não desmontou; manteve-se em pé nos estribos, vasculhando o horizonte. Um minuto depois, desceu do cavalo e circundou os corpos abraçados, parando perto da nódoa negra que haviam visto a distância. Agachou-se para analisá-la.

Paran ergueu a cabeça e se esforçou para manter os olhos nas figuras. O membro pertencia ao gigante. O fogo que consumira os dois havia escurecido a maior parte da extensão do braço, mas a mão estava apenas um pouco chamuscada. Paran encarou os dedos, que pareciam segurar algo, e se perguntou que salvação o gigante tentava alcançar no momento de sua morte. *A liberdade que é a morte, uma liberdade que me foi negada. Malditos sejam os deuses, malditos sejam todos eles*. Entorpecido, demorou a perceber que Toc o chamara.

Foi um esforço ficar em pé. Engatinhou até onde Toc estava. No chão, diante do homem, havia um saco de juta rasgado.

– Os rastros saem daqui – disse Toc, trêmulo, com uma expressão estranha em seu rosto. Ele coçou vigorosamente a cicatriz, então se levantou. – Seguem na direção nordeste.

Paran olhou para seu acompanhante sem entender.

– Rastros?

– Pequenos, como de criança. Mas...

– Mas o quê?

O homem abraçou o próprio corpo.

– Esses pés eram quase só ossos. – Ele encontrou o olhar vazio do capitão. – Como se não tivesse as solas, apodrecidas ou queimadas... Eu não sei... Algo horrível aconteceu aqui, capitão. Estou feliz que esteja partindo, o que quer que seja.

Paran se voltou para as duas figuras entrelaçadas. Encolheu-se. Ergueu uma das mãos para tocar o rosto.

– Aquela é Tattersail – disse Paran, com voz fraca.

– Eu sei. Sinto muito. O outro é Bellurdan, Alto Mago thelomênio. Só pode ser. – Toc olhou para baixo, na direção do saco de juta. – Ele partiu para vir aqui e enterrar Nightchill. – Toc acrescentou em voz baixa: – Não acho que Nightchill precise mais ser enterrada.

– Tayschrenn fez isso – disse Paran.

Algo na voz do capitão fez Toc se virar.

– Tayschrenn... e a conselheira. Tattersail estava certa. Eles não a teriam matado se não estivesse. Só que ela não morreu facilmente, nunca tomou o caminho fácil para nada. Lorn a tirou de mim, assim como tirou todo o resto.

– Capitão...

A mão de Paran pegou o cabo da espada inconscientemente.

– Tem muita gente vindo para cima daquela vadia desumana, e sou eu quem vai entregá-la – disse o capitão.

– Muito bem – grunhiu Toc. – Mas sejamos espertos.

Paran o fulminou com o olhar.

– Vamos, Jovem Toc.

Toc lançou um último olhar na direção nordeste. Aquilo não estava terminado, disse a si mesmo, estremecendo. Encolheu-se quando uma coceira feroz e dolorosa perturbou sua cicatriz. Embora tentasse, não encontrava uma forma de alcançá-la. E um fogo amorfo queimou atrás da órbita vazia, algo que vinha experimentando com frequência ultimamente. Resmungando, caminhou até seu cavalo e montou.

O capitão já havia virado a própria montaria e o cavalo de carga na direção sul. A postura das costas do homem dizia muito a Jovem Toc, e ele se perguntou se não cometera um erro ao acompanhá-lo. Deu de ombros.

– Bem – disse o Garra para os dois corpos queimados quando passou por eles. – Já está feito, não está?

A planície abaixo estava coberta pela escuridão. Olhando para oeste, Bruxa ainda conseguia enxergar o sol poente. Singrava os ventos mais altos; o ar ao seu redor era de um frio amargo. O Grande Corvo deixara a companhia de Caladan Brood dois dias antes. Desde então não detectara sinal algum de vida nos descampados abaixo. Mesmo os imensos rebanhos de bhederins, que os rhivi tinham o hábito de seguir, haviam desaparecido.

À noite, embora conseguisse detectar feitiçaria com mais facilidade, os sentidos de Bruxa eram limitados. Voando sempre para o sul, vasculhava a terra abaixo com um olhar voraz. Outros entre seus irmãos da Cria da Lua patrulhavam as planícies com frequência a serviço de Anomander Rake. Ela ainda não vira nenhum, mas era apenas uma questão de tempo. Quando os visse, perguntaria se haviam detectado alguma fonte de magia recentemente.

Brood não era de reagir com violência. Se lá embaixo estivesse acontecendo

algo que azedasse seu paladar, poderia ser importante, e ela queria saber antes de todos. Fogo lampejou no céu à sua frente, talvez a 5 ou 6 quilômetros. Ardeu brevemente, verde e azul, depois desapareceu. Bruxa ficou tensa. Aquilo fora feitiçaria, mas de um tipo que não conhecia. Ao alcançar a área, o ar a inundou, quente e úmido, com um fedor horrível que a lembrava de – ela inclinou a cabeça – penas queimadas.

Um grito soou adiante, bravo e assustado. Bruxa abriu o bico para responder, mas o fechou outra vez. Viera de alguém de sua espécie, estava certa, mas por alguma razão sentiu a necessidade de se manter quieta. Outra bola de fogo lampejou, dessa vez perto o bastante para Bruxa ver o que ela envolvia: um Grande Corvo.

Sua respiração assobiou ao passar pelo bico. Naquele breve instante de luz, ela vira mais meia dúzia de seus irmãos rodopiando no céu acima dela, no sentido oeste. Bateu as asas e ajustou o ângulo na direção deles.

Quando conseguiu ouvir o tremor apavorado ao seu redor, Bruxa gritou:

– Crianças! Prestem atenção na Bruxa! A Grande Mãe chegou!

Os corvos grasnaram aliviados e a cercaram. Todos gritavam ao mesmo tempo, em um esforço para dizer a ela o que estava acontecendo, mas o bufo irritado de Bruxa os silenciou de uma só vez.

– Eu ouvi entre vocês a voz de Trovejo – disse Bruxa. – Não ouvi?

Um macho foi para perto dela.

– Ouviu – respondeu ele. – Eu sou Trovejo.

– Acabei de vir do norte, Trovejo. Explique-me o que aconteceu.

– Confusão – falou Trovejo de modo arrastado, sarcasticamente.

Bruxa grasnou. Adorava uma boa piada.

– Verdade! Continue, menino!

– Antes do anoitecer, Kin Clip detectou uma erupção de feitiçaria na planície. A sensação causada por ela era estranha, mas claramente um Labirinto acabara de se abrir, e algo aparecera na planície. Kin Clip falou comigo sobre isso e foi investigar. Eu a acompanhei de cima durante a descida e então vi o que ela viu. Bruxa, tive a impressão de que mais uma vez a arte da transferência de alma foi praticada.

– Ah, é?

– Viajando pelo chão e vindo de um Labirinto havia uma pequena marionete – explicou Trovejo –, animada e possuidora de grande poder. Quando essa marionete detectou Clip, gesticulou para ela e Clip explodiu em chamas. Desde então, a criatura desapareceu em seu Labirinto, reaparecendo somente para matar outro de nós.

– Por que vocês continuam aqui? – questionou Bruxa.

Trovejo riu.

– Nós estamos determinando a rota da criatura, Bruxa. Até então, parece viajar para o sul.

– Muito bem. Agora que isso foi confirmado, parta e leve os outros com você. Volte para a Cria da Lua e se reporte ao nosso senhor.

– Como você ordenar, Bruxa.

Trovejo baixou uma das asas e deslizou para a escuridão. Sua voz chamou e foi respondida por um coro.

Bruxa esperou. Queria ter certeza de que todos haviam partido da área antes de investigar por si mesma. Aquela marionete era a coisa nascida no pilar de fogo? Não parecia provável. E que tipo de feitiçaria fora empregada para que um Grande Corvo não pudesse absorvê-la? Havia um gosto ancestral nisso tudo. Transferência de alma não era uma coisa simples e nunca fora comum entre os magos, mesmo quando suas técnicas eram conhecidas. Havia muitas histórias de loucura nascida na transferência.

Talvez a marionete houvesse sobrevivido desde aqueles tempos. Bruxa pensou a respeito. Improvável.

A magia irradiou da planície abaixo e então se desvaneceu. Uma pequena força mágica fugia daquele ponto, ziguezagueando enquanto corria. *Ali*, pensou Bruxa, *ali estão as respostas para as minhas perguntas. Vai destruir minhas crianças, vai? Você desdenharia de Bruxa com tanta facilidade?*

O Grande Corvo envergou as asas e desceu. O ar assobiou ao seu redor. Ela ergueu uma penumbra de magia protetora que a envolveu bem quando a pequena figura parou sua marcha e olhou para cima. Vagamente, Bruxa ouviu uma risada maníaca se erguer para encontrá-la, e então a marionete gesticulou.

O poder que envolveu Bruxa era imenso, muito além de qualquer coisa que houvesse esperado. Suas defesas aguentaram, mas ela se viu atingida, como se

punhos batessem nela vindos de todas as direções. Gritou de dor, girando enquanto caía. Precisou de toda sua força e vontade para estender as asas agredidas e pegar uma corrente ascendente de ar. Emitiu um rangido ultrajado e alarmado enquanto subia no céu noturno. Um olhar para baixo revelou que a marionete retornara para seu Labirinto, pois nada mágico se encontrava visível.

– É... – Ela suspirou. – Esse é o preço a se pagar pelo conhecimento! Labirinto Ancestral, de fato, o mais velho de todos. Quem brinca com o Caos? Bruxa não sabe. Todas as coisas estão se juntando, se juntando aqui.

Encontrou outra corrente de vento e tomou a direção sul. Aquilo era algo que Anomander Rake precisava saber, não importavam as instruções de Caladan Brood de que o senhor dos tiste andii devesse ser mantido na ignorância sobre quase tudo. Rake era bom para muito mais do que Brood lhe dava crédito.

– Destruição, por exemplo. – Bruxa riu. – E morte. Bom em morte!

Ela ganhou velocidade, por isso não notou a nódoa morta na terra abaixo dela, nem a mulher acampada em seu centro. Não se percebia magia ali, em todo caso.

A conselheira Lorn estava agachada sobre seu saco de dormir, com os olhos vasculhando o céu noturno.

– Tool, isso tudo está ligado àquilo que testemunhamos duas noites atrás?

– Acho que não, conselheira. Ao contrário do esperado, isso me preocupa mais. É feitiçaria, e ignora a barreira que criei à nossa volta.

– Como? – perguntou ela, em voz baixa.

– Só há uma possibilidade, conselheira. É ancestral, um Labirinto perdido de eras passadas que voltou a nós. Quem quer que seja seu controlador, devemos presumir que esteja nos perseguindo com um propósito.

Lorn, enfraquecida, esticou as costas, sentindo as vértebras estalarem.

– É o sabor do Trono Sombrio?

– Não.

– Então não vou presumir que esteja nos perseguindo, Tool.

Ela fitou seu saco de dormir.

Tool encarou a mulher e observou em silêncio ela se preparar para deitar.

– Conselheira, esse caçador parece capaz de penetrar minhas defesas. Talvez abra o portal de seu Labirinto atrás de nós, se nos encontrar.

– Não tenho medo de magia – resmungou Lorn. – Deixe-me dormir.

O t'lan imass silenciou, mas continuou a encarar a mulher enquanto as horas da noite se arrastavam. Tool se mexeu um pouco quando a aurora iluminou o leste e então ficou imóvel outra vez.

Gemendo, Lorn rolou até ficar de barriga para cima quando a luz do sol atingiu seu rosto. Abriu os olhos, piscou rapidamente e então congelou. Ergueu a cabeça devagar e encontrou o t'lan imass parado acima dela. E, a centímetros de seu pescoço, estava a ponta do punhal de sílex do guerreiro.

– Sucesso requer disciplina, conselheira – disse Tool. – Na noite passada testemunhamos uma manifestação de magia ancestral que escolheu corvos como alvos. Corvos, conselheira, não voam à noite. Você pode pensar que a combinação de minhas habilidades com as suas garante nossa segurança. Mas não há garantia, conselheira.

O t'lan imass recuou sua arma e deu um passo para o lado.

Lorn inspirou, trêmula.

– Admito a falha, Tool – disse ela, fazendo uma pausa para pigarrear antes de continuar: – Obrigada por me alertar quanto à minha crescente presunção. – Ela se sentou. – Diga-me, não lhe causa estranheza que a planície Rhivi, supostamente vazia, exiba atividade tão intensa?

– Convergência. Poder sempre atrai poder. Não é um conceito complicado, e ainda assim nós, os imass, deixamos passar. – O guerreiro antigo virou a cabeça para a conselheira. – Como os filhos deles deixam passar. Os jaghut entendiam bem o perigo. Assim, evitaram uns aos outros, abandonaram-se à solidão e deixaram uma civilização desmoronar até virar pó. Os forkrul assail entendiam também, embora tenham escolhido outro caminho. O que é estranho, conselheira, é que, desses três povos fundadores, tinha sido o legado de ignorância dos imass que sobreviveu às eras.

Lorn fitou Tool.

– Isso foi uma tentativa de piada? – perguntou ela.

O t'lan imass arrumou seu elmo no lugar.

– Isso depende de seu humor, conselheira.

Ela ficou em pé e foi verificar os cavalos.

– Você está ficando a cada dia mais estranho, Tool – disse Lorn em voz baixa, mais para si mesma do que para o imass.

Voltou à sua mente a primeira coisa que vira ao abrir os olhos: aquela criatura maldita e sua espada. Por quanto tempo ele ficara daquele jeito? A noite inteira?

A conselheira parou para examinar, hesitante, seu ombro. Estava se curando rápido. Talvez a lesão não houvesse sido tão séria quanto pensara a princípio.

Enquanto selava seu cavalo, arriscou lançar um olhar a Tool. O guerreiro estava em pé, encarando-a. Que tipo de pensamento ocupava a mente de alguém que vivera por trezentos mil anos? Ora, os imass realmente viviam? Antes de conhecer Tool, ela geralmente pensava neles como mortos-vivos, portanto sem alma, somente a carne animada por alguma força externa. No entanto, não estava mais tão certa disso.

– Diga-me, Tool, o que domina seus pensamentos?

O imass deu de ombros antes de responder:

– Penso em inutilidade, conselheira.

– Todos os imass pensam sobre inutilidade?

– Não. Poucos pensam alguma coisa.

– Por que isso?

O imass inclinou a cabeça para um lado e a fitou.

– Porque, conselheira, é inútil.

– Vamos, Tool. Estamos perdendo tempo.

– Sim, conselheira.

Ela subiu em sua sela, perguntando-se o que imass quisera dizer.

LIVRO IV

Assassinos

Sonhei com uma moeda
com uma cara cambiante –
tantos semblantes jovens,
tantos sonhos custosos,
e ela rolou e tilintou
ao redor da borda dourada
de um cálice
feito para guardar joias.

Vida de sonhos
Ilbares, a Bruxa

CAPÍTULO 11

A noite permanecia próxima
enquanto eu vagava,
meu espírito sem tocar os pés
tanto na terra quanto na pedra,
solto da árvore,
não golpeado pelo prego,
mas como a própria noite,
uma coisa de ar
despida de luz.
Então me deparei com eles,
aqueles construtores que cortavam e esculpiam
pedra na noite,
suspirando sob estrelas e com mãos destruídas.
– E o sol? – perguntei-lhes.
– Não é sua capa de revelação
o calor da razão
em seu molde?
E um deles respondeu:
– Nenhuma alma pode resistir
aos ossos de luz do sol,
e a razão se desvanece
quando a escuridão recai,
então moldamos túmulos à noite
para você e seu povo.
– Perdoe-me por interromper, então – eu disse.
– Os mortos nunca interrompem – respondeu
o construtor –, eles apenas chegam.

A Pedra do Indigente

– Mais uma noite, mais um sonho – gemeu Kruppe –, com nada além de um fogo escasso para fazer companhia a este viajante. – Ele manteve as mãos sobre a fogueira bruxuleante e imortal, que fora alimentada por um deus ancestral. Parecia um presente esquisito, mas ele sentia sua importância. – Kruppe gostaria de entender seu significado, pois rara e inoportuna é esta frustração.

A paisagem ao redor era erma; até a terra lavrada se fora, sem sinal de habitações à vista. Ele se abaixou ao lado do fogo solitário em um descampado da tundra; o ar tinha o hálito de gelo em decomposição. Ao norte e a leste, o horizonte tinha um brilho verde, quase luminescente, embora nenhuma lua houvesse nascido para desafiar as estrelas. Kruppe nunca vira algo assim; no entanto, tratava-se de uma imagem que ele mesmo tinha modelado em sua mente.

– Perturbador, de fato, declara Kruppe. Essas visões de instinto se desenrolam, então, neste sonho por algum propósito? Kruppe não sabe, e voltaria para sua cama quente neste instante, se pudesse escolher.

Fitou o chão coberto de líquens e musgo, franzindo o cenho para as estranhas cores brilhantes nascidas ali. Ouvira os contos da planície da Agulha Vermelha, aquela terra bem ao norte, além do planalto Laederon. Era essa a aparência da tundra? Ele sempre imaginara um mundo melancólico e desbotado.

– Ainda assim, olhe com atenção essas estrelas. Elas brilham com uma energia jovem... Não, cintilam, como se criadas por quem as contempla, enquanto a própria terra sugere vários tons de vermelho, laranja e lilás.

Kruppe se levantou quando um estrondo o alcançou vindo do oeste. Ao longe, um rebanho enorme de feras de pelo marrom se movia. O vapor da respiração das criaturas era uma rajada prateada no ar acima e atrás delas enquanto corriam, se virando para um lado e outro, mas sempre ao longe. Observou-as por algum tempo. Quando se aproximaram, Kruppe viu listras avermelhadas no pelo das bestas e seus chifres, que balançavam em todas as direções. A terra tremia com a passagem dos animais.

– Assim é a vida neste mundo? Kruppe se pergunta... Ele viajou para o começo das coisas, então?

– Sim – respondeu uma voz grave atrás dele.

Kruppe se virou.

– Ah, veio partilhar de minha fogueira, é claro.

Diante dele estava uma figura atarracada, coberta de couro curtido de veado ou algum animal parecido. Chifres se estendiam de um crânio achatado, que servia de elmo para a cabeça do homem cinzento e coberto de pele penugenta. Kruppe fez uma reverência.

– Este que você vê é Kruppe, de Darujhistan.

– Eu sou Pran Chole, do clã Cannig Tol, entre os Kron T’lan Imass. – Pran se aproximou, agachando-se diante do fogo. – Também sou a Raposa Branca, Kruppe, sábio nos assuntos do gelo.

Lançou um olhar a Kruppe e sorriu. O rosto de Pran era largo, os ossos visíveis sob a pele macia e dourada. Os olhos estavam ocultos entre as pálpebras apertadas, mas o que Kruppe enxergava deles era de uma cor âmbar desconcertante. Pran estendeu as mãos compridas e graciosas para o fogo.

– Fogo é vida, e vida é fogo. A era do gelo está passando, Kruppe. Há muito tempo vivemos aqui, caçando os grandes rebanhos, reunindo-nos para guerrear contra os jaghut no sul, nascendo e morrendo com a maré baixa e alta dos rios congelados.

– Kruppe viajou para longe, então.

– Para o começo e para o fim. Minha espécie dá lugar à sua, Kruppe, embora as guerras não acabem. O que temos que fazer é livrá-los dessas guerras. Os jaghut estão se reduzindo, sempre recuando para locais sinistros. Os forkrul assail sumiram, embora nunca tenhamos sentido necessidade de lutar contra eles. E os k’chain che’malle não existem mais; o gelo lhes falou com palavras de morte. – O olhar de Pran voltou para o fogo. – Nossa caçada trouxe a morte aos grandes rebanhos, Kruppe. Estamos sendo levados para o sul, e isso não deve acontecer. Somos os t’lan, mas logo a Reunião vai chegar e serão entoados o Rito de Imass e a Escolha dos Invocadores de Ossos. E então ocorrerá a divisão da carne, do próprio tempo. Com a Reunião hão de nascer os t’lan imass e o Primeiro Império.

– Por que, Kruppe se pergunta, ele está aqui?

Pran Chole deu de ombros.

– Eu vim porque fui chamado. Por quem, não sei. Talvez tenha acontecido o mesmo com você.

– Mas Kruppe está sonhando. Este é o sonho de Kruppe.

– Então, estou honrado. – Pran se endireitou. – Alguém de sua época está vindo. Talvez possua as respostas que procuramos.

Kruppe acompanhou o olhar de Pran na direção do sul. Arqueou uma sobrancelha.

– Se não está enganado, Kruppe reconhece nela uma rhivi.

Era uma mulher de meia-idade que se aproximava, talvez, com gravidez avançada. Seu rosto escuro e redondo tinha feições similares às de Pran Chole, embora menos nítidas. O medo reluzia em seus olhos, que também mostravam determinação implacável. Ela alcançou o fogo e fitou os dois homens; a maior parte de sua atenção foi atraída para Pran Chole.

– T'lan – disse ela –, o Labirinto Tellann dos imass de nossa época pariu uma criança em uma confluência de feitiçarias. Sua alma vaga perdida. Sua carne é uma abominação. Uma transferência deve acontecer. – Virou-se para Kruppe e puxou o grosso manto de lã que vestia, revelando a barriga dilatada. A pele descoberta e esticada tinha sido tatuada recentemente. A imagem era uma raposa de pelo branco. – O deus ancestral caminha novamente, despertado por sangue derramado em rocha consagrada. K'rul vem em resposta à necessidade da criança e agora nos ajuda em nossa missão. Ele pede desculpas a você, Kruppe, por usar o mundo dentro do seu sonho, mas nenhum deus mais jovem pode influenciar este lugar. De algum modo, você tornou sua alma imune a eles.

– As recompensas do cinismo – disse Kruppe, fazendo uma breve reverência.

A mulher sorriu.

– Entendo – falou Pran Chole. – Você pretende tornar essa criança, nascida de poderes imass, um soletaken.

– Sim. É o melhor que podemos fazer, t'lan. Alguém que muda de forma, o que também chamamos de soletaken, deve ser moldado.

– Perdoem Kruppe, por favor – disse ele, após pigarrear –, mas não está faltando a pessoa essencial para esses planos?

– Ela caminha em dois mundos – explicou a rhivi. – K'rul a está guiando para dentro do seu. Ela ainda está assustada. Cabe a você, Kruppe, recebê-la.

Kruppe ajeitou as mangas de sua capa desbotada e puída.

– Isso não deve ser difícil para os encantos de Kruppe.

– Talvez – disse a rhivi, franzindo o cenho. – A carne dela é uma abominação. Você foi avisado.

Kruppe meneou a cabeça de modo afável e olhou ao redor.

– Qualquer direção serve? – perguntou ele.

Pran Chole riu.

– Sugiro o sul – respondeu a rhivi.

Kruppe deu de ombros e, com uma reverência para os dois, dirigiu-se para o sul. Passado algum tempo, olhou para trás, mas o fogo não se encontrava em nenhum lugar à vista. Estava sozinho na noite gelada.

Uma lua cheia apareceu no horizonte oriental, banhando a terra com luz prateada. Adiante, a tundra se estendia até onde Kruppe conseguia enxergar, lisa e inexpressiva. Ele semicerrou os olhos. Algo acabara de aparecer, ainda distante, caminhando com visível dificuldade. Kruppe observou a figura cair uma vez, então ficar em pé de novo. Apesar da luminescência, a pessoa parecia preta.

Kruppe avançou. A criatura ainda precisava vê-lo; ele parou quando estava a apenas 10 metros. A rhivi acertara. Kruppe pegou um lenço de seda e enxugou o suor que brotara em sua testa. A pessoa fora uma mulher algum dia, alta, com longos cabelos negros. Mas aquela mulher morrera havia muito tempo. Sua carne murchara e assumira a cor de madeira escura. Talvez seu aspecto mais horrendo fossem os membros, que haviam sido grosseiramente costurados de volta ao corpo.

– Ah... – sussurrou Kruppe.

Aquela mulher tinha sido esquartejada.

A cabeça da mulher se ergueu de supetão, e olhos cegos se fixaram em Kruppe. Ela parou, sua boca se abriu, mas nenhuma palavra saiu.

Furtivamente, Kruppe lançou um feitiço sobre si mesmo, depois a olhou outra vez. Franziu o cenho. Um feitiço fora tecido ao redor da mulher, para preservação. Mas algo acontecera com esse feitiço, algo que o modificara.

– Moça! – bradou Kruppe. – Sei que você pode me ouvir. – Não sabia, mas decidiu insistir, em todo caso. – Sua alma está presa em um corpo que não é seu e que não está se tornando você. Meu nome é Kruppe e vou guiá-la em busca de socorro. Venha! – Virou-se e começou a andar. Logo depois ouviu um arrastar

atrás dele e sorriu. Sussurrou: – Ah, Kruppe tem encantos, de fato. Mas, além disso, ele consegue ser ríspido quando necessário.

O fogo voltara, como um farol adiante, e Kruppe viu as duas pessoas esperando por eles. Os vestígios do feitiço que lançara sobre si tornavam o t'lan e a rhivi ofuscantes a seus olhos, tamanho o poder dos dois. Kruppe e a mulher chegaram.

Pran Chole deu um passo à frente.

– Obrigado, Kruppe – disse ele; depois, analisou a mulher e meneou a cabeça devagar. – Sim, vejo os efeitos do imass sobre ela. Mas há algo mais. – Olhou para a rhivi. – Ela já foi maga?

A rhivi se aproximou da mulher.

– Ouça-me, perdida – disse ela. – Seu nome é Tattersail, sua feitiçaria é Thyr. O Labirinto flui dentro de você agora, ele lhe dá ânimo e a protege. – Ela abriu o manto outra vez. – É hora de trazer você de volta ao mundo.

Tattersail recuou, assustada.

– Dentro de você está o passado – afirmou Pran. – Meu mundo. Você conhece o presente, e a rhivi lhe oferece o futuro. Neste lugar tudo está fundido. A carne que você usa tem sobre ela um feitiço de preservação e, em seu ato derradeiro, você abriu seu Labirinto para a influência de Tellann. Agora, vaga dentro do sonho de um mortal. Kruppe é o barco da mudança. Permita-nos ajudá-la.

Com um grito mudo, Tattersail cambaleou para os braços de Pran. A rhivi se juntou a eles depressa.

– Puxa! – Kruppe retomou o fôlego. – Mas os sonhos de Kruppe tomaram um rumo estranho. Embora seus interesses estejam sempre presentes, como uma voz atordoante, mais uma vez ele deve deixá-los de lado.

De repente, K'rul surgiu junto a ele.

– Não. Não é de meu feitio usar você sem recompensa justa – disse o deus ancestral.

Kruppe olhou para ele.

– Kruppe não pede nada. Há um dom nisso, e estou feliz por ser parte de sua formação.

K'rul assentiu.

– Ainda assim... Fale-me de seus esforços.

– Rallick e Murillio buscam corrigir um erro antigo – disse Kruppe, com um suspiro. – Acham que ignoro seus planos, mas hei de usar tais planos para meus propósitos. A culpa paira sobre essa decisão, mas eles são necessários.

– Entendi. E o portador da moeda?

– A proteção foi iniciada, mas sua forma final ainda precisa surgir. Sei que o Império Malazano está presente em Darujhistan; oculto, por enquanto. O que procuram...

– É tudo, menos claro, Kruppe. Nem para eles. Use isso a seu favor quando os encontrar. Aliados podem vir de locais surpreendentes. Eu lhe direi o seguinte: neste momento, dois malazanos se aproximam da cidade; um é um t'lan imass, a outra é a nêmesis da magia. Seus propósitos são destrutivos, mas já há forças em jogo tomando conta deles. Procure saber a seu respeito, mas não se oponha abertamente a eles. São perigosos. Poder atrai poder, Kruppe. Deixe que sobre eles recaiam as consequências de suas ações.

Kruppe assentiu.

– Kruppe não é tolo, K'rul. Não se opõe abertamente a ninguém e acha que o poder é uma coisa a ser evitada a qualquer custo.

Enquanto falavam, a mulher rhivi tomara Tattersail nos braços. Pran Chole se acocorara por perto, com os olhos fechados e os lábios formando palavras silenciosas. A mulher rhivi embalou, com movimentos ritmados, o corpo dessecado, cantando em voz baixa. Água escorria pelas coxas da rhivi.

– É – sussurrou Kruppe. – Ela está mesmo se preparando para dar à luz.

Subitamente, a rhivi largou o corpo, que desmoronou em uma pilha sem vida.

A lua estava bem acima deles, tão clara que Kruppe descobriu que não conseguia olhá-la diretamente. A rhivi estava de cócoras, mexendo-se ao ritmo do trabalho de parto, com o rosto coberto de suor. Pran Chole se mantinha imóvel, embora seu corpo fosse torturado por tremores que faziam seu rosto contorcer de dor. Seus olhos se arregalaram, resplandecendo em âmbar claro, e se fixaram na lua.

– Deus ancestral – disse Kruppe, em voz baixa –, de quanto de sua vida antiga essa Tattersail vai se lembrar?

– Não se sabe – respondeu K’rul. – Transferência de alma é uma coisa delicada. A mulher foi consumida em uma conflagração. O primeiro voo de sua alma foi nas asas da dor e da violência. Além disso, ela entrou em um corpo devastado, que trazia os próprios traumas. A criança que está nascendo será como nenhuma outra já vista. Sua vida é um mistério, Kruppe.

Kruppe grunhiu.

– Considerando os pais, ela será de fato excepcional. – Um pensamento lhe ocorreu, e ele franziu o cenho. – K’rul, e a primeira criança dentro da rhivi?

– Não havia nenhuma, Kruppe. A mulher rhivi foi preparada de uma maneira desconhecida por qualquer homem. – Ele riu. – Até por mim mesmo. – Ergueu a cabeça. – Essa feitiçaria pertence à lua, Kruppe.

Continuaram assistindo ao trabalho de parto. Para Kruppe, parecia que haviam esperado mais horas na escuridão do que qualquer noite normal poderia ter. A lua continuava acima deles, como se houvesse encontrado a posição de sua preferência. Ou, reconsiderou ele, como se estivesse de guarda.

Então, um choro baixo se ergueu no ar, e a rhivi levantou no colo uma criança envolta em uma pele de pelo prateado. Enquanto Kruppe observava, a pele foi retirada. A rhivi virou a criança e colocou a boca sobre a barriga do bebê. Comprimiu os maxilares e o resto do cordão umbilical caiu.

Pran Chole avançou até Kruppe e o deus ancestral. O t’lan parecia exausto.

– A criança me sugou poder além de meu controle – disse ele, baixo.

Quando a rhivi se agachou outra vez, segurando a criança contra o peito, os olhos de Kruppe se arregalaram. A barriga da mãe estava lisa, e a tatuagem da raposa branca desaparecera.

– Estou triste por talvez não ser possível voltar daqui a vinte anos para ver a mulher em que esta criança vai se transformar – continuou Pran.

– Você vai voltar – garantiu K’rul, em voz baixa. – Apenas não como um t’lan, mas como um Invocador de Ossos t’lan imass.

A respiração sibilou entre os dentes de Pran.

– Em quanto tempo? – perguntou.

– Trezentos mil anos, Pran Chole do clã Cannig Tol.

Kruppe pousou uma das mãos no braço de Pran.

– Você tem algo por que esperar – disse ele.

O t’lan encarou Kruppe por um momento, depois jogou a cabeça para trás e soltou uma gargalhada.

As horas antes do sonho de Kruppe haviam sido movimentadas, começando com sua reunião com Baruk, que permitira a revelação do portador da moeda, reforçada pela suspensão hábil, mas algo dramática, da impressão de cera da moeda: um encantamento que dera estranhamente errado.

Mas, logo depois da reunião, com as gotas de cera já endurecidas se empedrando no peito e nos braços de seu casaco, Kruppe parou do lado de fora da porta do alquimista. Roald não se encontrava em nenhum lugar.

– Ah, céus! – Kruppe exalou, limpando o suor da testa. – Por que o mestre Baruk acharia o nome de Crokus familiar? Ah, Kruppe estúpido. Tio Mammot, é claro. Puxa vida, essa foi por pouco. Tudo poderia muito bem ter sido perdido!

Continuou pelo corredor rumo à escada.

Por algum tempo lá dentro, o poder de Oponn crescera consideravelmente. Cres-*cera*. Kruppe deu um sorriso, pensando na piadinha, mas foi um sorriso distraído. Faria bem em evitar tais contatos. O poder tinha o hábito de ativar seus talentos de mago; já sentia as exortações do Baralho de Dragões na cabeça. Apressou-se a descer a escada e cruzou o saguão principal até a porta. Roald tinha entrado, carregando as provisões de uso diário. Kruppe notou a poeira que cobria as roupas do velho.

– Caro Roald, parece que você acabou de enfrentar uma tempestade de areia! Precisa da ajuda de Kruppe?

– Não – grunhiu Roald. – Obrigado, Kruppe. Consigo dar conta. Pode fazer a gentileza de fechar a porta quando sair?

– Claro, gentil Roald!

Kruppe deu uma batidinha no braço do homem e seguiu até o pátio. Os portões que davam para a rua haviam sido deixados abertos; do outro lado, havia uma nuvem rodopiante de poeira. Kruppe murmurou:

– Ah, sim, os consertos da rua.

Uma dor de cabeça explodiu atrás de seus olhos, e o sol brilhante não ajudava nada nessa questão. Estava a meio caminho dos portões quando parou.

– As portas! Kruppe esqueceu de fechar a porta!

Virou-se e retornou para a entrada da mansão, suspirando quando a porta se fechou com um estalo satisfatório.

Quando se virou pela segunda vez, alguém gritou na rua. Seguiu-se uma batida ruidosa, mas Kruppe não percebeu esse último som. Com aquele palavrão que fora gritado, uma tempestade sobrenatural rugiu em sua cabeça. Caiu de joelhos e a cabeça se ergueu com um salto, os olhos arregalados.

– Isso foi um palavrão malazano, de fato – sussurrou. – Então, por que a imagem da Casa da Sombra queima como fogo na mente de Kruppe? Quem caminha agora nas ruas de Darujhistan? – *Uma interminável conta feita de nós*... – Mistérios resolvidos, mais mistérios criados.

A dor passara. Kruppe se levantou e limpou a poeira de sua roupa. *Que bom que essa aflição tenha acontecido longe dos olhos de seres suspeitos*, Kruppe pensou aliviado. *Tudo por causa de uma promessa feita ao amigo Roald. Sábio velho amigo Roald. O sopro de Oponn desta vez é bem-vindo, ainda que a contragosto*.

Caminhou até os portões e espiou a rua. Um carrinho tombado; paralelepípedos espatifados. Dois homens discutiam sobre de quem era a culpa, enquanto endireitavam o carrinho e o enchiam outra vez. Kruppe os observou. Os homens falavam bem a língua daru, mas, para alguém que ouvisse atentamente, havia uma sugestão de sotaque... um sotaque que não se encaixava.

– Ah, céus – exclamou Kruppe, recuando.

Ajeitou o casaco, inspirou fundo, abriu os portões e ganhou a rua.

O homenzinho gordo com as mangas do casaco desfiadas saiu dos portões da casa e virou à esquerda. Parecia estar com pressa.

O sargento Whiskeyjack secou o suor da testa com o antebraço cheio de cicatrizes; seus olhos eram como fendas contra a luz clara do sol.

– É aquele, sargento – disse Piedade, ao seu lado.

– Tem certeza?

– Sim, tenho certeza.

Whiskeyjack observou o homem ziguezagueando entre a multidão.

– O que ele tem de tão importante? – perguntou.

– Não estou certa quanto à importância dele, admito – respondeu Piedade. – Mas ele é vital, sargento.

Whiskeyjack mordeu o lábio e se virou para o fundo do carrinho, onde o mapa da cidade tinha sido esticado, com as pontas presas por lascas de pedra.

– Quem mora naquela propriedade? – perguntou o sargento.

– Um homem chamado Baruk – respondeu Piedade. – Um alquimista.

O sargento fez uma careta. Como ela sabia disso?

– Você está dizendo que aquele homenzinho gordo é esse tal de Baruk?

– Não. Ele trabalha para o alquimista. Não é um servo. Um espião, talvez. Suas habilidades incluem roubos e ele possui... talento.

Whiskeyjack ergueu os olhos.

– Um vidente?

Por algum motivo, Piedade se sobressaltou. Estupefato, o sargento a observou empalidecer. Merda, ele se perguntou, o *que está acontecendo com essa garota?*

– Acredito que sim – respondeu ela, com voz trêmula.

Whiskeyjack enrijeceu.

– Tudo bem. Siga-o.

Ela assentiu, abalada, e deslizou para a multidão.

O sargento se recostou na lateral do carrinho. Sua expressão azedou ao fitar seu pelotão. Trote estava balançando a picareta como se estivesse em um campo de batalha. Pedras voavam para todo lado. Transeuntes se esquivavam e praguejavam quando a esquiva falhava. Azarve e Violinista estavam agachados atrás de um carrinho de mão, encolhendo-se sempre que a picareta do barghastiano batia no chão. A uma pequena distância, Marreta direcionava pedestres para outra calçada. Não berrava mais com as pessoas: perdera a voz ao discutir com um homem idoso cujo burro cambaleava sob um enorme cesto de lenha. O velho e o burro não estavam em nenhum lugar à vista, e os feixes de lenha agora jaziam espalhados pela rua, fornecendo uma barreira eficaz para veículos com rodas.

Considerando tudo, concluiu Whiskeyjack, todos que estavam com ele haviam assumido o papel de trabalhador de rua ensandecido pelo calor com uma

facilidade que considerou estranhamente perturbadora.

Azarve e Violinista adquiriram o carrinho carregado de paralelepípedos menos de uma hora depois de seu desembarque à meia-noite, em uma doca pública no Antelago. Whiskeyjack temia perguntar exatamente como aquilo se dera, mas o vagonete combinava perfeitamente com seus planos. Algo atormentava Whiskeyjack, mas ele deixou isso de lado. Era um soldado, e um soldado seguia ordens. Quando chegasse a hora, haveria caos em cada um dos maiores cruzamentos da cidade.

– Plantar minas não será fácil – enfatizara Violinista –, então faremos isso debaixo do nariz de todo mundo. Manutenção de rua.

Whiskeyjack balançou a cabeça. Conforme Violinista tinha previsto, ninguém os questionara. Continuaram a escavar ruas, trocando paralelepípedos velhos por munições moranthianas envoltas em barro endurecido por cozimento. Seria tão fácil assim?

Seus pensamentos voltaram para Piedade. *Improvável*. Ben Ligeiro e Kalam finalmente o haviam convencido de que sua parte da missão estava melhor sem ela. A moça acompanhava sua equipe com olhos que nunca paravam, mas oferecia pouca ajuda. O sargento sentiu certo alívio por tê-la enviado para seguir o homem gordo.

Mas o que atraíra uma garota de 17 anos para o mundo da guerra? Ele não conseguia entender; não conseguia ignorar sua juventude, não conseguia enxergar além para ver o assassino frio por trás daqueles olhos mortos. Apesar de dizer a seu pelotão que ela era tão humana quanto qualquer outro, as dúvidas cresciam a cada pergunta acerca da moça que ele não era capaz de responder. Não sabia quase nada a seu respeito. A revelação de que ela conseguia lidar com um barco de pesca viera aparentemente do nada. E ali, em Darujhistan, ela não agia como uma menina criada em uma vila de pescadores. Piedade tinha uma altivez natural, uma autoconfiança mais frequente nas classes altas e instruídas. Não importava onde a moça estivesse, agia como se pertencesse ao ambiente.

Aquilo era coisa de uma jovem de 17 anos? Não, mas parecia encaixar com as opiniões de Ben Ligeiro, e aquilo o enervava. De que outro modo ela teria atitudes de uma mulher fria como gelo, torturando prisioneiros nos arredores de Nathilog? Whiskeyjack conseguia olhá-la, e parte dele dizia: *Jovem, não*

desagradável aos olhos, uma confiança que a torna atraente. Porém, outra parte de sua mente se fechava com força. *Jovem?* Ele ouvia a própria risada áspera e dolorida. *Ah, não, não essa senhorita.* Ela era *velha*. Aquela menina andara sob uma lua vermelha como sangue na aurora do tempo. *Seu rosto é o rosto de tudo o que não pode ser sondado, e ela a encarara, Whiskeyjack, e você nunca saberá o que ela está pensando.*

Conseguia sentir o suor escorrer pelo rosto e pelo pescoço. Bobagem. Aquela parte de sua mente se perdeu no próprio terror, tomou o desconhecido e modelou, com desesperança cega, um semblante que conseguia reconhecer. *Desespero,* pensou, *sempre exige uma direção, um foco. Encontre a direção e o desespero vai embora.*

Claro, não era tão fácil. O desespero que sentia não tinha forma. Não se tratava apenas de Piedade, não apenas daquela guerra interminável, nem mesmo da traição vinda de dentro do Império. Não tinha onde buscar respostas e estava cansado de fazer perguntas.

Quando olhara para Piedade na floresta do Cão Negro, percebeu que seu horror vinha da revelação daquilo em que estava se tornando: um matador desprovido de remorso, com a armadura do ferro frio da desumanidade, livre da necessidade de fazer perguntas, de buscar respostas, de moldar uma vida razoável como uma ilha em um mar de carnificina. Nos olhos vazios daquela criança, vira a decadência da própria alma. O reflexo fora imaculado, sem imperfeições para desafiar a verdade do que via.

O suor, escorrendo em suas costas sob o gibão, estava quente contra o frio que o invadiu. Whiskeyjack ergueu uma mão trêmula até a testa. Nos dias e noites que se seguiriam, pessoas morreriam por ordem sua. Andara pensando nisso como o resultado de seu planejamento cuidadoso e preciso: sucesso medido pela relação entre a quantidade de mortos do lado inimigo e as próprias perdas. A cidade, com suas multidões ocupadas e amontoadas sem interromper o curso de suas vidas, pequenas e grandes, covardes e corajosas, não passava de um tabuleiro, e o jogo era jogado unicamente para o benefício de terceiros. Fizera os planos como se nada dele mesmo estivesse em jogo. Ainda assim, seus *amigos* poderiam morrer – ali, finalmente os chamara por aquilo que eram –, e os amigos de outros poderiam morrer, e filhos, filhas, pais. A lista de vidas

arrasadas parecia infinita.

Whiskeyjack encostou na lateral do carrinho, na tentativa de estabilizar sua mente vacilante. Desesperado, tirou os olhos da rua, erguendo-os. Viu um homem em uma janela no segundo andar da propriedade. Ele os observava, e suas mãos estavam bem vermelhas.

Abalado, o sargento desviou o olhar. Mordeu o lado de dentro da boca até sentir uma pontada de dor; sentiu gosto de sangue. *Concentre-se*, disse a si mesmo. *Saia desse precipício. Concentre-se, ou você vai morrer. E não apenas você, mas também seu pelotão. Eles confiam em você para tirá-los disto. Você precisa continuar merecendo a confiança deles.* O sargento inspirou fundo, virou-se para um lado e cuspiu sangue. Fitou o paralelepípedo sujo de vermelho.

– Aí – sibilou. – É fácil olhar, não é?

Ouviu passos e ergueu o olhar para ver Azarve e Violinista chegando. Ambos tinham expressões apreensivas.

– Você está bem, sargento? – perguntou Violinista, em voz baixa.

Atrás dos dois sabotadores, Marreta se aproximou com um olhar avaliador fixo no rosto pálido e banhado de suor de Whiskeyjack.

O sargento fez uma careta.

– Estamos atrasados. Quanto tempo mais?

Com os rostos manchados de poeira branca e suor, os homens se entreolharam. Em seguida, Azarve respondeu:

– Três horas.

– Decidimos usar sete minas – disse Violinista. – Quatro faisqueiras, duas flamejantes e uma condenadora.

– Isso vai derrubar alguns desses prédios? – perguntou Whiskeyjack, evitando os olhos de Marreta.

– Claro. Não há modo melhor de se bloquear um cruzamento.

Violinista sorriu para seu parceiro.

– Há algum em especial que você queira derrubar? – inquiriu Azarve.

– A propriedade atrás de vocês é de um alquimista.

– Certo – concordou Azarve. – Isso deve dar uma boa iluminada no céu.

– Vocês têm duas horas e meia – disse Whiskeyjack. – Então, é a vez dos cruzamentos da colina da Majestade.

Marreta se aproximou.

– Outra dor de cabeça? – perguntou baixo.

Whiskeyjack fechou os olhos e assentiu bruscamente. O curandeiro ergueu a mão e a passou sobre a testa do sargento.

– Só amenizando um pouco – explicou ele.

O sargento sorriu com pesar.

– Isso está ficando velho, Marreta. Você está usando até as mesmas palavras.

Uma dormência fria fluiu por seus pensamentos.

O rosto de Marreta estava abatido. Ele baixou a mão.

– Quando tivermos tempo, encontrarei a causa, Whiskeyjack.

– Está bem. – O sargento sorriu. – Quando tivermos tempo.

– Espero que Kal e Ligeiro estejam bem – disse Marreta, virando-se para observar o trânsito da rua. – Você despachou Piedade?

– Sim. Estamos sozinhos. Eles sabem onde nos encontrar, todos os três.

Lançou um olhar para a janela da mansão. O homem com as mãos vermelhas continuava ali, mas agora observava os telhados distantes. Uma nuvem de poeira se ergueu entre eles, e Whiskeyjack voltou sua atenção para o mapa da cidade, onde cada cruzamento maior, as casernas e a colina da Majestade haviam sido circulados em vermelho.

– Marreta?

– Sargento?

– Mordi o lado de dentro da minha bochecha de novo.

O curandeiro se aproximou, erguendo a mão outra vez.

Crokus Jovemão seguiu para o sul pelo caminho de Trallit. Os primeiros sinais do Festival de Gedderone que se aproximava já haviam surgido. Bandeiras tingidas pendiam dos varais sobre a rua, flores pintadas e tiras feitas de casca de árvore emolduravam as portas e alqueires de sementes secas haviam sido presos aos muros de todos os cruzamentos.

Estrangeiros enchiam as ruas: pastores gadrobi, comerciantes rhivi, tecelões de Catlin – uma massa de pessoas suadas, barulhentas, empolgadas. O cheiro de animais se misturava com o de humanos, tornando as vielas mais estreitas tão

fedorentas que quase ficavam intransitáveis, o que, por sua vez, enchia ainda mais as vias principais.

Em anos anteriores, Crokus desfrutara da celebração, abrindo caminho nas multidões da meia-noite para encher os bolsos ao esvaziar os das pessoas ao redor. Durante o Festival, preocupações com as proezas do Império Malazano lá no norte desapareciam por um tempo. Seu tio sempre sorria diante disso, dizendo que a virada da estação dava aos esforços da humanidade a própria perspectiva.

– Os atos lamentosos e triviais das espécies de vida e visão curtas, Crokus – dizia o tio –, não podem fazer nada para alterar os Grandes Ciclos da Vida.

No caminho para casa, as palavras de Mammot voltaram ao rapaz. Sempre vira o tio como um sábio homem idoso, embora um pouco ineficiente. Entretanto, cada vez mais se via perturbado pelas observações de Mammot.

Celebrar o Rito de Primavera de Gedderone não deveria ser uma desculpa para evitar as pressões da realidade. Não era apenas uma fuga inofensiva: era um meio de atrasar o provável e torná-lo inevitável. *Poderíamos dançar nas ruas o ano inteiro,* pensou ele, fazendo uma careta para si mesmo, *para mil Grandes Ciclos, e, com a mesma certeza que se teria da ida e da vinda das estações, o Império Malazano marcharia pelos nossos portões. Acabaria com o baile com a ponta de uma espada, sendo um povo diligente e disciplinado, impaciente com gastos inúteis de energia... Macabramente míopes.*

Chegou a um cortiço e, meneando a cabeça para a velha que fumava cachimbo sentada nos degraus, entrou. O corredor estava vazio, já que a multidão costumeira de crianças brincava nas ruas, sem dúvida, e um murmúrio doméstico relaxante flutuava para fora das portas fechadas. Subiu a escada rangente até o primeiro andar.

Do lado de fora da porta de Mammot estava o macaco alado de estimação do estudioso, arranhando e puxando o trinco, desesperado. Ele ignorou Crokus até que ele chegasse para abri-lo, depois guinchou e voou em círculos ao redor de sua cabeça.

– Sendo chato de novo, hein? – insinuou Crokus para a criatura, balançando uma mão quando o macaquinho voou perto demais e acabou emaranhado em seu cabelo.

Minúsculas mãos humanoides agarraram seu couro cabeludo, e ele acabou

cedendo:

– Está bem, Moby.

Abriu a porta. Lá dentro, Mammot preparava um chá de ervas. Sem se virar, o tio perguntou:

– Chá, Crokus? E quanto a esse monstrinho que provavelmente está cavalgando sua cabeça, diga-lhe que já estou cheio dele por hoje.

Moby fungou, indignado, e voou para a mesa do estudioso, onde aterrissou com uma barrigada, espalhando papéis no chão. Em seguida, emitiu sons incompreensíveis.

Suspirando, Mammot se virou com a bandeja nas mãos. Seus olhos aquosos se fixaram em Crokus.

– Você parece cansado, moleque.

Crokus afundou na cadeira menos esfarrapada das duas que ocupavam a sala.

– Sim. Cansado e mal-humorado.

– Meu chá vai fazer as maravilhas habituais – disse Mammot, sorrindo.

Crokus grunhiu, sem olhar para cima.

– Talvez. Talvez não.

Mammot deu um passo à frente e pôs a bandeja em uma mesinha que ficava entre as duas cadeiras. Sentou-se com um gemido baixo.

– Como você sabe, possuo poucos escrúpulos morais quanto à profissão de sua escolha, Crokus, já que questiono direitos de qualquer tipo, incluindo os de propriedade. Até privilégios exigem responsabilidade, como eu sempre disse, e o privilégio da propriedade exige que o proprietário seja responsável por proteger sua posse. Minha única preocupação, é claro, são os riscos que você necessariamente precisa assumir. – Mammot se inclinou para a frente e serviu o chá. – Moleque, um ladrão precisa ter certeza de uma coisa: sua concentração. Distrações são perigosas.

Crokus olhou para o tio.

– O que você andou escrevendo durante todos esses anos? – perguntou o rapaz de repente, gesticulando na direção da mesa.

Surpreso, Mammot pegou sua xícara e se sentou.

– Ora! Um interesse genuíno em se instruir, então? Finalmente? Como eu já disse antes, Crokus, você tem inteligência para ir muito longe. E, ainda que eu

seja apenas um humilde homem de letras, minha palavra abrirá para você muitas portas por aqui. Na verdade, nem o conselho da cidade está além do seu alcance, se você escolher tal direção. Disciplina, rapaz, exatamente o mesmo requisito que você dominou como ladrão.

Uma expressão astuta brilhou no olhar de Crokus ao se fixar em Mammot.

– Quanto tempo demoraria para ficar conhecido nesses círculos? – perguntou o rapaz, em voz baixa.

– Bem, é o aprendizado que importa, é claro – disse Mammot.

– Claro.

Na mente de Crokus, surgiu a imagem de uma donzela adormecida.

Mammot soprou sua bebida.

– Com estudos em tempo integral e a avidez da juventude, eu arriscaria um ano, talvez mais, talvez menos. Tem pressa?

– Apenas a avidez da juventude, eu acho. Em todo caso, você ainda não me respondeu. O que está escrevendo, tio?

– Ah. – Mammot lançou um olhar à sua mesa, arqueando uma sobrancelha para Moby, que abrira um pote de tinta e a bebia. – A história de Darujhistan. Acabei de começar o quinto volume, que se inicia com o reinado de Ektalm, o penúltimo dos reis tiranos.

Crokus piscou.

– Quem?

Sorrindo, Mammot bebericou seu chá.

– O Usurpador de Letastte, que foi sucedido por sua filha, Sandenay, que provocou a Insurreição e, com ela, o fim da era dos tiranos.

– Ah, legal.

– Crokus, se quer levar isso a sério, é pela história de Darujhistan que vamos começar as lições, mas isso não significa começar pelo quinto volume. Significa começar pelo princípio.

Crokus assentiu.

– Nascida de um boato – disse ele.

Moby chiou na mesa, em seguida tossiu. Mammot lançou-lhe um olhar de repreensão e voltou a atenção para Crokus, com o rosto velado ao responder:

– Sim, rapaz. Darujhistan nasceu de um boato. – Hesitou. – Você ouviu isso

em algum outro lugar? Recentemente?

– Alguém mencionou isso – disse Crokus, casualmente. – Mas não lembro quem.

Ele se lembrava, na verdade. Aquilo fora dito pelo assassino, Rallick Nom.

– Você sabe o que significa?

Crokus balançou a cabeça. Mammot se recostou.

– Beba seu chá, meu garoto. – O homem idoso fez uma pausa e em seguida começou: – Nos Primeiros Ciclos desse reino, três grandes povos lutaram pelo domínio; nenhum era humano, como conhecemos os humanos. Os forkrul assail, ou krussail, como são atualmente conhecidos, saíram logo da contenda. Não por fraqueza, mas... bem, desinteresse. Os dois povos restantes guerrearam sem parar. Por fim, um deles caiu, pois era uma raça de indivíduos que lutavam tanto entre si quanto contra os inimigos da outra raça. Eram chamados jaghut, embora o termo tenha sido degenerado, virando hoje em dia apenas jhag ou shurl. Apesar de terem perdido a guerra, eles não desapareceram completamente. Dizem que alguns jaghut sobreviveram até os dias de hoje, embora, felizmente, não em Genabackis. – Mammot envolveu a xícara com as duas mãos. – Então, Darujhistan nasceu de um rumor. Entre as tribos nativas das colinas Gadrobi, sobreviveu a lenda de que um túmulo jaghut jaz em algum lugar nessas colinas. Bem, os jaghut possuíam grande mágica e eram criadores de Labirintos secretos e de artigos de poder. Com o tempo, a lenda gadrobi ultrapassou as colinas, chegou ao norte de Genabacki e ao sul de Catlin, a reinos que desde então desmoronaram até virarem pó, no leste e no oeste. Em todo caso, caçadores vieram até as colinas, primeiro aos poucos, depois em legiões, tribos inteiras guiadas por xamãs e bruxos famintos por poder. Cada encosta foi deformada por trincheiras e buracos. Dos acampamentos e dos barracos, dos milhares de caçadores de tesouros que chegavam a cada primavera, uma cidade nasceu.

– Darujhistan – interrompeu Crokus.

– Sim. O túmulo nunca foi encontrado, e o boato há muito minguou. Poucos o conhecem, hoje em dia, e aqueles que já o ouviram são sábios o bastante para não retomarem a busca.

– Por quê?

Mammot franziu o cenho.

– Raramente uma construção jaghut aparece nas mãos de um humano, mas já aconteceu, e as consequências foram inevitavelmente catastróficas. – A carranca do ancião se aprofundou. – A lição está clara para aqueles que escolhem aceitá-la.

Crokus refletiu por um tempo.

– Então os krussail desapareceram e os jhag foram derrotados. O que aconteceu com o terceiro povo depois? Aquele que venceu? Por que não estão aqui, em vez de nós?

Mammot abriu a boca para responder, então parou, reconsiderando. Os olhos de Crokus se estreitaram. Perguntou-se o que Mammot estivera prestes a revelar, e por que escolhera não fazê-lo. Mammot baixou sua xícara.

– Ninguém tem certeza do que aconteceu com eles, Crokus, ou como se transformaram naquilo que são hoje. Eles existem, ou algo assim, e todos aqueles que já enfrentaram o Império Malazano os conhecem como os t'lan imass.

Piedade abriu caminho em meio à multidão, lutando para manter o homem gordo em seu campo de visão. Não que ele fosse difícil de seguir, mas a garota batalhava contra uma tempestade em sua cabeça, provocada por uma única palavra pronunciada pelo sargento Whiskeyjack.

Vidente.

Era como se uma coisa negra e compacta em seu cérebro houvesse se aberto explosivamente com aquela palavra e agora lutasse contra tudo que a cercava. Embora de início houvesse se abatido sobre ela com uma força que parecia quase esmagadora, Piedade já a sentia minguar. O que quer que lutasse estava vencendo a batalha. Ainda assim, julgou ser capaz de ouvir o choro distante de uma criança.

– Eu sou Cotillion – ela se ouviu murmurar –, Patrono dos Assassinos, conhecido por todos como a Corda da Sombra.

O choro se tornou mais fraco.

– A Vidente está morta.

Parte de sua mente gritou ao ouvir isso, enquanto outra perguntou: *Que*

vidente?

– Estou dentro, ainda assim à parte. Fico ao lado do Trono Sombrio e ele se chama Ammanas e é o Senhor das Sombras. Estou aqui como a mão da morte.

Piedade sorriu e assentiu para si mesma, mais uma vez sob controle. O que quer que a houvesse desafiado já partira, novamente enterrado fundo. O luxo do choro, da raiva e do medo não pertencia a ela, nunca pertencera.

Inspirou fundo, e seus sentidos se voltaram para a tarefa que recebera. O homenzinho gordo era perigoso. O como e o porquê ainda precisavam ser respondidos, mas todo o seu poder sussurrava em alerta cada vez que ela o avistava na multidão. *E tudo que é perigoso*, disse a si mesma, *deve morrer*.

Sob o muro da Segunda Camada, no Antelago, o mercado ao longo da alameda do Sal estava no auge de sua costumeira agitação. O calor azedo, aumentando durante o dia nas avenidas e nos becos lotados, alcançara seu máximo. Suando, mercadores exaustos vociferavam xingamentos aos concorrentes, sobre as cabeças dos clientes. Brigas aconteciam a todo minuto em uma área ou outra, e a aglomeração da multidão separava os brigões bem antes da chegada de guardas mal-humorados.

Abaixados em seus tapetes de relva, os rhivi locais da planície gritavam, em seu tom anasalado, descrições intermináveis de carne boa de cavalo. Nos cruzamentos, pastores gadrobi se postavam ao lado de mastros trêmulos cercados de cabras e ovelhas que baliam, enquanto outros empurravam carrinhos de madeira carregados de queijos e jarras de argila cheias de leite fermentado. Pescadores daru caminhavam com lanças de peixe defumado balançando sobre as cabeças, pululando de moscas zumbindo. Tecelões de Catlin ficavam sentados atrás de barreiras de fardos de tecidos vivamente tingidos que iam até a cintura. Fazendeiros gredfallanos em suas carroças vendiam as frutas amargas da estação e tubérculos doces. Vendedores de madeira abriam caminho à força com as carroças puxadas por bois, com os filhos agarrados como macacos a feixes de madeira empilhados. Homens e mulheres vestidos em cores escuras, vindos de Callows, bradavam as orações discordantes das mil seitas de D’rek, cada um segurando no alto o ícone específico da sua.

Kruppe seguiu pela rua do mercado a passos animados, com os braços balançando, aparentemente por vontade própria. Tal movimento, entretanto, não se tratava de mera afetação: disfarçava os gestos necessários para lançar feitiços. Como ladrão, parecia que os gostos de Kruppe não exigiam muito. Roubava comida, frutas e doces, sobretudo, e justamente devido a esses desejos do paladar que aperfeiçoara suas habilidades mágicas.

Enquanto andava, a dança caótica de seus braços era calculada para pegar maçãs voando de cestas, doces saltando de bandejas e cerejas cobertas de chocolate apanhadas de tachos, todos se movendo tão rápido que não eram mais do que borrões se desviando de corpos no caminho. Por dentro das mangas largas e esvoaçantes de seu casaco haviam sido costurados bolsos, alguns grandes, outros pequenos. Tudo aquilo que chegava às mãos de Kruppe desaparecia dentro das mangas, enfiado nos bolsos de tamanho adequado. Ele seguia, um conhecedor de iguarias comestíveis de uma centena de culturas, com uma expressão de contentamento satisfeito no rosto redondo.

Por fim, depois de uma rota comprida e tortuosa, Kruppe chegou à Taberna da Fênix. Parou nos degraus, falou com um encrenqueiro solitário que se encontrava ali e retirou de uma manga um bolinho de mel açucarado. Então, dando uma mordida no doce, abriu a porta e desapareceu lá dentro.

Meio quarteirão rua abaixo, Piedade se encostou à parede de um cortiço e cruzou os braços. O homenzinho gordo era uma surpresa. Ela vira o bastante de seu balé refinado para reconhecê-lo como um Adepto. Ainda assim, estava confusa, pois a mente por trás da fachada sugeria capacidades muito maiores que aquelas que mostrara, confirmação de que ali de fato havia uma criatura perigosa.

De onde Piedade se achava, observou a taberna. O homem nos degraus parecia investigar todos que entravam, mas ela não conseguiu detectar nenhum gesto que pudesse indicar um código de ladrões. As conversas eram breves, em geral de reconhecimento mútuo.

Mesmo assim, tinha intenção de entrar na taberna. Era o tipo de lugar que Whiskeyjack mandara Kalam e Ben Ligeiro encontrar, frequentado por ladrões, valentões e assassinos. O motivo de o sargento querer encontrar tal lugar era um

detalhe que não fora compartilhado com a recruta. O mago e Kalam suspeitavam dela, e a moça sentia que os argumentos da dupla estavam balançando Whiskeyjack. Se pudessem, eles a manteriam fora de tudo, mas Piedade não queria que isso acontecesse.

Afastando-se do muro, atravessou a rua e se aproximou da Taberna da Fênix. No céu, a tarde minguara para um crepúsculo denso, cujo ar cheirava a chuva. Ao chegar perto dos degraus da entrada, a atenção do encrenqueiro se focou nela. O homem sorriu.

– Seguindo Kruppe, é? – Ele balançou a cabeça. – De todo modo, garotas não deveriam carregar espadas. Espero que não esteja planejando entrar. Com uma espada? Não, não. Não sem estar acompanhada, de qualquer forma.

Piedade recuou um passo. Olhou para os dois lados da rua. O pedestre mais próximo estava a mais de uma rua de distância, indo na direção oposta. Ela fechou as mãos ao redor da capa curta e puxou-a ao redor da cintura.

– Deixe-me passar – disse, em voz baixa.

Como aquele gordo a notara?

O homem se reclinou na balaustrada.

Essa situação está implorando por certo tipo de conversa, do tipo amigável. Então, que tal você e eu irmos até o beco? Você deixa sua espada de lado, que eu serei gentil. Do contrário, as coisas podem ficar perigosas, e qual seria a graça de...

A mão esquerda de Piedade se lançou para fora da capa. Um punhal voou entre eles. A lâmina entrou no olho direito do homem, então no cérebro. Ele tombou para trás com um solavanco sobre o corrimão e caiu, aterrissando com um baque pesado ao lado dos degraus. Piedade o alcançou e recuperou o punhal. Fez uma pausa, ajeitando o cinto em que carregava sua espada de duelo, depois verificou a rua. Como não viu ninguém perto o suficiente para ter notado qualquer coisa errada na penumbra crescente, subiu os degraus e entrou na taberna.

Foi bloqueada antes de dar o segundo passo, vendo-se diante de um rapaz que gemia, pendurado de cabeça para baixo. Duas mulheres de aparência durona se revezavam, balançando-o para a frente e para trás. Cada vez que ele tentava alcançar a corda presa a seus pés, recebia uma pancada na cabeça. Uma das

mulheres sorriu para Piedade.

– Ei, agora! – exclamou a mulher, segurando o braço da garota enquanto ela passava.

Piedade olhou friamente para a mulher.

– O quê?

A mulher se aproximou, o hálito parecendo uma nuvem de cerveja ao sussurrar:

– Se tiver problemas, só precisa chamar Irilta e Meese. Somos nós, certo?

– Obrigada.

Piedade prosseguiu. Já avistara o homenzinho gordo. De que o encrenqueiro o chamara? Kruppe. Ele se sentara a uma mesa perto da parede oposta, na varanda interna. Através do salão lotado, Piedade viu um espaço livre no balcão, onde poderia se posicionar e observar. Abriu caminho.

Já que Kruppe evidentemente sabia sobre ela, a recruta decidiu não se esforçar para disfarçar sua atenção. Em geral, aquele era o exato tipo de pressão que destruía a determinação de um homem. *Em uma guerra de paciência*, Piedade sorriu para si mesma, *o mortal sempre está em desvantagem*.

Crokus dobrou a esquina e se aproximou da Taberna da Fênix. O plano que Mammot estabelecera para ele era intimidador, e a instrução ia muito além de livros: incluía a etiqueta do comportamento da corte, as funções de vários oficiais, as linhagens e as excentricidades peculiares entre certos dignitários... Mas ele jurou a si mesmo que cumpriria todo o curso. Seu objetivo era um dia estar diante da donzela D'Arle, aguardando uma apresentação formal.

Algo dentro dele zombava daquele projeto. Ali está Crokus, o acadêmico, a jovem promessa sofisticada, o ladrão. Era tudo absurdo demais... Ainda assim, o projeto o perseguia e fortalecia sua decisão. Logo chegaria lá. Enquanto isso, entretanto, havia outros assuntos a tratar, coisas que precisavam ser consertadas.

Ao chegar aos degraus da taberna, viu uma sombra amontoada sob a balaustrada. Com cuidado, Crokus se aproximou.

Quando Piedade alcançou o balcão, a porta se escancarou do outro lado do salão.

Ela se virou, como todo mundo, para ver um jovem de cabelo escuro parado ali.

– Alguém matou Chert! – gritou Crokus. – Ele foi esfaqueado!

Meia dúzia de clientes voaram na direção da porta, passando por ele e desaparecendo do lado de fora. Piedade fitou o balcão outra vez. Buscando o olhar do taberneiro, ela disse:

– Cerveja gredfallana, por favor, em uma caneca de estanho.

A mulher que Irilta chamara de Meese apareceu ao seu lado, batendo dois antebraços grandes no balcão ao se inclinar para a frente.

– Atenda a moça, Scurve – grunhiu Meese. – Ela tem bom gosto. – Inclinando a cabeça para perto de Piedade, acrescentou: – Bom gosto em tudo. Chert era um porco.

Piedade ficou rígida. Suas mãos deslizaram para baixo da capa.

– Calma, garota – sussurrou Meese. – Não somos de fofoca. Aqui você toma conta de si mesma primeiro, e não quero faca nenhuma no meu olho. Dissemos que íamos cuidar de você, não foi?

A cerveja chegou conforme pedida. Piedade ergueu a mão e segurou a asa da caneca.

– Você não quer cuidar de mim, Meese – disse ela, baixinho.

Mais uma pessoa chegou, do outro lado de Meese. Lançando-lhe um olhar, Piedade viu que se tratava do jovem de cabelo negro, que estava pálido.

– Droga, Meese – sibilou ele. – Estou tendo um péssimo dia, mesmo.

Meese riu e passou um braço ao redor de seus ombros.

– Scurve, sirva-nos umas dessas cervejas gredfallanas. O Crokus aqui merece o melhor de Darujhistan. – Meese virou a cabeça e aproximou-a da de Piedade outra vez, sussurrando: – Da próxima vez, não vai querer mostrar esse tipo de requinte. Pelo menos, não aqui.

Piedade franziu o cenho para sua bebida. Fora descuidada, pedindo o melhor da cidade. Depois, deu uma golada.

– Está boa – disse ela. – Muito boa.

Meese sorriu, dando uma cotovelada em Crokus.

– A moça gosta do que é bom.

Crokus se inclinou para a frente, oferecendo um sorriso cansado, mas caloroso, a Piedade. Do lado de fora veio a trombeta da Guarda.

Scurve serviu as duas cervejas.

Piedade observou o olhar de Crokus descer por seu corpo e então parar. O sorriso do jovem murchou e seu rosto empalideceu ainda mais. Quando a caneca foi posta diante dele, Crokus desviou os olhos e a pegou.

– Pague antes de beber, Crokus – resmungou Scurve. – Você está ficando tão ruim quanto Kruppe.

Crokus estendeu a mão para o bolso e puxou um punhado de moedas. Enquanto tentava contá-las, algumas escorregaram por entre seus dedos e quicaram no balcão. Das três que caíram, duas tilintaram brevemente e pararam. A terceira girou e continuou girando. Os olhos de Piedade se voltaram para ela, assim como os de Meese e Scurve. Crokus a alcançou, mas hesitou. A moeda ainda girava no mesmo ritmo.

Piedade fitou a moeda, sentindo ecos de poder martelarem sua cabeça como ondas do oceano. De dentro, de uma só vez, veio um afluxo de resposta. Scurve gritou quando a moeda escorregou pelo balcão, pulou uma vez bem alto no ar e, em seguida, parou com um tinido bem na frente de Crokus.

Ninguém falou. Fora do pequeno círculo, ninguém mais testemunhara o ocorrido. Crokus estendeu a mão e apanhou a moeda.

– Esta não! – exclamou o rapaz, rouco.

– Ótimo – retrucou Scurve, sua voz também rouca.

Estendeu mãos trêmulas para juntar as outras moedas que Crokus pusera no bar.

Do outro lado do balcão, Piedade roçou a mão na empunhadura e na bainha de seu punhal. Saiu molhada. Então Crokus vira o sangue. Ela teria que matá-lo. Só que sabia que não iria. Sua carranca se aprofundou.

– Crokus, meu rapaz! – veio um grito de baixo da varanda.

Meese sorriu com desdém naquela direção.

– Eis o peixe escorregadio em pessoa – murmurou. – Kruppe chama, moleque.

Crokus fungou, já tendo guardado a moeda no bolso. Pegou a caneca.

– Até mais, Meese – despediu-se ele.

Ela encontrara o homem de Oponn, então... Fácil assim. E ele estava ligado a Kruppe de algum modo. Estava tudo quase simples demais, o que a deixou

desconfiada.

– Um moleque de potencial – disse Meese. – Eu e Irilta cuidamos dele, certo?

Piedade se debruçou no balcão, com os olhos na caneca em sua mão. Teria que jogar com cuidado. Aquela explosão de feitiçaria da Sombra em resposta à influência da moeda fora inteiramente instintiva.

– Certo, Meese – concordou. – Não se preocupe com esse assunto, tudo bem?

Meese suspirou.

– Tudo bem. Vamos tentar uma coisinha barata agora. Scurve! Cerveja de Daru, por favor. Na cerâmica, se você tiver.

Contra o muro da Segunda Camada no Antelago ficava o Bar do Quip, um ponto de encontro de marinheiros e pescadores. As paredes do bar eram de arenito lapidado, e o edifício inteiro se inclinara para trás com o tempo, como se recuando da rua à frente. O Quip agora se apoiava no muro da Segunda Camada, assim como os barracos contíguos, construídos principalmente com troncos e tábuas de casco, arrastadas para a costa depois de algum naufrágio esporádico no recife.

O crepúsculo trouxe uma chuva leve a Darujhistan, e as brumas se arrastaram da água para a margem. Ao longe, no lago, relâmpagos reluziam, distantes demais para os trovões serem ouvidos.

Kalam saiu do Bar do Quip quando um acendedor local de roupa cinzenta aproximou seu bastão de piche em chamas de um lampião a gás que estava perto, tendo momentos antes aberto as válvulas de cobre. O lampião acendeu em um lampejo de luz azul, que logo se estabilizou. Kalam parou fora do bar para observar o homem esquisito de vestes acinzentadas seguir rua abaixo. Lançou um olhar ao céu, então subiu a rua. Chegou ao último barraco invasor, apoiado com um caibro peculiar no muro que separava as camadas da cidade, e entrou.

Ben Ligeiro o olhou, com as pernas cruzadas no centro do chão sujo.

– Teve sorte? – perguntou o mago.

– Não – respondeu Kalam. – A Sociedade se escondeu. Eu não faço ideia do

porquê. – Dirigiu-se à parede oposta e se sentou em seu saco de dormir. Reclinou-se contra a pedra antiga e esburacada e fitou o companheiro. – Você acha que o conselho da cidade se mobilizou para acabar com os assassinos locais?

O olhar de Ben Ligeiro brilhou no escuro.

– Você quer dizer, prevendo que tentaríamos fazer contato?

Kalam desviou o olhar.

– Duvido que sejam idiotas. Devem saber que é o jeito malazano. Oferecer à Sociedade um contrato impossível de se recusar, depois sentar e assistir aos governantes caindo como moscas acéfalas. Whiskeyjack sugeriu esse plano. Dujek aprovou. Aqueles dois estavam falando a língua do velho imperador, Ligeiro. O velho deve estar rindo no inferno agora.

O mago estremeceu.

– Uma imagem desagradável.

– Tudo não passará de teoria, de todo modo, se não conseguirmos encontrar um assassino local – continuou Kalam, dando de ombros. – Onde quer que estejam, não é no distrito Antelago, eu juro. O único nome envolto em mistério que captei é de alguém conhecido como a Enguia. Mas não é um assassino. É alguma outra coisa.

– Para onde vamos depois, então? – perguntou Ben Ligeiro. – Distrito Gadrobi?

– Não. Só um bando de fazendeiros e pastores lá. Inferno, só o cheiro daquele lugar é o suficiente para cortá-lo da lista. Vamos tentar Daru, começando amanhã. – Kalam hesitou. – E quanto ao seu lado das coisas?

Ben Ligeiro baixou a cabeça. Quando respondeu, foi com um sussurro tênue:

– Quase pronto.

– Whiskeyjack quase engasgou ao ouvir sua proposta. Eu também. Você vai entrar no covil da víbora, Ligeiro. Tem certeza de que é necessário?

– Não. – Ben Ligeiro olhou para cima. – Pessoalmente, eu preferia que nós só jogássemos tudo e corrêssemos. Fugíssemos de tudo. Do Império, de Darujhistan, da guerra. Mas tente convencer o sargento a fazer isso. Ele é leal a uma ideia, e esse é o tipo mais difícil de convencer.

Kalam assentiu.

– Honra, integridade e todo esse lixo que custa caro.

– Certo. Então, vamos fazer desse jeito porque é o único que nos sobrou. A insanidade de Hairlock se transformou em uma responsabilidade, mas nós ainda podemos usá-lo uma última vez. Poder atrai poder, e com sorte a queda de Hairlock fará isso. Quanto mais Ascendentes conseguirmos atrair para a briga, melhor.

– Sempre achei que se devia evitá-los, Ligeiro.

O sorriso do mago foi tenso.

– Pois é. Mas agora, quanto mais confusão e caos, melhor.

– E se Tayschrenn ficar sabendo?

O sorriso de Ben Ligeiro cresceu.

– Então, estaremos mortos antes. E é isso.

– E é isso – repetiu Kalam, latindo uma risada curta e sem humor.

O mago inclinou a cabeça.

– O sol já sumiu do horizonte. Hora de começar – disse Ben Ligeiro.

– Você quer que eu saia? – perguntou Kalam.

– Não, quero que fique bem onde está, desta vez. Se eu não voltar, leve meu corpo e o queime até virar cinzas. Espalhe as cinzas aos quatro ventos e amaldiçoe meu nome de todo o seu coração.

Kalam ficou em silêncio. Depois perguntou, com um grunhido:

– Por quanto tempo espero?

– Até o amanhecer – respondeu Ben Ligeiro. – Entenda que eu só pediria isso ao meu amigo mais próximo.

– Eu entendo. Agora ande logo com isso, cacete.

Ben Ligeiro gesticulou. Um anel de fogo saiu do chão e se espalhou, cercando o mago. Ele fechou os olhos.

Para Kalam, seu amigo pareceu murchar um pouco, como se algo essencial para a vida houvesse desaparecido. O pescoço de Ben Ligeiro rangeu quando seu queixo afundou no peito, seus ombros caíram e uma longa expiração escapou com um lento sibilar. O anel de fogo ardeu, depois se desvaneceu para um brilho farfalhante no chão.

Kalam mudou de posição, esticando as pernas e cruzando os braços. Em meio ao silêncio crescente, esperou.

Um Murillio pálido voltou para a mesa e se sentou.

– Alguém está se livrando do corpo – disse, e balançou a cabeça. – Quem quer que tenha matado Chert era um profissional, com um bom toque de perversidade. Bem no olho...

– Chega! – gritou Kruppe, erguendo as mãos. – Acontece que Kruppe está comendo, caro Murillio, e acontece também que Kruppe tem um estômago delicado.

– Chert era um tolo – continuou Murillio, ignorando Kruppe. – Mas dificilmente o tipo que atrai uma brutalidade dessas.

Crokus ficou calado. Vira o sangue no punhal daquela mulher de cabelo escuro.

– Quem pode dizer? – Kruppe mexeu as sobrancelhas. – Talvez ele tenha sido testemunha de algum horror terrível. Talvez tenha sido esmagado como um homem esmaga um camundongo fofinho com o pé.

Crokus olhou em volta. Seu olhar retornou à mulher ao lado de Meese no balcão. Vestida em armadura de couro com uma espada de duelo simples presa ao quadril, ela o lembrou da vez em que assistira, quando menino, a uma tropa de mercenários atravessar a cidade cavalgando. Eram a Guarda Escarlate, recordava-se: cinco mil homens e mulheres, sem um brasão brilhante entre eles.

Seu olhar permaneceu na mulher. Ela tinha agido como uma mercenária, uma assassina para quem matar deixara de ser uma abominação fazia muito tempo. O que Chert fizera para merecer uma faca no olho? Crokus desviou o olhar a tempo de ver Rallick Nom entrar na taberna. O assassino se aproximou da mesa, parecendo ignorar o fato de os clientes estarem saindo de seu caminho.

Coll o interceptou antes que ele alcançasse a mesa. O homem robusto deu um tapa nas costas de Rallick e se apoiou nele, bêbado.

– Nom, seu velho canalha!

Rallick envolveu os ombros redondos de Coll com um braço e juntos chegaram à mesa. Kruppe ergueu os olhos.

– Ah, meus caros camaradas! Kruppe convida vocês a se juntarem à nossa reunião familiar. – Acenando com os braços na direção das duas cadeiras vazias, recostou-se na cadeira. – Para atualizar vocês quanto aos nossos feitos dramáticos, o jovem Crokus esteve fitando o espaço de modo sonhador enquanto

Murillio e Kruppe discutiam as últimas tagarelices dos ratos de rua.

Coll continuou em pé, balançando desequilibrado, com uma careta unindo as sobrancelhas. Rallick se sentou e se adiantou para o jarro de cerveja.

– E que tagarelices são essas? – perguntou o assassino, casualmente.

– O rumor de que agora somos aliados da Cria da Lua – respondeu Murillio.

– Bobagem, é claro – completou Kruppe. – Vocês viram algo que sugerisse isso?

– A Lua não foi embora, foi? – insinuou Murillio, sorrindo. – Não só isso, tem aquela tenda do Conselho instalada bem embaixo dela.

– Ouvi do tio Mammot que os conselheiros não tiveram sorte em levar uma mensagem a quem quer que esteja na Cria da Lua – informou Crokus.

– Típico – comentou Murillio, e seus olhos focaram brevemente em Rallick.

– Quem mora lá? – perguntou Crokus.

Coll titubeou e apoiou as duas mãos na mesa para se equilibrar. Aproximou seu rosto vermelho do de Crokus impulsivamente e berrou:

– Cinco dragões negros!

Ben Ligeiro conhecia os inúmeros corredores do Labirinto do Caos, que mudavam constantemente de lugar e levavam a portas. Embora as chamasse de portas, eram na verdade barreiras em que os Labirintos se tocavam, em uma fusão de energia tão sólida quanto basalto. O Caos tocava todos os reinos com dedos retorcidos que sangravam poder, e as portas eram como feridas endurecidas na carne de outros mundos, outras avenidas de magia.

O mago focara seus talentos nas portas. Enquanto esteve no Labirinto do Caos, aprendera os meios de moldar tais energias. Tinha encontrado modos de alterar as barreiras, de sentir o que havia além delas. Cada Labirinto de magia possuía um cheiro, cada reino, uma textura, e, embora os corredores pelos quais seguia nunca fossem os mesmos que usara antes, ele dominara os meios de achar aqueles que buscava.

Naquele momento, viajava por um desses caminhos, um rastro de vazio delimitado pelas próprias expansões do Labirinto, torcido e cheio de contradições. Em uma trilha, ele se forçava a seguir adiante e, ainda assim,

movia-se para trás; chegara a uma curva acentuada para a direita, seguida por outra, e então outra, e mais outra ainda, todas na mesma direção.

Sabia que era o poder de sua mente que abria os corredores, mas eles tinham as próprias leis. Ou talvez fossem suas as leis, mas desconhecidas dele mesmo. Qualquer que fosse a fonte do molde, era a definição da loucura.

Finalmente chegou à porta que procurava. A barreira se mostrava como nada mais que uma pedra arredondada e cinza-ardósia. Pairando diante dela, Ben Ligeiro sussurrou uma ordem, e seu espírito tomou a forma de seu corpo. Ficou em pé por um momento, dominando o tremor desarticulado de seu corpo fantasma, depois deu um passo à frente e pousou as mãos na porta.

Suas extremidades eram duras e quentes. Na direção do centro ia ficando mais quente e suave ao toque. A superfície lentamente perdeu sua opacidade sob as mãos do mago, tornando-se vítrea como obsidiana. Ben Ligeiro fechou os olhos.

Nunca antes tentara atravessar essa porta. Não estava nem mesmo certo de que era possível. E, se sobrevivesse do outro lado, haveria algum modo de voltar? Do outro lado do mecanismo jazia sua preocupação final e mais difícil: estava prestes a tentar entrar em um reino a que não era bem-vindo.

Ben Ligeiro abriu os olhos.

– Eu sou a direção – disse ele, baixo. – Eu sou o poder da vontade em um lugar que respeita isso, e somente isso. – Inclinou-se com mais força. – Eu sou o toque do Labirinto. Ao caos nada é imune, nenhum lugar é imune.

Sentiu a porta começar a ceder. Jogou uma das mãos para trás, evitando a pressão crescente.

– Apenas eu hei de passar! – sibilou.

Abruptamente, com um baque estranho, atravessou deslizando, com energia ardendo ao redor de seu corpo.

O mago cambaleou sobre a terra áspera e seca. Recobrou o equilíbrio e olhou em volta. Estava em uma planície árida, e o horizonte à esquerda era repleto de colinas baixas. Acima se estendia um céu da cor de mercúrio, com algumas nuvens compridas e fibrosas dispersas, que se moviam em conjunto, e um negrume como tinta bem acima de sua cabeça.

Ben Ligeiro se sentou, dobrando as pernas e juntando as mãos no colo.

– Trono Sombrio, Senhor das Sombras, eu vim ao seu reino. Vai receber minha presença como convém a um visitante pacífico?

Das colinas veio uma resposta: o uivo de Cães.

CAPÍTULO 12

Caminhe comigo
na estrada dos Ladrões
ouça sua canção
sob os pés
como é claro seu
tom ao escorregar
enquanto canta
você em dois

Cantiga de Apsalar, Drisbin (nasc. 1135)

Massageando a testa, Kruppe lia, sentado no gabinete de Mammot.

> *... e na Vinda à terra o deus foi aleijado e, então, acorrentado em seu lugar. Na Vinda, muitas terras foram divididas pelos punhos do deus, e coisas nasceram e coisas foram libertadas. Acorrentado e aleijado era esse deus...*

Kruppe tirou os olhos do tomo antigo e os revirou.
– Brevidade, Kruppe reza por brevidade! – Voltou ao manuscrito desbotado.

> *... e ele cultivava cautela na revelação de seus poderes. O deus aleijado cultivava cuidado, mas não bem o bastante, pois os poderes da terra chegaram a ele no final. Acorrentado o deus aleijado estava, e assim acorrentado foi destruído. E sobre a planície árida que aprisionava o deus aleijado muitos se uniram para o feito. Encapuzado, o viajante cinza da Morte, estava na assembleia, assim como Dessembrae, guerreiro do*

Encapuzado na época – embora tenha sido ali, naquele momento, que Dessembrae partiu os elos com que Encapuzado o retinha. Também na assembleia estavam...

Kruppe gemeu e virou algumas páginas. A lista parecia interminável, absurdamente longa. Por isso, ele meio que esperava ver até o nome de sua avó entre os listados. Enfim, depois de três páginas, encontrou os nomes que de fato procurava.

... e entre aqueles que vieram dos céus abobadados de prata, os tiste andii, habitantes da Escuridão no Lugar antes da Luz, dragões negros, cinco em número, e na companhia deles, com suas asas vermelhas, singrava a Silanah, que diziam habitar entre os tiste andii em sua Presa de Escuridão que descia dos céus abobadados de prata...

Kruppe meneou a cabeça, murmurando consigo mesmo. Uma Presa de Escuridão que descia... a Cria da Lua? Lar de cinco dragões negros e um dragão vermelho? Ele estremeceu. Como Coll descobrira aquilo? É verdade que o homem não fora sempre um bêbado estúpido, mas mesmo seu antigo posto, elevado que fosse, não tinha sido do tipo acadêmico. Quem, então, falara pela boca manchada de vinho do homem?

– Isso terá que esperar para ser respondido – sussurrou Kruppe. – A importância da afirmação que Coll vociferou, entretanto, está em sua verdade evidente e em como ela tem relação com a presente situação.

Fechou o livro e se levantou. Ouviu passos atrás dele.

– Eu lhe trouxe chá de ervas – disse o idoso, entrando na sala do tamanho de um lavabo. – O *Compêndio do Reino*, de Alladart, foi útil, Kruppe?

– Foi útil, sim – disse Kruppe, aceitando, grato, a xícara de cerâmica. – Kruppe aprendeu o valor da língua moderna. Esse falatório enrolado comum aos acadêmicos é uma maldição que Kruppe se alegra por estar extinta na nossa época.

– Aha – soltou o ancião, tossindo de leve e olhando para outro lado. – Bem, você se importa se eu perguntar o que estava procurando?

Kruppe o encarou. Os cantos de seus olhos se enrugaram um pouco.

– Nem um pouco, Mammot. Achei que ia encontrar alguma menção ao nome de minha avó.

Mammot franziu o cenho, depois meneou a cabeça.

– Entendo. Bem, não vou perguntar se teve sorte, então.

– Por favor, não – pediu Kruppe, arregalando os olhos. – A sorte é uma companhia horrível ultimamente, com tudo dando tão errado. Mas agradeço por entender a necessidade de discrição de Kruppe.

– Não há de quê – disse Mammot, balançando a mão. – Eu não quis... bem, sim, eu quis. Curiosidade, sabe. Do tipo intelectual.

Kruppe sorriu angelicalmente e bebericou o chá.

– Bem – disse Mammot. – Vamos voltar para a sala de estar, então, e repousar diante do fogo?

Foram para o outro aposento. Uma vez sentados, Kruppe esticou as pernas e se recostou.

– Como vão seus escritos? – perguntou ele.

– Devagar – respondeu Mammot. – Como seria de se esperar, é claro.

Parecia que Mammot estava elaborando alguma coisa e Kruppe esperou, preguiçosamente torcendo os dedos dos pés. Um minuto se passou até que o idoso pigarreasse e dissesse:

– Kruppe, você tem visto bastante meu sobrinho ultimamente?

Kruppe arqueou as sobrancelhas.

– Há muito tempo Kruppe fez uma promessa para um homem, sendo o homem o preocupado tio de um jovem menino que achava que as ruas eram um parquinho empolgante. É, o moleque sonhava com duelos de espadas e feitos sombrios cometidos em becos em nome de princesas disfarçadas, ou algo assim...

Mammot assentia, de olhos fechados.

– E de tais promessas Kruppe se valeu, pois ele também amava o garoto. E, como em qualquer tarefa, a sobrevivência é medida pela habilidade, e assim Kruppe pôs o garoto sob suas asas sedosas, com algum sucesso, certo?

Mammot sorriu, ainda assentindo.

– E então, para responder à pergunta do tio, de fato, Kruppe viu o rapaz.

Mammot se inclinou para a frente e fitou Kruppe com um olhar intenso.

– Você notou algo esquisito nas ações dele? Quer dizer, ele lhe fez perguntas estranhas? Algum pedido?

Kruppe semicerrou os olhos e fez uma pausa para beber.

– Na verdade, sim. Primeiro, quis a devolução de um grupo de joias finas que conseguiu recentemente, por razões pessoais, como ele disse. “Razões pessoais?”, Kruppe se perguntou então e se pergunta agora, mas a sinceridade aparente do menino, ou melhor, sua intensidade focada soou louvável a Kruppe.

– Concordo! Você acreditaria que Crokus agora expressou interesse em educação formal? Não consigo entender. O garoto com certeza está obcecado por alguma coisa.

– Então talvez Kruppe deva juntar as peças do quebra-cabeça.

– Obrigado – disse Mammot, aliviado. – Eu gostaria de saber de onde vem tudo isso. Tanta ambição de uma só vez... Temo que logo se consuma e acabe. Se conseguirmos alimentá-la, no entanto...

– Claro – concordou Kruppe. – Afinal, a vida é mais do que roubos insignificantes.

Mammot deu um sorriso enviesado.

– Ora, Kruppe, estou surpreso em ouvir isso vindo de você.

– Tais comentários são melhores se mantidos entre você e Kruppe. Em todo caso, acredito que Murillio sabe algo a respeito de tudo isso. Ele fez insinuações nesse sentido enquanto jantávamos na Taberna da Fênix.

– Murillio está bem? – perguntou Mammot.

– A rede ao redor do rapaz continua intacta. – Kruppe sorriu. – Primeiro, Rallick Nom levou a responsabilidade a sério, mesmo. Talvez veja em Crokus algo da própria juventude perdida. Na verdade, Rallick é um homem cuja verdadeira natureza se esconde de Kruppe. Ferozmente leal com certeza, e alguém que, como você sabe muito bem, honra as dívidas com tanto vigor que humilha todos ao redor. Exceto Kruppe, claro. Ainda assim, é sangue que corre em suas veias? Às vezes você se pergunta.

Um olhar distante tomara o rosto de Mammot. Kruppe ficou tenso. O ar cheirava a magia. Inclinou-se e observou o ancião sentado à sua frente. Alguém se comunicava com Mammot, e o Labirinto que agora pulsava na sala era

familiar a Kruppe.

Recostou-se outra vez e aguardou.

Por fim, Mammot se pôs em pé depressa.

– Tenho pesquisas a fazer – voltou a falar, distraído. – Quanto a você, Kruppe, o mestre Baruk deseja encontrá-lo imediatamente.

– Pensei mesmo ter sentido a presença do alquimista – disse Kruppe, levantando-se com um grunhido suave. – Ah, os rigores destas noites fatídicas sempre nos impelem adiante. Até mais tarde, então, Mammot.

– Adeus – retrucou o acadêmico com uma careta, enquanto atravessava a sala.

Depois adentrou o pequeno aposento em que Kruppe passara a hora anterior.

Kruppe ajeitou as mangas de sua capa. O que quer que houvesse acontecido, fora o bastante para fazer Mammot esquecer a etiqueta, e só esse fato já significava acontecimentos calamitosos.

– Bem, melhor não deixar Baruk esperando, então – murmurou Kruppe e emendou, enquanto se encaminhava para a porta: – Pelo menos, não por muito tempo. O decoro exige que Kruppe conserve sua dignidade. Ele deve caminhar depressa, sim. Mas caminhar apenas, pois Kruppe precisa de tempo para pensar, planejar, tramar, se antecipar, recuar alguns pensamentos, adiantar outros, fazer todas as coisas necessárias. Primeiro e antes de tudo, Kruppe deve reconhecer a natureza da mulher que o seguiu, que matou Chert, que percebeu que Crokus viu o sangue em sua arma, e que identificou Rallick Nom como assassino no instante de sua chegada. Ela pode muito bem ser a chave de tudo, e mais, pois a moeda realmente virou sua cara para ela, mesmo que apenas por um momento. E isso, Kruppe acredita, há de voltar a todos nós, para o bem ou para o mal. – Parou e olhou em volta, piscando rapidamente, então murmurou: – E, por último, Kruppe deve deixar a sala de Mammot.

Lançou um olhar para a sala em que Mammot entrara. De dentro vinham os sons de páginas frágeis sendo rapidamente viradas. Kruppe suspirou de alívio e saiu.

Bruxa arrepiou suas asas chamuscadas e saltitou, agitada. Onde estava aquele

alquimista? Tinha mil coisas para resolver antes de a noite terminar, embora, na verdade, não conseguisse pensar em nenhuma delas. Mesmo assim, detestava ser deixada esperando. A porta do gabinete se abriu e Baruk entrou, fechando um robe sobre sua considerável massa corporal.

– Minhas desculpas, Bruxa, eu estava indisposto.

Bruxa grunhiu. Feitiçaria emanava do homem em correntes espessas e cortantes.

– Meu mestre, lorde Anomander Rake, mandou-me informar o que lhe contei sobre minhas aventuras na planície Rhivi – disse ela, sem preâmbulo.

Baruk se aproximou da mesa do mapa, onde o Grande Corvo bamboleava de um lado para outro. O alquimista fez uma careta.

– Você foi ferida.

– No orgulho, e nada além. Escute minha história.

Baruk arqueou uma sobrancelha. O humor da velha Bruxa estava sombrio. O alquimista ficou em silêncio, e ela começou:

– Uma marionete pequena de madeira se aproxima, vinda do norte, uma criação de transferência de alma oriunda de um Labirinto do Caos. Seu poder é imenso, torto, maligno até para Grandes Corvos. Matou muitos de minha espécie enquanto entrava e saía de seu Labirinto. A criatura evidentemente sentiu prazer em tais atos. – Bruxa estalou o bico em fúria e continuou: – Ela persegue um poder de que não pude me aproximar e que, qualquer que seja, está se dirigindo para as colinas Gadrobi. Meu senhor e eu concordamos nisso. O poder busca algo naquelas colinas, mas não somos nativos desta terra. Por isso lhe trago essas notícias, alquimista. Duas forças estão convergindo para as colinas Gadrobi. Meu senhor pergunta por quê.

O rosto de Baruk perdera toda a cor. Ele se virou devagar e foi até uma cadeira. Sentando-se, pôs as mãos no rosto e fechou os olhos.

– O Império Malazano procura algo que não pode esperar controlar, algo enterrado nas colinas Gadrobi. Se tal força é capaz ou não de libertar aquela coisa, isso é outro assunto. Buscar não é o mesmo que encontrar, e encontrar não é o mesmo que alcançar.

Bruxa sibilou, impaciente:

– Quem está enterrado lá, alquimista?

– Um tirano jaghut, aprisionado pelos próprios jaghut. Gerações de acadêmicos e feiticeiros procuravam esse túmulo. Ninguém conseguiu descobrir nem mesmo uma pista. – Baruk ergueu o olhar com o rosto sulcado de preocupação. – Sei de um homem em Darujhistan que reuniu todo o conhecimento disponível relativo ao local de sepultamento. Preciso me consultar com ele, mas posso revelar isso ao seu senhor: uma pedra vertical se encontra nas colinas Gadrobi. Conheço sua localização precisa. É quase invisível; apenas seu topo desgastado pelo vento rompe o chão, talvez com um palmo de altura. Os 6 metros restantes estão embaixo da terra. Você vai ver os restos de fossos e valas escavados ao redor, tudo em vão. Pois, embora a pedra marque o ponto de partida, não é a entrada do túmulo.

– Onde é essa entrada, então?

– Isso não vou lhe dizer. Quando eu falar com meu colega, talvez possa lhe dar mais detalhes. Ou não. Mas o modo de entrar no túmulo deve permanecer em segredo.

– Isso não nos auxilia em nada! O meu senhor...

– É extremamente poderoso – interrompeu Baruk. – Suas intenções não estão nada claras, Bruxa, e não importa que tenhamos nos aliado. O que jaz dentro do túmulo pode destruir uma cidade... esta cidade. Não vou permitir que isso caia nas mãos de Rake. Você saberá a localização da rocha vertical, pois é lá que os caçadores devem ir primeiro. Tenho uma pergunta para fazer, Bruxa. Essa marionete... Você tem certeza de que ela está atrás desse outro poder?

Bruxa inclinou a cabeça.

– Ela caça. E se esconde quando necessário. Você presume que os dois poderes sejam malazanos. Por quê?

– Primeiro, eles querem Darujhistan – explicou Baruk, com voz rouca. – Vão fazer qualquer coisa para consegui-la. Tiveram acesso a vastas bibliotecas nas terras que conquistaram. O túmulo jaghut não é segredo. Segundo, você disse que ambos os poderes vieram do norte. Só podem ser malazanos. Por que um se esconde do outro, não faço ideia, embora não duvide que haja facções conflitantes dentro do Império. Qualquer entidade política tão grande quanto essa está fadada a gerar muita discórdia. Em todo caso, trazem uma ameaça direta a Darujhistan e, por extensão, ao desejo de seu senhor de evitar que o

Império Malazano nos conquiste. Presumir que os poderes sejam malazanos parece justificado.

O descontentamento de Bruxa se fez evidente.

– Você será mantido informado das atividades na planície Rhivi. Meu senhor deve decidir se vai interceptar tais poderes antes de alcançarem as colinas Gadrobi. – Ela pousou um olho irritado sobre Baruk. – Ele recebeu pouco auxílio de seus aliados. Espero que, da próxima vez que nos falarmos, essa situação seja remediada.

O alquimista deu de ombros.

– Minha primeira reunião com Anomander Rake foi minha única reunião com ele. Auxílio exige comunicação. – Seu tom endurecera. – Informe seu senhor de que a atual insatisfação existe para nós tanto quanto para ele.

– Meu senhor anda ocupado com sua parte das coisas – resmungou Bruxa, voando para o parapeito da janela.

Baruk encarou o pássaro, enquanto ela se preparava para partir.

– Ocupado? – perguntou, sombriamente. – De que modo?

– Na hora certa, alquimista – ronronou Bruxa e, logo depois, partiu.

Baruk praguejou e, com um gesto irritado, fechou a janela e as cortinas com força. Fazer aquilo com magia e a certa distância não foi tão satisfatório quanto se tivesse feito fisicamente. Resmungando, levantou-se e caminhou até a cornija da lareira. Serviu-se de um pouco de vinho. Menos de uma hora antes, havia conjurado um demônio. Não se tratava de uma conjuração ambiciosa: precisava de um espião, não de um assassino. Algo lhe disse que chamaria criaturas bem mais mortíferas em um futuro próximo. Fez uma careta e tomou um bom gole de vinho.

– Mammot – sussurrou, abrindo seu Labirinto –, preciso de você.

Sorriu quando uma salinha e um fogareiro de pedra apareceram em sua mente. Sentado em uma cadeira diante de sua visão se encontrava Kruppe.

– Ótimo. Preciso dos dois.

O Cão que se aproximou de Ben Ligeiro era grande e pesado, de pelo branco. Enquanto marchava para o mago, este viu que seus olhos também eram brancos.

A criatura não tinha pupilas. Parou a uma pequena distância e se sentou.

Ben Ligeiro fez uma reverência.

– Você é o Cão chamado Cega. Companheira de Baran e mãe de Engrenagem. Eu não vim para causar mal. Gostaria de falar com seu senhor.

Ouviu um uivo ao seu lado e congelou. Devagar, virou a cabeça e olhou para baixo. A menos de 30 centímetros de sua perna direita, estava deitado outro Cão, malhado de marrom e bronze, esbelto e cheio de cicatrizes. Seus olhos estavam fixos em Cega.

– Baran – disse Ben Ligeiro.

Ele confirmou com a cabeça. Outro uivo respondeu ao de Baran, este vindo de trás do mago, que se virou mais para ver, a 3 metros, um terceiro Cão, longilíneo, preto e liso. Seus olhos, fixos em Ben Ligeiro, tinham um brilho vermelho.

– E Shan – disse o mago, em voz baixa, e encarou Cega novamente. – Vocês encontraram sua presa ou são meus acompanhantes?

Baran se levantou silenciosamente; seus ombros batiam no peito do mago. Cega ficou em pé e marchou para a esquerda. Parou e olhou para trás. Uivos simultâneos estimularam Ben Ligeiro a segui-los.

A área ao redor mudou devagar; detalhes se esgueiravam para as sombras sem origem e reemergiam sutilmente alterados. Naquilo que o mago julgava ser o horizonte norte, uma floresta cinzenta subia uma encosta para o que poderia ser um muro. O muro estava no lugar do céu – talvez *fosse* o céu –, mas para Ben Ligeiro parecia estranhamente próximo, apesar de a floresta estar a quilômetros de distância. Lançar um olhar para o alto não o ajudou a confirmar ou refutar seu sentimento de que o reino era delimitado por um muro mágico, pois este também parecia quase ao alcance das mãos. Ainda assim, nuvens negras cavalgavam os ventos acima, distorcendo sua percepção e deixando-o tonto.

Outro Cão se unira à companhia. Este, um macho, era cinza-escuro, com um olho cinzento e outro amarelo. Embora não tenha chegado perto, Ben Ligeiro julgou ser o maior deles; seus movimentos sugeriam uma velocidade mortal. Sabia se tratar de Doan, primogênito do líder da matilha, Crucifixo, e de sua primeira parceira, Pallick.

Doan marchou ao lado de Cega por um tempo e então, quando chegaram ao topo de uma pequena elevação, disparou à frente. Chegando ao cume, Ben Ligeiro viu seu destino. Suspirou. Exatamente como a imagem esculpida no altar dos templos dedicados ao Trono Sombrio, o Baluarte Sombrio se erguia da planície como um gigantesco pedaço de vidro preto, recortado por trechos curvos, ondulados em algumas partes, com alguns cantos brilhando em branco como se quebrados. A superfície maior que os encarava – um muro, ele supôs – era manchada e desbotada, como se fosse um córtex, gasta e feita de obsidiana.

Não havia janelas propriamente ditas, mas muitas das superfícies escorregadias aparentavam ser semitransparentes e brilhar com uma luz interna. Até onde Ben Ligeiro conseguia enxergar, não havia porta, nem portão, nem ponte levadiça.

Chegaram e o mago gritou, surpreso, quando Cega caminhou para dentro da rocha e desapareceu. Ele hesitou e caminhou até a rocha manchada, estendendo as mãos. Não sentiu nada ao atravessá-la sem esforço, vendo-se então em um corredor que poderia existir em qualquer mansão terrena. Destituído de ornamentos, o caminho seguia reto por cerca de 10 metros e terminava em portas duplas. Cega e Doan se sentaram um de cada lado dessas portas, que se abriram sozinhas.

Ben Ligeiro adentrou a sala. A câmara era abobadada. Bem à sua frente, havia um trono simples de obsidiana sobre um púlpito um pouco mais elevado. O chão opaco de pedra não tinha tapetes e as paredes estavam nuas, exceto pelas tochas a cada 3 metros. Ben Ligeiro contou quarenta, mas a luz era intermitente, parecendo lutar contra as sombras invasivas.

Primeiro, pensou que o trono estava desocupado, mas, ao se aproximar, notou a figura sentada ali. Parecia composta de sombras quase translúcidas, de forma vagamente humana, mas encapuzada, ocultando até mesmo o brilho dos olhos. Ainda assim, Ben Ligeiro conseguiu sentir a atenção do deus fixa nele e não foi capaz de evitar um tremor.

Trono Sombrio falou com voz calma e clara:

– Shan me disse que você sabe o nome de meus Cães.

Ben Ligeiro parou diante do púlpito e fez uma reverência.

– Já fui acólito de seu templo, senhor.

O deus ficou em silêncio por um tempo, depois disse:

– É sábio admitir tal coisa, mago? Por acaso olho com bondade para aqueles que já me serviram e depois abandonaram meus costumes? Diga-me. Eu gostaria de ouvir de você o que meus sacerdotes ensinam.

– Quem inicia o Caminho da Sombra e depois o deixa é recompensado pela Corda.

– E o que isso quer dizer?

– Estou marcado para ser assassinado por todos aqueles que seguem seus costumes, senhor.

– Ainda assim, você está aqui, mago.

Ben Ligeiro fez nova reverência.

– Eu gostaria de fazer um acordo, senhor.

O deus riu e, em seguida, ergueu uma das mãos.

– Não, cara Shan. Não ataque – disse ele.

Ben Ligeiro enrijeceu. O Cão negro o rodeou e subiu no púlpito. Ela se deitou diante de seu deus e fitou o mago, impassível.

– Você sabe por que acabei de salvar sua vida, mago?

– Sim, senhor.

Trono Sombrio se inclinou para a frente.

– Shan quer que você me diga.

O olhar de Ben Ligeiro encontrou os olhos vermelhos do Cão.

– Trono Sombrio ama acordos – disse o mago.

O deus suspirou e se recostou.

– Acólito, de fato. Bem, então, mago, prossiga enquanto pode.

– Devo começar com uma pergunta, senhor.

– Faça-a.

– Engrenagem ainda está vivo?

Os olhos de Shan arderam e ela começou a se levantar, só parando quando a mão do deus tocou sua cabeça.

– Essa é uma tremenda pergunta – refletiu Trono Sombrio. – Você conseguiu algo que poucos, infelizmente, foram capazes de fazer. Mago, minha curiosidade foi despertada. Então respondo: sim, Engrenagem está vivo. Continue.

– Senhor, eu entregaria em suas mãos aquele que ofendeu seu Cão.

– Como? Ele pertence a Oponn.

– Não ele, senhor. Mas aquele que levou Engrenagem àquele quarto. Aquele que tentou tomar a alma de Engrenagem e teria sido bem-sucedido se não fosse a arma mortal de Oponn.

– Em troca de quê?

Ben Ligeiro praguejou em silêncio. Não conseguia interpretar nada no tom do deus, e aquilo tornava as coisas ainda mais complicadas do que havia esperado.

– Minha vida, senhor. Eu gostaria que a recompensa da Corda fosse revogada.

– Mais alguma coisa?

– Sim. – Ele hesitou, então continuou: – Eu gostaria de escolher o momento e o lugar, senhor. De outro modo, esse de quem falo escapará de seus Cães pelo Labirinto do Caos, algo que só eu posso evitar. Assim, isso deve fazer parte do acordo. Tudo de que preciso é que seus Cães estejam prontos. Vou chamá-lo no momento adequado, fornecendo a localização exata da criatura. O resto é com seus Cães.

– Você planejou isso bem, mago – disse Trono Sombrio. – Ainda não consigo pensar em um modo de matar tanto a criatura quanto você. Eu o parabenizo. Como, então, você tem a intenção de me chamar? Certamente não entrará em meu reino outra vez.

– Senhor, será contatado. Garanto, mas não posso falar mais a respeito.

– E se eu lançasse meus poderes sobre você, mago? Se eu extraísse quaisquer mentiras que estejam escondidas nesse seu cérebro frágil, como você iria me impedir?

– Para responder a isso, senhor, você deve responder à minha proposta de antes – disse o mago.

Shan grunhiu, e dessa vez o deus não se mobilizou para acalmá-la. Ben Ligeiro prosseguiu rápido:

– Dado que você vai me trair a cada oportunidade, dado que caçará as fraquezas de meu plano, considerando tudo isso, eu gostaria de sua palavra de que vai cumprir sua parte do acordo se tudo o mais falhar, senhor. Dê-me isso e responderei à sua última pergunta.

Trono Sombrio ficou em silêncio por um bom tempo.

– Ah, bem – resmungou o deus. – Sua astúcia é admirável, mago. Estou surpreso e, devo admitir, encantado com este duelo. Meu único pesar é que tenha deixado os Caminhos da Sombra. Você teria ido longe. Muito bem. Tem minha palavra. Os Cães estarão prontos. Agora, por que eu não deveria fatiar seu cérebro aqui e agora, mago?

– A resposta, senhor, está em suas próprias palavras. – Ben Ligeiro ergueu os braços. – Eu realmente fui longe, Trono Sombrio, a seu serviço. – Ele abriu seu Labirinto. – Você não vai me destruir, senhor, porque não pode.

Ben Ligeiro sussurrou a palavra de retorno, uma palavra nascida do Caos. O poder explodiu a sua volta e ele sentiu como se a mão de um gigante se fechasse ao seu redor. Enquanto o puxava para seu Labirinto, ouviu o grito de reconhecimento de Trono Sombrio:

– É você! Delat! Seu canalha mutante!

Ben Ligeiro sorriu. Conseguira. Estava fora de alcance. Conseguira... de novo.

Kruppe foi convidado a entrar no gabinete de Baruk sem nenhum dos atrasos de que adorava reclamar. Vagamente desapontado, sentou-se e secou a testa com seu lenço. Baruk entrou.

– Demorou para chegar até aqui – grunhiu o alquimista. – Bem, deixe para lá. Tem novidades?

Kruppe pousou o lenço no colo e começou a dobrá-lo com cuidado.

– Continuamos a proteger o portador da moeda, como instruído. Quanto à presença dos espiões malazanos infiltrados, não tive sorte.

Era uma grande mentira, mas necessária. Então continuou:

– Tenho que lhe entregar uma mensagem, da fonte mais incomum. Na verdade, estranha mesmo foi sua entrega a Kruppe.

– Ande logo com isso.

Kruppe se encolheu, percebendo que Baruk estava de péssimo humor, e suspirou.

– Uma mensagem pessoal para você, mestre. – Kruppe terminou de dobrar o

lenço e ergueu o olhar. – Da Enguia.

Baruk enrijeceu e logo uma careta retorceu suas feições.

– Por que não? – resmungou o alquimista. – O homem até sabe quem são meus agentes. – Seu olhar se focou e ele observou Kruppe. – Estou esperando – grunhiu.

– Claro! – Kruppe sacudiu seu lenço e voltou a secar a testa. – Olhe para as ruas para encontrar aqueles que procura. Só isso e mais nada. Foi entregue a Kruppe pela menor criança que ele já viu...

Parou e balançou a cabeça. Não, tal exagero não funcionaria, não com o humor de Baruk tão ruim quanto parecia estar.

– Uma criança pequena, em todo caso.

Baruk se levantou franzindo a testa para as brasas agonizantes na lareira, com as mãos às costas e os dedos girando um grande anel de prata.

– Diga-me, Kruppe, o que você sabe sobre essa Enguia? – perguntou, devagar.

– Pouco, Kruppe admite. Homem? Mulher? Não se sabe. Origem? Um mistério. Propósitos? Perpetuar um *status quo* definido pela aversão à tirania. Ou é o que dizem. Influência? Extensa. Mesmo se você decidir ignorar nove de cada dez rumores associados a essa Enguia, seus agentes devem somar centenas. Todos devotados a proteger Darujhistan. Dizem que o conselheiro Turban Orr os está caçando agora, convencido de que arruinaram todos os seus planos. Espero que realmente tenham feito isso; assim poderemos ficar tranquilos.

Baruk aparentava tudo, menos tranquilidade. Kruppe achou que conseguia quase ouvir os dentes do homem rangendo. Entretanto, ele se virou para Kruppe e assentiu.

– Tenho uma missão para você. Para isso, precisará reunir Murillio, Rallick e Coll. E leve o portador da moeda com vocês, só para mantê-lo a salvo.

Kruppe arqueou uma sobrancelha.

– Para fora da cidade?

– Sim. O portador da moeda é fundamental. Mantenha-o fora do alcance de todos. Sua missão será observar. Nada mais. Entendeu, Kruppe? Observar. Fazer qualquer coisa além disso será arriscar que o portador da moeda caia em mãos erradas. Enquanto for a ferramenta de Oponn, ele também é o meio pelo qual

outro Ascendente pode chegar a Oponn. A última coisa de que precisamos é dos deuses batalhando no plano mortal.

Kruppe pigarreou.

– O que devemos observar, mestre?

– Não tenho certeza. Possivelmente um grupo de trabalhadores estrangeiros cavando aqui e ali.

Kruppe se sobressaltou.

– Como em... manutenção de ruas?

O alquimista franziu o cenho.

– Vou mandar vocês para as colinas Gadrobi. Fiquem lá até mais alguém chegar ou até eu entrar em contato com você para mais instruções. Se alguém chegar, Kruppe, vocês devem permanecer escondidos. Evitem a qualquer custo serem detectados. Use seu Labirinto, se for necessário.

– Ninguém há de encontrar Kruppe e seus camaradas dignos e leais – disse Kruppe, sorrindo e agitando os dedos.

– Ótimo. Isso é tudo, então.

Surpreso, Kruppe se levantou.

– Quando devemos partir, mestre?

– Em breve. Avisarei pelo menos um dia antes. Esse tempo é suficiente?

– Sim, amigo Baruk. Kruppe estima que seja um tempo mais que suficiente. Rallick parece temporariamente indisposto, mas com sorte estará disponível.

– Leve-o, se conseguir. Se a influência do portador da moeda se virar contra nós, o assassino está encarregado de matar o rapaz. Ele sabe disso?

– Já discutimos o assunto – respondeu Kruppe.

Baruk inclinou a cabeça e ficou em silêncio.

Kruppe esperou um momento, saindo em seguida sem fazer barulho.

Menos de uma hora depois que a alma de Ben Ligeiro deixara o corpo sentado no chão do barraco e viajara pelo Reino da Sombra, o mago voltou à vida com um rangido. Com os olhos vermelhos por conta da exaustão nascida da tensão implacável, Kalam se pôs em pé e esperou seu amigo recobrar a consciência.

O assassino manteve as mãos nas facas compridas, apenas para se garantir.

Se Ben Ligeiro houvesse sido possuído, o que quer que o controlasse poderia muito bem anunciar sua chegada atacando qualquer um ao alcance. Kalam prendeu a respiração.

Os olhos do mago se abriram; a expressão vidrada desapareceu quando a consciência retornou. Viu Kalam e sorriu. O assassino soltou a respiração.

– Conseguiu? Sucesso?

– Sim, nas duas coisas. Difícil de acreditar, não? – disse o mago.

Kalam percebeu que sorria descontroladamente. Deu um passo à frente e ajudou Ben Ligeiro a se levantar. O mago se apoiou nele, também sorrindo.

– Ele só percebeu quem eu era quando parti. – O sorriso de Ben Ligeiro cresceu. – Você deveria tê-lo ouvido gritar.

– Bem, você está surpreso? Quantos sumos sacerdotes queimam seus mantos?

– Não o bastante, se quer saber. Sem templos e sacerdotes, a maldita intromissão dos deuses não poderia tocar o reino mortal. Então, isso seria um paraíso. Certo, amigo?

– Talvez – disse uma voz à porta.

Ambos se viraram para ver Piedade em pé na entrada, com sua capa curta puxada sobre o corpo magro. Estava encharcada de chuva; só então Kalam percebeu a água pingando pelas frestas acima deles. O assassino se afastou de Ben Ligeiro para deixar as mãos livres.

– O que está fazendo aqui? – exigiu saber o mago.

– Você sonha com o paraíso, mago? Eu gostaria de ter ouvido a conversa toda.

– Como você nos encontrou? – perguntou Ben Ligeiro.

Piedade deu um passo para dentro e tirou o capuz.

– Encontrei um assassino. Eu o identifiquei. Está em um lugar chamado Taberna da Fênix, no distrito Daru. Estão interessados? – perguntou, fitando, entediada, os dois homens.

– Quero respostas – disse Kalam, em voz baixa.

Ben Ligeiro recuou até a parede oposta, a fim de dar espaço para o assassino e preparar feitiços, se necessário, embora não estivesse em condições de lidar com seu Labirinto no momento. Nem Kalam parecia querer briga, ele notou.

Não que o assassino fosse deixar que isso o impedisse: naquele momento, ele atingira seu grau mais perigoso, e aquele tom de voz baixo dizia tudo.

Piedade manteve os olhos mortos em Kalam.

– O sargento me mandou até vocês...

– Mentira – retrucou Kalam, ainda em voz baixa. – Whiskeyjack não sabe onde estamos.

– Muito bem. Eu senti seu poder, mago. Tem uma assinatura notável.

Ben Ligeiro ficou atordoado.

– Mas eu coloquei um escudo em volta deste lugar.

– Sim. Também fiquei surpresa, mago. Em geral não consigo encontrar você. Parece que surgiram brechas na sua defesa.

Ben Ligeiro pensou a respeito. “Brechas”, concluiu, não era o termo certo, mas Piedade não sabia disso. Ela sentira sua localização porque a garota era o que eles suspeitavam: um peão da Corda. O Reino da Sombra havia se unido, mesmo que de modo breve e tênue, à carne e ao sangue dele. Mesmo assim, ninguém além de um servo da Sombra possuiria a sensibilidade necessária para detectar essa ligação. O mago se moveu para ficar ao lado de Kalam e pousou a mão no ombro do homem forte.

Kalam lhe lançou um olhar horrorizado.

– Ela está certa. Brechas apareceram, Kalam. Ela é obviamente um talento natural nos caminhos da feitiçaria. Vamos, amigo, a garota encontrou o que estávamos procurando.

Piedade puxou o capuz de volta para a cabeça.

– Não vou acompanhar vocês – disse ela. – Vão reconhecer o homem quando o virem. Suspeito que a tarefa dele seja tornar óbvia sua profissão. Talvez a Sociedade esteja prevenida contra vocês. Em todo caso, encontrem a Taberna da Fênix.

– O que você está tramando? – exigiu saber Kalam.

– Vou concluir uma missão para o sargento.

Ela se virou e deixou o barraco.

Os ombros de Kalam afundaram, e ele deixou escapar uma longa expiração.

– Ela é quem pensamos que era – disse Ben Ligeiro. – Até agora, tudo bem.

– Em outras palavras, se eu a tivesse atacado, estaria morto agora – grunhiu o

assassino.

– Exatamente. Vamos botá-la para fora quando chegar a hora. Mas, por ora, precisamos dela – disse o mago, e Kalam assentiu. – Taberna da Fênix?

– Na mosca. E, quando chegarmos lá, a primeira coisa que vou fazer é pedir uma bebida.

Ben Ligeiro sorriu.

– Concordo.

Rallick olhou para cima quando o homem forte entrou no bar. Sua pele negra o identificava como um sulista, o que por si só não era incomum. O que chamou a atenção de Rallick, entretanto, foram as facas longas de cabo de chifre e pomo de prata enfiadas no cinto estreito do homem. Aquelas armas eram qualquer coisa, menos sulistas, e estampado nos pomos havia um padrão em relevo, reconhecível por todos no ramo como a marca de um assassino.

O homem se pavoneou pelo salão como se fosse seu dono e nenhum dos clientes que ele empurrou com os ombros pareceu inclinado a discordar. Chegou ao bar e pediu uma cerveja.

Rallick analisou a borra em sua caneca. Obviamente o homem queria ser notado, precisamente por alguém como Rallick Nom, um assassino da Sociedade. Quem era a isca, então? Aquilo não fazia sentido.

Ocelot, o líder de seu clã, estava convencido, junto com todos da Sociedade, que os Garras do Império haviam chegado à cidade e estavam empreendendo uma guerra contra eles. Rallick não tinha tanta certeza. O homem diante do balcão poderia ser tanto das Sete Cidades quanto um viajante de Callows. Ele tinha um jeito de Império Malazano. Era um Garra? Se sim, por que se mostrar? Até então, o inimigo não deixara uma única pista, nenhuma testemunha ocular, de sua identidade. O descaramento que observava naquele momento ou era descabido, ou indicava uma mudança de tática. A ordem de Vorcan para os assassinos se esconderem provocara aquilo?

Um alarme soou na cabeça de Rallick. Nada daquilo parecia certo.

Murillio se inclinou para ele.

– Algo errado, amigo?

– Assunto da Sociedade – replicou Rallick. – Está com sede?

Murillio sorriu.

– Eis uma oferta que não posso recusar.

Depois de um único olhar perplexo para a forma inconsciente de Coll afundada na cadeira, o assassino deixou a mesa. O que *fora* aquilo sobre os cinco dragões negros? Dirigiu-se ao balcão. Enquanto abria caminho na multidão, deu uma cotovelada nas costas de um jovem. O menino arquejou e então, furtivamente, esgueirou-se para a cozinha.

Rallick chegou, chamou Scurve e pediu outro jarro. Embora não tivesse olhado na direção do homem, sabia que fora notado por ele. Não era mais que um de seus pressentimentos, mas aprendera a confiar neles. Suspirou quando Scurve entregou o jarro espumoso. Bem, fizera o que Ocelot exigira, embora suspeitasse que o líder de clã fosse pedir mais.

Voltou para a mesa e conversou com Murillio por algum tempo, servindo a maior parte da cerveja para seu amigo. Murillio sentiu uma tensão crescente ao redor de Rallick e entendeu a deixa. Acabou com sua bebida e se levantou.

– Bem – disse ele –, Kruppe vazou, Crokus também. E Coll mais uma vez está morto para o mundo. Rallick, obrigado pela cerveja. Hora de achar uma cama quente. Até amanhã, então.

Rallick continuou sentado por mais cinco minutos, olhando apenas uma vez para o homem negro reclinado sobre o balcão. Levantou-se e foi para a cozinha. Os dois cozinheiros reviraram os olhos um para o outro quando ele passou. Rallick os ignorou. Chegou à porta, que fora deixada entreaberta na esperança de uma lufada de ar frio. O beco adiante estava molhado, embora a chuva já tivesse passado. De um recanto sombreado na parede diante da taberna saiu uma figura familiar.

Rallick se adiantou para Ocelot.

– Está feito. Seu homem é o negro grandalhão fingindo beber uma cerveja. Duas adagas, com marcas em relevo. Parece ser mau, alguém com quem eu não gostaria de lutar. É todo seu, Ocelot.

O rosto marcado por pústulas do homem se contorceu.

– Ele ainda está lá dentro? Ótimo. Volte para lá. Tenha certeza de que se fez notar. Certeza *mesmo*, Nom.

Rallick cruzou os braços.

– Já tenho certeza. – Sua fala saiu arrastada.

– Você deve atraí-lo para fora e guiá-lo para o armazém do Tarlow... Até a área de descarga. – Ocelot sorriu com desdém. – Ordens de Vorcan, Nom. E, quando você sair, que seja pela porta da frente. Sem erros, nada sutil.

– O homem é um assassino – grunhiu Rallick. – Se eu não for sutil, ele vai saber que é uma armadilha e voará para cima de mim em questão de segundos.

– Faça como Vorcan mandou, Nom. Agora volte para dentro!

Rallick encarou seu superior para deixar claro seu descontentamento, depois foi para a cozinha. Os cozinheiros sorriram para ele, mas apenas por um instante. Um olhar para o rosto de Rallick foi o suficiente para matar qualquer bom humor ali. Debruçaram-se sobre suas tarefas como se espicaçados por um capataz.

Rallick entrou no salão principal e parou de chofre.

– Cacete! – resmungou.

O homem negro se fora. *E agora?* Deu de ombros.

– E pela porta da frente será.

Abriu caminho pela sala lotada.

Em um beco, do lado em que havia um muro alto de pedra, Crokus se reclinou nos tijolos úmidos da casa de um mercador e observou fixamente a janela. Era no terceiro andar, além do muro, e atrás de sua cortina estava um quarto que conhecia intimamente.

A luz no interior do cômodo esteve acesa durante as duas horas em que passou ali, menos nos quinze minutos anteriores, quando o quarto permaneceu escuro. Entorpecido pela exaustão e atormentado por dúvidas, Crokus apertou mais a capa ao seu redor. Não pela primeira vez, perguntou-se o que estava fazendo ali. Toda a sua determinação parecia ter escorrido pelas sarjetas junto com a chuva.

Era por causa da mulher de cabelo escuro na Taberna da Fênix? Ela o desconcertara tanto assim? O sangue no punhal dela deixara óbvio que não hesitaria em matá-lo apenas para manter o segredo. Talvez fosse a moeda girando que o deixara tão confuso. Nada naquele incidente tinha sido natural.

O que estava tão errado em seu sonho de ser apresentado à donzela D’Arle? Não tinha nada a ver com aquela assassina na taberna.

– Nada – murmurou Crokus, depois fez uma careta.

Agora estava falando sozinho. Um pensamento lhe ocorreu, aumentando a careta. Toda aquela loucura começara na noite em que roubara a donzela. Se ao menos não tivesse parado, se ao menos não tivesse olhado para seu rosto suave, redondo e adorável. Soltou um gemido e trocou a perna de apoio. Uma nobre de nascimento. Aquele era o verdadeiro problema, não era? Tudo parecia tão estúpido agora, tão absurdo... Como poderia ter se convencido de que fosse possível conhecê-la? Sacudiu-se. Não importava; planejara aquilo e agora era hora de fazê-lo.

– Não acredito nisso – resmungou, enquanto se desencostava da parede e seguia pelo beco. Sua mão roçou a bolsa presa na cintura. – Estou prestes a pôr de volta o resgate de uma donzela.

Chegou ao trecho do muro de pedra que estivera procurando e começou a escalar. Inspirou fundo. *Tudo bem, vamos terminar logo com isso*.

A pedra estava molhada, mas ele tinha determinação suficiente para escalar uma montanha. Continuou subindo e não escorregou em nenhum momento.

CAPÍTULO 13

Há uma aranha aqui
neste canto –
seus três olhos
perscrutam a escuridão,
suas oito pernas
percorrem minha espinha,
ela espia e zomba de
meu passos.

Há uma aranha aqui
que me conhece por inteiro –
em sua teia
toda a minha história
está escrita.
Em algum canto neste lugar estranho
uma aranha aguarda
minha fuga em pânico...

A Conspiração, Gallan, o Cego (nasc. 1078)

Assim que o assassino da Sociedade deixou o salão, Kalam terminou sua cerveja, pagou e subiu uma escada. Da varanda interna, observou a multidão abaixo; depois, vendo que ninguém prestara muita atenção nele, seguiu pelo corredor e entrou no último quarto à direita.

Fechou a porta e a trancou. Ben Ligeiro estava sentado de pernas cruzadas no chão, dentro de um círculo de cera azul derretida. O mago se encontrava curvado, de peito nu, com os olhos fechados; gotas de suor escorrendo pelo rosto. Ao seu redor o ar brilhava, como se polido com laca.

Kalam contornou o círculo de cera para chegar à cama. Pegou uma mochila

de couro de um cabide sobre a cabeceira e a colocou sobre o colchão fino recheado de palha. Abriu-a e tirou seu conteúdo. Um minuto depois, já tinha colocado para fora os mecanismos de uma balestra. As partes de metal da arma haviam sido pintadas de azul, o cabo fino de madeira estava encharcado de piche e coberto de areia preta. Kalam, devagar e em silêncio, montou a arma.

– Feito. Assim que você estiver pronto, amigo – falou Ben Ligeiro, atrás dele.

– O homem saiu pela cozinha. Mas vai voltar – disse Kalam, levantando-se com a balestra nas mãos. Prendeu uma tira nela e jogou a arma sobre um ombro. Depois, encarou o mago. – Estou pronto.

Ben Ligeiro também se levantou, secando a testa com a manga.

– Dois feitiços. Você será capaz de flutuar, controlar cada descida. O outro vai lhe dar a habilidade de ver qualquer coisa mágica. Bom, quase qualquer coisa. Se houver um Alto Mago zanzando por aí, estaremos sem sorte.

– E você? – perguntou Kalam, inspecionando a aljava.

– Você não vai me ver, apenas minha aura – respondeu Ben Ligeiro, com um sorriso. – Mas estarei com você o tempo todo.

– Bem, tomara que não tenhamos problemas. Fazemos contato com a Sociedade, oferecemos o contrato do Império, eles aceitam e removem para nós cada ameaça maior na cidade.

Pôs sua capa negra e o capuz.

– Você tem certeza de que não podemos só ir lá embaixo, chegar no homem e contar tudo?

– Não é assim que se faz. Nós o identificamos, ele fez o mesmo conosco. Provavelmente acabou de entrar em contato com seu superior e eles vão arranjar as coisas do modo que preferirem. Nosso homem vai nos levar agora para o encontro.

– Não estaremos seguindo para uma emboscada?

– Mais ou menos – respondeu o homem grande. – Mas vão querer saber o que desejamos com eles antes. E, depois que dissermos, duvido que o mestre da Sociedade fique interessado em nos matar. Você está pronto?

Ben Ligeiro ergueu a mão na direção de Kalam, depois murmurou algo em voz baixa.

Kalam sentiu uma leveza invadi-lo, subindo por sua pele e emanando algo semelhante a uma almofada de ar frio que envolveu seu corpo. Diante de seus olhos, a silhueta de Ben Ligeiro formava uma penumbra azul-esverdeada, concentrada nas mãos de dedos compridos do mago.

– Estou com ambos – disse o assassino, sorrindo –, dois velhos amigos.

Ben Ligeiro suspirou.

– Sim, aqui estamos repetindo tudo. – Seu olhar encontrou o do amigo. – O Encapuzado está no nosso encalço, Kal. Ultimamente, sinto sua respiração no meu pescoço.

– Você não está sozinho nisso. – Kalam se virou para a janela e acrescentou, secamente: – Às vezes, tenho um pressentimento de que nosso Império nos quer mortos.

Caminhou até a janela, destrancou-a, abriu-a e apoiou as mãos no parapeito.

Ben Ligeiro se colocou ao seu lado e pousou uma das mãos em seu ombro. Fitaram a escuridão, compartilhando por um breve momento uma inquietação.

– Vimos coisas demais – disse Ben Ligeiro, em voz baixa.

– Pelo sopro do Encapuzado – grunhiu Kalam. – Para que estamos fazendo isso, afinal?

– Talvez, se o Império conseguir o que quer, Darujhistan nos deixe escapar.

– Claro, mas quem vai convencer o sargento a dar as costas para o Império?

– Nós lhe mostraremos que ele não tem escolha.

Kalam subiu no parapeito.

– Que bom que não sou mais um Garra – disse o assassino. – Apenas soldado, certo?

Atrás dele, Ben Ligeiro tocou o próprio peito e desapareceu. Sua voz incorpórea assumiu um tom de sarcástico divertimento:

– Certo. Nada mais de jogos de capa e espada para o velho Kalam.

O assassino se endireitou, virando-se para encarar o muro e, em seguida, começou a escalar até o telhado.

– Sim, eu sempre os odiei.

– Sem mais assassinatos – ouviu a voz de Ben Ligeiro ao seu lado.

– Sem mais espionagem – acrescentou Kalam, alcançando o beiral do telhado.

– Sem mais feitiços de disfarce.

Subindo no telhado, Kalam se deitou imóvel.

– Sem mais adagas nas costas – sussurrou, então se sentou e perscrutou os telhados próximos.

Não viu nada; nenhuma silhueta encolhida incomum, nenhuma aura mágica brilhante.

– Graças aos deuses. – O sussurro de Ben Ligeiro veio de cima.

– Graças aos deuses – repetiu Kalam, olhando para baixo por sobre a beira do telhado. Abaixo, uma poça de luz indicava a entrada da taberna. – Você fica com a porta dos fundos. Eu fico com esta.

– Certo.

Assim que o mago respondeu, Kalam enrijeceu.

– Ali está ele – sibilou o assassino. – Você ainda está comigo?

Ben Ligeiro respondeu que sim. Observaram a figura de Rallick Nom, encapuzado, atravessar o lado mais distante da rua e entrar em um beco.

– Vou segui-lo – disse Ben Ligeiro.

Um brilho azul-esverdeado aumentou ao redor do mago. Ele se ergueu no ar e voou a toda sobre a rua, reduzindo a velocidade ao alcançar o beco. Kalam ficou em pé e se arrastou silenciosamente ao longo do telhado. Alcançando o canto, olhou para o telhado de um prédio adjacente e pulou.

Caiu devagar, como se afundando em água, e aterrissou sem fazer barulho. À direita, movendo-se em uma via paralela, estava a aura mágica de Ben Ligeiro. Kalam cruzou o telhado até o prédio seguinte. O homem que perseguiam se dirigia para o cais. Kalam continuou seguindo a luz de Ben Ligeiro, de um telhado para o seguinte, às vezes pulando para baixo, às vezes escalando. Kalam não era dos mais sutis: enquanto outros usavam delicadeza, ele usava a força de braços e pernas grossos. Aquilo o tornava um assassino improvável, mas aprendera a tirar proveito disso.

Já se aproximavam da área do cais, de prédios grandes com um só andar e de ruas raramente iluminadas, exceto ao redor das entradas com portas duplas dos armazéns, onde de vez em quando havia um guarda particular. No ar da noite, pairava a podridão de esgotos e peixe. Por fim, Ben Ligeiro parou, levitando sobre o pátio de um armazém, voltando em seguida às pressas para junto de

Kalam, que aguardava ali perto, na beira do telhado de uma casa de câmbio de dois andares.

– Parece que é lá – disse Ben Ligeiro, flutuando alguns metros acima de Kalam. – E agora?

– Eu quero uma boa linha de visão para aquele pátio.

– Siga-me.

Ben Ligeiro os guiou até o prédio seguinte. O alvo já estava visível, agachado no telhado do armazém, com a atenção voltada para o pátio abaixo.

– Kal, você está sentindo o cheiro de algo errado?

Kalam bufou.

– Não, inferno, estou sentindo cheiro de umas malditas rosas aqui. Posicione-se, amigo.

– Certo.

Rallick Nom se deitou no telhado, com a cabeça para fora do beiral. Lá embaixo estava o pátio do armazém, plano, cinzento e vazio. Diretamente abaixo dele, as sombras eram impenetráveis. Suor escorria por seu rosto.

Da sombra abaixo veio a voz de Ocelot:

– Ele viu você?

– Sim.

– E não está se mexendo?

– Não. Ouça, tenho certeza de que há mais de um. Eu teria sabido se ele estivesse me seguindo, e ninguém estava. Isso fede a magia, Ocelot, e você sabe o que penso de magia.

– Cacete, Nom. Se você começasse a usar as coisas que lhe damos, estaria entre os melhores de nós. Mas para o Portão do Encapuzado com isso! Temos duas sentinelas e, a menos que haja algum mago muito bom por aqui, elas iriam captar qualquer magia. Encare o fato... – uma nota de malícia tomou a voz de Ocelot. – Ele é melhor que você. Ele o seguiu. E sozinho.

– E agora? – perguntou Rallick.

Ocelot riu.

– Estamos fechando o cerco enquanto falamos. Seu trabalho acabou, Nom.

Hoje a guerra de assassinos termina. Em cinco minutos, você pode ir para casa.

Bem acima da cidade, um demônio voava com suas asas de couro e seus olhos verdes reptilianos vistoriando os telhados com uma visão que detectava magia e calor com a mesma facilidade. Embora o demônio não fosse maior que um cachorro, seu poder era imenso, quase igual ao do homem que naquela mesma noite o invocara e o acorrentara. Nos telhados, viu duas auras próximas: uma delas, um homem em quem feitiços haviam sido lançados, e a outra, um mago, um mago muito bom. Em um círculo irregular nos outros telhados ao redor dos dois, homens e mulheres se moviam fechando o cerco, alguns traídos pelo calor de seus corpos, outros por artefatos impregnados de feitiçaria.

Até então o demônio cavalgara os altos ventos noturnos entediado e ressentido com seu mestre. Uma mera missão de observação, para alguém com tantos poderes! Mas agora o demônio sentia sede de sangue. Se ao menos seu mestre fosse mais fraco, para que pudesse romper os elos e descer aos telhados, teria havido carnificina.

O demônio se entretinha com tais pensamentos, mantendo os olhos fixos na cena abaixo, quando o salto de uma bota pisou na parte de trás de sua cabecinha redonda. A criatura girou, tombando, e se virou para encarar o atacante; fúria flamejava em sua mente.

Um momento depois, lutava por sua vida. A figura que se aproximou do demônio tinha uma aura mágica ofuscante. Atracando-se, as energias revoltas de ambos colidiram, envolveram-se como tentáculos. O demônio lutou contra a dor feroz que o oprimia quando a figura insistiu no ataque. Um frio que queimava encheu o crânio do demônio, um frio estranho de um sopro de poder, tão estranho que o demônio não conseguiu encontrar meios para contra-atacar.

Os dois caíam devagar enquanto lutavam, duelando em silêncio absoluto com forças invisíveis para os habitantes da cidade lá embaixo, ao mesmo tempo que, ao redor deles, outras figuras desciam na direção do armazém, com capas estendidas como velas, bestas enganchadas nos braços, rostos encapuzados virados para baixo e escondidos sob máscaras negras. Onze passaram pelo demônio e seu agressor. Nenhum dos outros prestou atenção alguma a ele e, com

essa percepção, o demônio experimentou um sentimento que desconhecia. Medo.

Com os pensamentos mudando de luta para sobrevivência, o demônio escapou do aperto de seu agressor. Soltando um grito agudo, voou para cima. A pessoa não o perseguiu. Em vez disso, juntou-se aos outros em sua descida silenciosa rumo à cidade.

Os doze assassinos mascarados desceram na direção do círculo de homens e mulheres. Um deles se separou e tomou o rumo dos dois alvos do círculo; os demais miraram cuidadosamente com suas bestas e iniciaram um massacre.

Kalam observava o assassino deitado de costas no telhado abaixo, perguntando-se o que fazer depois. Esperavam que ele fizesse contato? Deixou escapar um grunhido baixo. Algo estava errado. Podia sentir isso como febre em seus ossos.

– Cacete, Ligeiro. Vamos sair daqui!

– Espere! – veio a voz incorpórea de Ben Ligeiro. Depois, o mago praguejou baixo: – Ah, maldição.

Em frente a Kalam, duas formas vivamente brilhantes desceram no telhado abaixo, pousando atrás do ponto de mira deles.

– Que raios...

O assassino sentiu, então, um leve tremor nas telhas lisas sob suas mãos. Kalam ficou de costas, rolando, e ouviu uma seta passar zunindo. Emoldurada por seus joelhos, uma pessoa de capa se achava a 10 metros. Depois de errar a seta, ela se adiantou rapidamente. Outra aterrissou atrás da primeira, perto da beira do telhado.

Kalam fugiu e se atirou da beira do telhado.

Ben Ligeiro flutuou acima dele. O feitiço de refração que lançara sobre si mesmo era magia de alto nível, e o mago estava certo de que permaneceria invisível para aqueles novos agressores. Observou quando a figura próxima diminuiu o passo, arrastando-se cuidadosamente para a beira do telhado de onde Kalam sumira. Com adagas brilhando nas mãos, o novo assassino alcançou a beirada e se agachou. Ben Ligeiro prendeu a respiração quando a figura se inclinou para a frente.

Kalam não tinha ido longe. Agarrava-se às empenas do telhado. Quando a parte superior do corpo do atacante surgiu, bloqueando as estrelas acima, ele se impulsionou para o alto com a força de um braço e, com o outro, atirou-se para apertar o pescoço do assassino furiosamente. Kalam puxou o assassino para baixo ao mesmo tempo que trazia o joelho para cima. O rosto coberto do atacante veio de encontro ao seu joelho com um som de esmagamento. Kalam, ainda segurando uma empena, mandou o corpo, girando, para a rua lá embaixo.

Arquejando, alçou-se de volta para o telhado. Do outro lado, viu o segundo assassino se virar. Grunhindo, Kalam ficou em pé com um impulso e se lançou sobre a figura. O assassino desconhecido recuou, como se sobressaltado, então abaixou uma das mãos e desapareceu. Kalam deslizou e parou. Ficou agachado, com as mãos pendendo dos lados.

– Eu a vejo – sussurrou Ben Ligeiro.

Com um bufo, Kalam fez um círculo completo, dançou para um lado e deu as costas para a beira do telhado.

– Eu não.

– Ela está se esforçando para isso – disse Ben Ligeiro. – Eu a perco toda hora. Espere, Kal.

O mago ficou em silêncio.

A cabeça de Kalam se virava bruscamente a cada som amortecido. Sua respiração estava acelerada, suas mãos se retorciam. *Esperar*. Um trovão baixo ressoou em seu peito. *Esperar o quê? Uma faca no pescoço?*

De uma só vez, a noite irrompeu em som e fogo. A atacante surgiu como que de uma explosão bem à frente de Kalam, com o punhal voando para seu peito. Fumaça e faíscas choviam dela, mas ela se movia como se não fosse afetada. Kalam se inclinou para um lado, tentando evitar a lâmina. O punhal rasgou sua camisa abaixo das costelas, afundando em sua carne e fazendo um corte horizontal. Sentiu um jorro quente de sangue enquanto enfiava o punho no plexo solar da mulher. Ela arquejou, cambaleando para trás, enquanto fios de sangue saíam do punhal em sua mão direita, que chicoteava o ar. Kalam disparou para a frente com um rosnado. Aproximou-se e, ignorando o punhal da assassina, esmurrou-lhe o peito outra vez. Costelas se quebraram. Sua outra mão, espalmada, atingiu-lhe a testa. A assassina voou para trás, aterrissando com um

baque, esparramada no telhado. Seu corpo ficou imóvel.

Kalam caiu de joelhos, inspirando ar em golfadas.

– “Espere”, você disse, cacete! Que raio há de errado com você, Ligeiro? – Ele empurrou um pouco de tecido para dentro da ferida abaixo de seu tórax. – Ligeiro?

Não ouviu resposta. Ficou tenso, virou-se e vasculhou os telhados mais abaixo. Corpos jaziam espalhados aqui e ali. O telhado do armazém, onde vira duas pessoas aterrissarem atrás do ponto de sua mira, estava vazio. Gemendo baixo, caiu de joelhos.

Com o ataque da mulher, ouvira algo entre os fogos lampejantes. Uma explosão, não, duas explosões, muito próximas. Uma troca de magia. Prendeu a respiração. Havia um terceiro assassino? Um mago? Ben Ligeiro fizera um estrago naquele, mas algo fizera um estrago em Ben Ligeiro.

– Ah, Encapuzado – sussurrou, fulminando o lugar com o olhar.

A primeira suspeita de Rallick de que havia problemas foi um golpe repentino entre as omoplatas. O ar irrompeu de seus pulmões, levando consigo sua capacidade de se mover. Suas costas latejaram, e ele soube que tinha sido atingido por uma seta, mas a armadura brigantina sob a camisa suportara o impacto: a ponta afilada da seta perfurara o ferro, mas estava gasta demais para conseguir ir além. Mesmo com a pulsação em seus ouvidos, conseguiu captar um par de passos se aproximando dele por trás.

Das sombras abaixo veio a voz de Ocelot:

– Nom? O que está acontecendo?

Atrás de Rallick, os passos pararam e veio o som fraco de uma besta sendo engatilhada. O ar de Rallick voltou; o entorpecimento sumiu de seu corpo. Sua arma se encontrava ao lado, pronta. Esperou.

– Nom? – insistiu Ocelot.

Um passo leve soou atrás dele, à esquerda. Em um só movimento, Rallick rolou, agarrou sua besta, sentou-se e atirou. O assassino, a menos de 5 metros, foi lançado para trás com o impacto da seta, e sua arma voou.

Rallick se jogou para o lado, só então vendo um segundo atacante bem atrás

do primeiro. A pessoa se agachou e atirou com a besta. A seta atingiu o alto do peito de Rallick, na parte direita, e ricocheteou para cima, passando direto por sua cabeça para desaparecer na escuridão. O golpe deixou seu braço direito dormente. Lutou para ficar em pé, desembainhando sua faca, a lâmina curva com uma fagulha azul na noite.

O assassino diante dele deu um passo cuidadoso para a frente, então recuou até a beirada do outro lado e tombou por sobre a lateral.

– Pelo sopro do Encapuzado – soou a voz de Ocelot ao lado de Rallick.

Nom se virou, mas não avistou ninguém. – Ele viu minha magia – disse Ocelot. – Bom trabalho com o primeiro, Nom. Talvez possamos finalmente concluir quem são essas pessoas.

– Acho que não – refletiu Rallick, com os olhos no corpo imóvel.

Um brilho incandescente o envolvia. Quando o corpo desapareceu, Ocelot praguejou.

– Algum tipo de feitiço de retorno – disse o líder de clã, aparecendo de repente na frente de Rallick. Seu rosto se retorceu numa carranca, enquanto fulminava os arredores com o olhar. – Armamos a armadilha e terminamos mortos.

Rallick não respondeu. Estendeu a mão para o ombro, puxou a seta e a jogou de lado. Os caçadores haviam sido caçados, era verdade, mas tinha certeza de que o homem que o seguira não tinha nada a ver com os recém-chegados. Virou-se e olhou para o telhado onde seu perseguidor estivera posicionado. Enquanto observava, houve um lampejo de luz vermelha e amarela e uma dupla trovoada e, naquele instante, Rallick viu a silhueta de alguém na beirada do telhado, defendendo-se de um ataque frontal. O lampejo terminou, deixando apenas escuridão.

– Magia – sussurrou Ocelot. – E é um poder superior. Vamos sair daqui.

Deixaram o lugar depressa, descendo para o pátio do armazém.

Depois de tê-los identificado, Piedade conseguia encontrar o homenzinho gordo e o portador da moeda sem esforço. Embora tivesse a intenção de rastrear o tal de Kruppe após deixar Kalam e Ben Ligeiro no barraco, algo a atraíra para o

rapaz. Uma suspeita, um pressentimento de que suas ações eram, pelo menos por ora, mais importantes do que as andanças de Kruppe.

O portador da moeda era o último sob a influência de Oponn, e o jogador mais importante do deus na partida. Até então, ela fizera bem em eliminar outros jogadores potenciais. Homens como o capitão Paran, que fora ajudante da conselheira e, por extensão, um servo da imperatriz. E havia outro comandante da Garra em Pale, aquele que ela enforcara. Em seu caminho rumo aos Queimadores de Pontes, outros haviam sido eliminados também, mas só quando necessário.

Sabia que o rapaz teria que morrer; ainda assim, algo dentro dela parecia lutar contra esse pensamento, uma parte que ela não conseguia reconhecer. Fora raptada dois anos antes em uma estrada costeira; nascia, assim, uma assassina. O corpo que habitava era conveniente, adequadamente não maculado por acontecimentos de uma vida dramática: o corpo de uma garota, uma jovem cuja mente não se equiparava ao poder que a subjugara, que a suprimira.

Mas teria sido mesmo suprimida? O que aquela moeda tocara dentro dela? E de quem era aquela voz que falava com tanto poder e determinação em sua mente? Deparara-se com ela antes, quando Whiskeyjack tinha dito a palavra “Vidente”.

Tentou com afinco se lembrar de qualquer relação com uma Vidente durante os dois anos anteriores, mas nenhuma lhe veio à cabeça.

Apertou mais a capa ao redor dos ombros. Encontrar o rapaz tinha sido fácil, mas o que ele estava tramando já era outro assunto. Aparentemente, não parecia mais complicado do que um simples roubo. Crokus permanecera em um beco observando uma janela iluminada no terceiro andar de uma mansão, aguardando até a luz ser apagada. Envolta em sombras artificiais como estava, ele não a vira enquanto escalava o muro escorregadio em que a moça se encontrava encostada. O rapaz subiu com graça e habilidade impressionantes.

Depois que ele se foi, Piedade encontrou outro ponto estratégico, que lhe permitia uma visão completa da varanda do quarto e das portas corrediças. Isso significara adentrar o jardim da propriedade. Mas havia apenas um guarda patrulhando o local. Ela o matara sem esforço e já estava sob uma árvore observando a varanda.

Crokus já tinha alcançado a varanda, forçado a tranca e entrado no quarto. Ele era bom, ela tinha que admitir. Mas que ladrão gastaria cerca de meia hora no aposento que estava roubando? Meia hora e ele ainda continuava lá. Não ouvira alarmes nem vira luzes se acenderem atrás de nenhuma das outras janelas da mansão, nada que indicasse que algo estava errado. Então, o que Crokus fazia lá dentro?

Piedade enrijeceu. Feitiçaria rebentou em outra parte de Darujhistan, e ela conhecia seu sabor. Hesitou, incapaz de decidir. Deixar o rapaz e investigar aquela emanação nova e fatal? Ou continuar ali até Crokus aparecer ou ser descoberto?

Viu, então, algo atrás das portas corrediças da varanda que acabou com sua indecisão.

O suor escorria pelo rosto de Crokus, e ele percebeu que tinha que limpá-lo repetidamente dos olhos. Vencera os novos obstáculos para conseguir entrar – o da varanda, o arame do ferrolho que ativaria a armadilha – e foi pé ante pé até a penteadeira. Ali, congelou, incapaz de se mover. *Idiota! O que estou fazendo aqui?*

Ouviu a respiração suave e regular da moça atrás dele... *Como a respiração de um dragão*. Tinha certeza de que podia senti-la soprando em sua nuca. Crokus olhou para cima e fez uma careta para seu reflexo no espelho. O que estava acontecendo com ele? Se não fosse embora logo... Começou a tirar o que havia em sua bolsa. Quando terminou, lançou outro olhar ao próprio rosto: viu outro atrás dele, um rosto redondo e branco o observando da cama.

– Já que está devolvendo tudo, eu preferiria a arrumação correta. Meu pote de maquiagem fica à esquerda do espelho – sussurrou ela. – A escova de cabelo, à direita. Trouxe meus brincos também? Apenas os deixe no aparador.

Crokus gemeu. Esquecera-se de cobrir o rosto.

– Não tente nada – grunhiu ele. – Devolvi tudo e vou partir. Entendido?

A garota afastou as cobertas e foi para a beira da cama.

– Ameaças não funcionam, ladrão. – Tudo o que preciso fazer é gritar e o mestre da guarda de meu pai estará aqui em segundos. Você enfrentaria a espada

dele com sua adaga?

– Não – respondeu Crokus. – Eu a colocaria em sua garganta em vez disso. Com você como refém, entre mim e o guarda, ele lançaria a lâmina contra mim? Improvável.

A moça empalideceu.

– Como um ladrão, você perderia uma das mãos. Mas sequestrar uma nobre lhe daria as Altas Forcas – refletiu ela.

Crokus tentou dar de ombros casualmente. Lançou um olhar à varanda, calculando com que rapidez conseguiria chegar do lado de fora e subir no telhado. Aquela nova armadilha de arame era uma chateação.

– Fique onde está – ordenou a moça. – Vou acender um lampião.

– Por quê? – exigiu saber Crokus, com voz trêmula.

– Para vê-lo melhor – respondeu ela, e a luz banhou o quarto vinda do lampião em seu colo.

Crokus fez uma careta. Não o notara ali, tão próximo da mão dela. A moça estava arruinando seus planos à medida que ele os fazia.

– Para que me ver melhor? – rosnou ele. – Apenas chame os malditos guardas e mande me prender. Ande logo. – Ele puxou o turbante de seda de dentro da camisa e o deixou sobre a mesa. – Isso é tudo.

A menina lançou um olhar ao turbante e deu de ombros, calma.

– Isso ia ser parte do meu traje para o Festival. – Encontrei um melhor depois.

– O que você quer comigo? – sibilou Crokus.

Por um instante, o rosto dela demonstrou medo ante a explosão desesperada dele e, então, ela sorriu.

– Gostaria de saber por que um ladrão que foi bem-sucedido em roubar todas as minhas joias agora as está devolvendo. Isso não é algo que ladrões costumam fazer.

– Tenho um bom motivo – resmungou ele, mais para si mesmo do que para ela.

Deu um passo à frente e então parou quando ela estremeceu e se afastou na cama, os olhos se arregalando. Crokus ergueu a mão.

– Desculpe, não queria assustá-la. É só que... Eu queria vê-la melhor. Só isso.

– Por quê?

Ele não tinha resposta. Afinal, não podia lhe dizer que se apaixonara loucamente por ela.

– Qual é seu nome? – ele deixou escapar.

– Challice D’Arle. Qual é o seu?

Challice. Cálice.

– Claro que seu nome significaria alguma coisa assim. – Ele a olhou feio. – Meu nome? Não é assunto seu. Ladrões não se apresentam às suas vítimas.

As sobrancelhas dela se arquearam.

– Vítima? Mas não sou mais uma vítima, sou? Você decidiu isso ao devolver as coisas. – Ela completou, manhosa: – Eu acho que você está mais ou menos obrigado a me dizer seu nome, considerando o que está fazendo. E você deve ser o tipo que leva as obrigações a sério, não importa como possam parecer estranhas.

Crokus franziu a testa. Do que ela estava falando? O que ela sabia sobre como ele encarava suas obrigações? E por que ela estava certa?

– Meu nome é Crokus Jovemão. – Ele suspirou, derrotado. – E você é a filha dos nobres D’Arles, a quem todos aqueles pretendentes fazem fila para serem apresentados. Mas um dia você me verá nessa fila, Challice, e apenas você saberá onde foi a última vez que me viu. Será uma apresentação formal, e eu lhe trarei um presente, como é o correto.

Ele a encarou, horrorizado com as próprias palavras.

Os olhos arregalados da moça permaneceram fixos nos dele, brilhando de emoção, uma emoção que Crokus não tinha esperança de entender. Então, ela desatou a rir, imediatamente batendo com a mão na boca e depois saltando para a frente na cama.

– É melhor você ir, Crokus. Alguém pode ter me ouvido. Rápido, e cuidado com o arame!

Crokus avançou sem graça para as portas corrediças da varanda. A risada dela pusera um ponto final em todos os seus sonhos. Ele se sentiu morto por dentro, exceto por uma risada cínica, que poderia ser a sua própria, dado o olhar estranho que Challice lhe lançou. Os cobertores dela haviam caído ao seu redor... e novamente estava nua. Ficou surpreso, de um modo distante, por ela nem

sequer parecer notar.

Uma voz veio do outro lado da porta que dava para o corredor, indistinta.

– Corra, seu tolo! – sibilou a garota.

Um alarme soou em sua cabeça, acordando-o. Tinha que se mexer, e rápido. Passou sobre o arame da armadilha e abriu a porta. Parou para olhá-la e sorriu quando ela puxou os cobertores até o pescoço. Bem, pelo menos ele ganhara aquela visão.

Uma batida soou na porta do outro lado.

Crokus saiu para a varanda e se pendurou na balaustrada. Olhou para o jardim abaixo e quase caiu. O guarda tinha sumido. Em seu lugar, havia uma mulher, e, embora usasse uma capa, algo nela provocou em Crokus um reconhecimento instantâneo. Era a mulher da taberna, e ela o encarava com olhos negros que o queimavam lá no fundo.

A porta do quarto abriu e Crokus se sacudiu. *Maldita seja essa mulher! Malditas sejam as duas!* Agarrou o beiral sobre sua cabeça, içou-se com presteza para o telhado e sumiu de vista.

Kalam se agachou, imóvel, no meio do telhado, com uma faca em cada mão. Estava silencioso ao seu redor. O ar da noite estava tenso e pesado. Longos minutos se passaram. Às vezes ele se convencia de estar sozinho, que Ben Ligeiro e o outro mago haviam deixado o telhado, que se caçavam no céu, ou nos becos e nas ruas lá embaixo, ou em outro telhado. Mas então ouvia algo, uma inspiração, um roçar de tecido contra couro, ou uma brisa soprando em sua face naquela noite sem vento.

Então, diante de seus olhos, a escuridão foi destroçada. Duas formas surgiram pairando sobre o telhado. O assassino encontrara Ben Ligeiro, atacando com um golpe de fogo que pareceu petrificar o mago e então rapidamente cruzando a distância entre ele e o homem atordoado.

Kalam se impulsionou para a frente para interceptá-lo. Ben Ligeiro desapareceu e imediatamente reapareceu atrás do assassino. O lampejo azul de poder que explodiu das mãos do mago atingiu em cheio as costas do assassino que controlava magia. Com as roupas incendiadas, o homem caiu.

Ben Ligeiro se voltou para Kalam.

– Vamos! Mexa-se.

Kalam correu, com o amigo voando ao seu lado. Quando alcançaram a beira do telhado, ele se virou para dar uma última olhada. O mago assassino de algum modo apagara o fogo de suas roupas e estava recobrando o equilíbrio. Na outra extremidade, dois de seus companheiros apareceram.

– Pule – disse Ben Ligeiro. – Eu vou atrasá-los.

– Com o quê? – questionou Kalam, vacilando na beirada.

Em resposta, Ben Ligeiro fez surgir um pequeno frasco, girou-o no ar e o arremessou. Kalam praguejou e pulou.

O frasco atingiu o telhado e se espatifou com um tinido. Mais adiante, os três assassinos pararam. Ben Ligeiro continuou, com os olhos na fumaça que se erguia dos cacos de vidro. Uma figura tomou forma, crescendo em tamanho. Era quase insubstancial, e a fumaça se espalhava como linhas em alguns lugares, encurvando-se como lã em outros. Apenas os olhos eram visíveis, duas fendas negras que se viraram para Ben Ligeiro.

– Você não é o mestre Tayschrenn – falou, com a voz de uma criança.

– É verdade – disse Ben Ligeiro –, mas estou na legião dele. Você continua a serviço do Império. – Apontou para o outro lado do telhado. – Ali estão três inimigos do Império, demônio. São tiste andii e estão aqui para se opor ao Império Malazano.

– Meu nome é Pérola – apresentou-se em voz baixa o demônio korvalah, virando-se para os três assassinos, que haviam se espalhado pela beira do telhado. Então comentou, com uma nota de surpresa: – Eles não fugiram.

Ben Ligeiro enxugou o suor da testa. Olhou para baixo. Kalam era uma forma vaga esperando no beco.

– Notei – disse Ben a Pérola.

Aquela constatação também o intrigava. Um dos korvalahrai de Tayschrenn poderia demolir uma cidade, se quisesse.

– Eles aceitam o desafio que ofereço – replicou ela, encarando Ben Ligeiro outra vez. – Devo ter piedade deles?

– Não. Apenas os mate e acabe com isso.

– Depois voltarei ao mestre Tayschrenn.

– Sim.

– Qual é seu nome, mago?

Ele hesitou, depois respondeu:

– Ben Adaephon Delat.

– Você deveria estar morto – disse Pérola. – Seu nome está em destaque nos pergaminhos daqueles Altos Magos que caíram diante do Império nas Sete Cidades.

Ben Ligeiro olhou para cima.

– Outros estão vindo, Pérola. Você está aqui para lutar.

O demônio ergueu o olhar. Sobre eles, figuras brilhando desciam, cinco na primeira leva, uma na segunda. A última irradiava tanto poder que Ben Ligeiro se encolheu para trás; seu sangue gelou. A figura tinha algo comprido e estreito preso às costas.

– Ben Adaephon Delat – repetiu Pérola, desolada. – Veja o último que vem. Você está me enviando para a morte.

– Eu sei – sussurrou Ben Ligeiro.

– Fuja, então. Vou segurá-los o suficiente para garantir sua fuga, não mais do que isso.

Ben Ligeiro desapareceu sob o telhado. Antes de sumir de vista, Pérola falou outra vez:

– Ben Adaephon Delat, você tem pena de mim?

– Sim – respondeu ele em voz baixa.

Depois, virou-se e submergiu na escuridão.

Rallick caminhou até o meio da rua. De cada lado do largo corredor se erguiam colunas, de onde pendiam tochas a gás que lançavam círculos de luz azul sobre os paralelepípedos molhados. O chuvisco voltara, cobrindo tudo com um brilho acetinado. À direita, além das casas que se alinhavam daquele lado da rua, as abóbadas pálidas do Alto Thalanti na colina brilhavam contra o céu cinza-escuro.

O templo estava entre as estruturas mais antigas da cidade, tendo seus blocos de fundação mais de dois mil anos. Os monges thalantinos haviam vindo, como

tantos outros, carregados pelas asas do boato. Rallick sabia menos da história do que Murillio e Coll. Acreditava-se que alguém dos povos ancestrais estava enterrado entre as colinas, um indivíduo de grande riqueza e poder. Afora isso, nada mais se sabia dele.

Mas aquele tinha sido um boato com muitas consequências. Se não fosse pelos milhares de fossas cavadas na terra, as cavernas de gás nunca teriam sido descobertas. E, ainda que muitas daquelas fossas tivessem desmoronado ou sido esquecidas ao longo dos séculos, outras ainda permaneciam, interligadas por túneis.

Em uma das muitas câmaras que se entrecruzavam sob o templo, Vorcan, a Mestra dos Assassinos, aguardava. Rallick imaginava Ocelot descendo, sobrecarregado com as notícias do desastre, e a cena trouxe um sorriso a seu rosto magro. Nunca encontrara Vorcan, mas Ocelot se adequava àquelas catacumbas: só mais um dos ratos da cidade circulando apressado sob seus pés.

Um dia, Rallick sabia, ele viraria um líder de clã e encontraria Vorcan cara a cara em algum lugar lá embaixo. Perguntava-se como aquilo o mudaria, e pensar nisso o encheu de desgosto.

Não tinha opção. Uma vez, refletiu enquanto se aproximava da Taberna da Fênix, muito tempo antes, houvera escolhas que poderia ter feito, que o teriam enviado por um caminho diferente. Mas aqueles dias estavam mortos, e o futuro trazia apenas noites, um tempo de escuridão que levava às trevas eternas. Conheceria Vorcan, em algum momento, e prometeria sua vida à mestra da Sociedade, e seria esse o fechamento da porta final. E sua indignação com as injustiças à volta, com as corrupções do mundo, iria murchar sob os túneis abaixo de Darujhistan. Na precisão dos métodos de assassinato, sua última vítima seria ele mesmo.

E isso, mais do que tudo, tornava seu plano e de Murillio o último ato de humanidade que faria. Traição era o maior de todos os crimes para Rallick, pois juntava tudo o que era humano dentro de uma pessoa e o transformava em dor. Diante disso, o assassinato em si era um desfecho: era rápido e encerrava a raiva e o desespero de uma vida sem esperança. Se tudo saísse como planejado, lady Simtal e os homens que haviam conspirado com ela na traição a seu marido, lorde Coll, morreriam. Isso poderia corrigir o erro, poderia equilibrar a balança

da punição? Não, mas poderia devolver a um homem sua vida e sua esperança.

Para ele mesmo, Rallick, tais dádivas já estavam perdidas havia muito, e ele não era o tipo de homem que remexia cinzas. Nenhuma brasa sobrevivera, nenhuma chama poderia ser reanimada. A vida pertencia a outras pessoas, e seu único crédito era seu poder de tirá-la delas. Também não reconheceria esperança se ela lhe ocorresse. Estranha demais, um fantasma por tempo demais.

Ao se aproximar da entrada da taberna, Rallick viu Crokus chegando pela rua. Acelerou o passo.

– Crokus – chamou.

O rapaz se encolheu; depois, ao ver Rallick, parou e esperou. Rallick o pegou pelo braço e o conduziu ao beco sem dizer uma palavra. Uma vez nas sombras, apertou a mão que o segurava, virou Crokus e o puxou para perto.

– Ouça – sibilou o assasssino, com a face a centímetros do rosto surpreso do rapaz –, os melhores assassinos da Sociedade foram exterminados esta noite. Isso não é um jogo. Fique fora dos telhados, entendeu?

Crokus assentiu.

– E diga o seguinte ao seu tio: há um Garra na cidade.

Os olhos do rapaz se arregalaram.

– E há mais alguém – continuou –, que desceu do céu matando tudo o que via.

– Tio Mammot?

– Só diga a ele. E ouça com atenção, Crokus. O que estou prestes a contar é de mim para você, entre nós dois, entendeu?

Crokus assentiu outra vez, com o rosto pálido.

– Se você continuar nesse caminho, vai acabar morto. Não dou a mínima se parece empolgante. O que é empolgação para você é desespero para outros. Pare de alimentar o sangue vital da cidade, moleque. Não há nada de heroico em sugar os outros até secarem. Será que me fiz entender?

– Sim – sussurrou Crokus.

Rallick soltou o braço do garoto e recuou um passo.

– Agora, vá embora.

Empurrou Crokus de volta para a rua e observou o garoto cambalear e desaparecer numa esquina. Inspirou fundo, surpreso ao descobrir, enquanto

afrouxava a gola de sua capa, que suas mãos tremiam.

Murillio saiu das sombras.

– Não tenho certeza de que isso vá funcionar, amigo, mas foi uma boa tentativa. – Pousou a mão no ombro do assassino. – O mestre Baruk tem um trabalho para nós. Kruppe insiste que levemos Crokus conosco.

Rallick franziu o cenho.

– Conosco? Então vamos deixar Darujhistan?

– Temo que sim.

– Podem ir sem mim – retrucou Rallick. – Diga a Baruk que não conseguiram me encontrar. Esse é um momento crítico, inclusive para nosso plano.

– Algo mais acontecendo, Nom?

– Você ouviu a mensagem que dei a Crokus para o tio dele?

Murillio fez que não com a cabeça.

– Cheguei atrasado. Vi você arrastando o moleque para o beco.

– Bem, vamos entrar – chamou Rallick. – Foi uma noite para fazer o Encapuzado sorrir, amigo.

Juntos, os dois homens saíram do beco. Na rua diante da Taberna da Fênix, a luz da aurora se arrastava entre as brumas da chuva persistente.

No centro do telhado havia uma nódoa de cinzas e ossos que estalava fracamente e lançava esporádicas faíscas sibilantes. Anomander Rake embainhou a espada com força.

– Mandei doze de vocês – disse para a figura de capa negra à sua frente – e vejo apenas oito. O que aconteceu, Serrat?

A tiste andii estava claramente exausta.

– Temos trabalhado duro, senhor.

– Detalhes – rebateu Rake.

Serrat suspirou.

– Jekaral quebrou o pescoço e fraturou três costelas. O rosto de Boruld está acabado: nariz quebrado, osso da face quebrado, maxilar quebrado...

– Contra quem estavam lutando? – perguntou Rake, virando-se para sua

tenente, exasperado. – A mestra da Sociedade saiu do esconderijo?

– Não, meu senhor. Tanto Jekaral quanto Boruld caíram contra um único homem, que não era da Sociedade local.

Os olhos de Rake lampejaram perigosamente.

– Garra?

– Talvez. Estava acompanhado por um Alto Mago. Aquele que nos deu esta korvalah para brincar.

– Há cheiro do Império nisso – resmungou Rake, com o olhar na nódoa ardente que começara a corroer o telhado. – Uma das conjurações de Tayschrenn, acredito. – Um sorriso feroz lampejou. – Pena ter perturbado o sono dele esta noite.

– Dashtal foi atingido por uma seta envenenada – informou Serrat. – Um dos assassinos da Sociedade conseguiu fazer isso. – Ela hesitou. – Senhor, fomos duramente pressionados na campanha de Brood. Precisamos descansar. Erros foram cometidos esta noite. Alguns da Sociedade escaparam por entre nossos dedos e, se você não tivesse respondido ao meu chamado, teríamos sofrido mais perdas ao destruir este demônio.

Rake pôs as mãos nos quadris e examinou o céu matutino. Depois de um momento, suspirou.

– Ah, Serrat. Não pense que sou insensível. Mas a mestra da Sociedade deve ser eliminada. A Sociedade deve ser extinta. – Fitou a tenente. – Esse Garra que vocês encontraram... Acha que eles estavam fazendo uma reunião?

– Não uma reunião – respondeu Serrat. – Uma armadilha.

Rake assentiu.

– Ótimo. – Fez uma pausa, seus olhos com um tom violeta encontrando os de Serrat. – Voltem à Cria da Lua, então. Peça para a própria suma sacerdotisa atender Jekaral.

Serrat fez uma reverência.

– Obrigada, senhor.

Ela se virou e gesticulou para os outros.

– Ah – chamou Rake, erguendo a voz para se dirigir a seu quadro de magos assassinos. – Mais uma coisa. Vocês foram bem, excepcionalmente bem. Merecem um descanso. Têm três dias e noites para fazerem o que quiser.

Serrat fez outra reverência.

– Vamos ficar de luto, senhor.

– Luto?

– A seta envenenada matou Dashtal. O veneno era produto de um alquimista, senhor. Alguém habilidoso. Continha paralto.

– Entendo.

– Você vai voltar conosco?

– Não.

A tenente fez uma terceira reverência. Em conjunto, os oito tiste andii ergueram as mãos e desapareceram.

Rake lançou um olhar à nódoa fervente no exato momento em que esta terminava de corroer o telhado e mergulhava na escuridão. Uma pancada fraca soou, vinda de baixo. Anomander Rake voltou seus olhos para o céu e suspirou.

O sargento Whiskeyjack balançou sua cadeira nas duas pernas de trás e a encostou na parede deteriorada. O quarto pequeno e sujo fedia a urina e umidade. Duas camas de solteiro, com estrutura de madeira e colchões de estopa recheados de palha, jaziam contra a parede à sua esquerda. As três outras cadeiras pouco firmes haviam sido empurradas para perto da mesa solitária no meio do quarto. Sobre a mesa havia um lampião a óleo, que brilhava sobre Violinista, Azarve e Marreta, sentados jogando cartas.

Tinham feito o trabalho, terminando com a chegada do crepúsculo bem em frente ao Salão da Majestade. Até a aliança com os moranthianos, o sabotador malazano não fora nada mais que um sapador com honras, um cavador de túneis e destruidor de portões de cidades. A alquimia moranthiana apresentara ao Império uma variedade de explosivos químicos e em pó, a maioria dos quais detonava quando exposta ao ar. Aplicar um ácido de corrosão lenta criava um buraco de minhoca nas bombas de argila não detonadas. A sabotagem virara uma arte; a equação precisa da espessura da argila e da força do ácido era complicada, e poucos sobreviviam para aprender com seus erros.

Para Whiskeyjack, Azarve e Violinista eram soldados terríveis. Tinha dificuldade para se lembrar da última vez que haviam desembainhado as

espadas. Qualquer disciplina que houvesse sido parte do treinamento básico se desintegrara ao longo dos anos no campo. Ainda assim, no que dizia respeito à sabotagem, os dois eram inigualáveis.

Com olhos semicerrados, Whiskeyjack analisou os três homens sentados à mesa. Já havia alguns minutos desde que alguém fizera qualquer movimento ou dissera algo. *Um dos jogos novos de Violinista*, concluiu. O homem inventava novidades constantemente, improvisando as regras sempre que lhe permitiam. Apesar das discussões intermináveis, Violinista nunca ficava sem parceiros.

– Isso é o que o tédio pode fazer – disse Whiskeyjack a si mesmo.

Mas não, era mais do que apenas tédio. A espera corroía, especialmente quando tinha a ver com amigos. Ben Ligeiro e Kalam poderiam estar caídos de bruços em algum beco, até onde sabiam. E aquilo tornava as coisas difíceis.

O olhar de Whiskeyjack vagou para uma das camas, onde sua armadura e sua espada se encontravam. A ferrugem manchava como sangue velho o metal gasto de sua cota de malha. Faltavam elos em alguns lugares; em outros, eles haviam sido despedaçados. Em seus ossos e músculos, a lembrança daquele dano permanecia: cada corte, cada golpe o assombrava com dores, cumprimentando-o toda manhã como um velho companheiro. A espada, com seu cabo simples envolto em couro e o toco da empunhadura, estava dentro da bainha de couro sobre madeira; o cinto e as amarras, estendidos sobre a cama.

Aquela arma chegara até ele depois de sua primeira batalha, encontrada em meio a um campo de mortos. Ele ainda tinha a cal da pedreira de seu pai em suas botas na época, e uma promessa do mundo se estendia diante dele nos estandartes do Império. A espada viera até ele brilhando, sem um arranhão sequer em sua lâmina afiada, e ele a tomara como seu padrão pessoal.

O olhar de Whiskeyjack perdeu o foco. Sua mente se encaminhara para as trilhas cinzentas e lamacentas de sua juventude, onde percorria um caminho familiar, perdido e cego por um sofrimento inidentificável.

A porta se abriu, carregando para dentro da sala uma rajada de ar úmido e Trote em seguida. Os olhos escuros como carvão do barghastiano encontraram os do sargento.

Whiskeyjack se levantou depressa. Foi para a cama e pegou a espada. Na mesa, os outros continuaram absortos no jogo de cartas, e a única coisa a trair

sua ansiedade foi um sutil mover de cadeiras. Whiskeyjack passou direto por Trote e fechou a porta até deixar só uma fresta, através da qual olhou. Do outro lado da rua, na entrada de um beco, duas pessoas estavam agachadas, a maior delas apoiada pesadamente na outra. A respiração de Whiskeyjack sibilou entre os dentes.

– Marreta – chamou o sargento, por sobre o ombro.

Na mesa, o curandeiro franziu o cenho para os dois sabotadores, em seguida baixou as cartas com cuidado.

As duas pessoas no beco atravessaram a rua. A mão de Whiskeyjack apertou a espada devagar.

– Qual deles? – perguntou Marreta, arrumando os cobertores de uma das camas.

– Kalam – respondeu o sargento.

Os dois homens alcançaram a porta e ele a abriu para deixá-los passar; depois, a fechou novamente. Acenou para Trote, que se adiantou até a janela com cortinas, puxando um lado para observar a rua.

Kalam estava pálido, prostrado sobre Ben Ligeiro. A camisa cinzenta do assassino estava encharcada de sangue. Marreta se adiantou para ajudar o mago, e juntos carregaram Kalam para a cama. Assim que o curandeiro o deitou, mandou Ben Ligeiro embora com um gesto de mão e começou a tirar a camisa de Kalam.

Ben Ligeiro balançou a cabeça para Whiskeyjack e se sentou na cadeira que Marreta ocupara.

– Qual é o jogo? – perguntou o mago, pegando as cartas de Marreta e franzindo a testa ao analisá-las.

Nem Azarve nem Violinista responderam.

– Não faço ideia – respondeu Whiskeyjack, aproximando-se para se postar atrás de Marreta. – Eles só ficam sentados e olham.

– Ah, um jogo de espera, certo, Vi? – perguntou Ben Ligeiro, sorrindo.

O mago se reclinou confortavelmente e esticou as pernas. Marreta olhou para o sargento.

– Ele ficará caído um tempo – disse o curandeiro. – O ferimento está limpo, mas ele perdeu muito sangue.

Agachando-se, Whiskeyjack observou o rosto pálido do assassino. O olhar de Kalam continuava firme, focado no sargento.

– E então? – exigiu saber Whiskeyjack. – O que aconteceu?

Ben Ligeiro respondeu atrás dele:

– Tivemos uma dose de duelo de magos lá fora.

Kalam meneou a cabeça, confirmando.

– E? – instigou Whiskeyjack, endireitando-se e olhando feio para o mago.

Ben Ligeiro murchou um pouco em sua cadeira.

– A coisa ficou feia. Tive que soltar um demônio do Império para nos tirar de lá vivos.

Todos na sala ficaram imóveis. Na janela, Trote se virou e fez um gesto tribal de proteção percorrendo as linhas cor de anil de seu rosto.

– Está solto na cidade? – inquiriu Whiskeyjack, devagar.

– Não – respondeu o mago. – Está morto.

– Com *quem* vocês se depararam? – vociferou Whiskeyjack, erguendo os braços.

– Não sei, exatamente – respondeu Ben Ligeiro, em voz baixa. – O que quer que fosse, liquidou o demônio em menos de um minuto. Ouvi o grito agonizante da criatura quando estávamos a apenas um quarteirão de distância. Magos assassinos, sargento, descendo do céu. Pareciam decididos a aniquilar a Sociedade local.

Whiskeyjack voltou para a cadeira e se afundou nela; a madeira reclamou.

– Do céu. Tiste andii?

– Sim – murmurou Ben Ligeiro. – Pensamos nisso. A feitiçaria tinha essa marca. Velha, negra e gelada. Kurald Galain.

– Pelo que vimos, eles fizeram um trabalho bastante bom – acrescentou Kalam. – Nenhum maldito contato estabelecido, sargento. A coisa ficou feia lá.

– Então a Lua está ativa aqui. – Whiskeyjack fez uma pausa, depois deu um murro no braço da cadeira. – Pior, o Senhor da Lua está um passo à nossa frente. Ele presumiu que tentaríamos entrar em contato com a Sociedade, então o que fez?

– Acabou com a Sociedade – presumiu Kalam. – Excelente exemplo de arrogância.

– Qualquer arrogância que esse Senhor tenha – disse Whiskeyjack, fazendo uma careta –, ele a mereceu. Admito. Eu me pergunto: o mestre da Sociedade desta cidade é bom o bastante para enfrentar os tiste andii? Parece improvável.

– E, quanto à outra coisa – disse Ben Ligeiro –, funcionou.

O sargento fitou o mago por alguns segundos. Em seguida, assentiu.

– Também encontramos Piedade – informou Kalam e se encolheu quando Marreta pressionou a mão sobre a ferida murmurando baixo.

– Ah, é? Eu a mandei atrás de um homem gordo que ela achou importante. Como ela encontrou vocês dois?

As sobrancelhas de Ben Ligeiro se arquearam.

– Então ela disse a verdade. Não sabemos como nos encontrou, mas ela havia achado o homem que estávamos procurando e o deu para nós.

Marreta ergueu a mão. Onde antes estivera o ferimento agora havia uma cicatriz rosada. Kalam grunhiu um agradecimento e se sentou.

Whiskeyjack tamborilou com os dedos no braço da cadeira.

– Se pelo menos soubéssemos quem governa esta droga de cidade – disse o sargento –, poderíamos tentar por conta própria.

O assassino fungou.

– Se começarmos a sumir com membros do Conselho, talvez forcemos os verdadeiros governantes a aparecer.

O sargento franziu o cenho.

– Nada mau – disse Whiskeyjack, levantando-se. – Trabalhe nisso. O Senhor da Lua sabe que estamos aqui, agora, depois de aquele demônio surgir. Vamos ter que andar rápido.

– Poderíamos explodir o Salão da Majestade – sugeriu Violinista, sorrindo para Azarve.

– Vocês têm munição suficiente para isso? – perguntou Whiskeyjack.

A expressão de Violinista murchou.

– Bem, hã, temos o suficiente para acabar com uma mansão, talvez. Mas, se tirarmos algumas das minas que plantamos...

Whiskeyjack suspirou.

– Isso está ficando absurdo. Não, vamos deixar as coisas como estão.

Observou o jogo de cartas inexistente. Parecia envolver completa

imobilidade. *Um impasse.* O sargento fechou os olhos. Estavam tentando lhe dizer alguma coisa?

Matizes alaranjados e amarelos iluminavam o horizonte a leste, lançando um tom acobreado sobre os tijolos e os paralelepípedos da cidade. Exceto pelo gotejar de água, as ruas estavam quietas; ainda demoraria um tempo até as pessoas começarem a circular. Logo os fazendeiros que houvessem esgotado seus estoques de grãos, frutas e raízes pegariam as carroças e vagões e partiriam da cidade. Lojas de mercadores e estábulos abririam para atender a onda matutina de compradores.

Por toda Darujhistan os caras-cinzentas se preparavam para fechar as válvulas de gás das tochas que ladeavam as avenidas principais. Tais figuras se deslocavam em pequenos grupos, juntando-se em cruzamentos e depois se dispersando à primeira badalada do dia.

Piedade observou Crokus subir, exausto, os degraus da frente de um cortiço. Ficou a meio quarteirão de distância, mais abaixo na rua, nas sombras que pareciam relutantes em desaparecer, apesar da luz crescente.

Pouco tempo antes, sentira a morte do demônio do Império atingi-la quase fisicamente, com uma dor no peito. Em geral, demônios voavam de volta a seu reino uma vez que lhes fosse infligido dano suficiente, o bastante para romper os elos da invocação. Mas o korvalah não fora apenas golpeado nem forçadamente dispensado. Houvera uma convicção em seu fim, que a deixara abalada. Uma morte de fato. Ainda se lembrava do grito silencioso e desesperado retinindo em sua mente.

Toda a ambivalência cercando o portador da moeda fora eliminada. Sabia agora que iria matá-lo. Isso tinha que ser feito, e logo. Tudo o que sobrava antes de poder fazê-lo era o mistério das ações do rapaz. Até que ponto Oponn o estava usando?

Sabia que ele a vira no jardim dos D’Arles, logo antes de escapar pelo telhado da propriedade. Ver a luz aparecer atrás das portas corrediças da varanda firmara sua decisão de continuar seguindo Crokus. A família D’Arle era poderosa em Darujhistan. Que aquele rapaz estivesse envolvido em um romance

clandestino com a filha era uma hipótese ultrajante, mas o que mais poderia concluir? Então, a pergunta permanecia: Oponn estava operando diretamente pelo garoto, insinuando uma influência peculiar no conselho da cidade? Que influência a jovem donzela possuía?

Apenas uma questão de posição, um possível escândalo. Mas qual era a posição política do conselheiro Estraysian D'Arle? Piedade percebeu que, mesmo que houvesse aprendido muito sobre a arena política de Darujhistan, não sabia o bastante para prever os movimentos de Oponn. O conselheiro D'Arle era o principal opositor de Turban Orr naquele assunto da proclamação de neutralidade... Mas o que isso importava? O Império Malazano não tinha com que se preocupar. A menos que a proclamação não passasse de um embuste. Esse tal de Turban Orr estava procurando criar as bases para preparar um golpe apoiado pelo Império?

As respostas para tais perguntas demorariam a vir. Sabia que teria que exercitar a paciência. Claro, paciência era sua melhor qualidade. Esperara que se mostrar a Crokus uma segunda vez, no jardim, deixasse o rapaz em pânico. Ou, pelo menos, que irritasse Oponn, se o controle do deus sobre o garoto fosse assim tão direto.

Piedade continuara observando, das sombras ao seu redor, enquanto o assassino chamado Rallick repreendia o garoto. Também permanecera tempo bastante para testemunhar a conversa entre Rallick e Murillio. Parecia que o rapaz tinha protetores, que formavam um grupo esquisito, do qual o homenzinho gordo, Kruppe, parecia algum tipo de líder. Ouvir que planejavam tirar Crokus da cidade em nome de seu "mestre" tornava a situação inteira ainda mais intrigante.

Sabia que teria que fazer logo seu movimento. A proteção oferecida por Kruppe e pelo tal Murillio não seria grande empecilho para ela, esperava. Embora Kruppe decerto fosse mais do que aparentava, violência não parecia ser sua maior habilidade.

Mataria Crokus, então, fora da cidade. Assim que descobrisse a natureza da missão deles e quem era seu mestre. Assim que tudo estivesse no lugar.

O sargento Whiskeyjack teria que esperar um pouco mais por seu retorno. Piedade sorriu, sabendo muito bem como o pelotão inteiro ficaria aliviado por

ela não aparecer. Quanto a todo esse assunto, à ameaça representada por Ben Ligeiro e Kalam, bem, tudo a seu tempo.

A enxaqueca feroz do alquimista Baruk estava diminuindo. Qualquer presença que houvesse sido libertada na cidade já sumira. Sentou-se em sua cadeira de leitura, pressionando contra a testa um pedaço de gelo envolvido por um pano. Fora uma conjuração. Tinha certeza disso. As emanações fediam a demônio. Mas houvera mais. No momento anterior ao desaparecimento da presença, Baruk tinha experimentado um puxão mental que quase o deixara inconsciente.

Compartilhara o grito final de morte da criatura, o guincho dele ecoando pelo salão e trazendo os guardas gritando para a porta de seu quarto.

Baruk sentia um vazio lá no fundo, como se sua alma houvesse sido derrotada. Por um único e breve segundo, olhara para um mundo de absoluta escuridão, e dessa escuridão vinham sons, o rangido de rodas de madeira, o clangor de correntes, os gemidos de mil almas aprisionadas. Então isso sumira, e Baruk se viu sentado em sua cadeira, Roald ajoelhado ao seu lado, com um balde de gelo da adega.

Sentado em seu gabinete agora, sozinho, o gelo quente em sua testa, comparado ao que sentia em seu coração. Uma batida na porta soou e Roald entrou com o rosto contraído de preocupação.

– Senhor, temos visita.

– Temos? A esta hora? – Levantou-se, trêmulo. – Quem é?

– O senhor Anomander Rake. – Roald hesitou. – E... outro.

Franzindo o cenho, Baruk meneou uma das mãos.

– Deixe-os entrar.

– Sim, senhor.

Rake entrou segurando pela nuca uma criatura alada do tamanho de um cachorro. A criatura se contorcia e sibilava, e se virou com olhos suplicantes para Baruk.

– Esta coisa veio me seguindo até aqui – explicou Rake. – É sua?

Sobressaltado, Baruk conseguiu confirmar.

– Supus que fosse – disse o tiste andii, soltando o demônio para que cruzasse

a sala voando e aterrissasse aos pés calçados por chinelos do alquimista.

Baruk o olhou. O demônio tremia. Rake se dirigiu até uma cadeira e se sentou, esticando as pernas compridas.

– Uma noite movimentada – falou.

Baruk gesticulou, e o demônio desapareceu com um estalo fraco.

– De fato – disse o alquimista, sério. – Meu servo estava em uma missão. Eu não fazia ideia de que envolveria você. – Ele parou na frente do tiste andii. – Por que você estava no meio de uma guerra de assassinos?

– Por que não? – respondeu Rake. – Eu a comecei.

– O quê?

Ele sorriu para Baruk.

– Você não conhece a imperatriz tão bem quanto eu, Baruk.

– Por favor, explique.

O alquimista corou. Rake desviou o olhar.

– Diga-me o seguinte, Baruk... – falou Rake, virando-se para encarar o alquimista –... quem nesta cidade tem mais chances de saber sobre o seu conselho secreto? E quem poderia tirar mais vantagem do seu fim? E, o mais importante: quem nesta cidade é capaz de matar você?

Baruk não respondeu de imediato. Foi devagar até a mesa, onde estava um mapa recém-pintado. Inclinou-se sobre ele com as mãos pousadas nas extremidades.

– Você suspeita que a imperatriz possa procurar Vorcan. Com um contrato a oferecer.

– Para matar você e o resto dos Altos Magos – disse Rake, atrás dele. – A imperatriz mandou um Garra para cá não tanto para perturbar as defesas de sua cidade, mas para estabelecer contato com a Mestra dos Assassinos. Eu não tinha completa certeza de estar certo quanto a isso, mas quis evitar esse contato.

Os olhos de Baruk permaneceram na pintura vermelha do mapa.

– Então você mandou seus assassinos para acabar com a Sociedade dela. Para fazê-la sair do esconderijo. – O alquimista encarou Rake. – E depois o quê? Matá-la? Tudo com base em uma suspeita?

– Esta noite evitamos que o Garra fizesse contato – explicou Rake, calmamente. – O relatório de seu demônio vai confirmar isso. Ademais, você

não está sugerindo que a morte de Vorcan e a dizimação dos assassinos da cidade sejam uma coisa ruim, está?

– Temo que sim. – Baruk andava de um lado para outro, lutando contra seu sentimento crescente de indignação. – Posso não conhecer a imperatriz tão bem quanto você, Rake – disse, cerrando os dentes –, mas conheço esta cidade muito melhor do que você jamais conhecerá. – Olhou feio para o tiste andii. – Para você, Darujhistan é só mais um campo de batalha de sua guerra particular com a imperatriz. Você não dá a mínima para como esta cidade sobrevive, como conseguiu sobreviver por três mil anos.

Rake deu de ombros.

– Esclareça-me.

– O conselho da cidade tem sua função, uma função vital – continuou Baruk. – É a máquina da cidade. Verdade que o Salão da Majestade é um lugar de mesquinhez, corrupção, desavenças intermináveis, mas, apesar de tudo, também é onde as coisas são feitas.

– E o que isso tem a ver com Vorcan e sua gangue de assassinos?

Baruk fez uma careta.

– Como qualquer carroça sobrecarregada, as rodas necessitam de graxa. Sem a opção do assassinato, as famílias nobres já teriam se destruído, levando a cidade com elas, por meio de uma guerra civil. Assim, a eficiência da Sociedade fornece uma medida de controle sobre as vinganças, discussões e assim por diante. É a opção garantida de derramamento de sangue, e derramamento de sangue é caótico. Normalmente, caótico demais para as sensibilidades da nobreza.

– Curioso – disse Rake. – Mesmo assim, você não acha que Vorcan ouviria de fato com muita atenção uma oferta da imperatriz? Afinal, Laseen tem o precedente de entregar o governo de uma cidade conquistada a um assassino. Na verdade, pelo menos um terço dos atuais Altos Punhos vem dessa profissão.

– Você está ignorando o principal! – O rosto de Baruk estava sombrio. – Você não nos consultou, e isso não pode ser tolerado.

– *Você* não me respondeu – retorquiu Rake, em tom baixo e frio. – Vorcan aceitaria o contrato? Ela conseguiria cumpri-lo? Ela é tão boa assim, Baruk?

O alquimista se virou.

– Não sei. Essa é a minha resposta para todas as três perguntas.

Rake fitou Baruk com o semblante fechado.

– Se você fosse, de fato, apenas um alquimista, eu talvez acreditasse em você.

O sorriso de Baruk foi sarcástico.

– Por que você pensaria em mim como algo além disso?

Então foi a vez de Rake sorrir.

– Poucos discutiriam comigo sem se encolher. Estou desacostumado a ser tratado como um igual.

– Há muitos caminhos para a Ascendência, alguns mais sutis que outros. – Baruk foi até a cornija sobre a lareira, pegou uma jarra e depois se dirigiu à prateleira atrás de sua mesa, onde pegou dois cálices de cristal. – Ela é uma Alta Maga. Todos temos defesas mágicas, mas contra ela... – Ele encheu os cálices de vinho.

Rake se juntou ao alquimista. Aceitou a taça e a ergueu entre eles.

– Peço desculpas por não ter informado você. Na verdade, não me passou pela cabeça que a ideia era especialmente importante. Até hoje à noite, estava agindo com base em uma teoria, nada mais. Não considerei as turbulências que uma Sociedade destruída poderia causar.

Baruk bebericou seu vinho.

– Anomander Rake, diga-me uma coisa. Havia uma presença em nossa cidade esta noite... Uma conjuração.

– Um dos demônios korvalah de Tayschrenn – respondeu Rake. – Libertado por um mago da Garra. – Tomou um gole do líquido azedo, deixou-o repousar na boca por um momento, depois engoliu com satisfação. – Já se foi.

– Foi? – perguntou Baruk, em voz baixa. – Para onde?

– Para fora do alcance de Tayschrenn – disse Rake, com um meio sorriso. – Fora do alcance de todos.

– Sua espada – falou Baruk, reprimindo um estremecimento quando a lembrança daquela visão próxima voltou a ele.

O estalo de rodas, o clangor de correntes, os gemidos de mil almas. E escuridão.

– Ah, sim – disse Rake, reenchendo seu cálice. – Recebi as cabeças dos dois

magos de Pale. Como você prometeu. Admiro sua eficiência, Baruk. Eles protestaram?

Baruk empalideceu.

– Eu lhes expliquei as opções – respondeu, baixo. – Não, não protestaram.

A risada macia de Rake congelou o sangue das veias de Baruk.

Kruppe se levantou ao ouvir o som distante. A pequena fogueira tremeluzia intensamente diante dele, mas seu calor parecia menor. Suspirou.

– Ah, as mãos de Kruppe estão quase dormentes, mas seus ouvidos estão afiados como sempre. Ouça esse som fraco nas regiões mais baixas de seu sonho atual. Ele sabe sua fonte?

– Talvez – respondeu K'rul, ao seu lado.

Sobressaltado, Kruppe se virou, com as sobrancelhas arqueadas.

– Kruppe pensou que você havia partido fazia tempo, Ancestral. Mesmo assim, está grato pela sua companhia.

O deus encapuzado assentiu.

– Tudo vai bem com a criança Tattersail – disse K'rul. – Os rhivi a protegem e ela cresce depressa, como é da natureza de um soletaken. Um senhor da guerra poderoso a está abrigando agora.

– Ótimo – reagiu Kruppe, sorrindo.

Os sons a distância atraíram sua atenção. Ele encarou a escuridão, sem ver nada.

– Conte-me, Kruppe, o que você ouve? – perguntou K'rul.

– A passagem de uma grande vagoneta ou algo assim – respondeu, com um franzir de cenho. – Ouço as rodas e as correntes, e também o gemido de escravos.

– Seu nome é Dragnipur – disse K'rul. – E é uma espada.

O franzido aumentou no rosto de Kruppe.

– Como uma vagoneta e escravos podem estar dentro de uma espada?

– Forjada na escuridão, acorrenta almas ao mundo que existia antes da chegada da luz. Kruppe, aquele que a maneja está entre vocês.

Na mente de Kruppe, seu Baralho de Dragões despertou. Viu a imagem de

uma criatura metade homem, metade dragão: o Cavaleiro da Alta Casa da Sombra, também conhecido como o Filho da Escuridão. O homem segurava erguida uma espada negra que soltava correntes de fumaça.

– O Cavaleiro está em Darujhistan? – perguntou, lutando contra um tremor de medo.

– Em Darujhistan – respondeu K'rul. – Ao redor de Darujhistan. Sobre Darujhistan. Sua presença é um ímã de poder, e o perigo é grande. – O deus ancestral encarou Kruppe. – Ele está aliado ao mestre Baruk e à Conspiração T'orrud; os governantes secretos de Darujhistan encontraram um aliado de duas faces. Dragnipur provou a alma de um demônio esta noite, Kruppe, em sua cidade. Ela nunca fica com sede por muito tempo, e se alimentará de mais sangue antes de tudo isso estar terminado.

– Alguém pode resistir a ela? – perguntou Kruppe.

K'rul deu de ombros.

– Ninguém podia quando foi forjada, mas isso faz muito tempo, foi antes até mesmo de minha época. Não consigo responder sobre isso no presente. Tenho mais uma informação, Kruppe; uma pequena informação, temo.

– Kruppe escuta.

– A jornada para a qual mestre Baruk está enviando vocês nas colinas Gadrobi. Magia ancestral cresce novamente, depois de tanto tempo. É Tellann, dos imass, mas o que ela toca é Omtose Phellack, magia ancestral jaghut. Kruppe, fique fora do caminho deles. Sobretudo, proteja o portador da moeda. O que está prestes a vir é um perigo grave como o Cavaleiro e sua espada, e tão antigo quanto. Caminhe com cuidado, Kruppe.

– Kruppe sempre caminha com cuidado, Ancestral.

LIVRO V

As colinas Gadrobi

Além destes muros finos
uma criança se senta;
diante dela, sobre seda gasta,
um Baralho está alinhado.
Ela ainda não consegue falar
e as cenas à sua frente
ela nunca viu antes nesta vida.
A criança contempla uma carta solitária
chamada Obelisk, a pedra cinzenta.
Ela consegue sentir a aspereza em sua mente.
Obelisk está enterrada em uma colina relvada
como os nós de dedos sobressalentes
da terra, presente e futuro.
Os olhos da criança estão arregalados
de terror, pois rachaduras apareceram
na pedra das pedras e ela sabe
que a fragmentação começou.

Raposa Prateada
Hurlochel, cavaleiro de escolta
do Sexto Exército

CAPÍTULO 14

Eu os vi nos litorais,
os abismos cada vez mais fundos
de seus olhares
juravam guerra imortal
contra a calma suspirante
dos mares jaghut...

Loucura de Gothos, Gothos (nasc. ?)

Ano 907 do Terceiro Milênio
Estação de Fanderay no Ano das Cinco Presas
Pela contagem malazana, Ano 1163 do Sono da Incineração
Pela contagem t'lan imass, o Ano da Reunião, Despertar de Tellann

Conforme os dias passavam, a conselheira Lorn sentia a perspicácia voltar à sua mente; a exaustão e a depressão esmoreciam. A ideia de ter se permitido escorregar para o desleixo com tanta facilidade a abalara, uma sensação que não lhe era familiar. Não sabia como lidar com essa situação, e por isso ficava desequilibrada, sem muita certeza da própria eficiência.

Quando as colinas Gadrobi apareceram, primeiro ao sul e depois a oeste, ela sentiu uma urgência desesperada em recobrar sua confiança. A missão se aproximava de um momento vital. O sucesso com o túmulo jaghut quase garantiria o sucesso com todo o resto.

Desde a aurora, cavalgara em ritmo acelerado, forçando-se a manter o cronograma inalterado depois de viajar tão devagar nos primeiros dias. Ambos os cavalos precisavam de descanso, de modo que agora a conselheira caminhava à frente deles, com as rédeas enfiadas no cinto. E Tool andava ao seu lado.

Embora o imass falasse com frequência sobre muitas coisas fascinantes – quando ela o provocava –, ele reprovava seus esforços relativos aos assuntos importantes para o Império e para a permanência de Laseen no poder. Tudo parecia retornar aos juramentos que fizera na última Reunião. Para o imass, algo estava alcançando o ponto crítico. Ela se perguntou se isso de alguma forma estava ligado à libertação daquele tirano jaghut. E isso era um pensamento perturbador.

Mesmo assim, não permitiria que nenhuma ambivalência ameaçasse a missão. Era o braço de Laseen nisso; não se tratava de uma orientação de Lorn, mas da imperatriz. Dujek e Tayschrenn a haviam lembrado bem daquela verdade. Assim, ela não representava papel algum na história toda, não da mesma forma que a mulher chamada Lorn. Como poderia ser considerada responsável por qualquer coisa?

– Em meus anos entre os humanos, comecei a me lembrar de como as emoções se expressam no corpo e nas feições – disse Tool, ao seu lado. – Conselheira, você andou com o cenho franzido nos últimos dois dias. Isso é importante?

– Não – rosnou ela. – Não é.

Limpar seus pensamentos de sentimentos pessoais nunca fora tão difícil quanto naquele momento. Seria aquilo um efeito permanente da intervenção de Oponn? Talvez Tool pudesse livrá-la disso.

– Tool, o que é importante, como você disse, é que eu não sei o bastante sobre o que vamos fazer – comentou ela. – Estamos procurando uma pedra vertical, a marca do túmulo. Bem, presumindo que possa ser encontrada, por que não o foi muito tempo atrás? Por que três mil anos de busca não conseguiram encontrar esse túmulo?

– Vamos encontrar a pedra vertical – disse Tool, calmo. – Ela de fato marca o túmulo, mas o túmulo não está lá.

A conselheira fez uma careta. *Mais charadas*.

– Explique.

O imass ficou em silêncio por um momento, depois falou:

– Eu nasci de um Labirinto Ancestral, conselheira, conhecido como Tellann. É mais do que uma fonte de magia; é também uma época.

– Você está insinuando que o túmulo existe em uma época diferente? É assim que planeja alcançá-lo, usando seu Labirinto Tellann?

– Não, não há um tempo paralelo diferente do que conhecemos. Aquela época se foi, é passado. É mais uma questão de... sabor. Conselheira, posso continuar?

Os lábios de Lorn se comprimiram.

– Os jaghut que enterraram o tirano nasceram de um Labirinto Ancestral diferente. Mas o termo “ancestral” é relativo apenas aos Labirintos existentes nesta era. O Omtose Phellack dos jaghut não é “ancestral”, quando comparado ao Tellann. São iguais, do mesmo *sabor*. Está acompanhando, conselheira?

– Idiota condescendente – resmungou ela, em voz baixa. – Estou, Tool.

O imass aquiesceu e seus ossos rangeram.

– O túmulo não foi encontrado antes precisamente porque é Omtose Phellack. Está dentro de um Labirinto perdido para o mundo. Sim, eu sou Tellann. Meu Labirinto toca Omtose Phellack. Posso alcançá-lo, conselheira. Qualquer t’lan imass poderia. Eu fui escolhido porque não tenho clã. Estou sozinho, sob todos os aspectos.

– Por que isso seria importante? – perguntou Lorn, com o estômago se revirando.

Tool a olhou.

– Conselheira, o que queremos é libertar um tirano jaghut. Esse ser, se escapar de nosso controle ou desafiar nossas previsões, é capaz de destruir o continente. Pode escravizar todos aqueles que vivem nele e fará isso, se lhe for permitido. Se, em vez de mim, Logros houvesse escolhido um Invocador de Ossos, e se o tirano fosse libertado, esse Invocador de Ossos iria se tornar seu escravo. Um tirano jaghut sozinho é perigoso. Um tirano jaghut com um Invocador de Ossos imass ao seu lado é incontrolável. Iriam desafiar os deuses e matariam a maior parte deles. Além disso, não tenho clã; assim, minha escravização, se ocorrer, não vai escravizar meus parentes de sangue.

Lorn fitou o imass. Em que a imperatriz e Tayschrenn estavam pensando? Como poderiam esperar controlar aquela coisa?

– Está dizendo, Tool, que você é descartável?

– Sim, conselheira.

E eu também sou, ela percebeu.

– O que vai parar o tirano? – perguntou ela. – Como nós o controlamos?

– Não controlamos, conselheira. É a aposta que faremos.

– E o que isso quer dizer?

Tool deu de ombros, um audível erguer e baixar de ossos sob a pele apodrecida.

– O Senhor da Cria da Lua, conselheira. Ele não terá escolha a não ser interferir.

– Ele é capaz de parar o tirano?

– Sim, conselheira. Ele é, embora isso vá lhe custar muito e também enfraquecê-lo. Mais do que isso, ele é capaz de lançar a única punição que um tirano jaghut teme. – Uma faísca de luz fraca brilhou nos olhos de Tool, que fitava Lorn. – Escravidão, conselheira.

Lorn parou de repente.

– Você quer dizer que o Senhor da Lua terá o tirano trabalhando a seu favor?

– Não, conselheira. A escravidão será executada pela mão do Senhor, mas isso está além dele. Entenda, a imperatriz sabe quem o Senhor é e o que ele possui.

Lorn assentiu.

– Ele é um tiste andii e um Alto Mago.

Tool soltou uma risada áspera.

– Conselheira, ele é Anomander Rake, o Filho da Escuridão. Portador de Dragnipur.

Lorn franziu o cenho. Tool pareceu notar sua confusão, pois explicou:

– Dragnipur é uma espada nascida na Era antes da Luz. E a Escuridão, conselheira, é a deusa dos tiste andii.

Passado algum tempo, Lorn conseguiu falar:

– A imperatriz sabe escolher seus inimigos.

E então Tool a atingiu com outra revelação estarrecedora.

– Tenho certeza de que os tiste andii se arrependem de terem vindo para este mundo – disse o imass.

– Eles *vieram* para este mundo? De onde? Como? Por quê?

– Os tiste andii eram de Kurald Galain, o Labirinto da Escuridão. Kurald

Galain permanecia isolado, intocado. A deusa, a mãe de todos eles, conhecia apenas solidão... – Tool hesitou. – Provavelmente há pouca verdade nessa história, conselheira.

– Prossiga – pediu Lorn, baixinho. – Por favor.

– Em sua solidão, a deusa buscou algo fora dela mesma. Assim nasceu a Luz. Seus filhos, os tiste andii, viram isso como uma traição. Rejeitaram-na. Alguns dizem que foram expulsos; outros, que partiram do abraço de sua mãe por escolha. Embora os magos tiste andii ainda usem o Labirinto de Kurald Galain, não *pertencem* mais a ele. E alguns abraçaram outro Labirinto, o de Starvald Demelain.

– O Primeiro Labirinto.

Tool assentiu.

– A quem o Labirinto Starvald Demelain pertence?

– Era o lar de dragões, conselheira.

Murillio se virou em sua sela e fez a mula estacar na estrada empoeirada. Olhou adiante. Kruppe e Crokus já haviam alcançado a Encruzilhada da Inquietude. Deu batidinhas na testa do animal com o cetim macio de seu manto e olhou para trás outra vez. Coll estava curvado em sua sela, pondo para fora o resto de seu café da manhã.

Murillio suspirou. Já era uma surpresa ver o homem sóbrio, mas o fato de ele haver insistido em acompanhá-los era quase um milagre. Murillio se perguntava se Coll suspeitava algo dos planos de Rallick... Mas não, ele teria descido o punho sobre sua cabeça e a de Rallick, com poucos segundos de diferença, se apenas sonhasse com o que estavam fazendo.

O orgulho de Coll o colocara na presente confusão, e beber não fizera nada para minimizá-la. Pelo contrário, na verdade. Coll até colocara sua armadura brigantina, com todas as grevas de braços e pernas. Uma espada de duas mãos pendia do quadril do homenzarrão, que, com a cota de malha e o elmo, em tudo parecia um cavaleiro nobre. A única exceção era o tom verde em seu rosto redondo. Coll também fora o único a conseguir um cavalo em vez daquelas malditas mulas que Kruppe mendigara.

Coll se endireitou em sua sela e sorriu sem graça para Murillio, depois esporeou o flanco de seu cavalo. Retomaram a jornada sem uma palavra, impondo um galope a suas montarias até alcançarem os outros.

Como de costume, Kruppe estava falando:

– Nada além de um punhado de dias, Kruppe assegura, viajante encarquilhado dos descampados além da brilhante Darujhistan. Não há motivo para ser tão rabugento, rapaz. Considere isso uma extraordinária aventura.

Crokus olhou para Murillio e ergueu as mãos.

– Aventura? Eu nem sei o que estou fazendo aqui! – exclamou o rapaz. – Ninguém vai me dizer nada? Não acredito que concordei com isto!

Murillio sorriu para o garoto.

– Ora, Crokus, quantas vezes você expressou curiosidade sobre nossas constantes viagens para fora da cidade? Bem, aqui estamos. Todas as suas perguntas estão prestes a ser respondidas.

Crokus se abaixou na sela.

– Vocês me disseram que trabalhavam como agentes de um mercador. Que mercador? Não vejo nenhum mercador. E onde estão nossos cavalos? Como é que Coll é o único que tem um cavalo? Como ninguém me deu uma espada ou algo assim? Por quê...

– Tudo bem! – Murillio riu e, erguendo uma das mãos, explicou: – Basta, por favor! Nós *somos* agentes de um mercador. Mas é uma mercadoria bastante incomum que vamos obter.

– O mercador também é bastante incomum, deve acrescentar Kruppe com um sorriso caloroso. Rapaz, somos agentes buscando informações em nome de nosso empregador, que não é ninguém menos que o Alto Alquimista Baruk!

Crokus fitou Kruppe.

– Baruk?! E ele não pode nos arranjar cavalos?

Kruppe pigarreou.

– Ah, sim. Bem. Houve certo mal-entendido entre o digno e honesto Kruppe e um dono de estábulo calculista e trapaceiro. Apesar disso, Kruppe recebeu um grande abatimento, poupando assim onze moedas de prata ao nosso gentil mestre.

– Moedas que ele nunca verá – resmungou Murillio.

– Quanto a uma bendita espada, rapaz, para quê? – continuou Kruppe. – Ignore o pálido e tempestuoso Coll, com todos os seus ornamentos suados de guerra. Uma mera ostentação dele. E o florete de Murillio não é mais do que uma frivolidade decorativa, embora sem dúvida ele vá alegar que as joias e esmeraldas cravejadas no cabo de tal artefato são para conseguir um bom equilíbrio ou algum detalhe marcial parecido. – Kruppe sorriu angelicalmente para Murillio. – Não, rapaz, os verdadeiros mestres em obter informações não precisam dessas peças desengonçadas de metal. Na verdade, nós as desprezamos.

– Tudo bem – rosnou Crokus. – Que tipo de informação estamos procurando, então?

– Tudo o que os corvos acolá no céu podem ver – respondeu Kruppe, erguendo a mão para o ar. – Outros viajantes, outras façanhas nas colinas Gadrobi, tudo grão para o moinho de notícias do mestre Baruk. Observaremos sem sermos observados. Estudaremos enquanto nos mantemos um mistério. Subiremos para os...

– Você vai calar a boca? – gemeu Coll. – Quem trouxe os odres?

Sorrindo, Murillio tirou do pito de sua sela um cântaro de argila envolvido por um cordão e o entregou a Coll.

– Uma esponja espremida debaixo de um fardo de armadura – disse Kruppe. – Veja o homem entornar nossa preciosa água, veja-a reaparecer imediatamente salgada e grudenta na pele curtida dele. Que venenos vazaram dali? Kruppe estremece ao pensar.

Coll o ignorou, dando o cântaro a Crokus.

– Anime-se, rapaz. Você está sendo pago, e muito bem. Com sorte não haverá problemas. Acredite em mim, neste tipo de trabalho, empolgação é a última coisa que estamos procurando. Mesmo assim – olhou feio para Murillio –, eu me sentiria muito melhor se Rallick estivesse conosco.

Crokus se encrespou:

– E eu sou um substituto indigno, não é? Você acha que não sei disso, Coll? Você acha que...

– Não venha me dizer o que eu acho – trovejou Coll. – Eu nunca falei que você era um substituto, Crokus. Você é um ladrão, e esse tipo de habilidade é

muito mais conveniente do que qualquer coisa que eu possa fazer. O mesmo serve para Murillio. E quanto a Kruppe, bem, seus talentos não vão além do seu estômago e de qualquer coisa que ele queira amontoar dentro dele. Você e Rallick têm muito mais em comum do que se pensa, e é por isso que você é o homem mais apto aqui.

– Exceto pela inteligência, é claro – disse Kruppe –, que é a minha verdadeira habilidade. Embora alguém como Coll nunca vá entender tais faculdades, já que são tão estranhas a ele.

Coll se inclinou na direção de Crokus.

– Você deve querer saber por que estou usando toda esta armadura – falou num sussurro audível. – É porque Kruppe está no comando. Quando Kruppe está no comando, eu não me sinto seguro, a menos que esteja preparado para a guerra. Se chegar a isso, rapaz, eu vou nos tirar vivos dessa. – Endireitou-se e fitou bem adiante. – Já fiz isso antes. Certo, Kruppe?

– Acusações absurdas – fungou Kruppe.

– Então, o que devemos procurar? – perguntou Crokus.

– Saberemos quando virmos – disse Murillio. Apontou com a cabeça para as colinas que se erguiam a leste. – Ali em cima.

Crokus ficou em silêncio por algum tempo, depois seus olhos se estreitaram.

– As colinas Gadrobi. Estamos procurando por um boato, Murillio?

Murillio enrijeceu, mas foi Kruppe quem respondeu:

– De fato, rapaz. Boatos sobre boatos. Eu aplaudo sua constatação astuta. Agora, onde está esse cântaro de água? A sede de Kruppe se tornou mais intensa.

A partida de Piedade pelo Portão de Jammit foi casual, sem a mínima urgência. Rastrear o portador da moeda era simples e não requeria que o jovem estivesse ao alcance de sua visão. Sentia Crokus e Kruppe, em companhia de outros dois, na estrada depois da Aldeia da Inquietude. Não pareciam ter pressa.

Qualquer que fosse a missão em que estavam, era claro que dizia respeito ao bem-estar de Darujhistan. Piedade tinha certeza de que os homens do grupo eram espiões e, provavelmente, muito capazes. O dândi, Murillio, conseguia andar entre os círculos da nobreza com um desembaraço que se somava a uma

desejável timidez: a combinação perfeita para um espião. Rallick, embora não os acompanhasse naquela missão, era os olhos e os ouvidos dentro da Sociedade de Assassinos, englobando assim outra base de poder. O mundo de Kruppe era o dos ladrões e das classes mais baixas, onde boatos ganhavam vida como ervas daninhas em solo lamacento. O terceiro homem era claramente militar, sem dúvida servindo como o guarda do grupo.

Em um nível humano, assim, era um grupo adequado para proteger o portador da moeda, embora insuficiente para evitar que ela o matasse, sobretudo com o assassino tendo sido deixado para trás.

Ainda assim, algo cozinhava na mente de Piedade, uma suspeita vaga de que o grupo estava se dirigindo para o perigo... um perigo que a ameaçava também. Uma vez passada a Aldeia da Inquietude, acelerou o passo. Logo que se viu sozinha na estrada, abriu seu Labirinto da Sombra e se esgueirou para seus caminhos rápidos.

A conselheira não conseguiu encontrar nada de peculiar na colina da qual estavam se aproximando. Seu cume coberto de relva era sobrepujado por aqueles ao redor. Meia dúzia de carvalhos espinhosos, desgrenhados e torcidos pelo vento, subia de um lado, entre declives de rochedos partidos. O cume se aplainava num círculo irregular, com rochas aparecendo aqui e ali.

No alto, corvos voavam em círculos, tão distantes que não passavam de pontos no céu cinzento e mormacento. Lorn observou Tool à sua frente; o imass escolhia um caminho constante rumo ao sopé da colina. Afundou em sua sela, sentindo-se derrotada pelo mundo à sua volta. O calor do meio-dia esgotava suas forças, e a letargia tomou conta de seus pensamentos. Não era obra de Oponn, ela sabia. Aquilo era pavor estridente se agarrando ao ar, a sensação de que o que estavam fazendo era errado, terrivelmente errado.

Jogar aquele tirano jaghut nas mãos do inimigo do Império, confiar que aquele tiste andii, Anomander Rake, iria destruí-lo, ainda que com grande custo para ele mesmo – o que, então, abriria caminho para as feitiçarias malazanas, por sua vez, matarem o Filho da Escuridão –, parecia precipitado e absurdo em suas ambições.

Tool chegou ao pé da colina e aguardou a conselheira alcançá-lo. Lorn viu, junto ao pé envolvido em couro de Tool, uma rocha cinzenta sobressaindo talvez 30 centímetros da terra.

– Conselheira – chamou o imass –, esta é a marca do túmulo que buscamos.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Mal há cobertura do solo aqui. – Você está sugerindo que esta pedra vertical foi erodida até chegar a esse tamanho?

– A pedra não foi erodida – respondeu Tool. – Ela esteve aqui desde antes de os lençóis de gelo cobrirem esta terra. Estava aqui quando a planície Rhivi era um mar continental, bem antes de as águas recuarem para o que agora é o lago Azur. Conselheira, a pedra, na verdade, é mais alta que nós dois juntos, e o que você julga ser leito rochoso é feito de xisto.

Lorn ficou surpresa com o indício de raiva na voz de Tool. Desmontou de seu cavalo e se ocupou em prender os pés dos animais com uma peia.

– Por quanto tempo vamos ficar aqui, então?

– Até esta noite passar. Com a aurora, amanhã, abrirei o caminho, conselheira.

Vagamente de cima vieram os berros de corvos. Lorn levantou a cabeça e olhou os pontos girando alto sobre eles. Havia dias que os acompanhavam. Aquilo era incomum? Ela não sabia. Encolhendo os ombros, tirou as selas dos cavalos.

O imass ficou parado, o olhar parecendo fixo na marca de pedra.

Lorn começou a preparar seu acampamento. Entre os carvalhos espinhosos, encontrou madeira para uma pequena fogueira, para cozinhar. Estava seca, curtida e propensa a fazer pouca fumaça. Embora não previsse companhia, a precaução se tornara um hábito. Antes que o crepúsculo chegasse, encontrou uma colina próxima mais alta do que aquelas ao redor e subiu até o topo. Daquela posição, tinha uma visão que se estendia por quilômetros em todas as direções. As colinas continuavam a seguir rumo ao sul, afundando-se em estepes a sudeste. Bem a leste, havia a planície Catlin, sem vida, até onde conseguia enxergar.

Lorn se virou para o norte. A floresta que tinham contornado alguns dias antes ainda era visível, uma linha escura engrossando conforme ia para oeste, até

as montanhas Tahlyn. Ela se sentou e esperou a noite cair. Seria quando conseguiria avistar fogueiras de acampamento.

Mesmo com a noite, o calor continuou opressivo. Lorn caminhou pelo topo da colina para esticar as pernas. Encontrou provas de escavações passadas, cicatrizes que sulcavam o xisto. E também permaneciam os vestígios de pastores gadrobi, da longínqua época em que faziam ferramentas de pedra. Do lado sul da colina, o chão fora recortado, não à procura de um túmulo, mas como uma pedreira. Parecia que debaixo da rocha sedimentar havia gemas, castanhas como chocolate, angulosas e incrustadas em cal branca.

Curiosa, Lorn investigou mais, atirando-se na cavidade. Flocos de pedra cobriam o fundo da cova. Agachou-se e pegou uma pedra de sílex. Era a extremidade da ponta de uma lança, moldada com perícia.

Encontrava-se o eco daquela tecnologia na espada de calcedônia de Tool. Não precisava de mais provas acerca das histórias do imass. Humanos de fato descendiam deles, de fato haviam herdado um mundo.

O Império era parte deles, um legado que corria como sangue pelos músculos, ossos e cérebro humanos. Mas tal coisa podia facilmente ser vista como uma maldição. Estavam destinados a um dia virarem versões humanas dos t’lan imass? Guerra era tudo o que havia? Iriam reverenciá-la em servidão imortal, tornando-se nada além de distribuidores de morte?

Lorn se sentou na cavidade e se encostou na pedra cinzelada e gasta pelo tempo. Os imass conduziram uma guerra de extermínio que durara centenas de milhares de anos. Quem ou o que haviam sido os jaghut? De acordo com Tool, tinham abandonado o conceito de governo e dado as costas a impérios, exércitos, ciclos de ascensão e queda, fogo e renascimento. Caminhavam sozinhos, desdenhando da própria espécie, desprezando a noção de comunidade e propósitos maiores que eles mesmos.

Eles não teriam começado uma guerra, ela percebeu.

– Ah, Laseen – murmurou, com lágrimas enchendo os olhos. – Eu sei por que tememos esse tirano jaghut. Porque ele se tornou humano, tornou-se como nós, escravizou, destruiu, e fez isso melhor do que poderíamos fazer. – Baixou a cabeça entre as mãos. – É por isso que o tememos.

Ficou em silêncio, então, deixando as lágrimas escorrerem por suas faces,

verterem por entre seus dedos, gotejarem em seus pulsos. Quem chorava através de seus olhos?, perguntou-se. Lorn ou Laseen? Ou era por nossa espécie? O que isso importava? Essas lágrimas já haviam sido derramadas antes, e seriam novamente, por outros como ela e, ainda assim, diferentes dela. E os ventos secariam todas.

O capitão Paran lançou um olhar a seu acompanhante.

– Você tem uma teoria a respeito de tudo isso? – perguntou.

Jovem Toc coçou a cicatriz.

– Bem que eu queria, capitão. – Ele encarou o corvo negro, queimado e incrustado que jazia no chão adiante. – Mas andei contando. É o décimo primeiro pássaro tostado nas últimas três horas. E, a menos que estejam cobrindo a planície Rhivi como um maldito tapete sangrento, parece que estamos no rastro de alguém.

Paran grunhiu, depois esporeou a barriga de seu cavalo para impeli-lo adiante. Toc o seguiu.

– E é alguém perverso – continuou. – Esses corvos parecem ter sido explodidos de dentro para fora. Droga, até as moscas os evitam.

– Em outras palavras, feitiçaria – grunhiu Paran.

Toc mirou com os olhos semicerrados as colinas ao sul. Haviam encontrado um rastro de lenhadores na floresta Tahlyn, reduzindo dias de sua jornada. Assim que retornaram à trilha dos comerciantes rhivi, entretanto, encontraram os corvos e também os sinais de dois cavalos e um homem calçado, seguindo a pé. Aquele último grupo de rastros tinha apenas poucos dias.

– Não consigo entender por que a conselheira e o imass estão indo tão devagar – resmungou Toc, repetindo palavras que dissera umas dez vezes desde o início do dia. – Você acha que ela não sabe que algo a está seguindo?

– É uma mulher arrogante – concluiu Paran, com a mão livre segurando a espada. – E, com aquele imass com ela, por que deveria se preocupar?

– Poder atrai poder – disse Toc, coçando outra vez a cicatriz.

O movimento provocou outro lampejo de luz em sua cabeça, mas estava mudando. Às vezes, ele achava que quase conseguia ver imagens, cenas dentro

da luz. Grunhiu baixo:

– Malditas superstições das Sete Cidades.

Paran o olhou de modo estranho.

– Você disse alguma coisa?

– Não.

Toc se encolheu em sua sela. O capitão os forçara muito. Sua obsessão os exauria; mesmo com a montaria extra, os cavalos estavam praticamente destruídos. E um pensamento aborrecia Toc. O que aconteceria quando alcançassem a conselheira? Obviamente, Paran tinha a intenção de alcançar Lorn e o imass, estimulado pelo desejo de vingança que o dominava. Com Lorn morta ou seus planos frustrados, o pelotão de Paran estaria a salvo. Ele poderia se juntar a Whiskeyjack e seus homens no tempo livre. Presumindo que ainda estivessem vivos, claro.

Toc conseguia pensar em mil defeitos nos planos do capitão. O primeiro e principal era o t'lan imass. A espada de Paran se equiparava à dele? No passado, feitiçaria fora lançada sobre os guerreiros imass com uma ânsia nascida do desespero. Nada funcionara. O único modo de destruir um imass era cortá-lo em pedaços. Toc não achava que a arma do capitão, tocada por um deus como estava, poderia fazer o serviço, mas não havia como convencer Paran de nada naqueles dias.

Depararam-se com outro corvo, cujas penas esvoaçavam ao vento e cujas vísceras estavam inchadas pelo sol, num tom vermelho vivo como o de cerejas. Toc esfregou sua cicatriz outra vez e quase caiu da sela quando uma imagem, clara e precisa, explodiu em sua cabeça. Viu uma forma pequena movendo-se tão rápido que era só um borrão. Cavalos relinchavam alto, e uma fenda imensa se abriu no ar. Ele se agitou, como se algo grande e pesado o houvesse atingido, e o rasgo se escancarou, um turbilhão de trevas do outro lado. Toc ouviu seu cavalo relinchar alto. Então, a imagem sumiu e ele se viu segurando o pito articulado de sua sela com toda a força.

Paran cavalgava adiante, aparentemente sem notar nada, com as costas retas e o olhar fixo no sul. Sua mão brincava de leve no pomo da espada.

Toc se sacudiu, inclinou-se para um lado e cuspiu. O que acabara de ver? Aquela fenda... Como o próprio ar poderia ser rasgado daquele jeito? A resposta

lhe ocorreu. *Um Labirinto, um Labirinto se abrindo poderia fazer isso*. Esporeou seu cavalo até alcançar Paran.

– Capitão, estamos indo para uma emboscada.

A cabeça de Paran se virou rápido. Seus olhos brilhavam.

– Então se prepare.

Toc abriu a boca para protestar, mas a fechou sem falar. Qual era a utilidade? Puxou seu arco e afrouxou a cimitarra na bainha, depois colocou uma seta contra a corda do arco. Lançou um olhar a Paran, que havia desembainhado a espada e a colocara nas coxas.

– Virá por um Labirinto, capitão.

Paran não viu necessidade de questionar a certeza de Toc. Parecia quase ávido.

Toc observou a espada, Acaso. A luz opaca e imprecisa brincava sobre a lâmina polida como água. De algum modo ela também parecia ávida aos olhos de Toc.

CAPÍTULO 15

São estribos sangrentos quando os jaghut
cavalgam suas almas, uma disparada ensurdecedora
sem interrupção,
os nós apertados nos baques
tamborilando forte,
a torrente de gelo
uma promessa...
Estes são os jaghut batalhando contra o crepúsculo
em um campo de pedras quebradas...

Jaghut, Pescador (nasc. ?)

Ben Ligeiro estava sentado no barraco com as costas para o antigo muro de pedra. Diante dele se erguiam os cinco bastões que o ligavam a Hairlock. A corda que conectava os bastões estava esticada. À frente do mago, perto da entrada coberta por couro, encontrava-se Trote.

Kalam ainda não se recuperara o bastante para acompanhar Ben Ligeiro, ou para vigiá-lo, como Trote fazia naquele momento. O mago conhecia o guerreiro barghastiano fazia anos, lutara ao lado dele em mais batalhas do que gostaria de se lembrar e mais de uma vez um deles salvara a pele do outro. Ainda assim, Ben Ligeiro percebeu que sabia bem pouco a respeito de Trote. A única coisa que de fato sabia, no entanto, confortava-o. O barghastiano era um lutador selvagem e brutal, tão hábil com machados de arremesso quanto com a espada longa que mantinha aninhada no colo. E era destemido diante de feitiçaria, protegido pelos talismãs presos às suas tranças e pelas tatuagens cor de anil inscritas pela mão do xamã de seu clã. Considerando o que poderia cair no colo deles, aquelas proteções poderiam vir a calhar.

O barghastiano fitava o mago com olhos frios e inexpressivos, sem vacilar na

luz tênue. Ben Ligeiro sacudiu as mãos para afastar a dormência e se curvou para a frente, a fim de analisar o conjunto de bastões amarrados.

– Hairlock está agachado dentro de seu Labirinto. Sem se mexer. Parece estar esperando. – Recuou e retirou sua adaga, cuja ponta havia primeiro enfiado na terra batida. – Então, esperamos também. E observamos.

– Observamos o quê? – perguntou Trote.

– Deixe para lá – murmurou Ben Ligeiro. – Você está com aquele pedaço de saco de dormir?

Trote tirou de uma manga um pedaço de tecido rasgado. Adiantou-se, dando mais espaço aos bastões do que o necessário, e pôs o retalho na mão do mago. Ben Ligeiro o colocou à sua esquerda. Murmurou algumas palavras e passou a mão sobre o tecido.

– Pode se sentar de novo. E mantenha sua arma pronta para o caso de as coisas darem errado. – Fechou os olhos e alcançou seu Labirinto. A imagem que se formou o fez se sobressaltar de surpresa. – O que Hairlock está fazendo na planície Rhivi? – sussurrou.

Paran não conseguia sentir nada além do fogo branco da vingança enchendo sua mente e coruscando por seu corpo. Oponn escolhera usá-lo. Agora ele iria usar Oponn, o poder dos Gêmeos, aquela fronteira atroz de destruição que vinha junto com a Ascendência. E, como os deuses, ele conseguia ter sangue-frio para fazê-lo, mesmo se isso significasse arrastar Oponn chutando e gritando para aquele plano, a fim de enfrentar o que quer que houvesse adiante.

Ouviu um silvo de aviso que poderia ter sido sua consciência. Jovem Toc era seu amigo, talvez o único. Sem a proteção de deus algum, sua chance de sobreviver ao que viria era pequena. Seria mais uma morte em suas costas? Paran pôs de lado a possibilidade. Estava ali para responder ao assassinato de Tattersail. Lorn lhe ensinara o valor de ter um único objetivo. *Mas o que Tattersail lhe ensinara?*

– Se as coisas esquentarem demais, dê o fora, Toc – disse. – Vá para Darujhistan. Encontre Whiskeyjack.

O batedor concordou com a cabeça.

– Se eu cair...

– Eu o ouvi, capitão.

– Ótimo.

O silêncio se abateu sobre eles; o único som persistente era a pancada dos cascos e o vento oeste quente, que soprava como areia sussurrando por entre as pedras.

Predições vagas sobrecarregavam a cabeça de Paran. A conselheira os esperava? Se ela reconhecesse tanto ele quanto Toc, não teria motivo para atacá-los. Até onde ela sabia, o capitão fora assassinado. E Toc era um Garra. Não haveria emboscada. A conselheira apenas sairia de seu esconderijo e o saudaria, sem dúvida chocada por seu aparecimento, mas dificilmente desconfiada.

E, quando ela se aproximasse, Acaso cantaria. Estaria terminado e, se necessário, lidariam com o imass em seguida. Esperava que o imass partisse com a derrocada da missão. Sem a conselheira, tudo ruiria.

Pelo menos, era o que ele esperava. Acaso poderia ser uma espada privilegiada, mas os t'lan imass eram criações ancestrais, nascidos de feitiçarias que faziam de Oponn menos do que uma criança.

Paran apertava forte o cabo da espada. Sua mão doía, e ele conseguia sentir o suor entre os dedos. Acaso não parecia diferente de nenhuma outra arma. Ele deveria esperar algo mais? Não conseguia se lembrar muito da última vez que a usara, contra o Cão. Mas, se houvesse poder na arma, não deveria ser capaz de senti-lo? Ao contrário de suas expectativas, Acaso era fria ao toque, como se segurasse um pedaço de gelo que se recusasse a derreter sob seu punho. Antes de tudo, Acaso parecia desajeitada, como se ele fosse um novato e a segurasse errado.

O que provocara aquele repentino esfarelamento da autoconfiança? *Trazer um Ascendente para a briga... Como faço isso, precisamente? Claro, se Oponn estiver tão ansioso quanto da última vez...* Talvez não fosse mais do que a tensão que vinha com a espera de que algo ocorresse. Toc estaria enganado? Virou-se para o homem ao seu lado e abriu a boca para falar.

Uma gargalhada alta e maníaca o deteve. Paran puxou as rédeas com força. Seu cavalo relinchou alto e empinou. O ar pareceu se rasgar, e um vento gelado soprou sobre eles. O capitão ergueu a espada e praguejou. O cavalo relinchou de

novo, dessa vez de dor. O animal desabou debaixo dele, como se seus ossos houvessem sido transformados em pó. Paran se estatelou ao ser lançado ao chão; a espada voou de sua mão quando o solo se levantou ao seu encontro. A queda do cavalo soara como uma bolsa cheia de rochas e óleo de lampião, aterrissando ao lado dele e rolando por cima de suas pernas.

A corda do arco de Toc zuniu, e uma seta se partiu contra algo duro.

Paran se levantou de lado com esforço e olhou para cima.

A marionete Hairlock flutuava, 6 metros à frente. Uma segunda seta o atingiu enquanto o capitão olhava, também se partindo.

Hairlock riu outra vez, virando seu olhar ensandecido para Toc. Gesticulou.

Paran gritou, virando-se para ver Toc ser atirado de sua montaria. O Garra girou pelo ar. Um rasgo serrilhado se abriu no ar à sua frente. Paran gritou uma segunda vez, num pavor desamparado, quando Jovem Toc mergulhou naquele rasgo e desapareceu em meio a brumas rodopiantes. A fenda se fechou com um estalido, sem deixar sinal do acompanhante de Paran.

Hairlock desceu devagar até o solo. A marionete parou para ajeitar sua roupa esfarrapada e depois caminhou até Paran.

– Achei que poderia ser você. – Hairlock riu. – A vingança não é mais doce do que o mel, hein, capitão? A sua morte vai ser lenta e muito, muito dolorosa. Imagine meu prazer em vê-lo assim!

Paran empurrava com as pernas o corpo do cavalo, que recuou, libertando-o. Lutou para se pôr de pé e mergulhou em busca de sua espada, agarrando-a enquanto rolava e ficava novamente em pé.

Hairlock assistiu com evidente divertimento e começou a avançar.

– Essa arma não é para mim, capitão. Não vai nem me cortar. – A marionete se aproximou. – Então, fuja chorando.

Paran ergueu a arma, sentindo uma onda de desespero dominá-lo.

Hairlock parou e inclinou a cabeça. Virou-se para encarar o norte.

– Impossível! – grunhiu a marionete.

Paran então conseguiu captar o que Hairlock já ouvira: o uivo de Cães.

No barraco, Ben Ligeiro assistira à emboscada, estupefato. O que Paran estava

fazendo? Onde estava Tattersail?

– Pelo caminho do Encapuzado – sussurrou, furioso. – Isso é que é perder o rumo!

Em todo caso, tudo acontecera rápido demais para ele evitar a perda do homem caolho que acompanhava o capitão. Abriu os olhos e apanhou o pedaço de tecido.

– Piedade! – sibilou. – Piedade! Ouça-me, mulher! Eu conheço você. Sei quem você é. Cotillion, Patrono dos Assassinos, a Corda. Eu recorro a você!

Sentiu uma presença entrar em sua mente, seguida por uma voz de homem:

– Muito bem, Ben Ligeiro.

– Tenho uma mensagem para você, Corda. Para o Trono Sombrio – disse o mago. – Sentiu uma tensão intensa na cabeça. – Um acordo foi feito. Os Cães de seu senhor estão com sede de vingança. Não tenho tempo para explicar tudo agora... Deixe isso para o Trono Sombrio. Estou prestes a lhe dar a localização daquele que o Trono Sombrio procura.

Percebeu uma nota de divertimento sarcástico na voz da Corda:

– Eu forneço o elo, correto? O meio pelo qual você permanece vivo em tudo isso. Parabéns, Ben Ligeiro. Poucos mortais tiveram sucesso em evitar a inclinação de meu mestre a ludibriar. Parece que você o venceu pela astúcia. Muito bem, transmita-me essa localização. Trono Sombrio a receberá imediatamente.

Ben Ligeiro indicou a localização precisa de Hairlock na planície Rhivi. Esperava apenas que os Cães chegassem a tempo. Tinha muitas perguntas a fazer a Paran, e queria que o capitão ainda estivesse vivo quando eles o alcançassem, mas tinha de admitir que as chances de isso acontecer eram remotas.

Tudo o que restava ao mago era impedir a fuga da marionete. Sorriu outra vez. Isso era algo pelo qual ansiava.

Onos T’oolan estava agachado diante da pedra vertical desde a aurora. Nas horas que se seguiram, Lorn vagara pelas colinas próximas, em guerra consigo mesma. Já sabia que aquilo que estavam fazendo era errado, que as consequências iam bem além dos esforços insignificantes de um Império terreno.

Os t’lan imass haviam trabalhado por milênios, seus propósitos guardados para si mesmos. Ainda assim, a guerra interminável deles se transformara em *sua* guerra interminável. O Império de Laseen era uma sombra do Primeiro Império. A diferença era que os imass infligiam genocídio a outras espécies. Malaz matava a própria. A humanidade não evoluíra desde a era negra dos imass: rodopiara para baixo.

O sol estava bem acima de sua cabeça. Dera uma olhada em Tool pela última vez fazia uma hora. O guerreiro não se movera 1 centímetro. Lorn subiu outra colina, já 400 metros distante da pedra vertical. Esperava vislumbrar o lago Azur a oeste.

Alcançou o topo da colina e se viu a menos de 10 metros de quatro viajantes montados. Foi difícil definir quem ficou mais surpreso, mas a conselheira agiu primeiro, a espada zunindo em sua mão quando avançou para diminuir a distância que os separava.

Dois estavam basicamente desarmados, um garoto e um homenzinho gordo. Eles e um outro, um homem vestido de forma espalhafatosa que desembainhava um florete de duelo, cavalgavam mulas. Mas foi o último homem que prendeu a atenção de Lorn. De armadura completa, montado em um cavalo, foi o primeiro a reagir ao seu ataque. Vociferando, ele esporeou a montaria, passando direto pelos outros, e desembainhou uma espada longa.

Lorn sorriu quando o homem gordo tentou abrir um Labirinto e fracassou. Sua lâmina de otataral fumegou brevemente antes de uma ondulação gelada de ar emanar dela. O homem gordo, com os olhos se arregalando, cambaleou para trás na sela e prontamente rolou por cima das ancas de sua mula, aterrissando pesadamente na poeira. O garoto saltou e parou, incerto sobre o que fazer: ajudar o gordo ou tirar o punhal do cinto. Quando o homem de armadura passou por ele, o rapaz tomou uma decisão e correu para onde o gordo caíra. O do florete também desmontara e se aproximava, na esteira do guerreiro.

Os olhos de Lorn captaram tudo isso num piscar de olhos. O guerreiro logo estava sobre ela, balançando a espada de duas mãos na direção de sua cabeça.

A conselheira não se preocupou em se defender. Em vez disso, esquivou-se diante do cavalo a fim de alcançar o homem pela esquerda, longe do braço com que ele segurava a espada. O cavalo empinou. Lorn se atirou para a frente,

passando pelo cavaleiro e, sobre a armadura de placa, cortando sua coxa com a espada. O gume de otataral rasgou os elos da malha, o couro e a carne com a mesma facilidade.

O guerreiro grunhiu e bateu com a mão encouraçada sobre a ferida no mesmo instante em que o cavalo o jogou para fora da sela.

Ignorando-o, Lorn enfrentou o duelista, tentando girar a lâmina fina dele a fim de que o gume de sua arma pudesse entrar no jogo. Mas o homem era bom e habilmente se libertou das tentativas que ela fazia para girar. O gingado da espada a desequilibrou antes de conseguir reduzir seu impulso de preparo para um golpe de baixo para cima e, naquele instante, o duelista estendeu seu florete.

Ela praguejou quando seu movimento para a frente a aproximou da ponta da lâmina. A extremidade atravessou elos de sua cota de malha e penetrou em seu ombro esquerdo. A dor foi como fogo em seu braço. Enraivecida pelo ferimento, virou sua espada ferozmente na direção da cabeça do homem. A parte lisa da lâmina o atingiu bem na testa e ele caiu para trás, como uma boneca quebrada.

Depressa, Lorn olhou para onde o guerreiro ainda se esforçava para interromper o sangue vertendo de sua perna, então girou para encarar os outros dois homens. O rapaz se encontrava em pé diante do homem gordo, que continuava inconsciente. Embora seu rosto estivesse pálido, ele segurava um punhal de lâmina fina na mão esquerda e uma faca maior na direita. Seus olhos estavam firmes ao fitá-la.

Tarde demais, passou pela cabeça de Lorn que não precisaria ter atacado aqueles homens. Ela trajava vestes de mercenária, e o t’lan imass nem estava à vista. Poderiam ter conseguido os mesmos resultados com palavras, e ela nunca gostou de derramar sangue. Bem, era muito tarde para isso. Avançou devagar.

– Não queremos fazer mal – disse o garoto, em daru. – Deixe-nos em paz.

Lorn hesitou. A sugestão a surpreendeu. *Por que não?* Endireitou-se.

– Está bem – respondeu a conselheira, na mesma língua. – Remende seus amigos e fiquem longe.

– Vamos voltar a Darujhistan – avisou o garoto, parecendo igualmente surpreso. – Vamos acampar aqui para nos recuperar. Partimos de manhã.

A conselheira deu um passo para trás.

– Faça isso e continuará vivo. Tente qualquer outra coisa e matarei todos

vocês. Entendido?

O rapaz assentiu.

Lorn recuou, dirigindo-se para o norte. Seguiria nessa direção durante algum tempo, depois se voltaria para leste e retornaria para onde Tool estava. Não fazia ideia do que trouxera aqueles homens para as colinas, mas não suspeitava que tivesse algo a ver com ela ou mesmo com o túmulo. Enquanto aumentava a distância entre ela e a colina, viu o rapaz caminhar na direção do guerreiro. Em todo caso, ela concluiu, não havia sobrado muito do grupo para lhe causar preocupação. O duelista não estava morto, mas acordaria com dor de cabeça. Quanto ao guerreiro, esse estava nas últimas. Vira muito sangue verter dele. O homem gordo poderia ter quebrado o pescoço e, mesmo sendo um mago, era inofensivo para ela. Sobrava o rapaz, e desde quando a conselheira tinha motivos para temer um rapaz?

Lorn acelerou o passo.

Depois do inquietante comunicado de Ben Ligeiro, Piedade entrara em contato com Trono Sombrio. O Senhor da Sombra se exasperara por um instante e, depois de informar à Corda que Ben Adaephon Delat fora um sumo sacerdote da Sombra, Piedade se viu compartilhando a raiva de Trono Sombrio. O homem pagaria por suas muitas artimanhas.

Os Cães do Trono Sombrio foram, de fato, enviados, e ela tinha certeza de que estavam concluindo a caçada naquele instante.

Ao retomar a jornada por seu Labirinto, encontrou resistência crescente, uma pressão estranha em cada passo que dava na direção leste. Finalmente, cedeu e emergiu nas colinas Gadrobi. Era meio-dia, e 800 metros adiante seguia o grupo do portador da moeda. Cobriu rapidamente a distância até não estar mais de 100 metros atrás deles, reunindo sombras ao seu redor enquanto seguia, embora isso se mostrasse cada vez mais difícil... O que poderia significar apenas uma coisa: um t’lan imass estava por perto.

Para o que e para quem o portador da moeda se dirigia? Ela calculara tudo errado? Seriam eles agentes do Império Malazano? Aquela possibilidade ia contra a influência de Oponn, mas Piedade tinha dificuldade em chegar a outra

conclusão.

Aquele seria um dia interessante, disse a si mesma.

O grupo estava 50 metros à frente, subindo uma encosta. Alcançaram o topo e desapareceram de vista. Ela acelerou o passo, apenas para ouvir sons de luta no cume, um combate em que percebeu a presença de otataral. Um lampejo de raiva a atravessou. Tinha uma lembrança bastante pessoal ligada a otataral. Com cuidado, buscou um ponto de observação no pico da colina.

A refrega fora breve, e o grupo do portador da moeda parecia quase aniquilado. Na verdade, apenas ele continuava em pé, encarando uma mulher alta e ágil que portava uma lâmina de otataral.

Piedade reconheceu a conselheira Lorn. Em uma missão, sem dúvida, para sua querida imperatriz, uma missão que incluía um t'lan imass, ainda fora da vista, mas próximo. Prestou atenção à conversa deles. Se o grupo do rapaz não era de agentes do Império, então talvez o mestre deles em Darujhistan houvesse sentido a presença do imass e os tivesse enviado para investigar.

Ela descobriria a natureza da missão da conselheira mais tarde. Pois aquele era o exato momento de matar o portador da moeda. E a proximidade do imass tornava o sucesso ainda mais certo. Mesmo os poderes de Oponn não podiam superar a influência de um Labirinto Tellann. Assassinar o rapaz seria fácil. Piedade esperou e, então, sorriu quando a conselheira Lorn se afastou rumo ao norte.

Em minutos, a moeda de Oponn estaria em suas mãos. E, naquele dia, um deus poderia morrer.

Assim que Lorn se afastou o suficiente, Crokus correu para o guerreiro. Piedade agachou-se devagar e, em seguida, avançou em silêncio, com o garrote nas mãos.

Os Cães uivaram outra vez, seus gritos ansiosos os cercando por todos os lados. Hairlock se acocorou, indeciso. A marionete, então, encarou o capitão.

– Você terá que esperar mais um pouco para morrer, capitão. Não tenho intenção de apressar as coisas. Desejo que demore bastante para morrer.

Com Acaso suada nas mãos, Paran deu de ombros. Para sua surpresa, aquilo

fazia pouca diferença para ele. Se os Cães chegassem e descobrissem que Hairlock se fora, provavelmente descontariam a frustração nele, e ponto.

– Você vai se arrepender da oportunidade perdida, Hairlock. Sendo a magia desta espada para você ou não, eu esperava fazer picadinho de você. Sua magia se equipara ao meu ódio? Teria sido interessante descobrir.

– Ah, bravura repentina! O que sabe sobre ódio, capitão? Quando voltar, eu lhe mostrarei exatamente o que o ódio pode realizar. – A figura de madeira fez um gesto e a 3 metros outro rasgo se abriu no ar, exalando grande fedor. Hairlock resmungou: – Vira-latas teimosos. Até mais tarde, capitão.

Ele fugiu para a fenda.

No barraco, o sorriso de Ben Ligeiro se tornou feroz. Ele arrancou a adaga do chão com a mão direita e, com um único movimento fluido, cortou as cordas tensas que ligavam os bastões.

– Adeus, Hairlock – sibilou.

Os olhos de Paran se arregalaram quando a marionete caiu de barriga no chão. Pouco depois, Hairlock soltou um uivo.

Os olhos do capitão se semicerraram.

– Parece que alguém cortou suas cordas, Hairlock – disse ele.

Os Cães estavam próximos. Em um instante, estariam em cima deles.

– Sua vida, capitão! – gritou Hairlock. – Salte para o Labirinto e sua vida será sua, eu juro!

Paran se apoiou em sua espada e não respondeu.

– Peão de Oponn! – rosnou Hairlock. – Eu cuspiria em você se pudesse! Cuspiria em sua alma!

A terra ribombou e de uma só vez formas gigantescas se moveram à volta de Paran, silenciosamente cercando a marionete imóvel. Paran reconheceu Engrenagem, o Cão que ferira. Sentiu a espada em suas mãos reagir ao desafio com um tremor ávido que alcançou seus braços. A cabeça de Engrenagem se virou para ele quando o Cão passou, e Paran viu promessa em seus olhos. O capitão sorriu. *Se alguma coisa puxar Oponn para cá, será a luta que*

esperávamos.

Hairlock uivou uma última vez, e então os Cães avançaram sobre ele.

Uma grande sombra deslizou sobre a colina. Paran olhou para cima e viu um Grande Corvo sobre eles. O pássaro grasnou, faminto.

– Que pena – disse Paran à ave. – Duvido que os restos dele sejam saborosos.

Três Cães começaram a lutar pela madeira despedaçada, tudo o que sobrara de Hairlock. Os quatro restantes, guiados por Engrenagem, viraram-se na direção de Paran.

O capitão ergueu a espada e se inclinou em posição de combate.

– Venham, então. Através de mim, atinjam o deus que me usa, uma única vez deixem o instrumento se tornar as mãos dos Gêmeos. Venham, Cães, vamos encharcar este chão de sangue.

As criaturas se espalharam em um semicírculo, com Engrenagem no centro.

O sorriso de Paran cresceu. *Venha para mim, Engrenagem. Estou cansado de ser usado, e a morte não parece mais tão assustadora. Vamos acabar com isso.*

Algo pesado o pressionou para baixo, como se uma mão houvesse descido do céu e tentasse afundá-lo na terra. Os Cães se encolheram. Paran cambaleou, incapaz de respirar, uma escuridão repentina tomando sua visão periférica. O chão gemeu abaixo dele, as relvas amareladas da planície foram achatadas. Em seguida, a pressão desapareceu e o ar gelado fluiu de volta para seus pulmões. Sentindo uma presença, o capitão girou.

– Saia da frente – disse um homem alto de pele preta e cabelo branco, passando direto por ele para confrontar os Cães.

Paran quase derrubou a espada. *Um tiste andii?*, perguntou-se o capitão. O homem tinha uma gigantesca espada de duas mãos presa às costas. Parou diante dos Cães, sem fazer nenhum movimento com a arma. Todos os sete se posicionaram diante deles, mas estavam inquietos, fitando o recém-chegado com cautela. O tiste andii lançou um olhar a Paran.

– O que quer que você tenha feito para atrair a atenção dos deuses, foi insensato – disse, em malazano.

– Parece que nunca aprendo – respondeu Paran.

O tiste andii sorriu.

– Então somos bastante parecidos, mortal – disse ele.

Mortal?, pensou Paran. Os Cães andavam de um lado para outro, rosnando e mordendo o ar. O tiste andii os observou e então falou:

– Chega de intromissão. Estou vendo você, Crucifixo – disse para um Cão marrom e sarnento, cheio de cicatrizes e de olhos amarelos. – Pegue seu clã e vá embora. Diga a Trono Sombrio que não vou tolerar a interferência dele. A luta contra Malaz é minha. Darujhistan não é dele.

Crucifixo era o único Cão que não rosnava. Seus olhos brilhantes perfuravam os do tiste andii.

– Você ouviu meu aviso, Crucifixo.

Paran observou o tiste andii inclinar a cabeça. Devagar, ele voltou sua atenção para o capitão e disse:

– Engrenagem quer você morto.

– É o preço que pago por demonstrar misericórdia.

O tiste andii arqueou uma sobrancelha. Paran deu de ombros.

– Vê a cicatriz dele?

– Este foi o seu erro, mortal. Você precisa terminar o que se propõe a fazer.

– Da próxima vez. O que acontece agora?

– Por ora, mortal, eles acham a ideia de me matar mais desejável do que a de matar você.

– E quais são as chances deles?

– A resposta a essa pergunta fica óbvia pela quantidade de tempo que levam hesitando, não acha, mortal?

Os Cães atacaram mais rápido do que qualquer coisa que Paran pudesse ter imaginado. Seu coração deu um solavanco quando uma turbulência de movimento cercou o outro homem. Quando o capitão recuou, um punho invisível de escuridão explodiu atrás de seus olhos, um estouro de correntes maciças, o gemido de imensas rodas de madeira. Fechou os olhos ante a dor estarrecedora, depois os forçou a se abrirem para ver que a luta terminara. O tiste andii tinha a espada nas mãos, e sua lâmina negra estava manchada de sangue, sangue que ferveu e logo se transformou em cinzas. Dois Cães jaziam imóveis, um de cada lado dele. Um vento instável trouxe para a cena um sopro invernal, com um som semelhante a um arquejo, estremecendo a relva.

Paran viu que um Cão tinha sido quase decapitado, enquanto o outro tivera seu peito largo cortado; não parecia uma ferida fatal, mas os olhos da criatura, um azul e outro amarelo, encaravam o céu sem vê-lo.

Crucifixo ganiu e os outros recuaram.

Paran sentiu gosto de sangue na boca. Cuspiu, depois ergueu a mão para encontrar sangue pingando das orelhas. A dor em sua cabeça estava diminuindo. Ergueu os olhos bem quando o tiste andii se virou para fitá-lo. Vendo morte nos olhos do homem, recuou um passo e procurou erguer a espada, embora a tentativa exigisse toda a sua força. Observou, sem entender, o tiste andii balançar a cabeça.

– Por um momento pensei... Não, não vejo nada agora.

Paran piscou, e lágrimas ardentes brotaram de seus olhos. Depois, secou as faces. Sobressaltou-se ao ver em seu antebraço que as lágrimas eram rosa.

– Você acabou de matar dois Cães da Sombra.

– Os outros recuaram.

– Quem é você?

O tiste andii não respondeu; sua atenção se voltara novamente para os Cães.

Atrás deles, uma nuvem de sombras se formava no ar, adensando-se no centro. Um momento depois, dissipou-se, e uma figura negra, encoberta e translúcida surgiu em seu lugar, com as mãos cobertas pelas mangas. Sombras dominavam qualquer que fosse o rosto escondido sob o capuz.

O tiste andii baixou sua espada para o chão.

– Eles foram avisados, Trono Sombrio. Quero que uma coisa fique clara. Você pode estar à minha altura aqui, especialmente se sua Corda estiver por perto. Mas prometo, será caótico, e há aqueles que vão se vingar por mim. Sua existência, Trono Sombrio, poderia se tornar incômoda. Por ora, ainda não perdi a paciência. Suspenda a influência de seu Reino no processo e deixarei as coisas como estão.

– Não estou envolvido – disse Trono Sombrio, serenamente. – Meus Cães encontraram a presa que eu buscava. A caçada acabou. – A cabeça do deus se inclinou para observar as duas criaturas mortas. – Acabou para sempre, para Doan e Ganrod. – Trono Sombrio olhou para cima. – Não há forma de libertá-los?

– Não. Não para alguém que procura vingança.

Um suspiro veio da escuridão encapuzada do rosto do deus.

– Ah, bem. Como eu disse, não estou envolvido. Entretanto, a Corda está.

– Chame-o de volta – ordenou o tiste andii. – Agora.

– Ele ficará muitíssimo descontente, Anomander Rake. Os planos dele vão muito além de Darujhistan. Seu objetivo é o próprio trono malazano.

Anomander Rake... Paran se recordou das certezas de Tattersail depois de ler o Baralho de Dragões. *O Cavaleiro da Alta Casa da Escuridão, o Filho da Escuridão, o senhor da espada negra e suas correntes mortíferas. Governante da Cria da Lua, ou era o que ela achava. Ela previu isso. Este exato momento, o confronto entre Sombra e Escuridão, o sangue derramado...*

– Essa luta é minha – grunhiu Rake. – E prefiro lidar com Laseen no trono malazano a fazê-lo com um servo da Sombra. Chame-o de volta.

– Mais uma coisa – disse Trono Sombrio, soltando uma risadinha. – Não sou responsável por nenhuma ação que a Corda possa realizar contra você.

Um sorriso encheu o rosto de Rake.

– Convença-o do rumo sábio, Trono Sombrio. Não tenho paciência para seus jogos. Se eu for pressionado por você, por seus Cães ou pela Corda, não farei distinção. Atacarei o Reino da Sombra, e você terá que me parar.

– Você carece de sutileza – disse o deus, suspirando. – Muito bem. – Fez uma pausa, e as sombras giraram ao seu redor. – Ele foi chamado de volta. Forçadamente extraído, na verdade. O campo é seu outra vez, Anomander Rake. O Império Malazano é todo seu, assim como Oponn – acrescentou Trono Sombrio.

– Oponn?

A cabeça de Rake se virou devagar, e o capitão mais uma vez encarou aqueles olhos de um azul profundo e frio. O ânimo de Paran afundou. O olhar do tiste andii caiu sobre a espada e novamente voltou para Trono Sombrio, a quem Rake disse:

– Vá embora. O assunto está encerrado.

Trono Sombrio inclinou a cabeça.

– Por enquanto.

O deus ergueu as mãos, e sombras se reuniram ao seu redor. Os Cães

sobreviventes se aproximaram, deixando os mortos onde jaziam. As sombras engrossaram e se tornaram opacas, escondendo completamente aqueles lá dentro. Quando se dispersaram, o senhor e seus Cães haviam partido.

Paran fitou o tiste andii, que agora o encarava. Passado um momento, o capitão deu de ombros. As sobrancelhas de Rake se arquearam.

– É isso? – perguntou Rake. – É essa a extensão de seus comentários? Falo com Oponn diretamente? Pensei ter sentido uma presença antes, mas, quando olhei com mais atenção... nada. – Rake mudou a forma como segurava a espada, erguendo a ponta. – Você está escondido aí dentro, Oponn?

– Até onde eu sei, não – respondeu Paran. – Aparentemente, Oponn salvou minha vida ou, aliás, me trouxe de volta a ela. Não faço ideia do porquê, mas me disseram que me transformei no instrumento de Oponn.

– Você está indo para Darujhistan? – perguntou o tiste andii.

Paran confirmou.

– Posso me aproximar? – pediu Rake, embainhando a espada.

– Por que não?

O tiste andii avançou e pousou a mão no peito do capitão. Paran não sentiu nada desagradável. Rake recuou.

– Oponn pode ter estado dentro de você no passado, mas parece que os Gêmeos se retiraram às pressas. Vejo os sinais deles, mas nenhum deus o controla agora, mortal. – Hesitou. – A forma como o trataram foi... indelicada. Se Caladan Brood estivesse aqui, poderíamos curar isso... Você não é mais instrumento de Oponn. – Os olhos do tiste andii continuaram azuis, mas ficaram mais claros, da cor do céu. – Mas sua espada é.

Um grasnado soou perto e ambos se viraram para ver um Grande Corvo descer sobre o corpo de um dos Cães. A criatura arrancou um olho e o engoliu. Paran lutou contra uma onda de náusea. O pássaro enorme saltitou na direção deles.

– Temo que a espada deste homem, mestre, não seja o único instrumento de Oponn – disse o corvo.

Paran balançou a cabeça; sua única surpresa era que mais nada o surpreendia. Embainhou a espada.

– Continue, Bruxa – ordenou Rake.

O corvo inclinou a cabeça na direção de Paran.

– Aqui, mestre?

Rake franziu o cenho.

– Talvez não. – Encarou o capitão outra vez. – Fique com essa arma até sua sorte mudar. Quando isso acontecer, se você ainda estiver vivo, quebre-a ou a dê para seu pior inimigo. – Um sorriso cruzou seu rosto. – Até lá, parece que sua sorte permanecerá.

Paran hesitou.

– Estou livre para ir?

O Senhor Anomander Rake assentiu.

O capitão olhou ao redor, depois foi à procura dos cavalos sobreviventes.

Minutos depois, o choque tomou Paran, deixando-o de joelhos. Toc se fora. Ele tinha arrastado o homem consigo em sua busca implacável e leviana pela planície. Olhou para cima, fitando o nada. Escolhera Hairlock como inimigo. Proclamara a morte de Lorn como objetivo final. Como se essas duas coisas fossem bastar para a mágoa dentro dele, fossem curar a dor da perda. *Mas o demônio está dentro de mim*.

Oponn tinha sido indelicado... O que Rake quisera dizer com isso? *Algum desses pensamentos era meu? Olhe para mim: cada movimento meu parece uma busca desesperada por alguém para culpar, sempre outra pessoa. Tornei o fato de ser um instrumento de um deus uma desculpa, uma justificativa para não pensar, para simplesmente reagir. E outros morreram por isso*.

Rake também dissera: “Termine o que você se propõe a fazer.”

Teria que lidar com seus demônios depois. Não poderia voltar atrás. Mas fora um erro pensar que aquilo que planejara acabaria com a dor dentro dele. Acrescentar o sangue de Lorn a suas mãos manchadas não concretizaria o que buscava.

Paran se levantou e pegou as rédeas dos cavalos sobreviventes. Guiou os dois animais até o local da luta. O tiste andii desaparecera, mas os Cães continuavam lá, montículos negros imóveis na relva amarela. Soltou as rédeas e se aproximou de um deles. O corte no peito ainda vazava sangue. Agachando-se,

Paran estendeu a mão, passou os dedos no couro do animal. *Vê até onde o desejo de matar leva você? Pelo sopro do Encapuzado, você era uma bela fera*. Seus dedos roçaram o sangue. O capitão recuou ante o contato, mas foi tarde demais. Algo ondulou por seu braço, varreu-o. Caiu na escuridão, ao som de correntes sacudindo, tensas.

Paran viu-se caminhando, e não estava sozinho. Em meio à escuridão, conseguiu distinguir silhuetas por todos os lados, cada uma agrilhoada em compridas correntes de ferro, inclinando-se para a frente como se puxando um peso imenso. O chão sob seus pés era seco, sem vida. Sobre sua cabeça não havia nada além de escuridão. Sob o rangido constante das correntes havia um som mais pesado, que Paran conseguia sentir através da sola das botas. Sendo o único desacorrentado, se afastou na direção da origem do som, passando pelas figuras acorrentadas, muitas delas não humanas. Uma forma apareceu, agigantando-se, atirando-se. Uma carroça, incrivelmente imensa, cujas rodas de madeira eram mais altas que um homem. Guiado pelo desejo insaciável de descobrir o que ela carregava, Paran se aproximou.

Uma corrente cruzou seu peito, derrubando-o. Um uivo de fazer doer os ouvidos soou bem acima dele. Garras comprimiram seu braço esquerdo, prendendo-o ao chão. Lutava para se livrar quando um nariz gelado e molhado e dentes ferozes se enfiaram sob seu queixo. As mandíbulas se abriram, deslizaram por seu pescoço e apertaram.

Paran ficou completamente imóvel, esperando o esmagamento fatal daquelas mandíbulas. Em vez disso, elas se afastaram. Viu-se encarando os olhos do Cão, um azul, outro marrom. Uma enorme coleira de ferro envolvia seu pescoço. A fera mergulhou para longe. A corrente sob o queixo de Paran se tensionou, lançando-o no ar. Sentiu, mais do que propriamente ouviu, a carroça gemer de ambos os lados, até mesmo quando aterrissou esparramado no caminho de uma daquelas rodas de madeira.

Dedos agarraram a gola de sua capa e o puxaram dali. O capitão se pôs em pé rapidamente. Uma voz atrás dele falou:

– Qualquer homem que tenha merecido a misericórdia dos Cães e que ande por aqui sem correntes é um homem com quem vale a pena conversar. Caminhe comigo.

A sombra de um capuz escondia as feições do estranho. O homem era grande, vestido com farrapos. Depois de soltar Paran, voltou a forçar sua corrente.

– Nunca antes esta prisão foi tão testada – grunhiu e sibilou ele, quando a carroça balançou ante as tentativas frenéticas dos Cães de escapar. – Temo que ela vá virar.

– E se virar?

O rosto se voltou para ele brevemente e, na escuridão, Paran viu um lampejo de dentes.

– Puxar vai ficar mais difícil.

– Onde estamos?

– No Labirinto dentro da Espada. Dragnipur não tirou sua vida também?

– Se tivesse tirado, eu não estaria acorrentado como os outros?

– É verdade. O que você está fazendo aqui, então?

– Não sei – admitiu Paran. – Eu vi os Cães mortos pela espada de Rake. Então, toquei o sangue de uma das feras assassinadas.

– Isso explica a confusão. Pensaram que você era um deles. Você foi sábio em se submeter ao desafio daquele Cão.

– Amedrontado demais para me mexer, você quer dizer.

O estranho riu.

– Mesmo assim.

– Qual é seu nome?

– Nomes não significam nada. Rake me matou. Há muito tempo. Isso basta.

Paran ficou em silêncio. *Eternidade, acorrentado aqui, para sempre puxando. E eu pergunto o nome do homem. Algum pedido de desculpas bastaria?*

A carroça deu um pinote feroz; a terra foi rasgada sob suas rodas. Vultos caíram, chorando. Os Cães uivavam sua fúria.

– Pelo sopro de Gethol – disse o estranho, arquejante. – Eles nunca vão parar?

– Acho que não – disse Paran. – Essas correntes podem ser partidas?

– Não. Quer dizer, nenhum de nós conseguiu ainda, e há dragões entre nós. Mas esses Cães... – Ele suspirou. – É espantoso, mas já anseio pela paz que a

chegada deles destruiu.

– Talvez eu possa ajudar.

O estranho latiu uma risada.

– Certamente, tente.

Paran se afastou seguiu em direção aos Cães. Sem nenhum plano em mente. *Mas só eu estou sem correntes.* A ideia o fez parar, e ele sorriu. *Sem correntes. Instrumento de ninguém*. Continuou, maravilhado. Passou por silhuetas que o impeliam a avançar, algumas silenciosas, outras murmurando em sua loucura. Nenhuma levantou a cabeça para olhá-lo enquanto passava. O som de arquejos bestiais o alcançou.

– Cães! – gritou Paran. – Eu gostaria de ajudar!

Pouco depois, eles surgiram da escuridão. Sangue cobria seus ombros e peitos, a carne rasgada e lacerada pelas coleiras. Os Cães tremeram, músculos saltaram em seus flancos. Seus olhos, na altura dos de Paran, fitaram os dele com tamanhos sofrimento, dor e desamparo que seu coração deu um salto. Estendeu a mão para o de olhos estranhos.

– Gostaria de analisar suas coleiras, suas correntes, procurando uma falha.

A fera caminhou ao lado dele; sempre seguiam em frente, a carroça rolando perpetuamente. Paran se inclinou e correu as mãos pela coleira, buscando uma junção. Não havia nenhuma. O elo e a coleira pareciam uma única peça sólida no ponto em que a corrente se fixava. Embora soubesse pouco sobre forja, acreditava que essa ligação deveria ser o elemento mais fraco, mostrando sinais de deformação. Mas seus dedos lhe disseram o contrário. O ferro não estava sequer arranhado.

Paran correu a mão pela corrente, saindo do lado do Cão. Parou ao notar que a outra fera observava cada movimento seu, depois prosseguiu. Do animal para a carroça, por mais de 150 metros, ele correu a mão de elo em elo, procurando uma mudança no ferro, calor, amassados. *Nada*. Chegou à lateral da carroça. A roda atrás da qual caminhava era de madeira sólida, com 20 centímetros de espessura, entalhada e cinzelada, mas, de resto, desinteressante. A parede do veículo tinha mais de 6 metros de altura. As placas laterais com ripas de madeira ressequida e cinza-osso ficavam a um dedo de distância uma da outra. Paran chegou para trás quando viu dedos esqueléticos saindo pelas fendas,

contorcendo-se em desespero.

A estrutura da carroça por baixo das placas chamou sua atenção. Ali a madeira era preta e brilhava como piche. Ao seu toque, a estrutura parecia sólida, mas ainda era como se os elos das correntes a atravessassem, sem emendas. Então, o que quer que as segurasse estava além da carcaça da carroça. Paran inspirou fundo o ar frio e mofado, depois mergulhou na parte inferior.

O raio da estrutura tinha cerca de 3 metros de espessura. Condensação gotejava de sua face inferior coberta de piche, numa chuva interminável. Paran viu novamente as correntes, que prosseguiam por baixo da carroça. Segurando uma delas, a acompanhou para dentro. Os elos ficaram mais gelados, assim como o ar ao redor dele. Logo foi forçado a soltar a corrente, as mãos ardentes de frio. O gotejar descia como estilhaços de gelo. Dois passos à frente, as correntes convergiam, engolidas por um poço suspenso de escuridão absoluta. Frio vertia de lá em ondas pulsantes. Paran não conseguiu se aproximar mais.

Sibilou em frustração enquanto se afastava com dificuldade na direção oposta à do buraco escuro, perguntando-se o que fazer em seguida. Mesmo se conseguisse quebrar uma corrente, não fazia ideia de quais pertenciam aos Cães. Quanto aos outros... Anomander Rake parecia uma criatura justa, ainda que fria. Quebrar uma corrente poderia libertar horrores antigos sobre os reinos dos vivos. Até mesmo o estranho com quem falara poderia ter sido um tirano, um dominador horrível.

Paran desembainhou Acaso. Ao se livrar da bainha, a lâmina saltou violentamente em suas mãos. O capitão sorriu quando os tremores de terror vindos da espada se irradiaram por seus braços.

– Oponn! Queridos Gêmeos, eu os chamo! *Agora*!

O ar gemeu. Paran tropeçou em alguém, que soltou uma torrente de xingamentos. Embainhando a espada, baixou a mão e a fechou em tecido brocado. Puxou o deus até fazê-lo ficar em pé.

– Por que você? – Paran exigiu saber. – Eu queria sua irmã.

– Loucura, mortal! – exclamou o Gêmeo. – Chamar-me aqui! Tão perto da Rainha da Escuridão... *Aqui, dentro da espada de um deicida*!

Tomado por uma fúria irrefletida e bestial, o capitão sacudiu o deus. Ouviu os Cães uivarem e lutou contra o súbito desejo de unir sua voz aos gritos deles.

O Gêmeo, com pânico brilhando nos olhos, arranhou Paran.

– O que... O que você está fazendo? – perguntou o deus.

O capitão parou, sua atenção se voltando para duas correntes que haviam se afrouxado.

– Eles estão vindo – disse o capitão.

A carroça pareceu pular, balançada como nunca fora antes. O estrondo do impacto encheu o ar; madeira e gelo caíram em cascata.

– Eles sentiram seu cheiro, Gêmeo.

O deus guinchou, golpeou o rosto de Paran com os punhos, arranhando, chutando, mas o capitão continuou segurando.

– Não a sorte que puxa. – O Gêmeo cuspiu sangue. – A sorte... que empurra...

A carroça foi balançada com violência outra vez, as rodas dando solavancos no ar para caírem com uma pancada despedaçadora e reverberante. Paran não teve tempo de se admirar com a força selvagem que fluía de dentro dele, uma força suficiente para segurar um deus, capturado em pânico. Simplesmente continuou segurando.

– Por favor! – implorou o Gêmeo. – Qualquer coisa! Apenas peça! Qualquer coisa dentro de meus poderes.

– As correntes dos Cães – disse Paran. – Quebre-as.

– Eu... Eu não posso.

A carroça estremeceu de modo nauseante; madeira rachou. Paran arrastou o Gêmeo um passo adiante, quando ela começou a rolar para a frente outra vez.

– Pense em um modo ou o darei aos Cães.

– Eu... não tenho como ter certeza, Paran.

– De quê? Você não tem como ter certeza de quê?

O Gêmeo gesticulou na direção da escuridão.

– Ali dentro. As correntes ficam presas ali dentro. Dentro do Labirinto da Escuridão, dentro de Kurald Galain. Se eles entrassem... Não sei, não tenho como ter certeza, mas as correntes podem desaparecer.

– Como eles podem entrar?

– Talvez estejam deixando um pesadelo apenas para entrar em outro.

– Não pode ser pior, Gêmeo. Perguntei como.

– Isca.

– O quê?

O Gêmeo deu um sorriso inseguro.

– Como você disse, eles estão vindo. Mas, Paran, você tem que me soltar. Segure-me diante do portal, mas, por favor, no último momento...

– Eu solto você.

O deus assentiu.

– Muito bem.

Os Cães atingiram a carroça de novo e, dessa vez, atravessaram. Agarrando o Gêmeo, Paran virou-se e viu as feras disparando na escuridão. Seu prisioneiro berrou.

Os Cães saltaram.

Paran libertou o deus, que se espatifou no chão quando os Cães cruzaram o ar acima. O Gêmeo sumiu. Os Cães passaram num lampejo, desaparecendo dentro do portal em silêncio, e se foram.

Paran girou para ficar em pé, mesmo com a escuridão se estendendo para alcançá-lo não com o frio do esquecimento, mas com um sopro semelhante a um vento quente suspirando.

Abriu os olhos para se ver de quatro na relva amarelada da planície, ao lado de uma clareira manchada de sangue, onde estivera o corpo de um Cão. Insetos zumbiam por perto. Com a cabeça doendo, o capitão ficou em pé. O corpo do outro Cão também tinha sumido. O que ele fizera? E por quê? De todas as coisas que o Gêmeo poderia ter lhe oferecido... *Tattersail... Jovem Toc...* Se bem que era improvável que o poder de Oponn tivesse a capacidade de colher uma alma do outro lado do Portão do Encapuzado. Ele libertara os Cães? Percebeu que provavelmente nunca saberia.

Cambaleou de volta até os cavalos. Pelo menos por algum tempo ele estivera sem correntes. Fora livre. E fizera algo por escolha própria. *Minha escolha*.

Olhou para o sul. *Darujhistan e a conselheira me esperam. Termine o que você se propõe a fazer. Termine o que começou, Paran. Termine de uma vez por todas*.

– Inconveniente pra cacete – grunhiu Coll, enquanto Crokus terminava de amarrar a bandagem, então acrescentou: – Ela era boa. Sabia exatamente o que fazer. Eu diria que foi treinada. Até que faz sentido, já que estava vestida como uma mercenária.

– Eu ainda não entendo – disse Crokus, sentando-se sobre os calcanhares.

Lançou um olhar a Murillio e a Kruppe. Ambos continuavam inconscientes.

– Por que ela nos atacou? E por que não me matou?

Coll não respondeu. Olhava feio para seu cavalo, que se encontrava a 3 metros, pastando serenamente na relva. Já xingara várias vezes a criatura. Crokus suspeitava que a relação deles estava, como Kruppe diria, irreparavelmente comprometida.

– O que é isso? – grunhiu Coll.

Crokus percebeu que o homem olhava para além do cavalo, com uma careta enrugando sua testa.

O garoto se virou, então soltou um grito selvagem, jogando-se para trás e apanhando seus punhais. Sua bota ficou presa em uma pedra e ele caiu, estirado. Pôs-se em pé em um pulo, com uma lâmina livre na mão.

– É ela! – gritou. – A mulher do bar! Ela é uma assassina, Coll.

– Calma, rapaz. Ela parece qualquer coisa, menos perigosa, apesar da espada no quadril. Inferno – acrescentou, endireitando-se. – Antes de tudo, ela parece completamente perdida.

Crokus encarou a mulher, que estava parada à beira do cume.

– Pelo sopro do Encapuzado – resmungou o rapaz.

Coll estava certo. Nunca vira alguém parecendo tão atordoado, tão absolutamente perdido. Ela os olhava, tensa como se preparada para fugir. Todo o aprumo, toda a autoconfiança fatal que demonstrara na Taberna da Fênix haviam desaparecido, como se nunca tivessem existido. Crokus embainhou seu punhal e perguntou:

– Então, o que faremos agora, Coll?

O homem ferido deu de ombros.

– Acalmar a mente da garota, acho. Pelo que parece, ela precisa de ajuda.

– Mas ela matou Chert – informou Crokus. – Eu vi o sangue na faca.

Coll semicerrou os olhos para a moça.

– Não duvido de você, garoto, mas ela não parece capaz de matar ninguém.

– Você acha que não consigo ver isso? – questionou Crokus. – Só estou dizendo o que vi. Sei que não faz o menor sentido!

Coll suspirou.

– De todo modo, ela ainda precisa de nossa ajuda. Então vá e a traga aqui, Crokus.

O garoto levantou as duas mãos para o alto.

– Como faço isso?

– Bem que eu queria saber – replicou Coll, sorrindo. – Tente flertar.

Crokus lançou um olhar de desgosto para o homem, depois se adiantou com cautela em direção à moça. Ela ficou tensa e recuou um passo.

– Cuidado! – gritou Crokus, apontando para a beira da encosta atrás dela.

A garota viu que se encontrava bem na borda de um despenhadeiro. Por mais estranho que fosse, o fato pareceu tranquilizá-la. Deu alguns passos na direção de Crokus, seus olhos arregalados procurando os dele.

– Isso mesmo – murmurou Crokus. – Está tudo bem. Você entende?

Ele apontou para a própria boca e fez movimentos de fala. Coll gemeu.

A menina surpreendeu a ambos ao responder em daru:

– Eu entendo você – disse, hesitante. – Agora mais. Você não é malazano, não está falando malazano. Mas eu entendo você. – Ela franziu o cenho. – Como?

– Malazano, hã? – disse Coll. – De onde você é, moça?

Ela pensou por um instante.

– Itko Kan.

– Como assim? – Coll riu. – Que tempestade a soprou para cá?

Súbita compreensão inundou os olhos dela.

– Onde está meu pai? O que aconteceu com as redes? Eu comprei a corda, e havia aquela Vidente... Riggalai, a Vidente, uma bruxa da cera. Eu me lembro dela... Ela morreu! – A garota caiu de joelhos. – Ela morreu. E depois...

A expressão de Coll estava séria, pensativa.

– E depois?

– Não me lembro – sussurrou a garota, olhando para as mãos. – Não me lembro de mais nada.

Ela começou a chorar.

– Pelas mil tetas de Gedderone – praguejou Coll baixo, gesticulando para Crokus se aproximar. – Ouça com atenção, garoto. Não espere por nós. Leve essa moça para seu tio. Leva-a para Mammot, e rápido.

Crokus fez uma carranca.

– Por quê? Não posso simplesmente deixar você aqui, Coll. Quem sabe quando Murillio e Kruppe vão recobrar a consciência? E se aquela mercenária voltar?

– E daí se voltar? – perguntou Coll, em tom mordaz. Crokus corou e desviou o olhar.

– Murillio é um canalha durão, apesar do perfume – ironizou Coll. – Ele vai estar em pé, dançando, daqui a pouco. Leve a garota para seu tio, moleque. Faça o que digo.

– Você ainda não me disse por quê – falou Crokus.

– É só um palpite. – Coll estendeu a mão e agarrou o ombro do rapaz. – Essa menina esteve possuída. Eu acho. Alguém, alguma coisa, a trouxe aqui, para Darujhistan, para seguir nosso rastro. A verdade está em algum lugar na cabeça dela, Crokus, e pode ser vital. Seu tio conhece as pessoas certas; elas podem ajudá-la, garoto. Agora, monte meu cavalo. Esperarei aqui nossos amigos acordarem. Inferno, não posso mesmo andar. Não devo conseguir me mexer por pelo menos alguns dias. Kruppe e Murillio vão cuidar das coisas aqui. Vá!

Crokus fitou a garota, que chorava.

– Está bem, Coll. Vamos voltar, eu e ela.

– Ótimo – grunhiu Coll. – Agora, estenda um saco de dormir para mim e me arranje um pouco de comida. Depois, cavalgue para longe daqui. Se esse meu maldito cavalo tiver um ataque cardíaco à frente dos portões da cidade, melhor ainda. Monte, rapaz.

CAPÍTULO 16

Dessembrae conhece os sofrimentos
em nossas almas.
Ele caminha ao lado de cada mortal,
um barco de pesar nos fogos
da vingança.
Dessembrae conhece os sofrimentos
e os compartilharia agora com todos nós.

"O Senhor da Tragédia", oração do Livro Sagrado (Cânone de Kassal)

O ferimento no ombro esquerdo de Lorn não era profundo. Entretanto, sem cuidados mágicos, o risco de infecção era preocupante. Ela voltou ao acampamento para encontrar Tool, no mesmo lugar onde estivera desde a aurora.

Ignorando o imass, a conselheira pegou suas ervas na bolsa da sela. Sentou-se e começou a tratar a ferida.

Fora um ataque tolo e desnecessário. Muitas coisas haviam acontecido recentemente, muitas ideias, interferências pessoais em suas funções e deveres como conselheira da imperatriz. Estava cometendo erros que não teria cometido um ano antes.

Tool lhe dera mais em que pensar do que conseguia suportar. As palavras que o imass jogara a seus pés, como se numa reflexão tardia, haviam alcançado e agarrado algo fundo dentro dela, e não soltariam mais. Emoções se infiltravam na conselheira, nublando o mundo à volta. Abandonara as mágoas muito tempo antes, assim como os arrependimentos. A compaixão era algo detestável para a conselheira. Só que, naquele momento, todos esses sentimentos a invadiam como as marés, levando-a de um lado para outro. Ela se viu se apegando ao título de conselheira e ao que ele significava, como se fosse sua tábua de

salvação para manter a sanidade, a estabilidade e o controle.

Terminou de limpar a ferida o melhor que podia e preparou uma cataplasma. *Controle*. A palavra ricocheteou em seus pensamentos, isolada, dura e certeira. O que moldava cada ação da imperatriz Laseen, cada pensamento? E o que estivera no coração do primeiro Império – as grandes guerras que moldaram os t'lan imass até então?

Suspirou e fitou o chão de terra batida. Porém, aquilo não era mais do que todos nós buscávamos, disse a si mesma. De uma jovem levando corda a seu pai em casa até o poder imortal que a invadira. *Por toda a vida nós lutamos por controle, por um meio de moldar o mundo à nossa volta, uma caçada eterna e inútil pelo privilégio de sermos capazes de prever a forma de nossas vidas*.

O imass e suas palavras de trezentos mil anos haviam dado a Lorn uma sensação de futilidade. E surtiu efeito sobre ela, ameaçando dominá-la.

Dera ao rapaz a vida dele, surpreendendo tanto a ele quanto a si mesma. Lorn sorriu com pesar. A previsão se transformara em um privilégio já perdido para ela. Não importava o mundo lá fora; não conseguia sequer adivinhar as próprias ações ou o rumo de seus pensamentos.

Era aquela a verdadeira natureza da emoção?, perguntou-se. A grande desafiadora da lógica, do controle, os caprichos de ser uma humana. O que havia adiante?

– Conselheira.

Sobressaltada, Lorn ergueu o olhar e viu Tool em pé acima dela. O guerreiro estava coberto de gelo, que se evaporava no calor.

– Você foi ferida.

– Uma escaramuça – disse ela rispidamente, quase desconcertada. – Já é assunto encerrado.

Lorn pressionou a cataplasma no ferimento e cobriu o ombro com um tecido. Foi uma proeza desengonçada, já que só conseguia usar uma das mãos.

Tool se ajoelhou ao seu lado.

– Eu vou ajudá-la, conselheira – disse o t'lan imass.

Surpresa, Lorn fitou o rosto de morte do guerreiro. Mas as palavras seguintes dele exterminaram qualquer ideia de que o imass estivesse demonstrando compaixão:

– Temos pouco tempo, conselheira. A abertura está nos esperando.

Uma máscara inexpressiva tomou o rosto dela. Assentiu abruptamente enquanto Tool terminava de dar um nó nas tiras de tecido, as mãos ressequidas e carcomidas, com unhas imundas, curvas e de um marrom polido.

– Ajude-me a ficar de pé – ordenou ela.

Enquanto o imass a guiava, ela notou que a pedra tinha sido destruída. De resto, entretanto, tudo parecia inalterado.

– Onde é essa abertura? – perguntou Lorn.

– Eu vou à frente, conselheira. Siga atrás de mim. Quando estivermos dentro da tumba, desembainhe a espada. O enfraquecimento será mínimo. Ainda assim, vai atrasar o retorno do jaghut à consciência o bastante para alcançarmos nosso intento.

Lorn inspirou fundo. Pôs de lado suas dúvidas. Não havia mais como voltar. Aliás, já houvera tal oportunidade? A pergunta, ela percebeu, perdera o sentido: o rumo tinha sido ditado para ela.

– Muito bem, siga na frente, Tool.

O imass estendeu os braços para os lados. A encosta adiante se turvou, como se uma cortina de areia soprada pelo vento houvesse se erguido sobre ela. Um vento forte se agitou pela estranha bruma. Tool deu um passo à frente.

Lorn primeiro se retraiu ante o mau cheiro que bafejou para dentro dela, um fedor de ar envenenado por séculos de feitiçaria pulsante, incontáveis feitiços de defesa dispersados pelos poderes de Tellann. Avançou com os olhos fixos nas costas largas e esfarrapadas do imass.

Chegaram à encosta. Um corredor rústico, que se embrenhava na escuridão, surgiu à frente deles. As rochas amontoadas que o formavam estavam cobertas de gelo. Conforme prosseguiam, o ar se tornou inodoro e de um frio cortante, e gélidas listras grossas verdes e brancas percorriam as paredes. O chão de terra batida congelada deu lugar a blocos de pedra escorregadia.

Uma dormência se infiltrava lentamente nas extremidades do corpo e no rosto de Lorn. Ela viu sua respiração se espiralar, branca, sugada para a escuridão mais adiante. O corredor se estreitou e ela viu símbolos estranhos, de uma cor ocre, avermelhada e desbotada, pintados sobre e além do gelo que cobria as paredes. Aquelas marcas tocaram algo fundo dentro dela e a

conselheira quase as reconheceu, mas, logo que se concentrou em fazê-lo, a sensação de familiaridade desapareceu.

– Meu povo já visitou este lugar – disse Tool, parando para olhar a conselheira por sobre o ombro. – Acrescentaram seus feitiços de defesa aos dos jaghut que aprisionaram esse tirano.

– E daí? – redarguiu Lorn, irritada.

O imass a fitou em silêncio, em seguida respondeu, aborrecido:

– Conselheira, acredito que sei o nome desse tirano jaghut. Estou atormentado por dúvidas no momento. Ele não deveria ser libertado. Ainda assim, como você, sou obrigado a isso.

Lorn prendeu a respiração.

– Conselheira, reconheço essa ambivalência que tem sentido. Eu a compartilho. Quando tudo isto acabar, partirei.

Ela ficou perplexa.

– Partir?

Tool assentiu.

– Dentro desta tumba, e com o que faremos, meus juramentos estarão terminados. Eles não me prenderão mais. Tal é o poder residual deste jaghut adormecido. E sou grato.

– Por que você está me dizendo isso?

– Conselheira, você é bem-vinda se quiser me acompanhar.

Lorn abriu a boca, mas não conseguiu pensar em nenhuma resposta. Por isso, fechou-a outra vez.

– Peço que considere minha oferta, conselheira. Viajarei em busca de uma resposta, e hei de encontrá-la.

Resposta? Para quê?, Lorn quis perguntar. Mas algo a impediu, uma onda de medo que lhe disse: *Você não quer saber. Continue ignorante nesse assunto.*

– Vamos logo com isso – resmungou.

Tool retomou sua marcha escuridão adentro.

– Quanto tempo isso vai levar? – perguntou Lorn pouco depois.

– Tempo? – Havia certo divertimento na voz do imass. – Dentro deste túmulo, conselheira, o tempo não existe. Os jaghut que aprisionaram o parente trouxeram uma era de gelo para esta terra, o lacre final do túmulo. Conselheira,

600 metros de gelo ainda vigiam esta câmara de sepultamento. Viemos para uma época e um lugar antes do recuo do gelo jaghut, antes da chegada do grande mar interior conhecido pelos imass como Jhagra Til, antes da passagem de eras incontáveis...

– E quando voltarmos? – interrompeu Lorn. – Quanto tempo terá se passado?

– Não sei dizer, conselheira. – O imass parou e se virou para ela, suas órbitas brilhando com uma luz de fonte misteriosa. – Nunca fiz isso antes.

Apesar da armadura de couro endurecido, sentir uma mulher pressionada contra suas costas trouxe mais suor ao rosto de Crokus do que o calor da tarde poderia proporcionar. Ainda assim, foi um misto de sentimentos que fez seu coração golpear o peito. Por um lado, havia a crua verdade de que ali estava uma moça quase da sua idade, atraente, com os braços surpreendentemente fortes envolvendo sua cintura e o hálito quente e úmido em seu pescoço. Por outro, aquela mulher matara um homem, e a única razão em que conseguia pensar para ela ter surgido nas colinas era que ela planejava matá-lo também. Desse modo, estava muito tenso para desfrutar a sela dividida com ela.

Conversaram pouco desde que deixaram Coll. Em mais um dia, Crokus sabia, os muros de Darujhistan surgiriam. Perguntou-se se ela se lembraria da cidade. Então, uma voz falou em sua cabeça, soando como a de Coll: *Por que você não pergunta para a garota, idiota?* Crokus fez uma careta.

– Itko Kan é longe daqui? – Ela foi a primeira a falar.

Ele pensou em rir, mas algo, um instinto, o deteve. *Vá com delicadeza*, disse a si mesmo.

– Nunca ouvi falar nesse lugar – respondeu. – É no Império Malazano?

– Sim. Não estamos no Império?

– Não ainda – grunhiu Crokus. Seus ombros caíram. – Estamos em um continente chamado Genabackis. Os malazanos vieram dos mares do leste e do oeste. Agora controlam todas as Cidades Livres do norte, assim como a Confederação Nathilog.

– Ah – reagiu ela debilmente. – Vocês estão em guerra contra o Império, então.

– Mais ou menos, embora você nunca vá saber até onde isso diz respeito a Darujhistan.

– Esse é o nome da aldeia em que você vive?

– Aldeia? Darujhistan é uma cidade. A maior e mais rica de todo o continente.

Havia respeito e empolgação na voz dela quando retrucou:

– Uma cidade. Nunca estive em uma cidade. Seu nome é Crokus, não é?

– Como você sabia?

– É como seu amigo soldado chamou você.

– Ah, é claro.

Por que o fato de ela saber seu nome fez seu coração dar solavancos?

– Você não vai perguntar o meu nome? – questionou a garota, em voz baixa.

– Você consegue se lembrar?

– Não – admitiu ela. – Isso é estranho, não é?

Havia algo de patológico naquela resposta, e alguma coisa derreteu dentro dele, deixando-o ainda mais zangado.

– Bem, não posso ajudar muito nisso, posso?

A moça pareceu recuar atrás dele, e seus braços afrouxaram o aperto.

– Não.

Sua raiva abruptamente se esvaiu. Crokus estava pronto para gritar devido ao caos em sua cabeça. Em vez disso, se mexeu na sela, forçando a garota a segurá-lo apertado. *Ah*, ele sorriu, *assim está melhor*. Arregalou os olhos em seguida. *O que estou dizendo?*

– Crokus?

– O quê?

– Me dê um nome de Darujhistan. Escolha um. Escolha seu favorito.

– Challice – respondeu ele, imediatamente. – Não, espere! Você não pode ser Challice. Já conheço uma Challice. Você tem que ser alguma outra pessoa.

– Ela é sua namorada?

– Não! – vociferou ele.

Puxou as rédeas e pararam. Crokus esfregou os cabelos, depois jogou uma perna para o outro lado e desceu. Puxou as rédeas por sobre a cabeça do cavalo.

– Quero andar.

– Sim – disse ela. – Eu também gostaria de andar.

– Bem, talvez eu queira correr!

Ela deu a volta para encará-lo com uma expressão confusa.

– Correr? De mim, Crokus?

O jovem viu algo desmoronando por trás dos olhos dela. O que era aquilo? Sentiu uma necessidade desesperada de saber, mas perguntar era claramente impossível. Por que impossível, não conseguia dizer. Só sabia que era. Olhou para o chão e chutou uma pedra.

– Não – murmurou. – Não quis dizer isso. Tenha piedade, por favor.

Os olhos dela se arregalaram.

– Esse era o meu nome! – Ela arquejou. – Esse era meu nome, Crokus... Você acabou de dizer o meu nome!

– Qual? – Ele franziu o cenho. – Piedade?

– Sim! – Ela desviou o olhar. – Só que esse não foi sempre o meu nome. Acho que não. Não. Não foi o nome que meu pai me deu.

– Você não consegue se lembrar desse outro?

Ela balançou a cabeça e passou a mão pelo cabelo comprido e escuro.

Crokus começou a andar, e a garota caminhou ao seu lado. A estrada cortava colinas baixas. Em uma hora, alcançariam a ponte Catlin. O pânico que o invadira estava minguando, talvez por ter perdido a razão de ser. Sentia-se relaxado, o que o surpreendia, já que não conseguia se lembrar da última vez que estivera relaxado em companhia feminina.

Caminharam em silêncio por algum tempo. Adiante, o sol afundava em um clarão dourado, brilhando pela linha azul e verde do horizonte além das colinas. Crokus apontou para a linha reluzente.

– Aquele é o lago Azur. Darujhistan fica na margem sul dele.

– Você ainda não pensou em um nome para mim? – perguntou a moça.

– O único que me vem à mente é o de minha protetora – disse Crokus, sem graça.

A garota lançou um olhar a ele.

– O de sua mãe?

Crokus riu.

– Não, não esse tipo de protetora. Quis dizer a Senhora dos Ladrões, Apsalar.

Só que não é bom usar esse tipo de nome, já que ela é uma deusa. Que tal Salar?

Ela torceu o nariz.

– Não, prefiro Apsalar. Que seja Apsalar.

– Mas eu acabei de dizer...

– Esse é o nome que eu quero – insistiu a garota, seu rosto se obscurecendo.

Epa, pensou Crokus. *Melhor não contrariar*.

– Está bem. – Ele suspirou.

– Então você é um ladrão.

– O que há de errado nisso?

Apsalar sorriu.

– Considerando meu novo nome, nada. Nada mesmo, Crokus. Quando vamos acampar?

O jovem empalideceu. Não tinha pensado nisso.

– Talvez devêssemos continuar – disse ele cautelosamente, sem encará-la.

– Estou cansada. Por que não acampamos nessa ponte Catlin?

– Bem, só tenho um saco de dormir. Pode ficar com ele. Vou ficar de vigia.

– A noite inteira? O que há lá para vigiar?

Crokus contornou Apsalar.

– Por que todas essas perguntas? – exigiu saber, acaloradamente. – É perigoso aqui! Não viu o ferimento de Coll? E como saberemos se a guarnição ainda está lá?

– Que guarnição?

Crokus se amaldiçoou. Desviou o olhar.

– A guarnição do outro lado da ponte. Mas é uma ponte comprida...

– Ah, não! Qual é, Crokus?! – Apsalar riu e cutucou as costelas dele com o cotovelo. – Vamos dividir o saco de dormir. Não ligo, contanto que mantenha suas mãos longe de mim.

Esfregando as costelas, Crokus só conseguiu encarar a garota.

Praguejando, Kruppe lançou um olhar raivoso por sobre o ombro para Murillio.

– Maldição! Você não pode forçar esse animal a ir mais rápido?

A mula fazia jus à sua reputação, se recusando a qualquer coisa além de um

passo lento. Murillio sorriu sem graça.

– Por que essa pressa toda, Kruppe? O garoto sabe se cuidar.

– Mestre Baruk deu ordem explícita para que nós o vigiássemos, e vigiá-lo é o que nós devemos fazer!

Os olhos de Murillio se estreitaram.

– É o que você vive dizendo – resmungou. – Isso é algum favor para Mammot? O tio do garoto ficou todo preocupado de repente? Por que Baruk está tão interessado em Crokus? Você transmite as ordens do alquimista, Kruppe, mas não as explica.

Kruppe controlou sua montaria.

– Ah, muito bem. Motim na hierarquia força a mão ardilosa de Kruppe. Oponn escolheu Crokus, para quaisquer propósitos que essa deidade pérfida puder imaginar. Baruk gostaria que nós ficássemos de olho no garoto e, mais do que isso, que evitássemos que outros poderes o encontrem.

Murillio esfregou o hematoma na testa e se encolheu.

– Maldito seja você. – Soltou um suspiro. – Deveria ter explicado desde o começo, Kruppe. Rallick sabe disso?

– Claro que não – replicou Kruppe, ironicamente. – Ele é muito ocupado, afinal, incapaz de se livrar de suas várias responsabilidades. – A expressão de Kruppe se tornou astuciosa. – Por isso a ausência do assassino nesta jornada. Mas por que, diga, Kruppe está informando Murillio dessas coisas? Claramente, Murillio sabe mais sobre os feitos de Rallick do que o pobre e ignorante Kruppe.

– O que você quer dizer? – O olhar de Murillio estava vazio.

Kruppe deu uma risadinha e chutou sua mula para fazê-la voltar a andar.

Murillio o seguiu.

– E, quanto à nossa presente missão, o que parece um imenso fracasso, especialmente da parte de Coll, é na verdade um sucesso assombroso – continuou Kruppe, alegremente. – Mestre Baruk precisa saber das atividades nefastas em curso nas colinas Gadrobi.

– Sucesso? Do que você está falando?

Kruppe balançou uma mão.

– Caro homem, embora eu tenha ficado consciente por apenas um momento durante a confusão, ficou claro que aquela guerreira possuía uma espada de

otataral, o que significa, como qualquer criança poderia adivinhar, que é malazana.

Murillio sibilou devagar por entre os dentes.

– E nós abandonamos Coll lá atrás? Você é maluco, Kruppe?

– Em breve ele vai se recuperar bastante para nos acompanhar – disse Kruppe. – A necessidade de correr se sobrepõe a todas as outras considerações.

– Exceto negócios baratos com certo dono de estábulo – grunhiu Murillio. – Então há malazanos nas colinas Gadrobi. O que ela está tramando? E não tente me dizer que não sabe. Se você não suspeitasse de algo, não estaríamos com tanta pressa.

– Suspeitas, de fato – assentiu Kruppe, seus ombros afundando. – Lembra-se de Crokus verbalizando aquele comentário perceptivo quando deixamos a encruzilhada? Caçando um boato, ou algo assim?

– Espere um minuto. – Murillio gemeu. – Não é aquela lenda do túmulo de novo? Não há um...

Kruppe ergueu um dedo e interrompeu com delicadeza:

– O que acreditamos é irrelevante, Murillio. O fato é que malazanos estão procurando a verdade desse boato. E tanto Kruppe quanto mestre Baruk suspeitam, sendo de igual inteligência, que eles podem muito bem descobri-la. Por isso esta missão, meu amigo espalhafatoso. – Mexeu as sobrancelhas. – Otataral nas mãos de uma espadachim do Império. Um t’lan imass se escondendo na vizinhança...

– O quê? – explodiu Murillio, de olhos arregalados.

Tentou fazer sua mula dar a volta, mas o animal reclamou e plantou os cascos no chão. Lutou contra a montaria, praguejando.

– Coll está todo retalhado e há uma assassina malazana e um imass lá! Você perdeu a cabeça, Kruppe!

– Mas, querido Murillio, Kruppe achou que você estava ansioso... não, *desesperado* para voltar a Darujhistan assim que possível! – cantarolou Kruppe.

Isso intrigou Murillio, que rodeou Kruppe de cara fechada.

– Vamos lá – ralhou. – Desembuche, então.

– Desembuchar o quê? – As sobrancelhas de Kruppe se arquearam.

– Você tem insinuado coisas, me provocado com isso. Então, se você acha

que sabe algo sobre o que quer que seja, vamos ouvir. Do contrário, damos a volta agora mesmo e retornamos para o Coll.

Vendo que Kruppe o encarava com um olhar furioso, Murillio sorriu de lado.

– Ah, você pensou que iria me distrair, não foi? Bem, não vai funcionar.

Kruppe ergueu as mãos com as palmas viradas para cima.

– Não importa de quem foi o cérebro responsável pelo plano de vocês para devolver Coll a seu título de direito, Kruppe não pode fazer nada além de aplaudir fervorosamente!

O queixo de Murillio caiu. *Como, em nome do Encapuzado, Kruppe...?*

– Mas tudo isso é insignificante quando encaramos o fato de que Crokus se encontra em grave perigo – continuou Kruppe. – Além disso, se essa jovem estava de fato possuída, como Coll suspeita, os riscos são apavorantes! Ela era a única caçadora da vida frágil e desprotegida do rapaz? E quanto aos milhares de deuses e demônios que iriam perturbar Oponn na primeira oportunidade? Assim, Murillio, amigo de longa data de Crokus, iria abandonar a criança ao destino de forma tão impiedosa? Murillio é homem de sucumbir ao pânico, a incertezas, a um exército de pesadelos imaginados se infiltrando nas sombras de sua imaginação demente?

– Está bem! – rosnou Murillio. – Agora, segure a língua e vamos continuar.

Kruppe assentiu bruscamente ante aquela sábia observação.

Uma hora depois, quando o crepúsculo escalou as encostas, sempre a oeste do sol agonizante, Murillio se sobressaltou e lançou a Kruppe um olhar furioso, que se perdeu na penumbra.

– Maldito seja – sussurrou. – Eu disse que não ia deixar ele me distrair. Então, qual é a primeira coisa que ele faz? Me distrai.

– Murillio murmura alguma coisa? – indagou Kruppe.

Murillio massageou a testa.

– Estou ficando tonto de vez em quando. Vamos achar um lugar para acampar. Crokus e a garota não vão chegar à cidade antes de amanhã, de todo modo. Duvido que ele corra algum perigo na estrada, e vamos encontrá-lo facilmente antes do pôr do sol de amanhã. Eles devem ficar bem durante o dia... Inferno, estarão com Mammot, certo?

– Kruppe admite estar cansado – disse o próprio. – De fato, devemos achar

um lugar para acampar, e Murillio pode fazer uma pequena fogueira, talvez, então preparar o jantar, enquanto Kruppe pondera a respeito de questões de importância vital e coisas do tipo.

– Excelente – murmurou Murillio. – Excelente.

O capitão Paran percebeu, alguns dias depois de seu encontro com o tiste andii e dos acontecimentos dentro da espada do senhor, que Rake não tinha suspeitado de que ele pudesse ser um soldado malazano. Caso contrário, estaria morto. Descuidos o abençoaram, ao que parecia. Sua assassina em Pale deveria ter verificado duas vezes, e agora o Filho da Escuridão, salvando-o das mandíbulas dos Cães, deixara-o seguir. Havia um padrão nisso? Tinha o sabor de Oponn, mas Paran não duvidava do que Rake dissera.

Então sua sorte realmente vinha da espada? E aquelas indulgências do acaso haviam lhe concedido momentos essenciais, momentos que voltariam para atormentar aqueles que o haviam poupado? Para seu bem-estar, esperava que não.

Não seguia mais pela estrada do Império. Caminhara naquela trilha de sangue e traição por tempo demais. Nunca mais. O que estava adiante, então, era o esforço único de salvar as vidas de Whiskeyjack e seu pelotão. Para conseguir isso, não relutaria caso a própria morte fosse a consequência.

Algumas coisas iam além da vida de um único homem, e talvez a justiça existisse fora das mentes da humanidade, além até mesmo dos olhos vorazes de deuses e deusas, algo brilhante, puro e decisivo. Alguns filósofos que lera durante seus estudos na capital malazana, Unta, sustentavam o que lhe parecera na época uma posição absurda. A moralidade não era relativa, alegavam, nem existia somente no reino da condição humana. Não, eles proclamavam que a moralidade era uma imposição a todas as formas de vida, uma lei natural que não era nem os atos brutais de feras nem as ambições soberbas da humanidade, mas algo diferente, algo inexpugnável.

Apenas outra busca pela certeza. Paran fez uma careta e enrijeceu na sela, com os olhos fixos na trilha de mercadores se curvando diante dele, por colinas baixas e arredondadas. Lembrava-se de ter discutido isso com a conselheira

Lorn, em uma época em que nenhum dos dois era coagido pelo mundo lá fora. Apenas outra busca pela certeza, ela dissera, com uma voz fria e cínica, pondo fim à discussão tão claramente como se tivesse enfiado uma faca na mesa manchada de vinho entre eles.

Para que tais palavras viessem de uma mulher que não era mais velha do que ele, Paran suspeitou na época e suspeitava agora, o ponto de vista dela não era mais do que uma cópia fácil e preguiçosa do da imperatriz Laseen. Mas Laseen tinha direito a tal opinião; Lorn, não. Pelo menos na mente de Paran. Se alguém tinha direito a um cinismo cansado do mundo, era a imperatriz do Império Malazano.

A conselheira realmente fazia de si mesma uma extensão de Laseen. Mas a que preço? Vira a jovem mulher atrás da máscara apenas uma vez, quando haviam espreitado por sobre uma estrada coberta de soldados mortos e em seguida começado a escolher o caminho em meio a eles. A moça pálida e assustada que era Lorn se mostrara frágil em um único momento. Paran não conseguia se lembrar do que desencadeara a volta da máscara; provavelmente tinha sido algo que ele dissera, algo que o lançara em seu disfarce de soldado endurecido.

Paran suspirou fundo. *Arrependimentos demais, oportunidades... E a cada uma que passa, menos humanos nós todos ficamos, e mais fundo no pesadelo do poder todos nó mergulhamos*.

Sua vida era irrecuperável? Desejou ter uma resposta a essa pergunta.

Um movimento ao sul chamou sua atenção, e, com ele, o capitão percebeu um som retumbante subindo da terra ao redor. Levantou-se na sela. Uma parede de poeira se enrolava sobre a colina diretamente à frente. Virou sua montaria na direção oeste e lhe impôs um ritmo de trote. Pouco depois, parou. As cortinas de poeira pairavam naquela direção também. Praguejando, esporeou o cavalo rumo ao topo de outra colina próxima. Poeira. Poeira por todos os lados. *Uma tempestade? Não, o estrondo é regular demais*. Cavalgou na direção da planície abaixo e parou outra vez, se perguntando o que fazer. O muro de poeira subiu, atingindo a colina que ele fitava. O trovão profundo cresceu. Paran semicerrou os olhos na direção da poeira. Formas escuras e imensas se moviam ali, se espalhando para os dois lados, indo na direção dele. Em instantes, estava

cercado.

Bhederins. Ouvira as histórias das gigantescas criaturas peludas que atravessavam as planícies interiores em rebanhos de meio milhão. Por todos os lados, Paran não conseguia enxergar nada além das costas marrom-avermelhadas corcovadas e empastadas de poeira das feras. Não havia nenhum outro lugar para onde pudesse guiar seu cavalo, nenhum lugar seguro à vista. Paran se inclinou para trás na sela e aguardou.

Algo lampejou à sua esquerda, amarelo-acastanhado e baixo no chão. O capitão deu meia-volta, mas alguma coisa pesada o golpeou vindo da direita e o agarrou, puxando-o de cima da sela. Praguejando, Paran caiu com uma pancada forte na poeira, se atracando com os membros rijos e o cabelo preto desarrumado. Deu uma joelhada numa barriga. Seu agressor rolou para um lado, arquejando. Paran se esforçou para ficar em pé e então encarou um jovem vestido de couro curtido. O rapaz saltou para se atracar com o capitão mais uma vez. Paran se esquivou e esmurrou a lateral da cabeça do rapaz. O agressor caiu inconsciente.

Gritos agudos soavam de todas as direções. Os bhederins estavam se dividindo, afastando-se. Figuras emergiram da poeira, aproximando-se de Paran. Rhivi. Inimigos jurados do Império, aliados, no norte, a Caladan Brood e à Guarda Escarlate.

Dois guerreiros se acercaram do rapaz; cada um pegou um braço dele e juntos o arrastaram dali.

O rebanhou parou.

Outro guerreiro se aproximou, dirigindo-se audaciosamente a Paran. Seu rosto sujo de poeira estava costurado com fios tingidos, pretos e vermelhos, do alto das bochechas até a linha do maxilar, depois subindo ao redor da boca. Um couro de bhederin envolvia suas costas largas. Parando a menos de um braço de distância diante de Paran, o guerreiro estendeu a mão e segurou Acaso. Paran afastou a mão com um golpe. O rhivi sorriu, recuou e soltou um grito ululante e agudo.

Figuras se levantaram nas costas dos bhederins ao redor, empoleiradas nos dorsos peludos e com lanças apontadas na mão. Os animais imensos sob os guerreiros os ignoravam, como se eles fossem pássaros comedores de carrapatos.

Os dois rhivi que haviam tirado o rapaz de lá retornaram, unindo-se ao guerreiro de rosto costurado, que disse algo para aquele à sua esquerda. Este se adiantou. Antes que Paran conseguisse reagir, ele avançou, lançando uma perna por trás do capitão, em seguida batendo com o ombro contra o peito de Paran e por fim caindo sobre ele. A lâmina de uma faca deslizou na linha do maxilar de Paran e cortou a tira que prendia o elmo. O gorro de ferro foi arrancado, e dedos puxaram um punhado de seus cabelos. Arrastando o guerreiro consigo, Paran se ergueu com esforço. Já era o bastante. Morrer era uma coisa, mas morrer sem dignidade era outra. Quando a mão do rhivi se torceu, puxando sua cabeça para cima, o capitão estendeu a mão por entre as pernas do guerreiro, segurou ali e puxou com força.

O rhivi guinchou, soltando os cabelos de Paran. Uma faca apareceu novamente, lampejando contra o rosto do capitão. Ele mergulhou para um lado, a mão livre voando para segurar o pulso do agressor e afastar a faca. Apertou mais uma vez aquilo que a outra mão segurava. O rhivi guinchou de novo, em seguida Paran o soltou, girou e golpeou o rosto do homem com o cotovelo coberto pela armadura. Sangue respingou na poeira como chuva. O guerreiro cambaleou para trás, desmoronando no chão.

O cabo de uma lança atingiu de viés a têmpora de Paran. Ele rodopiou com o impacto. Uma segunda lança o atingiu no quadril, forte como o coice de um cavalo, fazendo a perna do capitão perder a sensibilidade. Algo prendeu seu pé esquerdo no chão.

Paran desembainhou Acaso. A arma foi quase derrubada de sua mão com um tinido ressonante. Ele a levantou e a espada foi novamente atingida. Cego em parte pela dor, pelo suor e pela poeira, Paran se ergueu, endireitando-se de modo a segurar a espada com as duas mãos, e conduziu Acaso para uma posição de defesa central. A lâmina da espada foi atingida uma terceira vez, mas ele continuou a segurá-la.

Fez-se silêncio. Arquejando, piscando, Paran levantou a cabeça e olhou ao redor. Os rhivi o cercavam, mas nenhum se mexeu. Seus olhos negros estavam arregalados.

Paran desviou o olhar para sua arma, e quase não teve tempo de voltar a encarar os guerreiros, pois logo seus olhos retornaram a Acaso. E ali ficaram.

Três pontas de lança de ferro brotavam da lâmina como folhas, cada ponta fendida e esmagada, os cabos destruídos e ausentes, deixando apenas madeira branca se projetando das cavidades.

Olhou para seu pé preso. Uma lança o atingira, atravessando a bota, mas a larga lâmina da ponta estava virada, com o lado plano pressionando seu pé. Madeira lascada o cercava. Paran lançou um olhar ao seu quadril e não viu ferimento. Um rasgo serrilhado estragara o couro da bainha de Acaso.

O guerreiro rhivi, com o rosto esmagado, jazia imóvel a cerca de 1 metro de onde Paran se encontrava. O capitão viu que sua montaria e os cavalos de carga estavam intocados e não haviam se movido. Os outros rhivi haviam recuado. O cerco se dividiu quando uma pessoa pequena se aproximou.

Uma menina, com não mais que 5 anos. Os guerreiros abriram espaço para ela como que em sinal de reverência ou medo, possivelmente ambos. Ela usava peles de antílope amarradas com um cordão na cintura e nada nos pés.

Havia algo familiar na criança... O modo de andar, a postura ao parar diante dele, alguma coisa nos olhos de pálpebras pesadas... Algo que fez Paran franzir a testa, apreensivo.

A menina se deteve para observá-lo, seu rostinho redondo começando lentamente a espelhar o franzir de cenho de Paran. Ela ergueu a mão, como se fosse estendê-la em sua direção; em seguida a baixou. O capitão descobriu que não conseguia tirar os olhos da pequena. *Criança, eu conheço você?*

Enquanto o silêncio entre eles se prolongava, uma mulher idosa apareceu atrás da menina e pousou a mão enrugada em seu ombro. Parecendo cansada, quase exasperada, a velha fitou o capitão. A menina ao seu lado disse alguma coisa na língua cadenciada e ágil dos rhivi, em um tom surpreendentemente grave para alguém tão jovem. A velha cruzou os braços. A menina falou outra vez, insistente.

A velha se dirigiu a Paran, em daru:

– Cinco lanças o declararam nosso inimigo. – Fez uma pausa. – Cinco lanças estavam erradas.

– Vocês têm bem mais delas – disse Paran.

– Temos, e o deus que favorece sua espada não tem seguidores aqui.

– Então acabe com isso – grunhiu Paran. – Estou cansado desse jogo.

A menina falou em um tom de comando que soou como ferro na pedra. A velha se virou, com evidente surpresa. A menina continuou, nitidamente explicando algo. A velha ouviu, depois voltou seu olhar escuro e reluzente para o capitão.

– Você é malazano, e os malazanos escolheram ser inimigos dos rhivi. Essa escolha é sua também? E saiba disso: reconhecerei uma mentira quando ouvi-la.

– Sou malazano de nascimento – respondeu Paran. – Não tenho interesse de chamar os rhivi de inimigos. Prefiro não ter inimigo algum.

A mulher idosa piscou.

– Ela oferece palavras para aliviar sua mágoa, soldado.

– Quer dizer...

– Você vai viver.

Paran não confiou muito naquela reviravolta.

– Que palavras ela tem para mim? Nunca a vi antes.

– Nem ela o viu antes. Mas vocês se conhecem.

– Não, não nos conhecemos.

Os olhos da velha endureceram.

– Você vai ouvir as palavras dela ou não? Ela lhe oferece um presente. Você vai jogá-lo de volta no rosto dela?

Profundamente desconcertado, ele respondeu:

– Não, suponho que não.

– A criança disse que você não precisa lamentar. A mulher que você conhece não passou pelas Árvores Arqueadas da Morte. Sua jornada foi além das terras que pode enxergar, além daquelas do espírito que todos os mortais sentem. E agora ela voltou. Seja paciente, soldado. Vocês se encontrarão novamente, assim essa criança promete.

– Que mulher? – Paran exigiu saber, com o coração aos saltos.

– Aquela que você julgou morta.

Ele olhou outra vez para a menina. A familiaridade voltou como um golpe em seu peito. Ele recuou um passo, cambaleando.

– Não é possível – sussurrou.

A menina retrocedeu; poeira rodopiou. Ela sumiu.

– Espere!

Outro grito soou. O rebanho voltou a se mover, aproximando-se, escondendo os rhivi. Em instantes, tudo o que Paran conseguia enxergar eram as costas das feras imensas se arrastando dali. Pensou em abrir caminho entre eles, mas sabia que isso apenas lhe traria a morte.

– Espere! – gritou o capitão outra vez, mas o som de centenas, ou milhares, de cascos na planície abafou seus esforços.

Tattersail!

Demorou uma hora para os últimos bhederins do rebanho aparecerem. Quando a derradeira fera passou pelo capitão, ele olhou ao redor. O vento arrastou a nuvem de poeira na direção leste, para cima das corcovadas colinas e suas escarpas.

Paran subiu na sela e virou sua montaria para o sul mais uma vez. As colinas Gadrobi se erguiam diante dele. *Tattersail, o que você fez?* Lembrou que Toc reparara em marcas pequenas saindo da coluna chamuscada que havia sido o que sobrara de Bellurdan e Tattersail. *Pelo sopro do Encapuzado, você planejou algo assim? E por que os rhivi? Renascida, já uma criança de 5 anos, talvez 6... Você pelo menos ainda é mortal, mulher? Você ascendeu? Encontrou para si um povo, um povo estranho e primitivo, com que propósito? E, na próxima vez que nos encontrarmos, com quantos anos você parecerá estar?*

Pensou novamente nos rhivi. Estavam conduzindo o rebanho para o norte, um rebanho grande o suficiente para alimentar... *Um exército em marcha. Caladan Brood está a caminho de Pale. Acho que isso é algo para o qual Dujek não está preparado. O velho Umbraço está enrascado.*

Cavalgou mais duas horas depois que o sol se pôs. Após as colinas Gadrobi ficavam o lago Azur e a cidade de Darujhistan. E, dentro da cidade, Whiskeyjack e seu pelotão. *E, nesse pelotão, uma jovem que há três anos me preparo para encontrar. O deus que a possui... Ele ainda é meu inimigo?*

A pergunta chegou sem ser convidada, esfriando seu coração. *Deuses, que grande jornada foi esta, e eu aqui pensando que ia atravessar esta planície sem ser notado. Uma ideia tola. Acadêmicos e magos escrevem incessantemente sobre convergências brutais, e parece que sou uma convergência ambulante, um ímã que atrai Ascendentes. Para azar deles, ao que parece. Minha espada Acaso*

respondeu àquelas cinco lanças, apesar do modo como tratei um dos Gêmeos. Como explicar isso? A verdade é que a causa se tornou minha de fato. Não da conselheira, não do Império. Eu disse que preferia não ter inimigo algum, e a velha viu como verdadeiras essas palavras. E, ao que parece, elas são.

Surpresas infinitas, Ganoes Paran. Siga adiante, veja o que há mais além.

A trilha subia uma encosta, e o capitão esporeou o cavalo a fim de vencerem a escarpa. Ao alcançar o topo, deu um puxão forte nas rédeas. A égua relinchou, indignada, e girou a cabeça, revirando os olhos. Mas a atenção de Paran estava em outro lugar. Reclinou-se na sela e deixou a espada a postos.

Um homem com armadura pesada lutou para se pôr em pé ao lado de uma pequena fogueira. Um pouco adiante, havia uma mula peada. O homem cambaleou, apoiando o peso em uma perna, e desembainhou uma espada de duas mãos, que baixou ao observar o capitão. Paran impeliu sua montaria adiante, vasculhando a área próxima. Parecia que o guerreiro estava sozinho. Fez a égua parar a 10 metros do outro homem, que disse, em daru:

– Não estou em condições de lutar, mas, se quiser uma luta, é sua.

Novamente, Paran se viu grato pela insistência da conselheira para que ele fosse completamente instruído; sua resposta foi tão fluente quanto a do nativo:

– Não. Perdi o gosto por lutas. – Esperou, inclinando-se para a frente na sela, depois sorriu para a mula. – Esse animal é uma mula de guerra?

O homem rosnou uma risada.

– Tenho certeza de que ela pensa que é – disse, relaxando. – Tenho comida sobrando, viajante, se estiver com vontade.

O capitão desmontou e se aproximou.

– Meu nome é Paran – informou e se sentou perto do fogo.

O outro imitou o gesto, deixando o fogo entre eles.

– Coll – grunhiu, esticando uma perna enfaixada. – Você está descendo do norte?

– De Genabaris, mas passei um tempo em Pale recentemente.

As sobrancelhas de Coll se arquearam ao ouvir aquilo.

– Você parece um mercenário, embora talvez seja um oficial. Ouvi dizer que as coisas estão bem feias por lá.

– Cheguei um pouco tarde – admitiu Paran. – Vi muitos escombros e mortos,

então estou inclinado a acreditar nas histórias. – Hesitou, dizendo em seguida: – Havia um rumor em Pale de que a Cria da Lua está sobre Darujhistan agora.

Coll grunhiu, lançando um punhado de gravetos no fogo.

– É isso aí – confirmou ele. Gesticulou, então, na direção de uma panela velha enfiada no carvão. – Ali tem um guisado, se estiver com fome. Sirva-se.

Paran percebeu que estava faminto. Aceitou a oferta de Coll com gratidão. Enquanto comia, usando uma colher de madeira que o homem lhe emprestara, pensou em perguntar sobre a ferida que ele tinha na perna, mas se lembrou de seu treinamento de Garra. Quando você interpreta um soldado, você o faz completamente. Ninguém fala sobre o que é óbvio. Se alguém o encara, você olha ao redor e resmunga sobre o clima. O que for importante surgirá a seu tempo. Soldados não têm nada por que esperar, fazendo da paciência uma virtude fácil e, às vezes, não só uma virtude, mas uma competição de indiferença. Desse modo, Paran esvaziou a panela, enquanto Coll aguardava em silêncio, atiçando o fogo e de vez em quando acrescentando gravetos tirados de uma pilha enorme atrás dele. De onde a madeira viera, só se podia especular.

Finalmente, Paran limpou a boca com a manga e esfregou a colher para que ficasse o mais limpa possível sem usar água. Sentou-se em seguida e arrotou.

– Você está indo para Darujhistan, então? – perguntou Coll.

– Sim. E você?

– Acho que vou conseguir fazer isso em mais ou menos um dia, embora não possa dizer que esteja ansioso por cavalgar rumo à cidade no dorso de uma mula.

Paran olhou para oeste.

– Bem – disse, semicerrando os olhos –, o sol está prestes a se pôr. Você se importa se eu ficar neste acampamento esta noite?

– De modo algum.

O capitão se levantou e tratou dos cavalos. Pensou em se atrasar um dia para deixar aquele homem se recuperar um pouco mais e emprestar um cavalo a ele. Se fosse para a cidade na companhia de um local, haveria vantagens: alguém para guiá-lo, talvez até para lhe oferecer um lugar para ficar durante um dia ou dois. Não apenas isso, ele poderia descobrir algo nesse ínterim. Mais um dia faria diferença? Possivelmente, mas parecia valer a pena. Desarreou os cavalos wickanos perto da mula, depois levou a sela consigo para perto do fogo.

– Andei pensando em seu problema – disse Paran, pondo a sela no chão e se sentando com as costas apoiadas nela. – Vou com você. Pode usar meu cavalo de carga.

Os olhos de Coll ficaram alertas.

– Uma oferta generosa.

Vendo a suspeita do homem, Paran sorriu.

– Um dia a mais de descanso para os cavalos será bom, em primeiro lugar. Em segundo, nunca estive em Darujhistan antes, então, em troca de minha assim chamada generosidade, eu gostaria de importunar você com perguntas intermináveis nos próximos dois dias. Depois disso, pego meu cavalo de volta e você segue sua vida, e, se alguém vai ter alguma vantagem com isso, sou eu.

– Já vou logo avisando, Paran: não sou muito falante.

– Vou arriscar.

Coll pensou por um tempo.

– Inferno – disse ele. – Seria loucura não aceitar, não seria? Você não parece o tipo que me golpearia pelas costas. Não conheço sua história, Paran. Se for algo que prefere manter para si, é problema seu, mas isso não vai me impedir de fazer perguntas. É uma decisão sua mentir ou não.

– Acho que isso serve para nós dois, certo? – retorquiu Paran. – Bem, você quer saber da minha história sem enrolação? Bem, aí vai, Coll. Sou um capitão desertor do Exército Malazano. Também trabalhei bastante com a Garra e, olhando para trás, foi nessa época que meus problemas começaram. De todo modo, é isso.

Ah, é, e mais uma coisa: pessoas que se aproximam de mim em geral acabam mortas.

Coll ficou em silêncio, olhos reluzentes à luz das chamas e fixos no homem à sua frente. Em seguida, estufou as bochechas e soltou o ar ruidosamente.

– Uma verdade nua como essa cria um desafio, não? – Coll fitou o fogo, depois se inclinou para trás e se apoiou nos cotovelos, levantando o rosto para as estrelas que já apareciam no céu. – Já fui um nobre de Darujhistan, o último filho de uma família poderosa, de linhagem antiga. Arranjaram um casamento para mim, porém me apaixonei por outra mulher, uma mulher ávida e ambiciosa, mas eu estava cego para isso. – Deu um sorriso sarcástico. – Era uma puta, na

verdade, só que quase todas as que conheci são bastante práticas; a alma dela era tão torta quanto você possa imaginar. – Passou a mão pelos olhos. – De todo modo, rejeitei minhas obrigações e suspendi o casamento arranjado. Casar com Aystal, que era o nome da puta, embora ela o tenha mudado depois, matou meu pai. – Deu uma risada áspera para o céu noturno. – Ela não levou muito tempo. Ainda não tenho certeza de como lidou com os detalhes, quantos homens levou para a cama para comprar a influência deles ou como eles o fizeram. Tudo o que sei é que acordei um dia e me vi despojado de meu título e até do sobrenome de minha família. A propriedade era dela, o dinheiro era dela, tudo dela, e ela já não precisava mais de mim.

As chamas lambiam a madeira seca entre eles. Paran não disse nada. O capitão sentiu que o homem à sua frente diria mais, ainda que Coll parecesse lutar contra o que quer que fosse.

– Mas essa não foi a pior traição, Paran – declarou Coll, passado um tempo, fitando os olhos do capitão. – Ah, não. Essa veio quando me afastei. Eu poderia ter lutado contra Aystal. Eu poderia até mesmo ter ganhado. – Cerrou o maxilar, o único indício de angústia que escapou de seu autocontrole, e continuou com uma voz fria e vazia: – Pessoas que eu conhecia fazia décadas me ignoravam de propósito. Eu estava morto para todos. Escolheram não me ouvir. Apenas passavam direto por mim ou nem chegavam aos portões de suas propriedades quando eu as chamava. Eu estava morto, Paran, até os registros da cidade atestavam o fato. Então, joguei o jogo deles. Afastei-me. Desapareci. Uma coisa é ter amigos de luto pela sua partida olhando na sua cara. Outra é trair a própria vida, Paran. Então, como você disse, é isso.

O capitão desviou o olhar, semicerrando os olhos na escuridão. *O que é esse desejo humano que nos traz tamanha devastação?*, perguntou-se.

– Os jogos dos nobres atravessam o mundo – disse Paran, baixo. – Nasci nobre como você, Coll. Mas em Malaz fizemos frente ao velho imperador. Ele nos esmagou, até que nos encolhemos como cachorros castigados. Encolhemo-nos por anos. Mas era só uma questão de poder, não era? – disse, mais para si mesmo do que para o homem com quem dividia o fogo. – Não havia lições valiosas o suficiente para um nobre prestar atenção. Eu me recordo dos meus anos naquele círculo deformado e voraz, me recordo daquela vida agora, Coll, e

vejo que não era uma vida de verdade. – Ficou em silêncio por um tempo; em seguida, um sorriso curvou sua boca devagar e seu olhar pousou em Coll. – Desde que me afastei do Império Malazano e rompi de uma vez por todas com os dúbios privilégios de meu sangue nobre, cacete, nunca me senti tão vivo. Nunca havia tido uma vida antes, só a sombra mais pálida do que encontrei agora. Será essa uma verdade que a maioria de nós tem pavor de encarar?

– Não sou o homem mais esperto que você vai conhecer, Paran, e seus pensamentos são profundos demais para mim – grunhiu Coll. – Mas, se eu o entendi direito, você está sentado aí olhando para um velho tolo arrebentado e lhe dizendo que está vivo. Bem agora. Tão vivo quanto pode ser. E o que quer que ele tenha traído no passado não era vida, era?

– Diga-me você, Coll.

O homem fez uma careta e passou a mão pelo cabelo que rareava.

– A questão é que eu quero de volta. Quero tudo de volta.

Paran desatou a rir e continuou até sentir a barriga doer. Coll ficou assistindo, depois uma risada baixa e ressonante brotou em seu peito. Estendeu a mão para trás, pegou um punhado de gravetos e jogou-os no fogo um de cada vez.

– Bom, Paran – retomou Coll –, caramba, você veio do nada, como um relâmpago enviado por um deus. E eu aprecio isso. Aprecio mais do que você jamais saberá.

Paran secou as lágrimas dos olhos.

– Pelo sopro do Encapuzado – disse o capitão. – Só uma mula de guerra conversando com outra, certo?

– Acho que sim, Paran. Agora, se olhar naquele meu embrulho, vai encontrar uma jarra de vinho da Aldeia da Inquietude. Foi produzido há cerca de uma semana.

O capitão se levantou.

– E o que isso quer dizer?

– Quer dizer que já vai estragar.

LIVRO VI

A Cidade do Fogo Azul

Rumores como bandeiras rasgadas
mordidas pelo vento e ressonantes
nas ruas lá embaixo
contavam a história dos dias que se abatiam sobre nós...
Dizia-se que uma enguia deslizara para terra firme,
ou não uma, mas mil,
sob uma lua recortada que poderia estar morta;
sussurrava-se que uma garra raspava devagar
os paralelepípedos da cidade, mesmo enquanto um dragão
era visto navegando no céu noturno prateado e negro.
Fora ouvido, diziam, o grito de morte de um demônio
nos telhados de uma noite de sangue, mesmo
enquanto as cem mãos da mestra perderam
cem adagas para o escuro;
e na época espalharam rumores de que uma moça
disfarçada de nobre oferecera para visitantes não convidados
um festival para recordar...

Rumor nascido
Pescador (nasc. ?)

CAPÍTULO 17

Poucos conseguem enxergar
a mão negra
que segura no alto
o fragmento, ou
as correntes serrilhadas
fadadas a serem ouvidas
ante o guizo da morte,
mas ouça a roda
de escravos e vítimas
que gemem o
nome do senhor
no coração sombrio
da Cria da Lua...

Raposa Prateada, Hurlochel, cavaleiro de escolta do Sexto Exército

Quando Rallick Nom se aproximava da Taberna da Fênix, vindo de um beco, uma mulher grande e robusta saiu de um desvão sombreado e o confrontou. Ele arqueou uma sobrancelha.

– Quer alguma coisa, Meese?

– Não importa o que eu quero. – Ela sorriu, convidativa. – Você sabe disso há anos. De todo modo, vim apenas lhe dizer uma coisa, Nom. Então, relaxe.

Ele cruzou os braços e aguardou. Meese deu uma olhada para o beco, depois se inclinou para perto do assassino.

– Tem gente no bar. Andaram perguntando por você. Pelo nome.

Sobressaltado, Rallick se aprumou.

– Como ele é? – perguntou rapidamente.

– Que nem um soldado sem uniforme – respondeu Meese. – Nunca o vi por

aqui antes. Então, o que você acha, Nom?

Ele desviou o olhar.

– Nada. Onde ele está sentado?

Meese sorriu outra vez.

– Na mesa de Kruppe. Território amigo. Isso não é legal?

Rallick se dirigiu à taberna, passando direto pela mulher. Quando ela se adiantou para segui-lo, ele estendeu a mão.

– Um minuto só entre nós, Meese – disse, sem se virar. – Onde está Irilta?

– Lá dentro – respondeu ela, atrás dele. – Boa sorte, Nom.

– A sorte nunca vem de graça – resmungou Rallick, virando a esquina e subindo os degraus.

Ele estacou logo após ter cruzado a porta e examinou a multidão. Alguns estranhos, mas não o bastante para deixá-lo preocupado. Seu olhar passeou pelo local até parar em um homem sentado à mesa de Kruppe. Quase teve que olhar outra vez, tão indescritível ele era. Rallick então foi diretamente para ele; a multidão se abriu enquanto o assassino passava, algo que nunca notara antes. Divertindo-se, manteve os olhos no estranho até ser notado. Seus olhares se encontraram. O homem não fez nada além de bebericar o conteúdo de sua caneca, pousando-a depois cuidadosamente sobre a mesa.

Rallick puxou uma cadeira e arrastou-a para diante do homem.

– Eu sou Rallick Nom.

Havia algo sólido naquela pessoa, um tipo de aprumo que era relaxante. Rallick se sentiu mais calmo, apesar de sua precaução habitual. As primeiras palavras do homem, contudo, mudaram isso:

– A Enguia tem uma mensagem para você – disse ele, serenamente. – Antes de entregá-la, no entanto, devo lhe fornecer um pano de fundo, como só eu posso. – Fez uma pausa para beber da caneca, depois retomou: – Agora, Turban Orr contratou mais uns dez de caçadores. O que estão caçando? Bem, a mim, por exemplo. Seu problema é que ele será mais difícil de alcançar. A Enguia aprova seus esforços no que diz respeito a lady Simtal. O retorno de Coll é desejado por todos aqueles que dão valor à integridade e à honra dentro do Conselho. Se precisar de algo, peça agora e lhe será dado.

Os olhos de Rallick endureceram.

– Não sabia que Murillio tinha uma boca tão grande – disse.

– Seu compatriota não revelou nada. Nem você. É coisa da Enguia. Agora, do que você precisa?

– De nada.

– Ótimo. – O estranho assentiu, como se esperasse aquela resposta e estivesse satisfeito. – A propósito, os esforços de Turban Orr para aprovar a proclamação foram... impedidos. Indefinidamente. A Enguia deseja agradecer-lhe por seu papel involuntário nisso. Contudo, o conselheiro está explorando outras opções. Ele tem observado de perto. Daí nossa descoberta afortunada que está no coração da mensagem da Enguia para você. Na noite passada, sob a Barbacã do Déspota, Turban Orr se encontrou com um representante da Sociedade de Assassinos. O fato de ele ter conseguido isso foi uma façanha, considerando como tem sido difícil encontrar seus colegas. Em todo caso, um contrato foi oferecido por Turban Orr. – O homem esperou o choque esmorecer no rosto de Rallick, depois continuou: – Oferecido por Turban Orr, como eu disse, mas não em seu nome. Na verdade, lady Simtal decidiu que a morte de Coll deveria ser um fato no mundo real tanto quanto é no papel.

– Quem? – perguntou Rallick, com aspereza. – Quem foi o contato?

– Chegarei a isso. Em primeiro lugar, o contrato foi aceito, pois o pagamento é substancial. Eles estão cientes de que Coll está atualmente fora de Darujhistan. Apenas aguardam seu retorno.

– O nome do assassino.

– Ocelote. – O homem se ergueu. – A Enguia deseja sucesso em todas as suas aventuras, Rallick Nom. Fim da mensagem. Boa noite.

Ele se virou para partir.

– Espere.

– Sim?

– Obrigado – disse Rallick.

O estranho sorriu e partiu. O assassino tomou o assento do homem e se reclinou contra a parede. Acenou para Sulty, que tinha um jarro de cerveja e uma caneca a postos. A moça se apressou até ele. Atrás dela vinham, com um passo mais lento, Irilta e Meese. Sentaram-se sem preâmbulos, cada uma com a própria caneca.

– Todos ainda respiram – disse Irilta, erguendo a bebida. – Brindemos a isso.

Meese ergueu a sua também, e as duas mulheres deram um bom gole. Meese, então, se curvou para a frente.

– Notícias de Kruppe e do garoto?

Rallick balançou a cabeça.

– Posso não estar aqui quando eles voltarem. Diga a Murillio para prosseguir se eu não aparecer, e se... houver outros acontecimentos. E, nesse caso, diga a ele que os olhos de nosso homem estão abertos. – Rallick encheu a caneca e a esvaziou imediatamente. Logo se levantou e disse: – Não me desejem sorte.

– E sucesso? – perguntou Meese, com uma expressão preocupada no rosto largo.

Rallick assentiu abruptamente e deixou a taberna.

Anomander Rake estava escondendo alguma coisa. Baruk tinha certeza disso, enquanto encarava com mau humor a lareira. Em sua mão direita havia um cálice de leite de cabra e, na esquerda, um pedaço grande de pão daru. Por que o tiste andii permitira que o imass entrasse no túmulo? Já fizera tal pergunta para o Senhor sentado ao seu lado, mas não parecia que uma resposta seria dada em um futuro próximo. Na verdade, tudo o que o alquimista recebera de Rake fora presunção irritante. Baruk deu uma mordida no pão, e o som dele se partindo quebrou o silêncio.

Rake esticou as pernas e suspirou.

– Uma hora esquisita para jantar.

– Minhas horas têm sido esquisitas ultimamente – retrucou Baruk, mastigando o pão. Bebeu um gole de leite.

– Não fazia ideia de que tanto o Senhor da Sombra quanto Oponn haviam se envolvido no assunto – disse Rake.

Baruk sentiu os olhos do Senhor sobre ele, mas continuou fitando o fogo.

– Eu tinha uma suspeita sobre Oponn. Mas nada definido.

Rake bufou em resposta. Baruk bebeu mais leite.

– Você guarda seus palpites para si. Eu faço o mesmo.

– Isso não nos ajuda em nada – rosnou Rake.

O alquimista virou em sua cadeira para encarar o tiste andii.

– Seus corvos assistiram à mulher e ao t’lan imass entrarem no túmulo. Você ainda acredita que eles vão falhar?

– Você acredita? – retorquiu Rake. – Eu me recordo de que essa era sua posição sobre o assunto, Baruk. Até onde me dizia e me diz respeito, não me preocupo muito se eles vão ser bem-sucedidos ou não. De todo modo, haverá uma luta. Você deve ter imaginado que havia um modo de evitá-la. Obviamente, seus conhecimentos sobre o Império Malazano são insuficientes. Laseen conhece uma coisa apenas, e é a força. Ela vai ignorar um poder até que seja revelado, então vai atacá-lo com tudo o que tem à disposição.

– E você vai esperar isso acontecer? – Baruk fez uma careta. – É assim que cidades são destruídas. É assim que milhares de pessoas morrem. Alguma dessas coisas importa para você, Anomander Rake? Contanto que você vença no final?

Um sorriso tenso surgiu nos lábios do Senhor da Lua.

– Uma avaliação precisa, Baruk. Nesse caso, entretanto, Laseen quer Darujhistan intacta. Pretendo impedir isso. Mas destruir a cidade para afrontá-la seria fácil demais. Eu poderia ter feito isso há semanas. Não, quero que Darujhistan continue como está, só que fora do alcance de Laseen. Isso, alquimista, é vitória para mim. – Seus olhos cinzentos estavam fixos em Baruk. – Do contrário, eu não teria procurado uma aliança com você.

O alquimista franziu a testa.

– A menos que planeje nos trair.

Rake ficou em silêncio por um tempo, observando suas mãos cruzadas no colo.

– Baruk – chamou ele, delicadamente –, como qualquer comandante de longa data sabe, a traição dá as próprias crias. Uma vez cometida, seja contra um inimigo ou contra um aliado, se transforma em uma escolha legítima também para todos sob seu comando, do mais baixo soldado que procura uma promoção até seus ajudantes, guarda-costas e oficiais pessoais. Meu povo sabe sobre minha aliança com você, alquimista. Se eu a traísse, não permaneceria muito tempo como o Senhor da Cria da Lua. E isso seria merecido.

Baruk sorriu.

– E quem poderia contestar seu poder, Rake?

– Caladan Brood, por exemplo – respondeu Rake, de imediato. – E há também meus quatro magos assassinos. Até mesmo Silanah, a habitante das cavernas da Lua, poderia tomar para si a tarefa de exigir meu julgamento. Posso pensar em outros, Baruk, muitos outros.

– Então o medo o mantém sob controle, Filho da Escuridão?

Rake fez uma careta.

– Esse título é mantido por tolos que me julgam digno de culto. Eu não gosto dele, Baruk, e não gostaria de ouvi-lo novamente de você. Se o medo me mantém sob controle? Não. Por mais poderoso que o medo seja, não se equipara nem de longe àquilo que me impele: dever. – Os olhos do Senhor haviam ganhado um tom castanho-escuro, enquanto permaneciam fixos nas mãos, cujas palmas ele virara para cima. – Você tem um dever para com sua cidade, Baruk. Ele o dirige, o molda. E isso me é familiar. Dentro da Cria da Lua estão os últimos tiste andii deste mundo. Estamos morrendo, alquimista. Não há motivação grande o bastante que pareça devolver ao meu povo o entusiasmo pela vida. Eu tento, mas inspirar nunca foi um grande talento meu. Nem esse Império Malazano foi capaz de nos levar à inssurreição como forma de nos defendermos, e acabamos ficando sem ter para onde correr. Ainda morreremos neste continente. Melhor que seja pela espada. – Deixou as mãos escorregarem do colo. – Imagine seu espírito morrendo enquanto seu corpo continua a viver. Não por dez anos, nem por cinquenta. Mas um corpo que vive por quinze, vinte mil anos. – Rake se levantou rápido. Olhou para um Baruk silencioso e deu um sorriso que lançou um punhal de dor no coração do alquimista. – Desse modo, o dever me mantém sob controle. Ainda assim, trata-se de um dever que é oco. É o bastante para preservar os tiste andii? Simplesmente preservá-los? Devo subir a Cria da Lua para os céus, onde continuaremos vivendo, fora do alcance de todos os riscos e de todas as ameaças? O que, então, estarei preservando? Uma história, um ponto de vista particular. – Deu de ombros. – A história acabou, Baruk, e o ponto de vista dos tiste andii é apenas desinteresse, estoicismo e desespero calado e vazio. São presentes para o mundo dignos de se preservar? Acho que não.

Baruk não tinha resposta. O que Anomander Rake descrevera estava quase além da compreensão, mas, de qualquer forma, o grito angustiado trespassara o

coração do alquimista.

– E, ainda assim, aqui está você – disse Baruk. – Aliado às vítimas do Império. Você está sozinho nisso, Anomander Rake? Seu povo o aprova?

– Eles não se importam – respondeu Rake. – Aceitam minhas ordens. Seguem o que digo. Servem Caladan Brood quando lhes peço. E morrem na lama e nas florestas de uma terra que não é a deles, em uma guerra que não é a deles, por um povo que os teme.

Baruk se inclinou para a frente.

– Então, por quê? Por que você faz tudo isso?

Uma risada áspera foi a resposta de Rake. Pouco depois, entretanto, seu divertimento amargo diminuiu, e ele completou:

– Uma causa honrosa vale alguma coisa ultimamente? Importa que a tenhamos pegado emprestada? Lutamos tão bem quanto qualquer homem. Morremos ao lado deles. Mercenários do espírito. E até mesmo a essa moeda damos pouco valor. Por quê? Não importa por quê. Mas nunca traímos nossos aliados. Sei que você está preocupado que eu não tenha feito nada para impedir o t'lan imass de entrar no túmulo. Acredito que o tirano jaghut será libertado, Baruk. Mas melhor agora, comigo aqui ao seu lado, do que em alguma outra época, quando o jaghut não tiver ninguém capaz de enfrentá-lo. Pegaremos essa lenda e talharemos a vida dela, alquimista, e nunca mais a ameaça os assombrará.

Baruk fitou o tiste andii.

– Você tem tanta certeza assim de que será capaz de destruir o jaghut?

– Não. Mas, quando ele acabar conosco, estará muito fraco. Então, a tarefa recairá sobre outros. Sobre sua Conspiração, na verdade. Não há certeza nisso, Baruk. Esse parece um fato particularmente irritante para vocês, humanos. É melhor aprenderem a aceitá-lo. Podemos ser capazes de destruir o tirano jaghut, mas até mesmo isso servirá aos planos de Laseen.

O alquimista estava atordoado.

– Não entendo.

Rake deu um meio sorriso.

– Quando acabarmos com a criatura, *nós* estaremos muito fracos. E aí virão os poderes do Império Malazano. Então, veja, de qualquer modo ela vence. Se

alguma coisa a preocupa, é sua Conspiração T’orrud, Baruk. Ela não conhece suas habilidades. É por isso que os agentes dela procuraram essa tal de Vorcan. Se a mestra da Sociedade aceitar o contrato, o problema que vocês representam estará resolvido.

– Ainda assim, há outros fatores envolvidos – ponderou Baruk.

– Oponn – declarou Rake. – Isso é um perigo para todos os envolvidos. Você acha que Oponn se importa com uma cidade mortal? Com seu povo? É a junção de poder que importa a Oponn, o redemoinho onde os jogos ficam perversos. Sangue imortal será derramado? Essa é uma pergunta que os deuses estão ávidos para ver respondida.

Baruk fitou seu cálice de leite de cabra e tomou um gole.

– Bem, pelo menos evitamos isso até agora.

– Errado – rebateu Rake. – Forçar Trono Sombrio a sair do jogo marcou o primeiro derramamento de sangue imortal.

Baruk quase engasgou com o leite. Baixou o cálice e encarou o tiste andii.

– De quem?

– Dois Cães morreram pela minha espada. Creio que isso tenha desequilibrado um pouco Trono Sombrio.

Baruk se recostou e fechou os olhos.

– Então as apostas subiram.

– Tão alto quanto a Cria da Lua, alquimista. – Rake voltou para sua cadeira e sentou-se, mais uma vez esticando as pernas na direção do calor do fogo. – Agora, o que mais você pode me dizer sobre esse tirano jaghut? Lembro-me de ter dito que desejava consultar uma autoridade.

Baruk abriu os olhos e lançou o pão no fogo.

– Há um problema aí, Rake. Espero que possa me ajudar a explicar o que aconteceu. – Levantou-se e disse: – Por favor, venha comigo.

Grunhindo, Rake se pôs em pé outra vez. Não trouxera sua espada naquela noite. Para Baruk, as costas largas do Senhor pareciam incompletas, mas o alquimista ficou grato pela ausência da arma.

Guiou Rake para fora da sala, descendo as escadas centrais até as câmaras inferiores. A primeira daquelas salas subterrâneas tinha um catre estreito, e sobre o catre jazia um homem idoso. Baruk o indicou.

– Como vê, parece que está dormindo. O nome dele é Mammot.

Rake arqueou uma sobrancelha.

– O historiador?

– Também um sumo sacerdote D’rek.

– Isso explica o ceticismo em seus escritos – disse Rake, com um meio sorriso. – O Verme do Outono gera uma multidão infeliz.

Baruk ficou surpreso que o tiste andii houvesse lido as *Histórias* de Mammot, mas, por que não? Supôs que uma vida de vinte mil anos de duração precisava de passatempos.

– Então, Mammot dorme um sono profundo – disse Rake, dirigindo-se à cama. – O que o provocou?

Agachou-se ao lado do ancião. Baruk se juntou a ele.

– Essa é a parte esquisita. Admito saber pouco sobre magia da terra. D’riss é um labirinto que nunca explorei. Recorri a Mammot, como lhe informei, e, quando ele chegou, pedi que me contasse tudo o que sabia sobre o tirano jaghut e o túmulo. Ele prontamente se sentou e fechou os olhos. Ainda não se abriram e, desde então, ele não emitiu nem uma palavra.

Rake se aprumou.

– Ele levou seu pedido a sério, pelo que vejo.

– O que quer dizer?

– Como você supôs, ele abriu seu Labirinto D’riss. Procurou a resposta para sua pergunta de modo, digamos, direto. E agora algo o encurralou.

– Ele viajou por Labirinto para o túmulo do tirano jaghut? Velho idiota!

– Para dentro de uma concentração de feitiçaria de Tellann, sem mencionar o Omtose Phellack jaghut. Além de tudo isso, uma mulher com uma espada de otataral. – Rake cruzou os braços. – Ele não vai recobrar a consciência até o t’lan imass e o otataral terem deixado o túmulo. E, mesmo assim, se ele não for rápido, o despertar do jaghut pode tomá-lo.

Baruk sentiu um frio de gelar os ossos.

– Tomar, como numa possessão?

Rake aquiesceu com uma expressão sombria.

– Um sumo sacerdote, não é? O jaghut o julgaria bastante útil. Sem mencionar o acesso a D’rek que Mammot fornece. Você sabe, Baruk, se esse

tirano é capaz de escravizar uma deusa?

– Não sei – respondeu Baruk. Suor escorreu por seu rosto redondo ao encarar a figura deitada de Mammot. Então acrescentou: – Que Dessembrae o afaste.

A velha sentada nos degraus do cortiço semicerrou os olhos para o céu do fim da tarde enquanto triturava folhas secas de italbe em seu cachimbo de magnésio. Num degrau de madeira ao seu lado havia um pequeno braseiro coberto de bronze. Gravetos finos se projetavam dos buracos ao redor do vaso. A velha puxou um e o levou ao cachimbo. Depois, o atirou na rua.

O homem que caminhava do outro lado viu o sinal e passou a mão pelo cabelo. O Rompedor de Círculos sentiu algo próximo de pânico. Aquela ida às ruas era muito arriscada. Os caçadores de Turban Orr estavam próximos: podia sentir o fato com uma certeza medonha. Mais cedo ou mais tarde, o conselheiro iria se lembrar das muitas reuniões sob a Barbacã do Déspota e do guarda que estava de serviço ali todas as vezes. A descarada exposição de si mesmo comprometia tudo.

Virou uma esquina, saindo do campo de visão da velha, e continuou por três quarteirões até chegar ao lado oposto da Taberna da Fênix. Duas mulheres estavam na porta, rindo de alguma piada entre elas.

O Rompedor de Círculos enfiou os polegares no cinto da espada e inclinou a bainha para o lado de fora. A extremidade coberta de bronze raspou o muro de pedra ao lado. Depois, retirou as mãos e seguiu seu caminho em direção ao Antelago. *Bem, está feito.* Tudo o que restava para ele era um último contato, possivelmente supérfluo, mas seguiria as ordens da Enguia. As coisas estavam chegando ao ponto crucial. Não esperava viver muito mais, mas faria o que devia durante o tempo que lhe restava. O que mais poderia ser pedido dele?

Na entrada da Taberna da Fênix, Meese deu uma cotovelada em Irilta.

– É isso – resmungou. – Você faz o apoio desta vez. Padrão de costume.

Irilta fez uma careta, depois assentiu.

– Desvie, então.

Meese desceu os degraus e dobrou a rua. Tomou a rota inversa àquela

trilhada pelo Rompedor de Círculos, até chegar ao cortiço. Viu a velha ainda sentada ali, preguiçosamente observando os transeuntes. Quando Meese cruzou seu campo de visão, a velha tirou o cachimbo da boca e o bateu contra o salto do sapato. Faíscas choveram nos paralelepípedos.

Aquele era o sinal. Meese chegou à esquina do quarteirão, virou à direita e entrou no beco que acompanhava a extensão do prédio. Uma porta se abriu para ela quando havia percorrido um terço do caminho; entrou em uma sala parcamente iluminada, com uma porta aberta do outro lado.

Alguém estava escondido atrás da primeira porta, mas ela não percebeu sua presença. Atravessou a segunda, a porta interna, e se viu em um corredor. Dali, era só subir rapidamente os degraus.

Apsalar, ou Piedade, como fora conhecida antes, não ficara muito impressionada ao avistar Darujhistan pela primeira vez. Por alguma razão, apesar de sua empolgação e da expectativa, tudo lhe parecera muito familiar.

Desapontado, Crokus não havia perdido tempo em levá-la ao lar de seu tio, depois que deixaram o cavalo de Coll no estábulo. A jornada rumo à cidade e, em seguida, pelas ruas apinhadas de gente tinha sido, para Crokus, uma tempestade contínua de confusão. Aquela moça parecia ter talento para pegá-lo desprevenido, e tudo o que o rapaz desejava era jogá-la no colo de outra pessoa e acabar com aquilo.

Ainda assim, se fosse mesmo o caso, por que se sentia tão desgraçadamente infeliz com aquilo?

Crokus saiu da biblioteca de Mammot e voltou para a sala de visitas. Moby chiou e mostrou a língua para ele da mesa de Mammot. Ignorando a criatura, Crokus ficou diante de Apsalar, que se já estava sentada na melhor das duas cadeiras. A dele, é claro.

– Não entendo. Parece que já faz uns dias, pelo menos, que ele não está aqui.

– E...? Isso é muito incomum? – perguntou Apsalar, casualmente.

– É – rosnou o jovem. – Você alimentou Moby, como pedi?

Ela aquiesceu.

– As uvas?

– Sim – confirmou Crokus. Ele pôs as mãos nos quadris. – Estranho. Talvez Rallick saiba alguma coisa sobre isso.

– Quem é Rallick?

– Um amigo assassino – respondeu Crokus, distraidamente.

Apsalar ficou em pé de um salto, com os olhos arregalados.

– O que há de errado? – perguntou Crokus, aproximando-se.

A garota parecia completamente aterrorizada. Ele olhou ao redor, meio que esperando ver algum demônio surgir do chão ou do armário, mas a sala estava inalterada, só um pouco mais bagunçada do que de hábito. Culpa de Moby, presumiu.

– Não tenho certeza – disse ela, acalmando-se com esforço. – Foi como se eu estivesse prestes a me lembrar de alguma coisa. Mas nada veio à tona.

– Ah – disse Crokus. – Bem, nós podemos...

Uma batida soou à porta.

Crokus se alegrou e foi até lá.

– Ah, ele provavelmente perdeu as chaves ou algo assim.

– Estava destrancada – comentou Apsalar.

Crokus abriu a porta.

– Meese! O que você está...?

– Quieto! – sibilou a mulher gigantesca, passando direto por ele e fechando a porta. Seus olhos recaíram sobre Apsalar e se arregalaram. Virou-se, então, para Crokus. – Que bom que encontrei você, moleque! Não viu ninguém desde que voltou?

– Ah, não. Quero dizer, só...

– O homem do estábulo – disse Apsalar, franzindo o cenho para Meese. – Nós nos conhecemos?

– Ela perdeu a memória – explicou Crokus. – Mas, sim, nós levamos o cavalo de Coll para o estábulo.

– Por quê? – exigiu saber Meese, mas, quando Crokus estava prestes a elaborar uma resposta, ela continuou: – Esqueça. O homem do estábulo não deve ser um problema. Bem, estamos com sorte!

– Caramba, Meese – disse Crokus. – O que está acontecendo?

Seus olhos encontraram os dele.

– Aquele guarda D’Arle que você matou na outra noite. Aquele do jardim. Eles sabem seu nome e sua descrição física, moleque. Não me pergunte como. Mas os D’Arles estão falando das Altas Forcas para quando você for pego.

O sangue sumiu do rosto de Crokus. Virou a cabeça para Apsalar. Abriu a boca, mas a fechou outra vez. Não, ela realmente não se lembrava. Mas devia ter sido ela. Crokus desmoronou na cadeira de Mammot.

– Temos que esconder você, rapaz – continuou Meese. – Vocês dois, acho. Mas não se preocupe, Crokus, eu e Irilta vamos tomar conta de você até encontrarmos uma solução.

– Não acredito nisso – sussurrou ele, fitando a parede à sua frente. – Ela me traiu, maldita!

Meese olhou inquisitivamente para Apsalar, que disse:

– É um palpite, mas eu diria que se trata de uma moça chamada Challice.

Meese fechou os olhos por um instante.

– Challice D’Arle, o mel da corte. – A compaixão abrandou seu rosto quando ela olhou para Crokus. – Ah, rapaz... É isso, então.

Ele se remexeu na cadeira e a fulminou com o olhar.

– Não é mais.

Meese deu um sorriso torto.

– Certo. Por ora, ficaremos sentados e quietos até anoitecer, depois vamos para o telhado – disse ela, com os braços cruzados sobre o peito. – Não se preocupe, daremos um jeito nas coisas, rapaz.

Apsalar se levantou.

– Meu nome é Apsalar. Prazer em conhecê-la, Meese. E obrigada por ajudar Crokus.

– Apsalar, hein? – O sorriso dela aumentou. – Bem, acho que os telhados não serão um problema para você, então.

– Nenhum – respondeu a moça, sabendo de algum modo que estava certa quanto a isso.

– Ótimo – disse Meese. – Agora, que tal encontrarmos alguma coisa para beber?

– Meese, você sabe onde está meu tio? – perguntou Crokus.

– Não posso ajudar nisso, moleque. Não faço ideia.

Não estava certa sobre a velha nos degraus, mas aquela mulher logo abaixo, enfiada em um desvão encoberto e observando detidamente o prédio do cortiço, naquela, sim, ela precisaria prestar atenção. Parecia que o tal portador da moeda tinha proteção.

Serrat não ficou muito preocupada. Depois de seu senhor, Anomander Rake, ela era um dos mais letais tiste andii da Cria da Lua. Encontrar o garoto servo de Oponn não se mostrara difícil. Depois que seu senhor lhe dera os detalhes necessários, tinha sido fácil achar a assinatura mágica de Oponn. Ajudava o fato de já tê-la encontrado – e naquele mesmo garoto – nos telhados, duas semanas antes. Seus agentes haviam perseguido o portador da moeda naquela noite, abandonando-o quando ele entrara na Taberna da Fênix, e somente porque ela ordenara. Se suspeitasse então do que agora sabia, a presença de Oponn teria terminado naquela mesma noite.

Má sorte. Serrat sorriu para si mesma, assumindo uma posição mais confortável no telhado. Eles sairiam à noite, ela suspeitava. Quanto à mulher escondida lá embaixo, teria que ser removida. Na verdade, com um feitiço embaçador e bastante sombra, poderia facilmente tomar o lugar da mulher.

Não haveria suspeita por parte da outra, aquela que se encontrava lá dentro com o portador da moeda. Serrat meneou a cabeça. Sim, faria exatamente assim.

Mas, por ora, esperaria. Paciência sempre recompensa.

– Bem, eles não estão aqui – disse Murillio, esquadrinhando a multidão. – Isso significa que estão com Mammot.

Kruppe inspirou fundo o ar suarento e esfumaçado.

– Ah, civilização. Kruppe acredita que sua avaliação é precisa, amigo. E, se for, podemos muito bem descansar aqui, bebendo e jantando por uma hora ou duas.

Com isso, entrou na Taberna da Fênix. Alguns veteranos, sentados à mesa de Kruppe, reuniram suas canecas e o jarro e partiram, murmurando pedidos de desculpa e sorrindo uns para os outros. Kruppe os saudou graciosamente e sentou-se com um suspiro alto em sua cadeira habitual. Murillio parou no bar e falou com Scurve, depois se juntou a Kruppe.

Espalmando a poeira da camisa, Murillio franziu a testa ao notar o grau de desgaste provocado pela estrada.

– Estou ansioso por um banho – disse ele. – Pelo visto, Scurve viu Rallick por aqui mais cedo, conversando com um estranho. Desde então, ninguém o viu.

Kruppe acenou desinteressadamente com a mão.

– A gentil Sulty chegou – anunciou ele.

Um momento depois, um jarro de cerveja estava sobre a mesa. Kruppe limpou sua caneca com seu lenço de seda, depois a encheu com a bebida espumante.

– Não tínhamos de nos reportar a Baruk? – perguntou Murillio, com os olhos no amigo.

– Tudo a seu tempo – respondeu Kruppe. – Primeiro, devemos nos recuperar de nossas provações. E se Kruppe perdesse sua voz bem no meio do dito relatório? Que vantagem Baruk tiraria disso?

Ergueu a caneca e deu um longo gole.

Murillio tamborilava com os dedos na mesa, impaciente, seus olhos vasculhando a multidão sem parar. Aprumou-se na cadeira e encheu sua caneca.

– Então, agora que você sabe o que eu e Rallick estamos tramando, o que planeja fazer a respeito? – perguntou.

As sobrancelhas de Kruppe se arquearam.

– Kruppe? Ora, nada além de ajudar, é claro. Auxílio oportuno e tal. Não há necessidade de aflição, amigo Murillio. Por favor, proceda como planejado. Pense no sábio Kruppe como não mais que um acompanhante benévolo.

– Pelo sopro do Encapuzado – gemeu Murillio, revirando os olhos. – Estávamos muito bem sem sua ajuda. A melhor coisa que pode fazer por nós é sair do nosso caminho. Não se envolva.

– E abandonar meus amigos à própria sorte? Bobagem!

Murillio terminou a cerveja e se levantou.

– Vou para casa – anunciou ele. – Você pode demorar uma semana para se reportar a Baruk, não me importo. E, quando Rallick descobrir que você sabe sobre nossos planos, bem, Kruppe, eu odiaria estar na sua pele.

Kruppe acenou, desinteressado.

– Você está vendo Sulty lá? Sobre a bandeja dela está o jantar de Kruppe. As

adagas malignas e o temperamento ainda mais maligno de Rallick Nom se tornam insignificante diante da refeição que se aproxima. Boa noite para você, então, Murillio. Até amanhã.

Murillio o fitou de cima, grunhindo em seguida:

– Boa noite, Kruppe.

E deixou a taberna pela porta da cozinha. Assim que saiu para o beco, uma pessoa, vinda do outro lado, o abordou.

– É você, Rallick? – perguntou Murillio, franzindo a testa.

– Não – respondeu a figura envolta em sombras. – Não tenha medo de mim, Murillio. Tenho uma mensagem da Enguia para você. Pode me chamar de Rompedor de Círculos. – O homem se aproximou. – A mensagem se refere ao conselheiro Turban Orr...

Rallick ia de telhado em telhado na escuridão. A necessidade de silêncio absoluto retardou consideravelmente sua caçada. Não haveria conversa com Ocelote. Rallick esperava atirar não mais do que uma seta no homem. Se desperdiçasse a oportunidade, a feitiçaria do líder de clã se mostraria um fator decisivo. *A menos que...*

Rallick parou e verificou o bolso. Anos antes, o alquimista Baruk o recompensara por um trabalho bem-feito com uma bolsinha contendo pó avermelhado. Baruk explicara suas propriedades enfraquecedoras de magia, mas Rallick resistiu a depositar sua confiança no pó. Seu poder sobrevivera aos anos? Equiparava-se ao de Ocelote? Não havia como saber.

Cruzou um telhado alto, contornando a beirada de uma cúpula. À, direita, abaixo, se achava o muro leste da cidade. O brilho fraco da Aldeia da Inquietude aparecia do outro lado. O assassino suspeitava que Ocelote esperaria a chegada de Coll pelo Portão da Inquietude, escondido, mas dentro do alcance da seta de sua besta. Seria melhor matar o homem antes que ele entrasse na cidade.

Isso limitava bastante as possibilidades. Eram poucas as linhas de visão, e a colina de K’rul era a melhor delas. Ainda assim, Ocelote talvez já tivesse usado feitiçaria e estivesse escondido de olhos humanos. Rallick poderia inadvertidamente acabar tropeçando nele.

Alcançou a face norte da cúpula. Diante dele estava o templo de K’rul. Do campanário, sairia uma seta certeira assim que Coll entrasse pelo portão. Rallick tirou a bolsinha escondida em sua roupa. O que quer que a poeira cobrisse, dissera Baruk, ficaria impermeável à magia. Além disso, agiria sobre toda a área. O assassino franziu o cenho. Qual seria a área? O efeito passava? Mais importante, como Baruk dissera e Rallick lembrava claramente: não deveria tocar sua pele.

– Veneno? – perguntara o assassino.

– Não – respondera o alquimista. – O pó muda algumas pessoas. Mas não há como prever tais mudanças. Melhor não arriscar, Rallick.

Suor escorria por seu rosto. Já eram pequenas as chances de encontrar Ocelote. A morte de Coll arruinaria tudo e, além disso, tiraria de Rallick sua última reivindicação... De quê? *Da humanidade*. O preço do fracasso se tornara muito alto.

– Justiça – sibilou, com raiva. – Deve significar algo. Deve! – Rallick desprendeu a bolsinha. Abriu-a e tirou um punhado de pó. Esfregou-o entre os dedos. Tinha textura de ferrugem. – É isso? – perguntou-se. Talvez houvesse estragado. Dando de ombros, começou a massagear o pó até que ele penetrasse sua pele, começando pelo rosto. Resmungou: – O que muda? Não sinto nenhuma mudança.

Estendendo a mão por baixo da roupa em todos os pontos possíveis, Rallick usou o pó até o fim. A própria bolsinha estava manchada na parte interna. Virou-a ao contrário, depois a recolocou no cinto. Fez uma careta. Agora, a caçada continuaria. Em algum lugar lá fora um assassino aguardava com os olhos fixos na estrada da Inquietude de Jammit.

– Eu o encontrarei, Ocelote – sussurrou, encarando a torre do campanário de K’rul. – E, com magia ou sem magia, você não vai me ouvir nem sentir meu hálito em seu pescoço até ser tarde demais. Eu juro.

Começou a subir.

CAPÍTULO 18

Essa cidade azul
oculta sob sua capa
a mão que segura
como pedra
uma lâmina envenenada
pela paralto de oito patas –
a picada traz morte
na amplitude da mágoa
que marca um último suspiro –
assim, essa mão afronta
a teia de feitiçaria
e estremece o filamento da teia
da ameaça mortal de uma aranha.
Essa mão sob
a capa da cidade azul
conduz para casa o
equilíbrio gentil do Poder.

A Conspiração, Gallan, o Cego (nasc. 1078)

O sargento Whiskeyjack foi até a cama.

– Você tem certeza de que consegue? – perguntou a Kalam.

O assassino, sentado encostado na parede, ergueu o olhar das facas que amolava.

– Não tenho muita escolha, tenho? – perguntou e voltou à afiação.

O rosto de Whiskeyjack se mostrava extenuado e esquálido pela falta de sono. Olhou para um canto do outro lado do quarto, onde Ben Ligeiro estava agachado. Havia um pedaço de saco de dormir na mão do mago, e seus olhos estavam fechados.

Na mesa, Violinista e Azarve haviam desmontado suas bestas gigantescas. Eles estavam limpando e examinando cada peça. Previam que uma luta estivesse a caminho.

Whiskeyjack compartilhava a convicção da dupla. Cada hora que passava trazia seus muitos caçadores para mais perto. Dentre esses, os que mais temia eram os tiste andii. Seu pelotão era bom, mas não tanto assim.

Trote estava ao lado da janela, recostado na parede com os braços musculosos cruzados. Contra uma parede dormia Marreta, e seus roncos soavam alto no quarto.

O sargento voltou sua atenção para Kalam.

– É uma aposta arriscada, não é?

O assassino assentiu.

– Não há motivo para o homem continuar se mostrando. Eles foram queimados da última vez. – Deu de ombros. – Vou tentar a taberna de novo. Na pior das hipóteses, alguém vai me notar, e a Sociedade virá. Se eu conseguir falar antes de me matarem, há uma chance. Não é muito...

– Mas vai ter que servir – concluiu Whiskeyjack. – Você tem amanhã. Se não conseguirmos nada – olhou para Violinista e Azarve e viu que o encaravam de volta –, detonaremos os cruzamentos. Vamos causar estragos e machucá-los.

Os dois sabotadores sorriram, ansiosos.

O sibilar alto de frustração de Ben Ligeiro fez todos se virarem. Os olhos do mago haviam se aberto. Jogou o pano rasgado desdenhosamente no chão.

– Nada bom, sargento – disse. – Não consigo achar Piedade em lugar nenhum.

Kalam rosnou um xingamento e enfiou as armas nas devidas bainhas.

– Então o que isso significa? – perguntou Whiskeyjack ao mago.

– O mais provável é que esteja morta – disse Ben Ligeiro. Gesticulou na direção do tecido. – Com isso, não havia como a Corda se esconder de mim. Não enquanto estivesse possuindo Piedade.

– Talvez, quando você disse que o havia descoberto, ele tenha lançado suas moedas e saído do jogo – disse Violinista.

Ben Ligeiro fez uma careta.

– A Corda não tem medo de nós, Violinista. Você está fora da realidade.

Antes de qualquer coisa, ele iria se lançar sobre nós. A esta altura, Trono Sombrio já deve ter dito a ele quem eu sou, ou, na verdade, quem já fui. Não é assunto da Corda, mas Trono Sombrio poderia insistir. Deuses não gostam de ser enganados. Especialmente de ser enganados duas vezes. – Ficou em pé e estalou as costas. Encontrou o olhar de Whiskeyjack. – Não entendo, sargento. Estou perplexo.

– Devemos abandoná-la? – perguntou Whiskeyjack.

Ben Ligeiro fez que sim com a cabeça.

– Bem que poderíamos. – Fez uma pausa e deu um passo à frente. – Todos desejávamos estar errados sobre ela. Mas o que Piedade fazia não tinha nada a ver com uma humana. E, até onde me diz respeito, estou feliz por isso.

– Eu odiaria pensar que o mal era real – disse Kalam da cama –, que tinha um rosto tão distinguível quanto o do homem ao lado. Eu sei, Whiskeyjack, você tem seus motivos para querer que fosse assim.

Ben Ligeiro se aproximou do sargento, com o olhar mais suave.

– Porque isso mantém sua sanidade toda vez que você ordena que alguém morra. Todos nós sabemos disso, sargento. E seríamos os últimos a insinuar que há algum outro modo que possa ter lhe escapado.

– Bem, estou feliz por ouvir isso – grunhiu Whiskeyjack. Fitou todos no quarto e viu que Marreta estava acordado, observando-o. – Mais alguém tem algo a dizer?

– Eu tenho – anunciou Violinista, depois se esquivou ante o olhar fulminante do sargento. – Bom, você perguntou, não foi?

– Fale logo, então.

Violinista se aprumou na cadeira e pigarreou. Azarve cutucou o companheiro nas costelas quando ele estava prestes a começar. Após uma careta ameaçadora, Violinista tentou outra vez:

– Sargento, vimos muitos amigos morrendo, certo? E talvez não tenhamos precisado dar as ordens, então você deve pensar que é mais fácil para nós. Mas eu não acho. Sabe, para nós, eles estavam vivendo, respirando. Eram amigos. Quando morrem, dói. Mas você fica por aí dizendo a si mesmo que o único modo de evitar enlouquecer é despojá-los de tudo isso, de modo que não tenha que pensar no assunto, que não tenha que sentir nada quando morrem. Mas,

cacete, quando você tira a humanidade de todos os outros, tira a sua também. E isso vai deixar você maluco, com toda a certeza. É essa dor que sentimos que nos faz continuar seguindo em frente, sargento. E talvez não cheguemos a lugar nenhum, mas pelo menos não estamos fugindo de nada.

Fez-se silêncio no quarto. Então, Azarve socou o braço de Violinista.

– Maldição! Você tem miolos aí dentro, no fim das contas. Acho que estive errado a seu respeito todos esses anos.

– É, certo – disse Violinista, revirando os olhos para Marreta. – E quem foi que queimou o cabelo tantas vezes que precisa usar um gorro feio o tempo inteiro, hein?

Marreta riu, mas a tensão continuava, e o olhar de todos voltou a se fixar no sargento. Devagar, Whiskeyjack contemplou cada homem de seu pelotão. Viu a afeição em seus olhos, a oferta aberta de amizade que passara anos recusando. Todo aquele tempo afastando-os, todos eles, e os canalhas teimosos continuavam voltando.

Então, Piedade não era humana. Sua convicção de que tudo o que ela fizera estava dentro das possibilidades humanas parecia repousar sobre solo instável. Mas não desmoronou. Já tinha visto muita coisa em sua vida. Não haveria fé repentina em sua visão da história humana, nenhum otimismo crescente para rechaçar todas as lembranças demoníacas dos infernos por que passara.

Mesmo assim, chegara uma época em que algumas recusas haviam perdido a razão, quando os golpes implacáveis do mundo contra ele tornavam sua burrice óbvia até para ele mesmo. Finalmente, após todos aqueles anos, estava entre amigos. Tratava-se de uma admissão difícil, e percebeu que já estava impaciente com ela.

– Tudo bem – grunhiu. – Chega de papo. Temos trabalho a fazer. Cabo?

– Sargento? – replicou Kalam.

– Prepare-se. Você tem a luz do dia para restabelecer o contato com a Sociedade de Assassinos. Enquanto isso, quero todo o resto arrumando as armas e dando uma boa limpada nelas. Reparos nas armaduras. Farei uma inspeção e, se encontrar uma coisinha que seja de que eu não goste, vai ser o inferno. Entendido?

– Entendemos – disse Marreta, dando um meio sorriso.

Apesar do ritmo lento, o ferimento de Coll se abrira meia dúzia de vezes desde que haviam começado a jornada. Ele encontrara um modo de sentar na sela, inclinando-se para um lado e apoiando a maior parte do peso na perna ilesa; desde aquela manhã, a ferida não se abrira ainda. No entanto, a posição desconfortável causava dores e cãibras no resto do corpo.

Paran reconhecia um péssimo humor quando o via. Embora estivesse claro para os dois que um elo se formara entre eles, confortável e sem fingimentos, só haviam trocado algumas pouquíssimas palavras, enquanto o ferimento de Coll continuava a cobrar seu preço.

A perna esquerda inteira de Coll, do quadril onde a espada o ferira até o pé, estava com uma cor marrom uniforme, escurecida pelo sol. Coágulos de sangue seco se amontoavam nas articulações, entre as placas da parte superior da perna e o protetor de joelho. À medida que a coxa inchava, eram forçados a cortar o couro acolchoado sob a placa da armadura.

Não conseguiram socorro na guarnição da ponte Catlin, já que o único cirurgião dali estava dormindo para compensar uma de suas “noites ruins”. Mas arranjaram bandagens limpas, e eram elas, já ensopadas de sangue, que cobriam o ferimento.

Havia pouco tráfego na Inquietude de Jammit, apesar de os muros da cidade estarem à vista. O afluxo de refugiados vindos do norte terminara, e aqueles que viriam para o Festival de Gedderone já haviam chegado.

Quando se aproximavam da Aldeia da Inquietude, Coll se levantou do estado semiconsciente em que estivera nas horas anteriores, com o rosto mortalmente pálido.

– Esse é o Portão da Inquietude? – perguntou, estupidamente.

– Creio que sim – disse Paran, já que estavam na estrada que também tinha aquele nome estranho. Ele perguntou: – Permitirão que atravessemos? Será que os guardas vão chamar um cirurgião?

Coll balançou a cabeça.

– Leve-me até lá. Taberna da Fênix. Leve-me até a Taberna da Fênix.

Sua cabeça afundou outra vez.

– Muito bem, Coll.

Ficaria surpreso se os guardas permitissem sua entrada, e precisaria de uma

história para lhes contar, embora Coll não houvesse dito nada sobre como fora ferido.

– Espero que haja alguém nessa Taberna da Fênix com um toque de curandeiro – resmungou.

O homem parecia mal. Paran fitou os portões da cidade. Já vira o suficiente para entender por que a imperatriz queria Darujhistan com tanta avidez. Suspirou.

– Darujhistan. Céus, mas você é uma maravilha, não é?

Rallick se arrastou mais 1 centímetro para cima. Seus membros tremiam de exaustão. Se não fosse pelas sombras da manhã naquele lado do campanário, teria sido avistado havia muito tempo. Mesmo assim, não continuaria oculto por mais do que alguns instantes. Usar as escadas teria sido um suicídio na escuridão. Ocelote provavelmente havia colocado alarmes por todo o caminho; o homem não era tolo para deixar de cobrir os acessos até sua posição.

Se ele estiver lá em cima, lembrou Rallick. Se não, Coll teria problemas. Não havia como dizer se seu amigo já alcançara os portões; o silêncio no alto do campanário poderia significar qualquer coisa. Fez uma pausa para descansar e olhou para cima. Mais 3 metros, os mais críticos. Estava tão cansado que tudo o que conseguia fazer era continuar se firmando nos pontos de apoio das mãos. A aproximação silenciosa já estava além de sua capacidade. Sua única vantagem era que a concentração de Ocelote estaria voltada para leste, enquanto o assassino escalava o lado oeste da torre. Respirou profundamente algumas vezes, depois estendeu a mão para outro ponto de apoio.

Transeuntes pararam para observar Paran e Coll seguindo lentamente pela Aldeia da Inquietude rumo ao portão. Ignorando as pessoas, e também as perguntas que faziam, o capitão focou sua atenção nos dois guardas do portão. Já o haviam avistado junto a Coll e estavam esperando.

Ao alcançar o portão, Paran fez sinal de que iam atravessá-lo. Um guarda aquiesceu, enquanto o outro se adiantou para o flanco do cavalo do capitão.

– Seu amigo precisa de um cirurgião. Se você esperar lá dentro, podemos

trazer um aqui em cinco minutos.

Paran recusou a oferta:

– Precisamos encontrar a Taberna da Fênix. Sou do norte, nunca estive aqui. O homem disse para irmos para a Taberna da Fênix, então é lá que o levarei.

O guarda ficou desconfiado.

– Será uma surpresa se ele conseguir chegar. Mas, se é o que você quer, o mínimo que posso fazer é lhe dar uma escolta.

Ao emergirem da sombra do portão, o outro guarda deu um grito de surpresa.

Paran prendeu a respiração quando o homem se aproximou de Coll.

– Eu o conheço – disse o outro guarda. – É Coll Jhamin, da Casa Jhamin. Trabalhei para ele. O que aconteceu?

– Eu pensava que Coll havia morrido alguns anos atrás – disse o primeiro guarda.

– Danem-se os registros – vociferou o companheiro. – Eu sei o que sei, Vildron. Esse é Coll, ouviu?

– Ele quer ir para a Taberna da Fênix – disse Paran ao homem. – Foi a última coisa que me pediu.

O homem assentiu.

– Mas vamos fazer isso direito. – Virou-se para o outro guarda. – Eu me responsabilizo pelas consequências, se houver alguma, Vildron. Traga a carroça. Ainda está atrelada desde hoje de manhã, certo? – O guarda sorriu para Paran. – Obrigado por trazê-lo. Alguns de nós da cidade ainda temos olhos, e dane-se o que os eruditos sussurram. Vamos colocá-lo na parte de trás da carroça, onde balança menos.

Paran se tranquilizou.

– Obrigado, soldado.

Olhou para além do homem, ansioso para ver o que conseguisse da cidade, agora que o muro ficara para trás. Imediatamente à frente, uma colina corcovada se erguia, os lados cobertos de ervas daninhas e árvores retorcidas. No topo, se acocorava um tipo de templo, abandonado havia muito tempo, de onde subia uma torre quadrada encimada por telhas de bronze. Quando seu olhar alcançou a plataforma lateral aberta do campanário, viu um lampejo de movimento. Semicerrou os olhos.

Rallick levantou a cabeça com cuidado acima da beirada da plataforma. Quase arquejou alto. O campanário estava vazio. Lembrou-se, então, da feitiçaria de Ocelote. Prendendo a respiração, forçou uma última vez seus braços pesados, alçando-se para a plataforma. Assim que se moveu para ficar em pé, a pedra descoberta da plataforma brilhou, e ele viu Ocelote deitado à sua frente, com a besta engatilhada, mirando algo lá embaixo.

Rallick desembainhou as facas e avançou rápido. Mas a exaustão o delatou quando suas botas se arrastaram na pedra.

Ocelote girou para ficar de costas no chão, com a arma apontada para Rallick. O rosto do líder de clã se retorceu em uma máscara de fúria e medo. Não perdeu tempo com palavras e imediatamente soltou a seta engatilhada na besta.

Rallick se preparou para receber o impacto que, tinha certeza, iria lançá-lo pela plataforma e, possivelmente, para além da beirada. Um lampejo vermelho diante de seu peito o deixou cego por um momento, mas não houve impacto. Piscando, Rallick olhou para baixo. A seta desaparecera. A verdade ocorreu no mesmo instante. A seta era mágica, criada por feitiçaria para voar sem impedimentos, mas o pó enferrujado de Baruk tinha funcionado. Esse pensamento ainda explodia em sua cabeça quando ele atacou.

Ocelote praguejou e deixou a besta cair. Enquanto estendia a mão para pegar sua faca, Rallick aterrissou sobre ele. Um grunhido alto escapou do líder de clã, que fechou os olhos de dor.

Rallick golpeou o peito de Ocelote com a adaga da mão direita. A arma arranhou uma cota de malha sob a camisa de tecido. Porcaria, o homem tinha aprendido com aquela outra noite, e aquilo era a precaução do próprio Rallick, que vinha confrontá-lo agora. Virou a lâmina da mão esquerda para cima, embaixo do braço direito de Ocelote. A ponta da arma atravessou a pele e continuou para dentro da axila do homem.

Rallick viu, a centímetros de seu rosto, a ponta da adaga emergir do tecido que cobria o ombro direito de Ocelote, seguida por um transbordamento de sangue. Ouviu uma faca deslizar pelos ladrilhos.

Exibindo os dentes, Ocelote levantou a mão em um lampejo para a nuca de Rallick, encontrando sua trança. Deu um puxão feroz, torcendo a cabeça do

assassino. Tentou cravar os dentes no pescoço de Rallick.

Ocelote arquejou quando Rallick enfiou o joelho entre suas pernas. Puxou novamente a trança que segurava, dessa vez mais perto da ponta.

Rallick ouviu o ruído seco de metal e tentou desesperadamente rolar para a direita. Apesar do braço ferido, Ocelote golpeou o corpo de Rallick com força suficiente para enfiar a cunha da faca de manopla por entre os elos da malha e em seu peito. Um fogo baço brotou da ferida. Ocelote arrancou a lâmina e, ainda segurando a trança de Rallick, recuou o braço para preparar outra punhalada.

Rallick ergueu o braço direito e, com um único movimento enérgico, cortou sua trança. Livre, ele se jogou para a direita enquanto puxava a faca da mão esquerda. Ocelote foi golpear ferozmente seu rosto, mas errou por centímetros.

Com toda a força restante em seu braço esquerdo, Rallick enfiou a faca na barriga de Ocelote. Elos se partiram, e a lâmina afundou até o cabo. O corpo do líder de clã se dobrou sobre a arma. Arfando, Rallick se atirou para a frente e fincou a outra adaga na testa de Ocelote. Depois ficou imóvel por um tempo, surpreso com a ausência de dor.

O plano agora dependeria de Murillio. Coll seria vingado. Murillio conseguiria dar conta, não tinha escolha. O corpo de Ocelote pareceu ficar mais pesado sobre ele, apesar do sangue que vertia.

– Sempre acreditei que me equiparava a este homem – resmungou Rallick.

Afastou-se com um empurrão do corpo que ainda se convulsionava e rolou de costas no meio da plataforma. Esperara ver o céu, olhar uma última vez para seu azul vivo e sem profundidade. Em vez disso, acabou encarando a face inferior do telhado do campanário, cujo arco de pedra antiga se encontrava pontuado por morcegos. Esse detalhe se fixou em sua cabeça, enquanto ele sentia o sangue jorrar de seu peito. Pensou que podia enxergar olhos como joias brilhando em sua direção.

Sem avistar nenhum outro sinal de movimento no campanário, o olhar de Paran se voltou para a avenida à esquerda. Vildron se aproximou, sentado em uma carroça puxada por dois cavalos. O guarda que esperava ao lado do cavalo de Coll disse:

– Me ajude aqui, está bem? Vamos descer o velho.

Paran desmontou e se apressou para auxiliá-lo. Olhou para o rosto de Coll. Embora ainda curvado na sela, ele estava inconsciente. Por quanto tempo mais iria aguentar? *Se fosse eu, estaria morto a esta altura*, pensou Paran.

– Depois de tudo isso – grunhiu, enquanto retiravam Coll da sela –, acho bom que você sobreviva.

Gemendo, Serrat rolou para ficar de costas no chão. O sol resplandecia sobre suas pálpebras enquanto os fragmentos dispersos de sua memória se reuniam. A tiste andii estivera prestes a tomar uma iniciativa quanto à mulher no beco lá embaixo. Com ela morta, sobraria apenas uma protetora do portador da moeda. E, quando deixassem o quarteirão do cortiço sob a cobertura da escuridão, iriam direto para a armadilha que ela preparara.

A maga assassina abriu os olhos para ver o sol da manhã acima. Suas adagas, que segurava ao se agachar na beira do telhado, jaziam sobre a superfície de seixos ao seu lado, caprichosamente deixadas lado a lado. Uma dor densa e aguda pulsava na parte de trás de seu crânio. Sondou o ferimento, encolhendo-se, depois se sentou.

O mundo girou, parando em seguida. Serrat ficou perplexa e furiosa. Tinha sido atacada de um ponto cego, e quem quer que o houvesse feito era bom, bom o bastante para passar despercebido por uma maga assassina tiste andii. E isso era preocupante, já que ainda não havia encontrado ninguém que se equiparasse a ela em Darujhistan, com exceção daqueles dois Garras na noite da emboscada. Mas, se houvesse sido um Garra, estaria morta àquela altura.

Em vez disso, as ações pareciam ter sido concebidas mais para atrapalhá-la do que para qualquer outra coisa. Deixá-la ali, à clara luz do dia, com as armas ao seu lado, sugeria uma sutileza e um senso de humor astuto. Oponn? Talvez, embora deuses raramente agissem de forma tão direta, preferindo agentes involuntários escolhidos entre as massas mortais.

Uma certeza surgiu do mistério, entretanto, e era a de que perdera a chance de matar o portador da moeda... Pelo menos, por mais um dia. Da próxima vez, jurou enquanto se punha em pé e acessava seu Labirinto Kurald Galain, seus

inimigos secretos iriam encontrá-la preparada.

O ar ao redor cintilou com feitiçaria. Quando assentou, Serrat já havia partido.

Partículas de pó flutuavam no ar morto e quente do sótão da Taberna da Fênix. O teto inclinado subia de 1,5 metro na parede leste para pouco mais de 2 metros na oeste. A luz do sol se infiltrava pelas janelas nas extremidade do cômodo comprido e estreito.

Tanto Crokus quanto Apsalar dormiam, embora em lados opostos da sala. Sentada em um caixote ao lado do alçapão, Meese limpava as unhas com uma lasca de madeira. Deixar o cortiço de Mammot e se encaminhar pelos telhados até aquele esconderijo se provara uma tarefa fácil. Fácil demais, na verdade. Irilta relatara que ninguém nas ruas os seguira. E os próprios telhados haviam estado vazios de qualquer vida. Era como se um caminho livre tivesse sido construído para eles.

Mais do brilhante trabalho da Enguia? Meese grunhiu baixo. Talvez. O mais provável era que Meese estivesse dando muita importância à inquietação instintiva que percorria seu corpo, como uma coceira. Mesmo agora, sentia olhos ocultos sobre eles, e isso, disse a si mesma, analisando o sótão bolorento, era impossível.

Depois de uma batida fraca, a tampa do alçapão foi levantada e Irilta apareceu.

– Meese? – sussurrou Irilta.

– Com um hálito quente bem na sua nuca – disse Meese, jogando a lasca de madeira no chão oleoso. – Diga a Scurve que este lugar é um incêndio esperando para acontecer.

Irilta grunhiu enquanto se alçava para dentro do sótão. Fechou o alçapão e limpou a poeira das mãos.

– A situação está ficando estranha lá embaixo. Uma carroça da cidade chegou e dela saiu um guarda com outro camarada carregando Coll. O velho tolo está quase morto por causa de um corte de espada. Eles o colocaram no quarto de Kruppe, um andar abaixo. Sulty correu para encontrar um amputador, mas a

coisa está feia. Bem feia.

Meese semicerrou os olhos no ar empoeirado, fitando Crokus, que ainda dormia.

– Como era a aparência do outro? – perguntou.

Irilta sorriu.

– Boa o bastante para me esfregar um pouco nele, eu diria. Contou que encontrou Coll na Inquietude de Jammit, sangrando muito. Coll acordou por tempo suficiente para pedir que fosse trazido para cá. O moço está lá embaixo na taberna agora, comendo o que daria para três homens se alimentarem.

Meese grunhiu.

– Estrangeiro?

Irilta se aproximou da janela que dava para a rua.

– Fala daru como se fosse nativo. Mas disse que veio do norte. De Pale, e Genabaris antes disso. Ele tem um jeito de soldado, eu diria.

– Alguma notícia da Enguia?

– É para mantermos o garoto aqui, por enquanto.

– E a garota?

– O mesmo.

Meese suspirou ruidosamente.

– Crokus não vai gostar de ficar engaiolado aqui em cima.

Irilta fitou a figura adormecida de Crokus. *O rapaz estava mesmo dormindo?*

– Não tem escolha. Ouvi dizer que há guardas esperando na casa de Mammot. Tarde demais, é claro, mas chegaram muito perto. – Irilta esfregou a poeira da janela e se inclinou para a frente. – Às vezes juro que acabei de ver alguém, ou talvez alguma coisa. Depois eu pisco e sumiu.

– Sei o que você quer dizer. – Meese ficou em pé, seus ossos estalando. – Acho que até a Enguia está começando a suar. – Ela riu. – As coisas estão esquentando, amiga. Tempos confusos estão por vir.

Irilta assentiu, sombria.

– Deixe rolar. Deixe rolar.

O capitão Paran encheu sua caneca pela terceira vez. Aquilo era o que o tiste

andii quisera dizer sobre sua sorte mudar? Desde que chegara àquela terra, encontrara três amigos, algo completamente inesperado e novo para ele. Precioso, na verdade. Mas a Tattersail que conhecia estava morta, e em seu lugar aparecera... *uma criança*. Toc estava morto. E parecia que Coll iria se juntar a essa lista.

Passou um dedo por uma poça de cerveja derrubada na mesa, criando um rio que seguia para uma fenda entre duas tábuas, depois observou a cerveja escorrer para baixo e sumir. Sentiu uma umidade crescente na canela direita, mas ignorou o fato, com os olhos focados na fenda. A madeira tinha sido aparafusada, unindo as tábuas espessas a uma armação igualmente robusta com as pernas.

O que Rake dissera? Paran se levantou e soltou o cinto da espada. Colocou-o sobre a mesa e puxou Acaso.

Os poucos clientes habituais do bar ficaram em silêncio e viraram para observá-lo. Atrás do balcão, Scurve estendeu a mão para sua clava.

O capitão não percebeu nada disso. Com a espada na mão direita, colocou a ponta na fenda e deixou a arma na vertical. Movendo-a para trás e para a frente, conseguiu enfiá-la até quase a metade do comprimento entre as tábuas. Em seguida, sentou-se novamente e alcançou a cerveja.

Todos se acalmaram e falaram entre si, em uma confusão compartilhada.

Paran tomou um gole de cerveja, franzindo o cenho para Acaso. O que Rake dissera? Quando sua sorte mudar, quebre a espada. Ou a dê para seu pior inimigo. Contudo, duvidava que Oponn aceitasse. E isso significava quebrá-la. A espada estava com ele há muito tempo. Usara a arma em batalha apenas uma vez, e tinha sido contra o Cão.

Vagamente, ouviu as palavras de um dos tutores de sua infância. O rosto enrugado do homem surgiu em seus pensamentos para acompanhar a voz:

– Dizem que aqueles que os deuses escolhem são primeiro separados dos outros mortais, à traição, para tirar deles a força de seu espírito. Os deuses vão tomar todos os que você ama, um por um, até a morte. E, enquanto você endurece, enquanto se transforma naquilo que buscam, os deuses sorriem e concordam. Cada companhia que você evita o deixa mais perto deles. É assim que moldam um instrumento, filho, jogar a isca e puxar o anzol, e o socorro final que lhe oferecem é o fim de sua solidão, o mesmo isolamento que eles o

ajudaram a criar. *Nunca seja notado, garoto*.

A moldagem tinha começado? Paran fez uma careta. Era o responsável por tirar a vida de Coll? O mero esboço de uma amizade entre eles seria o suficiente para selar o destino do homem?

– Oponn – sussurrou o capitão –, você tem muito o que responder, e responder você irá.

Baixou a caneca e ficou em pé. Estendeu a mão para a espada.

Subindo os degraus da Taberna da Fênix, Kalam parou. Merda, ali estava de novo aquela sensação de olhos invisíveis fixos nele. A sensação, nascida do treinamento de Garra, atingira-o quatro vezes, em rápida sucessão, desde que avistara a taberna. Escutar tais avisos era o que o mantinha vivo, mas não percebera malícia naquela atenção indesejada. Na verdade, estava mais para uma curiosidade entretida, como se quem quer que o observasse soubesse muito bem quem e o que ele era, mas não se preocupasse.

Sacudiu-se e entrou no bar. Assim que deu o primeiro passo em meio à atmosfera pesada e estagnada, Kalam soube que havia algo errado. Fechou a porta atrás dele e esperou seus olhos se acostumarem à penumbra. Ouviu respirações, o arrastar leve da mobília e o tinido de canecas baixando sobre os tampos das mesas. Então havia pessoas ali. E por que o silêncio?

Conforme os limites cinzentos do bar se tornavam definidos, viu que os frequentadores tinham as costas viradas para ele e observavam um homem em pé atrás de uma mesa do lado oposto do salão. A luz de lampião refletia de maneira baça o brilho de uma espada enfiada na mesa, e o homem fechara a mão sobre o cabo. Parecia ignorar todos no recinto.

Kalam deu meia dúzia de passos, aproximando-se da extremidade mais próxima do balcão. Seus olhos escuros permaneceram no homem com a espada, e uma careta aprofundou as linhas de sua testa larga e reta. O assassino parou. *Será um truque daquela porcaria de luz?*, perguntou-se.

– Não – disse Kalam, assustando o estalajadeiro do outro lado do balcão. – Não é.

Afastou-se do balcão, correndo os olhos pelos demais ocupantes do salão.

Todos locais. Teria que se arriscar.

Kalam sentiu o pescoço e os ombros tensos enquanto se encaminhava direto para o homem, que parecia prestes a quebrar a lâmina de sua espada. O assassino puxou uma cadeira vazia de uma mesa no caminho e a bateu com força no chão à frente do homem. Olhos espantados se fixaram em Kalam.

– Sua sorte dada por deuses continua, capitão – ribombou o assassino, em tom baixo. – Sente-se.

Com a expressão confusa e assustada, Paran soltou a arma e afundou de volta em sua cadeira. Kalam o imitou e se inclinou sobre a mesa.

– Que drama todo é esse, afinal? – perguntou, com um sussurro.

O capitão franziu o cenho.

– Quem é você?

Atrás deles, as conversas foram retomadas em voz alta, todos evidentemente tensos.

– Você não adivinhou? – Kalam balançou a cabeça. – Cabo Kalam, Nono Pelotão, Queimadores de Pontes. Da última vez que o vi, você se recuperava de dois ferimentos de faca fatais...

As mãos de Paran voaram e agarraram a camisa de Kalam. O assassino ficou muito surpreso para reagir, e as palavras do capitão o atordoaram ainda mais:

– O curandeiro de seu batalhão ainda está vivo, cabo?

– O quê? Vivo? Sim, claro, por que não? O que...

– Cale a boca – vociferou Paran. – Só ouça, soldado. Traga-o aqui. Agora! Sem perguntas. Estou lhe dando uma ordem direta, cabo. – Soltou a camisa do assassino. – Agora vá!

Kalam quase bateu continência, mas se conteve a tempo.

– Ao seu comando, senhor – sussurrou.

Paran fulminou as costas do cabo com o olhar até o homem desaparecer pela porta da frente. Ficou em pé logo em seguida.

– Estalajadeiro! – chamou, contornando a mesa. – O homem negro vai aparecer em alguns minutos, acompanhado. Mande-os para o quarto do Coll na mesma hora, entendido?

Scurve assentiu. Paran se dirigiu às escadas. Ao alcançá-las, lançou um olhar fulminante para sua espada.

– E não quero que ninguém toque naquela espada – ordenou, com o mesmo olhar passando por todos no salão.

Ninguém pareceu inclinado a desafiá-lo. Meneando a cabeça bruscamente com satisfação, o capitão subiu as escadas.

No primeiro andar, seguiu por um corredor até o último quarto à direita. Entrou sem bater e encontrou Sulty e um cirurgião local sentados à única mesa do quarto. A forma de Coll coberta por um lençol jazia imóvel sobre a cama.

O cirurgião se levantou.

– Não está nada bom – disse, com voz fina e fraca. – A infecção se espalhou muito.

– Ele ainda está respirando? – perguntou Paran.

– Está – respondeu o cirurgião. – Mas não continuará por muito mais tempo. Se o ferimento tivesse sido mais para baixo na perna, eu talvez fosse capaz de amputá-la. Mesmo assim, temo que o veneno já tenha se espalhado pelo corpo todo. Sinto muito, senhor.

– Saia – vociferou Paran. O cirurgião fez uma curta reverência e se preparou para partir. – Quanto lhe devo por seus serviços? – perguntou o capitão, lembrando-se disso.

O cirurgião franziu o cenho para Sulty.

– Ora, nada, senhor. Eu falhei.

E deixou o quarto, fechando a porta ao sair.

Sulty se juntou ao capitão ao lado da cama. Secou o rosto enquanto olhava para Coll, mas não disse nada. Minutos depois, ela também deixou o quarto, incapaz de permanecer ali.

Paran encontrou um banquinho e o puxou para perto da cama. Sentou-se e apoiou os antebraços nos joelhos. Não teve certeza de quanto tempo ficou sentado ali, fitando o chão cheio de palha, mas, quando a porta se escancarou atrás dele, ficou de pé em um salto.

Um homem de barba se encontrava à porta, seus olhos de um cinza-ardósia, duros e frios.

– Você é Marreta? – perguntou Paran.

O homem negou e entrou. Atrás dele, Kalam apareceu com outro homem. O olhar do último encontrou Coll, e ele se adiantou rápido para a cama.

– Sou o sargento Whiskeyjack – disse o homem de barba, sereno. – Desculpe minha franqueza, senhor, mas o que você está fazendo aqui?

Ignorando a pergunta, Paran se juntou ao curandeiro. Marreta pousou a mão sobre as bandagens cobertas de crostas. Lançou um olhar ao capitão.

– Você não consegue sentir o cheiro podre? Ele se foi. – Marreta franziu o cenho e se inclinou para a frente. – Não, espere... Caramba, não acredito. – O curandeiro pegou uma lâmina abaulada do bolso e retirou as bandagens. Começou, então, a cavar a ferida com a lâmina. – Pela misericórdia de Shedenul, alguém encheu isto de ervas! – Enfiou os dedos na ferida.

Coll se sacudiu e gemeu. Marreta sorriu.

– Ah, isso fez você se mexer, é? Ótimo. – Cutucou mais fundo. – Este corte está chegando quase no osso. – Suspirou, surpreso. – Estas ervas malditas envenenaram sua medula. Quem diabo tratou isto? – perguntou, encarando Paran de modo acusador.

– Não sei – respondeu Paran.

– Tudo bem – disse Marreta, tirando a mão e limpando-a nos lençóis. – Para trás, todo mundo. Me deem espaço. Mais um minuto, capitão, e este homem estaria atravessando o Portão do Encapuzado. – Pressionou o peito de Coll com a mão e fechou os olhos. – E fique feliz por eu ser tão bom assim.

– Então, capitão?

Paran foi até a mesa e gesticulou para o sargento se juntar a ele.

– Primeiro, a conselheira Lorn já entrou em contato com você? – perguntou Paran.

O olhar vazio de Whiskeyjack foi resposta suficiente.

– Ótimo, cheguei a tempo, então. – Paran lançou um olhar a Kalam, que se pusera atrás do sargento. – Armaram para vocês. O plano é, sim, tomar a cidade, mas também garantir que vocês todos sejam mortos no processo.

Whiskeyjack ergueu a mão.

– Um momento, senhor. Você e Tattersail descobriram isso?

Paran fechou os olhos por um instante.

– Ela está... morta. Perseguia Hairlock na planície Rhivi. Tayschrenn

alcançou-a. Também era intenção dela encontrar você e lhe dizer o que estou dizendo. Temo que não serei um aliado à altura dela se a conselheira aparecer, mas, pelo menos posso prepará-los um pouco.

– Não gosto da ideia de um peão de Oponn supostamente nos ajudando – disse Kalam.

Paran assentiu.

– Eu soube por uma autoridade no assunto que não pertenço mais a Oponn. Mas aquela espada lá embaixo pertence. O mago de seu pelotão pode confirmar isso.

– O plano da conselheira – lembrou Whiskeyjack, tamborilando devagar na mesa.

– A conselheira não terá dificuldade de encontrar vocês. Possui um talento nessa área. Mas temo que não seja ela a maior ameaça. Um t'lan imass a acompanha. Talvez a missão da conselheira seja simplesmente levá-lo até vocês. Ele dará conta do resto.

Kalam praguejou e começou a andar de um lado para outro atrás do sargento.

Whiskeyjack tomou uma decisão.

– A mochila, cabo.

O assassino enrugou a testa, pegando a mochila de provisões deixada ao lado da porta. Voltou e a pousou no tampo da mesa.

Whiskeyjack soltou as alças e tirou um objeto embrulhado em seda cor de vinho. Removeu o tecido, revelando ossos iguais amarelados de um antebraço humano. As articulações redondas da extremidade do cotovelo eram unidas por um fio de cobre oxidado; as extremidades do pulso também estavam cobertas, mas como se aquele fosse o cabo disforme de uma faca, de onde se projetava uma lâmina serrilhada.

– O que é isso? – perguntou o capitão. – Nunca vi nada assim.

– Eu ficaria surpreso se tivesse visto – disse Whiskeyjack. – Lá atrás, nos tempos do imperador, cada um daqueles pertencentes ao círculo mais interno de comandantes militares tinha um desses, o espólio de um túmulo k'chain che'malle saqueado. – Segurou os ossos com as duas mãos. – Era a fonte de boa parte de nosso sucesso, capitão.

O sargento se levantou e enfiou a ponta na mesa.

Um lampejo de luz branca explodiu dos ossos e depois se contraiu para um redemoinho girando como um fio entre eles. Paran ouviu uma voz que conhecia.

– Estava ficando preocupado, Whiskeyjack – grunhiu o Alto Punho Dujek.

– Inevitável – respondeu o sargento, franzindo o cenho na direção de Paran. – Tivemos pouco a relatar... até agora. Mas preciso saber a situação em Pale, Alto Punho.

– Você quer uma atualização antes de me contar as más notícias, é? É justo – disse Dujek. – Tayschrenn está tropeçando em círculos. A última vez que esteve feliz foi quando Bellurdan foi morto junto com Tattersail. Mais dois da Velha Guarda que se foram em um assalto brutal. Desde então, tudo o que ele tem são perguntas. Qual é o jogo de Oponn? Realmente aconteceu um confronto entre o Cavaleiro da Escuridão e Trono Sombrio? Uma marionete criada por transferência de alma sequestrou, torturou e matou um oficial da Garra em Nathilog; quais as verdades reveladas pelo pobre homem?

– Não sabíamos que Hairlock havia feito isso, Alto Punho.

– Acredito em você, Whiskeyjack. Em todo caso, planos suficientes da imperatriz *foram* descobertos e, de fato, ela parece convencida de que desmantelar o meu exército vai me arrastar de volta para baixo de suas asas a tempo de me encarregar do comando das guarnições das Sete Cidades e pôr um maldito fim na rebelião que fermenta por lá. Ela calculou muito errado nesse ponto. Se ao menos tivesse prestado atenção nos relatórios do Jovem Toc... Bem, as intenções de Laseen agora parecem estar assentadas sobre a conselheira Lorn e Onos T’oolan. Eles alcançaram o túmulo jaghut, Whiskeyjack.

Marreta se uniu a eles e encontrou o olhar atordoado de Kalam. Nitidamente, eles não faziam a menor ideia de que seu sargento estava tão bem informado. Uma suspeita se instalou na expressão do assassino, e Paran assentiu para si mesmo. Estava acontecendo, afinal.

– Os Moranthianos Negros estão prontos para marchar – continuou Dujek –, mas é só pelas aparências e para tirá-los da cidade. Então, para que estamos olhando, amigo? O equilíbrio do mundo está com vocês, em Darujhistan. Se Lorn e Onos T’oolan tiverem sucesso em libertar o tirano na cidade, pode ter certeza de que a intenção é que você e seu pelotão estejam na lista de baixas fatais. Mais perto de casa, aqui está o que você quer: estamos prontos para nos

mexer. O próprio Tayschrenn vai provocar consequências quando anunciar a dispersão dos Queimadores de Pontes... Aquele idiota cego. Agora estou esperando.

– Alto Punho – começou Whiskeyjack –, o capitão Paran conseguiu sobreviver. Está sentado na minha frente agora. A história dele é que Oponn está trabalhando através de sua espada, não dele. – Encarou o capitão. – Acredito nele.

– Capitão? – chamou Dujek.

– Sim, Alto Punho?

– Toc foi de alguma serventia?

Paran se encolheu.

– Ele deu sua vida por isso, Alto Punho. A marionete Hairlock nos apanhou numa emboscada, jogou Toc dentro de uma... uma fenda ou algo assim.

Houve silêncio, depois Dujek disse com voz áspera:

– Sinto muito por ouvir isso, capitão. Muito mais do que você pode imaginar. O pai dele... Bem, chega disso. Prossiga, Whiskeyjack.

– Ainda não conseguimos contatar a Sociedade de Assassinos local, Alto Punho. Mas minamos os cruzamentos. Explicarei tudo para meus homens hoje à noite. A pergunta que permanece é o que fazer com o capitão Paran.

– Entendido – respondeu Dujek. – Capitão Paran?

– Senhor?

– Você chegou a alguma conclusão?

Paran lançou um olhar a Whiskeyjack.

– Sim, senhor. Acho que sim.

– E então? Que escolha vai fazer, capitão?

Paran passou a mão no cabelo e se recostou na cadeira.

– Alto Punho – disse ele, devagar –, Tayschrenn matou Tattersail. – *E falhou, mas esse é um segredo que devo guardar para mim mesmo.* – O plano da conselheira incluía trair a promessa que me fez e provavelmente me matar no processo. Mas, admito, isso é secundário comparado ao que Tayschrenn fez. – Olhando para cima, encontrou o olhar firme de Whiskeyjack. – Tattersail cuidou de mim, e eu dela depois daquele Cão. Isso... – hesitou. – Isso significou algo, Alto Punho. – Aprumou-se. – Então, entendi que vocês pretendem desafiar a

imperatriz. Mas e depois? Vamos enfrentar as centenas de legiões do Império com dez mil homens? Vamos proclamar um reino independente e esperar Laseen fazer de nós um exemplo? Preciso de mais detalhes, Alto Punho, antes de decidir me unir a vocês. Porque quero vingança, senhor.

– A imperatriz perde Genabackis, capitão – respondeu Dujek. – Temos apoio para isso. Quando as forças armadas malazanas chegarem para reforçar a campanha, já estará acabado. A Guarda Escarlate nem os deixará desembarcar. Espere Nathilog se insurgir, e Genabaris a seguir. A aliança com os moranthianos está prestes a perder a força, embora eu tema não poder lhe dar detalhes sobre isso. Meus planos, capitão? Podem não fazer sentido, porque não tenho tempo para explicar. Mas estamos nos preparando para trazer um novo participante para o jogo, alguém completamente fora de tudo isso, e bem perverso. É chamado de Vidente de Pannion, e está preparando seu exército neste exato momento para uma guerra santa. Você quer vingança. Deixe Tayschrenn para os inimigos mais próximos de casa. Quanto a Lorn, ela é toda sua, se conseguir dar conta. Não posso lhe oferecer mais nada, capitão. Você pode dizer não. Ninguém o matará por isso.

Paran olhou para as mãos.

– Quero ser informado quando Tayschrenn receber o que merece.

– De acordo.

– Muito bem, Alto Punho. No que diz respeito à situação atual, prefiro que o sargento Whiskeyjack continue no comando.

– Whiskeyjack? – chamou Dujek, com um sorriso na voz.

– Aceito – respondeu o sargento. Sorriu para Paran. – Bem-vindo a bordo, capitão.

– É o bastante? – perguntou Dujek.

– Vamos nos falar quando tudo estiver acabado – disse Whiskeyjack. – Até lá, Alto Punho, e sucesso.

– Sucesso, Whiskeyjack.

Os fios de luz se desvaneceram. Assim que sumiram, Kalam contornou o sargento.

– Seu canalha velho! Violinista me disse que Dujek não queria saber de ninguém falando de revolta! Foi por isso que o Alto Punho lhe disse para fugir

depois dessa missão!

Whiskeyjack deu de ombros, tirando a estranha engenhoca da mesa.

– As coisas mudam, cabo. Quando Dujek conseguiu saber da conselheira sobre os reforços que virão no próximo ano, ficou óbvio que alguém estava se certificando de que a Campanha de Genabackis terminasse em desastre. Agora, nem mesmo Dujek pode tolerar isso. Obviamente, os planos teriam que ser revisados. – Encarou Paran, seus olhos endurecendo. – Sinto muito, capitão, mas Lorn precisa ficar viva.

– Mas o Alto Punho...

Whiskeyjack balançou a cabeça.

– Ela está a caminho da cidade, supondo que ela e o imass tenham conseguido libertar o jaghut. O tirano precisará de um motivo para vir a Darujhistan, e nós só podemos presumir que, de algum modo, Lorn será essa razão. Ela vai nos encontrar, capitão. Quando isso acontecer, decidiremos o que fazer com ela, dependendo do que nos disser. Se você desafiá-la abertamente, ela vai matá-lo. Se necessário, ela *terá* que morrer, mas sua queda será sutil. Você tem problemas com alguma dessas coisas?

Paran soltou a respiração lentamente.

– Você pode pelo menos explicar por que se adiantou e minou a cidade?

– Daqui a pouco – disse Whiskeyjack, levantando-se. – Quem é o homem ferido?

– Não está mais ferido – respondeu Marreta, sorrindo para o capitão. – Só dormindo.

Paran também se levantou, dizendo em seguida:

– Nesse caso, vou lhes explicar tudo. Só me deixem descer e reaver minha espada. – À porta, parou e se virou para Whiskeyjack. – Mais uma coisa. Onde está sua recruta, Piedade?

– Desaparecida – respondeu Kalam. – Sabemos o que ela é, capitão. Você sabe?

– Sim.

Mas ela pode não ser mais o que já foi, considerando que Trono Sombrio não mentiu. Pensou em relatar essa parte de sua história, mas descartou a ideia. Não podia ter certeza, afinal. Melhor esperar para ver.

A câmara fúnebre era uma tumba pequena e insignificante, em forma de colmeia. A cúpula baixa havia sido construída com pedras precariamente polidas. O túnel que dava ali era estreito e tinha menos de 1,20 metro de altura, um pouco inclinado para baixo. O chão da câmara era de terra batida, e em seu centro havia um muro circular de pedra, encimado por uma única pedra gigantesca. Objetos cobertos de gelo se encontravam sobre a superfície lisa.

Tool se virou para a conselheira.

– O objeto que você procura se chama finnest. Os poderes do tirano jaghut estão guardados dentro dele. Talvez a melhor forma de descrevê-lo seja um Labirinto Omtose Phellack autossuficiente. Ele vai descobrir que sumiu assim que despertar completamente e vai caçá-lo até encontrá-lo.

Lorn soprou as mãos dormentes, depois se aproximou devagar da viga de pedra.

– E enquanto estiver comigo? – perguntou ela.

– Sua espada de otataral enfraquecerá a aura do objeto. Não completamente. O finnest não deve permanecer em suas mãos por muito tempo, conselheira.

Ela vasculhou os objetos espalhados na superfície de pedra. O imass se juntou a ela. Lorn pegou uma faca embainhada, depois a descartou. Tool não podia ajudá-la nisso. Ela precisava contar com seus sentidos, afiados pelos efeitos estranhos e imprevisíveis do otataral. Um espelho colocado em uma galhada chamou sua atenção. A superfície de mica estava entrançada em uma teia de gelo, mas parecia cintilar com luz própria. Lorn estendeu a mão para o objeto, mas hesitou. Ao lado, quase perdido em meio a gelo cristalino, havia um objeto pequeno e redondo. Estava sobre uma aba de pele. Lorn franziu o cenho e o pegou.

Quando seu revestimento de gelo derreteu, ela viu que não era perfeitamente redondo. Lustrou a superfície escurecida e a analisou de perto.

– Acho que é uma bolota – disse Tool.

Lorn concordou com a cabeça.

– E é o finnest – disse a conselheira. Seu olhar recaiu sobre o monte de pedras coberto. – Que escolha esquisita.

O imass deu de ombros, com um estalido de ossos.

– Os jaghut são pessoas esquisitas.

– Tool, eles não eram muito belicosos, eram? Quer dizer, antes de seu povo tentar destruí-los.

O imass demorou a responder.

– Mesmo naquela época – disse, enfim –, o segredo era deixá-los furiosos, porque então saíam destruindo tudo indiscriminadamente, incluindo o próprio povo.

Lorn fechou os olhos por um instante. Pôs o finnest no bolso.

– Vamos sair daqui.

– Sim, conselheira. Neste exato momento, o tirano jaghut desperta.

CAPÍTULO 19

Mas alguém morreu aqui,
infelizmente. Quem bebe
disto de vez em quando
e desperta as cinzas
da própria pira?
Criador dos Caminhos, você
nunca foi tão sedento
na juventude...

Velho Templo, Sivyn Stor (nasc. 1022)

– Isso não está certo, Meese – comentou Crokus, esfregando os olhos sonolentos. – Não podemos ficar escondidos aqui para sempre.

– Está quase escuro – disse Apsalar da janela.

Meese se agachou outra vez para verificar a tranca da porta do alçapão.

– Vamos mudar vocês de lugar de novo depois da décima segunda badalada. Irilta está lá embaixo, se inteirando dos detalhes.

– Quem está dando essas ordens? – exigiu saber Crokus. – Vocês já encontraram o tio Mammot?

– Calma, menino. – Meese se aprumou. – Não, a gente não encontrou seu tio. E as ordens vêm de seus protetores. Não vou responder a nenhuma pergunta sobre quem eles são, Crokus, então poupe sua saliva.

Apsalar mudou de posição ao lado da janela para conseguir ver Meese.

– Sua amiga se foi há muito tempo – disse a moça. – Você acha que algo aconteceu?

Meese desviou o olhar. A menina era sagaz. Claro, Meese soubera disso desde que haviam se conhecido, e o velho Chert descobrira do pior modo.

– Não tenho certeza – admitiu. Curvou-se para destrancar o alçapão.

Ordenou, olhando feio para Crokus: – Vocês dois permaneçam onde estão. Não vou ficar feliz se fizerem alguma coisa estúpida. Entenderam?

O rapaz parecia mal-humorado, de braços cruzados. Observou Meese abrir o alçapão e descer a escada.

– Fechem isso depois que eu sair – disse ela, lá de baixo. – E tranquem. Esperem até ouvir a mim ou a Irilta, entenderam?

– Sim. – Crokus se adiantou para o buraco quadrado no chão e encarou Meese. – Entendemos – disse, segurando a porta e fechando-a. Trancou-a em seguida.

– Crokus, por que você matou um guarda? – perguntou Apsalar.

Era a primeira vez que ficavam sozinhos desde que haviam entrado na cidade. Crokus desviou o olhar.

– Foi um acidente. Não quero falar sobre isso. – Ele atravessou a sala até a janela dos fundos. – Todas essas pessoas tentando me proteger me deixam inquieto. Tem mais coisas acontecendo, além de uma ordem para me prender. Pelo sopro do Encapuzado, a Sociedade dos Ladrões cuida dessas coisas, é por isso que ficam com dez por cento de cada trabalho que faço. Não, nada disso faz sentido, Apsalar. – Destrancou a janela e disse: – E estou de saco cheio de todo mundo me dizer o que fazer.

Ela se aproximou dele.

– Vamos partir, então?

– Isso mesmo. Já é o crepúsculo e vamos seguir pelos telhados.

Puxou e a janela girou para dentro.

– Para onde? – perguntou Apsalar.

Crokus sorriu.

– Tenho um ótimo esconderijo em mente. Ninguém nos encontrará, nem meus protetores. Uma vez lá, poderei fazer o que quiser.

Os olhos castanhos de Apsalar buscaram seu rosto.

– O que você quer fazer? – murmurou ela.

O rapaz desviou o olhar, concentrando-se em manter a janela levantada.

– Quero conversar com Challice D’Arle. Cara a cara.

– Ela traiu você, não foi?

– Deixe isso pra lá. Você vai ficar aqui?

– Não – respondeu a moça, surpresa. – Vou com você, Crokus.

O poder do Labirinto arrepiou seu corpo. Serrat esquadrinhou a área mais uma vez, ainda sem ver nem sentir nada. Tinha certeza de estar sozinha. A tiste andii ficou tensa ao sentir a janela do sótão abaixo dela ranger para dentro nas dobradiças enferrujadas. Sabendo estar invisível, se inclinou para ver.

A cabeça do menino apareceu. Ele espiou o beco lá embaixo, os telhados em frente e os dos lados, depois olhou para cima. Seu olhar atravessou Serrat, e ela sorriu. Não demorara muito a encontrá-lo outra vez. A única companhia dele, ela conseguia sentir, era uma jovem cuja aura era inofensiva, surpreendentemente inocente. As outras duas mulheres não estavam mais no sótão. Excelente. Seria muito mais fácil. Deu um passo para trás quando o portador da moeda subiu no parapeito.

Um momento depois, Crokus escalou para o telhado inclinado e se deitou ali.

Serrat decidiu não perder tempo. Enquanto o portador da moeda ainda estava se levantando, saltou em direção a ele. Seu ataque encontrou uma mão invisível que se cravou em seu peito com uma força de esmagar ossos. Tal força a jogou de volta no ar, dando um último empurrão que a fez rodopiar para além da beira do telhado. Seus feitiços de invisibilidade e voo continuaram ativos, mesmo quando ricocheteou numa chaminé de tijolo, atordoada e flutuando.

Apsalar apareceu na beira do telhado. Crokus se agachou à frente dela com as adagas na mão, fulminando o ar à sua volta com o olhar.

– O que há de errado? – sussurrou ela, apavorada.

Devagar, Crokus se acalmou e deu a ela um sorriso preocupado.

– Só nervosismo – respondeu ele. – Achei que tinha visto algo, sentido um vento. Pareceu... Bom, deixe pra lá. – Olhou ao redor novamente. – Não há nada aqui. Vamos lá, então.

– Onde é esse seu novo esconderijo? – questionou Apsalar, ao chegar ao telhado.

O rapaz olhou para leste e apontou para as colinas sombreadas que se erguiam do outro lado da muralha.

– Ali. Bem debaixo do nariz deles.

Murillio afivelou o cinto da espada. Quanto mais esperava Rallick, mais certeza tinha de que Ocelote matara seu amigo. A única pergunta que permanecia era se Coll ainda estava vivo. Talvez Rallick houvesse feito o bastante, ferido Ocelote o suficiente para evitar que o líder de clã completasse o contrato. *Posso ter esperança, de todo modo*.

Saberiam na Taberna da Fênix, e cada minuto que passava fazia seu quarto simples parecer menor, mais apertado. Se Coll houvesse sobrevivido, Murillio jurara tentar assumir o papel de Rallick no plano. Verificou seu florete. Fazia anos desde seu último duelo, e Turban Orr era considerado o melhor espadachim da cidade. Suas chances pareciam reduzidas.

Pegou a capa e atou as cordas do colarinho ao redor do pescoço. E quem era o tal de Rompedor de Círculos, com todas aquelas notícias devastadoras? Como a tal Enguia justificava seu envolvimento com os esquemas deles? Os olhos de Murillio se estreitaram. Seria possível? Aquele anãozinho gordo?

Colocou suas luvas de pele de corça, resmungando baixo.

Um arranhão na porta chamou sua atenção. Soltou um suspiro alto de alívio.

– Rallick, seu velho idiota! – disse Murillio, ao abrir a porta.

Por um instante, achou que o corredor estivesse vazio, mas seu olhar desceu para o chão. O assassino jazia ali, suas roupas encharcadas de sangue, olhando-o com um sorriso fraco.

– Desculpe, estou atrasado – justificou-se Rallick. – Minhas pernas não param de fraquejar.

Praguejando, Murillio ajudou Rallick a entrar no quarto e chegar à cama. Voltou para a porta e, depois de examinar o corredor, fechou-a e trancou-a.

Rallick apoiava as costas na cabeceira.

– Orr ofereceu um contrato pela morte de Coll...

– Eu sei, eu sei – disse Murillio, aproximando-se. Ajoelhou-se ao lado da cama. – Vamos ver seu ferimento.

– Preciso tirar minha armadura primeiro – informou Rallick. – Ocelote me acertou uma vez. Depois o matei. Coll ainda está vivo, até onde sei. Que dia é

hoje?

– O mesmo dia – respondeu Murillio, ajudando o amigo a tirar a cota de malha. – Ainda estamos dentro do cronograma, embora, com todo esse sangue, pareça que você não vai duelar contra Orr no Festival de Simtal. Eu cuido disso.

– Ideia estúpida – gemeu Rallick. – Você será morto e Turban Orr vai embora, ainda servindo de apoio a lady Simtal e poderoso o bastante para evitar que Coll reivindique seus direitos.

Murillio não respondeu. Puxou o acolchoado de couro para expor o ferimento.

– Por que tem todo esse sangue em você? – exigiu saber. – Não há nada aqui, exceto uma cicatriz de uma semana.

– Como é?

Rallick sondou o local onde a faca de manopla de Ocelote o acertara. Estava delicadamente macio ao toque, coçando nas bordas. Ele resmungou:

– Que surpreendente! Bem, me arranje uma toalha de rosto para eu conseguir limpar toda essa ferrugem.

Murillio se sentou sobre os calcanhares, claramente confuso.

– Que ferrugem?

– A coisa em meu rosto – disse Rallick, fazendo uma careta para o amigo.

Murillio se inclinou para mais perto.

– O pó enfraquecedor de magia de Baruk! – vociferou o assassino. – Como você acha que consegui matar Ocelote?

– Seu rosto está limpo, Rallick – disse Murillio. – Você pode usar uma toalha de rosto. Vamos tirar todo esse sangue seco de você, em todo caso.

– Me dê um espelho antes – pediu Rallick.

Murillio encontrou um e ficou observando Rallick analisar o próprio reflexo pálido, que mostrava uma carranca severa. Então, disse secamente:

– Bem, essa cara confirma para mim.

– Confirma o quê? – perguntou o assassino, em tom ameaçador.

– Que você é você, Rallick. – Murillio aprumou os ombros. – Descanse aqui por um tempo. Você perdeu muito sangue. Vou sair para encontrar a Enguia e lhe dizer poucas e boas.

– Você sabe quem é a Enguia?

Murillio se dirigiu para a porta.

– Tenho um palpite. Se conseguir andar, tranque a porta quando eu sair, está bem?

Kruppe secou a testa com seu lenço amassado e ensopado.

– Kruppe verbalizou cada detalhe pelo menos mil vezes, mestre Baruk – reclamou. – Esta provação nunca vai acabar? Olhe a janela lá. Um dia inteiro da vida de Kruppe se passou!

O alquimista, sentado, franzia o cenho para seus chinelos, ocasionalmente torcendo os dedos dos pés enquanto os minutos passavam. Era como se houvesse esquecido da presença de Kruppe na sala, e assim estivera durante toda a hora anterior, não importando o quanto Kruppe falasse.

– Mestre Baruk – tentou Kruppe outra vez –, seu servo leal poderia partir? Ele ainda não se recuperou da jornada horrorosa nos descampados orientais. Comidas simples, como carneiro assado, batatas, cebolas e cenouras fritas, mexilhões em manteiga de alho, tâmaras, queijo, peixe defumado e uma jarra de vinho, ocupam a mente de Kruppe acima de todo o resto. A isso ele foi reduzido, seu mundo se contraindo rapidamente como seu estômago...

– Durante o último ano – disse Baruk, devagar –, um agente da Enguia, conhecido por mim como Rompedor de Círculos, tem me fornecido informações vitais referentes ao conselho da cidade.

A boca de Kruppe se fechou com um estalo audível.

– Está em meus poderes, é claro, identificar esse Rompedor de Círculos em meu tempo livre – continuou Baruk. – Tenho umas vinte cartas escritas por ele de próprio punho. O pergaminho em si basta. – Ele ergueu os olhos e os fixou na cornija da lareira. – Estou considerando fazer isso. Devo falar com essa Enguia. Chegamos a um momento crítico na vida de Darujhistan, e devo conhecer os propósitos da Enguia. Poderíamos trabalhar numa aliança próxima, compartilhando tudo o que sabemos, e talvez seja possível salvar a vida desta cidade... Talvez.

Kruppe pigarreou e secou a testa outra vez. Dobrou o lenço com cuidado no colo, depois o enfiou dentro de uma manga.

– Se você desejar transmitir tal mensagem, Kruppe pode fazer esse favor ao mestre Baruk – disse, baixo.

O olhar de Baruk caiu calmamente sobre Kruppe.

– Obrigado. Em quanto tempo terei a resposta?

– Esta noite – disse Kruppe.

– Excelente. Admito ter uma resistência contra minha decisão de comprometer o Rompedor de Círculos. O meio que você oferece parece melhor. Pode ir agora, Kruppe.

A cabeça de Kruppe se curvou. Ele se levantou.

– Até hoje à noite, então, mestre Baruk.

Coll dormia enquanto os homens na sala continuavam a discussão. Marreta disse que o homem poderia muito bem dormir por alguns dias, estando o Portão do Encapuzado tão perto quanto estivera.

Paran se sentia frustrado. Faltava alguma coisa nas explicações de Whiskeyjack. Os sabotadores haviam se adiantado em colocar as minas e, mesmo agora, detoná-las ainda estava nos planos do sargento. Além disso, os esforços para entrar em contato com a Sociedade de Assassinos de Darujhistan continuavam, com o propósito de oferecer um contrato pelas cabeças dos verdadeiros governantes de Darujhistan. Esses fatos dificilmente complementavam a ideia de uma revolta em massa abrangendo todo o continente. Em vez disso, Dujek não deveria estar buscando alianças locais?

Conforme o sargento prosseguia, cada vez mais coisas do que o homem dizia se encaixavam na mente do capitão, que sentiu um padrão surgir. Quebrou seu silêncio de uma hora e se dirigiu a Whiskeyjack:

– Você ainda pretende aleijar Darujhistan. Fico pensando nisso e acho que descobri por quê. – Contemplou a expressão vazia de Whiskeyjack. – O que você procura é arruinar a cidade. Caos nas ruas, um governo sem liderança. Todos que importam aparecem e matam uns aos outros. O que isso deixa? – Paran se inclinou para a frente, com os olhos sérios. – Dujek tem um exército de dez mil homens, prestes a se transformarem em foras da lei do Império. Manter dez mil soldados é caro. Alojá-los é ainda mais difícil. Dujek sabe que os dias de

Pale estão contados. Caladan Brood está marchando pela planície Rhivi agora mesmo. Os moranthianos estão prestes a sair da aliança? Talvez de fazer uma manobra própria? Tayschrenn está em Pale. Talvez o velho Umbraço consiga lidar com ele, talvez não. Como estou indo até agora, sargento?

Whiskeyjack lançou um olhar a Kalam, depois deu de ombros.

– Continue – disse ele a Paran.

– Darujhistan está tomada pelo pânico. Ninguém sabe de nada. Dujek marcha para dentro, com o exército rebelde atrás dele. Vai ajeitar as coisas. Riqueza além das medidas cairá em seu colo, e precisará dela para enfrentar o que a imperatriz enviar em seu encalço. Então, a cidade será conquistada, no fim das contas. Que surpresa – concluiu, recostando-se na cadeira.

– Nada mau – admitiu Whiskeyjack, sorrindo ante a surpresa no rosto de Marreta e de Kalam. – Está faltando uma parte. – Ele fitou Paran. – Algo que pode aliviar a sensação de traição do capitão, se não o seu ultraje.

O sorriso de Paran foi frio.

– Surpreenda-me.

– Está bem, capitão. Não damos a mínima se a imperatriz vier atrás de nós. Ela não terá muito como fazer isso, já que Sete Cidades está a dias de reclamar sua independência. Está desmoronando, capitão. Por todos os lados. Então, por que mantemos nosso exército? Olhe para o sul. Algo está crescendo ali, tão feio que faz os imass parecerem gatinhos. Quando digo que estamos com problemas, não me refiro só a Genabackis, eu me refiro ao mundo. Estamos todos prestes a lutar, capitão. E é por isso que precisamos de Darujhistan.

– O que há no sul? – perguntou Paran, cético.

Kalam respondeu, suas palavras saindo com um sopro de medo:

– O Vidente de Pannion. Os rumores são verdade, então. O Vidente proclamou uma guerra sagrada. O genocídio começou.

Whiskeyjack ficou em pé.

– Explique para o homem – disse o sargento a Kalam. – A Sociedade ainda precisa ser contatada, se possível. O Encapuzado sabe que nós nos mostramos bastante nesta taberna. Mas pode ser necessário. – Ele fitou Paran. – Capitão, não acho que a conselheira Lorn saiba que você está vivo. Você acha?

– Não.

– Você pode ficar aqui até eu chamá-lo?

Paran lançou um olhar a Kalam e assentiu.

– Ótimo. Marreta, vamos.

– Perdemos pelo menos dois dias – declarou Lorn, grata pelo calor persistente do dia. – Os cavalos estão morrendo de sede.

Tool estava perto da marca destruída do túmulo, observando a conselheira preparar seus cavalos para a jornada até Darujhistan.

– Como vai seu ferimento, conselheira? – perguntou.

– Quase curado – respondeu ela. – Otataral tem esse efeito sobre mim.

– Minha tarefa está terminada – disse o imass. – Se desejar me acompanhar depois de ter terminado sua missão, poderei ser encontrado aqui nos próximos dez dias. Desejo observar esse tirano jaghut, embora ele não vá me ver nem eu vá interferir. Meus pensamentos de sucesso estão com você, conselheira.

Lorn montou seu cavalo e encarou o imass de cima.

– Que sua busca corra bem, Onos T’oolan.

– Esse nome é passado. Sou Tool agora.

Ela sorriu, pegou as rédeas e esporeou a montaria, impelindo-a adiante. O cavalo de carga seguiu atrás. Uma vez que o finnest estivesse fora de suas mãos, iria focar seus talentos em descobrir o portador da moeda. Até então, não havia se permitido pensar em Oponn. Havia tido muitas outras preocupações mais imediatas, como Piedade.

A perda do capitão a encheu de uma sensação de remorso. O homem teria tornado sua tarefa muito mais fácil, talvez até mesmo aprazível. Embora fosse um homem taciturno, que ficava mais implacável a cada minuto, precisava admitir que fora atraída por ele. Poderia ter havido alguma coisa entre eles.

– Bem... – Lorn suspirou, incitando seu cavalo a subir uma encosta. – Morrer nunca está nos planos de ninguém.

A estimativa de Tool lhe dava no máximo dois dias. Depois, o jaghut estaria completamente acordado e livre do túmulo. O finnest teria que estar seguro no devido lugar muito antes disso. Ansiava por encontrar Piedade; por instinto, roçou a mão no pomo da espada. Matar uma serva da Sombra, talvez a própria

Corda. A satisfação da imperatriz seria imensa.

Percebeu que as dúvidas que a haviam atormentado, nascidas naquelas asas negras do conhecimento, jaziam adormecidas. Um efeito de seu tempo no túmulo? Mais provável que fosse a bolota em seu bolso. Ou talvez tivesse se movido inconscientemente para além delas. *Quando a hora da ação chegar, todas as dúvidas devem ser descartadas*. Uma velha doutrina da Garra. Conhecia-se bem e sabia como controlar tudo o que estava dentro dela. Anos de treinamento, disciplina, lealdade e dever. As virtudes de um soldado.

Estava pronta para sua missão, e, com a compreensão desse fato, o peso em seus ombros desapareceu. Fez sua montaria acelerar em um galope.

Crokus esticou o pescoço e semicerrou os olhos para a escuridão acima.

– Direto para o topo. Podemos ver a cidade inteira dali.

Apsalar fitou as escadas, em dúvida.

– Está terrivelmente escuro – comentou a garota. – Tem certeza de que essa torre é abandonada? Quero dizer, meu pai me contava histórias sobre fantasmas, monstros mortos-vivos, e eles sempre vivem em lugares em ruínas. – Observou ao redor com os olhos arregalados. – Lugares exatamente como este.

Crokus gemeu.

– O deus K’rul está morto há milhares de anos – disse o rapaz. – Além disso, ninguém vem aqui, então o que todos esses monstros fariam com o tempo livre? O que iriam comer? Sério! Histórias estúpidas. – Foi até o pé da escada em espiral. – Venha, a visão vale a pena.

Ela observou Crokus subir e se apressou para segui-lo antes que ele desaparecesse de vista. O que antes parecera ser escuridão impenetrável lentamente se desvaneceu para um cinza, e Apsalar ficou surpresa de ser capaz de discernir até mesmo os mínimos detalhes. As primeiras coisas que notou foram as pinturas manchadas de fuligem na parede à sua esquerda. Cada painel de pedra tinha a largura de um único degrau, erguendo-se a quase 2 metros, em uma procissão recortada que imitava os degraus.

– Crokus – sussurrou ela. – Tem uma história pintada nesta parede.

Crokus fungou.

– Não seja ridícula! Você não consegue ver nem um palmo à frente aqui – disse ele.

Não consigo?, perguntou-se Apsalar.

– Espere até chegarmos ao topo – continuou Crokus. – Aquelas nuvens que vimos já deverão ter saído da frente da lua a esta altura.

– Tem algo molhado nesses degraus – observou Apsalar.

– Vazamento lá do topo – explicou ele, exasperado.

– Não, não é – insistiu ela. – É espesso e pegajoso.

Crokus parou no degrau acima do dela.

– Olhe, dá para ficar quieta por um minuto? Estamos quase lá.

Emergiram em uma plataforma banhada pelo brilho prateado da lua. Perto de um dos muros baixos, Crokus viu uma pilha de roupas.

– O que é aquilo? – perguntou ele. – Parece que alguém esteve acampado aqui.

Apsalar sufocou um arquejo.

– É um homem morto!

– O quê? – sibilou Crokus. – Outro não! – Avançou para a figura encolhida e se agachou ao seu lado. – Abençoada Mowri, alguém o apunhalou na cabeça.

– Tem uma besta aqui.

Ele grunhiu.

– Um assassino. Eu vi um igual a este assassinado aqui na semana passada. Há uma guerra entre assassinos acontecendo. Bem como eu disse a Kruppe e Murillio.

– Olhe para a lua – sussurrou Apsalar, do outro lado da plataforma.

Crokus estremeceu. Ela às vezes ainda era fria.

– Qual delas? – perguntou o rapaz, levantando-se.

– A brilhante, é claro.

Teimoso, Crokus olhou para a Cria da Lua em vez disso. Um fraco brilho avermelhado se irradiava de lá, algo que nunca vira antes. Um verme de medo se contorceu em seu estômago. Seus olhos se arregalaram. Cinco formas aladas gigantescas pareciam deslizar pela face da Lua, tomando a direção nordeste. Piscou... e haviam desaparecido.

– Você vê os oceanos dela? – perguntou Apsalar.

– O quê?

Ele se virou.

– Os oceanos. O mar Grallin. É o grande. O Senhor das Águas Profundas que vive lá se chama Grallin. Ele cuida de vastos e lindos jardins submersos. Grallin descerá para nós, um dia, para nosso mundo. E vai reunir seus escolhidos e levá-los para seu mundo. E viveremos nesses jardins, aquecidos pelos fogos profundos, e nossos filhos vão nadar como golfinhos, e seremos felizes, já que não haverá mais guerras nem impérios, nem espadas e escudos. Ah, Crokus, vai ser maravilhoso, não vai?

A silhueta dela aparecia de perfil. Ele a encarou.

– É claro – disse ele, baixo. – Por que não?

E então aquela pergunta se repetiu em sua cabeça, por uma razão inteiramente diferente. *Por que não?*

LIVRO VII

O Festival

O Esfolamento de Fander, a Loba do Inverno, marca
a Aurora de Gedderone. As sacerdotisas correm pelas
ruas com tiras de pele de lobo serpenteando de suas
mãos. Bandeiras são desenroladas. Os sons e cheiros
do mercado sobem no ar matinal. Máscaras são
colocadas, os cidadãos abandonam as preocupações do
ano e atravessam o dia dançando até a noite.
A Senhora da Primavera nasce outra vez.
É como se os próprios deuses prendessem a respiração...

Faces de Darujhistan
Markral Jemre (nasc. 1101)

CAPÍTULO 20

Dizem que o sangue
gelado da matrona gerou neste
mundo um nascimento de dragões,
e este rio, corrente do destino,
trouxe luz à escuridão e escuridão à luz,
revelando finalmente em olhos gélidos
os filhos do caos...

Filhos de T'matha, Heboric

Murillio se questionou outra vez sobre o ferimento curado de Rallick. Já concluíra que, qualquer que fosse o pó enfraquecedor de magia de Baruk que o assassino usara, fora o responsável pela cura. Contudo, Rallick havia perdido muito sangue e precisaria de tempo para se recuperar – tempo que não tinham. O assassino seria capaz de matar Orr agora?

Em resposta à própria pergunta, Murillio pousou a mão no florete ao seu lado. Caminhava pela rua vazia, rompendo as névoas baixas que rodopiavam como capas incandescentes à luz a gás. A aurora ainda demoraria duas horas. Como era o costume daru, as celebrações do ano-novo começariam com o nascer do sol, durando o dia inteiro e entrando pela noite.

Caminhava por uma cidade silenciosa, como se fosse o último dos vivos a fugir do tumulto do ano anterior, como se agora compartilhasse o mundo com fantasmas lançados entre os mortos do ano. As Cinco Presas haviam ficado para trás no ciclo antigo e, em seu lugar, vivia o Ano das Lágrimas da Lua. Murillio refletiu acerca de expressões tão obscuras e arcanas. Um disco imenso de pedra no Salão da Majestade marcava o Ciclo da Era, nomeando cada ano de acordo com seus mecanismos móveis misteriosos.

Quando criança, pensara que se tratava de uma roda mágica, pela lentidão com a qual girava enquanto o ano passava, chegando ao novo ano alinhada precisamente com a aurora, havendo nuvens no céu ou não. Mammot explicara para ele, na época, que a roda era, na verdade, uma máquina. Fora um presente dado a Darujhistan mais de mil anos antes por um homem chamado Icarium. Mammot acreditava que Icarium possuía sangue jaghut. Em todos os relatos, ele montava um cavalo jaghut e um trell caminhava ao seu lado; evidência clara, Mammot afirmara, que aumentava o maravilhamento da roda em si, pois os jaghut eram conhecidos por terem habilidades em tais criações.

Murillio se perguntou sobre o significado dos nomes que cada ano trazia. A proximidade entre as Cinco Presas e as Lágrimas da Lua guardava uma profecia, de acordo com os Videntes. As presas do javali Tennerock eram chamadas Ódio, Amor, Riso, Guerra e Lágrimas. Qual Presa se mostraria dominante no ano? O nome do novo ano era a resposta. Murillio deu de ombros. Via tudo isso com um olhar cético. Como um homem de mil anos antes, jaghut ou não, poderia prever tais coisas?

Ainda assim, ele admitia mais do que alguns receios. A chegada da Cria da Lua lançava nova luz ao nome do novo ano, e ele sabia que os acadêmicos locais, particularmente aqueles que circulavam entre os nobres, haviam ficado bastante agitados e irritadiços. Bem diferentes de seus costumeiros modos condescendentes.

Murillio virou uma esquina ao se aproximar da Taberna da Fênix e colidiu com um homem baixo e gordo de colete vermelho. Ambos grunhiram, e três caixas grandes que o homem estava carregando caíram entre eles, derrubando o conteúdo.

– Sim, ora, Murillio! Tal é a sorte por que Kruppe é conhecido! Assim sua busca termina, aqui nesta rua úmida e escura onde até mesmo os ratos evitam a sombra. O quê? Algo errado, amigo Murillio?

Ele fitou os objetos nos paralelepípedos a seus pés. Devagar, Murillio perguntou:

– Para que isso, Kruppe?

Kruppe se adiantou e franziu o cenho para três máscaras habilmente esculpidas.

– Presentes, amigo Murillio, é claro. Para você e Rallick Nom. – Olhou para cima, com um sorriso angelical. – Afinal, o Festival de lady Simtal exige o melhor do artesanato, o visual mais delicado, perfeitamente atrelado a um propósito irônico. Você não acha que o gosto de Kruppe é dispendioso o bastante? Você teme embaraço?

– Você não vai me distrair desta vez – grunhiu Murillio. – Para começo de conversa, há três máscaras aqui, não duas.

– De fato! – retrucou Kruppe, abaixando-se para pegar uma delas. Limpou manchas de lama do rosto pintado. – Esta é a de Kruppe. Bem escolhida, Kruppe declara com certo orgulho.

Os olhos de Murillio endureceram.

– Você não vai, Kruppe.

– Bem, é claro que Kruppe vai comparecer! Você acha que lady Simtal se ofereceria à vista se seu conhecido de longa data, Kruppe, o Primeiro, não fosse comparecer? Ora, ela morreria de vergonha.

– Maldição, você nem mesmo conhece Simtal!

– Isso não é relevante para o argumento de Kruppe, amigo Murillio. Kruppe é familiarizado com a existência de Simtal há muitos anos. Tal associação se torna mais perfeita, ou melhor, mais imaculada, pelo fato de que ela não conhece Kruppe nem Kruppe a conhece. E, o argumento final criado para encerrar qualquer discussão... – Ele puxou de sua manga um rolo de pergaminho, amarrado com um laço de seda azul. – Aqui está o convite de Kruppe, assinado pela própria lady.

Murillio estendeu a mão para pegá-lo, mas Kruppe guardou o pergaminho rapidamente em sua manga.

– Rallick vai matar você – disse Murillio, serenamente.

– Bobagem. – Kruppe pôs a máscara no rosto. – Como o rapaz vai reconhecer Kruppe?

Murillio analisou o corpo redondo do homem, o colete vermelho desbotado, os punhos pregueados e os cachos curtos e oleosos de seu cabelo.

– Deixe para lá. – Suspirou.

– Excelente – disse Kruppe. – Agora, por favor, aceite essas duas máscaras, presentes do amigo Kruppe. Uma viagem está salva e Baruk não precisa esperar

mais por uma mensagem secreta que não deve ser mencionada. – Recolocou sua máscara na caixa, depois se virou para observar o céu a leste. – Estou partindo para a residência do alquimista, então. Boa noite, amigo...

– Espere um minuto – pediu Murillio, segurando o braço de Kruppe e voltando-o para si. – Você viu Coll?

– Ora, claro. Ele está num sono profundo, convalescendo de suas provações. Foi curado magicamente, disse Sulty. Por um estranho, ainda por cima. Foi trazido por um segundo estranho, que encontrou ainda um terceiro estranho, que, por sua vez, trouxe um quarto estranho, na companhia do estranho que o curou. E assim vai, amigo Murillio. Feitos estranhos, de fato. Agora, Kruppe deve ir. Adeus, amigo...

– Ainda não – rosnou Murillio.

Olhou ao redor. A rua ainda estava vazia. Inclinou-se para a frente.

– Descobri algumas coisas, Kruppe. O fato de o Rompedor de Círculos ter me contatado pôs tudo em ordem na minha mente. Sei quem você é.

– Ah! – gritou Kruppe, recuando. – Não vou negar, então. É verdade, Murillio, Kruppe é lady Simtal, conspiradoramente disfarçado.

– Não desta vez. Sem distrações. Você é a Enguia, Kruppe. Todo esse falatório, coisa de rato suado e manso, é só uma atuação, não é? Você tem metade desta cidade no bolso, Enguia.

Com os olhos arregalados, Kruppe apanhou o lenço da manga e secou a testa. Torceu suor dele, gotas pingando nos paralelepípedos, então uma verdadeira torrente salpicou as pedras.

Murillio rosnou uma risada.

– Chega de truques mágicos, Kruppe. Conheço você há muito tempo, lembra? Eu já o vi lançar seus feitiços. Você enganou a todos, menos a mim. Mas não vou contar a ninguém. Não precisa se preocupar. – Sorriu. – Por outro lado, se não admitir aqui e agora, posso ficar irritado.

Suspirando, Kruppe pôs o lenço de volta na manga.

– A irritação é desnecessária – disse, balançando os dedos enquanto movia a mão.

Murillio piscou, zonzo de repente. Esfregou a testa e franziu o cenho. *Sobre o que estavam falando? Não devia ser importante.*

– Obrigado pelas máscaras, amigo. Elas serão úteis, tenho certeza.

Sua careta aumentou. Que coisa perturbadora para se dizer! Não estava bravo por Kruppe ter descoberto as coisas nem pelo homenzinho gordo comparecer ao Festival. Que esquisito!

Que bom que Coll está bem, não é? – murmurou Murillio. – Melhor eu voltar e ver como está Rallick.

Sorrindo, Kruppe assentiu.

– Até o Festival, então, até já, Murillio, melhor e mais querido amigo de Kruppe.

– Boa noite – despediu-se Murillio, virando-se para voltar pelo caminho por onde viera.

Precisava dormir. Todas aquelas noites indo tarde para a cama estavam cobrando seu preço. Era esse o problema.

– Claro... – murmurou, e voltou a andar.

Com as feições obscurecendo, Baruk contemplou o tiste andii reclinado na cadeira à sua frente.

– Não acho que seja uma ideia muito boa, Rake.

O Senhor arqueou a sobrancelha.

– Pelo que entendo dessas coisas, o evento inclui vestir disfarces – disse ele, com um leve sorriso. – Você teme que eu não tenha bom gosto?

– Não tenho dúvida de que seu traje será adequado – rosnou Baruk. – Particularmente se escolher o figurino de um senhor da guerra tiste andii. É o Conselho que me preocupa. Nem todos são tolos.

– Eu ficaria surpreso se fossem – disse Rake. – Na verdade, gostaria que você apontasse os mais astutos. Não imagino que vá refutar minha suspeita de que há aqueles no Conselho que buscam pavimentar o caminho para a imperatriz. Por um preço, é claro. Poder vem à mente. Nobres se aprofundando nas negociações comerciais sem dúvida babam diante da expectativa de comércio com o Império. Estou assim tão fora da realidade, Baruk?

– Não – admitiu o alquimista, amargamente. – Mas temos isso sob controle.

– Ah, sim – concordou Rake. – Isso me faz lembrar meu outro motivo para

desejar comparecer ao Festival dessa lady Simtal. Como você disse, o poder da cidade está lá. Presumo que isso inclua os magos de sua Conspiração T’orrud.

– Alguns vão comparecer – confessou Baruk. – Mas devo lhe dizer, Anomander Rake, que seu desastre com a Sociedade dos Assassinos fez uma boa parte deles lamentar nossa aliança. Não vão apreciar sua presença nem um pouco.

O sorriso de Rake voltou.

– A ponto de revelarem sua comunidade para membros astutos do Conselho? Acho que não. – Levantou-se, com um movimento fluido. – Eu gostaria de comparecer a esse Festival. Meu povo tem pouco apreço por tais festas sociais. Há momentos em que me canso de suas preocupações taciturnas.

O olhar de Baruk se focou no tiste andii.

– Você suspeita de uma convergência, não é? Uma reunião brutal de poderes, como limalhas de ferro atraídas por um ímã.

– Com tanto poder reunido em um lugar, é provável – admitiu Rake. – Prefiro estar à frente em tais circunstâncias. – Seus olhos permaneceram nos de Baruk, a cor mudando de um verde-acastanhado para âmbar. – Além disso, se esse evento é tão conhecido publicamente como sugere, os agentes do Império que estão na cidade saberão a respeito. Se desejam arrancar o coração de Darujhistan, não haverá oportunidade melhor.

Baruk mal reprimiu um calafrio.

– Guardas extras foram contratados, é claro. Se um Garra do Império atacar, encontrará o lugar repleto de magos da T’orrud também. – Pensou por um momento, depois meneou a cabeça, cansado. – Está bem, Rake. Simtal o aceitará como meu convidado. Você vai usar um disfarce eficaz?

– Naturalmente.

Baruk ficou em pé e foi até a janela. Lá fora o céu começara a empalidecer.

– E então ele começa – sussurrou o alquimista.

Rake se juntou a ele.

– O que começa?

– O novo ano – respondeu Baruk. – O passado foi o das Cinco Presas. A aurora que você vê marca o nascimento do Ano das Lágrimas da Lua.

Lorde Anomander Rake ficou tenso. Baruk notou.

– De fato. Uma coincidência incomum, embora eu lhe dê pouca importância. Os nomes foram inventados mais de um milênio atrás, por alguém que visitava estas terras.

Quando Rake falou, foi em um sussurro desolado:

– Presentes de Icarium. Reconheço o estilo. Cinco Presas, Lágrimas da Lua. A Roda é dele, correto?

Com os olhos arregalados, Baruk sibilou sua surpresa por entre os dentes. Umas dez perguntas lutavam para serem feitas primeiro, mas o Senhor continuou:

– No futuro, sugiro que preste atenção aos presentes de Icarium. Todos eles. Mil anos não é tanto tempo, alquimista. Não é tanto tempo... A última vez que Icarium me visitou faz oitocentos anos, em companhia do trell Mappo e de Osric, ou Osserc, como os adoradores locais o chamam. – Rake deu um sorriso amargo. – Osric e eu brigamos, segundo me lembro, e tudo o que Brood conseguiu fazer foi nos manter separados. Era uma velha discussão...

Seus olhos amendoados se tornaram cinzentos. Ficou em silêncio, perdido em lembranças.

Ouviram uma batida à porta e ambos se viraram para ver Roald entrar e fazer uma reverência.

– Mestre Baruk, Mammot acordou e parece animado. Além disso, seu agente Kruppe entregou uma mensagem verbal. Lamentou não ter sido possível entregá-la em pessoa. Gostaria de recebê-la agora?

– Sim – respondeu Baruk.

Roald fez nova reverência.

– A Enguia vai entrar em contato com você no anoitecer deste dia. No Festival de lady Simtal. A Enguia acha intrigante a perspectiva de compartilhar informações e de cooperação. Isso é tudo.

Baruk se alegrou.

– Excelente.

– Devo lhe trazer Mammot, mestre?

– Se ele puder vir.

– Ele pode. Um momento, então.

Roald se retirou. O alquimista sorriu.

– Como eu disse – retomou Baruk, ainda sorrindo –, todos estarão lá, e, nesse caso, *todos* é um termo apropriado. – Seu sorriso aumentou ante o olhar vazio de Rake. – A Enguia, Senhor. O mestre-espião de Darujhistan, uma pessoa sem rosto.

– Um rosto mascarado – lembrou-o o tiste andii.

– Se minhas suspeitas estiverem corretas, a máscara não ajudará nadinha a Enguia – disse Baruk.

A porta se abriu outra vez e ali estava Mammot, parecendo são e cheio de energia. Acenou com a cabeça para Baruk.

– A retirada se provou mais fácil do que imaginei. – Seu olhar vivo se fixou em Anomander Rake e ele sorriu, depois se curvou. – Saudações, Senhor. Eu ansiava por este encontro desde que Baruk nos trouxe sua oferta de aliança.

Rake lançou um olhar a Baruk e ergueu uma sobrancelha.

– Mammot está entre os magos da Conspiração T'orrud – disse o alquimista. – Estávamos profundamente preocupados, amigo, dadas as magias ancestrais em jogo ao redor do túmulo.

– Fiquei retido por um tempo – admitiu Mammot –, mas nas fronteiras extremas da influência de Omtose Phellack. Manter uma atenção silenciosa provou ser o rumo correto, pois aquele que despertava lá dentro não me sentiu.

– Quanto tempo temos? – perguntou Baruk, tenso.

– Dois, talvez três dias. Mesmo para um tirano jaghut, é um esforço fazer a jornada de volta para a vida. – Os olhos de Mammot recaíram na cornija da lareira. – Ah, seu jarro de vinho espera, como de costume. Excelente. – Dirigiu-se à lareira. – Você ouviu falar de meu sobrinho, por acaso?

Baruk franziu o cenho.

– Não. Deveria? A última vez que encontrei a criança faz o quê, cinco anos?

– Hum – disse Mammot, erguendo seu cálice e tomando um gole. – Bem, Crokus cresceu um pouco desde então, eu lhe asseguro. Espero que o garoto esteja bem. Ele estava...

Baruk levantou a mão e deu um passo adiante.

– O quê? – perguntou, com medo repentino. – Qual é o nome dele? Crokus? Crokus! – O alquimista bateu na testa. – Ah, que tolo eu tenho sido!

O rosto de Mammot se enrugou com um sorriso.

– Ah, você se refere à história do portador da moeda, não é?

O choque se revelou no rosto de Baruk.

– Você sabia?

Parado em um canto, com os olhos cinza-carvão fixos em Mammot, Rake disse, em um tom estranhamente frio:

– Mammot, perdão por interromper. Você vai ao Festival de lady Simtal?

O homem idoso prontamente fez que sim.

– Claro.

– Muito bom – disse Rake, exibindo algo parecido com expectativa. Puxou as luvas de couro de seu cinto. – Nós nos falaremos então.

Baruk não teve tempo de pensar a respeito da partida repentina de Rake. Foi seu primeiro erro do dia.

Uma mulher com a cabeça raspada e vestes esvoaçantes correu dos portões guinchando, com um trapo de pele marrom serpenteando de uma das mãos. A conselheira Lorn recuou um passo para deixar a sacerdotisa passar. Observou a mulher mergulhar na multidão atrás dela. O Festival se espalhara para além dos muros de Darujhistan, e a rua principal da Aldeia da Inquietude era uma multidão fluida pela qual ela levara meia hora abrindo caminho rumo aos portões.

Distraída, esfregou o ferimento de florete no ombro. Sua jornada para dentro da tumba parecia ter retardado a cura, e uma dor se instalara no furo, fria como o gelo do túnel do túmulo. Fitando os dois guardas de serviço no portão, se aproximou com cautela.

Apenas um deles parecia prestar alguma atenção nela e não lhe lançou mais que um breve olhar antes de voltá-lo para a massa da Aldeia da Inquietude. Lorn entrou na cidade sem ser notada, simplesmente mais uma viajante que comparece ao Festival da Primavera.

Dentro dos portões, a avenida se dividia ao pé de uma colina em que se acocoravam um templo e uma torre meio em ruínas. À direita havia outra colina, evidentemente um jardim, considerando os degraus largos que subiam até o topo, a cobertura de árvores, os muitos amuletos e bandeiras amarrados aos galhos e

os lampiões a gás.

A percepção de Lorn daqueles que buscava estava forte, infalível. Uma vez cruzadas as colinas, conseguiu ver um muro interno. O sargento Whiskeyjack e seu pelotão estavam em algum lugar do outro lado, na parte mais baixa da cidade. Lorn caminhou pelas multidões inflamadas com uma das mãos presa ao cinto da espada e a outra massageando a carne vermelha inchada ao redor de seu ferimento.

O guarda no Portão da Inquietude se afastou com um empurrão da parede em que estava recostado e caminhou num círculo vagaroso sobre os paralelepípedos. Parou para ajeitar o elmo pontiagudo, afrouxando um pouco a amarra.

O outro guarda, um homem mais velho, manco e baixo, se aproximou.

– Aqueles tolos lá fora estão perturbando você? – perguntou, com um sorriso torto que revelava mais buracos do que dentes.

O primeiro homem lançou um olhar pelo portão.

– Quase aconteceu um tumulto aqui alguns anos atrás – disse.

– Eu estava lá – interrompeu o mais velho, escarrando nas pedras. – Tivemos que tirar as coberturas de nossos machados de dois gumes e arrancar um pouco de sangue. Isso fez com que se amontoassem, e acho que a lição não foi esquecida. Não me preocuparia muito. Este não é seu serviço regular, é?

– Não, estou só quebrando o galho para um amigo.

– Ah, é assim, não é? Quais são seu horário e seu ponto normalmente?

– Meia-noite até a terceira badalada, Barbacã do Déspota – respondeu o Rompedor de Círculos.

Ajeitou o elmo outra vez, esperando que os invisíveis olhos amigos houvessem notado o sinal. A mulher que passara minutos antes condizia perfeitamente com a descrição da Enguia. O Rompedor de Círculos sabia estar certo.

Ela olhara o guerreiro; estava vestida como mercenária e tentava esconder as manchas de sangue de uma ferida no ombro. O olhar perscrutador dele fora apenas momentâneo. Anos de prática, entretanto, tornaram aquilo suficiente. Captara tudo o que o mensageiro da Enguia lhe dissera para procurar.

– É um inferno de vigília – disse o velho ao seu lado, virando-se para olhar o parque do Déspota. – E você estava aqui para o turno da aurora. – Balançou a cabeça. – Os canalhas nos têm feito trabalhar demais ultimamente, com a cidade infiltrada por espiões do Império e tudo o mais.

– Não vai melhorar nem um pouco – concordou o Rompedor de Círculos.

– Fico aqui por mais três horas, e você acha que vão me dar algum tempo para me juntar à minha esposa e aos meus filhos no Festival? – O velho cuspiu de novo. – Claro que não. O velho Berrute vai ficar assistindo a outras pessoas se divertirem em uma maldita propriedade.

O Rompedor de Círculos prendeu a respiração, depois suspirou.

– O Festival de lady Simtal, suponho.

– Isso mesmo. Conselheiros malditos se divertindo por lá, com sua afetação fedorenta. E eu com os pés doloridos e tudo o mais, parado que nem uma estátua.

Aquilo era uma sorte. O Rompedor de Círculos sorriu para si mesmo. O próximo posto de seu companheiro era precisamente aquele que a Enguia queria para o Rompedor de Círculos. Melhor ainda, o velho estava reclamando.

– Eles precisam dessas estátuas – disse ele ao velho. – Elas os deixam seguros. – Aproximou-se de Berrute. – Você não falou ao seu sargento sobre seus pés?

– Para quê? – reclamou Berrute. – Ele só repassou as ordens, não pensou nelas.

O Rompedor de Círculos olhou para a rua, como se meditasse sobre algo, depois pousou a mão no ombro do outro e o encarou.

– Olhe, eu não tenho família. Para mim, hoje é só mais um dia. Eu cubro para você, Berrute. Mas, da próxima vez que eu quiser uma folga, vou vir aqui chamá-lo.

Um alívio genuíno iluminou os olhos do homem mais velho.

– Nerruse o abençoe – disse ele, sorrindo outra vez. – Acordo fechado, amigo. Ei, nem sei seu nome!

O Rompedor de Círculos sorriu, e então lhe disse.

Com a maior parte da folia ocorrendo nas ruas, o interior do Bar do Gracejo estava deserto. A conselheira Lorn parou à porta após entrar e esperou seus olhos se acostumarem à penumbra. Algumas vozes desconexas flutuaram até ela, misturando-se com o estalido de cartas de madeira.

Entrou na sala de pé-direito baixo. Uma velha desalinhada observava estupidamente de trás do balcão. Contra a parede do lado oposto, havia uma mesa à qual três homens estavam sentados. Moedas de cobre brilhavam à luz dos lampiões, entre poças de cerveja derramada no tampo da mesa. Os homens seguravam cartas nas mãos.

O que tinha as costas voltadas para a parede, usando um gorro de couro chamuscado, olhou para cima para encontrar os olhos de Lorn. Gesticulou para uma cadeira vazia.

– Sente-se, conselheira. Junte-se ao jogo.

Lorn piscou, depois escondeu seu choque com um dar de ombros.

– Não faço apostas – disse ela, sentando-se em uma cadeira bamba.

O homem examinou suas cartas.

– Não foi o que eu quis dizer.

O que estava à esquerda dela resmungou:

– Azarve está falando de um jogo diferente, foi isso.

Lorn se virou para olhá-lo. Magrelo, baixo, com mãos gigantescas.

– E qual é seu nome, soldado? – perguntou a conselheira, em voz baixa.

– Violinista. O que está perdendo as moedas é o Marreta. Estávamos esperando você.

– Percebi – disse Lorn secamente, reclinando-se. – A inteligência de vocês me impressiona, cavalheiros. O sargento está por aqui?

– Fazendo o turno de vigília – disse Violinista. – Deve aparecer daqui a uns dez minutos, mais ou menos. Pegamos o quarto dos fundos desta ratoeira. Bem colado no muro que separa a próxima camada da cidade.

– Eu e Vi cavamos a porcaria do muro – acrescentou Azarve. – Dois malditos metros de espessura na base. Uma casa abandonada do lado daru. – Deu um meio sorriso. – Nossa porta dos fundos.

– Então vocês são os sabotadores. E Marreta? Um curandeiro, correto?

Marreta confirmou com a cabeça, contemplando as cartas.

– Vamos, Violinista – disse ele –, o jogo é seu. Vamos ouvir a próxima regra.

Violinista se inclinou para a frente.

– O Cavaleiro da Casa da Escuridão é o coringa. Também é o naipe de abertura. A menos que você esteja segurando a Virgem da Morte. Se a pegar, pode abrir com meia aposta e dobrar se vencer a rodada.

Marreta baixou a Virgem da Morte com estardalhaço. Lançou uma única moeda de cobre no centro da mesa.

– Vamos continuar, então.

Violinista deu outra carta ao homem.

– Aumentamos a aposta agora, Azarve, dois cobres cada um, e Alto Inferno vem depois do Arauto da Morte.

Lorn assistiu à sequência do jogo bizarro. Aqueles homens estavam usando um Baralho de Dragões. Assombroso. O homem chamado Violinista inventava as regras conforme prosseguiam, e ainda assim ela observava as cartas formarem um padrão enquanto eram colocadas na mesa. Suas sobrancelhas se uniram, pensativamente.

– Você pôs o Cão na jogada – continuou Violinista, apontando a última carta posta na mesa por Marreta. – O Cavaleiro da Escuridão está perto, posso sentir.

– Mas e quanto a essa maldita Virgem da Morte? – lamuriou-se o curandeiro.

– Ela teve os dentes arrancados. Dê uma olhada, a Corda está bem fora da mesa, não está? – Violinista baixou outra carta. – E tem o Dragão canalha em pessoa, espada toda esfumaçada e preta como uma noite sem lua. Foi isso que fez o Cão fugir desembestado.

– Espere um minuto! – gritou Azarve, baixando uma carta com força sobre a do Cavaleiro da Escuridão. – Você disse que o Capitão da Luz está se erguendo, certo?

Violinista se concentrou no padrão.

– Ele está certo, Marreta. Pagamos dois cobres cada um automaticamente. Aquele capitão já está dançando na sombra do Cavaleiro...

– Com licença – interrompeu Lorn, alto, e os três homens olharam para ela. – Você é um Talento, Violinista? Deveria estar usando este baralho?

Violinista fez uma careta.

– Não é assunto seu, conselheira. Jogamos há anos, ninguém jamais lançou

uma adaga na nossa direção. Se quer participar, é só dizer. Aqui, vou lhe dar sua primeira carta.

Antes que ela conseguisse protestar, Violinista pôs uma carta diante da conselheira, com a pintura voltada para cima. Ela a encarou.

– Ora, isso não é estranho? – observou Violinista. – Trono, invertido. Você deve dez ouros para cada um de nós. Um ano de pagamento para todos nós, uma coincidência do inferno.

Azarve bufou alto.

– Também acontece de ser a Moeda de Culpa do Império, paga a nossas famílias assim que nossa morte em ação é confirmada. Muito obrigado, Vi.

– Pegue a moeda e cale a boca – rosnou Violinista. – Não estamos mortos ainda.

– Ainda estou com uma carta – disse Marreta.

Violinista revirou os olhos.

– Então vamos ver essa porcaria.

O curandeiro baixou a carta.

– Orbe. – Violinista riu. – Visão verdadeira e julgamento fecham este jogo, como você não saberia?

Lorn sentiu uma presença às suas costas. Virou-se devagar para encontrar um homem de barba. Os frios olhos cinzentos dele continuaram a fitá-la.

– Sou Whiskeyjack – apresentou-se ele, baixo. – Bom dia, conselheira, e bem-vinda a Darujhistan. – Encontrou uma cadeira próxima e puxou-a para perto da mesa, sentando-se ao lado de Azarve. – Você vai querer um relatório, certo? Bem, ainda estamos tentando entrar em contato com a Sociedade de Assassinos. Já colocamos minas em tudo; só aguardamos as ordens. Um membro do pelotão perdido até agora. Em outras palavras, tivemos uma sorte dos diabos. Há vários tiste andii na cidade caçando a gente.

– Quem vocês perderam, sargento? – perguntou Lorn.

– A recruta. Piedade era o nome dela.

– Morta?

– Sumiu já faz alguns dias.

Lorn cerrou os dentes para conter um palavrão.

– Então você não sabe se ela está morta?

– Não. Tem algum problema, conselheira? Ela era só uma recruta. Mesmo que tenha sido detida pela guarda, teria pouquíssimo a contar para eles. Além do mais, não temos notícias nesse sentido. É mais provável que algum malfeitor tenha acabado com ela em algum beco. Temos nos enfiado em um monte de buracos de rato tentando achar os assassinos locais. – Deu de ombros. – É um risco com que você precisa conviver, é isso.

– Piedade era uma espiã – explicou Lorn. – E muito boa, sargento. Você pode ter certeza de que nenhum malfeitor a matou. Não, ela não está morta. Está escondida, porque sabia que eu viria procurá-la. Tenho seguido seu rastro há três anos. Eu a quero.

– Se soubéssemos disso, poderia ter sido arranjado, conselheira – disse Whiskeyjack, em tom cortante. – Mas você guardou para si e agora ficou sozinha nessa. – Seus olhos endureceram, fitando a mulher. – Conseguindo contatar a Sociedade ou não, detonaremos as minas antes da aurora de amanhã e sairemos daqui.

Lorn se levantou, tensa.

– Eu sou a conselheira da imperatriz, sargento. A partir de agora, a missão está sob minha direção. Você receberá ordens de mim. Toda essa merda de independência acabou, entendeu?

Por um momento, ela quase pensou ter visto um lampejo de triunfo nos olhos dele. Um segundo olhar revelou não passar da raiva esperada.

– Entendido, conselheira – respondeu Whiskeyjack, bruscamente. – Quais são as suas ordens?

– Estou falando sério, sargento – avisou ela. – E não me importo se isso o deixa bravo. Agora, sugiro que nos retiremos para um local mais reservado. – Ela se levantou. – Seus homens podem continuar aqui.

Whiskeyjack ficou em pé.

– Claro, conselheira. Temos o quarto dos fundos, se quiser me seguir.

Lorn estendeu a mão para o lençol em cima da cama.

– Tem sangue aqui, sargento.

Ela se virou para mirar o homem enquanto ele fechava a porta.

Ele a encarou.

– Um dos meus homens teve uma altercação com um mago assassino tiste andii. Vai se recuperar.

– Altamente improvável, sargento. Os tiste andii estão todos com Caladan Brood no norte. – Os olhos dela se arregalaram em descrédito. – Você não está sugerindo que o próprio Senhor da Cria da Lua deixou sua fortaleza, está? Para fazer o quê? Caçar espiões malazanos? Não seja ridículo.

Whiskeyjack fez uma careta.

– O cabo Kalam e o mago de meu pelotão tiveram um combate no telhado com pelo menos meia dúzia de tiste andii. O fato de meus homens terem sobrevivido torna altamente improvável que o Senhor da Lua estivesse em algum lugar nos arredores, não é, conselheira? Junte as peças. A Lua estaciona bem ao sul da cidade. Seu Senhor faz uma aliança com os governantes de Darujhistan e sua primeira tarefa é aniquilar a Sociedade de Assassinos local. Por quê? Para evitar que pessoas como nós entrem em contato com eles, oferecendo um contrato. E até agora funcionou.

Lorn refletiu por um tempo, depois disse:

– Então, se a Sociedade não pode ser contatada, por que vocês mesmos não cometem os assassinatos? Seu cabo Kalam era um dos melhores na Garra antes de seu... rompimento. Por que não matar os governantes da cidade?

O homem cruzou os braços e se encostou na parede junto à porta.

– Pensamos nisso, conselheira. E estamos um passo à sua frente. Bem agora, um de meus homens negocia para trabalharmos como seguranças particulares de um festival de eruditos esta noite. Todo mundo que é importante vai comparecer: membros do Conselho, Altos Magos, pessoas do tipo. Meus sabotadores têm munições sobrando para fazer dessa festa algo que a cidade terá dificuldade de esquecer.

Lorn lutou contra uma frustração crescente. Por mais que fosse sua intenção comandar as coisas, parecia que Whiskeyjack estava indo bem, dadas as circunstâncias. Suspeitava que não poderia ter feito as coisas de maneira melhor, embora ainda duvidasse da história dos tiste andii.

– Por que raio uma propriedade iria contratar um bando de estranhos como guardas? – perguntou por fim.

– Ah, haverá guardas da cidade também. Mas nenhum deles é um barghastiano. – Whiskeyjack sorriu cinicamente. – Um estímulo, conselheira. É o que faz a nobreza babar. Olhe lá, um bárbaro grande tatuado olhando feio para eles. Empolgante, não é? – Deu de ombros. – É um risco, mas que vale a pena correr. A menos, é claro, que tenha uma ideia melhor, conselheira.

Ela sentiu o desafio no tom de voz do sargento. Se houvesse pensado a respeito, teria percebido muito antes daquele momento que seu título e seu poder não iriam intimidar aquele homem. Ele estivera ao lado de Dassem Ultor, discutindo táticas com a Espada do Império em meio à batalha. E parecia que o rebaixamento para sargento não o fizera ceder. Isso ela já percebera pela reputação dos Queimadores de Pontes em Pale. Ele não hesitaria em desafiar suas ordens, se encontrasse um motivo para fazê-lo.

– Seu plano é sólido – admitiu ela. – Diga o nome dessa propriedade.

– É de uma mulher chamada lady Simtal. Não sei o nome da família, mas todos parecem conhecê-la. Dizem que é um espetáculo de mulher, com influência no Conselho.

– Muito bem – disse Lorn, ajeitando a capa. – Voltarei em duas horas, sargento. Há outros assuntos a que devo dar atenção. Certifique-se de que tudo esteja pronto, os procedimentos de detonação inclusive. Se vocês não forem contratados, deveremos encontrar algum outro modo de comparecer a esse festival.

Ela se dirigiu para a porta.

– Conselheira?

Lorn se virou.

Whiskeyjack foi até a porta dos fundos e puxou de lado uma cortina esfarrapada.

– Este túnel dá em outra casa. Daqui você consegue entrar no distrito Daru.

– Desnecessário. – Lorn ficou irritada com seu tom condescendente.

Assim que ela se foi, Ben Ligeiro se arrastou para fora do túnel.

– Cacete, sargento! – resmungou o mago. – Você quase a fez dar de cara comigo!

– Sem chance – observou Whiskeyjack. – Na verdade, eu me certifiquei de que ela não iria usá-lo. Notícias de Kalam?

Ben Ligeiro circulou pelo quartinho.

– Ainda não. Mas ele está quase perdendo a paciência. – Virou-se para o sargento. – E então? Você acha que conseguiu enganá-la?

– Enganá-la? – Whiskeyjack riu. – Eu a deixei balançada.

– Paran disse que ela ia soltar alguma coisa – disse Ben. – Soltou?

– Ainda não.

– A coisa está ficando tensa, sargento. Tensa pra cacete.

A outra porta se abriu e Trote entrou com os dentes enfileirados, expostos em algo entre um sorriso e uma careta.

– Sucesso? – perguntou Whiskeyjack.

Trote fez que sim com a cabeça.

Enquanto a tarde minguava, Crokus e Apsalar esperavam no alto da plataforma da torre. De vez em quando espiavam por sobre a borda para assistir às festividades. Havia algo de delirante entre as multidões lá embaixo, como se dançassem no limite do desespero. Apesar do júbilo da estação, a sombra do Império Malazano pairava sobre tudo. Na verdade, com a Cria da Lua bem ao sul, o lugar de Darujhistan entre as duas forças ficava óbvio para todos.

– De algum modo, Darujhistan parece menor – resmungou Crokus, observando as multidões seguindo pelas ruas como rios agitados. – Quase insignificante.

– Parece gigante para mim – comentou Apsalar. – Uma das maiores cidades que já vi. Tão grande quanto Unta, acho.

Ele a encarou. Ela dizia coisas estranhas ultimamente, o que parecia esquisito vindo de uma pescadora de um vilarejo costeiro.

– Unta. Essa é a capital do Império, não é?

Ela franziu o cenho, o que a fez parecer mais velha.

– Sim. Só que eu nunca estive lá.

– Bem, então como você poderia saber seu tamanho?

– Não tenho certeza, Crokus.

Possessão, dissera Coll. Dois conjuntos de memória batalhavam na mulher, e a guerra piorava o caso. Crokus se perguntou se Mammot já tinha aparecido. Por

um momento, esteve a ponto de se arrepender por terem fugido de Meese e Irilta. Mas então seus pensamentos se voltaram para o que estava por vir. Sentou-se na plataforma e se apoiou no muro baixo. Fitou o corpo do assassino à sua frente. O sangue que fora derramado escurecera sob o sol quente. Uma trilha de gotas atravessava o chão até as escadas. Claramente, o responsável pela morte daquele assassino tinha sido ferido. Mesmo assim, Crokus não se sentia em perigo ali em cima, embora não tivesse certeza da razão. Para uma torre de campanário abandonada, aquele lugar testemunhara muitos dramas nos últimos tempos.

– Estamos esperando anoitecer? – perguntou Apsalar, e Crokus assentiu. – E então vamos encontrar essa tal Challice?

– Isso. Os D'Arles estarão no Festival de lady Simtal, tenho certeza. A propriedade possui um jardim enorme, quase uma floresta, que vai até o muro dos fundos. Chegar lá vai ser fácil.

– Mas você não será notado quando se juntar aos convidados?

– Estarei vestido de ladrão. Todos estarão trajando fantasias. Além disso, vai haver centenas de pessoas lá. Pode levar uma hora ou duas, mas eu a encontrarei.

– E então?

– Vou pensar em alguma coisa – disse Crokus.

Apsalar esticou as pernas nas pedras do piso e cruzou os braços.

– E devo ficar escondida nos arbustos, é?

Ele deu de ombros.

– Talvez o tio Mammot esteja lá – disse ele. – Então tudo ficará bem.

– Por quê?

– Porque foi o que Coll disse – disparou Crokus, exasperado.

Devia dizer à moça que ela tinha ficado possuída por sabia-se lá quanto tempo?

– Vamos descobrir um modo de levar você de volta para casa – explicou ele. – É isso que você quer, certo?

Apsalar fez que sim devagar, como se não tivesse mais certeza.

– Sinto falta de meu pai – disse a moça.

Para Crokus, Apsalar soava como se tentasse convencer a si mesma. Ele a olhara quando haviam chegado, pensando: *Por que não?*, e agora precisava admitir que sua companhia não era ruim. Exceto por todas as perguntas, é claro.

Bem, e se ele estivesse na situação dela, acordando a milhares de quilômetros de casa? Seria aterrorizante. Conseguiria se manter tão bem quanto ela aparentemente estava?

– Estou me sentido bem – disse ela, observando-o. – É como se algo dentro de mim estivesse mantendo as coisas juntas. Não consigo explicar direito, mas é como uma pedra negra polida, sólida e quente, e, sempre que começo a ficar assustada, ela me toma por dentro. E então tudo fica bem de novo. Desculpe. Não tive a intenção de afastar você.

– Sem problemas – garantiu ele.

Sob as sombras do vão da escada, Serrat contemplou as duas pessoas lá na plataforma. *Chega disso!* Abrira seu Labirinto Kurald Galain para formar uma camada defensiva de escudos ao seu redor. Nada de outros inimigos invisíveis. Se eles a quisessem, teriam que se exibir. E então ela os mataria. E, quanto ao portador da moeda e à garota, para onde eles esperavam escapar, em cima da torre?

Desembainhou duas adagas e se preparou para o ataque. Uma dúzia de feitiços protegia a retaguarda deles por toda a escadaria. Uma aproximação por ali seria impossível.

Duas pontas afiadas tocaram sua carne, uma sob o queixo e outra por baixo de sua omoplata. A tiste andii congelou. E então ouviu uma voz bem perto de seu ouvido – uma voz que reconheceu:

– Dê a Rake o seguinte aviso, Serrat. Ele só receberá um, e o mesmo vale para você. O portador da moeda não deve ser ferido. Os jogos acabaram. Tente isso outra vez e você vai morrer.

– Seu canalha! – explodiu ela. – A fúria de meu senhor...

– Será em vão. Nós dois sabemos quem está mandando esta mensagem, não é? E, como Rake bem sabe, ele já não está mais tão longe quanto esteve um dia.

A ponta sob o queixo dela se afastou para permitir que ela assentisse, depois voltou.

– Ótimo. Entregue a mensagem então, e torça para que não nos encontremos de novo.

– Isso não será esquecido – prometeu Serrat, tremendo de fúria.

Uma risada baixa foi a resposta que ela obteve.

– Cumprimentos do príncipe, Serrat. Entenda-os a nosso amigo em comum.

As adagas se afastaram da pele de Serrat. Ela soltou a respiração lentamente, depois embainhou suas armas. Vociferou um feitiço Kurald Galain e desapareceu.

Crokus pulou quando ouviu um estalo fraco vindo das escadas. Pôs as mãos em suas facas, tenso.

– O que há de errado? – perguntou Apsalar.

– Shhh... Espere. – Ele sentiu seu coração retumbar contra o peito. – Estou evitando sombras – disse ele, recostando-se. – Bem, vamos embora logo.

Era uma época em que o vento varria as planícies relvadas sob um céu cor de estanho, vento cuja sede atacava todas as formas de vida, aturdido, implacável como uma fera que não se mostrava.

Reunindo forças no velório da mãe, Raest teve sua primeira lição de poder. Naquela caçada por domínio que iria moldar sua vida, viu os muitos hábitos do vento – seu modo sutil de esculpir a pedra por centenas e então milhares de anos e sua fúria que aplainava florestas – e encontrou mais perto de seu coração o poder violento da raiva de banshee do vento.

A mãe de Raest tinha sido a primeira a fugir de sua deliberada busca de poder. Ela o recusara na sua frente, proclamando a Separação de Sangue, desse modo libertando-o. Ele desconsiderava o fato de o ritual tê-la consumido. Não era importante. Ele, que dominaria o mundo, deveria aprender cedo que aqueles que resistissem ao seu comando deveriam ser destruídos. O fracasso fora o preço dela, não o seu.

Enquanto os jaghut temiam a comunidade, apontando a sociedade como o berço para a tirania, fosse a da carne ou a do espírito, e citando a própria história sangrenta como prova, Raest descobriu ansiar por ela. O poder que comandava exigia súditos. A força nunca fora relativa: não podia dominar sem a companhia dos dominados.

Primeiro, buscou subjugar outros jaghut, mas com frequência ou eles escapavam, ou o forçavam a matá-los. Tal disputa só trazia satisfação momentânea. Raest reuniu feras ao seu redor, curvando a natureza à sua vontade. Mas a natureza fenecia e morria na escravidão, encontrando assim uma fuga que ele não podia controlar. Em sua fúria, trouxe o deserto para a terra, levando incontáveis espécies à extinção. A terra resistiu a ele, e seu poder era imenso. Ainda assim, não era direcionado e não podia subjugar Raest em sua maré eterna. O poder focado era o dele, de destruição precisa e efeito penetrante.

Então, apareceram em seu caminho os primeiros imass, criaturas que lutavam a contragosto, desafiando a escravidão e permanecendo vivos. Criaturas de lamentável esperança infinita. Raest encontrara neles a glória da dominação, pois, a cada imass que sucumbia, ele levava outro. O elo deles com a natureza era mínimo, porque os próprios imass praticavam o jogo da tirania em suas terras. Não conseguiram derrotá-lo.

Moldou um tipo de império despojado de cidades, mas atormentado com os dramas intermináveis da sociedade, com suas vitórias patéticas e seus fracassos inevitáveis. A comunidade de imass escravizados prosperava naquele lodo de mesquinhez. Eles até conseguiam se convencer de que tinham liberdade, um livre-arbítrio que podia moldar seus destinos. Elegiam campeões. Destruíam seus campeões se o fracasso depositasse seu manto sobre eles. Corriam em círculos sem fim e chamavam isso de crescimento, emersão, conhecimento. Enquanto isso, com uma presença que lhes era invisível, Raest dobrava todos à sua vontade. Sua maior alegria vinha quando seus escravos o proclamavam deus, embora não o conhecessem, e construíam templos para servi-lo e organizavam cleros, cujas atividades imitavam a tirania de Raest com tal ironia cósmica que o jaghut só podia concordar.

Deveria ter sido um império para durar milênios, e a data de seu fim deveria ter sido definida por Raest, quando ele finalmente se cansasse. Ele nunca imaginara que outros jaghut iriam considerar suas atividades detestáveis, que iriam se arriscar e arriscar o próprio poder em nome daqueles imass de vida curta e mente pequena. Mesmo assim, o que assombrou Raest acima de tudo foi que, quando os jaghut vieram, vieram em grande número, juntos, em comunidade. Uma comunidade cujo único propósito era destruir seu império e aprisioná-lo.

Estava despreparado.

A lição fora aprendida e, não importava o que o mundo se tornara desde aquela época, Raest estava pronto. Seus membros estalaram a princípio, latejando com uma dor surda seguida por pontadas agudas. O esforço de cavar seu caminho para fora da terra congelada o incapacitara por algum tempo, mas finalmente se sentia pronto para caminhar pelo túnel que se abria para uma terra nova.

Preparação. Já fizera seus primeiros movimentos. Sentia que outros haviam vindo até ele, libertado o caminho de proteções e lacres de Omtose Phellack. Talvez ainda tivesse adoradores, fanáticos que haviam buscado sua libertação por gerações e, naquele momento, o esperavam do lado de fora do túmulo.

O finnest desaparecido seria prioridade. Muito de seu poder fora retirado dele, armazenado naquela semente e guardado ali pelos traidores jaghut. Não fora levado para longe, e não havia nada que pudesse fazer para evitar que fosse recuperado. Omtose Phellack não existia mais na terra lá em cima, Raest conseguia sentir sua ausência como um vazio abafado. Nada mais podia enfrentá-lo.

Preparação. O rosto enrugado e rachado de Raest se contorceu num sorriso feroz; suas presas inferiores partiram a pele ressecada. O poderoso deveria reunir outro poder, subjugá-lo à própria vontade, depois direcioná-lo de modo infalível. Seus movimentos já haviam começado.

Chapinhou pela neve derretida que cobria o chão lamacento do túmulo. Diante dele se erguia uma parede inclinada, que marcava a barreira do túmulo. Além da terra listrada de cal, um mundo esperava para ser escravizado. Raest fez um gesto e a barreira explodiu para fora. A luz brilhante do sol ardia nas nuvens de vapor que giravam ao seu redor, e sentiu ondas de ar frio e antigo passarem por ele.

O tirano jaghut caminhou para a luz.

Bruxa navegava pelas correntes quentes de ar bem acima das colinas Gadrobi. A explosão de poder que lançou toneladas de terra e rochas 30 metros para cima arrancou-lhe uma gargalhada. Baixou uma asa, com olhos na coluna branca de

vapor, e se inclinou naquela direção.

Parece que isso vai ser interessante, riu para si mesma.

Um turbilhão de ar a atingiu como um martelo. Guinchando ultrajada, Bruxa girou e deslizou pelo vento cambiante. Sombras gigantescas flutuaram acima dela. Sua raiva sumiu numa onda de empolgação. Esticando o pescoço, bateu no ar com suas asas e ascendeu outra vez. Em assuntos como aquele, um ponto de vista adequado era essencial. Bruxa subiu ainda mais, depois inclinou a cabeça e olhou para baixo. À luz do sol, escamas de cinco dorsos rugosos lampejaram iridescentes, mas, entre os cinco, um brilhou como fogo. Poder de feitiçaria sangrou em ondas da teia das asas abertas das criaturas. Os dragões navegavam silenciosos sobre a paisagem, cercando a nuvem de poeira ondeante acima da tumba jaghut. Os olhos negros de Bruxa se fixaram no dragão brilhante vermelho.

– *Silanah!* – gritou ela, rindo. – *Dragnipurake t'na Draconiaes! Eleint, eleint!*

O dia dos tiste andii tinha chegado.

Raest emergiu sob um belo sol vespertino. Em todas as direções para onde olhava, colinas com relva amarela se erguiam em montes curtidos pelo tempo. A leste, atrás de uma cortina de poeira flutuante que se diluía, se estendia uma planície vazia.

O tirano jaghut grunhiu. Não tão diferente, afinal de contas. Ergueu os braços, sentindo o vento passar por seus músculos. Inspirou, sentindo o gosto do ar cheio de vida. Fez uma breve busca com seu poder e exultou com as ondas de medo que responderam: reações que vieram de formas de vida estúpidas sob seus pés ou escondidas na relva à sua volta. Mas, de vida superior, das concentrações superiores de poder, não sentiu nada. Raest direcionou os sentidos para dentro do solo, procurando o que habitava lá. Terra e leito rochoso, a inerte escuridão derretida abaixo, e desceu mais e mais para encontrar a deusa adormecida. Jovem, até onde dizia respeito ao tirano jaghut.

– Devo acordá-la? – sussurrou. – Ainda não. Mas farei você sangrar.

Sua mão direita se fechou em um punho.

Lancetou a deusa com dor, infligindo uma fissura no leito rochoso e sentindo o jorro de sangue, suficiente para fazê-la se mexer, mas não acordar.

A linha de colinas ao norte se erguia na direção do céu. Magma borrifou o ar em meio a uma coluna ascendente de fumaça, rochas e cinzas. A terra estremeceu, e o som da erupção soterrou Raest num vento quente e feroz. O tirano jaghut sorriu.

Contemplou a cordilheira despedaçada e respirou o pesado ar sulfuroso, depois se virou e caminhou para oeste, rumo à colina mais alta naquela direção. Seu finnest se encontrava do outro lado, talvez a três dias de caminhada. Considerou abrir seu Labirinto, mas decidiu esperar até alcançar o topo da colina. Daquele ponto de observação, poderia estimar melhor a localização do finnest.

A meio caminho do declive, ouviu uma risada distante. Raest enrijeceu no instante em que o dia escureceu repentinamente ao seu redor. Na relva diante dele, viu cinco sombras enormes subindo a encosta e depois indo além do topo da colina. A luz do sol voltou. O tirano jaghut olhou para o céu acima dele.

Cinco dragões se juntaram em formação perfeita, com as cabeças se inclinando para observá-lo enquanto planavam de volta na sua direção.

– *Estideein eleint* – sussurrou, em sua língua jaghut.

Quatro eram pretos, com longos espinhos prateados pelas asas, voando em dupla de cada lado do quinto dragão, este vermelho e duas vezes maior que os outros.

– Silanah Asas-Vermelhas – murmurou Raest. Seus olhos se estreitaram. – Nascida ancestral e de puro-sangue tiam, você conduz soletaken, cujo sangue é estranho a este mundo. Sinto todos vocês! – Ergueu os punhos para o céu. – Mais frios que o gelo nascido de mãos jaghut, tão escuros quanto a cegueira... Sinto vocês! – Baixou os braços. – Não me importunem, *eleint*. Não posso escravizar vocês, mas vou destruí-los. Saibam disso. Eu vou levá-los todos ao chão, um por um, e com minhas mãos hei de arrancar os corações de seus peitos. – Seus olhos se fixaram nos quatro dragões negros. – Soletaken. Vocês me desafiariam pelo comando de outro. Batalhariam comigo por nenhuma razão própria. Ah, mas, se eu os comandasse, não jogaria suas vidas fora de forma tão negligente. Eu iria acalentá-los, soletaken, iria lhes dar causas em que vale a

pena acreditar, mostrar-lhes a verdadeira natureza de seu poder. – Raest contorceu o rosto quando o escárnio deles invadiu sua mente. – Assim seja.

Os dragões deram um rasante em silêncio, em formação mais uma vez, e desapareceram atrás das colinas rumo ao sul. Raest abriu bem os braços e desencadeou seu Labirinto. Sua carne se rompeu quando o poder fluiu dentro dele. Seus braços soltaram uma pele como se fosse cinzas. Ele tanto sentiu quanto ouviu colinas racharem ao seu redor, o cindir de rochas, a separação de penhascos. Por todos os lados, os horizontes se ofuscaram, à medida que a poeira encobria o céu. Virou-se para o sul.

Um longo momento se passou. Franziu o cenho para as colinas diante dele e berrou, girando para a direita bem quando Silanah e os quatro dragões negros, todos a menos de 3 metros de altura do chão, surgiram além do topo da colina que estava escalando.

Raest gritou para o redemoinho de poder que o golpeava, com os olhos encarquilhados presos ao olhar vago, vazio e letal de Silanah; olhos tão grandes quanto a cabeça do jaghut, que se cravaram nele com a velocidade de uma víbora dando o bote. As mandíbulas do dragão vermelho se abriram, e Raest encarou a goela da fera.

Gritou uma segunda vez e soltou seu poder ao mesmo tempo.

O ar explodiu quando os Labirintos colidiram. Fragmentos irregulares de rocha voaram para todas as direções. Starvald Demelain e Kurald Galain batalhavam com Omtose Phellack em um turbilhão brutal de vontades. Relva, terra e rocha se desfizeram em cinzas finas por todos os lados, e dentro do vórtice estava Raest, com o poder rugindo para fora dele. Açoites de feitiçaria dos dragões lancetavam seu corpo, penetrando sua carne enrugada.

O tirano jaghut esfolou seu poder como uma foice. O chão ficou salpicado de respingos de sangue. Os dragões guincharam.

Uma onda de fogo incandescente atingiu Raest pela direita, sólida como um punho ao golpear. Uivando, ele foi lançado pelo ar, aterrissando em um monte de cinzas. O fogo de Silanah colidiu com ele, escurecendo o que sobrara de sua carne. O tirano se pôs em pé com esforço, seu corpo dando espasmos incontroláveis enquanto feitiçaria gotejava de sua mão direita.

O chão balançou quando o poder de Raest atingiu Silanah, fazendo o dragão

derrapar e tombar pelo declive. O rugido exultante do tirano foi interrompido quando garras do tamanho de um antebraço o trituraram por trás. Uma segunda pata com garras se juntou à primeira, atravessando os ossos do peito de Raest como se fossem gravetos. Mais garras o envolveram quando um segundo dragão também tentou capturá-lo.

O tirano se contorceu desamparado enquanto as garras o erguiam no ar e começavam a despedaçar seu corpo. Deslocou o ombro ao estender a mão para trás para afundar seus dedos em uma canela lustrosa coberta de escamas. Ao contato, Omtose Phellack se atirou na perna do dragão, partindo osso, fervendo sangue. Raest riu quando as garras se contraíram num espasmo, soltando-o, e ele foi atirado longe. Mais ossos estalaram quando ele atingiu o chão, mas não ligou para isso. Seu poder era absoluto, o receptáculo que o carregava tinha pouca importância. Se precisasse, o tirano encontraria outros corpos, milhares deles.

Ficou em pé mais uma vez.

– Agora – sussurrou –, eu concedo a morte.

CAPÍTULO 21

O florescimento da luz a partir da escuridão
trouxe à minha vista ali no campo
uma legião de dragões presos
como uma pluma de vento diante da chama eterna.
Eu vi as eras em seus olhos,
um mapa secular inscrito
em cada escama crispada em suas peles.
Sangravam deles suas feitiçarias
como a respiração de estrelas
e eu soube então
que os dragões estavam entre nós...

Anomandaris, Pescador (nasc. ?)

Sombras cobriam a vegetação rasteira do jardim. A conselheira Lorn se levantou de sua posição agachada e limpou a sujeira das mãos.

– Encontrar uma bolota. – Sorriu para si mesma. – Plantá-la.

Em algum lugar além do jardim densamente arborizado, servos gritavam uns com os outros enquanto iam de um lado para outro agitados fazendo os últimos arranjos. Prendeu a ponta de sua capa no cinto e deslizou silenciosamente por entre os troncos de árvores envoltos por trepadeiras. Um momento depois, o muro dos fundos apareceu.

Havia um beco do outro lado, estreito e entupido de folhas e galhos caídos de jardins que se erguiam por sobre os muros de cada lado. Seu caminho para entrar – e para sair – tinha sido fácil. Subiu o muro de pedra áspera, agarrando trepadeiras quando necessário, e deslizou por sobre o topo.

Aterrissou com um som suave de folhas secas e gravetos pisados, envolta em sombras tão profundas quanto aquelas do jardim. Ajeitou a capa e caminhou

para uma das pontas do beco, onde se encostou em um muro na esquina, cruzou os braços e sorriu para os grupos de pessoas passando em ambos os sentidos na rua em frente.

Restavam duas tarefas; em seguida, poderia deixar a cidade. Uma delas, entretanto, poderia se mostrar impossível. Não sentia nada da presença de Piedade. Talvez a mulher estivesse mesmo morta. Nessas circunstâncias, era a única explicação.

Observou o mar de pessoas, seus rostos rodopiando à sua frente. A loucura latente ali a deixou perturbada, especialmente com os guardas da cidade mantendo uma distância indiferente. Assombrou-se com a mancha de terror naquela multidão de rostos e com o fato de todos lhes parecerem familiares.

Darujhistan se devanesceu em sua mente, transformando-se em uma centena de outras cidades, cada uma ressurgindo do passado, como se em um cortejo. Alegria e medo, agonia e riso: as expressões se mesclavam em uma só, os sons que lhe chegavam não diferiam uns dos outros. Não conseguia distinguir nada, os rostos se tornaram vagos, os sons eram um rugido de história sem sentido.

Lorn passou a mão nos olhos e recuou um passo, adentrando titubeante as sombras do beco atrás dela. Deslizou pelo muro e ficou de cócoras. *Uma celebração da insignificância*. *É tudo o que somos, no final? Ouça-os!* Em algumas horas, os cruzamentos da cidade iriam explodir. Centenas morreriam instantaneamente, milhares logo depois. Esses rostos estariam em meio a destroços de paralelepípedos destruídos e prédios desabados, imobilizados em expressões entre a alegria e o terror. E dos agonizantes viriam sons, gritos desesperados que diminuiriam com o fim da dor.

Vira todos eles antes, aqueles rostos. Ela os conhecia, os sons de suas vozes, atolados em emoções humanas ou claros e puros de raciocínio, oscilando no precipício entre os dois. *É este o meu legado?*, ela se perguntou. *E um dia serei apenas mais um desses rostos, congelado em morte e assombro.*

Lorn balançou a cabeça, mas foi um esforço vão. Compreendeu subitamente que estava desmoronando. A conselheira estava se partindo, sua armadura, se esmigalhando, e o esplendor de sua magnificência marmórea, sumindo. Um título tão insignificante quanto a mulher que o detinha. A imperatriz, apenas outro rosto que vira em algum lugar antes, uma máscara atrás da qual alguém se

escondia da mortalidade.

– É inútil se esconder – sussurrou, franzindo o cenho para as folhas e os galhos mortos ao seu redor. – É inútil.

Minutos depois, ela se levantou com esforço mais uma vez. Limpou meticulosamente a sujeira da capa. Uma tarefa ainda estava dentro de suas habilidades. Encontrar o portador da moeda, matá-lo e tomar a moeda de Oponn. Fazer o deus pagar por sua intromissão nos assuntos do Império: a imperatriz e Tayschrenn providenciariam isso.

A tarefa exigia concentração, fixar seus sentidos em uma missão específica. Seria seu último ato, ela sabia. Mas teria êxito. Morrer nas mãos do fracasso era impensável. Lorn olhou para a rua. O crepúsculo tomava conta do céu e tragava as multidões. Ao longe, a leste, trovões soavam, embora o ar estivesse seco, sem qualquer sugestão de chuva. Verificou suas armas.

– A missão da conselheira está quase terminada – disse ela, baixo.

Entrou na rua e desapareceu na multidão.

Kruppe se levantou de sua mesa na Taberna da Fênix e tentou fechar o último botão do colete. Como não conseguiu, relaxou a barriga mais uma vez e soltou um suspiro cansado. Bem, pelo menos o casaco fora lavado. Ajeitou os punhos de sua camisa nova, depois saiu do local praticamente vazio.

Passara a hora anterior sentado à mesa, de modo que, para quem observasse, não parecesse meditar sobre nada de grande importância, embora em sua cabeça um padrão se formasse, nascido de seu Talento, algo que o perturbou imensamente. Meese e Irilta terem perdido Crokus e a garota colocara tudo em foco: como acontece com a maioria dos servos involuntários dos deuses, uma vez que o jogo acaba, finda a vida do servo. A moeda poderia ser apostada em uma única contenda, mas deixá-la flutuando por aí indefinidamente era perigoso demais. Não, Crokus descobriria que sua sorte o abandonara quando mais precisasse dela, e isso lhe custaria a vida.

– Não, não – murmurou Kruppe. – Kruppe não pode permitir isso.

Ainda assim, o padrão de sucesso continuava sutil. Teve certeza de que cobrira todas as ameaças potenciais no que dizia respeito a Crokus, ou melhor,

alguém estava fazendo um ótimo trabalho em protegê-lo. Isso o padrão lhe mostrara. Experimentou uma suspeita perversa de que esse “alguém” não era ele mesmo nem um de seus agentes. E teria que confiar na integridade dessa pessoa.

O Rompedor de Círculos fora bem-sucedido novamente, e Kruppe ainda estava confiante de que a caçada de Turban Orr ao homem não obteria resultado. De fato, o Rompedor deveria se retirar, para a própria segurança, e Kruppe pretendia dar as boas notícias a ele naquela mesma noite, no Festival de lady Simtal. O Rompedor de Círculos não merecia nada menos depois de tantos anos.

O padrão também lhe disse algo que já sabia: seu disfarce fora para o buraco. O feitiço que lançara em Murillio não duraria muito mais, e nem precisava. Kruppe quisera ter total liberdade naquele dia. Depois disso, bem, as coisas seriam como tivessem que ser... E o mesmo se aplicava à sua reunião com Baruk.

Se alguma coisa fazia Kruppe hesitar, era o final abrupto do padrão. Depois daquela noite, o futuro era vago. Parecia óbvio que um ponto crucial fora alcançado e se transformaria, ele sabia, no Festival de lady Simtal.

Kruppe agora entrava no distrito das Propriedades Superiores, cumprimentando com a cabeça generosamente o único guarda posicionado perto da rampa. O homem fez uma careta, mas nenhum comentário. O Festival estava marcado para começar em trinta minutos, e Kruppe planejava ser dos primeiros a chegar. Sua boca salivava ao pensar em todas aquelas guloseimas frescas, bebidas quentes e doces. Tirou a máscara de dentro do casaco e sorriu para ela. Talvez, entre todos aqueles que compareceriam, apenas o Alto Alquimista Baruk viesse a apreciar a ironia daquele semblante modelado. Ah, bem. Suspirou. Um era mais do que o suficiente, sendo esse um quem era. Afinal de contas, Kruppe era ambicioso?

Seu estômago ribombou em resposta.

Crokus forçou os olhos na direção do leste, que escurecia. Algo como relâmpagos coruscava de vez em quando além das colinas, cada um mais próximo do que o anterior. Mas os trovões, que começaram cedo à tarde e continuaram desde então, soavam errado de algum modo, com um timbre

diferente do grave normal que atravessava a terra. Pareciam quase frágeis. As nuvens que surgiram sobre a colina mais cedo tinham uma cor ocre horripilante, doentia, e já se aproximavam da cidade.

– Quando vamos embora? – perguntou Apsalar, encostada numa parede ao seu lado.

Crokus se sacudiu.

– Agora. Está escuro o bastante.

– Crokus, o que você vai fazer se Challice D'Arle trair você uma segunda vez?

Mal conseguia enxergar o rosto da moça na penumbra. Apsalar dissera aquilo com intenção de feri-lo? Era difícil saber por seu tom de voz.

– Ela não vai – declarou ele, tentando se convencer. – Confie em mim.

O rapaz se virou na direção da escadaria.

– Eu confio – disse a moça, simplesmente.

Crokus se encolheu. Por que Apsalar fazia com que as coisas parecessem fáceis para ela? Pelo sopro do Encapuzado, *ele* não confiaria em si mesmo. Claro, não conhecia Challice muito bem. Só haviam tido aquela única conversa confusa. E se ela chamasse os guardas? Bem, ele se certificaria de que Apsalar fugisse em segurança. Parou e segurou o braço da moça.

– Ouça. – Sua voz soou excessivamente áspera, mas ele se forçou a prosseguir: – Se alguma coisa der errado, vá para a Taberna da Fênix, certo? Encontre Meese, Irilta ou meus amigos Kruppe e Murillio. Diga a eles o que aconteceu.

– Tudo bem, Crokus.

– Ótimo. – Soltou o braço dela. – Gostaria que tivéssemos um lampião.

Disse isso enquanto mergulhava na escuridão, estendendo uma das mãos à frente.

– Por quê? – questionou Apsalar, passando por ele. Ela pegou sua mão e o guiou para baixo. – Eu consigo enxergar. Não solte a minha mão.

Aquilo poderia ser uma coisa difícil de fazer mesmo se desejasse, percebeu Crokus. Havia muitos calos ásperos naquela mãozinha. Deixou que eles o lembrassem do que aquela garota era capaz de fazer, embora a tentativa o perturbasse vagamente.

Com os olhos arregalados, ainda sem ver nada, Crokus se permitiu ser conduzido escada abaixo.

O capitão da guarda da Casa Simtal avistou Whiskeyjack e seus homens com óbvio desgosto.

– Pensei que vocês eram todos barghastianos. – Ele se aproximou de Trote e bateu com o dedo no peito enorme do guerreiro. – Você me fez acreditar que todos eram como você, Niganga.

Um grunhido baixo e ameaçador emergiu de Trote e o capitão recuou, a mão indo para seu espadim.

– Capitão – comentou Whiskeyjack –, se fôssemos todos barghastianos – o rosto estreito do homem se virou para ele, com uma careta –, você não teria dinheiro suficiente para nos contratar – concluiu o sargento, com um sorriso duro, e lançou um olhar a Trote.

Niganga? Pelo sopro do Encapuzado!

– Niganga é meu segundo em comando, capitão. Agora, como gostaria que nos posicionássemos?

– Bem além da fonte – instruiu ele. – De costas para o jardim, que andou... hum... ficando selvagem. Não queremos que nenhum convidado se perca por lá, então vocês devem gentilmente conduzi-los de volta, entendido? E, quando digo gentilmente, é isso mesmo que quero dizer. Devem bater continência para qualquer um que se dirija a vocês e, se houver qualquer discussão, encaminhá-los a mim, capitão Stillis. Vou fazer a ronda, mas qualquer um da guarda da casa consegue me achar.

Whiskeyjack aquiesceu.

– Entendido, senhor.

Virou-se para inspecionar seu pelotão. Violinista e Azarve se encontravam atrás de Trote, ambos parecendo ansiosos. Mais atrás, Marreta e Ben Ligeiro estavam parados na beira da rua com as cabeças inclinadas, conversando. O sargento franziu o cenho para eles, notando como seu mago se encolhia a cada estrondo de trovão a leste.

O capitão Stillis marchou dali, depois de lhes dar orientações sobre as salas

da propriedade até o terraço e o jardim do outro lado. Whiskeyjack esperou o homem sair de seu campo de visão e foi até Ben Ligeiro e Marreta.

– O que há de errado? – perguntou.

Ben Ligeiro parecia amedrontado.

– Sabe os trovões e os relâmpagos, sargento? Bem, não é uma tempestade, não. A história de Paran parece verdadeira.

– Quer dizer que temos pouco tempo – refletiu Whiskeyjack. – Eu me pergunto por que a conselheira não apareceu... Acham que ela está fugindo daqui?

Marreta deu de ombros.

– Você não entendeu? – murmurou Ben Ligeiro, trêmulo. Respirou fundo algumas vezes e continuou: – A criatura lá fora está lutando. Estamos falando de feitiçarias superiores, só que está mais perto, o que quer dizer que está ganhando. E isso significa...

– Que estamos com problemas – concluiu Whiskeyjack. – Tudo bem, seguimos conforme foi planejado, por ora. Vamos lá, fomos designados exatamente para o posto onde queremos estar. Ben Ligeiro, você tem certeza de que Kalam e Paran podem nos encontrar?

O mago gemeu.

– Orientações repassadas, sargento.

– Ótimo. Vamos, então. Pela casa e com os olhos lá na frente.

– Parece que ele vai dormir por dias – disse Kalam, aprumando-se ao lado da cama de Coll e encarando o capitão.

Paran esfregou seus olhos vermelhos.

– Ela deve ter dado alguma coisa a eles – insistiu o capitão, exausto. – Mesmo que não tenham visto.

Kalam balançou a cabeça.

– Eu lhe disse, senhor, ela não deu. Todos estavam à procura de algo assim. O pelotão ainda está limpo. Agora, é melhor irmos.

Paran se levantou com esforço. Estava exausto e sabia ser apenas mais um fardo.

– Ela vai aparecer nessa propriedade, então – insistiu, prendendo a espada.

– Bem, é nessa hora que eu e você entramos, certo? – disse Kalam, encaminhando-se à porta. – Se ela aparecer, nós a tiraremos de lá, exatamente como você queria fazer o tempo inteiro.

– Bem, agora, do jeito que estou, meu papel na luta será bem curto – disse Paran, juntando-se ao assassino. – Considere que eu sou o elemento-surpresa, a única coisa pela qual ela não estará esperando, a única coisa capaz de pará-la por um segundo. – Olhou dentro dos olhos negros do homem. – Aproveite esse segundo, cabo.

Kalam deu um meio sorriso.

– Eu ouvi, senhor.

Deixaram Coll ainda roncando com satisfação e desceram para o andar principal da taberna. Ao passarem pelo balcão, Scurve olhou para eles, discretamente.

Kalam soltou um palavrão exasperado e, com um movimento rápido, estendeu a mão e o agarrou pela camisa. Puxou o estalajadeiro rangente por meio balcão até seus rostos estarem a centímetros de distância.

– Estou cansado de esperar – grunhiu o assassino. – Faça essa mensagem chegar ao Mestre dos Assassinos da cidade. Não me importa como. Só faça isso, e rápido. Esta é a mensagem: a maior oferta de contrato da vida do Mestre estará esperando no muro dos fundos da propriedade de lady Simtal hoje à noite. Se o Mestre da Sociedade for digno desse nome, então talvez, só talvez, não seja grande demais para a Sociedade pegar. Entregue essa mensagem nem que precise gritar dos telhados, ou voltarei aqui com vontade de matar.

Paran fitou o cabo, cansado demais para ficar surpreso.

– Estamos perdendo tempo – murmurou o capitão, sua fala arrastada.

Kalam segurou mais forte e fulminou Scurve com os olhos.

– É melhor não estarmos – rosnou.

Soltou o homem, gentilmente abaixando-o de volta para o balcão. Depois, lançou um punhado de moedas de prata ao lado de Scurve, dizendo:

– Para suas dificuldades.

Paran gesticulou e o assassino assentiu. Deixaram a Taberna da Fênix.

– Ainda seguindo ordens, cabo?

Kalam grunhiu.

– Fomos instruídos a fazer a oferta em nome da imperatriz, capitão. Se o contrato for aceito e os assassinatos, cometidos, Laseen terá de pagar, sejamos nós um grupo fora da lei ou não.

– Uma cidade destruída para Dujek e seu exército ocuparem, com a imperatriz pagando por isso. Ela vai engasgar com essa, Kalam.

Ele novamente deu um meio sorriso.

– Isso é problema dela, não meu.

Na rua, os caras-cinzentas se moviam pela multidão barulhenta como espectros silenciosos, acendendo os lampiões a gás com ajuda de um cabo comprido. Algumas pessoas, desinibidas pela bebida, os abraçavam e abençoavam. Os caras-cinzentas, encapuzados e anônimos, apenas faziam reverências curtas em resposta e continuavam seu caminho depois de liberados.

Kalam os fitava, com suas sobrancelhas unidas.

– Algo errado, cabo? – perguntou Paran.

– Tem algo me incomodando. Não consigo definir o que é. Tem alguma coisa a ver com esses caras-cinzentas.

O capitão deu de ombros.

– Eles mantêm os lampiões acesos. Vamos, então?

Kalam suspirou.

– É melhor, senhor.

A carruagem negra envernizada, puxada por dois garanhões castanho-escuros, se movia devagar pelo povaréu. Três metros à frente, marchava um par de guardas da própria casa de Baruk, abrindo passagem no centro da rua e usando suas armas cobertas por panos quando gritos e palavrões não funcionavam.

De dentro da carruagem acolchoada, o rugido do lado de fora era ouvido como uma maré distante, silenciada pelos sonoros feitiços isolantes do alquimista. Estava sentado com o queixo abaixado na direção do peito, e seus olhos, escondidos na sombra de sua testa e meio fechados, contemplavam o tiste andii sentado à sua frente. Rake não dissera nada desde que voltara à sua propriedade, alguns minutos antes do horário em que haviam planejado partir.

A cabeça de Baruk latejava. Feitiçaria sacudia as colinas a leste, irradiando-se em ondas que atingiam, como punhos encouraçados, todos os magos dentro do alcance. Sabia bem a fonte daquilo. O habitante do túmulo se aproximava, cada passo seu impugnado pela natureza tiste andii de Anomander Rake. Parecia que a predição de Mammot fora muito generosa. Não tinham dias, tinham horas.

Ainda assim, apesar da batalha de Labirintos, apesar do fato de o poder do tirano jaghut ser superior ao dos magos de Rake e de o habitante do túmulo continuar se aproximando, implacável, irreprimível, como uma tempestade crescente de feitiçaria Omtose Phellack, o Senhor da Cria da Lua permanecia tranquilo no assento acolchoado, com as pernas esticadas diante dele e as mãos enluvadas no colo. A máscara pousada no veludo ao seu lado era primorosa, ainda que macabra. Em ocasiões melhores, Baruk poderia ter se divertido e apreciado o trabalho de confecção, mas, naquele exato momento, enquanto a olhava, a única coisa que sentia era desconfiança. Um segredo estava encerrado naquela máscara, algo que identificaria o homem que a usaria. Mas o segredo escapava a Baruk.

Turban Orr ajeitou sua máscara de falcão e parou bem diante dos largos degraus que davam para as portas principais da propriedade. Ouviu outra carruagem chegar aos portões e olhou na direção do som. Da porta às suas costas, veio o arrastar de passos.

Lady Simtal falou atrás dele:

– Seria melhor que você deixasse um de meus servos me informar de sua chegada, conselheiro. Conceda-me o privilégio de acompanhá-lo ao salão principal.

Ela deslizou seu braço pelo dele.

– Um momento – resmungou ele, com os olhos na pessoa que saía do veículo. – É a carruagem do alquimista, mas aquele dificilmente seria Baruk, certo?

Lady Simtal olhou.

– Por Trake libertado! Quem seria esse?

– O convidado de Baruk – disse Orr, secamente.

Ela deu um apertão forte no braço dele.

– Tenho consciência do privilégio dele, conselheiro. Diga, já viu esse homem antes?

Orr deu de ombros.

– Está mascarado. Como saberia?

– Quantos homens você conhece, Turban, que têm mais de 2 metros e usam espadas de duas mãos presas às costas? – Ela semicerrou os olhos. – Aquele cabelo branco... Você acha que é parte da máscara?

O conselheiro não respondeu. Observou Baruk surgir de trás do estranho. A máscara do alquimista era uma modesta viseira de elmo incrustada de prata, que não cobria nada além dos olhos. Uma declaração óbvia que negava a duplicidade. Turban Orr grunhiu, sabendo bem que suas suspeitas sobre a influência e o poder do alquimista eram precisas. Seus olhos se voltaram para o estranho. A máscara dele era de um dragão negro, envernizada com realces em prata; de algum modo, a expressão do dragão parecia... ardilosa.

– Bem? – retomou lady Simtal. – Vamos ficar aqui a noite inteira? E, aliás, onde está sua querida esposa?

– Doente – respondeu ele, distraído, e sorriu para ela. – Devemos nos apresentar para o convidado do alquimista? E já a parabenizei por seu traje?

– Não – disse ela.

– Pantera negra combina com você, lady.

– Mas é claro que combina – respondeu ela, irritada, vendo Baruk e seu convidado virem pelo caminho pavimentado na direção deles.

Soltou o braço de Orr e se adiantou.

– Boa noite, alquimista Baruk. Bem-vindo – acrescentou ela para o homem da máscara de dragão negro. – Uma apresentação surpreendente. Nós nos conhecemos?

– Boa noite, lady Simtal – cumprimentou Baruk, fazendo uma curta reverência. – Conselheiro Turban Orr. Permitam-me apresentar... – Ele hesitou, mas o tiste andii fora firme. – Lorde Anomander Rake, um visitante em Darujhistan.

O alquimista esperou para ver se o conselheiro reconheceria o nome.

Turban Orr fez uma reverência formal.

– Em nome do conselho da cidade, seja bem-vindo, lorde Anomander Rake.

Baruk suspirou. *Anomander Rake, um nome conhecido por poetas e acadêmicos, mas, aparentemente, não por conselheiros*.

– Como lorde, presumo que possua título sobre alguma terra – continuou Orr e quase recuou um passo quando o semblante de dragão se virou para observá-lo. Olhos profundamente azuis se fixaram nos seus.

– Terra? Sim, conselheiro, possuo título. Entretanto, meu título é honorífico, ofertado a mim pelo meu povo. – Rake relanceou o olhar por sobre o ombro de Orr para a sala do outro lado da porta. – Parece, lady, que a noite está indo bem.

– De fato. – Ela riu. – Venham, juntem-se às festividades.

Baruk soltou outro suspiro, de alívio dessa vez.

Murillio precisava admitir que a máscara que Kruppe escolhera para ela era bastante adequada. Viu-se sorrindo por trás da máscara com plumas de pavão, apesar de sua consternação. Estava perto da porta aberta que dava para o pátio e o jardim, com um cálice de vinho em uma das mãos e a outra presa ao cinto.

Rallick se encostou na parede, ao lado dele, de braços cruzados. Sua máscara era a de um tigre de Catlin, idealizada para imitar a imagem do deus Trake. Murillio sabia que o assassino deixava a parede suportar seu peso devido mais à sua exaustão do que a uma atitude preguiçosa. Voltou a se perguntar se os problemas recairiam sobre si. O assassino enrijeceu de repente, com os olhos na entrada diante deles.

Murillio se esticou para ver além da multidão. Ali, o falcão. Murmurou:

– Aquele é Turban Orr, com certeza. Com quem ele está?

– Simtal – grunhiu Rallick. – E Baruk, e mais um homem monstruoso com uma máscara de dragão que está... armado.

– Baruk? – Murillio riu, nervoso. – Vamos esperar que ele não nos reconheça. Não levaria um segundo para ele juntar as peças.

– Não importa – disse Rallick. – Ele não vai nos parar.

– Talvez você esteja certo. – Murillio quase soltou sua taça. – Pelos pés cansados do Encapuzado!

Rallick sibilou entre os dentes:

– Inferno! Olhe para ele. Está indo direto para eles!

Lady Simtal e Turban Orr pediram licença, deixando Baruk e Rake momentaneamente sozinhos no meio do salão. Pessoas circulavam, algumas inclinando a cabeça respeitosamente para Baruk, mas todas mantendo distância. Uma multidão se juntou em volta de Simtal ao pé de sua escadaria sinuosa, ávidos com perguntas sobre Anomander Rake.

Uma figura se aproximou de Baruk e de seu acompanhante. Baixo, redondo, vestindo um colete vermelho desbotado, com doces nas duas mãos, o homem usava uma máscara de querubim, cuja abertura para a boca estava lambuzada de cobertura de bolo e de migalhas. Seu caminho na direção deles foi cheio de obstáculos enquanto negociava passagem pela sala, pedindo desculpas a cada virada.

Rake notou o recém-chegado, pois comentou:

– Parece ansioso, não é?

Baruk riu.

– Ele trabalhou para mim. E eu trabalhei para ele, também. Anomander Rake, veja aquele a quem chamam de a Enguia. O mestre-espião de Darujhistan.

– Você está de brincadeira?

– Não.

Kruppe chegou arquejante.

– Mestre Baruk! – chamou, sem ar. – Que surpresa encontrá-lo aqui. – O rosto de querubim se virou na direção de Rake, e então para cima. – O cabelo é um toque primoroso, senhor. Primoroso. Meu nome é Kruppe, senhor. Kruppe, o Primeiro.

Enfiou o doce na boca.

– Este é lorde Anomander Rake, Kruppe.

Kruppe assentiu vigorosamente e engoliu fazendo barulho.

– Claro! Ora, então o senhor deve estar bastante habituado a essa postura altiva. Kruppe inveja aqueles que podem olhar de cima para todos.

– É fácil alguém se enganar quando tende a enxergar aqueles abaixo de si como pequenos e insignificantes – respondeu Rake. – Os riscos de quem assume

uma postura superior, você poderia dizer.

– Kruppe poderia muito bem dizer, considerando que o jogo de palavras foi intencional. Mas quem discordaria que o grupo do dragão está sempre além da compreensão dos meros seres humanos? Kruppe só consegue imaginar o entusiasmo do voo, o pranto dos ventos altos, os coelhos lá embaixo fugindo quando a sombra de um deles roça sua consciência limitada.

– Meu querido Kruppe... – Baruk suspirou. – É só uma máscara.

– Eis a ironia da vida – declarou Kruppe, erguendo a mão cheia de doces sobre a cabeça –, uma pessoa aprende a desconfiar do óbvio, rendendo-se, em vez disso, à suspeita insidiosa e à conclusão equivocada. Mas, ah, Kruppe está enganado? Pode uma enguia nadar? Essas águas aparentemente lamacentas são o lar de Kruppe, e seus olhos estão arregalados de surpresa! – Fez uma reverência floreada, espalhando pedaços de bolo sobre Rake e Baruk, então se afastou, ainda falando: – Uma inspeção na cozinha é necessária, Kruppe suspeita...

– Uma enguia, de fato – disse Rake, com um tom de divertimento. – Ele é uma lição para todos nós, não é?

– Concordo – murmurou Baruk, baixando os ombros. – Preciso de uma bebida. Vou pegar uma para você. Com licença.

Turban Orr estava de costas para a parede, vistoriando a sala lotada. Achava difícil relaxar. A semana anterior fora exaustiva. Ainda esperava a confirmação da Sociedade de Assassinos de que Coll estava morto. Não era do feitio deles demorar tanto para completar um contrato, e enfiar uma faca em um bêbado não devia ter sido muito difícil.

Sua caçada ao espião em suas organizações chegara a um beco sem saída, mas continuava convencido de que tal homem – ou mulher – existia. Repetidas vezes e, especialmente, desde o assassinato de Lim, constatara que suas jogadas no Conselho eram obstruídas por contra-ataques, difusos demais, porém, para lhe permitir apontar um dedo para qualquer pessoa. Mas a proclamação tinha ido por água abaixo.

Chegara a tal conclusão naquela manhã. E agira. Mesmo agora, o seu mensageiro mais capaz e mais confiável cavalgava pela rota dos mercadores,

provavelmente atravessando, naquele exato momento, as colinas Gadrobi e a tempestade de raios, a caminho de Pale. Rumo ao Império. Turban Orr sabia que os malazanos estavam chegando. Ninguém em Darujhistan podia pará-los. E o Senhor da Lua fora derrotado uma vez, em Pale. Por que seria diferente desta vez? Não, chegara a hora de assegurar que sua posição iria sobreviver à ocupação do Império. Ou, melhor ainda, cresceria para recompensar seu apoio vital.

Seus olhos pousaram casualmente sobre um guarda posicionado ao lado da escadaria em espiral. O homem parecia familiar de algum modo. Não seu rosto, mas o modo como se postava, a rigidez dos ombros. O posto habitual do homem era o Salão da Majestade? Não, o uniforme era de um guarda comum, enquanto o Salão da Majestade era domínio dos membros de elite. Turban Orr franziu ainda mais o cenho atrás da máscara de falcão. Então, o guarda ajeitou a tira de seu elmo e Turban Orr arquejou. Encostou-se na parede, dominado por tremores. A Barbacã do Déspota! Todas aquelas noites, uma após outra, por anos, o guarda testemunhara suas reuniões à meia-noite com seus aliados e agentes. Ali estava o espião.

Enrijeceu, fechando a mão sobre o pomo de sua espada de duelo. Não permitiria perguntas nem se importaria com as sensibilidades de Simtal, e para o inferno com aquela festa. Queria que sua vingança fosse rápida e imediata. Não deixaria ninguém impedi-lo. Com os olhos fixos no guarda distraído, Turban Orr avançou.

Colidiu com um ombro duro e cambaleou para trás. Um homem grande, com uma máscara de tigre, virou-se para ele. Orr esperou um pedido de desculpas, mas recebeu apenas silêncio. Desviou-se do homem. O braço do estranho o interceptou. Turban Orr praguejou quando uma mão enluvada derrubou vinho em seu peito.

– Idiota! – vociferou. – Eu sou o conselheiro Turban Orr. Saia do meu caminho.

– Eu sei quem você é – disse o homem, em voz baixa.

Orr colocou um dedo no peito do homem.

– Fique com essa máscara, para que eu ache você mais tarde.

– Nem reparei na sua máscara – disse o homem, com voz fria e vazia. –

Distraído pelo nariz, acho.

Os olhos do conselheiro se estreitaram.

– Ansioso para morrer, é? – chiou. – Farei esse favor a você. – Sua mão se contorceu no pomo da espada. – Em alguns minutos. Mas agora devo...

– Não espero por homem nenhum – disse Rallick Nom. – E certamente não por um potro de boca fina simulando virilidade. Se tiver estômago para um duelo, que seja agora, ou então pare de desperdiçar meu tempo com essa conversa toda.

Tremendo, Turban Orr recuou um passo e encarou o homem.

– Qual é o seu nome? – questionou, com a voz rouca.

– Você não é digno de ouvi-lo, conselheiro.

Turban Orr ergueu as mãos e se voltou para a multidão.

– Ouçam, convidados! Diversão inesperada para todos!

As conversas morreram e todos fitaram o conselheiro, que continuou:

– Um tolo desafiou minha honra, amigos. E desde quando Turban Orr permite tamanho insulto?

– Um duelo! – gritou alguém empolgado.

O vozerio aumentou. Orr apontou para Rallick Nom.

– Este homem, tão ousado a ponto de usar o rosto de Trake, estará morto em instantes. Olhem para ele agora, amigos, assim como ele olha para vocês, e saibam que ele está praticamente morto.

– Pare de tagarelar – falou Rallick, arrastado.

O conselheiro tirou a máscara, revelando um sorriso estreito.

– Eu não ficaria satisfeito nem se o matasse mil vezes. Mas devo me contentar com uma só vez.

Rallick tirou a máscara e a jogou nas escadas acarpetadas. Encarou Turban Orr com olhos escuros e frios.

– Já acabou de arrotar, conselheiro?

– Sem máscara e ainda um estranho – disse Orr, fazendo uma careta. – Que seja. Ache um padrinho.

Uma ideia lhe ocorreu e ele olhou para a multidão, procurando. No fundo, localizou a máscara que buscava, a de um lobo. O padrinho de sua escolha poderia render benefícios políticos, presumindo que o homem aceitasse. E, no

meio daquela multidão, ele seria um tolo se recusasse.

– Por mim – disse o conselheiro Turban Orr, alto –, ficaria honrado se o conselheiro Estraysian D'Arle fosse meu padrinho.

O lobo se sobressaltou. Ao seu lado estavam duas mulheres, uma não mais que uma garota. A esposa de D'Arle estava vestida como uma mulher com véus de Callows, enquanto a menina escolhera, escandalosamente, o vestuário minúsculo de uma donzela guerreira barghastiana. Tanto a esposa quanto a filha falaram com Estraysian. Ele deu um passo à frente.

– A honra é minha – declarou, completando o ritual de aceitação.

Turban Orr sentiu uma onda de triunfo. O mais poderoso inimigo no Conselho ao seu lado no duelo enviaria uma mensagem ambígua o suficiente para causar pânico nos membros do Conselho presentes. Satisfeito com seu golpe, encarou outra vez o oponente sem nome.

– E o seu padrinho? – perguntou o conselheiro.

O silêncio caiu sobre a sala.

– Não tenho muito tempo – disse, baixo, lady Simtal. – Afinal, sou a anfitriã do Festival...

– É seu dever satisfazer seus convidados – murmurou o homem diante dela. Ele estendeu a mão e afastou o cabelo de sua testa. – Algo que estou certo de que você pode fazer, e bem.

Ela sorriu e foi até a porta. Trancou o ferrolho, depois se virou para encarar o homem novamente.

– Talvez meia hora – concedeu.

O homem foi até a cama e largou suas luvas de couro.

– Estou confiante de que esses trinta minutos serão de fato satisfatórios... Cada minuto mais do que o anterior.

Lady Simtal se juntou a ele ao lado da cama.

– Suponho que não tenha escolha agora além de dar à viúva Lim as más notícias – sussurrou, deslizando os braços ao redor do pescoço do homem e puxando o rosto dele para seus lábios.

Tocou os lábios dele com os seus e passou a língua pela linha do maxilar

dele.

– Hum? Que más notícias?

– Ah, que você achou uma amante melhor, é claro.

A língua dela alcançou a orelha dele. Subitamente, ela se afastou, e seus olhos encontraram os dele, perscrutadores. Então, perguntou:

– Você ouviu?

Ele a envolveu com os braços e a puxou para mais perto.

– Não ouvi nada.

– Exatamente – retorquiu ela. – De repente tudo ficou quieto lá embaixo. É melhor eu...

– Eles estão no jardim, sem dúvida – disse o homem, de modo tranquilizador. – Os minutos estão passando, lady.

Ela hesitou, depois cometeu o erro de deixar que ele pressionasse o corpo contra o seu. Os olhos de lady Simtal se arregalaram, quase alarmados. Sua respiração mudou.

– Então... – Ela ofegou. – O que ainda estamos fazendo vestidos?

– Boa pergunta – grunhiu Murillio, caindo na cama com ela.

No silêncio que se seguiu à pergunta de Turban Orr, Baruk estava prestes a dar um passo à frente. Sabendo muito bem o que isso revelaria, se sentiu compelido mesmo assim. Rallick Nom estava ali para consertar um erro terrível. Além disso, o homem era um amigo, mais próximo de Baruk do que Kruppe ou Murillio. E, apesar de sua profissão, um homem íntegro. E Turban Orr era o último elo de lady Simtal com o poder de verdade. Se Rallick matasse o homem, ela cairia.

A volta de Coll ao Conselho era algo que Baruk e seus colegas magos da T’orrud desejavam imensamente. E a morte de Turban Orr seria um alívio. Havia mais em jogo naquele duelo do que Rallick imaginava. O alquimista ajeitou a capa e inspirou fundo. Uma mão grande se fechou sobre seu braço e, antes que Baruk pudesse reagir, lorde Anomander Rake deu um passo à frente.

– Ofereço meus serviços como padrinho – disse alto, fitando os olhos de Rallick.

O assassino não deixou transparecer nada, nem sequer olhou para Baruk. Respondeu à oferta de Rake com uma mesura.

– Talvez os dois estranhos se conheçam – escarneceu Turban Orr.

– Nunca nos encontramos – disse Rake. – Entretanto, eu me vejo instintivamente compartilhando o desagrado dele por sua tagarelice interminável, conselheiro. Assim procuro evitar um debate no Conselho sobre quem será o padrinho desse homem. Podemos prosseguir?

Turban Orr seguiu à frente até o terraço, com Estraysian D'Arle atrás. Quando Baruk se virou para acompanhá-los, sentiu um contato de energia familiar ao seu lado. Virou a cabeça e recuou.

– Bons deuses, Mammot! Onde você conseguiu essa máscara medonha?

Os olhos do idoso permaneceram nos seus por um momento, depois se desviaram, nervosos.

– Uma interpretação precisa das feições jaghut, creio – disse Mammot, baixo. – Mas acho que as presas estão um pouco pequenas.

Baruk se balançou.

– Você já conseguiu achar seu sobrinho?

– Não – respondeu Mammot. – Estou bastante preocupado com isso.

– Bem, vamos esperar que o garoto continue com a sorte de Oponn – grunhiu o alquimista, enquanto caminhavam para fora.

– Claro – murmurou Mammot.

Os olhos de Whiskeyjack se arregalaram quando uma multidão de convidados empolgados afluiu do salão principal e se reuniu no terraço.

Violinista correu até alcançá-lo.

– É um duelo, sargento. O homem com a mancha de vinho na camisa é um deles, um conselheiro chamado Orr. Ninguém conhece o outro homem. Ele está lá com aquele homenzarrão da máscara de dragão.

O sargento estava encostado, de braços cruzados, em um dos pilares de mármore que rodeavam a fonte, mas, ao ver a figura alta com máscara de dragão, quase caiu na aguá.

– Pelas bolas do Encapuzado! – praguejou. – Reconhece aquele cabelo

prateado comprido, Vi? – O sabotador franziu o cenho. – Cria da Lua. – Whiskeyjack respondeu a própria pergunta. – É o mago, o Senhor que estava no portal e que lutou contra Tayschrenn. – Soltou mais uma lista impressionante de palavrões e acrescentou: – E não é humano.

Violinista gemeu.

– Tiste andii. O canalha nos encontrou. Já era.

– Cale a boca. – Whiskeyjack se recuperava do choque. – Alinhem-se do jeito que o capitão Stillis queria. De costas para o mato e mãos nas armas. Mexam-se!

Violinista se apressou. O sargento observou o sabotador reunir seus homens. Onde raio estavam Kalam e Paran, aliás? Encontrou o olhar de Ben Ligeiro e gesticulou para o mago se aproximar.

– Vi explicou – disse Ben Ligeiro, inclinando-se para mais perto. – Posso não ser muito útil, sargento. O habitante do túmulo está soltando ondas de coisas sórdidas. Parece que minha cabeça está prestes a explodir. – Deu um sorriso débil. – E olhe em volta. Você pode descobrir quem são os magos pela expressão de nojo nos rostos deles. Se todos nós acessássemos nossos Labirintos, estaríamos bem.

– Então por que não fazem isso?

O mago fez uma careta.

– O jaghut se fixaria em nós como se fôssemos um farol de fogo. E pegaria os mais fracos. Mesmo a esta distância, ele os pegaria. E então seria o inferno.

Whiskeyjack observou os convidados abrirem espaço no terraço, enfileirando-se de cada lado.

– Verifique com Azarve e Violinista – ordenou o sargento, com os olhos fixos no tiste andii. – Certifique-se de que eles tenham algo útil, prático, caso tudo desmorone. Se preciso, esta propriedade queimará, muito e por muito tempo. Precisaremos da distração para ativar as minas dos cruzamentos. Balance a cabeça positivamente para me dizer que estão prontos.

– Certo.

Ben Ligeiro se afastou.

Whiskeyjack grunhiu de surpresa quando um jovem mascarado vestido de ladrão o circundou.

– Com licença – resmungou o homem, entrando na multidão.

O sargento encarou o jovem, depois lançou um olhar de volta para o jardim. Como o rapaz passara por eles, em primeiro lugar? Poderia jurar que haviam fechado a passagem para o mato. Afrouxou a espada na bainha furtivamente.

Crokus não fazia ideia do tipo de fantasia que Challice D'Arle estaria vestindo e se resignou a uma longa procura. Deixara Apsalar no muro do fundo do jardim e agora se sentia culpado. Ainda assim, ela parecera aceitar muito bem, embora de um modo que o fez se sentir ainda pior. Por que ela precisava ser tão legal com ele?

Mal prestou atenção à estranha disposição da multidão, procurando, como estava, por uma cabeça na altura do peito de todos os demais. Mas o esforço se mostrou desnecessário, pois a fantasia de Challice D'Arle estava longe de ser um disfarce.

Crokus se viu entre dois musculosos guardas da casa. Diante dele, a uns 5 metros, sem ninguém para obstruir sua visão, Challice estava com uma mulher mais velha, que Crokus presumiu ser sua mãe. A atenção delas estava voltada inteiramente para um homem alto de aparência severa parado em um dos extremos do espaço aberto no centro, conversando com outro homem que prendia uma luva de duelo. Lentamente ocorreu ao ladrão que estava prestes a acontecer um duelo.

Espremendo-se entre os dois guardas, Crokus esticou o pescoço para encontrar o outro duelista. Primeiro, achou que era o gigante com a máscara de dragão e a espada de duas mãos. Depois, seu olhar encontrou o homem. Rallick Nom. Seus olhos voltaram rapidamente para o primeiro duelista. Familiar. Deu um cutucão no guarda à sua esquerda.

– Aquele é o conselheiro Turban Orr?

– É, senhor – respondeu o guarda, com uma tensão esquisita na voz.

Crokus ergueu o olhar para ver o rosto do homem molhado de suor, que gotejava debaixo de seu elmo pontudo. *Estranho*.

– Então, onde está lady Simtal? – perguntou, casualmente.

– Em nenhum lugar à vista – respondeu o guarda, com evidente alívio. –

Caso contrário, ela impediria isso.

Crokus assentiu.

– Bem – disse ele –, Rallick vai ganhar.

O guarda o fitou com olhos duros e penetrantes.

– Você conhece o homem?

– Bem...

Alguém deu um tapinha em suas costas e ele se virou para encontrar um rosto angelical sorrindo de forma displicente para ele.

– Ora, menino Crokus! Que fantasia inventiva você está vestindo!

– Kruppe?

– Adivinhou corretamente! – replicou Kruppe. O rosto de madeira pintada se virou para o guarda. – Ah, bom senhor, tenho uma mensagem escrita para você. – Kruppe colocou um pergaminho na mão do homem. – Com os cumprimentos de alguém que o admira secretamente e de longa data.

Crokus sorriu. Aqueles guardas tinham muita sorte no que dizia respeito a damas nobres.

O Rompedor de Círculos aceitou o pergaminho e tirou dele o laço de seda. Mais de uma vez sentira os olhos de Turban Orr sobre ele. Primeiro no salão central, quando parecera que o conselheiro poderia abordá-lo diretamente, e agora, enquanto os outros discutiam sobre quem deveria arbitrar o duelo.

O Rompedor de Círculos rezava para que Rallick matasse Turban Orr. Sentia seu medo correr pelo corpo e foi com mãos trêmulas que leu a mensagem da Enguia:

Chegou a hora do Rompedor de Círculos se retirar das atividades. O círculo foi reparado, leal amigo. Embora você nunca tenha visto a Enguia, tem sido aquele em quem ela mais confia, e merece o descanso. Não julgue que a Enguia esteja simplesmente descartando-o. Não são esses os seus modos. O sinete no final deste pergaminho vai lhe fornecer passagem para a cidade de Dhavran, onde servos leais da Enguia prepararam sua chegada comprando uma propriedade e um título legítimo em seu nome. Você logo entrará em um mundo diferente, com seus próprios jogos.

Confie em seus novos servos, amigo, neste e em todos os outros assuntos.

Siga esta mesma noite até o cais dos mercadores de Dhavran no Antelago. Procure o escaler chamado Enskalader. Mostre o sinete para qualquer marujo a bordo – todos são servos da Enguia. A hora chegou, Rompedor de Círculos. O círculo foi reparado. Despeço-me.

Baruk ergueu as mãos, exasperado.

– Chega disso! – vociferou. – Arbitrarei este duelo e aceitarei toda a responsabilidade. O julgamento da vitória é meu. Ambos os lados aceitam?

Turban Orr concordou com a cabeça. Isso era ainda melhor do que Estraysian ser seu padrinho. Baruk proclamá-lo vencedor no duelo seria um grande golpe.

– Aceito.

– Eu também – disse Rallick, com a capa curta fechada.

Um vento repentino vindo do leste agitou as copas das árvores no jardim. Trovões ribombavam perto das colinas. Alguns dos espectadores pareceram se encolher. Turban Orr deu um meio sorriso, entrando no espaço aberto. Folhas passaram silvando, estalando como ossos minúsculos.

– Antes que chova – disse o conselheiro.

Seus aliados na multidão riram do gracejo.

– Claro – continuou Orr. – Pode ser mais divertido prolongar as coisas. Um ferimento aqui, outro ali. Devo cortá-lo em pedaços devagar?

Fingiu desalento ante o coro de aprovação ávida.

– Ansiosos demais por sangue, amigos! As senhoras vão dançar em ladrilhos escorregadios quando a escuridão cair? Temos que considerar nossa anfitri...

E onde *estava* Simtal? Sua imaginação conjurou uma imagem, e ele franziu o cenho. Disse friamente:

– Não, na verdade será rápido.

O conselheiro desembainhou sua espada e prendeu as tiras de couro da luva ao cabo ornado atrás da guarda do punho. Vasculhou entre os rostos de sua plateia, procurando mesmo naquele instante alguma expressão que traísse algo: tinha amigos que eram inimigos, inimigos que seriam amigos, o jogo continuaria além daquele momento, mas aquele instante poderia se mostrar revelador. Iria se

lembrar de cada rosto mais tarde e estudá-los no tempo livre.

Turban Orr assumiu posição. Seu oponente estava a 3 metros, com as duas mãos escondidas sob a capa. Ele parecia tranquilo, quase entediado.

– O que é isso? – questionou Orr. – Onde está sua arma?

– Estou pronto – respondeu Rallick.

Baruk se postou entre os dois duelistas, mais ou menos à mesma distância dos dois. Seu rosto estava pálido, como se houvesse ficado doente.

– Comentários dos padrinhos? – perguntou, vagamente.

Rake não respondeu.

Estraysian D'Arle pigarreou e falou:

– Eu aqui dou a conhecer que me oponho a este duelo por ser superficial e banal. – Fitou Turban Orr. – Acho a vida do conselheiro irrelevante, mesmo em seus melhores momentos. – O homem alto olhou para Rallick. – Se ele morrer, não haverá pacto de vingança da Casa D'Arle. Você, senhor, está livre disso.

Rallick fez uma curta reverência.

O sorriso de Turban Orr se estreitou. Jurou que o canalha pagaria por isso. Inclinou-se, quase agachando, preparado para iniciar um ataque assim que o duelo começasse.

– Você foi ouvido, Estraysian D'Arle – disse Baruk, erguendo um lenço diante de si e soltando-o.

Turban Orr saltou para a frente e se precipitou com um único movimento fluido, tão rápido que já tinha preparado sua arma antes mesmo de o lenço tocar as pedras que pavimentavam o chão. Viu a mão esquerda de seu oponente, com uma faca curta e curva de cabo brilhante, atacar por baixo de sua lâmina e depois virá-la para cima e para fora. O movimento de defesa foi um borrão, mas ainda assim Orr foi capaz de percebê-lo e habilmente conseguiu se livrar, dirigindo a ponta de sua arma para baixo, para o centro do tronco do homem. Mas o conselheiro não teve tempo de notar a segunda faca: Rallick girou o corpo para o lado, e a outra lâmina, em sua mão direita, jogou longe a espada de Turban Orr. O assassino então deu um passo à frente, com sua mão esquerda se movendo num balanço, e acabou enterrando a lâmina no pescoço do conselheiro. Em seguida, Rallick enfiou a outra faca no peito de Orr.

O conselheiro cambaleou para um lado, e sua espada tilintou nas pedras

enquanto ele cobria com a mão o ferimento que jorrava em seu pescoço. O movimento foi um reflexo, pois já estava morto pelo golpe no coração. Tombou.

Rallick recuou um passo, com as armas mais uma vez escondidas sob a capa.

– Outras mil mortes não teriam me satisfeito tanto – sussurrou o assassino, tão baixo que só Baruk e Rake o ouviram. – Vou me contentar com esta.

Baruk se aproximou e fez menção de falar, mas então, com um gesto de Rake, virou-se para ver Estraysian se aproximando.

As pálpebras pesadas do conselheiro se detiveram em Rallick.

– Eu poderia suspeitar, dado o seu estilo, que testemunhamos um assassinato. Mas, é claro, nem mesmo a Sociedade de Assassinos é atrevida o bastante para cometer um assassinato em público. Portanto, não tenho escolha senão guardar essas suspeitas para mim. E deixá-las de lado. Boa noite, cavalheiros.

Virou e se afastou.

– Acho – disse Rake, seu rosto mascarado se voltando para o assassino – que esta foi uma competição bastante desigual.

Uma aglomeração de pessoas cercou o corpo de Orr. Vozes gritavam de pavor.

Baruk contemplou a satisfação fria no rosto de Rallick.

– Está feito, Rallick. Vá para casa.

Uma mulher grande e rechonchuda, vestida em trajes verde-vivos com adornos dourados, se juntou a eles. Sem máscara, ela sorriu largamente para Baruk.

– Saudações. Tempos interessantes, não é?

Uma serva pessoal estava ao seu lado, segurando uma bandeja acolchoada em que havia um narguilé.

Rallick recuou com uma curta reverência e partiu. Baruk suspirou.

– Saudações, Derudan. Permita-me apresentar lorde Anomander Rake. Lorde, a bruxa Derudan.

– Perdoe pela máscara – disse Rake. – Mas é melhor que ela continue onde está.

Fumaça fluía do nariz de Derudan.

– Meus compatriotas compartilham de meu mal-estar crescente, não é? Sentimos a tempestade se aproximando e, embora Baruk continue a nos

tranquilizar, ainda há apreensões, não é?

– Caso se mostre necessário, cuidarei pessoalmente do assunto – disse Rake. – Não acredito, entretanto, que nossa maior ameaça seja aquela além dos muros da cidade. Uma suspeita, bruxa, nada mais.

– Acho que gostaríamos de ouvir essas suas suspeitas, Rake – disse Baruk, incerto.

O tiste andii hesitou, depois balançou a cabeça.

– Insensato – concluiu Rake. – O assunto, no presente momento, é sensível demais para ser abordado. Devo continuar aqui por ora, no entanto.

Derudan acenou negativamente em resposta ao grunhido irritado de Baruk.

– Verdade, a Conspiração T'orrud está desacostumada a se sentir indefesa, não é? Verdade também que os perigos abundam, e qualquer um pode se revelar uma simulação, uma distração, não é? Astuciosa é a imperatriz. Quanto a mim, afirmo a confiança entre nós, senhor. – Ela sorriu para Baruk. – Temos que conversar, você e eu, alquimista – anunciou ela, dando o braço a ele.

Rake fez uma curta reverência para a mulher.

– Um prazer conhecê-la, bruxa.

Observou a bruxa e o alquimista se afastarem, com a serva se apressando logo atrás de Derudan.

Kruppe interceptou um servo que trazia salgadinhos de aparência deliciosa. Pegando dois punhados aleatoriamente, se virou para retomar a conversa com Crokus. Parou. O garoto não estava em nenhum lugar à vista.

A multidão se movia confusamente no terraço, alguns perturbados, embora a maioria parecesse apenas confusa. "Onde está lady Simtal?", perguntavam. Alguns, sorrindo, mudavam a pergunta para: "Com quem ela está?" Uma nova onda de expectativa já surgia entre os nobres. Circulavam como abutres, esperando por sua anfitriã vacilante.

Sorrindo angelicalmente por trás de sua máscara de querubim, Kruppe levantou os olhos devagar para a varanda que dava para o pátio a tempo de ver uma silhueta escura e feminina atrás da cortina. Lambeu o açúcar grudento de seus dedos, estalando os lábios.

– Há momentos, murmura Kruppe, em que o celibato advindo de triste privação se transforma em uma bênção, ou melhor, em uma fonte de grande alívio. Querido Murillio, prepare-se para uma tempestade.

Simtal afastou duas tiras da persiana e olhou para baixo.

– Você estava certo – disse. – Eles foram mesmo para o terraço. Esquisito, com uma tempestade se aproximando. Tenho que me vestir. – Virou-se para a cama e começou a pegar as roupas espalhadas em volta. Perguntou: – E quanto a você, Murillio? Não acha que sua companhia lá embaixo está se questionando onde você está, querido amante?

Murillio virou as pernas para a lateral da cama e colocou as meias-calças.

– Acho que não.

Simtal lançou um olhar curioso a ele.

– Com quem você veio?

– Um amigo – respondeu, abotoando a camisa. – Duvido que você vá reconhecer o nome.

Naquele momento, a tranca da porta se quebrou, e a porta se escancarou.

Vestida apenas com as roupas de baixo, Simtal soltou um grito. Seus olhos voaram para o homem alto de capa à porta.

– Como ousa entrar em meu quarto? Saia agora ou irei chamar...

– Os dois guardas patrulhando este corredor partiram, lady – disse Rallick Nom, entrando no quarto e fechando a porta atrás dele. O assassino lançou um olhar a Murillio e rosnou: – Vista-se.

– Partiram?

Simtal se moveu de modo a deixar a cama entre ela e Rallick.

– A lealdade deles foi comprada – explicou o assassino. – Uma lição com a qual você deve estar familiarizada.

– Eu só preciso gritar e outros virão.

– Mas não gritou, porque está curiosa.

Rallick sorriu.

– Não ouse me machucar – cuspiu ela, aprumando-se. – Turban Orr irá caçá-lo.

O assassino deu outro passo à frente.

– Estou aqui apenas para conversar, lady Simtal. Você não será ferida, não importa o que mereça.

– Mereço? Não fiz nada. Nem mesmo o conheço.

– Nem o conselheiro Lim conhecia – disse Rallick com calma. – E esta noite o mesmo poderia ser dito de Turban Orr. Ambos os homens pagaram por sua ignorância, infelizmente. Sorte que não pôde comparecer ao duelo, lady. Foi desagradável, mas necessário. – Seus olhos endureceram para a mulher pálida. – Permita-me explicar. A oferta de Turban Orr de contrato para a Sociedade dos Assassinos está oficialmente cancelada. Coll está vivo e agora o retorno dele a esta casa está assegurado. Acabou para você, lady Simtal. Turban Orr está morto.

Virou-se e saiu do quarto, fechando a porta ao sair.

Murillio se levantou devagar. Olhou dentro dos olhos de Simtal, vendo ali um terror crescente. Sabotada por lhe terem tirado seus elos com o poder, suas defesas outrora seguras desmoronaram. Ele observou quando ela pareceu diminuir fisicamente, com os ombros se curvando, as mãos sobre a barriga, joelhos se dobrando. Depois não conseguiu olhar mais. Lady Simtal se fora, e ele não ousava observar de tão perto aquela criatura que agora estava em seu lugar.

Desembainhou sua adaga ornamental e a jogou na cama. Sem qualquer palavra ou gesto, deixou o quarto, sabendo com certeza que seria o último homem a vê-la viva.

No corredor do lado de fora, parou.

– Mowri – clamou, baixo. – Não fui criado para isso.

Planejar chegar até ali era uma coisa; ter chegado era outra. Não imaginara como se sentiria. A justiça ficara no caminho disso, um fogo branco que não lhe dera motivo para olhar para trás ou se afastar. A justiça o seduzira, e ele se perguntou o que acabara de perder; assombrou-se com a morte que sentiu se espalhar dentro dele. O remorso que surgiu na esteira daquela morte, tão irrespondível como era, ameaçava dominá-lo.

– Mowri – sussurrou Murillio uma segunda vez, o mais perto de rezar que jamais estivera –, acho que estou perdido agora. Estou perdido?

Crokus circundou a coluna de mármore com cuidado, com os olhos fixos na donzela guerreira barghastiana baixinha sentada na beirada da fonte. Para o inferno com aqueles guardas na beira da mata. Era um ladrão, não era? Além disso, todos pareciam bastante distraídos.

Esperou pela oportunidade e, quando apareceu, disparou para as sombras entre a primeira linha de árvores. Nenhum grito de alarme ou ordem de parar soou atrás dele. Esgueirando-se na escuridão, Crokus virou e se agachou. Sim, ela ainda estava sentada ali, virada na sua direção.

Inspirou fundo e ficou em pé, com um seixo na mão. Fitando os guardas, esperou. Meio minuto depois, encontrou a oportunidade. Deu um passo à frente e jogou o seixo na fonte.

Challice D'Arle pulou, depois olhou ao redor enquanto secava gotas de água do rosto pintado. O coração de Crokus encolheu quando Challice o olhou e depois jogou rapidamente sua cabeça para trás.

Crokus gesticulou desesperado. Aquele era o momento em que descobriria o que ela sentia a seu respeito. Prendeu a respiração e gesticulou outra vez.

Lançando um olhar para o pátio, Challice se levantou e correu para ele.

Enquanto se aproximava, ela semicerrou os olhos em sua direção.

– Gorlas? É você? Esperei a noite toda!

Crokus congelou. Então, sem pensar, se atirou para a frente, cobriu a boca da garota com a mão e com o outro braço envolveu sua cintura. Challice chiou, tentando morder sua mão, e lutou com ele, mas Crokus a puxou para a escuridão do jardim. *E agora?*, ele se perguntou.

O Rompedor de Círculos se encostou na coluna de mármore dentro do salão principal da propriedade. Atrás dele, os convidados circulavam confusos em torno do corpo de Turban Orr, discutindo alto e proferindo ameaças vazias. O ar estava pesado sobre o jardim, cheirando a sangue.

Esfregou os olhos, tentando acalmar o coração. *Está acabado. Rainha dos Sonhos, terminei. Posso descansar agora. Finalmente descansar*. Aprumou-se devagar, inspirando fundo, ajeitou o cinto da espada e olhou ao redor. O capitão Stillis tinha sumido e o salão estava vazio, exceto por um grupo de servos do

lado de fora da entrada da cozinha. Lady Simtal ainda não havia aparecido, e a perplexidade se esvaía no turbilhão de sua ausência.

O Rompedor de Círculos olhou uma última vez para os convidados no jardim e se encaminhou para as portas. Quando passou por uma mesa comprida sobre a qual havia restos de doces e pudins, ouviu um ronco baixo. Mais um passo o levou à extremidade da mesa, de onde avistou um homenzinho redondo sentado em uma antiga cadeira estofada. A máscara de querubim lambuzada escondia o rosto do homem, mas o Rompedor de Círculos conseguiu enxergar os olhos fechados, notando que o zumbido nasal que acompanhava o subir e descer de seu peito era alto e regular.

O guarda hesitou. Então, balançando a cabeça, seguiu em frente. Do outro lado dos portões que surgiam em seu campo de visão, as ruas de Darujhistan e a liberdade esperavam por ele. Agora que dera seus primeiros passos naquele caminho, não deixaria nada detê-lo.

Fiz a minha parte. Só mais um estranho sem nome que não conseguiu fugir diante da tirania. Querido Encapuzado, tome a alma murcha do homem; seus sonhos estão acabados, encerrados pelo capricho de um assassino. Quanto à minha alma, bem, você terá que esperar um pouco mais.

Atravessou os portões, dando boas-vindas ao sorriso que brotou em seus lábios.

CAPÍTULO 22

Corvos! Grandes Corvos!
Seus grasnados incriminadores zombam
de histórias levadas sob
suas asas enegrecidas –

Estilhacem o dia,
ó bandeiras da noite,
rasguem com sombras
esta luz inocente.

Corvos! Grandes Corvos!
Suas nuvens retumbantes estão chegando,
precipitando-se em súbita guinada,
sibilando angústias
de nenhum lugar
para outro –

Estilhacem o dia
ó bandeiras da noite,
rasguem com sombras
esta luz inocente.

Corvos! Grandes Corvos!
Seus bicos abrem com um estalo,
vertendo o suor
de árdua consternação,
o choque de ossos
prometeu este dia –

Eu vi o esplendor
de seus olhos,
a risada que congela os vivos,

sua passagem não mais que uma ilusão –

paramos, fitamos,
amaldiçoamos seus ventos frios
ao saber o caminho de seu voo
em círculo ao nosso redor
de novo, ah, para sempre de novo!

Corvos, Collitt (nasc. 978)

Raest havia retirado dois dos dragões negros da batalha. Os dois restantes voavam alto em círculos ao seu redor, enquanto Silanah Asas-Vermelhas descera rápido, longe da vista, para além da colina. Estava ferida, o tirano jaghut sabia; o poder de sua imensa força vital se esvaía.

– E agora ela morrerá – disse ele, através de seus lábios rasgados.

A carne de Raest fora arrancada, destruída pelo poder virulento dos dragões, o poder que explodia de suas mandíbulas como um sopro de fogo. Seus ossos amarelados e quebradiços estavam partidos, esmagados e triturados. Tudo o que o mantinha em pé e em movimento era seu Labirinto Omtose Phellack.

Assim que o finnest estivesse em suas mãos, reconstruiria seu corpo, enchendo-o com o vigor da saúde. E estava perto de seu objetivo. Uma última linha de colinas e os muros da cidade ficariam visíveis; suas fortificações seriam tudo o que permaneceria entre Raest e poderes ainda maiores.

A batalha trouxera devastação às colinas, incinerando tudo com o choque mortal de Labirintos. E Raest fizera os dragões recuarem. Ouvira seus gritos de dor. Rindo, lançara nuvens densas de terra e rocha na direção do céu para cegá-los. Inflamou o ar no caminho de seu voo. Encheu as nuvens de fogo. Era bom estar vivo novamente, ele sentia isso.

Enquanto caminhava, continuava a devastar a terra à sua volta. Um único movimento de cabeça destruíra uma ponte de pedra que atravessava um rio largo e raso. Ali existira um posto de guarda e guardas com armas de ferro, criaturas estranhas, mais altas que os imass, embora sentisse que poderiam ser escravizadas. Entretanto, destruíra aqueles homens em particular para evitar que

o distraíssem da batalha com os dragões. Encontrara outro homem, vestido de maneira parecida, andando a cavalo. Matara tanto o homem quanto o animal, irritado pela intrusão.

Envolto no fogo crepitante da feitiçaria, Raest subiu a encosta da montanha atrás da qual Silanah desaparecera minutos antes. Prevendo outra emboscada, o tirano jaghut reuniu seu poder, cerrando os punhos. Ainda assim, chegou ao cume sem ter sofrido qualquer ataque. Ela fugira? Esticou o pescoço na direção do céu. Não, os dois dragões negros continuavam ali, e entre eles um Grande Corvo.

Raest cruzou o topo da colina e parou quando o vale do outro lado surgiu diante de seus olhos. Silanah aguardava ali, com a pele vermelha pedregosa manchada por queimaduras negras e úmidas em todo seu peito arfante. Com as asas dobradas, o observou de onde estava, no pé do vale, onde um riacho fizera um corte tortuoso na terra, cujo caminho recortado fora obstruído por espinheiros.

O tirano jaghut riu asperamente. Ali ela morreria. O outro lado do vale era uma colina baixa e, mais além, brilhando na escuridão, ficava a cidade onde estava seu finnest. Raest parou ao vê-la. Mesmo as grandes cidades jaghut dos tempos antigos seriam sobrepujadas se comparadas àquela. E o que era sua estranha luz azul e verde, lutando contra a escuridão com determinação tão firme e estável?

Havia mistérios ali. Estava ansioso para descobri-los.

– Silanah! – gritou o jaghut. – *Eleint!* Eu lhe darei sua vida! Fuja agora, Silanah. Mostrarei misericórdia apenas uma vez. Ouça-me, *eleint*!

O dragão vermelho fitou o tirano com firmeza, seus olhos multifacetados brilhando como faróis. Ela não se mexeu nem respondeu.

Raest caminhou até ela, surpreso por descobrir que o Labirinto dela se fora. Aquilo era rendição, então? Riu pela segunda vez.

Ao se aproximar, o céu acima mudou, preenchido por um brilho mercurial sem fonte. A cidade do outro lado desapareceu, substituída por pântanos açoitados pelo vento. A distante linha recortada de montanhas aparecia gigantesca, intocada pelos rios de gelo, clara e selvagem em sua juventude. Os passos de Raest desaceleraram. *Isso é uma visão ancestral, uma visão de antes*

mesmo dos jaghut. Quem me atraiu até aqui?

– Ah, céus, ah, céus...

O olhar do tirano baixou num estalo, encontrando um mortal diante dele. Raest arqueou uma sobrancelha encarquilhada para o tipo de vestimenta peculiar do homem: o casaco esfarrapado de um vermelho desbotado com punhos grandes e manchados de comida, as pantalonas largas e brilhantes tingidas de um rosa surpreendente e as botas negras largas de couro cobrindo seus pequenos pés. O homem tirou um pedaço de pano e enxugou o suor de sua testa com batidinhas.

– Caro senhor – disse ele, arquejante –, você não envelheceu nada bem!

– Há imass em você – falou Raest, asperamente. – Até a língua que você fala ecoa seu idioma gutural. Você apareceu para rastejar aos meus pés? É meu primeiro acólito, então, ansioso pelas minhas recompensas?

– Infelizmente, você está enganado, senhor – respondeu o homem. – Kruppe, este mortal humilde e fraco diante de você, não se curva diante de ser algum, seja ele jaghut ou deus. Tais são os matizes desta nova era: que você seja derrubado pela indiferença, que se torne insignificante em seus esforços poderosos pelo modesto Kruppe, em cujo sonho você tropeçou ignobilmente. Kruppe está diante de você para que você possa olhar para seu semblante benévolo nos últimos momentos antes de sua queda. É um gesto magnânimo de Kruppe, considerando tudo.

Raest riu.

– Caminhei pelos sonhos de mortais antes. Você acredita ser o mestre aqui, mas está enganado.

O tirano estendeu a mão bruscamente; um poder virulento explodiu. A feitiçaria envolveu Kruppe, ardendo de forma sombria, depois desapareceu, sem deixar sequer um resquício do homem.

Uma voz falou à esquerda de Raest:

– Isso foi rude, declara Kruppe. Desapontadora, essa precipitação.

O jaghut virou, estreitando os olhos.

– Que jogo é este?

O homem sorriu.

– Ora, o jogo de Kruppe, é claro.

Um som atrás de Raest o alertou, mas era tarde demais. Ele girou, enquanto um punhal de sílex imenso esmigalhava seu ombro esquerdo, rasgando um caminho que rompeu suas costelas e atravessou o esterno e a coluna. O golpe derrubou o tirano de lado. Raest se espatifou, pedaços de seu corpo atingindo o chão ao redor. Encarou de baixo o t'lan imass.

A sombra de Kruppe se moveu por cima do rosto de Raest, e o tirano encontrou os olhos aquosos do homem mortal.

– Ele não tem clã, é claro. Desprendido e fora de qualquer ligação, ainda assim o antigo chamado o comanda, para seu desalento. Imagine a surpresa ao ser descoberto. Onos T'oolan, Espada do Primeiro Império, é novamente chamado pelo sangue que uma vez aqueceu seus membros, seu coração, sua vida de tanto tempo atrás.

O t'lan imass falou:

– Você tem sonhos estranhos, mortal.

– Kruppe possui muitas surpresas, até para si mesmo.

– Sinto a mão de um Invocador de Ossos nesta convocação – continuou Onos T'oolan.

– De fato. Pran Chole, do clã de Kig Aven, dos kron t'lan imass, acredito que é como ele chamou a si mesmo.

Raest se ergueu do chão, reunindo sua feitiçaria ao redor do corpo para pôr suas partes dispersas no lugar.

– Nenhum t'lan imass pode resistir a mim – sibilou.

– Uma afirmação duvidosa – disse Kruppe. – Mesmo assim, ele se juntou a esta tentativa.

O tirano jaghut se aprumou para ver uma figura alta envolta em preto emergir do leito do riacho. Inclinou a cabeça quando a aparição se aproximou.

– Você me lembra o Encapuzado. O Viajante da Morte ainda está vivo? – Fez uma careta. – Mas não. Não sinto nada vindo de você. Você não existe.

– Talvez – retrucou a figura, em um tom profundo e macio que sugeria mágoa, e continuou: – Se for assim, então você também não. Somos do passado, jaghut. – A figura parou a quase 5 metros de Raest e virou a cabeça encapuzada na direção do dragão. – O mestre dela espera sua chegada, jaghut, mas espera em vão, e por isso você deve nos agradecer. Ele iria lhe dar um tipo de morte para a

qual não há escapatória, até mesmo para uma criatura como você. – A cabeça virou e a escuridão dentro do capuz fitou o tirano mais uma vez. – Aqui, dentro do sonho de um mortal, daremos um fim à sua existência.

Raest grunhiu.

– Não há ninguém nesta era que possa me derrotar.

A figura riu, um ribombar baixo.

– Você é um tolo, Raest. Nesta era, até mesmo um mortal pode matar você. A maré de escravidão se inverteu. Agora, são os deuses os escravos, e os mortais, os nossos mestres... Embora eles não saibam.

– Você é um deus, então? – A careta de Raest se aprofundou. – Você é uma criança para mim, se for o caso.

– Já fui um deus – respondeu a figura –, adorado como K'rul, e meu aspecto era o Obilisk. Sou o Criador dos Caminhos. Você vê importância nesse título antigo?

Raest recuou um passo, erguendo as mãos ressecadas.

– Impossível – sussurrou. – Você foi para os Reinos do Caos, o lugar de seu nascimento, não está mais entre nós...

– Como eu disse, as coisas mudaram – disse K'rul, baixo. – Você tem uma escolha, Raest. Onos T'oolan pode destruí-lo. Você não tem ideia do que o título da Espada dele significa. Ele não tem igual neste mundo. Você pode cair de maneira ignóbil sob a lâmina de um imass ou pode me acompanhar, já que em uma coisa somos o mesmo, você e eu. Nosso tempo passou, e os Portões do Caos nos esperam. Que escolha você faz?

– Nenhuma, Ancestral. – Com uma risada macia e oca, o corpo destruído e encarquilhado de Raest desmoronou.

Kruppe puxou seu lenço.

– Ah, céus – exclamou.

Kalam gesticulou de repente, e Paran se abaixou. Sua boca estava seca. Havia algo muito errado naquele jardim. Perguntou-se se era só a exaustão que sentia. O próprio ar do jardim esfolava seus sentidos. Julgou poder enxergar o pulsar da escuridão; o leve cheiro de putrefação tinha se transformado num fedor

insuportável.

Kalam estendeu as mãos para suas facas. Paran ficou tenso, incapaz de ver qualquer coisa além do assassino. Muitas árvores e pouca luz. Em algum lugar adiante, lampiões a gás bruxuleavam, e pessoas estavam reunidas no terraço. Mas a civilização parecia a milhares de quilômetros. Ali, o capitão sentia como se estivesse em sua presença primordial, respirando devagar e pesadamente por todos os lados.

Kalam sinalizou para mostrar que Paran deveria permanecer onde estava, depois se esgueirou nas sombras à direita. Agachando-se, o capitão avançou para onde o assassino estivera momentos antes. Parecia haver um descampado ou uma clareira bem à frente. Não podia ter certeza, no entanto, nem conseguia enxergar nada errado. Ainda assim, sua sensação de haver algo errado doía no crânio. Deu outro passo. Algo ocupava o centro da clareira, monolítico, como uma pedra polida ou um altar, e, diante disso, se encontrava uma mulher pequena, quase uma assombração na escuridão. Estava de costas para Paran.

Num momento estava sozinha, no seguinte Kalam aparecia atrás dela com as facas reluzindo nas mãos. Recuou os braços.

A mulher se moveu com um borrão, um cotovelo dando um golpe para trás na barriga do assassino. Ela se virou e deu uma joelhada na virilha do homem. Kalam gritou ao cambalear um passo para trás, depois caiu no chão com um baque pesado.

A espada de Paran estava em sua mão. Disparou para a clareira.

A mulher o viu e deu voz a um ganido surpreso e assustado:

– Não! – gritou ela. – Por favor!

O capitão parou ao ouvir a voz jovem. Kalam se sentou, gemeu e, depois, disse:

– Maldição, Piedade. Não esperava você. Achamos que estava morta, garota.

A moça fitou Paran de modo discreto, enquanto ele se aproximava com cautela.

– Eu deveria conhecer você, não deveria? – perguntou a Kalam.

Então, quando Paran se aproximou, ela ergueu a mão entre eles, amedrontada, e recuou.

– Eu... Eu matei você! – Com um gemido baixo, caiu de joelhos. – Seu

sangue estava em minhas mãos. Eu me lembro!

Labaredas de raiva se inflamaram em Paran. Ele ergueu a espada e se adiantou, parando diante dela.

– Espere! – sibilou Kalam. – Espere, capitão. Algo não está certo aqui.

Com grande dificuldade, o assassino se pôs em pé, depois fez menção de se sentar no bloco.

– Não! – exclamou a garota, arquejante. – Você não está sentindo?

– Estou – grunhiu Paran, baixando a arma. – Não toque nessa coisa, cabo.

Kalam se afastou.

– Pensei que era só eu – resmungou o cabo.

– Não é pedra, na verdade – disse a garota, com o rosto livre da angústia que o tomara um instante antes. – É madeira. – Ela se levantou e encarou Kalam. – E está crescendo.

Uma suspeita ocorreu a Paran.

– Menina, você se lembra de mim? Sabe quem eu sou?

Ela franziu o cenho para ele, depois negou.

– Eu conheço Kalam. Ele é um velho amigo, acho.

O assassino engasgou com alguma coisa e tossiu alto, balançando a cabeça.

A moça apontou para o obstáculo de madeira.

– Viu? Está crescendo de novo.

Os dois homens olharam. Uma névoa ofuscou as extremidades do bloco, inchando e mudando, depois desapareceu, de modo que ficou claro para Paran que a coisa estava maior.

– Tem raízes – acrescentou a garota.

Paran estremeceu.

– Cabo, fique aqui com a moça. Não vou demorar.

Paran embainhou a espada e deixou a clareira. Depois de seguir uma rota sinuosa pela vegetação rasteira por um minuto, alcançou a borda e olhou para um terraço cheio de convidados. Uma fonte de muro baixo se erguia das pedras de pavimentação à sua esquerda, rodeada por colunas de mármore com 1 metro de distância entre elas.

O capitão viu que Whiskeyjack e seu pelotão haviam se espalhado em uma linha desigual a quase 4 metros da borda do jardim, encarando o terraço.

Pareciam tensos. Paran encontrou um galho morto e o quebrou ao meio.

Com o som, todos os seis homens se viraram. O capitão apontou para Whiskeyjack e Marreta, depois voltou para o meio das árvores. O sargento sussurrou alguma coisa para Ben Ligeiro; depois, se juntou ao curandeiro e os dois vieram.

– Kalam encontrou Piedade... E mais outra coisa – disse Paran, puxando Whiskeyjack para mais perto. – A garota não parece estar completamente sã, sargento, e não acho que esteja encenando. Num minuto ela se lembrou de ter me matado, no outro, não. E ela agora pôs na cabeça que Kalam é um velho amigo.

Marreta grunhiu. Após um breve olhar para a festa, Whiskeyjack questionou:

– Então, o que é essa "outra coisa"?

– Não tenho certeza, mas é feia.

– Certo. – O sargento suspirou. – Vá com o capitão, Marreta. Dê uma olhada em Piedade. Algum contato da Sociedade dos Assassinos? – perguntou a Paran.

– Não.

– Então vamos nos mexer logo – orientou Whiskeyjack. – Vamos soltar Violinista e Azarve. Traga Kalam na volta, Marreta. Precisamos conversar.

Rallick encontrou o caminho desobstruído enquanto seguia pelo grande salão em direção às portas da frente. Rostos se viravam para ele e as conversas morriam, recomeçando assim que passava. Uma exaustão que se estendia até os ossos capturara o assassino, mais do que poderia ser creditado à perda de sangue em um ferimento já curado. A indisposição que se abatera sobre ele era emocional.

Parou ao ver Kruppe se levantar de uma cadeira, com a máscara pendendo na mão gorducha. O rosto do homem estava coberto de suor e havia medo em seus olhos.

– Você tem direito de estar aterrorizado – disse Rallick, aproximando-se dele. – Se eu soubesse que você estaria aqui...

– Silêncio! Kruppe precisa pensar!

O assassino fez uma careta, mas não disse nada. Nunca antes vira Kruppe sem sua fachada afável, e a visão dele tão perturbado deixou Rallick

profundamente inquieto.

– Vá embora, amigo – falou Kruppe então, sua voz soando estranha. – Seu destino o aguarda. Mais do que isso, parece que este novo mundo está bem preparado para alguém como Raest, não importa a pele que ele use.

A carranca de Rallick aumentou. *O homem parece bêbado*. Suspirou, virou-se e sua mente mais uma vez voltou para o que tinha sido alcançado naquela noite. Seguiu seu caminho, deixando Kruppe para trás. *E agora?*, ele se perguntou. Tanto havia sido perdido para alcançar aquele momento. O foco de seus pensamentos parecia enfraquecido pelo sucesso. Nunca fora um paladino; a obsessão de Rallick por consertar o erro havia sido, de certo modo, não mais do que o assassino assumindo o papel que deveria ser do próprio Coll. Fora o instrumento da vontade de Coll, contando com a crença de que a vontade do homem retornaria.

E se não voltasse? Com a carranca se aprofundando, Rallick esmagou essa pergunta antes que ela conseguisse conduzir seus pensamentos em busca de uma resposta. Como Baruk dissera, chegara a hora de ir para casa.

No caminho, uma mulher de máscara prateada tocou seu braço. Sobressaltado pelo contato, olhou para ela. O cabelo castanho comprido cercava a máscara sem feições, cujas fendas dos olhos não revelavam nada do que havia atrás. A mulher se aproximou mais um passo.

– Andei curiosa por um tempo – disse ela, baixo. – Porém, vejo que deveria ter observado você pessoalmente, Rallick Nom. A morte de Ocelote poderia ter sido evitada.

O olhar do assassino escureceu.

– Vorcan.

Ela assentiu de leve.

– Ocelote era um tolo – vociferou Rallick. – Se o contrato de Orr foi aprovado pela Sociedade, aguardo a punição.

Ela não respondeu. Rallick aguardou calmamente.

– Você é um homem de poucas palavras, Rallick Nom.

A resposta dele foi o silêncio. Vorcan deu uma risada suave.

– Você diz que aguarda a punição, como se já houvesse se resignado à própria morte. – continuou ela. O olhar da mulher foi dele para o terraço lotado.

– O conselheiro Turban Orr possuía magia defensiva, mas isso não lhe adiantou nada. Curioso. – Ela pareceu estar considerando alguma coisa, depois assentiu. – Suas habilidades são requisitadas, Rallick Nom. Acompanhe-me.

Rallick piscou e, então, quando ela se dirigiu ao jardim no fundo da casa, a seguiu.

Crokus manteve uma das mãos sobre a boca de Challice quando se deitou sobre ela. Com a outra, tirou a máscara de ladrão. Os olhos dela se arregalaram em reconhecimento.

– Se você gritar, vai se arrepender – avisou Crokus, com voz áspera.

Arrastara a garota por cerca de 10 metros até a vegetação rasteira antes de ela derrubá-lo. Chegaram a se engalfinhar, mas ele tinha vencido a batalha.

– Só quero conversar com você – disse Crokus. – Não vou machucá-la, Challice, juro. A menos que você tente alguma coisa, é claro. Agora, vou tirar a mão. Por favor, não grite.

Tentou ler a expressão nos olhos da moça, mas tudo o que viu foi medo. Envergonhado, ergueu a mão.

Ela não gritou, e, um momento depois, Crokus chegou a desejar que tivesse gritado.

– Maldito seja, ladrão. Quando meu pai pegar você, fará com que seja esfolado vivo! Isso é, se Gorlas não encontrar você antes. Se tentar qualquer coisa comigo, ele vai fazer com que você seja fervido lentamente...

Crokus enfiou a mão na boca da garota outra vez. *Esfolado? Fervido?*

– Quem é Gorlas? – exigiu saber, fulminando-a. – Algum cozinheiro amador? Então você me traiu!

Ela o encarou. Ele tirou a mão outra vez.

– Eu não traí você – disse ela. – Do que está falando?

– Aquele guarda assassinado na sua casa... Não fui eu, mas...

– Claro que não. Papai contratou uma Vidente. Uma mulher matou aquele guarda, uma serva da Corda. A Vidente ficou aterrorizada e nem esperou para receber o pagamento. Agora, saia de cima de mim, ladrão.

Ele a soltou e se sentou no chão. Fitou as árvores.

– Você não me traiu? E quanto a Meese? Os guardas na casa do tio Mammot? A grande caçada?

Challice se pôs em pé e limpou as folhas secas de sua capa.

– Sobre o que você está tagarelando? Preciso voltar. Gorlas deve estar me procurando. Ele é o primeiro filho da Casa Tholius, em treinamento para ser um mestre duelista. Se ele o vir comigo, você vai ter problemas de verdade.

Ele a olhou com uma expressão vaga.

– Espere! – Ele saltou para ficar em pé. – Escute, Challice! Esqueça esse Gorlas idiota. Em um ano meu tio vai nos apresentar formalmente. Mammot é um escritor famoso.

Challice revirou os olhos.

– Caia na real. Um escritor? Algum velho de mãos sujas de tinta que esbarra em paredes? A Casa dele tem poder? Influência? A Casa Tholius tem poder, influência, tudo o que é necessário. Além disso, Gorlas me ama.

– Mas eu...

Ele parou, desviando o olhar. Ele a amava? Não. Mas isso importava? O que ele queria dela, aliás?

– O que você quer de mim, aliás? – questionou Challice.

Ele encarou seus pés. Depois, encontrou seus olhos.

– Companhia? – perguntou, timidamente. – Amizade? O que estou dizendo? Sou um ladrão! Roubo mulheres como você!

– Isso mesmo – rosnou ela. – Então, por que fingir que não? – A expressão dela se tornou mais suave. – Crokus, eu não o trairei. Será o nosso segredo.

Pelo mais breve dos momentos, Crokus se sentiu como uma criança sendo acarinhada e consolada por uma mãe gentil, e percebeu que estava gostando.

– Antes de você – acrescentou ela, sorrindo –, eu nunca tinha conhecido um ladrão das ruas de verdade.

Seu divertimento acabou em uma onda de raiva.

– Pelo sopro do Encapuzado, não! – Ele fungou. – De verdade? Você não sabe o que é de verdade, Challice. Você nunca teve sangue em suas mãos. Nunca viu um homem morrer. Mas é assim que deve ser, não é? Deixe a sujeira para nós, que estamos acostumados a isso.

– Vi um homem morrer hoje – disse Challice, baixo. – Nunca mais quero ver

de novo. Se é isso que “de verdade” significa, então não quero. Pode ficar para você, Crokus. Adeus.

Ela se virou e se afastou. Crokus fitou as costas dela, o cabelo trançado, enquanto suas palavras tilintavam em sua cabeça.

De repente exausto, encarou o jardim. Esperava que Apsalar estivesse onde a deixara. A última coisa que queria agora era ter que procurar por ela. Esgueirou-se pelas sombras.

Marreta retrocedeu após dar o primeiro passo para dentro da clareira. Paran segurou-lhe pelo braço. Seus olhos se encontraram. O curandeiro balançou a cabeça.

– Não vou me aproximar mais, senhor. O que quer que viva ali é um anátema ao meu Labirinto Denul. E... essa coisa sente minha presença... com fome. – Enxugou o suor da testa, inspirando trêmulo. – Melhor trazer a garota para mim aqui.

Paran soltou o braço de Marreta e disparou pela clareira. O bloco de madeira já tinha o tamanho de uma mesa, raiado por raízes grossas e tortas e crivado nas laterais por buracos quadrados grosseiros. A terra ao redor parecia banhada em sangue.

– Cabo – sussurrou, arrepiado –, mande a garota até Marreta.

Kalam pousou a mão no ombro dela.

– Está tudo bem, moça – disse o cabo, em um tom de tio gentil. – Vá em frente agora. Vamos nos juntar a você logo.

– Sim. – Ela sorriu e seguiu para a borda da clareira, onde o curandeiro estava.

Kalam esfregou a barba; seus olhos a seguiam.

– Nunca tinha visto Piedade sorrir antes – disse ele, quando Paran chegou. – E isso é uma pena.

Pararam e observaram Marreta falar serenamente com a menina, depois dar um passo à frente e pousar a mão em sua testa.

Paran inclinou a cabeça.

– A tempestade parou – disse o capitão.

– Sim. Espero que isso signifique o que gostaríamos que significasse.

– Alguém a parou. Compartilho sua esperança, cabo.

Para o capitão, entretanto, havia pouca esperança. Algo estava crescendo. Ele suspirou.

– Não é ainda nem a décima segunda badalada. Difícil de acreditar.

– Temos uma longa noite pela frente – disse Kalam, deixando dolorosamente claro que também lhe faltava otimismo.

Ele grunhiu. Marreta deu um grito atônito que os alcançou. O curandeiro tirou a mão da testa de Piedade e acenou na direção de Paran e Kalam.

– Vá você – disse o assassino.

O capitão franziu o cenho para o homem negro, confuso. Então, seguiu até onde Marreta e Piedade estavam. Os olhos dela estavam fechados, e ela parecia em transe.

Marreta foi direto:

– A possessão se foi.

– Presumi – replicou Paran, fitando a moça.

– Mas há algo além disso – continuou o curandeiro. – Ela tem outra pessoa dentro dela, senhor.

As sobrancelhas de Paran se arquearam.

– Alguém que esteve lá o tempo todo. De que forma sobreviveu à presença da Corda está além da minha compreensão. E agora tenho uma escolha.

– Explique.

Marreta se agachou, encontrou um graveto e começou a riscar padrões desordenados na terra.

– Alguém andou protegendo a mente da moça, agindo como o filtro de um alquimista. Nos últimos dois anos, Piedade fez coisas que a deixariam louca se pudesse se lembrar. Essa presença está lutando contra essas memórias neste exato momento, mas precisa de ajuda, porque não está tão forte quanto já foi. Está morrendo.

Paran se abaixou ao lado do homem.

– Você está pensando em oferecer essa ajuda, então?

– Não tenho certeza. Sabe, senhor, não sei os planos dessa presença. Não sei o que está tramando, não consigo compreender o padrão que está tentando

formar. Assim, digamos que eu a ajude, mas a coisa queira tomar controle absoluto? Então, a garota será possuída novamente.

– Então você acha que a presença estava protegendo Piedade da Corda para poder pular e assumir o controle?

– Colocando as coisas dessa forma, não faz sentido – disse Marreta. – O que me intriga é o motivo por que essa presença se comprometeu tão completamente. Seu corpo e sua carne se foram. Se ela soltar a menina, não terá para onde ir, senhor. Agora, talvez seja um ente querido, um parente ou algo assim. Uma mulher disposta a se sacrificar absolutamente. É uma possibilidade.

– Mulher? É uma mulher?

– Era. Bem que eu queria saber o que é agora. Tudo o que consegui descobrir foi sua tristeza. – Os olhos do curandeiro encontraram os de Paran. – É a coisa mais triste que já vi, senhor.

Paran contemplou o rosto do homem brevemente e se levantou.

– Não vou lhe dar uma ordem sobre o que fazer, curandeiro.

– Mas...?

– Mas, por tudo o que é digno, peço que o faça. Dê a essa coisa o que ela precisa para fazer o que quer.

Marreta encheu as bochechas de ar, depois soltou o graveto e se aprumou.

– Também é o que diz o meu instinto, senhor. Obrigado.

Kalam falou alto da clareira:

– Distante o bastante. Mostrem-se.

Os dois homens se voltaram para ver Kalam mirando a mata à esquerda deles. Paran segurou o braço de Marreta e o puxou para as sombras. O curandeiro puxou Piedade com eles.

Duas figuras entraram na clareira, uma mulher e um homem.

Crokus serpenteou para mais perto das trepadeiras e das folhas no chão da mata. Para um jardim fora dos limites, até que o emaranhado de vegetação estava bem ocupado. As vozes que ouvira em sua busca por Apsalar agora se revelavam como dois homens e uma mulher de máscara prateada. Todos os três olhavam para um toco de árvore esquisito e enevoado no meio da clareira. Devagar,

Crokus soltou a respiração. Um dos homens era Rallick Nom.

– Há maldade nisto – disse a mulher, recuando. – Uma fome...

O homem grande de pele negra ao lado dela grunhiu:

– Não discutiria com você nessa questão, Mestra da Sociedade. O que quer que seja, não é malazano.

O ladrão arregalou os olhos. *Espiões malazanos? Mestra da Sociedade? Vorcan?* Aparentemente insensível às coisas estranhas ao seu redor, a mulher encarou para Rallick.

– Como isso o afeta, Rallick?

– Não afeta – disse ele.

– Aproxime-se, então.

O assassino deu de ombros e caminhou até o bloco nodoso que se contorcia. Seu movimento turvo parou.

Vorcan relaxou.

– Você parece bloquear os esforços da coisa, Rallick. Curioso...

– Pó de otataral – grunhiu o homem.

– O quê?

– Esfreguei em minha pele.

Vorcan fitou o assassino. Os olhos do outro homem se estreitaram sobre Rallick.

– Eu me lembro de você, assassino – disse ele. – Nosso alvo, quando tentamos entrar em contato pela primeira vez. Na noite da emboscada vinda de cima. – Rallick aquiesceu. – Bem, estou surpreso que tenha sobrevivido – arrematou o malazano.

– Ele é um homem cheio de surpresas – disse Vorcan. – Muito bem, cabo Kalam dos Queimadores de Pontes, seu pedido para uma reunião chegou até mim e eu o concedi. Antes de começarmos, entretanto, apreciaria se o resto do seu grupo se juntasse a nós.

Ela se virou para as árvores à direita.

A cabeça de Crokus já vacilava – *Queimadores de Pontes!* –, mas pareceu prestes a explodir quando viu dois homens emergirem das sombras com Apsalar entre eles. Ela parecia drogada, e seus olhos estavam fechados.

Um dos homens disse:

– Mestra da Sociedade, sou o capitão Paran, do Nono Pelotão. – Inspirou fundo e continuou: – Neste assunto, entretanto, Kalam fala pelo Império.

Vorcan se voltou para o homem negro.

– Então, podemos começar a reunião.

– Nós dois sabemos, Mestra da Sociedade, que o conselho da cidade não é a verdadeira base do poder de Darujhistan. E, já que vocês também não são, concluímos que os magos da cidade operam às escondidas, sendo seu interesse primordial manter intacto o *status quo*. Quem quer que sejam, são bons em se esconderem. Agora, nós podemos simplesmente decidir matar cada mago em Darujhistan, mas isso levaria muito tempo e poderia virar uma bagunça. Em vez disso, Mestra da Sociedade, o Império Malazano emitiu um contrato pelos verdadeiros governantes de Darujhistan. Cem mil jakatas de ouro. Pela vida de cada um. Além disso, a imperatriz oferece o manto do controle da cidade, acompanhado do título de Alto Punho e todos os privilégios que vêm com ele.

Kalam cruzou os braços. Vorcan ficou em silêncio, perguntando em seguida:

– A imperatriz Laseen está disposta a pagar 900 mil jakatas para mim?

– Se esse for o número, sim – concordou Kalam.

– A Conspiração T’orrud é uma força poderosa, cabo. Mas, antes de responder, gostaria de saber sobre a criatura que se aproxima do leste. – Ela ficou um pouco tensa. – Cinco dragões a confrontaram durante algum tempo, presumivelmente vindos da Cria da Lua. Imagino que mestre Baruk e sua Conspiração tenham feito um acordo com o Filho da Escuridão.

Kalam pareceu atordoado, mas se recuperou depressa.

– Mestra da Sociedade, a força que se aproxima não foi obra nossa. Acolheríamos sua destruição pelas mãos do Filho da Escuridão. Quanto à sua pergunta oculta, presumo que a aliança entre os tiste andii e a Conspiração será anulada com a morte dos membros da Conspiração. Não estamos pedindo para você tentar matar o Senhor da Cria da Lua.

Paran pigarreou.

– Mestra da Sociedade, a Cria da Lua e o Império Malazano já se enfrentaram antes. O padrão indica ser provável que o Filho da Escuridão se retire em vez de nos enfrentar sozinho.

– Exato – concordou Vorcan. – Cabo Kalam, não desejo desperdiçar a vida

de meus assassinos em tal façanha. Só uma assassina que seja uma Alta Maga pode esperar ter sucesso. Assim sendo, aceito o contrato. Vou conduzir os assassinatos. Agora, quanto ao pagamento...

– Entregue por Labirinto assim que o contrato for completado – disse Kalam. – Talvez você já saiba, Mestra da Sociedade, mas a imperatriz foi uma assassina. Ela segue as regras de conduta. O ouro será pago. O título e o governo de Darujhistan serão dados sem hesitação.

– Aceito, cabo Kalam. – Vorcan olhou para Rallick. – Começarei imediatamente. Rallick Nom, a tarefa que lhe dou agora é vital. Analisei sua estranha habilidade de anular o crescimento dessa... coisa perversa. Meus instintos me dizem o seguinte: não deve ser permitido que continue crescendo. Você ficará aqui de forma a mantê-la sob controle.

– Por quanto tempo? – grunhiu Rallick.

– Até eu voltar, quando testaremos as defesas disso. Ah, e mais uma coisa: as ações de Ocelote não foram sancionadas pela Sociedade. Executá-lo era a punição adequada de acordo com a sentença da Sociedade. Obrigada, Rallick Nom. A Sociedade está satisfeita. – Rallick caminhou até o estranho toco e se sentou nele. – Até mais tarde – disse Vorcan, e então saiu da clareira.

Crokus observou os três espiões malazanos se reunirem para conversar aos sussurros. Um dos homens segurou o braço de Apsalar e gentilmente a conduziu à mata, dirigindo-se para o muro dos fundos. Os dois restantes, o capitão Paran e o cabo Kalam, lançaram um olhar a Rallick.

A cabeça do assassino estava enfiada em suas mãos, os cotovelos fincados nas coxas, e ele fitava sombriamente o chão.

Kalam sibilou um suspiro entre os dentes e sacudiu a cabeça. Pouco depois, os dois homens saíram em direção ao terraço.

Crokus hesitou, parte dele querendo correr para a clareira e confrontar Rallick. *Assassinar os magos! Entregar Darujhistan aos malazanos!* Como o homem poderia permitir que tal coisa acontecesse? Mas não se mexeu; um medo crescente dentro de si lhe dizia que, na verdade, não sabia nada sobre aquele homem. O assassino o ouviria? Ou responderia a Crokus com uma faca no pescoço? Crokus não pretendia se arriscar.

Rallick não se moveu durante um minuto inteiro. Levantou-se, então, e olhou

diretamente para onde Crokus estava escondido.

O ladrão grunhiu. Rallick gesticulou para ele se aproximar.

Devagar, Crokus assim fez.

– Você se esconde bem – disse Rallick. – E teve sorte de Vorcan permanecer com a máscara, pois não conseguia ver muito além dela. Você ouviu, então?

Crokus assentiu, seus olhos atraídos, contra sua vontade, para o que ele julgara ser um toco de árvore. Parecia mais uma casinha de madeira. Os furos nas laterais poderiam muito bem ser janelas. Ao contrário de Vorcan, não sentia uma fome vindo de lá, mas um tipo de urgência, quase frustração.

– Antes de você me condenar, ouça com atenção, Crokus.

O ladrão desviou a atenção do bloco de madeira.

– Estou ouvindo.

– Baruk pode ainda estar na festa. Você deve encontrar o alquimista, dizer a ele exatamente o que aconteceu. Diga-lhe que Vorcan é uma Alta Maga e que ela matará todos a menos que eles se reúnam para defender uns aos outros.

O assassino estendeu a mão para o ombro de Crokus. O garoto se encolheu, seus olhos cautelosos.

– E, se Baruk tiver ido para casa, encontre Mammot. Eu o vi aqui não faz muito tempo. Ele está com a máscara de uma fera com presas.

– Tio Mammot? Mas ele é...

– Ele é um sumo sacerdote de D’riss, Crokus, e um membro da Conspiração T’orrud. Agora, vá. Não temos tempo a perder.

– Você quer dizer que vai ficar aqui, Rallick? Só ficar sentado nesse... nesse toco?

O assassino apertou a mão sobre seu ombro.

– Vorcan disse a verdade, moleque. O que quer que essa coisa seja, parece que posso controlá-la. Baruk precisa saber dessa conjuração. Eu confio nos sentidos dele mais do que nos de Vorcan, mas, por ora, eu obedecerei a ela nisso.

Por um momento, Crokus resistiu, seus pensamentos em Apsalar. Eles haviam feito algo com ela, tinha certeza. E, se a houvessem machucado, ele os faria pagar. Mas... tio Mammot? Vorcan planejava matar seu tio? Os olhos do ladrão endureceram ao olhar para Rallick.

– Considere feito – disse o rapaz.

Naquele instante, um rugido de fúria e agonia vindo do terraço sacudiu as árvores. O bloco de madeira atrás deles respondeu com uma explosão de fogo amarelo vivo, suas raízes se contorcendo e inchando como dedos tateando.

Rallick empurrou Crokus com força, depois girou e mergulhou no bloco. O fogo amarelo piscou e rachaduras se abriram na terra, espalhando-se em todas as direções.

– Vá! – gritou Rallick.

O ladrão, com o coração martelando no peito, virou-se e correu na direção da mansão de lady Simtal.

Baruk estendeu o braço e sacudiu brutalmente a corda do sino. Acima dele, ouviu o cocheiro berrar. A carruagem parou derrapando.

– Algo aconteceu – sibilou Baruk para Rake. – Saímos cedo demais, droga!

Moveu-se para a janela e abriu as cortinas.

– Um momento, alquimista – disse Rake, de maneira superficial, com as sobrancelhas unidas e a cabeça inclinada, como se ouvisse algo. – O tirano. Mas está enfraquecido, e há magos suficientes para lidar com ele. – Abriu a boca para acrescentar algo, mas a fechou de novo. Seus olhos se aprofundaram num tom azul-escuro enquanto contemplava o alquimista. Acrescentou, em voz baixa: – Baruk, volte para sua propriedade. Prepare-se para o próximo movimento do Império. Não teremos que esperar muito.

Baruk encarou o tiste andii.

– Diga o que está acontecendo – disse, bravo. – Você vai desafiar o tirano ou não?

Rake jogou a máscara no chão, entre eles, e segurou o colar de sua capa.

– Caso se mostre necessário, vou.

Punhos esmurravam a carruagem e vozes gritavam de bom humor. A multidão ao redor pressionava por todos os lados, balançando a carruagem. O festival chegava à décima segunda badalada, a Hora da Ascensão, quando a Senhora da Primavera tomava o céu na chegada da lua.

– Nesse ínterim, as ruas da cidade devem ser desobstruídas – disse Rake. – Imagino que seja seu desejo minimizar a perda de vidas.

– E isso é tudo o que você me dá, Rake? – Baruk gesticulou agressivamente. – Desobstruir as ruas? Como, em nome do Encapuzado faremos isso? Há trezentas mil pessoas em Darujhistan, e estão *todas* nas ruas.

O tiste andii abriu a porta do seu lado.

– Então deixe isso comigo. Preciso de um ponto alto de observação, alquimista. Sugestões?

A frustração de Baruk era tão grande que teve de lutar contra o desejo de desafiar Anomander Rake.

– O campanário de K'rul.

Uma torre quadrada perto do Portão da Inquietude.

Rake saiu da carruagem.

– Nós nos falaremos de novo na sua propriedade, alquimista – disse, inclinando-se para dentro. – Você e seus amigos magos devem se preparar. – Encarou a multidão, parando um momento, como se farejasse o ar. – Qual é a distância desse campanário?

– Trezentos passos. Obviamente você não tem a intenção de ir a pé, tem?

– Tenho. Ainda não estou pronto para revelar meu Labirinto.

– Mas, como...

Baruk ficou em silêncio quando Anomander Rake forneceu a resposta para sua pergunta.

Rake manteve a cabeça e os ombros acima do populacho frenético e desembainhou sua espada.

– Se dão valor às suas almas – vociferou o Filho da Escuridão –, saiam da frente!

Erguida para o alto, a espada gemeu, despertando, correntes de fumaça se torcendo-se a partir da lâmina. Um som terrível, como se de rodas estalando, encheu o ar e, mais ao fundo, brotou um coro de gemidos cheios de desesperança. Diante do lorde Anomander Rake, a multidão na rua recuou, todos os pensamentos festivos desaparecendo.

– Que os deuses não permitam – sussurrou Baruk.

Começara de maneira inocente o bastante, Ben Ligeiro e Whiskeyjack parados

perto da fonte. Servos correram quando, apesar do sangue derramado naquela noite e da ausência da anfitriã, a energia da festa se renovou: a décima segunda badalada se aproximava. O capitão Paran se juntou a eles.

– Encontramos a Mestra da Sociedade. Ela aceitou o contrato.

– Onde todos nós estaríamos sem a ganância? – grunhiu Whiskeyjack.

– Acabei de notar uma coisa – disse Ben Ligeiro. – A minha dor de cabeça passou. Estou tentado a acessar meu Labirinto, sargento. Para saber o que consigo ver.

Whiskeyjack pensou um pouco.

– Vá em frente.

Ben Ligeiro sumiu na sombra de uma coluna de mármore.

Diante deles, um velho vestindo uma máscara horrenda vinha na direção da linha de homens de Whiskeyjack. Então, uma mulher grande e rechonchuda, com um narguilé, se aproximou do velho. Sua serva a seguia meio passo atrás. Soltando fumaça enquanto andava, ela chamou o velho.

No instante seguinte, a noite se despedaçou. Uma onda de energia fluiu como uma corrente de água entre Whiskeyjack e Paran, atingindo o velho no peito. A espada do sargento estava em sua mão quando ele se virou e se deparou com seu mago; magia rodopiava ao seu redor, empurrando-o para um lado e correndo na direção da mulher.

– Não! – gritou Ben Ligeiro. – Fique longe dele!

Paran também desembainhara a espada, a lâmina lamentando como se repleta de terror. Ele saltou para a frente.

Um rugido bestial abalou o ar quando o velho, com a máscara despedaçada, girou. Seus olhos chamejantes encontraram a mulher, e ele estendeu a mão em sua direção. O fluxo de poder que jorrou dele era cinzento como ardósia e crepitava no ar.

Whiskeyjack, congelado, assistiu, sem acreditar, ao corpo de Ben Ligeiro se arremessar no da mulher. Ambos colidiram com a serva, e os três caíram empilhados. A torrente serpenteante de energia cortou uma linha pela multidão atordoada, incinerando todos que tocava. Onde houvera homens e mulheres instantes antes não havia mais nada além de cinzas brancas. O ataque se ramificou, rasgando tudo à vista. Árvores se desintegraram, pedras e mármore

explodiram em nuvens de pó. Pessoas morreram, algumas com partes dos corpos simplesmente desaparecidas, seu sangue borrifado em manchas negras enquanto desmoronavam. Uma lança de energia foi atirada brutalmente para o alto, lampejando no céu noturno dentro de uma nuvem pesada. Outra atingiu a propriedade com um estrondo tonitruante. Uma terceira serpenteou na direção de Paran, enquanto ele diminuía a distância até o homem idoso. O poder atingiu a espada, e tanto ela quanto Paran desapareceram.

O sargento deu meio passo adiante, então algo maciço e pesado golpeou de raspão seu ombro. Ele rodopiou com o impacto, seu joelho cedendo para dentro enquanto caía. Sentiu um osso estalar e carne e pele se rasgarem fortemente enquanto seu peso o levava para baixo. Sua espada tiniu. Agonia o lancetou. Rolou para libertar a perna presa e acabou contra uma coluna desabada.

Um instante depois, mãos seguraram sua capa.

– Peguei você! – grunhiu Violinista.

Whiskeyjack rosnou de dor quando o sabotador o puxou pelas pedras de pavimentação. A escuridão se fechou sobre ele, e o sargento não soube mais nada.

Ben Ligeiro se viu enterrado em meio a carne e, por um segundo, não conseguiu respirar. As mãos da mulher pressionaram seus ombros, e ela saiu de cima dele. Gritou para o velho:

– Mammot! *Anikaleth araest!*

Os olhos de Ben Ligeiro se arregalaram ao sentir uma onda de poder subir pelo corpo dela. O ar de repente exalou o cheiro da argila de uma floresta densa.

– *Araest!* – gritou ela, e o poder explodiu dela em um pulso virulento.

Ben Ligeiro ouviu o grito de dor de Mammot.

– Preste atenção, mago! – disse a mulher. – Ele foi possuído por um jaghut.

– Eu sei – grunhiu Ben, rolando para ficar sobre a barriga e depois ficando de quatro.

Um olhar rápido mostrou Mammot no chão, balançando a mão fraca. O olhar do mago foi para onde Whiskeyjack estivera. As colunas ao redor da fonte haviam tombado, e o sargento não estava em nenhum lugar à vista. Na verdade, ele percebeu, ninguém do pelotão estava visível. No terraço, corpos amarfanhados jaziam em pilhas grotescas, nenhum deles se mexia. Todos os

outros haviam fugido.

– Mammot está se recuperando – disse a mulher, em desespero. – Não tenho mais nada, mago. Você precisa fazer alguma coisa agora, não é?

Ele olhou para ela.

Paran cambaleou, deslizou por argila oleosa e acabou contra a touceira cerrada de caniços. Uma tempestade flagelava o céu acima dele. Lutou para ficar em pé, com a espada Acaso quente e gemendo em sua mão. Um lago calmo e raso se estendia à sua esquerda, terminando em uma elevação distante, de um fraco verde luminescente. À direta, o pântano continuava até o horizonte. O ar estava frio, doce pela podridão.

Paran suspirou, trêmulo. Contemplou a tempestade acima. Arcos de raios recortados batalhavam uns contra os outros, as nuvens escuras se contorcendo como que em agonia. Sentiu um forte abalo à sua direita e girou. A mil passos de distância, algo tinha aparecido. O capitão semicerrou os olhos. Aquilo se ergueu sobre a relva do pântano como uma árvore animada, retorcida e preta, desfazendo-se das raízes que a seguravam. Outra figura apareceu, dançando com agilidade ao redor, com uma espada chanfrada de lâmina marrom nas mãos. A figura estava claramente em retirada, enquanto a forma retorcida a flagelava com ondas miasmáticas de poder. Estavam se aproximando do local onde Paran estava.

Ouviu sons de algo borbulhando e de sucção atrás dele e se virou para aquela direção.

– Pelo sopro do Encapuzado!

Uma casa se erguia para fora do lago. Relva do pântano e lama deslizavam por suas paredes de pedra maltratadas. Uma imensa porta de pedra se escancarou, soltando um vapor preto e sibilante. O segundo nível da estrutura parecia disforme, cheio de cicatrizes, as pedras cortadas fundidas aqui e ali, revelando uma estrutura gasta de madeira.

Outra explosão atraiu sua atenção de volta para os lutadores. Estavam muito mais perto agora, e Paran conseguiu ver claramente a figura que usava a espada de duas mãos. Um t’lan imass. Apesar da habilidade incrível com a arma de

calcedônia, o imass estava sendo obrigado a recuar. Seu agressor era uma criatura alta e esbelta, com carne parecida com carvalho. Duas presas reluzentes se erguiam de sua mandíbula inferior; rangia de ódio. Atingiu o t'lan imass novamente, arremessando o guerreiro a quinze passos. Ele rolou na sujeira e aterrissou quase aos pés de Paran.

O capitão se viu encarando olhos sem profundidade.

– A Azath não está pronta, mortal – disse o t'lan imass. – Jovem demais, ainda sem força para aprisionar aquilo que a chamou para a existência, o finnest. Quando o tirano fugiu, fui atrás de seu poder. – O t'lan tentou se levantar e falhou. – Defenda a Azath, o finnest tenta destruí-la.

Paran ergueu o olhar para ver a aparição vindo em sua direção. *Defender? Contra aquilo?* A escolha lhe fora tirada. O finnest rugiu, e uma onda escaldante de poder avançou em sua direção. Pôs Acaso no caminho.

A lâmina atravessou a energia. Intacto, o poder continuou e varreu Paran. Cego, ele gritou quando foi atingido por um frio amargo que despedaçou seus pensamentos, sua noção de si mesmo. Uma mão invisível se fechou ao redor de sua alma. *Meu*. A palavra soou em sua mente, triunfante e cheia de uma alegria selvagem. *Você é meu*.

Paran soltou Acaso, caiu de joelhos. A força que segurava sua alma era absoluta. Conseguia apenas obedecer. Fragmentos de consciência o atravessavam. *Um instrumento, nada mais. Tudo o que fiz, tudo a que sobrevivi, para chegar a isto.*

Dentro dele, ouviu um som, repetindo-se de novo e de novo e ficando mais alto. Um *uivo*. O gelo em seu sangue, que antes preenchia cada parte de seu corpo, começou a se desmanchar. Lampejos de calor, bestiais e desafiadores, rasgaram esse frio. Jogou a cabeça para trás, o uivo chegando à sua garganta. Quando o libertou, o finnest cambaleou para trás.

Sangue de um Cão. Sangue que ninguém pode escravizar. Paran se atirou sobre o finnest. Seus músculos doeram quando uma força esmagadora fluiu por eles. *Como ousa?* Ele atingiu a criatura, jogando-a no chão, golpeando sua carne de carvalho com os punhos, afundando os dentes na casca de seu rosto. O finnest tentou afastá-lo e falhou. Gritou, debatendo-se. Paran metodicamente começou a despedaçá-lo.

Uma mão se fechou no colarinho de sua capa, o afastando do corpo despedaçado. Enlouquecido, Paran tentou se soltar, lacerar a criatura que o segurava. O t’lan imass o sacudiu.

– Chega!

O capitão piscou.

– Chega! Você não pode destruir o finnest. Mas você o segurou. Por tempo suficiente. A Azath vai tomá-lo agora. Você entendeu?

Paran se prostrou, e os fogos dentro dele minguaram. Lançando um olhar ao finnest, viu raízes e gavinhas fibrosas se erguendo da terra úmida para se enrolarem ao redor da aparição derrotada, puxando seu prisioneiro para dentro da lama grudenta. Em um momento, o finnest se foi.

O t’lan imass soltou Paran e recuou. Fitou-o por um bom tempo.

Paran cuspiu sangue e lascas e limpou os lábios com as costas da mão. Curvou-se e pegou Acaso.

– A maldita sorte mudou – resmungou Paran, embainhando a arma. – Você tem algo a dizer, imass?

– Você está bem longe de casa, mortal.

Paran reapareceu um momento depois no terraço, cambaleando meio cego, para, em seguida, cair todo embolado. Ben Ligeiro fez uma careta. *O que, pelo sopro do Encapuzado, aconteceu com ele?*

Um praguejar jaghut escapou de Mammot, feroz como se arrancado da alma. O velho ficou em pé, tremendo de fúria. Então, seus olhos encobertos se fixaram no mago.

– *Desperte os Sete dentro de mim!* – rugiu Ben Ligeiro, bradando quando sete Labirintos se abriram dentro dele.

Seu grito agoniado lançou ondas de poder que atravessaram o terraço.

O mago possuído pelo jaghut ergueu os braços, colocando-os diante do rosto quando as ondas o atingiram. O corpo de Mammot se contorceu sob a escalada do ataque frenético. Sua carne foi arrancada, fogo perfurando-a, abrindo buracos. Ele caiu de joelhos, um turbilhão girando como a loucura à sua volta. Mammot uivou, erguendo um punho que não era mais que um osso carbonizado. O punho

teve um espasmo, e um dos Labirintos de Ben Ligeiro se fechou com violência. O punho se moveu de novo.

Ben Ligeiro afundou.

– Estou esgotado.

– Mago! Ouça! – chamou Derudan, segurando a capa do mago.

Outro Labirinto foi rechaçado. Ben Ligeiro balançou a cabeça.

– Estou esgotado.

– Ouça! Aquele homem... Aquele ali... O que ele está fazendo?

Ben Ligeiro ergueu o olhar.

– Pelo sopro do Encapuzado! – gritou, com súbito pavor.

A uma dúzia de passos, Azarve estava agachado, só a cabeça e os ombros aparecendo atrás de um banco. Os olhos do sabotador brilhavam vidrados, maníacos, de uma forma que o mago reconhecia, e ele tinha uma besta grande e volumosa nas mãos, apontada diretamente para Mammot.

Um urro mudo e queixoso veio de Azarve.

O mago gritou e mergulhou na direção da mulher uma segunda vez. Enquanto voava no ar, ouviu o disparo da besta do sabotador. Ben Ligeiro fechou os olhos antes de colidir uma segunda vez com a mulher.

Bruxa voou em círculos pequenos sobre a planície onde antes estivera o tirano jaghut. Ele tinha chegado a cinquenta passos de Silanah, desaparecendo em seguida. Não uma fuga por Labirinto, mas um desaparecimento mais completo, absoluto... E muito mais fascinante por isso. Aquela havia sido uma noite gloriosa, uma batalha digna de lembrança, e seu fim não era fim nenhum.

– Mistério delicioso – crocitou ela.

Bruxa sabia que sua presença era exigida em outro lugar, mas estava relutante em partir.

– Energias tão terríveis eu testemunhei. – Ela riu. – Zombo do desperdício, da tolice grosseira! Ah, e agora tudo o que resta são perguntas, perguntas!

Esticou o pescoço para cima. Dois soletaken tiste andii de seu senhor continuavam lá em cima. Ninguém queria partir antes de ser revelada a verdade sobre o destino do tirano jaghut. Haviam feito por merecer o direito de

testemunhá-la, embora Bruxa começasse a suspeitar que tais respostas nunca viriam.

Silanah soltou um grito de lamento, depois se ergueu do chão; o Labirinto que dava origem a seu voo era uma exalação forte e cortante. A cabeça do dragão vermelho encarou o oeste, e Silanah soltou um segundo grito.

Com um bater de asas insano, Bruxa assumiu controle sobre sua descida, contornando o solo destruído. Subiu para o céu novamente e viu o que Silanah tinha visto. Bruxa chiou de alegria e expectativa... e surpresa.

– E agora está vindo! Está vindo!

Ao fechar os olhos, Ben Ligeiro colapsou o último de seus Labirintos. Os braços da mulher o envolveram quando ele a atingiu. Ela grunhiu alto e desabou com o impulso. A detonação roubara o ar de seus pulmões. As pedras do chão saltaram, e um lampejo de fogo e alvenaria encheu o mundo deles, impondo-se acima de todo o restante. Então, tudo ficou imóvel.

Ben Ligeiro se sentou. Olhou para onde Mammot estivera parado. As pedras do pavimento haviam sumido e um buraco largo, fundo e cheio de vapor agora se escancarava perto da fonte destruída. O velho não estava à vista.

– Caro mago – murmurou a mulher debaixo dele. – Estamos vivos?

Ben Ligeiro olhou para ela.

– Você tinha fechado seu Labirinto. Muito esperta.

– Fechado, sim, mas não por escolha minha. Por que esperta?

– Munições moranthianas são armas terrenas, bruxa. Labirintos abertos atraem a força explosiva delas. Aquele tirano está morto. Arrasado.

Então, Azarve parou ao lado deles. Metade de seu barrete de couro tinha sido arrancado, e um lado de seu rosto estava coberto por queimaduras produzidas pelas faíscas.

– Vocês estão bem? – perguntou o sabotador, ofegante.

O mago estendeu a mão e esbofeteou o homem.

– Seu idiota! Quantas vezes eu preciso dizer que...

– Ele está morto, não está? – replicou Azarve, magoado. – Só um buraco fumegante no chão... O melhor modo de lidar com magos, certo?

Eles viram o capitão Paran se levantar, trêmulo, no terraço coberto de destroços. Ele esquadrinhou o cenário, e seu olhar encontrou o mago.

– Onde está Whiskeyjack? – perguntou Paran.

– Na mata – respondeu Azarve.

Paran cambaleou naquela direção.

– Grande ajuda, a dele – resmungou Azarve.

– Ligeiro!

O mago se virou e viu Kalam se aproximar. O assassino parou para contornar a beira da cratera, depois continuou:

– Tem alguma coisa se mexendo lá embaixo.

Empalidecendo, Ben Ligeiro se levantou, depois ajudou a bruxa a ficar em pé.

Aproximaram-se da cratera.

– Impossível – disse o mago, arquejante.

Uma forma humana se reorganizava no fundo do buraco.

– Estamos mortos. Ou pior.

Uma agitação no jardim atraiu a atenção do grupo. Os três congelaram quando raízes estranhamente embotadas se soltaram da vegetação rasteira e serpentearam famintas na direção da cratera.

O homem possuído pelo jaghut se aprumou, estendendo braços cinzentos em rodopio. As raízes se fecharam ao redor da criatura. Ele guinchou, com um súbito pavor.

– *Azath edieirmarn!* Não! Você levou meu finnest, mas me deixe! Por favor!

Gavinhas treparam em frenesi, entrelaçando-se em seus membros. O poder de Omtose Phellack se contorceu em um esforço apavorado para escapar, mas não adiantou. As raízes puxaram a aparição para baixo, depois a tragaram para dentro do jardim, aos gritos.

– *Azath?* – sussurrou Ben Ligeiro. – Aqui?

– Por essa eu não esperava – disse Derudan, com o rosto lívido. – Dizem que elas surgem...

– Onde um poder sem amarras ameaça a vida – completou o mago.

– Eu sei onde ela está – disse Kalam. – Ben Ligeiro, esse jaghut vai escapar?

– Não.

– Acabamos com ele, então. E a Azath?

Ben Ligeiro se abraçou.

– Deixe-a, Kalam.

– Devo partir – disse Derudan, rapidamente. – Novamente, sou grata por ter salvado minha vida duas vezes.

Observaram a bruxa se afastar às pressas.

Violinista se juntou a eles, parecendo distraído.

– Marreta está cuidando do sargento – disse, fechando as presilhas de uma bolsa volumosa que carregava. – Estamos indo, então. – Cutucou Azarve. – Temos uma cidade para explodir.

– Whiskeyjack está ferido? – perguntou Ben Ligeiro.

– Perna quebrada – respondeu Violinista. – Bem feio.

Ante um grito surpreso de Derudan, que se encaminhara para o lado oposto da fonte, todos se viraram. Ela se adiantou para um jovem vestido de preto, que provavelmente ficara agachado atrás do muro de pedra da fonte. Disparando como um coelho, o rapaz saltou a fonte e correu para a propriedade.

– O que vocês acham que ele ouviu? – perguntou Violinista.

– Nada que significaria muito para ele – disse Ben Ligeiro, relembrando a conversa. – Você e Azarve vão fazer o que é necessário?

– Bem alto no céu. – Violinista deu um meio sorriso.

Os dois sabotadores verificaram seus equipamentos uma última vez, virando-se depois para o pátio.

Enquanto isso, Kalam continuava parado, olhando para o fundo do buraco. Antigos canos de cobre soltavam água pelos pontos em que se romperam. Por alguma razão, a lembrança dos caras-cinzentas lampejou em sua mente. O assassino se acocorou, vendo um cano do qual não vazava água. Farejou o ar, deitando-se em seguida, estirado no chão. Kalam estendeu a mão na direção da extremidade quebrada do cano.

– Osserc. – Ele ofegou. – Girou e se pôs em pé, voltando-se a Ben Ligeiro. – Onde eles estão?

A expressão do mago ficou vazia.

– Quem?

– Os sabotadores, cacete – rugiu Kalam.

– Acabaram de sair – respondeu Ben Ligeiro, perplexo. – Pela propriedade.

– Para o muro dos fundos, soldado – vociferou o assassino. – Encontre os outros... Paran assumiu o comando. Diga a ele para bater em retirada. Procure um lugar que eu conheça. Eu os encontrarei lá.

– Aonde você vai?

– Atrás dos sabotadores. – Kalam enxugou o suor do rosto. – Pegue o mapa da cidade quando puder, Ben Ligeiro. – Os olhos do assassino estavam semicerrados de medo. – Verifique a legenda nele. Plantamos minas em todos os cruzamentos principais. São as válvulas principais... Você não vê? – Balançou um braço. – Os caras-cinzentas! O gás, Ben Ligeiro!

Kalam girou e cruzou o pátio. Logo depois, desapareceu dentro da casa da propriedade.

Ben Ligeiro encarou Kalam. *O gás?* Seus olhos se arregalaram.

– Vamos todos para bem alto no céu – sussurrou. – A porra da cidade toda!

CAPÍTULO 23

Dizia-se que ela então
virou a lâmina para si mesma
para roubar a magia
da vida.

Chamado à sombra (IX.ii), Felisin (nasc. 1146)

Exausto, Paran abriu caminho pelo matagal. Emergiu da sombra de uma árvore... e o mundo mudou.

Mandíbulas se fecharam em seu ombro esquerdo, dentes rangendo através das correntes, e o ergueram do chão. Uma onda de músculos invisíveis atirou o capitão no ar. Ele aterrissou pesadamente, mas rolou para ficar de joelhos e ergueu os olhos a tempo de ver o Cão se aproximar mais uma vez. O braço esquerdo de Paran estava dormente; em vão, ele estendeu a mão para sua espada no momento em que o Cão abriu a boca e a fechou ao redor de seu peito. A cota de malha foi arrebentada, a carne rasgada e o sangue pulverizado quando o Cão levantou Paran mais uma vez.

O capitão pendia da boca da fera gigante. Sentiu Acaso escorregar da bainha, o peso puxando a arma de sua mão em espasmos. O Cão o balançou. Sangue salpicou o chão. Então, o animal soltou Paran e recuou, parecendo quase perplexo. Ganindo, começou a andar de um lado para outro, com os olhos dardejando o capitão repetidas vezes.

A dor atingia Paran em ondas crescentes; seus membros tremiam de forma incontrolável, e ele mal conseguia respirar.

– Parece que Crucifixo encontrou alguém em quem colocar a culpa – disse uma voz.

Paran piscou e abriu os olhos para ver um homem de capuz negro parado

acima dele.

– Mas foi precipitado, e por isso peço desculpas. Evidentemente, alguns antigos rancores precisam ser resolvidos entre você e os Cães.

O homem franziu o cenho para Crucifixo.

– Além do mais, algo o confundiu em você... Parentesco? Como isso poderia ser possível?

– Era você – disse Paran, enquanto a dormência se espalhava em seu corpo. – Foi você que possuiu a garota.

O homem encarou o capitão.

– Sim, eu sou Cotillion. Trono Sombrio se arrependeu de deixá-lo do lado de fora dos Portões do Encapuzado, o que lhe custou dois Cães. Você percebe que essas preciosas criaturas viveram mil anos? Percebe que nenhum homem, mortal ou Ascendente já havia matado um Cão?

E quanto a eu ter salvado as almas deles? Contar essa história significaria alguma coisa? Não, pareceria uma súplica. Paran lançou um olhar a Crucifixo. *Parentesco?*

– O que você quer de mim? – perguntou a Cotillion. – Minha morte? É só me deixar aqui, então, já estou quase lá.

– Você deveria ter nos deixado trabalhar, capitão, já que agora odeia tanto a imperatriz.

– O que você fez com a garota...

– O que fiz foi misericordioso. Eu a usei, sim, mas ela não soube de nada. Pode o mesmo ser dito a seu respeito? Diga, saber que está sendo usado é melhor do que não saber?

Paran ficou calado.

– Posso liberar para a garota todas aquelas lembranças, se você quiser. As lembranças do que ela disse, do que ela fez, do tempo em que estava possuída por mim...

– Não.

Cotillion assentiu.

Paran conseguia sentir a dor voltando, o que o surpreendeu. Perdera tanto sangue que esperava estar perto da inconsciência a essa altura. Em vez disso, a dor estava de volta, incessante, latejando em meio a uma coceira insuportável.

Tossiu.

– E agora?

– Agora? – Cotillion parecia surpreso. – Agora começo outra vez.

– Outra garota como ela?

– Não, o plano era falho.

– Você roubou a vida dela!

Os olhos escuros de Cotillion endureceram.

– Agora ela a tem de volta. Vejo que ainda leva Acaso, então o mesmo não pode ser dito a seu respeito.

Paran virou a cabeça e encontrou a arma a um braço de distância.

– Quando a minha sorte virar – resmungou o capitão.

E virou mesmo. Descobriu que podia mexer o braço esquerdo, e a dor no peito parecia menos insistente do que antes.

Cotillion riu secamente ante as palavras de Paran.

– Será tarde demais, capitão. Você aposta que a Senhora ainda esteja olhando por você com bondade. Você renunciou a qualquer sabedoria que um dia possa ter possuído. Tal é o poder dos Gêmeos.

– Estou me curando – disse Paran.

– Está. Como eu falei, Crucifixo foi precipitado.

O capitão se sentou devagar, com cuidado. Sua armadura estava em pedaços, mas, por baixo dela, conseguiu ver a chama vermelha de carne recém-curada.

– Eu... Eu não entendo você, Cotillion, nem Trono Sombrio.

– Você não está sozinho nisso. Agora, quanto a Acaso...

Paran baixou os olhos para a arma.

– É sua, se quiser.

– Ah! – Cotillion sorriu, adiantando-se para pegá-la. – Suspeitei que haveria uma mudança de ânimo, capitão. O mundo é tão complexo, não é? Diga-me, você tem pena daqueles que o usaram?

Paran fechou os olhos. Um fardo terrível pareceu se esvair dele. Lembrou-se do modo como o finnest havia segurado sua alma. Lançou um olhar para aquele Cão. Nos olhos de Crucifico, viu algo quase... suave.

– Não.

– A sabedoria retorna rapidamente – disse Cotillion –, assim que o elo é

partido. Eu o levarei de volta agora, capitão, com este último aviso: tente não ser notado. E, da próxima vez que vir um Cão, corra.

O ar rodopiou, escurecendo, ao redor de Paran. Ele piscou e viu as árvores do jardim da propriedade diante de si. *Eu me pergunto se vou correr dele... ou com ele.*

– Capitão? – Era a voz de Marreta. – Onde, em nome do Encapuzado, você está?

Paran se sentou no chão.

– Não em nome do Encapuzado. Estou aqui, nas sombras.

O curandeiro foi até seu lado às pressas.

– Temos problemas por todo lado. Você parece...

– Cuide disso – rosnou o capitão, ficando em pé.

Marreta encarou Paran.

– Pelo sopro do Encapuzado, você parece ter sido mastigado até ficar em pedaços... senhor.

– Estou indo atrás de Lorn. Se sobrevivermos a isto, nos encontraremos na Taberna da Fênix, entendido?

Marreta piscou.

– Sim, senhor.

Paran se virou para partir.

– Capitão?

– O quê?

– Não a trate com bondade, senhor.

Paran se afastou.

As imagens permaneceram na mente de Crokus, brutalmente vívidas. Voltavam repetidamente, ainda que ele tentasse se afastar delas, enquanto seus pensamentos pareciam conduzidos pelo pânico e pelo desespero.

Tio Mammot estava morto. Na cabeça do jovem, uma voz distante e firme lhe dizia que o homem que tinha usado o rosto de Mammot não era aquele que conhecera a vida inteira. Dizia que aquilo que fora... *levado* pelas raízes era outra coisa, algo horrendo. A voz repetia isso, mas ele ouvia essa clara afirmação

subir e descer sob a tempestade daquilo que vira com os próprios olhos; as imagens não o abandonavam.

As pessoas já haviam deixado o salão central da propriedade de lady Simtal, e os enfeites do Festival jaziam espalhados no chão, em meio a poças e manchas de sangue. Os mortos e os feridos por Mammot haviam sido tirados de lá pelos guardas; todos os servos tinham fugido.

Crokus correu pelo salão até as portas da frente, abertas. Do outro lado, a luz de tochas lançava um brilho azul sibilante sobre as pedras que pavimentavam o caminho e sobre os portões, que haviam sido deixados entreabertos. O ladrão pulou os degraus e correu para o portão. Diminuiu o passo ao se aproximar, pois havia algo errado na rua.

Como o andar principal da propriedade de lady Simtal, a rua estava vazia, com bandeirolas, bandeiras e amuletos espalhados. Redemoinhos de vento seco chicoteavam papiros e trapos de tecido, em círculos dançantes. O ar estava pesado e abafado.

Crokus surgiu na rua. Em todas as direções, até onde conseguia enxergar, nem um único folião estava visível, e um silêncio espesso caía sobre tudo. O vento se enroscou à sua volta, primeiro vindo de uma direção, depois de outra, como se procurasse escapar. Um cheiro horrível enchia o ar.

A morte de Mammot retornou à sua mente. Sentiu-se completamente sozinho, ainda que as palavras de Rallick o impelissem adiante. Dias antes, o assassino fechara as mãos furiosas na camisa do ladrão, puxando-o para perto, e chamara Crokus de bebedor do sangue da cidade. Queria refutar aquilo, sobretudo agora. Darujhistan importava. Era seu lar, e importava para ele.

Virou-se na direção da propriedade de Baruk. Com as ruas vazias, pelo menos não levaria muito tempo. Começou a correr.

A rajada de vento golpeou o ladrão, fazendo seu cabelo chicotear o rosto. A escuridão pairava sobre os lampiões a gás das ruas. Crokus parou em uma esquina, derrapando. Tinha ouvido alguma coisa. Inclinando a cabeça, prendeu a respiração e tentou escutar o que era. Ali, de novo. Pássaros: centenas deles, pelo som, todos murmurando, falando, cacarejando. E, em meio ao cheiro horrível de morte, detectou o fedor de ninhos de pássaros. Crokus franziu o cenho, pensando. Olhou diretamente para cima.

Um berro irrompeu de seus lábios, e ele se abaixou instintivamente. Acima dele, obscurecendo as estrelas do céu noturno, havia um teto de rocha negra serrilhada, tão baixo que parecia estar a centímetros dos prédios mais altos. Encarou aquilo, depois tirou os olhos de lá quando uma onda de tontura o percorreu. O teto girava lentamente. Nas suas cavidades, superfícies planas e penhascos, tinha visto o movimento inquieto de corvos em ninhos, nódoas oleosas contra um pano de fundo granuloso.

A Cria da Lua chegara para limpar as ruas, para silenciar o Festival do Renascimento. O que isso significava? Crokus não sabia, mas Baruk saberia. Claro.

O ladrão voltou a correr, seus passos um mero sussurro sobre os paralelepípedos.

Kruppe inspirou de maneira expansiva, e seus olhos brilhavam enquanto ele inspecionava os restos abandonados às pressas na cozinha.

– Sempre o mesmo jeito das coisas. – Suspirou, dando batidinhas na barriga. – De vez em quando os sonhos de Kruppe viram realidade. Admito, o padrão ainda permanece, mas Kruppe sente que tudo está bem com o mundo, e isso parece simbolizado pela visão recompensadora agora alinhada diante de seu apetite renovado. Os rigores da carne exigem reabastecimento, afinal de contas. – De novo inspirou satisfeito o ar cheio de vapor. – Precisamos esperar, no fim, o giro de uma moeda. Enquanto isso, é claro, acena para nós a comida maravilhosa.

No beco que dava para os portões da propriedade de lady Simtal, a conselheira Lorn viu o portador da moeda aparecer, e um sorriso lento e satisfeito se espalhou em seus lábios. Encontrar o rapaz tinha sido uma coisa, mas ela não desejava entrar no jardim onde enterrara o finnest.

Minutos antes, Lorn sentira a morte do tirano jaghut. O Senhor da Cria da Lua fora atraído para a batalha? Esperava que sim. Haviam torcido para que o jaghut alcançasse a cidade, talvez até que ele tivesse conseguido reaver o finnest, de forma a desafiar o Filho da Escuridão como um igual. Em retrospecto,

contudo, percebeu que o Senhor jamais teria permitido tal coisa.

Isso significava que Whiskeyjack ainda estava vivo. Bem, haveria tempo para isso, assim que a cidade estivesse nas mãos da imperatriz e de Tayschrenn. Talvez não tivessem mais necessidade de disfarçar seus esforços: podiam fazer da prisão um espetáculo público. Com um golpe como esse, nem Dujek poderia desafiá-los.

A conselheira via o portador da moeda correr pela rua, parecendo não ter notado a Cria da Lua tão perto sobre sua cabeça. Um momento depois, ela o seguiu. Com a moeda em suas mãos, a imperatriz faria Oponn ficar de joelhos.

Com uma voz de quem se afogava, do fundo de sua mente surgiu uma pergunta, pesada com desalento e desespero: e quanto às suas dúvidas? E quanto à mulher que um dia desafiara Tayschrenn em Pale? Tanta coisa assim tinha mudado? Tanta coisa assim fora destruída?

A conselheira balançou a cabeça, dissipando os gritos queixosos. Ela era o braço da imperatriz. A mulher chamada Lorn estava morta, estivera morta por anos e permaneceria morta para sempre. E agora a conselheira passava por sombras, numa cidade que se encolhia de medo. Ela era uma arma. Seu gume podia cortar fundo ou romper, quebrar. Poderia um dia ter chamado essa última ação de “morte”. Agora, não era mais do que o azar da guerra, uma mera falha no projeto da arma.

Parou e se escondeu contra uma parede quando o portador da moeda alcançou uma esquina e percebeu pela primeira vez o que pairava sobre ele. Pensou em atacá-lo naquele instante, enquanto o portador estava confuso, possivelmente aterrorizado. Mas, então, ele seguiu correndo.

A conselheira se agachou. Hora da artimanha de Tayschrenn. Esperava que o tirano jaghut houvesse conseguido causar algum mal ao Senhor da Lua. Tirou um pequeno frasco de sua blusa e segurou o vidro coberto de pátina contra o brilho da luz a gás. O conteúdo girou como fumaça aprisionada quando ela o balançou. Lorn se ergueu e atirou o objeto do outro lado da rua. O frasco atingiu um muro de pedra, estilhaçando-se. Uma fumaça vermelha brilhante espiralou para cima, lentamente tomando forma.

– Você conhece sua tarefa, lorde do Galayn. Tenha sucesso, e a liberdade será sua.

Ela desembainhou a espada e fechou os olhos por um instante, localizando o portador da moeda em sua mente. O rapaz era rápido, mas ela era mais. A conselheira sorriu outra vez. Agora a moeda seria sua.

Quando ela se moveu, foi como um borrão, mais rápido do que qualquer olho conseguiria acompanhar, até mesmo o de um lorde do Galayn solto no plano material.

Em seu gabinete, Baruk acalentava a cabeça entre as mãos. A morte de Mammot atingira o alquimista como uma faca no coração, e ele ainda sentia a dor da punhalada. Estava sozinho no cômodo, tendo dispensado Roald mais cedo.

Rake havia suspeitado. Recusara-se a falar disso por considerar um assunto sensível demais. O alquimista precisava admitir, exausto, que o tiste andii estava certo. Ele teria acreditado em Rake? Sem dúvida, o poder que possuíra Mammot havia se protegido, resistindo à detecção. Rake previra a fúria de Baruk ante tal sugestão e escolhera, sábia e misericordiosamente, não dizer nada.

E agora Mammot estava morto, assim como o tirano jaghut. Fora Rake quem matara seu velho amigo? Se sim, ele não usara a espada, mais uma misericórdia concedida tanto a Mammot quanto a Baruk. O alquimista sentira, antes de tudo, um tipo de alívio no grito de morte de Mammot.

Uma tosse baixa à porta chamou sua atenção. Baruk se levantou rápido e virou na direção do chamado. Suas sobrancelhas se arquearam.

– Bruxa Derudan!

O rosto dela estava pálido; seu sorriso, abatido.

– Pensei em você, no fim de Mammot. Então, estou aqui. Infelizmente, minha serva tirou o resto da noite de folga – disse ela, adiantando-se para a cadeira junto à lareira, colocando seu narguilé no chão ao lado.

Ela tirou o cinzeiro, jogou o conteúdo no braseiro apagado e continuou, suspirando:

– Esforços tão humanos...

Primeiro, Baruk se ressentiu de sua intrusão. Preferia sofrer sozinho. Mas, ao observar a graça versátil dos movimentos da bruxa, seus pensamentos mudaram. Seu Labirinto era Tennes, antigo e ligado aos ciclos das estações; e entre o

punhado de deuses a que ela poderia recorrer estava Tennerock, o Javali de Cinco Presas. O maior poder de Derudan, entre aqueles que ela compartilhava, em todo caso, era a Presa chamada Amor. Repreendeu-se. Lentamente, percebeu que ela lhe trazia um presente.

Derudan colocou o cinzeiro do narguilé de volta e o encheu de folhas. Fechou a mão ao redor dele, e o conteúdo brilhou com calor repentino. Logo depois, a bruxa se sentou pesadamente na cadeira e sugou com força o bocal.

Baruk foi até a outra cadeira.

– Rake acredita que ainda não acabou – disse o alquimista, sentando-se.

Ela concordou com a cabeça.

– Eu testemunhei o fim de Mammot, sim? Ele foi confrontado por mim... e por um mago bastante notável. A carne que era Mammot foi destruída por uma bomba incendiária moranthiana. O espírito jaghut sobreviveu, mas foi levado... por uma Azath.

Os olhos semicerrados dela o avaliaram.

– Azath? Aqui, em Darujhistan?

– De fato, tais conjurações misteriosas, conhecidas por sua fome por magos, irão exigir certo cuidado de nossos esforços.

– Onde ela surgiu?

– No jardim da Propriedade Simtal. Não mencionei também uma bomba incendiária moranthiana? O Festival de lady Simtal teve alguns convidados incomuns, não é?

– Malazanos?

– Duas vezes minha vida foi salva. O mago de que falei, que comanda dentro dele sete Labirintos...

– *Sete*? – disse Baruk, encolhendo-se. – Pelo sopro do Encapuzado, isso é possível?

– Se quiserem causar algum mal, recairá sobre o Filho da Escuridão enfrentar o desafio.

Ambos enrijeceram quando um poder ganhou vida em algum lugar próximo. O alquimista ficou em pé, com os punhos cerrados.

– Um demônio foi solto – sibilou Baruk.

– Eu o sinto também – disse Derudan, com o rosto lívido. – De grande poder.

– Um lorde demônio – assentiu Baruk. – *Isso* era o que Rake estava esperando.

Os olhos de Derudan se arregalaram, e ela sugou o bocal antes de perguntar:

– Ele é capaz de derrotar tal criatura? Filho da Escuridão ele é, mas sinta o poder dessa criatura.

– Não sei – disse Baruk, baixo. – Se não for, então esta cidade está condenada.

Nesse ponto, veio outro golpe, seguido por mais um. A bruxa e o alquimista fitaram um ao outro, em reconhecimento. Dois de sua Conspiração haviam acabado de sofrer mortes violentas.

– Paral – sussurrou ela, amedrontada.

– E Tholas – disse Baruk. – Começou, e maldito seja Rake por estar tão certo.

A bruxa o fitou com uma expressão vazia, e Baruk fez uma careta.

– Vorcan.

Parado sobre as telhas de bronze manchadas e riscadas do campanário, de repente Anomander Rake virou a cabeça. A cor de seus olhos mudou para preto. O vento balançou seu comprido cabelo prateado e sua capa cinza, com um gemido oco e perdido. Ergueu o olhar momentaneamente para a Cria da Lua, que se movia para oeste. Podia sentir sua dor, como se os ferimentos recebidos em Pale de algum modo ecoassem em seu corpo. Um lampejo de arrependimento perpassou suas feições magras.

Sentiu um golpe de ar, ouvindo batidas pesadas de asas. Rake sorriu.

– Silanah – chamou ele, em voz baixa, sabendo que ela o ouviria.

O dragão vermelho passou entre duas torres e baixou no local onde ele estava.

– Sei que você sente a presença do lorde demônio, Silanah. Você me ajudaria nisso. Eu sei, eu sei. – Ele balançou a cabeça. – Volte para a Cria da Lua, querida amiga. Esta batalha é minha. A sua acabou. Mas saiba: se eu falhar, você pode vingar minha morte.

Silanah passou sobre ele e soltou um lamento agudo.

– Vá para casa – sussurrou Rake.

O dragão vermelho gritou outra vez, depois se virou para leste e se ergueu no ar noturno. Rake sentiu uma presença ao seu lado e se virou para ver um homem alto e encapuzado compartilhando de sua visão da cidade lá embaixo.

– É insensato aparecer sem ser anunciado – murmurou Rake.

O homem suspirou.

– As rochas sob seus pés, Senhor, foram recentemente santificadas. Renasci.

– Não há lugar no mundo para um deus ancestral – disse Rake. – Aceite minha palavra quanto a isso.

K'rul assentiu.

– Eu sei. Ansiava voltar para os Reinos do Caos, com um tirano jaghut como companhia. Infelizmente, ele se esquivou de mim.

– E foi aprisionado em outro lugar.

– Estou aliviado.

Os dois ficaram em silêncio por um longo momento. Em seguida, K'rul suspirou.

– Estou perdido. Neste mundo. Nesta época.

– Você não é o único a ter esses sentimentos, Ancestral – grunhiu Rake.

– Devo seguir seus passos, Senhor? Devo procurar novas batalhas, novos jogos para participar em companhia de Ascendentes? Seu espírito é recompensado por seus esforços?

– Às vezes – disse Rake, serenamente. – Mas, na maior parte do tempo, não.

A figura encapuzada encarou o tiste andii.

– Então, por quê?

– Não conheço outro modo de viver.

– Não tenho meios de ajudá-lo esta noite, Anomander Rake. Posso me manifestar neste lugar santificado e nos sonhos de um único mortal, mas em nenhum outro lugar.

– Farei meu melhor para evitar danos ao seu templo, então – disse Rake.

K'rul fez uma curta reverência, depois desapareceu.

Mais uma vez sozinho, Rake voltou sua atenção para a rua abaixo. Uma aparição chegou. Parou para farejar o ar, depois começou a mudar... a se *transformar*. Um lorde do Galayn... e um soletaken.

– Bem – grunhiu o Senhor da Cria da Lua –, eu também sou.

O tiste andii abriu bem os braços e se alçou no ar. Feitiçaria Kurald Galain rodopiou ao seu redor, mesclando suas roupas, sua espada gigantesca, fazendo todo o seu interior ter a forma a que se dirigia agora. A transformação foi suave, eloquente, quando asas negras como azeviche se desdobraram de seus ombros. Carne e ossos incharam em tamanho, mudaram de forma.

Enquanto voava mais alto, com os olhos fixos nas estrelas, Anomander Rake se transformou em um dragão negro de crina prateada, sobrepujando até mesmo Silanah. Seus olhos tinham um brilho prateado, e as fendas verticais das pupilas se dilataram. Sua respiração saía em grunhidos pesados, e suas asas estalavam alto em meio ao gemido profundo de músculos e ossos. Seu peito inchou para inspirar o ar frio e seco, preenchendo seu ser com poder.

Rake subiu ainda mais, deslizando por uma nuvem isolada que corria na escuridão sobre a cidade. Quando finalmente inclinou suas asas para a frente e passou por um vento contrário, olhou para uma cidade que brilhava como uma moeda de cobre manchada, no fundo de um charco transparente.

Feitiçaria ardia ocasionalmente, centrada sobretudo no distrito Nobre, e Rake sentiu a morte naquelas emanações. Considerou a mensagem entregue por Serrat, cortesia de um mago imundo que julgara estar a milhares de quilômetros. Seria a feitiçaria oriunda desses intrusos importunos? Rosnou com frustração, teria que lidar com eles depois. Diante dele havia uma batalha. A imperatriz e seu Império o haviam desafiado repetidas vezes, teimosos no desejo de testar sua força. Em todas as ocasiões ele recuara, relutante em se comprometer. *Muito bem, imperatriz, minha paciência chegou ao fim*.

A membrana de suas asas se esticou, e as articulações estalaram enquanto o dragão grunhia um sopro árduo. Pairou quase imóvel por um segundo, contemplando a cidade abaixo. Então, dobrando as asas, Anomander Rake, o Filho da Escuridão e Senhor da Cria da Lua, mergulhou.

Kalam conhecia o padrão de detonação que os sabotadores seguiriam. Contornou uma esquina enquanto corria. E daí que a Cria da Lua pairava acima deles, como se estivesse pronta para descer sobre a cidade e esmagar a vida como o calcanhar

de um deus? Violinista e Azarve não dariam a mínima. Tinham um trabalho a fazer.

O assassino amaldiçoou cada neurônio teimoso da cabeça deles. Por que não fugiam como pessoas normais e sãs? Chegou a outra esquina e atravessou o cruzamento na diagonal. Em frente, do outro lado da rua, estava o Salão da Majestade. Ao avançar, quase colidiu com os dois sabotadores. Violinista disparou para um lado, Azarve para o outro, correndo como se nem o houvessem reconhecido e com nítido pavor nos olhos.

Kalam estendeu as mãos e cada uma delas segurou o capuz de uma capa. Grunhiu de dor quando os dois homens o puxaram para trás e o derrubaram.

– Malditos sejam, seus patifes! Parem.

– É o Kal! – gritou Azarve.

Kalam se virou e se deparou com uma espada curta enferrujada a centímetros de seu rosto, enxergando o rosto pálido e os olhos arregalados de Violinista imediatamente atrás.

– Afaste esse pedaço de lixo de mim – vociferou o assassino. – Você quer me causar uma infecção?

– Vamos sair daqui! – sibilou Azarve. – Esqueça as porcarias das minas! Esqueça tudo!

Ainda segurando as capas deles, Kalam os sacudiu.

– Calma. O que aconteceu?

Violinista gemeu e apontou para a rua mais adiante.

Virando-se, Kalam enrijeceu.

Uma criatura de quase 4 metros se arrastava no meio do caminho, com os ombros curvados envoltos em uma capa brilhante e um capuz alto. Um machado de duas lâminas estava suspenso em seu cinto de couro de dragão; só o cabo era da altura de Kalam. O rosto largo e roliço da criatura tinha dois olhos em forma de fenda.

– Ah, pelos Portões do Encapuzado – resmungou o assassino. – Esse é o lorde precioso de Tayschrenn. – Empurrou os dois sabotadores para a esquina. – Andem. De volta para a Propriedade Simtal.

Nenhum dos dois contestou e, momentos depois, corriam tão rápido quanto conseguiam pela rua. Kalam se agachou na esquina e esperou o lorde do Galayn

aparecer em seu campo de visão. Quando apareceu, o assassino empalideceu.

– Soletaken.

O Galayn estava assumindo uma forma mais adequada para uma destruição indiscriminada. O dragão castanho-escuro parou, e as pontas de suas assas roçavam as construções de cada lado. Seu ronco fazia os paralelepípedos estremecerem.

Kalam viu os membros da criatura ficarem tensos, e então ela se ergueu no ar, numa onda de poder. A escuridão a engoliu.

– Pelo sopro do Encapuzado. Agora as coisas vão ficar feias.

Girou e correu para alcançar os sabotadores.

O portador da moeda chegou a uma rua delimitada por propriedades muradas. Diminuiu o passo, examinando cada estrutura por que passava.

Chegara o momento, a conselheira sabia. Antes que o rapaz tivesse a chance de entrar em um daqueles lugares, onde poderia encontrar proteção. Lorn segurou melhor a espada, andando sem emitir som menos de 5 metros atrás. Inspirou fundo por um longo tempo, atirando-se para a frente em seguida, com a espada em riste.

Ao ouvir o tinido agudo de metal logo atrás dele, Crokus mergulhou em direção ao chão. Rolou e logo ficou em pé. Gritou, surpreso. A mulher que atacara Coll nas colinas agora lutava ferozmente com um homem alto, de ombros arredondados, portando duas cimitarras.

O queixo do ladrão caiu enquanto assistia à luta. Apesar de ter se mostrado muito boa contra Coll, agora a mulher estava sendo reprimida por uma onda de ataques à sua volta. Ambos se moviam tão rápido que Crokus não conseguia nem ver quando as armas se detinham, ou mesmo as próprias lâminas, mas viu feridas surgirem na mulher: braços, pernas, peito. A expressão dela era de pura incredulidade.

Uma voz riu atrás dele.

– Ele é bom, não é?

Crokus girou para ver um homem alto e magro, usando um sobretudo cinza e

escarlate, com as mãos nos bolsos. Ele voltou o rosto estreito e sombreado para o ladrão e deu-lhe um meio sorriso.

– Você estava indo a algum lugar, rapaz? Algum lugar seguro?

Crokus assentiu, como que paralisado. O sorriso do homem cresceu.

– Vou acompanhá-lo, então. E não se preocupe, temos a cobertura dos telhados também. Capelo está lá em cima, maldita seja sua camuflagem de pele de cobra. Mas é um mago poderoso, de todo modo. Serrat ficou furiosa, ouvi dizer. Vamos, então.

Crokus deixou o homem segurar seu braço e guiá-lo para longe do duelo. O jovem ladrão lançou um olhar por sobre o ombro. A mulher estava tentando recuar, com o braço esquerdo caído inutilizado e brilhando sob a luz a gás. Seu oponente continuava pressionando, silencioso como um fantasma.

– Não se preocupe – continuou o homem ao seu lado, puxando Crokus para que o acompanhasse. – Aquele é o cabo Azul. Ele vive para isso.

– C-cabo?

– Temos lhe dado cobertura, portador da moeda. – A outra mão do homem alcançou o colarinho, virando-o para revelar um broche. – Meu nome é Dedos, Sexta Lâmina, Guarda Escarlate. Você está sendo protegido, rapaz. Saudações do príncipe K’azz e de Caladan Brood.

Crokus o encarou, depois franziu o cenho.

– Portador da moeda? O que isso quer dizer? Acho que vocês pegaram a pessoa errada.

Dedos riu secamente.

– Percebemos que você tem andado cego e confuso, rapaz. É a única explicação. Há outras pessoas tentando protegê-lo, sabe? Há uma moeda no seu bolso, provavelmente com duas caras, certo? – Ele sorriu ante a expressão atordoada do ladrão. – É a moeda de Oponn. Você tem servido a um deus e nem sabia disso! Como tem andado a sua sorte ultimamente? – Riu outra vez.

Nesse momento, Crokus parou diante de um portão.

– É este o lugar, então? – perguntou Dedos, dando uma olhada na mansão que se erguia atrás do muro simples. – Bem, há um mago poderoso vivendo aí, não é? – Soltou o braço do ladrão. – Você ficará seguro o bastante lá dentro. Boa sorte, rapaz, e desejo isso com sinceridade. Mas, escute: se a sua sorte ficar

amarga, jogue fora essa moeda, ouviu?

A perplexidade aflorou no rosto de Crokus.

– Obrigado, senhor.

– O prazer é nosso – disse Dedos, pondo as mãos nos bolsos. – Vá, então.

A conselheira conseguiu escapar, mas levando um corte na omoplata. Correu, sentindo o sangue verter em razão do esforço, e o homem não a perseguiu.

Que tola ela havia sido! Achar que o portador da moeda não estava protegido! Mas quem era aquele homem? Nunca antes enfrentara espadachim tão habilidoso, e a coisa mais espantosa era que ele lutara sem ajuda de feitiçaria. Pela primeira vez, sua lâmina de otataral e sua habilidade não haviam sido suficientes.

Cambaleou, meio cega, rua abaixo, e dobrou uma esquina. Pelo canto do olho, viu um lampejo de movimento. A conselheira jogou as costas contra um muro e levantou a espada outra vez.

Uma mulher grande parou diante dela, olhando-a com ar zombeteiro.

– Pare, você já está acabada – falou a mulher, com a voz arrastada.

– Me deixe em paz – disse Lorn, arquejando.

– Não posso fazer isso – retrucou Meese. – Estamos em cima de você desde que o Rompedor de Círculos a viu no portão. A Enguia disse que você tem contas a pagar. Estamos aqui para cobrar.

Assim que a mulher falou isso, a conselheira sentiu outra presença, bem à sua esquerda. Gritou enquanto girava e se agachava de maneira defensiva, e no grito havia uma sensação esmagadora de frustração e desespero. *Que desperdício!*, praguejou ela. *Não, assim não*.

No instante em que aquele pensamento trovejou em sua cabeça, as duas mulheres atacaram. A conselheira defendeu a lâmina que vinha da esquerda, mas só conseguiu assistir horrorizada enquanto a mulher que tinha falado antes revelava duas outras lâminas, ambas se dirigindo para seu peito.

A conselheira gritou de fúria quando as armas a perfuraram. Sua espada tiniu ao atingir os paralelepípedos. Apalpando o próprio corpo, Lorn deslizou pelo muro.

– Quem? – conseguiu perguntar, com uma necessidade cega por trás daquela palavra. – *Quem?*

Uma das mulheres se abaixou sobre ela.

– O que foi?

Angústia tomou o rosto de Lorn, os cantos de sua boca murchando.

– Quem? – perguntou a conselheira novamente. – Quem é essa Enguia?

– Vamos, Meese – disse a mulher, ignorando o corpo a seus pés.

Paran a encontrou estirada em paralelepípedos sujos, na entrada de um beco. Algo o atraíra para ela de modo inquestionável, como um encerramento definitivo do elo misterioso entre eles. A espada da mulher estava ao seu lado, o cabo grudento com sangue, os gumes cinzelados e cortados. O capitão se abaixou junto dela.

– Você tornou a luta difícil – sussurrou ele –, seja lá qual for o valor disso.

Observou os olhos dela se abrirem. Ela o encarou quando veio o reconhecimento.

– Capitão... Ganoes.

– Conselheira.

– Me mataram.

– Quem?

Ela conseguiu dar um sorriso manchado de sangue.

– Não sei. Duas mulheres. Pareciam... ladras. Encrenqueiras. Você vê... a ironia, Ganoes Paran?

Com os lábios crispados, ele assentiu.

– Nada... de final glorioso... para a conselheira. Se você tivesse chegado... alguns minutos antes...

O capitão não disse nada. Contemplou Lorn perder a vida sem sentir coisa alguma. *Má sorte me conhecer, conselheira. Sinto muito por isso*. Ele pegou a espada de otataral dela e a embainhou.

Acima dele, duas vozes falaram em uníssono:

– Você deu a ele a nossa espada.

Ele se aprumou para se ver diante de Oponn.

– A Corda a tirou de mim, para ser mais preciso.

Os Gêmeos não conseguiam ocultar o medo. Olhavam para Paran com algo que parecia súplica.

– Cotillion poupou você – disse a irmã. – Os Cães pouparam você. Por quê?

Paran deu de ombros.

– Você culpa a faca ou a mão que a segura?

– Trono Sombrio nunca joga limpo – ganiu o irmão, abraçando-se.

– Vocês e Cotillion usaram mortais – disse Paran, arreganhando os dentes. – E pagaram por isso. O que vocês querem de mim? Compaixão? Ajuda?

– Essa lâmina de otataral... – disse a irmã.

– Não será usada para fazer seu trabalho sujo – completou Paran. – É melhor vocês fugirem, Oponn. Imagino que Cotillion tenha dado a espada Acaso a Trono Sombrio e que, neste exato momento, os dois estejam quebrando a cabeça para planejar o melhor modo de usá-la.

Os Coringas do Acaso se encolheram. Paran pousou a mão no cabo grudento da espada.

– Agora, antes que eu retribua o favor de Cotillion.

Os deuses desapareceram.

O capitão inspirou fundo, voltando-se mais uma vez para Lorn. Sem a armadura, ela ficou leve em seus braços.

O ar rugiu ao redor de Anomander Rake enquanto ele mergulhava, mas não fez nenhum outro som, o Labirinto bem apertado ao seu redor. Lá embaixo, voando em círculos preguiçosos ao redor de Darujhistan, estava um dragão castanho, do mesmo tamanho de Rake e com um poder equivalente.

Mas era um tolo, caçando por ele nas ruas abaixo.

Rake cuidadosamente abriu as asas, acertando o ângulo na direção do lorde do Galayn. Seus membros posteriores se estenderam para baixo, esticando as garras. Inspirou o ar à sua volta, preparado para uma explosão de poder. Era Kurald Galain, tiste andii, e a escuridão era seu lar.

O lorde do Galayn estava logo abaixo dele naquele momento, crescendo com velocidade inacreditável pela aproximação. Rake abriu a boca, jogando a cabeça

para trás ao refrear um muro de ar. O som atraiu os olhos do dragão castanho para cima, mas era tarde demais.

CAPÍTULO 24

Eu sou a Casa
que aprisiona em meu nascimento
corações demoníacos,
trancando em cada câmara
alguma antiguidade trêmula
e enfurecida.
E essas raízes de pedra
espalham as rachaduras mais profundas
em solo ressecado,
mantendo para sempre o sonho de fruta.
Ah, peregrinos,
venham à minha porta
e morram de fome...

Azath (ii.iii), Adaephon (nasc. ?)

O conjunto de construções além do portão estava vazio. Crokus correu por ali e perguntava a si mesmo se não tinha chegado tarde demais. Subiu os degraus aos saltos e estendeu a mão para o ferrolho da porta. Uma explosão de energia o lançou para trás.

Atordoado, o ladrão acabou sentado nas pedras que pavimentavam o chão diante dos degraus. Sua pele estava arrepiada. À porta, um brilho de forte tom escarlate se desvanecia. Uma proteção.

– Encapuzado! – sibilou, ficando em pé.

Ele se deparara com barreiras assim antes, nas Propriedades Superiores. Não havia como atravessá-las.

Praguejando outra vez, Crokus se virou e correu até o portão. Foi para a rua e olhou ao redor, sem ver ninguém. Se aqueles homens da Guarda Escarlate ainda

o protegiam, não estavam à vista.

Havia uma pequena chance de a entrada do jardim para a mansão de Baruk não ser guardada por magia... Uma chance mínima. Crokus correu pela rua e virou no primeiro beco à direita. Teria um muro para escalar, mas não considerava um grande obstáculo.

Chegou ao final do beco e parou derrapando na rua do outro lado. Viu que o muro era alto. Precisaria correr para dar impulso. Crokus atravessou a rua aos trotes, tentando regular a respiração. Qual era o sentido de tudo aquilo? Baruk não podia tomar conta de si mesmo, afinal? Não era um Alto Mago? Até Dedos tinha feito um comentário sobre as defesas mágicas do alquimista.

Hesitou, fazendo uma careta para o muro em frente.

Naquele momento, um grito penetrante, de fazer tremer a terra, soou logo acima da rua. Crokus se jogou contra o muro atrás dele quando uma imensa forma desceu, rumo à luz a gás. Tomando toda a rua, a coisa atingiu o solo menos de 20 metros à esquerda do ladrão, que foi atirado ao chão pelo impacto. Pedras racharam.

Crokus mergulhou embaixo da chuva de tijolos e paralelepípedos. Depois, quando a dispersão de destroços começou a diminuir, levantou-se com um salto.

Um dragão, com asas esfarrapadas e manchadas de sangue, lentamente ficou em pé na rua, sacudindo sua gigantesca cabeça em forma de cunha de um lado para outro. Em seus flancos marrons, de onde escamas haviam sido arrancadas, havia feridas profundas. O pescoço e os ombros brilhavam com sangue.

Crokus viu que o muro do outro lado da criatura, o da propriedade de Baruk, tinha sido arrasado, tornando o jardim visível. Troncos de árvores quebrados se erguiam em meio à terra úmida. Um pátio suspenso indicava se achar próxima a entrada dos fundos da propriedade. Duas estátuas tombadas jaziam em pedaços diante das portas.

O dragão parecia estupefato. Crokus ficou tenso. Era hora de se mexer. Quase sem acreditar na própria imprudência, o ladrão disparou para a rua por trás da criatura, esperando alcançar o esconderijo do jardim. Seu olhar permaneceu no dragão enquanto corria, com os pensamentos voltados para a moeda da sorte em seu bolso.

Então, diante de seus olhos, a forma da criatura mudou, arrastando para ela

uma névoa resplandecente. Crokus diminuiu o passo e parou, incapaz de desviar a atenção do que estava acontecendo. Seu coração martelava contra as costelas, como se buscasse escapar. Cada inspiração era um arquejo doloroso. Sua sorte acabara de terminar, disse para si mesmo, aterrorizado.

O brilho diminuiu, e uma aparição gigantesca em forma humana agora estava na rua, de capa e capuz.

Crokus tentou se obrigar a se mexer, mas seu corpo se recusou a obedecer. Encarou, com os olhos arregalados, o demônio se virar para ele. O ser grunhiu e tirou um enorme machado do cinto. Erguendo a arma, falou com voz profunda e suave:

– Qual é a razão de continuarmos com isso? – perguntou o demônio, sensatamente. – A imperatriz permite que você fuja, Senhor. Mais uma vez ela lhe concede misericórdia. Aceite-a e parta.

– Ótima ideia – sussurrou o ladrão.

Depois, Crokus franziu o cenho, pois a atenção do demônio, ele percebeu, estava direcionada para algo atrás dele. E, ali, um homem falou:

– Não fugimos mais, Galayn.

Uma mão pousou sobre o ombro do ladrão, destruindo o feitiço de imobilidade. Crokus mergulhou e girou para um lado, então encarou olhos mutantes, de cor azul-escura, em um rosto preto e estreito.

– Fuja, mortal – disse o homem de cabelo prateado, puxando da bainha presa entre suas omoplatas uma espada de duas mãos.

A arma negra parecia quase invisível, como se engolisse toda a luz que encontrasse.

– Você estava no Festival! – exclamou Crokus.

Os olhos do homem cintilaram, como se o vissem pela primeira vez.

– Portador da moeda – disse ele, com um sorriso torto –, não tema. Brood me convenceu a poupá-lo, pelo menos por enquanto. Vá embora, criança. – Seu olhar voltou para o lorde do Galayn. – Esta será por pouco.

– Conheço essa arma – grunhiu o demônio. – Dragnipur. Sinto o fedor de Tiama em você, Senhor. Há mais dela em você do que sangue tiste andii.

Crokus recuou até o que restava do muro de Baruk.

O lorde do Galayn deu um meio sorriso, revelando caninos compridos e

curvos.

– A imperatriz recompensaria seus serviços, Senhor. Você só precisa dizer que sim, e esta batalha pode ser evitada.

Anomander Rake deu um passo à frente.

– Apresente-se, Galayn.

Com um rugido, o demônio atacou, zunindo o machado no ar e, com ele, soltando chamas azuis. Rake girou sua espada em um círculo, pegando o machado e dando-lhe impulso. Quando as lâminas duplas se afastaram, o tiste andii se aproximou com a espada recuada, mantendo o pomo contra o quadril esquerdo. Em um movimento rápido, ele estendeu a lâmina. O demônio mergulhou e, soltando uma das mãos que seguravam o cabo do machado, apontou-a para o pescoço de Rake. O tiste andii torceu o ombro direito e aparou o golpe. Lançado para trás, Rake aterrissou pesadamente nos paralelepípedos.

O demônio saltou com sua arma em chamas acima da cabeça. Rake ficou em pé a tempo de bloquear o machado com a espada. O choque das armas provocou um abalo no ar e no chão. O machado do demônio ardeu em um branco cintilante, soltando luz em cascatas, como se fosse um líquido. A espada de Rake estava envolvida em escuridão, devorando as ondas chicoteantes de luz que a atingiam.

Os ladrilhos sob os pés de Crokus oscilaram de modo nauseante, como se as próprias pedras houvessem se transformado em argila. No céu, as estrelas nadavam violentamente. Tomado de enjoo, Crokus caiu de joelhos.

Rake começou uma série de ataques, com golpes selvagens da arma negra. Primeiro o demônio sustentou a posição, lançando contra-ataques ferozes, mas cambaleou para trás um passo, então outro. Implacável, Rake o pressionou.

– *Para arrependimento da Mãe* – disse o tiste andii, rouco, entre os golpes –, *foi concedido à Luz nascer. Para seu desalento... ela viu tarde demais... sua corrupção. Galayn... você é a vítima involuntária... da punição... há muito adiada.*

O demônio cambaleou sob os ataques, defendendo desesperadamente cada investida, não mais contra-atacando. A luz que sangrava do machado tremeluziu e baixou, ardendo de forma irregular, enquanto a escuridão cercava a lâmina. Guinchando, o demônio se atirou sobre Rake. Crokus viu uma faixa negra

explodir das costas do demônio enquanto a criatura caía sobre o tiste andii, rasgando sua capa. O machado voou das mãos do demônio, e seu fogo morreu assim que a arma se chocou com o chão.

Guinchando de pavor, o demônio arranhou a espada que o trespassava. Fumaça negra se espalhou como gavinhas velozes, oriundas da arma, tragando o demônio. A fumaça se retorceu, transformando-se em correntes, enrijecendo a criatura. Galayn soltou um grito lancinante.

Rake ficou em pé e enfiou a espada no peito do demônio, até o cabo cravar no osso. O demônio caiu de joelhos, com os olhos negros fitando os de Rake.

As estrelas que nadavam pararam, os ladrilhos sob o ladrão se tornaram sólidos outra vez, embora deformados e retorcidos. Crokus engoliu bile, mantendo os olhos no demônio, que parecia implodir; as correntes de fumaça negra cada vez se estreitavam mais, puxando a criatura para dentro da espada. O demônio tombou para trás, e Rake pôs a ponta da arma no piso de paralelepípedos, prendendo-o. O tiste andii então se inclinou pesadamente sobre o cabo, e só então Crokus percebeu o tecido banhado de sangue que cercava o ombro de Rake, no local em que a mão do demônio o atingira. Exausto, o tiste andii voltou seu olhar para o ladrão.

– Aja rápido – disse Rake, rouco. – O alquimista está em perigo. Não consigo protegê-lo agora. Corra, portador da moeda.

Crokus se virou e correu.

A morte de Travale, o terceiro da Conspiração, ainda ecoava em seus pensamentos. A bruxa Derudan inscrevera um círculo de cinzas bem no centro da sala. Com a ajuda de Baruk, colocara duas cadeiras estofadas dentro dele e agora estava sentada, fumando sem parar, seus olhos seguindo o alquimista, que andava de um lado para outro.

Baruk relutou em entrar no círculo protetor. Embora estivessem a salvo lá, cercados por feitiçaria do Alto Tennes, não seriam capazes de contra-atacar se Vorcan chegasse. Além disso, algumas coisas podiam penetrar as defesas mágicas. Otataral, o estranho minério semelhante à ferrugem, oriundo das colinas Tanno das Sete Cidades, era algo que vinha à mente. Era improvável que

Vorcan possuísse tal material, já que era uma Alta Maga; ainda assim, Baruk resistia a se colocar em uma posição na qual não poderia usar seu Labirinto contra a assassina.

– Aqueles da Conspiração que agora estão mortos, não é? – disse Derudan, devagar. – Teimosos, convencidos da própria invencibilidade. Sem dúvida andaram de um lado para outro, inquietos, esperando a chegada iminente da assassina.

Baruk parou para responder, mas foi interrompido por um grito alto e inumano vindo do lado de fora, seguido por uma pancada que sacudiu as paredes. O alquimista fez menção de ir até a porta.

– Espere! – chamou Derudan de dentro do círculo. – Não mate essa curiosidade, Baruk, pois Vorcan certamente vai tirar vantagem disso, não é?

– Uma defesa foi destruída – disse Baruk. – Minhas defesas têm uma brecha.

– Ainda mais razão para ter cuidado – advertiu Derudan. – Amigo, suplico que se junte a mim aqui.

– Muito bem.

Baruk suspirou e foi em direção a ela.

Uma rajada de ar roçou o lado esquerdo de seu rosto. Derudan gritou um aviso no instante em que o alquimista se virou.

Com as mãos enluvadas emitindo um brilho vermelho, Vorcan saltou na direção de Baruk. Ele ergueu os braços, sabendo muito bem que já seria tarde demais. Naquele instante, entretanto, outra figura apareceu, emergindo da escuridão para interceptar a Mestra Assassina com uma chuva de golpes. Vorcan cambaleou para trás, depois estendeu a mão, atingindo seu atacante com um golpe lateral.

Um uivo agoniado soou pela sala. Baruk olhou, só então percebendo que sua defensora era uma tiste andii. O alquimista saiu de sua frente agilmente, e ela voou direto por ele para atingir o chão e depois a parede, onde caiu imóvel. Baruk voltou seu olhar para Vorcan, vendo que uma de suas mãos não brilhava mais.

Ele fez um gesto, e feitiçaria virulenta explodiu de seu braço, arqueando um raio amarelo. Vorcan sibilou um contrafeitiço, e o raio foi engolido diante dela por uma névoa vermelha que diminuiu rápido e desapareceu. Ela avançou.

Vagamente, Baruk ouviu a bruxa Derudan gritando para ele. Ainda assim, foram os olhos cheios de morte da Mestra Assassina que o retiveram. A facilidade com que ela dissipara seu poder tornou claro que o superava em feitiçaria. Tudo o que podia fazer agora era esperar a morte, e isso ele entendeu com clareza.

Mas Baruk ouviu um grunhido atrás dele, e Vorcan arquejou. O cabo de uma adaga se projetou do peito da assassina. Franzindo o cenho, ela estendeu a mão para lá, tirou-o e o jogou de lado.

– Tudo... – O alquimista ouviu a tiste andii dizer, ofegando no chão atrás dele. – Tudo o que posso fazer... Minhas desculpas, Senhor.

Derudan apareceu atrás de Vorcan. Quando ela ergueu as mãos e começou um encantamento, Vorcan a encarou e algo voou de sua mão. A bruxa grunhiu, desmoronando em seguida.

A angústia inundou Baruk. Com um rugido mudo, atirou-se sobre Vorcan. Ela riu e se jogou para o lado, estendendo a mão brilhante. O alquimista gritou, desequilibrado, por pouco evitando o toque assassino. Ouviu a risada da assassina mais uma vez, enquanto ela se mexia atrás dele.

Quase 4 metros à frente de Baruk havia uma porta. Os olhos do alquimista se arregalaram ao vê-la aberta. Um jovem estava agachado ali, segurando objetos pesados em cada uma das mãos.

Esperando sentir o toque de Vorcan a qualquer momento, Baruk se jogou para a frente. Viu o garoto se aprumar no mesmo instante e atirar primeiro com o braço direito, depois com o esquerdo. Quando o alquimista caiu no chão, dois tijolos voaram por cima dele. Ouviu-os atingirem a mulher às suas costas: um deles soltou um som de esmagamento; outro, um estalido. Um lampejo vermelho acompanhou o segundo.

Ao atingir o chão, Baruk sentiu o ar escapar de seus pulmões. Segundos agonizantes se passaram enquanto o alquimista lutava para puxar o ar para dentro do peito mortificado. Rolando sobre as costas, viu que Vorcan jazia imóvel quase a seus pés. O rosto do rapaz entrou em seu campo de visão, sujo de suor, com a testa enrugada de preocupação.

– Alquimista Baruk? – chamou ele.

O homem fez que sim. O menino suspirou, depois deu um meio sorriso.

– Você está vivo. Ótimo. Rallick me mandou para lhe dar um aviso.

Baruk sentou-se.

– A bruxa – disse Baruk, rouco, e apontou. – Cuide dela, por favor.

Sentiu sua força voltando ao observar o rapaz se agachar ao lado de Derudan.

– Está respirando – anunciou Crokus. – Tem um tipo de faca nela, parece que está coberta de seiva. – Estendeu a mão para tocá-la.

– Não! – gritou Baruk.

Crokus se sobressaltou.

– Veneno – disse o alquimista, ficando em pé. – Me ajude a chegar até ela, rápido.

Um momento depois, o alquimista se ajoelhou ao lado de Derudan. Um olhar rápido na substância que cobria a lâmina confirmou sua suspeita. Então disse:

– Paralta branca.

– É uma aranha, não é?

Baruk pousou a mão em Derudan.

– Seu conhecimento me surpreende, rapaz. Felizmente, ela está na casa do único homem que possui o antídoto.

Baruk murmurou algo, e um frasco surgiu em sua mão.

– Rallick disse que não havia antídoto para paralta branca.

– Não é algo que eu gostaria de divulgar.

Baruk destampou o frasco e entornou o conteúdo pela goela da bruxa, provocando um ataque de tosse. Quando a respiração de Derudan ficou estável, Baruk se inclinou para trás e fitou Crokus.

– Você parece conhecer bem Rallick. Qual é seu nome?

– Crokus. Mammot era meu tio, senhor. Eu o vi morrer.

As pálpebras de Derudan estremeceram, depois os olhos se abriram. Ela sorriu languidamente.

– O que vejo me agrada – disse a bruxa, com voz fraca. – Não é?

Baruk devolveu-lhe o sorriso.

– Sim, minha amiga. Mas não reivindico os créditos por derrotar Vorcan. Isso é obra de Crokus, sobrinho de Mammot.

O olhar de Derudan se voltou para o jovem.

– Ah, aquele em quem quase pisei mais cedo esta noite. – O ar divertido

sumiu de seu rosto. – Sinto muito por Mammot, criança.

– Eu também – retrucou ele.

Baruk ficou em pé e se virou. Sibilou um xingamento feroz. O corpo de Vorcan tinha desaparecido.

– Ela fugiu.

Baruk correu até a tiste andii, curvando-se para examiná-la. Estava morta. Sussurrou:

– Logo saberei seu nome. E hei de me lembrar dele.

– Tenho que ir! – declarou Crokus. – Quer dizer, se tudo estiver acabado por aqui.

Baruk se perguntou a respeito do pânico repentino no rosto do rapaz.

– Acho que está – respondeu o alquimista. – Agradeço-lhe, Crokus, por sua habilidade em atirar tijolos.

O menino foi até a porta. Parou e jogou uma moeda para o alto. Pegou-a e deu um sorriso fechado.

– Só sorte, eu acho.

E se foi.

O capitão Paran se agachou ao lado da cama de Coll.

– Ainda dormindo – disse, se levantando para encarar Whiskeyjack. – Vá em frente.

Kalam e os dois sabotadores tinham chegado minutos antes. Até então, o sargento ponderou, não houvera perdas, embora a armadura do capitão tivesse tomado uma surra e a expressão que tinha em seu rosto quando entrara no quarto com o corpo de Lorn no colo desse um bom aviso para que Whiskeyjack não testasse muito o estado mental de Paran. O corpo da conselheira agora ocupava uma segunda cama, imóvel e pálido, com um estranho sorriso irônico curvando seus lábios exangues.

O sargento encarou todos na salinha; os rostos que conhecia tão bem o observavam, esperando. Seu olhar permaneceu em Piedade, ou Apsalar, como ela passara a chamar a si mesma. O que quer que Marreta tivesse feito com a garota, ela se tornara uma mulher diferente da que Whiskeyjack conhecera.

Inferior e, de algum modo, também superior. Mesmo Marreta estava incerto sobre o que tinha feito. Certas lembranças e habilidades haviam sido liberadas e, com elas, um conhecimento brutal. A dor estava ali nos olhos da moça, uma dor superposta por anos de horror. Ainda assim, parecia que tinha isso sob controle, que descobrira um modo, uma força, para conviver com aquilo que fora. Suas únicas palavras ao encontrá-lo haviam sido: “Eu gostaria de voltar para casa, sargento.”

O sargento não tinha feito nenhuma objeção, embora se perguntasse como ela planejava atravessar dois continentes e o oceano entre eles. Whiskeyjack estendeu a mão para os ossos de antebraço embrulhados sobre a mesa.

– Sim, senhor – disse, em resposta à ordem de Paran.

O ar quente e úmido da sala se adensou com a tensão. Whiskeyjack hesitou. Houvera uma batalha nas ruas de Darujhistan, e Ben Ligeiro confirmara a morte do lorde do Galayn. Na verdade, o mago negro ainda parecia estar em choque. O sargento suspirou baixo e massageou sua perna recém-curada, depois enfiou a lâmina do osso de antebraço no tampo da mesa.

O contato foi imediato. A voz grave do Alto Punho Dujek encheu a sala:

– Já era hora, Whiskeyjack! Não se incomode em me contar sobre o lorde do Galayn; Tayschrenn está em coma, ou algo assim. Todos no quartel-general ouviram o grito dele. Então, Anomander Rake acabou com nossa fera. O que mais?

Whiskeyjack lançou um olhar a Paran, que aquiesceu respeitosamente.

– O ardil da conselheira Lorn falhou – disse o sargento. – Ela está morta. Trouxemos o corpo dela. Os cruzamentos continuam minados, mas não vamos detoná-los, Alto Punho, já que é provável que as explosões abram as cavernas de gás debaixo da cidade e nos transformem em cinzas. Então...

Whiskeyjack inspirou fundo, sentindo uma pontada na perna. Marreta fizera o que podia, e tinha sido muito, mas algum dano perdurava e o fazia se sentir frágil. O sargento retomou, suavemente:

– Então nós vamos pular fora, Alto Punho.

Dujek ficou em silêncio, depois grunhiu:

– Problemas, Whiskeyjack. Primeiro, estamos prestes a perder Pale. Como suspeitei, Caladan Brood deixou a Guarda Escarlate se virar com as coisas no

norte e marchou para cá com seus tiste andii. Ele também tem rhivi consigo, e os barghastianos de Jorrick, que acabaram de mastigar alguns Moranthianos Dourados. Segundo, dá para piorar. – O Alto Punho engoliu em seco de maneira audível. – Sete Cidades está a cerca de uma semana de iniciar uma rebelião. A imperatriz sabe disso. Um Garra de Genabaris chegou meia hora atrás, procurando Tayschrenn. Meu pessoal o interceptou antes. Whiskeyjack, ele trazia uma mensagem escrita pela imperatriz para Tayschrenn. Acabei de ser considerado um fora da lei do Império. É oficial, e Tayschrenn deveria ter efetuado minha prisão e execução. Estamos sozinhos, amigo.

A sala ficou silenciosa. Whiskeyjack fechou os olhos brevemente.

– Entendido, Alto Punho. Então, quando vocês vão marchar?

– Parece que os Moranthianos Negros estão conosco. Não me pergunte por quê. De todo modo, tenho uma conferência com Caladan Brood e Kallor amanhã cedo. Suspeito que isso decidirá as questões. Ou eles nos deixarão ir, ou nos matarão e ficarão com Pale. Tudo depende do que ele sabe sobre o Vidente de Pannion.

– Vamos nos encontrar com alguns Moranthianos Negros em poucos dias, Alto Punho – disse Whiskeyjack. – Isso me faz questionar se eles tiveram que adivinhar quando esse arranjo foi feito. De todo modo, nos levarão até você, onde quer que você esteja.

– Não – respondeu Dujek. – Talvez estejamos sob cerco aqui. Os moranthianos vão deixá-los na planície Catlin. As ordens deles são claras, mas você pode até tentar fazê-los mudarem de ideia quanto a isso, se quiser.

O sargento fez uma careta. *Improvável*.

– Que seja a planície Catlin. Isso só significa que levará mais tempo para chegarmos até o senhor.

O brilho que cercava os ossos piscou de leve, e eles ouviram um baque ecoando. Violinista riu. Dujek acabara de socar seu punho na mesa de seu lado da conversa. Whiskeyjack lançou um olhar feroz ao sabotador.

– Capitão Paran? – vociferou Dujek.

– Aqui, Alto Punho – respondeu Paran, dando um passo à frente.

– O que estou prestes a dizer é para Whiskeyjack, mas quero que você ouça, capitão.

– Estou ouvindo.

– Sargento, se quiser fazer parte de meu exército, é melhor se acostumar com a nova ordem. Primeiro, vou colocar os Queimadores de Pontes sob o comando do capitão Paran. Segundo, você não é mais um sargento, Whiskeyjack. É meu segundo em comando, e isso significa assumir responsabilidades. Não o quero em nenhum lugar próximo a Pale. E você sabe que estou certo, cacete. Capitão Paran?

– Sim?

– O pelotão de Whiskeyjack recebeu o direito de se desligar, entendido? Se qualquer um deles quiser se juntar novamente aos Queimadores de Pontes, ótimo. Mas não quero nenhuma recriminação se decidirem o contrário. Creio que isso esteja claro.

– Sim, Alto Punho.

– E, com Whiskeyjack entre missões, ele só acompanhará o passeio se você estiver me entendendo, capitão.

– Estou. – Paran abriu um meio sorriso.

– Agora, os Moranthianos Negros saberão a história quando forem pegar vocês, então sigam com eles.

– Sim, Alto Punho.

– Perguntas, Whiskeyjack? – grunhiu Dujek.

– Não – respondeu o veterano grisalho, de mau humor.

– Certo. Espero voltar a falar com vocês mais tarde.

O brilho dos ossos morreu.

O capitão Paran se voltou para os soldados. Contemplou cada rosto. *Eles deveriam ter estado sob meu comando. Eu não poderia ter feito melhor em nenhum outro lugar*.

– Muito bem – disse Paran, rispidamente. – Quem está pronto para virar um fora da lei e ser contado entre os rebeldes de Dujek?

Trote foi o primeiro a se levantar, exibindo os dentes. Foi seguido por Ben Ligeiro, Azarve e Marreta. Houve um silêncio chocado, depois Kalam meneou a cabeça para Violinista, pigarreou e disse:

– Estamos com vocês, só que não vamos com vocês, eu e Violinista.

– Pode explicar melhor? – perguntou Paran, em voz baixa.

Apsalar falou, surpreendendo a todos:

– Eles acham isso difícil de fazer, capitão. E admito que não tenho certeza do que estão tramando, mas virão comigo. De volta para o Império. Para casa.

Com um dar de ombros inquieto, Violinista se levantou e encarou Whiskeyjack.

– Sentimos que devemos isso a ela, senhor – Ele olhou para o capitão. – E estamos decididos, senhor. Mas voltaremos, se pudermos.

Aturdido, Whiskeyjack ficou em pé, dolorosamente. Ao se virar para encarar Paran, congelou. Atrás do capitão, Coll estava sentado na cama, ereto.

– Hum... – murmurou Whiskeyjack, gesticulando.

A tensão cresceu na sala mais uma vez, quando todos se viraram para Coll. Paran deu um passo à frente, sentindo um alívio genuíno.

– Coll! Eu... – Paran parou de súbito e depois disse, friamente: – Vejo que você está acordado há um bom tempo.

Os olhos de Coll correram para os ossos enfiados no tampo da mesa, depois voltaram a Paran.

– Ouvi tudo. Então me diga, Paran: você e seus soldados precisam de alguma ajuda para sairem de Darujhistan?

Rallick se encontrava no escuro, debaixo das árvores à beira da clareira. Parecia que seus poderes de enfraquecimento de magia haviam sido insuficientes, afinal de contas. Ele tinha sido arrancado de seu assento pelo que parecera ser uma mão gigante: a mão de um deus, poderosa e inexorável. Assistira, estupefato, a um emaranhado de raízes atravessar a clareira numa escalada veloz, dirigindo-se até o terraço. Ouvira um grito; em seguida, as raízes voltaram, envoltas em uma... aparição com forma de homem, que elas puxaram sem cerimônia para dentro da terra.

Rallick tinha sido invadido por uma quase euforia repentina. Sabia, com certeza inexplicável, que aquilo que crescia ali era certo e justo. Era novo, jovem. Mesmo agora, enquanto observava, via tremores de moldagem ondularem sob suas superfícies angulares, geométricas. O que não fora mais do que um toco de árvore menos de uma hora antes se tornara uma casa. Uma porta

gigantesca jazia meio enterrada em sombras, debaixo de um galho em arco. Trepadeiras bloqueavam janelas fechadas. Uma varanda pairava acima e à esquerda da porta, enfeitada com folhas e cipós. Ela dava para um tipo de torre, com torres menores acima do segundo andar e coberta de ripas até um topo retorcido. Marcando a lateral dianteira direita da casa, havia outra torre, atarracada e sem janelas, com telhado reto e merlões recortados delineando sua borda. Rallick suspeitava que aquele telhado fosse uma plataforma, com acesso por meio de algum tipo de alçapão.

A clareira ao redor da estrutura mudara também, com montículos aqui e ali, como se o quintal da casa fosse um cemitério. Árvores jovens e desgrenhadas rodeavam cada montinho retangular, cada uma crescendo como se um vento invisível as torcesse para longe da terra corcovada e coberta de relva. As raízes haviam arrastado a aparição para um daqueles montinhos.

Parecia certo e justo. As duas palavras ecoavam na cabeça do assassino, com um encanto que envolvia seu coração de tranquilidade. Quase imaginou que sentia uma afinidade com aquela casa-criança, como se ela o conhecesse e o aceitasse.

Sabia que a casa estava vazia. Outra certeza sem origem. Rallick continuou a observar enquanto as linhas da casa ficavam mais firmes e definidas. Um cheiro de mofo impregnou a área, como o de terra recém-revirada. O assassino se sentiu em paz.

Um momento depois, ouviu um farfalhar atrás dele e se virou para ver Vorcan cambaleando pelo matagal. O rosto dela estava coberto de sangue, que vinha de um corte no supercílio, e ela quase desmontou nos braços de Rallick.

– Tiste andii – disse ela, arquejante. – Atrás de mim. Caçando. Eles procuram se vingar de um assassinato!

Rallick olhou para além dela e seus olhos, já acostumados à escuridão circundante, detectaram um movimento silencioso entre as árvores, cercando-os e se aproximando cada vez mais. Hesitou, mas pegou a mulher já inconsciente no colo. Rallick se abaixou e, então, jogou Vorcan sobre um dos ombros, virou-se e correu na direção da casa.

Sabia que a porta se abriria para ele, e ela se abriu. Do outro lado, havia uma antecâmara escura e uma arcada, levando a um corredor que atravessava a casa.

Uma rajada de vendo quente e doce correu sobre Rallick, que entrou sem se deter.

Korlat, parente de sangue de Serrat, diminuiu o passo ao se aproximar da estranha casa. A porta se fechara atrás de sua presa. Ela chegou à beira da clareira e se agachou. Seus companheiros caçadores se reuniram em torno dela, devagar.

Horult sibilou furiosamente, depois disse:

– Você convocou nosso Senhor, Korlat?

A mulher balançou a cabeça.

– Conheço tais criações há muito tempo – disse ela. – A Casa dos Mortos da cidade de Malaz, a Casa de Odhan das Sete Cidades... *Azath edieirmarn*, Pilares de Inocência. Esta porta não se abrirá para nós.

– Mas se abriu para eles – rebateu Horult.

– Há precedente. A Azath escolhe os seus. Foi assim com a Casa dos Mortos. Dois homens foram escolhidos: um que seria o imperador e o outro, que o acompanharia. Kellanved e Dançarino.

– Eu sinto seu poder – sussurrou Orfantal. – Nosso Senhor poderia destruí-la agora, enquanto ainda é jovem.

– Sim. Ele poderia – concordou Korlat.

Ficou em silêncio por um momento, depois se levantou e disse:

– Sou parente de sangue da caída.

– Você é parente de sangue – entoaram os outros.

– A busca por vingança está encerrada – disse Korlat, estreitando olhos amendoados, de um marrom suave. – Nosso Senhor não será chamado. Deixem-no se recuperar. A Azath não será tocada, pois é jovem, uma criança. – Ela fitou seus companheiros. – A Rainha da Escuridão falou assim da Luz, quando esta nasceu: “É nova, e o que é novo é inocente, e o que é inocente é precioso. Observem esta filha da maravilha e conheçam o respeito.”

– Assim a Luz sobreviveu – disse Orfantal, fazendo uma careta –, e assim a Escuridão foi destruída, a pureza vencida, e agora você quer que cometamos o mesmo erro de nossa Rainha. A Luz se tornou corrupta e destruiu nosso mundo,

Korlat, ou você se esqueceu disso?

O sorriso de Korlat foi triste.

– Aprecie tais erros, cara irmã, pois o de nossa Rainha era a esperança, e esse também é o meu. Agora, devemos partir.

A expressão de Kruppe era benévola ao observar Crokus se aproximar, claramente exausto pela noite de corrida interminável. Cutucou Murillio e agitou os dedos na direção do jovem ladrão.

– O jovem retorna com pressa excessiva, mas temo as notícias tristes que Kruppe deve trazer.

– Ele teve uma noite muitíssimo difícil – comentou Murillio, recostando-se no muro do portão, do lado de fora da Propriedade Simtal.

As ruas permaneciam vazias, com os cidadãos entorpecidos pelo choque dos horrores da noite.

Kruppe gesticulou para a Cria da Lua, já a mais de 5 quilômetros para oeste, bem além dos muros da cidade.

– Uma geringonça notável, mas Kruppe está feliz que ela tenha decidido partir. Até as estrelas se apagaram, sem deixar nada além de medo no mundo.

– Preciso de uma bebida – resmungou Murillio.

– Excelente ideia – disse Kruppe. – Mas vamos esperar o garoto?

A espera não foi longa. Crokus reconheceu os dois, desacelerando, então correu, frenético.

– Apsalar foi sequestrada pelo Império! – gritou o rapaz. – Preciso de ajuda! – Parou cambaleante diante de Murillio. – E Rallick ainda está no jardim...

– Ora, ora – disse Kruppe. – Calma, menino. A localização de Apsalar é conhecida por Kruppe. Quanto a Rallick, bem... – Ele fitou a rua e balançou os braços expansivamente. – Respire o ar da noite, Crokus! Um novo ano começou! Vamos caminhar nós três, senhores de Darujhistan!

Deu os braços para seus companheiros e os puxou adiante.

Murillio suspirou.

– Rallick está desaparecido – explicou ele. – Há algum tipo de casa extraordinária no jardim de Coll, agora.

– Ah, tanto foi revelado nessa única afirmação! – Kruppe se inclinou para Crokus. – Enquanto isso, sem dúvida, nesse instante a preocupação mais secreta e preponderante do rapaz diz respeito ao destino de uma bela jovem donzela, cuja vida foi salva no último momento por um nobre chamado Gorlas, logo ele. Foi salva, Kruppe diz, de uma tonelada de alvenaria desabada de uma parede. Foi heroico, de fato. A moça quase desmaiou de satisfação.

– Do que você está falando? – questionou Crokus. – Quem foi salva?

Murillio se sobressaltou.

– Acho, caro Kruppe, senhor de Darujhistan, que você tinha a bela donzela errada em mente.

– Ela não é bela, mesmo – atestou Crokus.

O peito de Kruppe inchou um pouco.

– Você só precisa perguntar aos deuses, rapaz, e eles lhe dirão que a própria vida não é bela. Agora, está interessado em saber como a propriedade de lady Simtal se transformou na propriedade de Coll exatamente nesta mesma noite? Ou sua mente está tão completamente apaixonada por esse seu novo amor que até mesmo o destino de seus amigos mais queridos, incluindo Kruppe, submete-se a tamanha falta de interesse?

Crokus se deteve.

– É claro que estou interessado.

– A história começa, como sempre, com Kruppe...

Murillio gemeu.

– Assim falou a Enguia.

EPÍLOGO

Eu vi um rumor nascer
embrulhado em mistério acolhedor
e deixado sob o sol
nas colinas de Gadrobi

onde as ovelhas se espalharam
em ventos carregados de lobos
e os pastores morreram
em um sussurro de areias;

e o rumor cintilava no esplendor,
um coração endurecido até virar rocha,
enquanto a sombra dos Portões de Lugar Nenhum
se arrastou através da poeira flutuante de casa;

eu vi este rumor nascer,
cem mil caçadores da essência
em uma cidade banhada de luz azul...

Rumor nascido (I. i-iv), Pescador (nasc. ?)

O sol iluminava as névoas matinais, transformando-as em um escudo branco sobre o lago. Na praia, um barco de pesca balançava nas ondas refrescantes. Com a âncora levantada, eles estavam prestes a se afastar das pedras.

Marreta ajudou Whiskeyjack a chegar até o domo de rocha acima da praia, onde se sentaram. O olhar do curandeiro se deteve em Ben Ligeiro, em pé com os ombros curvados, fitando o outro lado do lago. Seguiu o olhar do mago. A Cria da Lua pairava baixo sobre o horizonte, um matiz dourado em seu basalto devastado.

– Está indo para o sul – grunhiu Marreta. – Me pergunto o que isso significa.

Whiskeyjack semicerrou os olhos ante a claridade. Começou a massagear as têmporas.

– Mais dores de cabeça? – perguntou Marreta.

– Não tão ruins, ultimamente – respondeu o homem grisalho.

– É a perna que me preocupa – resmungou o curandeiro. – Preciso tratá-la um pouco mais, e você precisa ficar de repouso por um tempo.

Whiskeyjack deu um meio sorriso.

– Assim que houver tempo – completou ele.

Marreta suspirou.

– Vamos tratá-la, então.

Da encosta arborizada atrás deles, Azarve avisou:

– Eles estão entrando!

O curandeiro ajudou Whiskeyjack a se levantar.

– Inferno – sussurrou Marreta. – Poderia ter sido bem pior, certo, sargento?

Whiskeyjack olhou feio para o lago.

– Três perdidos não é tão ruim, considerando tudo – disse ele.

Uma expressão dolorida perpassou o rosto de Marreta, que não respondeu nada.

– Vamos – grunhiu Whiskeyjack. – O capitão Paran odeia atrasos. E talvez os moranthianos tenham boas notícias. Seria uma mudança, não seria?

Da praia, Ben Ligeiro observou Marreta ajudar o sargento a subir a encosta. Estava na hora?, ele se perguntou. Para ficar vivo naquele negócio, ninguém poderia se permitir desanimar. Os melhores planos funcionavam dentro de outros planos e, quando fosse apropriado fingir, que se fingisse bem. Manter a outra mão escondida era a parte difícil.

O mago sentiu uma punhalada de remorso. *Não, não está na hora. Dê ao velho uma chance de descansar*. Forçou-se a se mexer. Não se permitiria olhar para trás, nunca era uma boa ideia. *O esquema está montado.*

– Whiskeyjack vai uivar quando ouvir essa – sussurrou para si mesmo.

O capitão Paran ouviu os outros na praia lá embaixo, mas não fez menção de se

juntar a eles. *Ainda não*. Sua altercação com os Ascendentes parecia tê-lo deixado com uma nova sensibilidade, ou talvez fosse a espada de otataral embainhada em seu quadril. Mas ao contemplar o céu matinal ele conseguia senti-la, já na adolescência, carnuda como sabia que ela seria, com aquele sorriso de olhos semicerrados, enganosamente sonolentos.

Eu irei até você, prometeu a ela. *Quando esse tal de Vidente de Pannion e sua maldita guerra santa forem esmagados, eu irei até você, Tattersail.*

Eu sei.

Ele enrijeceu. Aquela voz em sua cabeça não tinha sido a sua. Ou tinha? Aguardou, aguardou mais. *Tattersail?* Apenas o silêncio respondeu. *Ah, minha imaginação, nada mais. Acreditar que você poderia se recordar tanto de sua antiga vida para encontrar os sentimentos que teve por mim, encontrá-los e senti-los outra vez. Sou um tolo.*

Ele se levantou da lateral do túmulo de Lorn, um monte de rochas, e limpou gravetos e agulhas alaranjadas de pinheiro de suas roupas. *Olhe para mim agora. Agente da conselheira um dia, agora um soldado. Finalmente um soldado.* Sorrindo, encaminhou-se até seu pelotão.

Então hei de esperar a vinda de um soldado.

Paran se deteve de repente. Em seguida, sorrindo, prosseguiu.

– Isso que ouvi agora não foi minha imaginação – sussurrou o capitão.

O barco mercante seguiu a margem sul do lago, dirigindo-se a Dhavran e à desembocadura do rio. Kalam se debruçou na borda, com o olhar varrendo as montanhas recortadas e cobertas de neve no horizonte. Perto dele havia outro passageiro, dificilmente digno de lembrança e nada inclinado a falar.

As únicas vozes que alcançavam o assassino vinham de Apsalar e Crokus. Pareciam empolgados, um girando ao redor do outro na dança sutil que ainda precisava encontrar palavras para descrevê-la. Um meio sorriso preguiçoso curvou o canto da boca de Kalam. Fazia muito tempo desde que ouvira palavras tão inocentes.

Pouco depois, Crokus apareceu ao seu lado, com o demônio doméstico de seu tio agarrado ao ombro.

– Coll diz que a capital do Império, Unta, é tão grande quanto Darujhistan. É?

Kalam deu de ombros.

– Talvez. E muito mais feia. Mas não espero que tenhamos chance de visitá-la. Itko Kan fica na costa sul, enquanto Unta é na baía Kartool, na costa nordeste. Já sente falta de Darujhistan?

Uma expressão de remorso tomou o rosto de Crokus. Ele encarou as ondas.

– Só de algumas pessoas de lá – disse o rapaz.

O assassino grunhiu.

– Sei como se sente, Crokus. Inferno, olhe para Violinista lá atrás, lamentando-se como se alguém tivesse cortado fora um de seus braços e uma de suas pernas.

– Apsalar ainda não consegue acreditar que vocês enfrentarão todos esses problemas por causa dela. Ela não se lembra de terem gostado muito dela no pelotão.

– Mas não era ela, era? Essa moça aqui é uma pescadora de uma vilazinha miserável. E ela está bem longe de casa.

– Ela é muito mais do que isso – resmungou Crokus.

Estava com uma moeda na mão e brincava com ela, distraído.

Kalam lançou ao rapaz um olhar cortante.

– Realmente – disse ele, taciturno.

Crokus assentiu de modo afável. Segurou a moeda no alto e examinou a cara impressa.

– Você acredita em sorte, Kalam?

– Não – grunhiu o assassino.

Crokus sorriu, alegre.

– Eu também não.

Lançou a moeda no ar. Os dois a observaram afundar na água, lampejar uma vez, depois desaparecer sob as ondas.

Perto da proa, o Rompedor de Círculos assentiu para si mesmo, devagar. A Enguia ficaria encantada com as notícias, sem mencionar que se sentiria imensamente aliviada. Depois, voltou sua atenção para oeste e se perguntou como tudo seria, agora que não era mais um anônimo para o mundo.

Assim se encerra a primeira história
do Livro Malazano dos Caídos.

AGRADECIMENTOS

Nenhum romance jamais é escrito em isolamento. O autor deseja agradecer às seguintes pessoas por seu apoio ao longo dos anos: Clare Thomas, Bowen, Mark Paxton-MacRae, David Keck, Courtney, Ryan, Chris e Rick, Mireille Theriacelt, Dennis Valdron, Keith Addison, Susan, David e Harriet, Clare e David Thomas Jr., Chris Rodell, Patrick Carroll, Kate Peach, Peter Knowlson, Rune, Kent e Val e as crianças, meu agente incansável Patrick Walsh e Simon Taylor, um editor magnífico.

GLOSSÁRIO

Títulos e grupos

Alto Punho: comandante de exércitos em uma campanha malazana

Garra: organização secreta do Império Malazano

Guarda Escarlate: famosa companhia mercenária

Kron T'lan Imass: nome dos clãs sob o comando de Kron

Logros T'lan Imass: nome dos clãs sob o comando de Logros

Primeira Espada do Império: título malazano, ou t'lan imass, que se refere a um campeão imperial

Punho: governador militar no Império Malazano

Queimadores de Pontes: divisão de elite lendária do Segundo Exército de Malaz

Senhor da Guerra: designação de Caladan Brood

Vidente de Pannion: profeta misterioso que governa as terras ao sul de Darujhistan

POVOS (HUMANOS E NÃO HUMANOS)

Barghastianos (não humanos): sociedade de guerreiros, nômade e pastoril

Daru: grupo cultural que vive nas cidades do norte de Genabackis

Forkrul assail (não humanos): povo mítico extinto (uma das Quatro Raças Fundadoras)

Gadrobi: grupo cultural nativo da região central de Genabackis

Genabarii: grupo cultural (e língua) da região noroeste de Genabackis

Jaghut (não humanos): povo mítico extinto (uma das Quatro Raças Fundadoras)

K’chain che’malle (não humanos): povo mítico extinto (uma das Quatro Raças Fundadoras)

Moranthianos (não humanos): civilização altamente hierarquizada estabelecida na floresta das Nuvens

Rhivi: sociedade nômade pastoril das planícies centrais de Genabackis

Tiste andii (não humanos): raça ancestral

T’lan Imass: uma das Quatro Raças Fundadoras, que se tornou imortal

Trell (não humanos): sociedade de guerreiros, nômade e pastoril, em transição para o sedentarismo

ASCENDENTES

Apsalar: Senhora dos Ladrões

Beru: Senhor das Tempestades

Caladan Brood: Senhor da Guerra

Cotillion / A Corda: Assassino da Alta Casa da Sombra, Patrono dos Assassinos

Dessembrae: Senhor da Tragédia

D’rek: Verme do Outono (às vezes Rainha da Doença, *ver* Poliel)

Encapuzado: Rei da Alta Casa da Morte

Fanderay: Loba do Inverno

Fener / *Tennerock*: Javali de Cinco Presas

Filho da Escuridão / Senhor da Lua / Anomander Rake: Cavaleiro da Alta Casa da Escuridão

Gedderone: Senhora da Primavera e do Renascimento

Grandes Corvos: corvos sustentados por magia

Incineração: Senhora da Terra, a deusa adormecida

Jhess: Rainha da Tecelagem

Kallor: Rei Supremo

K’rul: deus ancestral

Mowri: Senhora dos Mendigos, Escravos e Serviçais

Nerruse: Senhora dos Mares Calmos e do Vento Favorável

O Deus Aleijado: Rei das Correntes

Oponn: Coringas Gêmeos do Acaso
Os Cães: servos da Alta Casa da Sombra
Osserc: Senhor do Céu
Poliel: Mestra da Praga
Rainha dos Sonhos: Rainha da Alta Casa da Vida
Shedenul / Soliel: Senhora da Saúde, Mestra da Cura
Togg: Lobo do Inverno
Trake / Treach: Primeiro Herói, Tigre do Verão e da Batalha
Trono Sombrio / Ammanas: Rei da Alta Casa da Sombra

O mundo da feitiçaria

OS LABIRINTOS (OS CAMINHOS – ACESSÍVEIS A HUMANOS)
Caminho do Encapuzado: Caminho da Morte
Denul: Caminho da Cura
D'riss: Caminho da Pedra
Meanas: Caminho da Sombra e da Ilusão
Rashan: Caminho da Escuridão
Ruse: Caminho do Mar
Serc: Caminho do Céu
Tennes: Caminho da Terra
Thyr: Caminho da Luz

OS LABIRINTOS ANCESTRAIS
Kurald Galain: Labirinto Tiste Andii da Escuridão
Omtose Phellack: Labirinto Jaghut
Starvald Demelain: Labirinto Tiam, o Primeiro Labirinto
Tellann: Labirinto T'lan Imass

O Baralho de Dragões – Fatid (e Ascendentes

associados)

ALTA CASA DA VIDA
Rei
Rainha (Rainha dos Sonhos)
Campeão
Sacerdote
Arauto
Soldado
Tecelão
Construtor
Virgem

ALTA CASA DA MORTE
Rei (Encapuzado)
Rainha
Cavaleiro (outrora Dassem Ultor)
Magos
Arauto
Soldado
Fiandeiro
Construtor
Virgem

ALTA CASA DA LUZ
Rei
Rainha
Campeão
Sacerdote
Capitão
Soldado

Costureira
Alarife
Donzela

ALTA CASA DA ESCURIDÃO
Rei
Rainha
Cavaleiro (Filho da Escuridão)
Magos
Capitão
Soldado
Tecelão
Construtor
Esposa

ALTA CASA DA SOMBRA
Rei (Trono Sombrio / Ammanas)
Rainha
Assassino (a Corda / Cotillion)
Magos
Cão

DESALINHADAS
Oponn (os Coringas do Acaso)
Obelisk (Incineração)
Coroa
Cetro
Orbe
Trono

Acaso: espada dedicada a Oponn
Conspiração T'orrud: Conspiração de Darujhistan

D’ivers: ordem superior dos metamorfos

Dragnipur: espada usada por Anomander Rake

Finnest: objeto usado como receptáculo de poder por um jaghut

Invocador de Ossos: xamã dos t’lan imass

Labirintos do Caos: caminhos miasmáticos entre os Labirintos

Otataral: minério avermelhado anulador de magia, extraído das colinas Tanno, nas Sete Cidades

Reis Tiranos: antigos governantes de Darujhistan

Soletaken: ordem inferior dos metamorfos

Nomes de lugares

Abismo do Buscador: nome malazano do oceano Meningalle

Bairro do Rato: distrito desafortunado no noroeste de Genabackis

Cão Cinzento: cidade de Genabackis

Cidades Livres: aliança mercantil de cidades-Estado na parte norte de Genabackis. Todas foram conquistadas pelo Império Malazano, exceto uma

Colinas Gadrobi: colinas que se estendem a leste de Darujhistan, pouco habitadas, embora outrora houvessem sido o lar do povo gadrobi

Cria da Lua: montanha flutuante de basalto negro que contém uma cidade, lar do Filho da Escuridão e dos tiste andii

Darujhistan: cidade lendária de Genabackis, a maior e mais influente das Cidades Livres, situada na margem sul do lago Azur e habitada principalmente por populações daru e gadrobi; a única cidade conhecida a usar gás natural como fonte de energia

Dhavran: cidade a oeste de Darujhistan

Domínio Pannion: império emergente no sudeste de Genabackis, governado pelo Vidente de Pannion

Floresta das Nuvens: lar dos moranthianos, situada na costa noroeste de Genabackis

Floresta do Cão Negro: no continente de Genabackis, extensa floresta boreal sobre solo rochoso, palco de grandes batalhas entre o Império Malazano, os exércitos de Caladan Brood e a Guarda Escarlate durante as Primeiras Campanhas

Fortaleza do Escárnio: fortaleza que contempla Malaz de cima, onde o imperador e Dançarino foram assassinados

Garalt: Cidade Livre de Genabackis

Gato Caolho: Cidade Livre de Genabackis

Genabaris: grande cidade dominada por Malaz na costa noroeste de Genabackis e principal ponto de desembarque durante as campanhas

Gerrom: pequena cidade rural em Itko Kan

Império Malazano: império originado na ilha de Malaz, situada na costa do continente de Quon Tali. Seus fundadores foram o imperador Kellanved e seu companheiro Dançarino, ambos assassinados por Laseen, que se tornou imperatriz. O Império engloba Quon Tali, o subcontinente de Falar, as Sete Cidades e a costa norte de Genabackis. Incursões adicionais anexaram os continentes de Stratem e Korel

Itko Kan: província do continente de Quon Tali, dentro dos limites do Império Malazano

Kan: capital de Itko Kan

Lest: cidade-Estado a leste de Darujhistan

Malaz: cidade-ilha, lar do imperador fundador do Império Malazano

Montanhas Moranthianas: cordilheira que rodeia a floresta das Nuvens

Montanhas Tahlyn: cadeia de montanhas na parte norte do lago Azur

Mott: cidade de Genabackis

Nathilog: cidade dominada pelos malazanos, no noroeste de Genabackis

Nisst: Cidade Livre de Genabackis

Oceano Meningalle: nome genabackiano para o Abismo do Buscador

Pale: Cidade Livre de Genabackis, recentemente conquistada pelo Império Malazano

Planalto Laederon: tundra no norte de Genabackis

Planície Rhivi: planície central no norte de Genabackis
Pomo: Cidade Livre de Genabackis
Porule: Cidade Livre de Genabackis
Quon Tali: continente natal do Império Malazano
Setta: cidade na costa leste de Genabackis
Tulipas: Cidade Livre de Genabackis
Unta: capital do Império Malazano, em Quon Tali

Darujhistan e arredores

Aldeia da Inquietude: comunidade pobre fora dos muros da cidade, na Inquietude de Jammit
As Propriedades: as Casas
Barbacã do Déspota: edifício antigo, remanescente da Era dos Tiranos
Bar do Gracejo: bar decrépito no distrito Antelago
Campanário / Templo de K'rul: templo abandonado no distrito Nobre
Inquietude de Jammit: a estrada para leste
Taberna da Fênix: local popular no distrito Daru
Torre do Insinuador: torre abandonada de um feiticeiro no distrito Nobre
Velho Palácio: Salão da Majestade, sede atual do Conselho

SOBRE O AUTOR

Steven Erikson é arqueólogo, antropólogo e diplomado na Oficina de Escritores de Iowa, nos Estados Unidos. *Jardins da lua* foi finalista do World Fantasy Award e a série O Livro Malazano dos Caídos já vendeu 2 milhões de exemplares no mundo inteiro, tendo sido traduzida para 23 idiomas. Steven Erikson vive hoje no Canadá, sua terra natal.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



O nome do vento

Patrick Rothfuss

"Este é o típico primeiro romance que muitos autores sonham em escrever. O mundo da fantasia ganhou uma nova estrela."
- Publishers Weekly

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do*

vento acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



Mago: Aprendiz

Raymond E. Feist

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos."
– BBC

"Uma fantasia épica repleta de ação eletrizante e heróis inesquecíveis."
– The Washington Post

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que

devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia… ou morrer.

Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual, uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.



Meio rei

Joe Abercrombie

"Uma construção de mundo grandiosa, personagens maravilhosos e cenas de ação extraordinárias... *Meio rei* é o meu livro favorito de Abercrombie, e isso quer dizer muita coisa."
– Patrick Rothfuss, autor de *O nome do vento*

"Assim como em todas as obras de Abercrombie, aqui a linha entre o bem e o mal é tênue e nada ocorre segundo as expectativas. *Meio rei* é definitivamente uma aventura com A maiúsculo."
– Rick Riordan, autor da série Percy Jackson e os Olimpianos

Filho caçula do rei Uthrik, Yarvi nasceu com a mão deformada e sempre foi considerado fraco pela família. Num mundo em que as leis são ditadas por

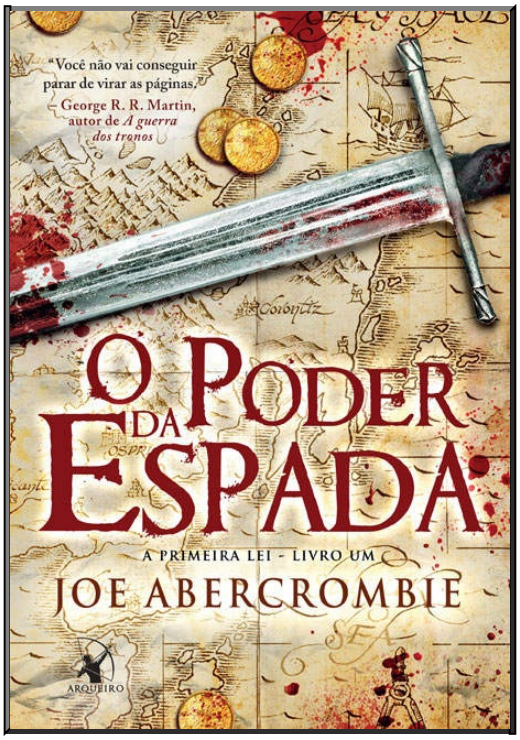
pessoas de braço forte e coração frio, ser incapaz de brandir uma espada ou portar um escudo é o pior defeito de um homem.

Mas o que falta a Yarvi em força física lhe sobra em inteligência. Por isso ele estuda para ser ministro e, pelo resto da vida, curar e aconselhar. Ou pelo menos era o que ele pensava.

Certa noite, o jovem recebe a notícia de que o pai e o irmão mais velho foram assassinados e não lhe resta escolha a não ser assumir o trono. De uma hora para outra, ele precisa endurecer para vingar as duas mortes. E logo sua jornada o lança numa saga de crueldade e amargura, traição e cinismo, em que as decisões de Yarvi determinarão o destino do reino e de todo o povo.

Joe Abercrombie nos apresenta um protagonista surpreendente, numa história de percalços e amadurecimento que abre a trilogia Mar Despedaçado.

Ganhador do prêmio Locus, *Meio rei* foi considerado, em 2014,
uma das 5 melhores obras de fantasia pelo *The Washington Post* e
um dos 10 melhores livros para jovens pela *Time*.



O poder da espada

Joe Abercrombie

"Abercrombie escreveu a melhor trilogia de fantasia épica dos últimos tempos. É um escritor que ninguém deveria deixar de ler."
– Junot Díaz, vencedor do Prêmio Pulitzer

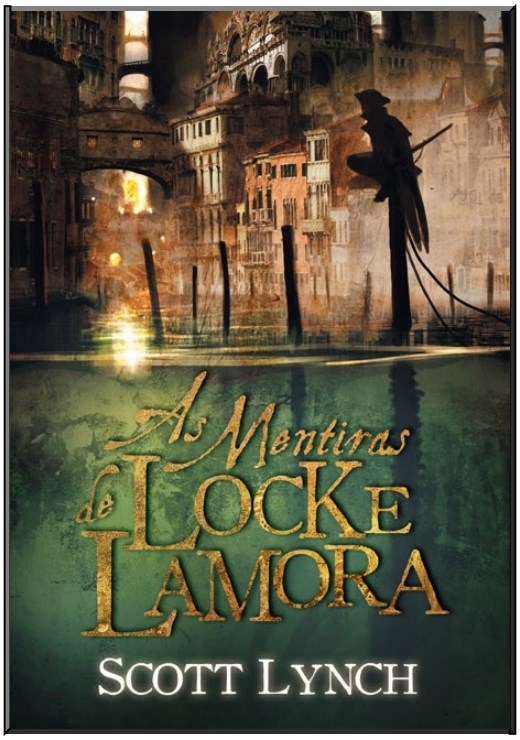
Uma guerra está prestes a eclodir. Assolada por conspirações internas, a União ainda precisa mobilizar seus exércitos para combater os inimigos externos. Nesse momento de incertezas, um homem se apresenta como o lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos, retornando do exílio depois de séculos. Sua presença tornará a vida de Sand dan Glokta, Jezal dan Luthar e Logen Nove Dedos muito mais difícil.

Glokta é um ex-prisioneiro de guerra que passou anos sob tortura. Por ironia, agora é nas mãos dele que os supostos traidores da Coroa admitem crimes,

apontam comparsas e assinam confissões – sejam culpados ou não. Já Nove Dedos é conhecido por jamais deixar um inimigo viver tempo suficiente para falar uma palavra sequer.

Por sua vez, tudo o que o mulherengo Jezal deseja é obter fama e glória vencendo o campeonato de esgrima, para depois ser recompensado com um alto cargo no governo e jamais ter um dia de trabalho pesado na vida.

O destino desses quatro personagens está prestes a colidir – e, no impacto, a linha que separa o herói do vilão pode ficar tênue demais.



As mentiras de Locke Lamora

Scott Lynch

"Uma história original, vigorosa e arrebatadora de uma nova e brilhante voz da ficção fantástica."
– George R. R. Martin

"Eu fiquei totalmente atordoado pela qualidade da obra: a linguagem e a construção de mundo e da trama, a perspicácia e a destreza de Scott Lynch. Provavelmente é um dos cinco melhores livros que li na vida."
– Patrick Rothfuss, autor de *O nome do vento* e *O temor do sábio*

O Espinho é uma figura lendária: um espadachim imbatível, um especialista em roubos vultosos, um fantasma que atravessa paredes. Metade da excêntrica cidade de Camorr acredita que ele seja um defensor dos pobres, enquanto o

restante o considera apenas uma invencionice ridícula.

Franzino, azarado no amor e sem nenhuma habilidade com a espada, Locke Lamora é o homem por trás do fabuloso Espinho, cujas façanhas alcançaram uma fama indesejada. Ele de fato rouba dos ricos (de quem mais valeria a pena roubar?), mas os pobres não veem nem a cor do dinheiro conquistado com os golpes, que vai todo para os bolsos de Locke e de seus comparsas: os Nobres Vigaristas.

O único lar do astuto grupo é o submundo da antiquíssima Camorr, que começa a ser assolado por um misterioso assassino com poder de superar até mesmo o Espinho. Matando líderes de gangues, ele instaura uma guerra clandestina e ameaça mergulhar a cidade em um banho de sangue. Preso em uma armadilha sinistra, Locke e seus amigos terão sua lealdade e inteligência testadas ao máximo e precisarão lutar para sobreviver.



Caminho das sombras

Brent Weeks

"Aventura, magia e várias reviravoltas… O ritmo acelerado de Caminho das sombras deixará o leitor sem fôlego até o fim"
– INtocados

"Fiquei fascinado. Personagens inesquecíveis, trama instigante, ação ininterrupta... É o tipo de narrativa que me faz admirar o trabalho de um escritor."
– Terry Brooks, autor de *A espada de Shannara*

Para Durzo Blint, matar é uma arte... e ele é o artista mais talentoso da cidade. Temido por muitos, Durzo é uma lenda viva com as mãos manchadas de sangue e nenhuma culpa pelas vítimas que deixa pelo caminho.

Esse mundo sombrio também não é novidade para o jovem Azoth.

Sobrevivendo entre becos sujos, ele aprendeu que a esperança é uma piada. Pelas regras das guildas, crianças são agredidas e surradas todos os dias.

Tentar contestar essa realidade seria um risco alto demais. Mas quando a morte se torna questão de tempo para ele e seus amigos, Azoth se vê forçado a vencer o medo e agarrar a chance de virar um derramador, um assassino. Ele precisa se tornar discípulo de Durzo Blint.

Para ser aceito, o garoto abandona sua antiga vida e abraça uma nova identidade. Ao se tornar Kylar Stern, ele aprenderá a transitar no mundo dos nobres, sobreviver às magias de seus inimigos e cultivar uma amizade muito especial: a da escuridão.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Prefácio
Personagens
Prólogo
Livro I – Pale
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4

Livro II – Darujhistan
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7

Livro III – A missão
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10

Livro IV – Assassinos
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13

Livro V – As colinas Gadrobi
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16

Livro VI – A Cidade do Fogo Azul
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19

Livro VII – O Festival
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24

Epílogo
Agradecimentos
Glossário
Sobre o autor
Conheça outros títulos da Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro